

1779.4
BIBLIOTHECA

hibRIA

HISTORICO-POLITICA

ESCRITOS A PUBLICAR

O nove de outubro, breves considerações sobre a ultima guerra civil, por um liberal, (1849). Um papel politico—hontem, hoje e amanhã, (1842). Hontem, hoje e amanhã visto pelo direito, (1843). Os acontecimentos de março na capital, considerados nas suas causas e effeitos, etc., (1838). Cartas de Manuel e José da Silva Passos, publicadas no Nacional, (1835-1836). Relatorios sobre a fazenda publica, de Francisco Antonio de Campos e Manuel da Silva Passos. A Carta e os seus vinte e dois annos de idade, por José Liberato Freire de Carvalho, (1848). Memoria sobre os acontecimentos de março, refutada na parte que lhe diz respeito pelo conselheiro Julio Gomes da Silva Sanches, (1839). A dynastia e a Revolução de Setembro, (1840). O duque de Saldanha e o conde de Thomar, (1850). O conde de Thomar e o duque de Saldanha, apontamentos para a historia contemporanea, (1850). Quadro politico, historico e biographico do parlamento em 1842, por D. João d'Azevedo. Discurso de Manuel Passos na sessão da camara dos deputados de 18 de outubro de 1844. Apontamentos para a biographia do cidadão Manuel da Silva Passos, por Alg. Sidney, (1848). Os dois dias de outubro ou a historia da prerogativa, por D. João d'Azevedo, (1848). A regeneração e a reacção, resumo historico dos acontecimentos de Portugal, (1851). Posição em que se acha Portugal para com a Inglaterra, (1834). Exame historico e critico da sessão parlamentar no anno de 1846, por Mesquita Gavião. Portugal depois da Revolução de 1820, por Lasterie, (1842). Synchronismos do reinado de D. Maria II, por um perseguido, (1848). Memoria da defeza do castello da barra de Vianna, (1847). A meditação ou espirito da Revolução do Minho, (1848). O throno justificado pola Revolução, (1847). A verdade zomba da calunnia, (1849). etc., etc.

BIBLIOTHECA
HISTORICO-POLITICA

REIMPRESSÃO

DE

OPUSCULOS E DOCUMENTOS RAROS

PELA EMPREZA

DO

‘CAMPEÃO DAS PROVINCIAS’

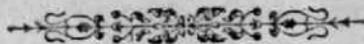
SOB A DIRECÇÃO

DE

MARQUES GOMES

DA ACADEMIA REAL DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA E DO INSTITUTO DE COÍMBRA

TOMO I



AVEIRO

—
TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

—
1892

bibRIA

BIOGRAPHIA

DE

JOSÉ DA SILVA CARVALHO (*)



E' hoje a fé politica para os verdadeiros patriotas o que era a fé religiosa para os primeiros christãos:—ella conduz quasi sempre ao martyrio o individuo que a professa. Louvamos a firmeza nos sentimentos que procedem d'esta fé, da qual numerosos exemplos se acham entre o povo, sendo bem raro o encontra-la nas classes elevadas da sociedade. Porém muito mais exaltamos quando por acaso, um homem d'estado, considerando-se povo, dedica inteiramente a sua vida, despido de quaesquer interesses, ao serviço de uma convicção que se chama amor da patria. Estas reflexões explicam as causas que nos levaram a dar logar em nossa publicação assim ao desditoso Freire, como ao cidadão generoso cuja vida passamos a esboçar.

Jose da Silva Carvalho, nasceu em uma aldeia da provincia da Beira a 19 de dezembro de 1782. Seu pae que era um honrado proprietario o destinou á vida da magistratura. Educado no Seminario Episcopal, e no collegio das artes em Coimbra matriculou se na Universidade da mesma cidade no anno de 1800. Em quanto cursou os estudos tornou-se notavel pelas suas opiniões democraticas: — por maneira que pouco tempo depois de haver tomado o grau de doutor, foi vivamente inquietado pela policia e inquisição (1). Pôde todavia adoçar-se este rigor. O sr. Carvalho se dirigiu então a Lisboa, onde

(*) Iniciamos hoje a nossa Bibliotheca Historico-politica reproduzindo a biographia d'um dos vultos mais benemeritos do constitucionalismo portuguez—**JOSÉ DA SILVA CARVALHO**. E' pouco conhecida, quando è certo que o devia ser muito, porque os factos da vida d'este homem verdadeiramente notavel, merecem bem ser postos em evidencia, para lição e exemplo. Foi publicada a primeira vez em França, na «Biographie des Hommes du Jour», par Germain Sarrut et B. Saint-Edme—(seis grandes tomos que viram a luz em Pariz, de 1835 a 1841) e encontra-se a pag. 347 do tomo 3.º, parte 1.º.

segundo as disposições das leis portuguezas, devia permanecer dois annos, e passar pelo seu ultimo exame (em 17 de março de 1807) no desembargo do Paço, a fim de poder seguir os logares da magistratura. Comtudo só alcançou emprego em agosto de 1810, em cuja epoca se viu Portugal ameaçado de uma invasão franceza, dirigida pelo general Massena. Foi então nomeado juiz de fóra, da pequena villa de Recardães (2), onde, apesar da pouca importancia das suas funções, fez ao Estado serviços relevantes;—tornando-se por tal modo bem-quisto do povo, que não só o duque de Wellington commandante em chefe do exercito anglo-luso, julgou do seu dever mencional-o honrosamente em officio remettido ao governo; como imitaram este exemplo as municipalidades do seu districto, as quaes unanimemente enviaram uma petição á regencia do reino, sollicitando a conservação na dita villa do sr. Carvalho além do praso de tres annos marcado na lei. O governo reconhecendo os seus serviços e aptidão que mostrou no desempenho dos seus deveres o nomeou juiz dos orphãos da cidade do Porto em setembro de 1814, e logo depois auditor da provincia. N'esta cidade deu comêço a carreira politica do sr. Carvalho, e n'ella principiou a desenvolver-se esta grande intelligencia popular.

Para bem se avaliar o merito politico do sr. Silva Carvalho fôra mister ter presente a horrivel situação do paiz na desgraçada epoca a que nos referimos.

A Côrte retirou-se para o Brasil pouco tempo depois da entrada de Junot em Portugal á frente de algumas tropas francezas. Confiou-se o governo do reino a uma regencia fraca e inerte que limitando-se a obedecer ás ordens emanadas do Rio de Janeiro, apenas se occupava em facilitar a emigração para o Brasil de tudo o que em Portugal se tornava conspicio nas differentes classes da sociedade. A patria dos Gamas e Albuquerque se transformou rapidamente em colonia do Brasil;— e quem sabe se com o andar dos tempos a veriamos provincia de Hespanha, ou Inglaterra, potencias que desde ha muito disputam esta presa?

A fraqueza, e aviltamento do governo faziam-n'o o alvo

do justo desprezo dos povos e gabinetes estrangeiros. *Curvado até o chão obedecia cegamente ao primeiro que se lhe apresentava.* Os empregados publicos, como os mudos do serralho, executavam silenciosamente as ordens do Rio de Janeiro, ou da Côrte de Londres. Até o exercito a mais nacional de todas as instituições de qualquer Estado, era commandado por officiaes inglozes! Eis aqui a situação do paiz quando o sr. Silva Carvalho ligado a seu amigo Fernandes Thomaz concebeu a idéa da restauração da sua patria. Na primeira reunião que teve logar em 27 de dezembro de 1817, concordaram elles no plano de uma conspiração cheia de audacia e civismo: — e com o tempo iniciaram em seus projectos todos os que tinham sangue portuguez em suas veias, e no coração o sentimento da liberdade.

Depois de tres annos de exforços e trabalhos appareceu finalmente a revolução em 24 de agosto de 1820. O grito da liberdade que se soltou nas margens do Douro pouco tardou em fazer ecco nas margens do Tejo. As gloriosas recordações da patria invocadas com força; e as doutrinas generosas proclamadas com enthusiasmo accenderam o patriotismo dos melhores cidadãos; e o povo acolhendo religiosamente o santo nome da liberdade, correu em auxilio da começada empreza.

Reunidas as Côrtes Constituintes em janeiro de 1821, occuparam-se immediatamente da feitura de uma Constituição baseada em principios de pura democracia, nomeando uma regencia da qual o sr. Carvalho foi designado membro. Esta regencia governou o paiz até á chegada de D. João VI, que reassumiu o poder que lhe competia apenas jurou a Constituição. O Monarcha confiou ao sr. Carvalho a presidencia da municipalidade de Lisboa, e pouco tempo depois o ministerio da justiça (3), cuja pasta conservou até á contra-revolução de 1823 que proclamando D. João VI rei absoluto, aboliu o systema constitucional em Portugal.

Forçoso foi então ao sr. Carvalho o emigrar:—elle se retirou para Inglaterra, onde precisou viver com a maior economia, e até valer-se da protecção de alguns amigos fieis (4). Todas as relações com Portugal lhe eram vedadas; e a vigi-

lancía da policia á seu respeito era tal que bastava mandar elle noticias á sua familia, ou algum dos seus amigos de Lisboa e Porto, para que estes se tornassem victimas de uma medida especial do governo d'então. Em quanto permaneceu em Londres dedicou-se inteiramente ao estudo das sciencias politicas e administrativas.

Falleceu D. João VI, e D. Pedro havendo outhorgado em 1826 a Carta prometida por seu pae—Carta que sendo modelada pelas de França e Inglaterra continha mais disposições favoraveis á liberdade, o sr. Carvalho prestou juramento á mesma nas mãos do duque de Palmella, e voltou a Portugal.

Nos principios de 1828 D. Miguel veio a Portugal com o titulo de Regente do Reino que lhe confirira seu irmão D. Pedro. Consistiram os seus primeiros actos na dissolução das Côrtes—na abolição da Carta—na usurpação da Corôa—e no restabelecimento do governo absoluto ou despotico. Ao passo que elle invadiu o poder real, ordenava a Agostinho Luiz da Fonseca governador militar da provincia da Beira, que fizesse prender e conduzir a Lisboa o sr. Silva Carvalho, o qual disfarçado em andrajos de almocreve se tinha posto já a salvamento.

D. Pedro fatigado do poder, abdicou a Corôa imperial do Brasil e voltando á Europa desembarcou em Falmouth em junho de 1831. Foi o sr. Silva Carvalho o primeiro a quem constou este acontecimento, bem como soube que aquelle principe resolvera ir viver em Munich com a familia da Imperatriz. Elle escreveu immediatamente ao cavalheiro Lima encarregado dos negocios de Portugal na Côte de Londres, e pediu ao seu amigo o conselheiro Gomes da Silva (5) que partisse sem demora para Cherbourg a sollicitar uma audiéncia de D. Pedro, a fim de desenhar-lhe minuciosamente o estado deploravel de Portugal, e fazel-o persuadir que a sua honra o obriga a libertar a patria do sceptro de ferro que a esmagava. Gomes da Silva partiu a 3 de junho de 1831 acómpañado de D. Thomaz Mascarenhas o sr. Carvalho não se limitou a isto:—escreveu ao conselheiro Gomes da Silva uma carta (6)

para ser communicada a D. Pedro na qual buscou convencel-o do quanto seria para elle glorioso o preparar uma expedição com o fim de libertar o paiz da tyrannia de D. Miguel, reconquistando a Corôa tão vilmente usurpada.

D. Pedro approvou estes alvitres e d'alli a oito dias já se achava em Londres. Na primeira audiencia que concedeu ao sr. Carvalho lhe dirigiu estas palavras: *Eis-me aqui mettámos mãos á obra.* D. Pedro nomeou um conselho de tutella á Rainha, de que fez parte o sr. Carvalho; e partiu logo para Paris onde esperava achar mais facilmente os meios de organizar a projectada expedição, deixando em Londres uma comissão composta do sr. Carvalho, cavalheiro Lima (7), e D Thomaz Mascarenhas, á qual encarregou de juntar os recursos que podesse offerecer a Inglaterra. Aos esforços, habilidade, e confiança que o sr. Silva Carvalho tinha sabido inspirar se deve a conclusão do primeiro emprestimo celebrado com os srs. Ardoin e C.^a, de Londres, no mez de setembro—emprestimo que habilitou D. Pedro para a sua viagem aos Açores, onde se achava grande numero de emigrados, e onde poudo finalmente completar a organização da sua empresa. A entrada de D. Pedro em Portugal seguiu de perto esta viagem.

O sr. Silva Carvalho convidado por D. Pedro para o acompanhar á ilha Terceira (8), bem como para entrar na composição do ministerio que se acabara de formar, partiu sem hesitação para o lado do Imperador, recusando todavia a pasta que se lhe offereceu.

D. Pedro o nomeou então auditor geral do exercito, e logo depois do desembarque no Porto, director dos negocios civis do mesmo exercito, e presidente do tribunal de guerra e justiça.

O cêrco se apertava cada vez mais;—os recursos estavam inteiramente esgotados;—e a cidade do Porto, via-se obrigada a capitalar por falta de provisões de toda a especie. Então D. Pedro chamou o sr. Silva Carvalho para o ministerio da fazenda (dezembro de 1832).

A situação era desesperada. Os acontecimentos militares tinham feito perder o credito. A divida urgente montava

já a uma somma consideravel:—não existia um real em cofre. O exercito não via soldo havia muito tempo, e aos fornecedores não se deram meios pelo espaço de dois mezes para proverem ao alimento dos soldados. A constancia e zelo do sr. Silva Carvalho poudo vencer o apuro das circumstancias—Convocou os principaes negociantes e capitalistas da cidade; —formou uma commissão do thesouro publico composta de individuos pertencentes ás casas mais respeitaveis e tomou medidas tão energicas e apropriadas que conseguiu satisfazer o atrazado, e pôr em dia os soldos do exercito. Estabeleceu no mar á entrada do porto consideraveis depositos de provisões de bocca e de guerra, com os quaes fornecia o exercito á medida que se iam introduzindo na cidade essas provisões e munições por entre o vivissimo fogo dos inimigos.

Dilatava-se o assédio, e os cercados estavam reduzidos ás suas muralhas. A esperanza abandonava até os mais valentes. Corria o mez de maio de 1833, e os dez mezes de combates e sacrificios que acabavam de passar tinham levado a toda a gente a fadiga e impaciencia. O coronel Loureiro e o capitão Mousinho de Albuquerque pediram uma audiencia ao sr. Silva Carvalho, e lhe expozeram que nas criticas circumstancias em que se achava a causa, elles não viam outro recurso senão o de enviar-se ao Algarve uma expedição commandada pelo duque da Terceira. As razões que allegaram pareceram tão ponderosas ao sr. Carvalho que as levou ao conhecimento do Imperador, resolvendo-o a convocar um conselho composto dos ministros d'Estado, e dos mais distinctos officiaes do exercito. O sr. Silva Carvalho appoiou com tanto calor a opinião dos dois officiaes que a fez adoptar, apesar da viva opposição que ella encontrou. (9)

D. Pedro, pelos conselhos do sr. Silva Carvalho deu o mando da esquadra ao capitão Napier. O ministro pagou os atrasos em divida aos officiaes, soldados e marinheiros:—abasteceu a esquadra do material necessario, e a fez partir para as costas do Algarve. O triumpho que ella obteve em um combate naval contra a frota de D. Miguel abriu ao duque da Terceira as portas da capital. No momento em que elle

entrava em Lisboa, assumia D. Pedro o mando em chefe do exercito com o intento de por meio de um esforço atrevido fazer levantar o cerco do Porto. D. Miguel por sua parte decidido tambem a dar fim á contenda deu o mando do seu exercito ao marechal Bourmont, que na companhia de La Rochejaquelin, e outros officiaes francezes acabava de chegar á côrte miguelina.

D. Miguel, contando com a valia de Bourmont, inflama com suas proclamações e presença o ardor dos seus soldados, e a 24 de julho (aliás 25) de 1833 deu um terrivel assalto á cidade. Os bravos de D. Pedro repelliram bisarramente o ataque. O morticínio foi horrivel, e ostentou-se valentia de uma e outra parte.

Releva confessar que o ataque e a defeza mereceram os mais lisongeiros encomios de todos os officiaes estrangeiros que assistiram a tão brilhante feito d'armas. Bourmont convencido da impossibilidade de entrar a cidade, deu ordem de retirada.

D. Pedro embarcou para Lisboa com o sr. Silva Carvalho, a quem conservou a pasta da fazenda.

Graças ao zelo d'este ministro, o exercito subiu em pouco tempo a 62,000 homens, o que lhe permittiu organizar a expedição que ás ordens do duque da Terceira, libertou as provincias do jugo de D. Miguel. Este completamente derrotado em Asseiceira, e perseguido vivamente até Evora Monte, viu-se obrigado a capitular, e a sahir de Portugal. D. Pedro conservando o sr. Silva Carvalho na repartição da fazenda o nomeou presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e conselheiro d'Estado.

Occupou-se então o sr. Carvalho dos meios de curar Portugal das feridas que a guerra civil, e tyrannia de D. Miguel tinham aberto. E' aqui que se observa o zelo infatigavel do patriota. Aboliu o papel-moeda, e a companhia que monopolisava o extenso commercio dos melhores vinhos do paiz. Proveu ao pagamento dos empregados publicos e do exercito, por maneira tal que no seu tempo nunca estas classes soffreram atrazo em seus vencimentos—o que é mui raro

em Portugal. Fez uma reforma completa nas alfandegas, cujos rendimentos immediatamente duplicaram. Reorganizou o thesouro publico estabelecendo n'elle o systema francez de contabilidade. Fez grandes amortisações na divida publica, o que augmentou o credito—creou o porto franco de Lisboa—a Junta do Crédito Publico para a qual nomeou negociantes respeitaveis; e nas contas apresentadas até 1836 se acha uma diminuição de tres milhões de francos do juro annual. Introduziu em Portugal o systema de jurados applicando-o tanto ao civil como ao mercantil, e criminal. Expulsou os jesuitas que sob o nome de *redemptistas* se haviam estabelecido em Portugal no tempo de D. Miguel. Supprimiu os tribunaes que estavam em opposição com a Carta, creando outros que com ella concordassem. A legislação portugueza compunha-se de leis publicadas em differentes epochas, e muitas vezes contradictorias que deixavam livre curso á arbitriedade; elle começou a reforma das mesmas dando validade ao Codigo commercial offerecido por José Ferreira Borges. Apresentou ás Côrtes um orçamento geral que pela clareza de estylo, e methodo adoptado na classificação das materias, mereceu a seu author o elogio de todos os financeiros. Se se considerassem as difficuldades que este ministro teve que vencer por causa da duração da guerra—as desordens que um assedio traz consigo—e as criticas circumstancias em que se viu por muitas vezes, pode dizer-se afoutamente que o referido orçamento é um dos documentos mais notaveis da epocha.

Eis aqui como ácerca d'elle discursava Mr. Armand Carrel, em o *Nacional* do 1.º de dezembro de 1834:

«A guerra civil acabou em Portugal na hora em que D. Miguel deixou aquellas praias;—desde esse momento começou alli reinar a ordem. As instituições politicas e financeiras melhoraram com admiravel rapidez. Leis absurdas foram reformadas ou abolidas, e pela primeira vez em oito annos respiraram os portuguezes, livres do jugo do homem protegido pelos Torys de Inglaterra, e potencias do norte.

«No curto periodo do estabelecimento do systema re-

representativo em Portugal o credito do paiz subiu de tal modo que os papeis do Estado dobraram em pouco tempo o seu valor. O relatorio do sr. Silva Carvalho, ministro da fazenda, acaba de mostrar que os homens d'Estado d'aquelle paiz esouberam estudar no desterro os principios mais luminosos da sciencia economica, a qual buscam applicar á administração da sua patria. A necessidade de reparar os males da guerra—de prover ao pagamento dos juros de emprestimos contrahidos para expulsar o usurpador—e de diminuir os encargos do povo não permittiu ainda igualar a receita á despesa. O orçamento sóbe:

Em despesa a..... 75,295,625,742 fr.

Em receita a..... 57,468,651,318 fr.

Deficit..... 17,826,974,154 fr.

«Este deficit que é pouco mais ou menos o terço da receita, assusta mui pouco o ministro da fazenda. Elle declarou que para remedial-o não carecia de novos impostos. *Por que* (diz o ministro) *cumprê dar ao paiz o tempo e os meios precisos para se restabelecer; —cumprê dar-lhe a vida e não tirar-lh'a.* Estas palavras são dignas de reflexão, e poderiam servir de lição a outros financeiros—ou que se dizem taes. O governo portuguez não terá pois de recorrer a novos impostos, e o ministro expõe os seus motivos nos termos de uma sabia politica, e debaixo de principios de credito nacional.

«Para cobrir o excedente das despesas, o ministro roga á Camara que adopte o projecto sobre a venda dos bens nacionaes, assim como tres dos principaes artigos do orçamento, que julga essenciaes, afim de que a alienação dos bens immoveis seja para o estado e para os particulares, o manancial de uma prosperidade duradoura e progressiva.»

Armand Carrel conclue d'esta fórma o seu juizo. *Esté orçamento é o documento financeiro mais importante que tem apparecido desde Necker.*

Em momentos criticos como os em que se achou o sr.

Carvalho, é que as grandes intelligencias brilham mais. Nós reconhecemos como elle *que a prosperidade, ou decadencia das nações dependem do credito publico.*

Partindo d'este principio hoje tão mal applicado em França e Portugal, deu o sr. Carvalho a possivel animação á industria do seu paiz estabelecendo varias associações mercantis e industriaes, nas quaes fundava as esperanças do bom resultado do seu pensamento e systema. A intriga que se oppõem á cessação dos abusos e que só medra nas desordens, obrigou o sr. Carvalho a sahir do ministerio no mez de agosto de 1835. Pouco tempo depois sendo-lhe de novo confiada a mesma pasta, organisou uma Companhia para a culturação das *Lezirias do Tejo* cuja venda devia produzir sommas consideraveis. Porém certos genios ambiciosos da opposição conseguindo sobornar alguns soldados preparam um tumulto que obrigou outra vez o sr. Carvalho a largar o ministerio. O sr. Carvalho que continuou todavia a ter assento em Côrtes, publicou um manifesto defendendo as suas medidas, em resposta ás calumnias de que tinha sido alvo. Por tal fórma o justificou este documento que no mez de abril de 1836 foi de novo chamado ao ministerio, e aproveitando-se do credito que inspirava a sua influencia nos negocios concluiu a venda das *Lezirias*. A pouca estabelidade da administração, e a anterior elevação ao poder de pessoas que não eram da confiança dos capitalistas concorreram para que esta venda não fosse tão vantajosa como devera sê-lo.

Cinco mezes depois um movimento revolucionario em favor da Constituição de 1822, aboliu a Carta de 1826, e as instituições que d'ella provinham, e obrigou o sr. Carvalho a refugiar-se em França.

Muito bem se sabe que no mez de janeiro ultimo aquella Constituição foi modificada segundo as ideias monarchicas da Europa. Ella parece tão pouco adaptada (ao menos pelo que podemos julgar na distancia em que estamos do theatro dos acontecimentos) para satisfazer as necessidades do paiz, que o Minho e varias outras provincias acabam de sublevar-se ao grito de: *Viva a nação portugueza, a Carta e a Rainha!*

Quando chegou aqui a noticia d'este movimento o sr. Silva Carvalho cujo unico pensamento por effeitos de reconhecimento e patriotismo era o restabelecimento da Carta do D. Pedro, se reuniu aos seus amigos refugiados em Inglaterra, e se acha actualmente em Londres. Ha poucos homens que tenham soffrido tantos revezes de fortuna. Todavia na prosperidade ou no desterro, o seu character franco patriotico e resolute, jámais variou. Entregue sempre ás meditações do philantropo, e do portuguez reformador—cidadão de probidade e convicção, elle faz ardentes votos para que voltem melhores tempos ao seu paiz, porque primeiro que tudo elle é homem da patria!

NOTAS

(1) Foi Silva Carvalho quem referendou o decreto de 5 d'abril de 1821 que aboliu a Inquisição.

(2) Recardães é hoje apenas uma freguezia do concelho d'Agueda. Aquelle antigo concelho foi extincto pelo decreto de 6 de novembro de 1836.

(3) Alguns factos importantes podiamos citar em abono da boa administração de Silva Carvalho como ministro da justiça; citaremos porém apenas um, o qual se comprova com dois officios, hoje completamente ignorados, pois nem na interessantissima collecção de documentos respeitantes a Silva Carvalho, publicados em 1891 pelo nosso illustrado amigo o sr. Antonio Vianna, sob o titulo de SILVA CARVALHO E O SEU TEMPO vem publicados. O facto a que alludimos foi a maneira verdadeiramente honrosa como Silva Carvalho se houve quando a côrte de Roma se escusava com varios pretextos a confirmar a apresentação que havia feito D. João VI de D. fr. Francisco de S. Luiz para Bispo de Coimbra (coadjutor e successor de D. Francisco de Lemos) em julho de 1821. Na «Memoria historica de D. fr. Francisco de S. Luiz Saraiva» pelo marquez de Rezende encontram-se dois officios do ministro dos estrangeiros, Silvestre Pinheiro Ferreira para Pedro de Mello Breyner, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Roma, sob o mesmo assumpto, mas dirigidos ao mesmo ministro ha aquelles dois outros de Silva Carvalho; pena é que alli se não encontrem, pois são muito mais energicos e esclarecem bem melhor a questão. Para remediar essa falta publicamos-os hoje aqui. Eil-os:

PARA PEDRO DE MELLO BRAYNER

Foi presente a Sua Magestade o officio que V. S. dirigiu em 6 de dezembro do anno passado pela Secretaria d'Es-

tado dos Negocios Estrangeiros sobre o processo do bispo eleito de Coimbra o dr. frei Francisco de S. Luiz, e expedição das Bullas de confirmação. El-Rei viu com a maior estranheza a illegal resposta que a V. S. dou o Cardeal Secretario d'Estado, e julga impossivel que façam maior pezo na timorata consciencia de Sua Santidade, cartas particulares e secretas, do que um processo legitimamente feito pelo seu proprio Delegado, segundo todas as formalidades de direito, e na conformidade de que prescreve o Sagrado Concilio Tridentino na sessão 22, cap. 2.^o de Reformatione quarum leriam institutio, etc.

Sua Santidade no caso presente não tem direito de julgar se não *secundum allegata et probata*; depois do processo legalmente feito nada consta contra a reconhecida sabedoria, e experimentadas virtudes do bispo eleito, se n'elle concorrem todas as condições, e requisitos exigidos pelo mesmo Concilio Tridentino, se além de tudo isto tem na nomeação que Sua Magestade faz da sua pessoa para tão alta dignidade um testemunho da maior excepção, como é possivel que a timorata consciencia do Santo Padre trepide em fazer a confirmação, e mandar expedir as Bullas, e não trepide fazer soar do Vaticano uma maxima tão opposta aos principios da justiça, e da moral, qual é dar mais pezo a cartas particulares, do que a um processo legalmente feito? que diria S. Thomaz, que dirão todos os Santos Padres se soasse aos seus ouvidos uma tão perigosa doutrina? se esta doutrina pôr desgraça se propagasse, bastaria para arriscar o decoro de Sua Magestade, e todos os seus direitos, bastaria para arriscar o bom nome, honra, e vida, e todos os haveres do bispo eleito; bastaria para arruinar toda a ordem social: Sua Magestade, pois, não levou a bem que V. S. não protestasse desde logo contra uma semelhante maxima, e contra uma semelhante doutrina, e lhe ordena que o faça immediatamente pelo modo mais solemne e cathorico, no caso que se não realizem as esperanças, que V. S. ainda conserva de vêr entrar o processo na unica marcha que o direito e justiça lhe marcavam, e de que só intenções sinistras o pôdem ter desviado: reputando Sua Magestade Fidelissima como um dever sagrado o respeito que tributa á

Santa Sé Apostolica, e ao Santissimo Padre, não reputa menos sagrado o dever de sustentar os direitos de sua Corôa, direitos que seus Augustos Madores por tantas vezes, e tão gloriosamente souberam sustentar. Se pois Sua Santidade persistir em demorar a confirmação do Bispo Eleito Coadjutor, e futuro successor do Bispo de Coimbra, faça-lhe V. S. saber d'uma maneira authentica, que Sua Magestade Fidelissima está na firme resolução de uzar do direito estabelecido no Canon 4.º do Concilio de Nicea—*Episcopum oportet maxime quidem ab omnibus qui sunt in Provincia constitue* e no Canon 12 do Concilio de Laodicea—*Episcopi judicio Metropolitano*: Direito que é consagrado por Innocencio 1.º Diss. 64 Can. 5.º por São Leão na Carta a Anastacio de Reszalonica, pelo 7.º Concilio no Can. 2.º e finalmente supposto, e confirmado como Direito Commum nas Decretaes de Gregorio 9.º.

Sua Santidade não ignora que os Bispos foram assim confirmados, e Sagrados pelo espaço de 13 seculos; e como a Santa Igreja de Jesus Christo, nem mudou nem podia mudar de indole, os Bispos confirmados, e sagrados agora como eram n'aquelles felizes tempos, hão-de ser tão Bispos, e ter tanta jurisdição, e authoridade como tinham n'aquelles 13 seculos. Para mais prompta e legal execução d'esta resolução, até Sua Magestade presentemente tem vago o bispado de Tanger que é do seu Real Padroado, como V. S. mesmo ha pouco observa.

Faça V. S. finalmente saber a Sua Santidade que o abuso de authoridade dá muitas vezes motivos a se tomarem providencias d'utilidade, e necessidade summa, e que se Sua Magestade se resolver a fazer confirmar, e sagrar assim um Bispo nos seus reinos, seguirá a mesma marcha e a mesma doutrina da Igreja a respeito de todos os bispados que houver de prover.

O acontecimento com o dr. Santa Clara, nomeado Arcebispo d'Evora, e agora com o dr. S. Luiz, faz d'absoluta necessidade que se fique entendendo d'uma vez para sempre, que Sua Magestade respeita religiosamente, como filho o mais fiel os direitos da Igreja; mas que não consentirá jámais que alguém invada os seus. Que em Roma se não póde saber me-

lhor que em Portugal os homens que mais convêm para Prelados n'estes reinos, finalmente que Sua Magestade emprega todos os meios possiveis no acerto da sua escolha, e que nunca soffrerá que esta seja emendada senão pelas leis canonicas.

Em vista d'estes principios e segundo as circumstancias o exigirem, quer Sua Magestade que V. S. trate este negocio, e os outros que se offerecerem de igual natureza, com a firmeza e dignidade que são devidas á sua corôa e aos seus direitos.

Deus Guarde a V. S.—Palacio de Queluz em 8 de fevereiro de 1822.—*José da Silva Carvalho.*

Levei á presença de Sua Magestade o officio de V. S. de 26 de janeiro d'este anno, em que V. S. participa a noticia confidencial que lhe deu o Cardeal Secretario d'Estado, por obsequiar a Sua Magestade, facilitar a justificação do Bispo eleito de Coimbra.

Sua Magestade, porém, longe de se obrigar d'esta confidencia a tomar como um ataque feito á sua alta dignidade, e como a maior brexa que pôde fazer-se ao direito formado no Concilio de Trento, e nas Bullas de Gregorio 14.º, Urbano 3.º e Benedicto 14.º, que se alegam para cobrir com um pretexto especioso uma infracção dos direitos de Sua Magestade e dos deveres dos Santos Padres para com a egreja portugueza.

Nem o Concilio, nem aquelles respeitaveis Pontifices sancionaram, ou podiam sancionar em parte alguma, que o processo publico, juridico e legal não tivesse effeito quando estivesse em opposição com uma informação ou carta particular, porque n'este caso sempre ficariam frustadas as nomeações dos Soberanos, e até as eleições aonde ainda tem logar, pois quanto mais se abalissassem em virtudes e merecimentos litterarios os candidatos, mais emalos teriam. Bastando um que com o simples arteficio de uma carta podesse annular a authoridade do Soberano, macular a reputação e creditos mais bem fundados, e privar a egreja do serviço dos mais dignos e benemeritos cidadãos. Este absurdo pois não entra nem na letra, nem seu espirito do Concilio de Trento, e como na Côrte

de Roma se cita Van Expen Jur Eccles Univerc. Manda Sua Magestade que V. S. faça uso do cap. 3.º na primeira parte tit. 14, e com muita particularidade do § 12, onde terá esta terminante passagem:—*Quando quidem vero* (diz o Procurador Regio Francez) *dictæ informationes conice fuint, ut securius, ac maturius, in Nominationibus, que ad Regem pertinent procedatur; neque Romam mittantur, nisi ut Pontifice ostendatur Nominatum esse instructum qualitatibus a Sacris Canonibus, et in Concordato requisitis, et consequans Nominatum reccusari non posse.*

Reconheceu logo Van-Espen com todos os authores do Direito Canonico que uma vez feito o processo em fórma legal, e pela legitima authoridade nem póde proceder-se a outro, nem o Santo Padre póde deixar de confirmar o nomeado, uma vez que tem todas as qualidades que os Canones requerem.

A Bulla de Benedicto 14 de 17 de outubro de 1740, que principio—*Ad Apostolicæ Servitutes onus*—na primeira parte só trata das nomeações, que os Papas tem de fazer nos seus Estados, e para esses podem legislar como quizerem: Mas atenda V. S. e faça notar que no § 7.º aonde trata de exhortações, e admoestações aos Soberanos ou áquelles que tem direito de nomeação, protesta Benedicto 14 que nada inova—*Nihil in eis pro presenti temporum ratione innovando.* Como se póde logo adduzir esta Bulla em apoio de uma pertençaõ nova desconhecida em todos os tempos, injusta attentatoria contra as Leis Canonicas, e contra os direitos de S. Magestade?

Sua Magestade, pois, como defensor dos Canones da igreja, e porque deve manter intactos os direitos de sua corõa e dos seus subditos, manda expressamente declarar a V. S. que não consente que o Bispo eleito de Coimbra ajunte uma só atestaçaõ nem dos seus antigos Prelados, nem de algum Bispo para desvanecer essa illegal imputaçaõ de pedreiro livre. Com tanto conhecimento de causa podem esses Prelados affirmar que elle o não é, como o author de tal carta póde affirmar que o é. O Tribunal do Santo Officio, o intendente geral da policia, o juiz da inconfidencia com centos de espiões e de boleguins nunca poderam designar com certeza os membros

d'essa sociedade secreta; e então ha-de podel-o fazer um Prelado no centro de um mosteiro, ou um Bispo em um canto de uma provincia! O que se pretende, pois, com isto? que sejam tão temerarios como o author da carta.

Por ventura uma attestação, ou um cento d'ellas de todos os Prelados do reino póde valer tanto como o testemunho que Sua Magestade dá ao eleito nomeando-o para bispo de Coimbra? Sua Magestade reputa o seu testemunho como o testemunho de maior excepção, e não póde suppôr de sorte alguma que em Roma se dê mais pezo a um attestado de um bispo ou de um frado dos seus reinos, do que ao seu diploma de nomeação. So pois o Santo Padre por escrupulos de uma consciencia timorata receia que o nomeado esteja ligado com alguma censura (que é o mais que podia ter, ainda sendo verdadeira a imputação) que o absolva condicionalmente, e que confirme, como deve, pois é este o procedimento que a sua theologia, e os seus deveres, como Vigario de Jesus Christo lhe mandam.

Sua Magestade manda recommendar finalmente a V. S. que faça todas as possiveis diligencias para que S. Santidade conheça o absurdo com que se pretende fazer uma má applicação das santas disposições do Concilio Tridentino, e das paternaes providencias de Clemente 14, Urbano 3.º e sobre tudo da Bulla da creação da Congregação particular sobre os que devem ser promovidos aos Arcebispados e Bispados da nomeação de Sua Santidade; visto que a parte exhortatoria d'esta Bulla nem innova cousa alguma, nem determina novas justificações.

Se porém V. S. vir que o espirito de antecipação, ou antes o da discordia se faz sentir no Vaticano, uze das instrucções que Sua Magestade lhe mandou remetter com data de 8 de fevereiro do corrente anno protestando contra a innovação e falsa doutrina com que se attende mais a uma carta particular, do que a um processo legal, e faça uma nota em que declare a Sua Santidade, que Sua Magestade Fidelissima renova os protestos de adhesão e fidelidade á Santa Sé Apostolica, mas que utilizando a do direito commum, e das dou-

trinas dos melhores seculos do Christianismo, não só passa a confirmar os bispos dos seus estados pelos Metropolitanos, mas tambem fará que uns e outros concedam as dispensas e graças espirituaes, que pôdem como successores dos Apostolos, o depositarios da precisa authoridade para proverem as precisões das suas egrejas e rebanho: suspendendo o seu Regio Beneplacito a todas e quaesquer Bullas passadas em Roma, ou aqui pelo Delegado Apostolico. E' o quanto Sua Magestade manda communicar a V. S.

Deus Guarde a V. S.—Palacio de Queluz em 13 de março de 1822.—*José da Silva Carvalho.*

(4) Este mesmo factó repeliu-se quando em 1828 e 1836 Silva Carvalho teve de novo de emigrar.

(5) Francisco Gomes da Silva, secretario particular de D. Pedro.

(6) Este interessantissimo documento encontra-se a pag. 75 do vol. 1.º da magnifica publicação «José da Silva Carvalho e o seu tempo».

(7) Luiz Antonio d'Abreu e Lima, mais tarde conde da Carreira.

(8) Vide obra citada «José da Silva Carvalho e o seu tempo», vol. 1.º, pag. 123.

(9) Idem, pag. 374.

bibRIA

SYNCHRONISMOS

DO

REINADO DE MARIA II

Vitam impendere veró....
Tros Tyrius-ve mibi nullo discrimine agetur.

HORAC. E VIRGIL.

Dedico a vida á verdade...
Quer desagrade ao Troyano
Quer ao Tyrio desagrade!!

POR

UM PERSEGUIDO

(Joaquim Antonio Nogueira)



LISBOA—1848

SYNCHRONISMS

LEONARDO DE MARINI

The Italian and the American

LIBRARY

of the University of California

bibRIA

(Josephine Annino (Fogelstein))

LIBRARY

INTRODUÇÃO

Ego pálam locutus sum!

Eu tenho fallado ás claras—disse Jesus perante os seus tyranos... e tambem nós queremos assim fallar perante os nossos... nem era possivel ficar silencioso, quem aguentou com paciência forçada, a escuridão das masmorras—os insultos da soldadesca, e os flagícios crueis da tyrania cabralina... d'esta tyrania a mais ingrata, e malevola de todas quantas Portugal tem soffrido!!!

Basta que em segredo, e ás escondidas fossem atormentados, e escarnecidos tantos, e tão illustres cidadãos, quantos os que foram presa da soffrega crueldade do victimario Marquez de Fronteira—o espolio da corja de verdugos que obedeceram a este comitre vil dos portuguezes!!! Cada preso quasi que foi um Jesus... faltou apenas a crucificação, e a morte de todos... muitos o soffreram... e nós, quem sabe o que será?

Verdade provada é, que a imprudente ferocidade do character d'este primeiro ministro da tyrania actual... a crueza ferina (a sangue frio) de seu irmão, o chefe dos municipaes—e a frequencia escandalosa dos ataques, investidas e maldades dos agentes inferiores da facção dominante, retiveram os bicos da nossa penna, e nós sobrestivemos na publicação d'este opusculo, para evitarmos por ventura a perda da vida... as cutiladas... e os insultos impunemente praticados até no atrio, ou no vestibulo da casa da Rainha!!!

Quem, senão um delirante, pensaria vêr taes atrocidades no reinado de Maria II???

Hoje, porém, que as tyranias da realza se abismaem, e por toda a parte se confundem com os direitos individuaes de todos os homens... hoje que o despotismo dos dynastas ajoujado á escravidão dos povos acompanha submisso o funeral dos thronos absolutos... hoje que de todos os lados do mundo resôa o grito da celeuma geral da humanidade, contra toda a casta de tyranos... julgámos opportuno bradar tambem

contra a tyrania actual, que nos tem roubado, opprimido e aviltado... sim, contra essa tyrania jalofa, mil vezes ingrata, porque nem ao menos se recorda da carestia porque a comprámos...

Ah! Nenhuma, certamente nenhuma custou ainda tanto dinheiro, e tanto sangue aos portuguezes!!!

Se no decurso d'este amargurado opusculo, escorregar dos bicos da nossa penna alguma personalidade, ou alguma expressão menos urbana, protestamos com a franqueza que nos caracteriza, que o nosso alvo é só o amor da verdade, e nunca a desforra, nem a injuria d'alguem... temos um coração tão forte para soffrer, como generoso para perdoar, e esquecer quanto temos soffrido e havemos de soffrer por uma causa tres vezes santa, e um milhão de vezes justa—A EMANCIPAÇÃO DOS POVOS!!!

Embora os defensores da realeza oppressora procurem sustentar-lhe a prosapia de seus timbres... poderão elles sacrificar ainda alguns milhares de victimas ensanguentadas a esse idolo caduco, e detestado por tyranico, mas a seu despeito, tem de erigir-se sobre as ruinas d'elle, tantas nacionalidades novas, quantas eram as nações que jaziam onvelhecidas, na escravidão aviltante da realeza absoluta!!!

A Causa da Humanidade...

A Causa da Realeza...

São estas duas causas as que perturbaram a paz do mundo... estão em pleito sobre toda a superficie da terra... são hoje, o que foram sempre... ai dos povos se ainda se deixarem illudir por essas concessões de momento, que a malicia dos tyranos pretende outhorgar para se escaparem á justa punição de suas atrocidades!!!

Não se fíem as nações sómente na impetuosa torrente dos acontecimentos... Segurem bem o triumpho completo da fraternidade dos homens, a par da renascente liberdade dos povos!!!

E não se recordarão os que em Portugal defendem o

principio governativo da realleza despotica, que sómente á sombra da liberdade havemos triumphado das tyrantias?

Quem, senão a liberdade nos fez triumphar das arbitrariedades, e do abandono em que nos deixava João VI?

Quem, senão a liberdade nos fez triumphar da tyrania de D. Miguel? Mas ah! então triumphámos por que, sem nos importar com a realleza de pessoa alguma, combatiamos todos conjuntamente pela causa da liberdade... pelo menos, era ella o nosso escudo... o nosso timbre... e o verdadeiro pretexto da nossa gnerra!!!

Digam-nos quem foi, o soldado dos do Mindelo—ou dos de Cacella, que declarasse que hia combater a favor da realleza? Nenhum... e ninguem! D. Pedro no Porto vendo um cavallo com malhas entre os primeiros que vieram de França, exclamou... faltava cá mais este malhado!! Malhados ou liberaes era o timbre do exercito.

Isto é tanto verdade, quanto tambem o é a desastrosa divisão dos que escarneceram do liberalismo para se declararem agora defensores da realleza... que seriam elles hoje se não fôra a lucta fatal da liberdade contra o que então se chamava tyrania, e hoje ordem???

Mais adiante trataremos melhor d'estes assumptos, por não poderem ser desenvolvidos nos acanhados limites d'esta introdução!!!

N'este opusculo, por não acharmos no nosso idioma um vocabulo que completamente explicasse a nossa ideia, nós em vez de—Capitulo—usaremos de—Syn-chronismo—palavra composta dos nomes gregos—Syn—conjunctamente—e chrónos—tempos—como melhor póde vêr-se no quadro historico das nações por M. E. Jondot, de quem o trasladámos; em cada Synchronismo formaremos pois um quadro de acontecimentos, que (não obstante passarem-se em differentes tempos e logares) nos convenha apresentar conjunctamente aqui para melhor ordem, e prova de nossas affirmativas... é isto o que explica o termo—Synchronismo.

O nosso fim principal é recontar a verdade dos nossos soffrimentos pela liberdade, e provar com evidencia aos por-

tuguezes que a perpetuação dos Reis despoticos tem sido sempre o flagello dos povos!!!

Por estas rasões, o remate, ou a conclusão do nosso opusculo, consistirá em duas perguntas :

- 1.^a Qual é o caracter dos Reis, . . . ou, o que são os Reis?
- 2.^a Convem que o systema da realza continue a governar os povos?

A' primeira responderemos nós mesmos no Synchronismo seguinte!!!

A' segunda, cada nação opportunamente responderá!!

E nós, que como Jesus fallamos ás claras, só diremos aos portuguezes o que Jesus dizia ás turbas: «*Quis vult venire post me, tollat crucem suam, et sequatur me*». Quem quizer acompanhar-me pegue da sua cruz e siga-me!!

Os portuguezes como bons christãos sabem que a cruz é a sua melhor arma . . . pegae d'ella . . . diremos nós aos povos, imitae o exemplo de Jesus, amae de veras a vossos irmãos, e unidos todos em espirito e verdade, triumpharemos ainda d'essa tyrania tenaz. interesseira e maligna que tanto nos tem perseguido e aviltado!!!

29—Abril—1848.



SYNCHRONISMO I.º

O QUE SÃO OS REIS ?
QUAL É O SEU CARACTER ?

La force deviendrait, sans contrepoids, la reine du mond, et le mensonge serait son ministre, avec le crime, et ses noirs-cœurs.

«L'influence Anglaise» par
GUINAN LAOUREINS, pg. 4

A força sem outro algum contrapeso tem sido sempre a rainha, e o governo do mundo; seu ministro era a mentira, acompanhada do crime com todas as manchas d'elle!!

Aos dynastas quando reinam, não importa, e nunca lhes tem importado outros direitos, senão o da sua força... só algum obstinado empedernido poderá ainda negar esta verdade... *Deus, e a minha espada*—disseram alguns... e os menos tyranos—*Deus, e o meu direito!!!*

Não faziam d'elle uzo constante, porque o seu desaforo tinha ainda um torpeço attenuante... *a necessidade urgente de se guardarem as conveniencias reciprocas da sua situação...* Tyranos, se não conseguiam o fim cabal das suas maquinações, tinham ao menos o seu regabofe no martyrio permanente dos povos!!!

Este procedimento tão manhoso, quanto atroz, não era senão uma consequencia da impunidade de suas tyranicas arbitrariedades... assim mesmo, se não fôra esse unico e inevitavel embaraço que elles mesmos, por ciume imposeram ás suas desmesuradas ambições, o mundo jazera de todo no abysmo infernal da escravidão!!!

Apesar d'esta infame conducta, por entre o vae vem das tyranias... Patriotas tem sempre havido que procurando instruir os povos nos direitos da sua soberania, conseguirão a troco d'esforços crear o poder immenso da opinião publica!

Mas ah! Quando por uma impulsão nova, expansiva, e vivificante se despertam os povos ao seu resgate, contrastam

logo d'um lado os chamados nobres estimulados de se verem preteridos nas honras, e primeiros cargos do Estado... e do outro surgem os timoratos e commodistas que argumentando da potencia para o acto, chamam anarchias ás tendencias dos povos para o progresso do seu aperfeiçoamento e bem estar!

Assim teem estes pseudo-liberaes enredado as nações, e maliciosamente embargado e reprimido a sacrosanta causa da humanidade!!!

N'esta terrivel situação de desconfiança e d'incerteza, os povos se teem conservado, como os doentes laudanizados, que o são para se tornarem insensiveis ás operações dolorosas porque tenham de passar!!

Parecia, mesmo na Europa, que os povos dormitavam sobre seus verdadeiros interesses com uma confiança, que se fôra bem fundada faria honra aos governos..... mas estes simuladamente prometteram sempre o melhor bem dos governados, e invocando (todos elles) o principio da *Salvação publica do Estado*, nunca trataram, senão de estabelecer a chamada ordem... essa infame ordem d'ellea, em que ninguem sensato devera acreditar, porque ha muito que todo o mundo sabe, que o Rei diz sempre, no seu coração: *O Estado sou eu!*

Entretanto os dynastas, a despeito das leis fundamentaes de cada nação, adoptaram uma politica sua, e convencional, injusta, e desastroza para os povos; por quanto.

Tratados se fizeram d'alliança, a que chamaram santa, só porque era d'elles... um pouco mais tarde nos iniquos congressos de Verôna, de Laybach, e de Tropau lhe chamaram—*Novo direito publico Europeu*, mas estes publicistas de espada á cinta agrilhoados pelos remorsos incessantes dos abusos do seu poder, e da sua má fé, não se aquietavam de todo!!

Novos tratados de triplice, e quadrupla alliança.... pactos de familias, escriptos á sorrelfa, sem cerimonia, nem audiencia dos verdadeiros interessados... Protocolos atrocemente estipulados ahi existem para sustentar o prejuizo, e esse detestavel principio chamado—*legitimidade*... principio falso e contradictorio a todos os direitos sociaes da raça humana!!

Não é isto uma qualquer intriga que possa perdoar-se... é uma ferocidade de ambição que revolta !!!

Assim mesmo, atordoados pela attrição, que os assustava, e pela saudade da soberania que se lhe escoava das mãos—os Reis nunca puderam fixar regras invariáveis n'essa sua mesma execranda politica... vejamo-l-o...

Relativamente ás nações, limitava se ella sómente a tratar dos interesses de momento; depois, o seu unico fim, era dividir as classes, tornal-as inimigas, e lançal-as na lucta terrível das facções... lucta na verdade revoltante, e desoladora, que faz vergonha á illustração do seculo, só porque no coração obcecado d'um Rei... ou d'uma Rainha, não pôde caber vergonha, nem justiça, e muito menos piedade !!!

Quanto a elles, considerados collectivamente em seus proprios tratados, não são menos fraudulentos, e injustos com os mais fracos de si mesmos, do que pessoalmente o é cada um d'elles, com os povos que lhe obedecem.

Quem duvidar d'estas verdades, fite seus olhos—no desgraçado Rei de Dinamarca privado em 1814 da corôa da Noruega para a darem a um bastardo da sua santa alliança!

No Rei de Saxonia roubado de todos os seus estados, o favorecido depois a titulo de humanidade com uma quarta parte do que fôra seu!

Na Imperatriz de França Maria Luiza, filha de Francisco d'Austria... a esta filha dos Cezares, primeiros campeões da legitimidade, deram apenas um pedaço de terra n'um cantinho de Italia para dispor d'elle sómente em sua vida!

Longo fôra descrever as perfidias insidiosas, as violencias e as extorsões d'estes zangões rapinantes, praticadas em desfavor d'esses mesmos com quem se alliam, para extorquir os bens, o sangue e as vidas dos miseros vassallos... para escarnecerem, e mal pagarem as estremadas finezas e os nobres sacrificios das Nações ! !

Eis aqui o character dos Reis, em suas reciprocas relações... agora cumpre observal-os na revoltante conducta d'elles para com seus subditos... os povos ! !

Deixaremos em silencio essa corja de tyranos em que

avultam ás crueldades de Carlos segundo—de Carlos sexto—de Luiz onze—de Felippe segundo—de João Sansterre,—e centenares d'outros, cuja descripção seria immensa se nos déramos ao trabalho de relacionar seus nomes... traremos ao nosso quadro sómente os tyranos dos nossos dias... e os da nossa casa !!

Fitae vossos olhos em Fernando setimo—contemplae o frenesi e a infamia d'este Rei, que besuntou as praças e as ruas d'Algeciras com o sangue do valente Proliér, degollado na presença mesmo da sua amargurada e infeliz consorte... contemplae a crueza com que este refalsado tyrano tranquilamente vio espadanar o sangue do generoso Riego despedaçado nas caudas de quatro cavallos!!!

Foi assim que este ingrato pagou aos distinctos generaes que o haviam salvado dos flagicios do captiveiro de Napoleão... e foi com egual crueza que elle correspondeu aos nobres sacrificios do sangue, e das riquezas dos povos da Hespanha !!!

Voltemos as vistas sobre João VI... que achamos n'esse homem que parecia timorato e d'um character indefenivel? N'esse Rei inerte, libidinoso, e glotão—não foi elle quem abriu a porta aos infortunios do misero Portugal?

Recusam-se os bicos da nossa penna a descrever esse facto estupendo, e abominavel do assassinato de toda uma familia que vivia no cazal do Minho, não longe do Ramalhão!

Infeliz familia... ao raiar do dia para todos os viventes—cahiram sobre ti as trevas eternas da morte! Que culpa seria a tua? Poderias tu rezistir ao mando despotico d'uma libidinoza tyrana, que fazia gala de ir ao teu cazal praticar as imprudicias da sua vida? Quem sabe?

E como saber-se? Não foi tambem assassinado o Intendente da Policia que fôra encarregado, mesmo pelo tyrano, para ir conhecer d'esta horroza catastrophe??

Maldita politica, que ferrolhando a boca da verdade, deixas nas sombras da ignorancia e do esquecimento os maleficios, e os crimes execrandos dos Reis... algozes da humanidade!

Cedamos, pois, não aos impulsos da politica, porque chegou o tempo do predomínio da verdade—mas aos impulsos da nossa vergonha... da nossa decencia, e lançando um véo sobre os factos da vida privada d'este despota, encaremol-o sómente pelo lado politico, e vel-o-hemos tyrano, e ingrato para nós, como todos os outros dynastas para os differentes povos que lh'o obedecem !!!

Em 1817 mandou elle pedir ao Congresso de Viena a permissão de ficar com a sua familia no Brazil, e estabelecer alli a nova séde da monarchia, entregando Portugal ao despótico arbitrio d'um comitre inglez, Lord Bresford, o qual no mesmo anno de 1817 sacrificou no Campo de Sant'Anna o illustre general Gomes Freire e seus companheiros do martyrio, e em 1820 voltava do Rio de Janeiro com carta branca d'El-Rei, para dispôr de nós como um feitor dispõe dos gados e utensilios d'um grande lavrador seu amo.

Foi assim que este tyrano egoista premiou a nação que a troco do seu sangue derramado em um sem numero de batalhas... a troco das immensas fortunas, e das vidas que se perderam, lhe restaurou o throno d'este Reino outr'ora famoso... d'este Reino dos Cinco Affonsos, e dos homens illustres que D. Manuel mandára em procura da aurora.

Não desviaremos d'este nosso desagradavel e terrivel quadro o nome de Maria Christina... d'essa mulher tyrânica e libidinosa, escandalo da Hespanha e do mundo, a quem os povos chamaram mãe.... mas que não o fôra, nem para sua propria filha, actual Rainha !!

Povos ! Fitae n'ella os vossos olhos.... vel-a-heis no apogeu da liscivia com que tem manchado a purpura da realza... mas entregue sempre á vertigem das conspirações contra os povos da Hespanha!! Ah! possa esta desditosa nação tomar um dia contas restrictas dos males que esta desafortada Rainha lhe tem causado, com a sua, em tudo, escandalosa conducta !!

Olhae para D. Miguel... n'elle vereis o vicioso—o parrecida—o punido de Deus... reparae bem, e enxergareis

ainda em redor, d'elle macilentos espectros, os Manes das victimas do seu furor e brutalidade !!!

Ainda estão meias abertas na terra as cavas em que entraram os pedestaes das forcas... ainda estão humidas e quentes as camadas do gotejante sangue das victimas... é verdade... lancemos porém um véo sobre tantos horrores... Misero Portugal! A tyrania cabralina não tem forcas, porque não lh'as não consentiram... mas ella mata... espanca... insulta... e é ladra... Oh Senhor Deus! Misericordia !!

Povos de toda a terra, fitae vossos olhos n'esse homem tão desregrado e altivo na vida, quanto modesto e nobre na morte... D. Pedro... Quem quer que ler este opusculo ácre e verdadeiramente aristartico deve pôr de parte preocupações menos bem fundadas, ácerca de gratidões mal exigidas!!

Daremos á verdade o que fôr da mesma verdade, e a D. Pedro o que foi seu... não descortinaremos aqui a sua vida privada para não darmos occasião a que alguém duvide do que escrevemos... e mais adiante mostraremos evidentemente que a Carta que nos outhorgou foi menos uma dadiva, do que uma necessidade, ou antes—um meio d'adquirir o que a sua conducta lhe tinha feito perder !!!

Vejamos pois a sua politica, como imperante, para com seu pae, e para com os povos que lh'obedeceram em ambos os hemispherios !!!

Homens que lhe sois affeiçãoados, não crimineis a nossa coragem... lêde a verdade—consultae o vosso coração, e elle vos dirá... *com effeito, é bom que o mundo saiba isto para não abraçar a nuvem em vez de Juno.*

Lá no Brazil quando Principe fingiu abraçar a Maçonaria... Veneravel da Loja—S. João da Providencia na rua do Sabão, ganhou ahi as sympathias para ser Gran-Mestre... dado este passo foi aclamado Imperador em todas as lojas maçonicas, muitos mezes antes que o fosse manifestamente nas provincias do imperio!

Conspirando assim contra seu pae—conspirava tambem contra a sua Patria mãe... declarou-se Imperador e defensor

perpetuo do Brazil, proclamando aos povos no novo imperio que nos atirassem como a Serracenos!!

O nome de portuguez foi substituido, no Rio de Janeiro, pelo de—Pé de chumbo.... na Bahia pelo de—Maroto.... por toda a parte fez accender a raiva contra os portuguezes... o illustre general d'elles foi insultado de convicios afrontosos... a divisão toda esteve no serro de S. Caetano, sem ter que comer—a insigne Matrona (1) mulher do general, vendeu as suas joias para sustentar os que obedeciam a seu marido... e centenaes de soldados portuguezes rostos da divisão que estavam na cidade do Rio foram mandados varar só por serem fieis á sua patria e por pedirem a sua volta para Portugal, contra quem não quizeram empunhar armas!!!

E que se pensará da sua conducta posterior?... não eram passados muitos mezes quando Ractilife, e seus companheiros de martyrio, foram enforcados!!!

Promettera o Imperador mandar o perdão no dia e no acto do supplicio, mas em vez d'isso, foi para a sua quinta de Santa Cruz... e os Maçons que o haviam elevado ao throno do Imperio, tiveram por premio a morte affrontosa d'uma forca!!!

Não foi com menos despotismo que elle dissolveu a assembléa constituinte, com artilheria assestada ás portas do edificio, do qual saltaram pelas janellas os deputados mais patriotas, um dos quaes (Andrade) teve a coragem chistosa de saudar uma das peças dizendo-lhe: «*Eu vos obedeço Soberana Senhora*»!!!

Basta, perdoemos-lhe o resto immenso dos seus desatinos!!!

Bastará, e nunca poderemos ser arguidos de mentira, porque a maneira desabrida, e insultuosa com que elle foi expulso do Brazil, sobejamente prova a veracidade do que affirmâmos!!

Tão pouco nos arrogamos da originalidade da noticia... muitissima gente sabe estas verdades, que o servilismo dos cortezaes, e a infame politica dos ordeiros encobre aos povos!!

(1) A ex.^{ma} condessa d'Avilhez!!

Ninguém creia pois que registramos aqui estes factos por injuria, ou desforra... juramos em nome da patria, e de Deus, que é só por amor da verdade, e da causa que defendemos !!

Nunca nos importou com pessoas... mas sempre com a santidade dos principios !!

Quereis a prova?... Eil-a... Nós, e muitos que no Brazil ajudámos os brazileiros na sua justa revolução contra D. Pedro, entre elles o barão de Francos Fernando de Mesquita Solla) viemos logo obedecer a sua dictadura na Europa!!! Seguimol-o para Inglaterra, e França até entrar no Porto, e combatermos debaixo das suas ordens !!!

Sacre-santa liberdade... unico bem dos homens n'este mundo... só tu podes ser o thaumaturgo verdadeiro dos povos, porque só tu podes obrar estes milagres politicos !!!

Nós o vimos no Porto ser corajoso nas horas da afflicção... alçar o machado, e cortar pinheiros... cavar com a enxada... encher alcofas de terra para as trincheiras... puxar pelas guindas para collocar os murteiros... correr activo aonde a sua presença era necessaria para animar o soldado... Sem distincção, nem cerimonia s'assentava nos bancos de pedra no passeio da Lapa... nada lhe negamos—nem a sua cortezania para com os povos, nem a sua efficacia e valor no commando das phalanges liberaes !!

Mas ah! Quando havia conseguido, senão tudo quanto quiz, ao menos quanto pôde... tambem o vimos na noite desastrosa de 29 de maio de 1834, no theatro de S. Carlos insultar de—Canalhas—aquelles mesmos que expõem seus peitos ás balas, tinham ajudado com estremado valor a collocar a Rainha sua filha no throno por uma escadaria d'ossos portuguezes, sem outra alcatifa do que o sangue d'elles, espadanado sobre as ruas e calçadas de quasi todas as cidades e villas do malfadado Portugal !!!

Deixemos D. Pedro? Deixemos... elle voltou opportunamente ao seio da terra... lá jaz incorporado na massa commum, d'onde saem, e aonde voltam todos os seres... Mas lá tudo é silencio... o tudo é nada... só nós podemos cá fa-

zei que elle seja ainda alguma cousa na historia... é por isso que n'este opusculo lhe consignámos o que elle teve de louvável... perdoámos-lhe muito... mas não quizemos negar aos povos o verdadeiro desengano do que são os Reis !!!

Continuaremos a nossa já cansada tarefa... Deixemos os tyranos? Ainda não... Venha ao nosso quadro esse ultimo tyrano da França... O rei que subiu das barricadas para o throno, amparado nos braços do povo, por uma escadaria d'ossos francezes, maior ainda do que aquella por onde a Rainha Maria Segunda subiu ao throno de Portugal...

Luiz Filippe... E não era esse homem o mais adaptado para ser rei? Assim parecia...

Tinha soffrido pela liberdade... ganhado em paiz estrangeiro o pão da dôr á custa do seu trabalho... lido no livro da experiencia as conveniencias sociaes dos povos... versado nas sciencias humanas... perseguido, e reconciliado com a realza, mas sempre suspeito a ella... A França, e o mundo viram n'elle o melhor dos reis populares !!!

E que succedeu? Fitae bem vossos olhos n'este infame tyrano, e vereis n'elle o que? O ingrato ao povo... o sacrificador da Polonia... o mais pequenino e miseravel dos tyranos... o agente d'elles em toda a Europa, e fóra d'ella... (1) O enredador das nações... o oppressor dos povos... o ladrão da França... o ignobil somitego, até comsigo mesmo... e finalmente o deshumano, e ambicioso interventor que obrigou os traiçoeiros governos da Inglaterra, e da Hespanha a virem roubar-nos os nossos direitos, e liberdades quasi victoriosas, para dar um triumpho ignominioso á tyrania cabralina !!!

Eis aqui está o que são os Reis...

Eis aqui o seu character...

E eis aqui porque a França não quer mais reis... Assim fica respondida cabalmente para desengano de todos os homens, e de todos os povos a nossa primeira pergunta a pag. 3... A'vante...

(1) Mahomet-Alli quando soube da queda de Luiz Filippe—cahiu rapidamente em demencia...

SYNCHRONISMO 2.º

UM POUCO ANTES DE D. MARIA 2.ª REINAR...

Il faut en convenir, usurper après cela le titre sacré de libérateur c'est ajouter la dérision à l'outrage!!!

«L'influence Anglaise» pag. 31.

Depois de haverem sido tyranos, assumirem o sagrado titulo de Libertadores é ajuntar a irrisão ao ultrage!!

Uma grande questão politica se prepara, e s'agita... a tenacidade dos contendores os torna terriveis... são tres tyranos; um empolga a victima... dous a espiam para a empolgarem depois da morte d'aquelle... A victima é Portugal... são os portuguezes!!!

Malfadados, elles detestam os tyranos, mas não os podem combater, porque não pegaram da sua cruz, nem se uniram em espirito, e verdade para triumpharem da tyrania de todos!!

Nenhum d'elles tem justiça, nem razão, e ainda menos piedade... razão e justiça só assiste á desditosa victima... O tyrano que n'ella ceva ainda sua sordida ambição, promettera-lhe de a libertar (1) mas elle s'approxima dos umbraes da morte... já lhe divisa o mirrado espectro... enregela-se de susto, e conserva-se indeciso... não cumpre o que promettera, e vacilla a qual dos dous tyranos—dous filhos—entregará os restos da sua presa!!

O mais velho tinha-lh'a dividido, e assenhorado-se da parte mais rica... O mais moço impaciente por lhe apanhar os restos, tinha-o pretendido assassinar, ou arrancar-lhe o poder.... assim era punido em vida um tyranno que soffreu dos filhos o mesmo desgosto que elle havia feito soffrer a sua propria mãe!!!

A malicia ministrava pretextos a cada um dos tyranos... a malicia era o seu agente... mas a malicia tambem

(1) João sexto na queda da Constituição de 1820 prometteu dar outra; não a deu.

penetrou na victima... Miseros! Os portuguezes também se dividiram... e que succedeu então? Tudo foi obra da malicia... Cada tyrano, qual ave agoureira, arranjou o seu ninho, e tratou da sua ninhada!!

O tyrano pae esqueceu mais depressa a separação do Brazil, do que a pertença desnatural de ser assassinado; puniu esta com a deportação airosa do filho mais moço, e lisongeando-se com o pomposo titulo d'Imperador decidiu-se a favor do mais velho... valeu-se mesmo das nigromancias da diplomacia, para lhe dar direitos e qualidades que elle havia perdido... o tratado de 19 d'agosto de 1825 que reconheceu D. Pedro por principe, e herdeiro de Portugal, foi o sello fatal de tantas arbitrariedades, e trapacas... porquanto!

D. João sexto fôra perjuro, quebrantando o pacto sanctoral de 23 de setembro de 1822, por elle acceito, e solememente jurado!!

D. Pedro tornára-se inimigo dos portuguezes, e estrangeiro voluntario do seu paiz natal!!

D. Miguel... era filho de D. Carlota... o assassino do marquez de Loulé... não o foi de seu pae porque não o deixaram ser... D. Miguel, emfim, era já o que foi quando Rei!!

Na presença d'estes factos luminosos, quem não vê que só a nação tinha o direito de instituir um novo chefe por ser esse o seu direito publico escripto, (1) confirmado pelos factos?!

Mas a nação... porque não usará ella dos seus direitos??

Porque—desgraçada victima—proclamára a sua liberdade na cidade do Porto a 24 d'agosto de 1820... e decorriam apenas mil e doze dias, quando o perjuro João sexto, em Villa Franca a 2 de junho de 1823, reassumira os seus chamados inaufereveis direitos!!!

D'alli—puxados os coches pelos relapsos servís de Portugal, entrára em Lisboa, como Vitelio, ás costas de relaxados servís em Roma!!!

Assim foi a nação de novo escravizada... mas, (pheno-

(1) Apud Lusitanix regnum, legitimam residere protestatem, instituendi, et destituendi regem, quoties necessitas, et utilitas publica regni id postulaverit &c. F. V. G. pag. 16.

meno tão raro, quanto verídico)—quando tinham decórrido outros mil e doze dias do novo despotismo; em 10 de março de 1826 veio a morte, e puniu o perjuro... parece que a Providencia não quiz que a duração d'esta nova tyrania excedesse á duração que havia tido a liberdade suffocada!!!

A morte do tyrano verificou a divisão funesta da victima...

Dois partidos se agglomeram, e se affrontam—O Servil—e o Liberal... ambos ficam apathicos, e apparentemente socegados!!!

Não se convidam, nem se convenciam para estabelecerem uma nova epocha—uma nova nacionalidade—uma nova dynastia... era a primeira necessidade... a verdadeira regeneração!!!

Pelo contrario, nenhum pôz em duvida a legitimidade que os estratagemas da diplomacia, e as arbitrariedades do defunto Rei haviam recobrado para D. Pedro!!!

Tudo foi obra da malicia... cada um dos interessados se entretinha em suas proprias esperanças!!!

Depois da participação official da morte d'El-Rei—o partido servil enviou a D. Pedro em deputação—o duque do Cadaval, e o seu secretario Francisco Euleuterio de Faria e Mello!! (*)

Este partido (o da aristocracia) accitava D. Pedro despotico... eram essas todas as suas esperanças e desejos!!

O Liberal (o do povo) contentava-se em esperar as resoluções do novo Rei, a quem João Carlos Saldanha prestára n'esse tempo os maiores serviços, participando-lhe todas as occurrencias em Portugal!

Bem soube D. Pedro que só a sua vinda a Portugal atalhava as difficuldades, para empolgar de novo a corôa, mas os brazileiros oppunham-se á sua sahida do Imperio...

A má conducta anterior d'este principe—e ainda mais, o plano d'alguns generaes hespanhoes que se lembraram de o instituir Imperador da Peninsula, foram motivos efficacissimos de desconfiança, e da resistencia dos brazileiros!!

(*) Foi o duque de Lafões.

D'aqui a necessidade de dar a Carta, que outorgára... d'aqui, a necessidade d'abdicar... Dou por sua alma o que não podia haver... nem a neta de João sexto, guardada a ordem da successão, necessitava da abdição de seu pae para ser Rainha!!

A Carta outorgada por D. Pedro foi o pomo da discórdia... o partido popular acceitou-a por ver n'ella o meio de conseguir a liberdade... o partido servil irritou-se com ella, e D. Miguel enfureceu-se tanto, que não obstante ser nomeado regente pelo fatal decreto de 3 de julho de 1827, arrojou-se a todas as tentativas do prejuizo!!

Mas a malicia que tinha dividido os dous tyranos, tambem dividira o povo, e o exercito... entretanto a presença e o nome de Stuart, portador da Carta, e as vantagens que em Coruche, Pontes do Prado, e da Barca, tinha alcançado a parte do exercito commandada pelo conde de Villa-Fôr, sobre a que commandava o marquez de Chaves tinham imposto silencio, por algum tempo ao partido Servil!!

Não se persuada alguém de que o Villa-Flôr, hoje duque da Terceira, combatesse n'aquellas batalhas a favor do povo, porque mais tarde, em 1827, quando o povo quiz sustentar no ministerio o general Saldanha, o mesmo Villa-Flôr d'espada na mão á frente da guarnição de Lisboa carregou o povo chamando-lhe canalha!!!

Esta vilissima, não esperada conducta... e a perseguição que posteriormente lhe fez D. Miguel, dão provas claras de que não era ao povo, mas só a D. Pedro, que Villa-Flôr rendera os seus serviços!!!

Do mesmo modo Saldanha, que em Carta de 5 de janeiro de 1828 instava com D. Pedro para que apparecesse em Portugal, se não queria perder o throno para si, e para sua filha!!

D'este modo a Carta Constitucional, não só fôra o foco das discordias em Portugal, mas compromettera D. Pedro para com os tyranos de Santa Alliança!!

Além d'isto os erros, e a tardança de D. Pedro em mandar sua filha á Europa, deram tempo a que o partido

Servil auxiliado pelo jesuitico absoluto, elevasse D. Miguel ao throno!

Este facto consumou-se em 23 de junho, e foi confirmado em 11 d'agosto de 1828, por uma assembléa sediciosa, na qual, nem por decencia, se consentiu levantar-se uma voz para advogar os direitos de D. Pedro reconhecidos dentro o fóra do reino!

A Rainha sómente appareceu em Gibraltar a 2 de setembro de 1828, acompanhada do marquez de Barbacena, Felisberto Caldeira, e da condessa de Itapagipe, na fragata *Victoria*!

Por este tempo já a tyrania de D. Miguel tinha enchido as enxovias, e as masmorras de presos... mais tarde se levantaram as forcas, e até se accenderam fogueiras (1) !!!

Viu-se então por um lado a baixeza e servidão dos juizes em pronunciar as victimas... por outro, um bando de testemunhas, e agentes da mesma laya, em toda a parte os mesmos... immoraes, e desacreditados do mesmo modo que acontece na actual tyrania sucessora d'aquella!!!

A perda da revolução no Algarve com a morte cruel do major Catheau-Neuf... a inaudita tyrania do general Palmeirim que terrorisou todo o Alemtejo... a perseguição que desenvolveram as classes inferiores de cada povo, impellidas pelo furor do fanatismo religioso... A Belfastada no Porto—ou a vergonhosa fuga dos generaes do exercito que sustentava D. Pedro... o desalento emfim, nascido da impericia, e da irresolução dos chefes do partido Liberal, deram de todo o triumpho a D. Miguel !!

O partido Servil entornou então toda a cólera da sua vingança sobre os liberaes... essa vibora hespanhola, D. Carlota Joaquina, queria vêr nas forcas vinte mil cabeças... Crearam-se alçadas... ergueram-se cadafalços, e o sangue das victimas lavou as ruas e as praças!!!

Desde o chamado Rei até o ultimo de seus agentes se

(1) Na praça publica de Beja morreram queimados o dr. Madeira de Serpa, Fr. Joaquim Lopes, filho de Romão Lopes Bayão, e um alfaiate, por ordem do corregedor Diogo Noranha!!!

formou uma turba-multa d'assassinos... uma aviltante marca de giz branco—M—lançada sobre as costas do viandante designava mais uma victima para os quotidianos festins do martyrio!!!

Emquanto D. Miguel perseguia assim os portuguezes—D. Pedro tyranisava os brazileiros de maneira que provocou a famosa revolução de 6 d'abril de 1831, que o expulsou do throno do Imperio!

Deve saber-se, que D. Pedro quiz formar dous batalhões dos setecentos emigrados que estavam no Rio de Janeiro... honra a todos elles que (com raras excepções) resistirão á tyranica, e aleivosa pertençaõ de armar os homens victimas da liberdade em Portugal, para com elles encabruñar a liberdade do Brazil!!

Não lhe foi isso possivel, até por que os brazileiros foram desde logo tão generosos e compassivos com seus irmãos os portuguezes, quanto D. Pedro fôra avaro, somitego, e indifferente!!!

Mesquinho! Quando a generosa marquezã de Santos promovia uma subscripção para a qual, cada um dos titulares se preparava com dous, e mais contos de réis.—D. Pedro subscreveu na frente dos assignantes com um só conto em moeda papel, estorvando assim a generosidade dos subscriptores que forçosamente se regularam pela assignatura d'elle!!!

Propôz ás Camaras que subsidiassem os emigrados... as Camaras declararam que não deviam onerar o thesouro com despesas em causa alheia, e que a elle só pertencia dar subsidios aos defensores da causa de sua filha!!!

Nem assim o faz... concedeu então tres loterias cujos bilhetes se vendiam por piedade, e attençaõ aos emigrados, dos quacs muitos soffreriam a fome, e a nudez se não fossem tantos os soccorros que os brazileiros prodigalisavam!!

Deixemos já este episodio para voltarmos á nossa verdadeira tarefa.

Expulso D. Pedro do throno, e do terreno brazilico, chegou á Europa, acceitou os votos dos liberaes, reuniu-se a elles na Ilha Terceira, e emprehendeu briosamente a expedi-

ção com que surgiu a 8 de julho de 1832 nas praias do Minello, entrando a 9 na cidade do Porto!!!

A liça que o tyrauo pae deixára aberta, está occupada pelos dous tyranos filhos... qual d'elles empolgará a victima?... Misera!... Tu serás depois o ludibrio do vencedor!

Um é o symbolo da realenza despotica... outro, o é da realenza representativa... a primeira tem uma immensa multidão de soldados escravos... a segunda quasi ninguem...! mas acobertada com o timbre da Liberdade, acaricia, e anima os galhardos defensores d'ella... já se combatem!!!

Penafiel a 19 de julho de 1832 ouviu os primeiros tiros, e viu derramar o primeiro sangue... a 22 retumbaram em Valongo os tiros do canhão levado a mais de meio da Serra... Lá perderam as vidas muitos valentes de caçadores n.º 5... muitos outros formaram a lugubre procissão dos feridos e agonisantes!

No 1.º d'agosto combatia-se em Grijó... No desgraçado dia 7, em Souto Redondo, um general menos que um sargento, quasi que perdera de todo os recursos, e os louros do exercito liberal!!!

A Serra do Pilar soffreu o combate a 8 de setembro, e os tiroteios até o dia 16... na sortida d'este dia, e nos continuados tiroteios de 17 até 28, se conheceu logo a tenacidade da lide!!

A famosa acção do dia 29 juncou de cadaveres a China, o Fojo, e outras circumvisinhanças do Porto, mas abriu a porta ás victorias que se seguiram, a saber:—No formidavel combate da Serra do Pilar a 14 de outubro, e nas sortidas de Villa Nova a 14 de novembro—das Antas a 17—a do Carvalhido a 28—e a do Candal a 17 de dezembro que rematou a campanha de 1832... Manes dos valentes Negrões, que no dia 29 de setembro morrestes na bateria da Longa... Surgi, e vinde vêr como a realenza ingrata paga vosso sangue, e vossas mortes!!!

A campanha de 1833 consistiu na sortida ao Monte do Castro em 24 de janeiro.—Na famosa acção do Pasteleiro a 4 de março.—Na Foz a 24 do mesmo mez.—Nos ataques, e

defezas dos dias 9 e 10 d'abril.—No tiroteio do Covello no dia 11.—Na acção de 5 de julho no Porto.—Na de Beja no dia 9.—Na de Cacilhas no dia 23 que abriu as portas de Lisboa a expedição que desembarcára em Cacella no Algarve.—Na do Porto a 25 do mesmo julho.—Na de 18 d'agosto no Porto.—Nas acções em Lisboa a 5 e 14 de setembro—e nas dos dias 10 e 11 de outubro.—Na de Grijó a 31.—Na desastrosa, e para sempre lamentavel acção d'Alcacer do Sal em 2 de novembro.—Na da Barroca d'Alva a 14.—e na da Arioza com que se fechou a campanha d'este anno!!

A campanha de 1834 abrangeu a acção de Pernes em 30 de janeiro—a d'Almoster a 18 de fevereiro—as do mez de março que foram nas Rilvas a 2; Val da Matta a 20; Serpa a 24; e Santo Thyrso a 26.—Nas do mez d'abril que succederam na Lixa a 2; Setubal a 12; e S. Bartholomeu de Missines a 24; e finalmente nas de maio que se deram em Faro no dia 5; em Olhão a 9; e na Asseiceira a 16; o resultado fatal de tantas lides, eil-o ali vae.

OFFICIAES

Mortos no campo 104

Feridos 513

Prisioneiros e extraviados 37

Fallecidos nos hospitaes 83

Total dos officiaes 737

INFERIORES

Mortos no campo 91

Feridos 351

Prisioneiros e extraviados 45

Fallecidos no hospitaes 139

Total dos sargentos e furriets. 626

CABOS, ASPEÇADAS E SOLDADOS

Mortos no campo mais de 2:000

Feridos mais de 4:000

Prisioneiros e extraviados. 4:000

Fallecidos nos hospitaes 3:000

13:000

Total geral, homens 13:363

Além d'estas victimas no exercito liberal, houve um numero immenso d'outras que expiraram nas forcas—nas enxovias—nos desterros, e muitas que se mirraram de fome—e infinitas outras mortas pelo ferro assassino dos povos fanatisados em nome da religião e dos Reis... Eis aqui a verdade dos factos... Eis aqui a conducta verdadeira d'esses que vestem a purpura da realleza, e a quem vós com tanta fidelidade, não merecida, haveis defendido, e chamado Senhor... Rei... e Libertador...

Fatal cegueira... fatal desgraça é por tanto a dos homens, quando chamam seus Libertadores, aos que teem tyranisado os outros homens, só porque professam contraria politica, ou diversa religião!!

Homens do partido de D. Miguel! Que vistes n'elle, senão o mesmo que vedes em todos os Reis? Não foi elle o oppressor tyranico dos que não pensavam como elle, e como vós?!

Homens do partido liberal, D. Pedro! Que vistes n'elle, senão o que vedes em todos os dynastas? O que foi elle no Brazil senão o tyrano de seus subditos... e o verdugo dos portuguezes, que não obedeceram a seus despoticos caprichos?

Que foi elle em Portugal senão o oppressor dos que não pensavam como elle... ou dos que não eram do partido de sua filha... que fôra o seu, porque não pode ser outro??! Ah! não teve tempo... quem sabe... honrou-o a morte, para ficarem menos mal vistas as suas cinzas!!

Desmaginêmo-nos portanto... forçoso nos é reconhecer (verdade eterna) que os Reis todos são o mesmo... que a rea-

leza é synonymo de tyrania... e que D. Pedro e D. Miguel eram irmãos... e talvez mais irmãos na realeza!!!

Desharmonisára-os a ambição, mas quer um, quer outro fraternizavam com os outros Reis... quer um, quer outro aspiravam a ser Divindade na terra, por graça de Deus no Céu!!!

Do que temos dito, fica evidente, que todas as realezas fraternisam para sermos a sua herança e patrimonio... e que todas se esforçam para nos conter em dura, e não devida obediencia—a escravidão!!

E que nos resta?! Fraternisarmo-nos tambem para nos libertarmos de tão vergonhosa posse!!! Fraternisemos, sim, oh portuguezes! Recobremos para sempre nossas liberdades... tratemos do nosso bem estar social... entremos em accordo commum... sejamos homens em vez de partidistas, ou escravos!!!

Abandonemos essas quimeras da legitimidade... da realeza... e da Soberania... Soberanos legitimos só o são os povos... o povo em Portugal somos nós todos os que formamos a grande sociedade portugueza... Eil-a... ávante todos!!!

E Maria segunda? Examinemos o caracter da sua realeza... E se fôr como a de todos os Reis!! Façamos justiça... dêmos-lhe o que fôr seu, e fiquemos com o que fôr nosso!!

A'vante...



SYNCHRONISMO 3.º

REINADO DE MARIA 2.ª

La bonne foi ne doit plus être l'augus
attribut de la royauté.....

La main qui presente l'olive de la paix
aux independans, est la même qui les arme
du fer de la reyolte....

«L'influence Anglaise» pag. 4.

A realeza já não pode ser como fôra, o
symbolo da boa fé... a mão com que
mostra aos povos a palma da paz, e a
mesma com que os arma para a discordia,
e para a guerra!!! A realeza enreda tudo,
é mentirosa... é ingrata!!!

Palavra de Rei não torna atraz. Este proverbio era o
de todos os povos; a maior parte d'elles respeitavam a realeza
só por estas qualidades boas, e esqueciam-lhe as más!!!

A realeza porém depravou-se... prostituiu-se... falsi-
ficou-se... Rainhas e Reis se tornaram tyranos, devassos e
mentirosos... a realeza emfim que fôra um principio quasi
geral de todos os governos, degenerou em tyrania geral para
todos os governadores!!!

Os povos não podem por isso respeitá-la... não querem,
nem devem obedecer-lhe... a realeza é pertinaz, os povos
não o são menos, e para o futuro sel-o-hão mais... por toda a
parte se rejeita, e se repelle a realeza por tyranica!

A França libertou-se da realeza de Carlos X em tres
dias... nós em mais de tres annos, mas tambem nos libertá-
mos da realeza de D. Miguel!!

Destronamol-o, e quizemos, como a França, fundar um
futuro social... um systema de liberdade... mas não quize-
mos nunca liberdade d'um dia... d'uma semana... d'um mez,..
de um anno!!!

A França de 1830 conhecendo já então, que a realeza
estava safada, e pervertida, quiz uma Republica... Lafayete
apontou com o dedo para Luiz Philippe, e disse á França!

«*aqui tendes a melhor das Republicas...*» A França acreditou que ficava com uma nova dynastia monarchico-democratica!!!

Portugal tambem queria, recobrar o regimen constitucional que a realza lhe roubára em 2 de junho da 1823... D. Pedro indicou sua filha D. Maria da Gloria, e disse aos portuguezes... «*aqui tendes uma Rainha Constitucional...*» ainda mais... «*aqui tendes as condições com que será Rainha...*» e estipulou a Carta!

Portugal viu em D. Maria da Gloria a melhor das Rainhas, como a França vira em Luiz Filippe o melhor dos Reis!!

Ainda innocente... victima infeliz dos caprichos de seu pae... suspeita á realza de seu tio... mendigando em paiz estrangeiro, não o pão da dôr, mas a clemencia dos imperantes... parecia ser tão adaptada para Rainha, como Luiz Filippe por quasi eguaes razões parecera para Rei!

E que succedeu? A França e Portugal foram burlados... já d'antes o eram... sempre o foram: essa tem sido constantemente a sorte geral das nações!!

D'ellas, não nos occuparemos agora... tão pouco da França... a sua recente historia ali está sujeita aos olhos do ultimo dos homens... a sua regeneração vingada, e o seu tyrano punido!!

Houra e gloria á França, que assim exemplifica a todos os povos a veracidade d'essa Republica d'amor e fraternidade, traçada—no justo sublime de Platão... enunciada por Jesus divino, e misericordioso... e estabelecida hoje por esses novos Titos luminosas lampadas dos povos!!!

Voltemos ao desditoso Portugal... E a Rainha?? Ah! Bem quizeramos nós sómente dizer mal das cousas, e não censurar das pessoas... mas desgraçadamente as cousas estão ás vezes tão intimamente ligadas com as pessoas que não é possivel abstrahil-as!!

Enunciamos factos... quem sabe se instauramos um processo?... Seremos n'elle mentirosos? Deus, e o mundo sabe que não!!

Seremos blasfemos? Tambem não... nem como Gracho

descreveremos a Tullia, as rectas do sitio das Necessidades, ao do caes do tojo!

Então seremos fracos, e calaremos a verdade para cedermos ás conveniencias da politica?... Deus nos livre... a verdade será a palma do nosso martyrio physico, como o tem sido do nosso martyrio moral!!

Se a realza nos punir... se os satélites d'ella folgarem com isso... se os enfrenhados em aristocracia nos stigmatizarem... e se finalmente alguns de pensamento reservado com os olhos ainda na mira de serem governo, se resentirem, e nos censurarem... a todos desde já responderemos...

«O aguilhão mais poderoso da verdadeira honra, e da «virtude, é o viver depois da morte... é prolongar a existencia além dos limites naturaes.» (1) Assim pensavam homens verdadeiros amantes da virtude... Philosophos livres, desde as mais remotas eras... prezamos a virtude!!!

Mas a Rainha? Ah! para desgraça nossa, não sabe ella conhecer quanto amor, e sacrificios deve aos portuguezes... e para desventura sua, obstinada na iracundia do seu genio, não avalia a enorme perda d'esses sacrificios, e d'esse amor!!

Não trataremos pois (e tarde fôra) de provar radicalmente a bastardia, e a illegalidade de todos esses decretos desde 16 de dezembro de 1815, pelo qual a monarchia portugueza fôra refundida em Reino unido de Portugal, Brazil e Algarve...

O de 19 d'agosto pelo qual contra todos os direitos, e decôro da nação fôra reconhecido por principe, e herdeiro da corôa portugueza, o Imperador do Brazil, general, commandante do exercito inimigo (2) veja-se a nota infra para tirar duvidas a quem as tiver...

(1) Cette noble ambition, qui caracterise les ames fières, et qui est le plus puissant aiguillon de la vertu avait pénétré ces coeurs genereux, et dignes d'une autre vie assez profondément, pour se realiser en eux, et leur persuader qu'ils joviраient sous la tombe des honneurs qu'on rendrait a leur memoire... «Lucret, de rerum nat. Not. 10—a pag. 248».

(2) Não somos nós aquelles mesmos brazileiros que proclamaram sua independencia, que combateram os portuguezes, e expulsaram do seu territorio quatorze mil soldados?? «Procl. de D. Pedro ao exercito em 23 —Noyembro—1825!!!»

O de 15 de novembro do mesmo anno pelo qual, D. João sexto abandonou a melhor parte da monarchia... Pois todos estes, e muitos outros decretos, e tratados excediam a auctoridade do Rei!!

Menos ainda insistiremos em provar que D. Maria 2.^a, de facto, o direito era brazileira, com o titulo de Princeza do Grão Pará... mas diremos...

Que a monarchia Luso Brazilica foi dissolvida por D. Pedro no Brazil em 1822... e em Portugal por D. João em 1825.

Por esta dissolução, e infeliz alienação, quem não vê que tambem ficaram alheios ao throno portuguez os principes, e princezas da casa de Bragança, imperando no Brazil, em guerra aberta com Portugal??

Não trataremos, finalmente de tudo quanto se decretou, durante a lide da liberdade, contra a realza de D. Miguel... porque fora tudo obra da necessidade...

Mas a necessidade não é causa honesta e legitima de proceder... bem o sabemos; mas ha certas necessidades que estão mesmo na natureza das cousas...

Tal foi o decreto de 19 de setembro de 1834 pelo qual a Rainha fôra declarada—maior—antes de tempo, e contra a letra expressa da Carta, ou lei fundamental... e que admiral

A Carta que o partido liberal opportunamente acceitára, como ancora de salvação para o systema Constitucional, tornou-se então, como agora o é, a alavanca com que mãos impuras, sordidas, e servis, trabalhavam para alluir o edificio social, sujeitando tudo á realza... á escravidão!!!

A famosa, a justa, a generosa revolução de setembro de 1836 collocou a nação na situação politica de poder adoptar uma qualquer forma de governo, e instituir um novo chefe de poder... Eis o ponto de partida para o nosso assumpto!

Os portuguezes do partido liberal consagravam suas sympathias a D. Maria 2.^a... mas seu amor não era tão desinteressado, que prescindisse de conveniencias!!...

D. Pedro tomara uma parte activa na lide... mas não podia triumphar sem o auxilio dos liberaes... trabalhava para

sua filha... ou para si... Os liberaes tambem não venceriam a sua causa sem o auxilio de D. Pedro... a necessidade, e as conveniencias, foram todo o fundamento do seu pacto, as condições eram tacitas, mas entendiam-se bem!!

A realza de D. Miguel foi vencida... D. Pedro morreu... e a liberdade triumphou mais candida, no Campo d'Ourique em 9 de setembro de 1836!!!

A nação no livre exercicio dos seus direitos, soube conciliar todas as conveniencias da situação... Esqueceu o Principe que no mesmo dia se rebelára contra seu pae, e seu Rei... e contra o paiz em que recebera a luz e a vida!!!

Não olhou para as leis que se atropellavam em receber para Rainha uma Princeza estrangeira... viu só esse throno liberal que se lhe promettera, sobre as ruinas do despotismo... a nação pois reflectiu, e deliberou que a fórma do governo fosse monarchico-constitucional... e que fosse eleita Rainha a Princeza do Grã Pará, irmã do Imperador do Brazil!!!

Satisfez assim aos deveres da gratidão para com D. Pedro pela sua coadjvação na lide... preencheu suas sympathias, seus desejos, e seu amor para com Maria 2.^a, e conciliou os interesses nacionaes nas medidas que adoptára para a nova administração, e gerencia dos negocios publicos do infeliz Portugal!!!

Rainha verdadeiramente eleita... aclamada pelo povo, e pelo exercito, subiu D. Maria 2.^a em 10 de setembro de 1836 ao novo throno portuguez democratico, pelo voto soberano, independente, e livre da nação... mediando a accettazione reciproca da Constituição de 1822 para ser modificada pelas côrtes constituintes que assim o cumpriram em 1838!!!

Eis o pacto solemne da nação com a Rainha... aceito, e jurado por ambas as partes... Quem o quebrantar é prejuizo!!!

Ditosa pois fôra a nação... afortunada a Rainha, e pacifico o seu reinado se este pacto fosse guardado!!!

Bem longe d'isso... forçoso é dizel-o... foi a Rainha a primeira a conspirar contra elle!

Esquecida das finezas d'um povo que por espaço de seis annos tragára constante o fel da tyrania... d'um povo que

pôr entre montões de cadáveres lhe abriu caminho para o throno em que se assentaram seus avós...

Esquecida do sangue que fizera derramar... das vidas que fizera perder... de trinta milhões de cruzados (1) que fizera gastar. Concluída com o tartufo Renduffe, e com o temulento duque da Terceira, no dia 4 de novembro abandonou sua residencia do palacio das Necessidades, para ir revolucionar-se no do Picadeiro em Belem...

N'este dia fôra inopinadamente violado o territorio portuguez, pelas tripulações armadas da esquadra britannica, que saltaram na Junqueira com artilheria para metralhar os portuguezes!!

Mulher stalta, e ingrata, não te recordas que os portuguezes são os que te elevaram ao throno?? Cega! ou não o erê... ou não tem coração!!!

Mas tem... Ella, além do pequeno partido armado que a seguiu, chamou os empregados do estado... alguns cederam ao chamamento... outros julgaram do seu pundonor apparecerem aonde estava a Rainha, e lá foram!!!

Lisboa então alçou a frente... e deu um grito... A Belem... Repercutiu o grito em todo o Tejo... e as serras da margem opposta repetiram... a Belem... o grito e o movimento foram tão rapidos, quanto unanimes!!!

No dia 5 appareceu no Campo d'Ourique a valente e brilhante guarda nacional, e toda a população armada... A Belem era o grito geral!!!

Já os batalhões nacionaes e o povo se encaminhavam sobre a ponte d'Alcantara... O honrado conselheiro Luiz José Ribeiro Saraiva fôra enviado do povo... mas nada obtivera, ficou retido no Paço!!!

Os escravos da realza confiavam nas forças inglezas... mas os inglezes levaram as artilherias, e voltaram para as suas embarcações...

Collocadas estavam ellas sobre terra, em ordem de po-

(1) Veja-se o relatorio do ministro da guerra Agostinho José Frêre em 1834.

derem metralhar as forças populares que entrassem no largo de Belem!!

A crise cresce... é já imminente... A Rainha, e alguns maus conselheiros lembram-se de ir para uma náu ingleza...

Um fidalgo honrado, o marquez de Sampaio grita affictivo á Rainha, e lhe diz:—«Senhora pense no que faz, considere que se arrisca a perder a corôa!!»

Fica indecisa... o povo já avança de Alcantara... então o preclaro conde de Avillez por um rasgo de gentileza, e dedicação, atravessa o campo inimigo entra no Paço... e separando-a dos conselheiros que a cercam—salva dos perigos a Rainha, e simultaneamente a corôa!!!

Em guarda do illustre general volta a Rainha aclamada de novo como no dia 9 de setembro, e acompanhada de mais de trinta mil guardas nacionaes, e povo immenso, entra no palacio das Necessidades!!

Sendo um dos nossos assumptos (n'este opusculo) mostrar o character dos Reis, e de cada um d'elles, não podemos dispensar-nos de manifestar aos portuguezes, e a todo o mundo as seguintes verdades...

No amargurado conflicto que deixamos escripto, o primeiro cuidado da Rainha foi perguntar pela sua cadelinha... e em seguida exclamou... Graças a Deus que já posso ir ao theatro de S. Carlos!!!

Maldito seja de Deus e dos homens quem se apartar da verdade, principalmente nos assumptos de que tratamos!!

Os cuidados da cadelinha e do theatro foram o menos... o mais foi a frescura com que voltou para o Paço, deixando todos os seus cumplices na revolta á mercê dos populares!!

Viu e passou com indifferença por cima do sangue dos soldados da marinha, que o haviam derramado no unico incidente sanguinoso d'aquelle funesto dia... e por cumulo da insensibilidade estigmatizou ella mesma, e amaldiçoou os miseros servis que cooperaram na sua obra!!

Aqui tiveram os portuguezes a primeira amostra publica do character da Rainha... e ella o primeiro preludio da sua boa fortuna... os portuguezes perdoaram tudo!!

Em 1789 Luiz XVI sae de Pariz para Varennes... despenhou-se do throno, mas cahiu no cadafalso!!

Em 1830 Carlos X deixou Pariz e foi para Rambouillet... despenhou-se egualmente do throno, mas cahiu no exilio!!

Maria 2.^a foi mais afortunada... despenhou-se do throno por acinte... e os portuguezes por amor a elevam segunda vez ao Solio!!

E ainda a Rainha duvidará do amor e respeito do povo?... Ainda não se convencerá que o throno em que se assenta é verdadeiramente do povo!!

Dera-lh'o a primeira vez a troco de dôres... suspiros... de sangue... e da morte!!

E agora? Agora o povo imitou o seu general... Avillez esquece as injurias do pae quando Imperador... e retribue salvando a filha dos perigos, a que ella mesma se expozera... o povo esquece a mulher ingrata, que se rebellára... e abraça a Rainha que o trahe, e o sacrifica!!!

Provêra Deus, que n'esta lição dolorosa terminassem a pertinacia da Rainha, e a desgraça dos povos... mas ah! Não succedeu assim!!!

Ainda não decorriam bem oito mezes, já o aguilhão do resentimento excitava no coração da Rainha novas conspirações!!!

Não se desmagina, não crê que deve o throno ao povo... só vê o triumpho dos seus caprichos nas espadas dos marchaes, e quejandos!!

Mulher teimosa, ouve por piedade... (se piedade cabe em teu peito!) e sabe que essas espadas não te servirão senão d'apontar os logares, aonde o povo devia ir combater... derramar seu sangue... e semear seus ossos atassalhados!!

De que te servira mesmo a espada de teu pae, se não fossem os braços valentes, e os corações denodados, dos que arrostaram a morte, para lhe darem, a elle a honra e gloria que havia perdido—e a ti esse throno que elle mesmo havia desconjuntado???

Mas que importam estas verdades?... O engulho de Belem não está elle atravessado na garganta da Rainha?

Está... desditoso Portugal, prepara-te para novos soffrimentos..

A realoza quer tyranisar, por graça de Deus... não quer governar por favor, e á vontade dos povos!!!

A realoza pois conspira de novo... seus agentes já receberam a missão... em julho de 1837 o barão de Leiria dá o grito da revolta na Villa da Barca!!!

Em Estremoz o rude barão de Cacilhas, e o presumido Rebocho, barão de Santo Antonio, accendem o fogo da discordia... O marechal Saldanha sae de Lisboa, e leva por seducção alguns corpos do exercito... pouco depois o duque da Terceira sahio de Lisboa por Queluz... ahi beijou a mão á Rainha, rocebeu as ultimas instrucções, e levou consigo armas. creados e cavallos da casa d'ella!!!

Que mais prova se quer da cumplicidade da Rainha?!

Mais sedentos talvez de dinheiro do que de sangue, (n'aquelle tempo) lá vão os marchaes extorquindo dos cofres publicos o numerario que encontram n'elles!

Em Castello Branco apparece esse homem, tão mentiroso nas palavras que diz, como nas caras que faz... e a 3 d'agosto lá proclama falsamente contra esses mesmos que o haviam sustentado nos balanços da politica... que o haviam engrandecido no conceito, e opinião... que lhe haviam emprestado os seus dinheiros, e apoio para fazer frente á emulação dos amigos de D. Pedro!

Digamos tudo... é tempo d'isso... proclamou contra esses homens honestos liberaes, de quem elle se constituiria chefe de partido... Grão-mestre honorario da Maçonaria... e Grão-chefe Carbonario, para sustentar (dizia elle então) os principios de liberdade, que elle hoje sophisma, aliena, e combate... infame! Defendia-os então, como meio de haver o dinheiro dos outros!!!

Entretanto depois d'algumas excursões, vieram ambos os marchaes ás linhas da capital d'onde foram repellidos!!!

O exercito ainda não era o symbolo do vandalismo,.. ainda se conservavam em serviço alguns generaes timbrosos,.. ainda havia officiaes superiores, e subalternos, que pre-

zavam em mais a honra de bem servir a nação, do que os affagos com que a realza paga ao servilismo!!

O povo emfim ainda estava armado... Todo este jogo de circumstancias... e os successos de Ruivães acabaram d'aniquillar a segunda revolta da Rainha D. Maria 2.^a a quem o povo idolatrava ainda depois do seu primeiro perjurio!!

Qualquer lhe chamaria innocentissima, ao ouvil-a inve-tivar, vociferando contra os ignobeis instrumentos das suas machinações!!!

Miseros! De novo um povo generoso perdôa tudo... e a todos!!

Debelados os marechaes, a Rainha fingiu estigmati-sal-os... decorria o tempo, e fez-se publica a constituição de 1838!

Era ella o resultado das modificações da Constituição de 1822, e da Carta de 1826... Decretada pelas côrtes, com a concorrência de todos os partidos politicos... com attenção aos interesses de todas as classes... jurada pela Rainha, e por todos, que jurar a deviam... applaudida, e acceita por todos os povos do reino, parecia trazer consigo um cunho, e uma nova epoca mais tranquilla, e de mais urbanidade, e se-gurança... Ainda não foi d'esta vez... Não agradou o cunho!!

A mulher que esquecera a morte de seu primeiro mari-do, tão depressa, que aos oito dias depois d'ella—com olhos enxutos—e sem o menor vislumbre de magoa se entregava aos gosos da dança, e outros da vida, e capaz d'esquecer to-das as extremadas finezas da nação... nem ella é já a mu-lher escolhida para ser Rainha... nem para o parecer, ella tem coração... muitos sabem isto... mas calam-se... erro fa-tal... calaes por politica? Soffrereis com paciencia forçada!!!

Não tardou muito esse negregado dia... 13 de março de 1838... o primeiro em que a realza venceu o povo, e a guarda nacional!!

No dia seguinte a Rainha não levou atadas ao seu carro as victimas do seu triumpho, como em Roma os conquistado-res triumphantes... mas triumphante, e risonha andou no

seu côche por cima do sangue das victimas da morte, que juncaram as ruas de Lisboa!!!

Os cavallos d'esse infesto coche pizaram o sangue innocente do povo portuguez... D. Miguel deixava-o nas forcas... Maria segunda leva-o nas patas dos seus cavallos!

Desgraçada! Tiraste de todo a mascara... já não és... nem serás mais soberana por amor... serás tyrana pela força... cahirás do throno, e levarás as joias... as riquezas... tudo... menos a saudade, e as bençãos dos que te obedeceram!!

Quando eras Rainha no nome... quando eras pobre, porque teu pae só te dava cincoenta mil réis (1) de mesada... quando a tua fortuna era relativamente mesquinha... tu lançavas os olhos esperançosos sobre esses que hoje opprimes!!

Vangloriavas-te... quasi que t'o ouviamos, de teres subditos d'outra côr, gesto, e qualidades diferentes dos de teu pae!! Quando lhes davas o pouco, que teu pae te dava... promettias-lhes... já te esqueces?... Promettias venturas mil... brandura... amor... E que lhe dás agora?... o odio.. o desterro... a vingança... a morte... a morte ás escondidas, porque ás claras não t'o consentirão!!

Rainha inclemente! Pensa n'este quadro terrivel, se o leres... consulta o teu coração, se poderes... e quando descortinares as dolorosas consequencias d'elle, não nos crimines por que o descrevemos... Crimina te a ti, por que foi a tua conducta a causa occasional, e a verdadeira origem d'ella!!

Mas ah! Tu caminhas no precipicio que abriste... e nós continuaremos a retratar-te n'elle... seremos verdadeiros!!! A'vante.

(1) Esta mesada no Rio de Janeiro era em cobre... todos os emigrados o sabiam... era publico, e verdade!!!

SYNCHRONISMO 4.º

AINDA REINA MARIA 2.ª

Ubi non este pudor,
Nec cura juris, Sanctitas, pietas, fides,
Instabile regnum est.

SENECA «in Thiest».

Aonde não ha vergonha... aonde
não se respeita o direito... aonde não
ha sanctidade, nem fê, nem piedade, ahi
é o reino da confusão, e da anarchia...

Ou Seneca fôra propheta, ou a Providencia quizera nas eloquentes palavras d'este philosopho, annunciar o turbido reinado de Maria Segunda!!

A nova dynastia d'esta mulher, e a sua realleza fôra estabelecida á custa do dinheiro e do sangue dos povos, deramado sobre as ruinas do despotismo de D. Miguel!

Mas D. Miguel havia declarado guerra ás liberdades patrias, sem nenhuma hypocrisia... os actos da sua realleza eram despoticos, mas praticados ás claras... os povos sofram, mas conheciam a mão que os golpeava!!

A maior, e a mais intoleravel das tyrantias é a hypocrisia desfarçada com a mascara das formulas constitucionaes... esta era a que estava reservada para ser exercida pela realleza de Maria Segunda!!

Mas a Constituição de 1828 estava vigente e forte... seus ministros obravam segundo as leis... seus pensamentos, e seus actos não careciam das sombras do mysterio... Só os governos tyranicos tem necessidade da escuridão das trevas porque são ellas o asylo do vicio e do crime!!!

Attendam os povos... desmagem-se... e creiam, que sempre ha vicio, ou crime, quando o que cumpre fazer ás claras, se torna secreto e mysterioso!!

De repente, e quasi mysteriosamente, contra a espectação universal demittiu a Rainha o ministerio—Saboroso—Julio—Carvalho, decerto, o mais conciliador e economico, que havemos tido depois da possá chamada restauração!!!

E para quê?... para nomear, contra as conveniências parlamentares, e maximas do constitucionalismo, esse ministerio aziago de 26 de novembro de 1839!!

A realeza de Maria 2.^a não estava ainda satisfeita com a primeira victoria sobre o sangue, e os cadaveres que em 13 de maio juncaram as praças e as ruas da capital...

* A Constituição de 1838 fôra a maçã do Eden... ficara-lhe atravessada na garganta... ainda que mesclada com a carta de 1826, tinha pecado original... nascera da Revolução popular de Setembro!!

A realeza que outr'ora submissa, e supplicante, a acceitára, para se saivar do abysmo em que ella mesma se arroja a, agora altiva, mas reservada conspira por derribal-a!!

Não ha fraude, e subterfugio que não se empregue... nem pretexto que não se busque para illudir as leis, e zombar dos povos!!!

Em vez de réinado das leis, estabelece-se o reinado da força... consente-se que esta se transforme em politica, e se introduza nos actos do ministerio... tudo é desordem... de transição em transição, se approxima a epoca de 1842!!

Quasi geral era já o descontentamento causado pela conducta de D. Maria segunda no seu reinado... A politica porém, que adúla os Reis, e lhes disfarça a verdade na variada frandulagem da lisonja... tambem illude, e engana os povos na colorida roupagem da mentira!

E' boa mãe... não tem culpa nos actos da gerencia dos ministros... Ai do povo!!

Negava-se a hypocrisia da Rainha... e outra nova hypocrisia se praticava particularmente por seus ministros... seus d'ella... porque desde 26 de novembro de 1839 não houvera mais ministros, senão da Rainha... nenhum da nação!!

Mas a Rainha necessitava d'um ministro traidor para derribar a lei do Estado... a Constituição de 1838... quem será elle? Foi o Elche politico... o judas dos patriotas... Costa Cabral!!

Lá foi ao Porto; ministro da corôa, abusa da lei para derribar a mesma lei... as outras tyranias derribavam tudo

em nome do altar, e do throno... a de Maria segunda em nome da lei, e da ordem!! Traidor deu o grito da revolta... insurgiu tropas... caminhou contra a capital!!

Mas a capital se levanta... o povo de Lisboa corre ás armas... as tropas que se declaram a favor do povo reúnem no largo do Loureiro... as outras cercam e defendem o Paço... o Paço treme... e a Rainha incerta do resultado, estigmatiza o seu ministro, os seus cumplices, e a sua mesma obra!!

Na proclamação de 27 de janeiro diz «que ha quem «pretenda illudir os portuguezes, invocando falsamente o seu «nome, para os arrastar á revolta com desprezo das leis, e «violação flagrante da Constituição por ella jurada &c.»

Esta proclamação e algumas portarias do ministro do reino Joaquim Antonio d'Aguiar fazem parar a revolta em Coimbra... mas que importa isso??

A Rainha chefe da facção e do poder nomeia novo ministerio... e com elle dá o artificioso decreto de 10 de fevereiro declarando em vigor a Carta de 1826.

Está dado o golpe... segunda vez triumphou do povo a realza de Maria Segunda... mas a realza ainda receiosa, no mesmo decreto em que convocou as Côrtes extraordinarias, ordenou que os deputados viessem munidos dos mais amplos poderes... para alterar qualquer dos artigos da Carta, dizem os novos ministros no seu relatorio do mesmo dia 10 de fevereiro...

Perfidos! Assim se enganou a nação... A revolta que parára em Coimbra, caminhou então desembaraçada, e entrou triumphante em Lisboa!!!

A convocação das Côrtes extraordinarias... e as reformas na Carta foi a intriga da perfidia... a Carta estava reformada legitimamente na Constituição de 1838... Declaral-a em vigor... foi um acinte positivo, foi um despeito á nação!!

Os perfidos ministros que ajudaram a Rainha n'esta infame trama, foram o duque da Terceira, José Jorge Loureiro, e Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque!!

Deixaremos aqui escriptos seus nomes, só para a poste-

ridade os saber... não nos occuparemos agora d'elles... todos sabem que o primeiro é um verdadeiro estafermo de vergalho na mão, para açoutar os povos, todas as vezes que qualquer realeza o mandar... o segundo, não furta... mas não presta para nada... ao terceiro pagou-lhe a realeza com a morte as traições, e as perfidias que fizera aos povos... confessou-o na hora extrema!!

Assim ficaste ludibriado oh misero Portugal!! Os teus anjos de paz, convertem-se desgraçadamente em anjos de guerra... D. Miguel o anjo dos realistas, foi o corvo detento sobre os cadaveres afogados no deluvio do sangue, que escorreu das forcas no seu reinado!!

D. Maria 2.^a o anjo dos liberaes, converteu-se em ave de mau agouro... e d'exterminio... o seu reinado será na historia, o da rapina... da destruição... e da morte!!

A realeza pois de D. Maria 2.^a é como a de todos os Reis... confirmou-se tyranica... Se alguém duvidar d'isso lane suas vistas sobre o seguinte Synchronismo... A'vante.



SYNCHRONISMO 5.º

CONFIRMA-SE A TYRANIA DE D. MARIA 2.ª

Quid referam, quanta siccum jecur ardeat ira
Cum populum gregibus comitum præmat hic spoliatur!

JUVENAL—»Satyr. 1.ª»

Quanto o sangue nos ferve não se explica,
Quando um tyrano atroz, e desalmado
De preversos seguido opprime o povo!!!

Depois de percoorrer o Alemtejo... de desprezar as supplicas dos povos... depois de sustentar os seus caprichos... e no poder um vil sejano... já quer abertamente ser tyrana... Aonde está o decóro, e o pundonor da realza??

Alevantae-vos dos sepulchros, oh Reis de Portugal, vinde ver a Magestade no alvergue dos ladrões!! Vinde... apresentae aos povos essas mirradas faces, não com a pallidez da morte... mas com o rubor do pejo que Maria 2.ª não teve!!

E não foi ella mesma á villa de Thomar, fazer conde, na propria casa d'elle, a esse Briareu moderno (1) Antonio Bernardo da Costa Cabral, perdoado por ella como o antigo por Jupiter??

Não foi ella mesma quem nomeou para ministro da justiça esse tetro concussionario José Bernardo da Silva Cabral, a quem D. Pedro, com desprezo expelliua dos empregos publicos... e a quem o ultimo dos homens pode impunemente chamar-lhe ladrão??!

Não foi ella mesma, a Rainha, quem a despeito da opinião publica universal... contra todas as conveniências governativas... mesmo contra todos os principios da decencia, e da dignidade pessoal se sujeitára ella, e os povos, ao arbitrio de dous reprobos odiados, de toda, ou da maior parte, a mais sensata da nação??

Negar estas verdades seria um scepticismo criminoso... negal-as, como? Pois pode ao sol negar-se a luz?..

(1) Gigante de cincoenta cabeças, e de cem braços, que sendo partidista dos Titans na guerra dos Deuses, vendeu-se depois a Jupiter por intervenção de Thetis, a mais bella das Nereidas...

Não viram os povos hontem esses tágarotes d'Algodrês vestir seus andrajos, guarnecidos da fetida pelle de cabra... brazão da familia, e enfeite da pessoa?...

E não vê hoje a Rainha... esse luxo aziatico com que se acha guarnecido, e virtualhado o castello de Galdim Paes??

Não se peja, não se envergonha de vir aproveitar-se dos roubos de Sejano?

Não vê a Rainha que essas preciosas louças... essas roupas rendadas, e macias... esses luzidos apparatus de chá, e serviços de meza... esses faqueiros d'ouro... e de prata... toda essa ostentação, e magnificencia, não podem ser, senão os fructos da mão baixa do ministro na gerencia dos negocios publicos??

Seja muito embora... a Rainha quer que Sejano vexa... que Sejano roube... que Sejano avilte o povo... a corôa... o tudo!!

Alto lá... o Minho grita; o povo sente... e o povo já discorre: são falsos os futuros beneficios... são falsas as promessas que nos fazem!!!

As municipalidades que pedem a queda dos ladrões, são reprehendidas... e processadas!! Evora... Faro, e outras ficam em odio da Rainha, que até lhes nega o direito de petição.. Os vereadores de Villa Franca são processados, e presos!!

Arrazaram tudo os tributos... e não se lançam só aos vivos... demanda-os a descaridosa ambição, até dos mortos!!

O povo fita os olhos nos tyranos... só elles... ninguem mais goza dos bens... Justiça já não ha... nem ha vergonha... e só falta impôr tributos ao ar, que se respira... Os povos já não podem soffrer mais!!!

Maria da Fonte... a pobreza recusa pagar a taxa imposta aos tumulos... erguem-se as fouces... pedras... páus... e o grito da resistencia no Minho, resôa em Traz-os-Montes!!! A Beira... e a Estremadura... o Alemtejo, e o Algarve se levantam!!

Do norte ao sul um grito unisono retumba—*abaixo os Cabraes... abaixo vis tyranos, e ladrões!*

E d'esta vez é salvo ainda... é respeitado o nome da

Rainha... mas ah! Quem manda ella ao Porto seu logar tenente?? A um homem tido e havido por ladrão... envia-lhe a Rainha uma carta régia em 21 d'abril de 1846... Reconhece abalisados conhecimentos, e muita adhesão ao seu throno no acclamador de D. Miguel em Nellas... e concedeu-lhe por fim poderes extraordinarios sobre todas as authoridades civis e militares... Que vergonha para o exercito !!!

Se a Rainha não teve por fundamento o adagio «fazer do ladrão fiel» não sabemos em que se fundára tão indecente nomeação!!!

Lá foi para o Porto o logar tenente da Rainha... Lá chegou... O Porto viu-lhe a farda... viu-lhe as plumas... e a espada... mas não lhe conheceu, senão a cara... era o ladrão José dos Conegos!!

Oh! se D. Pedro resurgira... e o visse... segunda vez de dôr morrerá!!

Mais brios teve o povo, que a Rainha... desfez o engano... puniu a injuria... fez fogo ao ladrão... e o ladrão fugiu...

Alevantou-se Portugal inteiro... e os reprobos infames subtrahem-se á vingança publica, em um brigue francez surto no Tejo!!

Adeus glorias da Rainha... os povos teem o seu alegrão; lá vão os ladrões de barra fôra... mas ah! A realeza é menos sincera, que o povo !!

A realeza fica sentida, e reservada... A corôa sem ministros porque ninguem o quer ser... sem conselheiros, e scrvidores porque ninguem quer servir uma realeza tantas vezes refalsada!!!

Um homem esperto... Rodrigo da Fonseca aconselha a Rainha, que mande chamar o duque de Palmella... o duque esquece a ingrata que mal lhe paga valiosos serviços... e accode á Rainha, que por inclemente e tenaz quasi que perdera a corôa!!

Só depois de convencida da arriscada situação em que se collocára... a realcza tres vezes perjura assigna a proclamação de 21 de maio de 1846!

N'esta proclamação sanctificou a Revolução do Minho... confessa que os males que affligem os povos magôam profundamente o seu coração... que os queixumes do povo não podem deixar de ser attendidos, desde que chegam ao seu conhecimento!!!

Ordena que as leis de saude publica, e do systema tributario sejam abolidas... promette que a opinião publica será o pharol do seu governo... que a imprensa será livre, e que o seu desvelo será o bem dos povos!!

E será assim? Ah! ninguem o crê... fará o mesmo que na revolução de Belem... que na revolta dos marechaes... que na do Porto pelo ministro da corôa... quem sabe o que fará uma mulher endurecida, sequiosa de vingança... e que detesta os portuguezes??!

Decorriam apenas quatro para cinco mezes, durante os quaes o ministerio Palmella curava de restabelecer a ordem, e evitar os males da anarchia...

Quando n'essa nefanda noite—6 d'outubro de 1846, a realeza infidelissima de novo se rebella contra o duque... e contra o povo que lhe dera throno, e sceptro!

Abriu-se o vulcão terrivel das perfidias... das vinganças... dos desastres!!!

O duque retido... preso no mesmo Paço é constringido a refrendar os decretos da demissão dos outros ministros!

A Rainha mancha os seus vestidos no contacto dos servandijas, que escrevem os decretos, e differentes officios, sobre a mesma mesa, em que ella, com suas proprias mãos, mette as obreias, e finca os sinetes do fecho!!

E' a Rainha quem recommenda pressa em tudo... quem accende os animos dos revoltosos!!

Manda o Rei seu marido com os dous marechaes ao quartel do n.º 1 de infantaria... Sublevam-o, e vão com elle surprehender granadeiros!!

O coronel d'estes duvida abrir as portas do quartel.. O marechal Saldanha novo ministro da guerra, a titulo de paz, faz abrir as portas!! O honrado coronel Athanasio de Miranda, é esbulhado tumultariamente do commando, no qual entra

logo alli o antigo coronel Solla.. esse ladrão do dinheiro de Domingos de Saldanha na India... esse republicano da loja maçónica Vigilancia no Rio de Janeiro... esse vil satellite com tantas caras, como as do seu planeta invicto!!!

Emquanto isto se passava no quartel dos granadeiros, se rebellaram n.º 16, e outros corpos que ás duas horas depois da meia noite estavam em armas!!

O fementido Grim Cabreira, governador do Castello, havia-se compromettido de recolher, e armar alli os patriotas... estes, mal sabem da emboscada, correm de noite, e na madrugada seguinte ao sitio dado.... mas debalde... o traidor repelle o povo... e nega o supporte que promettera ao regimento d'artilheria, commandado pelo honrado coronel Passos, o qual se conservou firme até ás dez horas da manhã do dia 7!!!

Está consummada a maior das traições... a ultima deslealdade... confirmou-se enfim a tyrania... folgou mais esta vez a realleza!!!

N'esta horrivel noite fulgurou na sua verdadeira luz o lugubre pharol do governo da Rainha... essas magoas pelos males do povo..., esses desvellos pelo bem estar d'elle... essas fingidas promessas na proclamação de 21 de maio... vão produzir os seus effeitos!!!

Desde logo começaram as cacetadas... os espancamentos... as demissões, e as deportações dos officiaes militares, e empregados civis suspeitos á realleza!!

Os carcereiros... os segredos do Limoeiro... e outras prisões de Lisboa... as presigangas no Tejo... as cadeias... e as enxovias nas provincias entulharam-se de presos de todas as classes!!

Os lentes da Universidade de Coimbra foram ignominiosamente presos, e conduzidos para o Limoeiro de Lisboa!!

Só nas fétidas prisões d'este horrivel edificio jazeram seiscentos e dezeseite presos politicos... entre elles fidalgos da primeira nobreza do reino... advogados distinctos.. ex-deputados ás côrtes... proprietarios... lavradores.. militares va-

lentes... escriptores... negociantes... artistas... empregados publicos!!

No Castello jazeram quatrocentos presos officiaes e empregados militares... não nos foi possível indagar o immenso numero de presos nas demais prisões, e hospitaes de Lisboa, e ainda menos das provincias!!

A realza não perdoou a ninguem... a ferocidade de Nero em Roma não excedeu a do marquez de Fronteira em Lisboa... Elle era o summo governo... era o instrumento activo da tyrania enraivecida!!

Os ministros da Corôa eram mascarados de fardas agaloadas... não tinham voto nem acção em politica... foram, e ainda agora o são subservientes aos caprichos da realza!!

O ministerio atraído n'aquella mesma infausta noite. e no momento da perfidia tinha podido avisar para o Porto das occorrencias de Lisboa... ainda no dia 7 poderam patriotas vigilantes avisar pelo telegrapho da confirmação da tyrania... da prisão do duque no Paço... e da demissão de todo o seu ministerio!!

Uma grande mentira fôra aleivosamente inventada, ou adoptada pela Rainha... O duque de Saldanha a communicou em circular ao corpo diplomatico!!

Disse-se que o duque de Palmella havia representado á Rainha que o seu ministerio não podia continuar na administração do paiz... que não tinha força para vencer os obstaculos que se lhe oppunham... e que n'isto mesmo conversára elle com o marechal Saldanha!!

Todo o mundo soube logo que isto era uma aleivosia para d'algum modo se attenuar o atroz procedimento da Rainha... mais tarde, porém, na sessão da camara dos pares de 6 de junho de 1848... o duque de Palmella negou solememente os factos de pedir á Rainha a demissão do ministerio... e o de fallar com Saldanha em tal assumpto!!

A resposta do Saldanha n'aquella sessão, é mais um corpo de delicto, da criminalidade de Maria 2.^a... ahi a copiamos para memoria perpetua da sua deslealdade!!!

«E' verdade que o duque de Palmella não fallou com-

« amigo... A Camara sabe que eu não tinha necessidade de dizer o que assim não era... mas a Camara hade avaliar a minha reserva!! »

E quererá a Rainha, depois d'esse facto, chamar-se ainda *fidelissima*? E por que não? Não quer ella tudo, que não deve querer???

Entretanto as perseguições cresceram... as violencias, e os vexames propagaram-se... as noticias correram... e por toda a parte se accendeu a indignação nacional!!

Difficil nos seria, nem esse é o fim a que nos propomos, descrever nos acanhados limites d'este nosso opusculo os successos, e as consequencias desastrosas de tão caprichosa guerra... entretanto tocaremos nos factos mais salientes para provarmos com evidencia, que a realza de Maria 2.^a é... e hade ser sempre como a de seu pae... a de seu avô... a de seu tio, ou como a de todos os Reis!!

O ministerio Palmella que por nimia tolerancia e indiferença occasionou a sua queda, e os desastres que d'ella se seguiram... pode, todavia, avisar os patriotas, e os povos já desconfiados!!

Abriu-se pois a liça... Quem tal diria? foi como em 1828... d'um lado appareceram os amigos da patria, e da liberdade... do outro os vis escravos da realza!!

Ao norte, o conde das Antas collocou-se á testa das forças populares... No Porto erigiu-se uma junta suprema governativa, do que fôra presidente o mesmo conde... mas a alma, a vida, a essencia de tão exemplar governo foi esse homem para cuja apologia nos falta a expressão... deixaremos aqui seu nome... o mais seria superfluo... Passos José!

Ao sul, o conde de Mello expulso do governo militar da provincia do Alemtejo, sahio d'Elvas... e em vez de vir para Lisboa conforme as ordens da tyrania... resistiu-lhe... tambem resiste á sandade dos caros filhos, e da consorte... leva-o o amor da patria para Evora, e ahi se erigiu uma segunda junta governativa, que reconhece a supremacia da do Porto!!

No Algarye os valentes officiaes de caçadores n.º 5,

tendo á sua frente o honrado general José Pedro Celestino, reúnem em Faro com os patriotas, e ahí se erige uma terceira junta governativa, que reconhece egualmente a suprema do Porto!!

Aos distinctos cidadãos que formaram estas juntas... assim como a tantos benemeritos e valentes que appareceram no campo da honra, não é a nossa debil mão que hade tecer as laureólas que mereceram!!

Grato, e mui grato nos fôra, se poderamos com dignidade, fazer a descripção de tantos, e tão illustres patriotas portuguezes, e de suas virtudes civicas... mas circumscriptos aos limites, que marcámos á nossa penna, traremos á memoria sómente aquelles que por alguma circumstancia mais poderosa, não podermos abstrair dos factos que narrarmos!!

Não é portanto, nem parcialidade, nem omissão... é a qualidade do escripto, que não soffre a relação immensa... e immensamente gloriosa dos factos, e das pessoas que n'elles intervieram!!

De mais é já conhecido o nosso fim... Caminhemos a elle!!

A Rainha sabedora da sublevação geral da nação... assumiu todos os poderes do Estado... tornou-se absoluta... e o seu governo foi verdadeiramente tyranico!!

Lançou mão de quantos recursos fornece a arbitrariedade, e a cobiça d'um despota!!

Eyora... esse antigo municipio, aonde Julio Cezar déra aos lusos o foro de cidadãos livres—foi o primeiro que Maria 2.^a quiz escravisar!!

Liberalitas Julia! Tu tinhas um crime imperdoavel... Tu foste a primeira em requerer que os Cabraes fossem expulsos do poder!!

Lá foi por isso mandada uma divisão de Suissos... e um Suisso foi tambem o general d'ella... meio turco... ignorante, e tartamudo, lá foi com ordem d'arrazar a terceira cidade do reino!!

Não poude... eram-lhe bastantes os cidadãos feis, que

a defendiam... mas lá desponta do Algarvé o general Celestino...

Os Suissos escravos deixam por enquanto Évora... e vão atacar com immensa cavallaria o general Celestino nos campos de Vianna do Alentejo... Celestino toma posições, e d'ellas briosamente se defende dos ataques de forças duplicadas ás suas!!

Os valentes officiaes de caçadores n.º 5 levados d'ardor impetuoso, e patriótico, descem das posições, sem ordem do general, e vem perseguir o inimigo sobre as planices proximas!!

O inimigo quer aproveitar-se da sua cavallaria... Carrega de novo... parecia querer retalhar tudo... mas lá surge esse valente patriota... terror dos Suissos... amigo e encanto dos povos... sôa um clarim... é o major Galamba que com mais quarenta dos seus valentes se derrama entre os lanceiros inimigos!!

Corta-lhé lanças... medem-se as espadas... d'um e outro lado se derrama o sangue, e a morte... mas os Suissos retiram... voltam a Évora formam então os approxes, e bombardeiam essa por tantos titulos gloriosa cidade... Évora porém resiste com firmeza, e os Suissos da tyrania retiram para Arrayolos.

A tyrania astuta mandou cantar victoria... Mudou de generaes... enviou recursos... nunca entrou em Évora como pretendera... e cantava victorias!!

Mais tarde depois de muitos e differentes choques, e combates parciaes... succedeu a batalha de Torres Vedras...

Ahi depois de muitas gentilezas, e exemplos de coragem, uma perfidia decidiu da sorte dos combatentes!!

O Forte de S. Vicente que domina a villa fôra guarnecido por caçadores n.º 6.—O Saldanha manda alli caçadores n.º 3 com apparencias d'amigos... os soldados do n.º 8 levantam as coronhas das armas para cima, e os officiaes gritam... «Somos irmãos e amigos: nós queremos liberdade como vós.»

O commandante que defende aquella posição acredita nos fementidos... manda sustar o fogo... estendem-se os bra-

gos aos perjuros, que entram sem outra prevenção, do que os abraços, e a boa fe dos que os recebem... e quando estão já em numero sufficiente, renovam o conflicto... derramam o sangue innocente... e fazem-se senhores do Forte, d'alli bateram a villa... e conseguiram fazer capitular a briosa divisão commandada pelo infeliz conde do Bomfim!!

Mouzinho d'Albuquerque fôra morto de bala... os generaes Bomfim, e Celestino,.. com 144 officiaes superiores, e subalternos renderam-se em virtude de capitulação honrosa que se assignára... os restos da divisão, especialmente praças de pret, evadiram-se de noite!!

A Rainha, assim que recebeu estas noticias, correu desatinadamente de janella em janella, gritando... Victoria... Victoria!!

Victoria só para ella... porque não apreciou o sangue, e as vidas d'esses miseros escravos, que se sacrificaram aos seus caprichos! Cara Victoria!!

A capitulação assignada, não foi cumprida... Os generaes... officiaes superiores, e subalternos foram tratados com eguaes injurias, e grosseria!!

Miseros... a pé... espancados... simimortos de fome... roubados de suas espadas e bagagens... alguns descalços, ensanguentados... todos cheios de suor, e de lama... foram mettidos no porão da fragata *Diana*, aonde estavam já trinta e dois presos!!

Para cumulo da tyrania... veio ordem para ficarem todos incommunicaveis!!

Homens amigos... parentes... penates no martyrio... viam-se... e davam-se a furto alguns suspiros... e alguns abraços!!

Os municipaes entretinham uma policia rigorosa... as roupas eram revistadas... os jantares revolvidos... os cartuchos d'assucar atassalhados á faca!!

Uma nova invenção tyranica que escapára aos ministros de D. Miguel, foi adoptada pela policia pesquisadora de Maria II... As cartas, e bilhetes dos presos e de suas familias, eram copiados... os originaes ficavam em poder dos mu-

nicipaes... davam-se copias aos interessados... a policia receava que nas letras ordinarias houvessem signaes de convenção!!

Os presos eram mudados de noute... insultados de vicios afrontosos pela soldadesca... muitas vezes ignorava-se por dias o destino das victimas!!

A condessa de Bomfim foi abordo, e prostrou-se aos pés d'um soldado municipal, a quem pediu em nome da Divindade, que a deixasse fallar a seu marido... Este soldado foi mais compassivo, do que a Rainha, que vendo de rojo a seus pés, a condessa de Villa Real, transida de magoa, e simiviva por enferma... não attendeu ás lagrimas, e ás supplicas da infeliz condessa em favor de seu desditoso marido!!!

O general Celestino pediu... mas não se lhe concedeu abraçar seus sobrinhos... viu-os em distancia... e de lá lhe deu um Adeus, e as lagrimas dolorosas do seu aviltante tormento!!

Não se permittiu ao aheres Antonio Celestino, ajudante d'ordens de seu tio, que abraçasse sua mãe... Só do meio do mar, no rigor do inverno ponde esta triste senhora, por uma portinhola da fragata, dar a seu filho os signaes da sua dor, e as lagrimas da sua saudade!!

No Limoeiro não era licito a preso algum deitar as mãos fóra das grades das janellas... a tyrania receava até a correspondencia por signaes manuaes!! Foram mandados pôr fóra das prisões os oculos de ver ao longe!!

Mas o que ninguem acreditará é que... no reinado de Maria II... 47 prisioneiros do valente batalhão de Vizeu fossem metidos, e conservados nús, cobertos de piolho e cabello, sobre as lages da Casa forte!!

Desgraçados! Não morreram porque os corpos unidos se aqueciam!!

Logo que se soube d'esta fereza sem par... instaurou-se uma commissão mesmo de presos corajosos da prisão n.º 1, que por circulares convidaram os presos das outras prisões, e a muitas familias de Lisboa para socorrerem aquellas desditosas victimas da raiya!!!

A piedade enviou, além dos recursos em dinheiro... duzentas camizas, e outras roupas com que se vestiram, e acearam aquelles infelizes.

A commissão, assim como os presos de todas as prisões, continuaram, a despeito do ferino Marquez de Fronteira, nos seus officios piedosos, e já por fim se dava sustento, e soccorros a mais de cem presos!!

Longas paginas escreveríamos se quizeramos referir todos os actos da realesa d'esta ingrata mulher... e da fingida moderação dos ministros... instrumentos do seu odio enraivecido!!!

Emquanto o Reino assim se abrazava em viva guerra... a Junta do Porto formára um pé de exercito capaz de bater, e extinguir as guerrilhas, que a indiscripção d'alguns partidistas de D. Miguel, levantára nas Provincias do Norte... de guarnecer a cidade do Porto... e de conter em respeito o exercito da Rainha commandado pelo Saldanha... que destinando-se a entrar no Porto, nunca passou de Oliveira d'Azemeis, senão depois da convenção Gramido com o general hespanhol Cochcha!!

A' divisão do Conde de Mello em Evora, reunira o brioso major Joaquim Mendes Neutel, que veio do Algarve com mil e tantos homens... com esta gente, e a que já cá tinha, sahiu d'Evora o Conde de Mello... fez um reconhecimento sobre a Praça d'Estremoz... uma excursão a Portalegre, Marvão, e outras terras, para arranjar mantimentos, e artilherias, e depois caminhou sobre Setubal, aproximando-se de Lisboa pelo Sul de Tejo!!

Antes de entrar em Setubal recebeu officios do Visconde de Sá, que sahindo do Porto com uma expedição para desembarcar nas proximades, ao Oeste, de Lisboa, não ponde effectuar o seu desembarque pelo rigor do tempo que fazia!!

Só ponde desembarcar no Algarve... e d'alli viera atravessando o Alemtejo até fazer a junção com as tropas do Conde!!

Effectivamente reunidas entraram n'aquella villa as di-

visões formando o total de cinco mil homens, cujo commando em chefe tomou o visconde de Sá da Bandeira!!

A Rainha, conscia da injustiça da sua causa... prove-nira-se... pedindo a intervenção não só á Rainha d'Inglaterra, mas a Luiz Filippe que foi o infame e principal adherente á intervenção armada!... Saldanha, e Costa Cabral teceram as tramas para se pretextar tão iniqua atrocidade!!

Para fazer frente ao exercito liberal, do sul mandou a realza quatro mil homens commandados pelo conde de Vinhaos... pela maior parte eram da guarda municipal de Lisboa, e se estabeleceram em acampamentos no campo de Vizeu sobre Setubal!!

No 1.º de maio de 1847 o visconde de Sá atacou o campo inimigo com o denodo que lhe é proprio... O patriota Galamba commandante da cavallaria dos liberaes, tinha morto com dous golpes da sua espada o commandante da cavallaria inimiga—Castello Branco... mas, no campo mesmo em que se batiam os escravos da realza, appareceu um coronel agente inglez que obrigou o visconde de Sá a acceitar um armisticio!!

O conde das Antas tinha já embarcado no Porto com uma brilhante divisão, para vir desembarcar em Lisboa... A nação tinha proximo o seu triumpho, quando uma poderosa esquadra ingleza e franceza aprisionaram a expedição do conde das Antas, nas aguas do Porto... O conde não se rendeu senão depois das artilherias estrangeiras derramarem o sangue portuguez, com que se tingiram as aguas nas praias do Porto!!

Maria 2.^a não quiz ser Rainha pelo amor, e á vontade dos portuguezes... quiz antes ser tyrana, e dominar pelas armas estrangeiras!!

A Setubal foi uma esquadra de vapores—intimou a intervenção... vieram como presos os generaes e muitos officiaes superiores, e subalternos... foi tudo uma desgraça!!

O corajoso patriota Galamba salvou-se com os restos da divisão; voltou a Evora, mas já o desalento, e a desordém ornayam inuteis quaesquer esforços... foi até Faro no Al-

garve, para ver se encontrava apoio, e elementos de resistencia... mas tudo foi baldado... rendeu-se em Hespanha ás authoridades d'aquelle paiz!!

Tambem no Porto não quizeram, o honrado marquez de Loulé, nem Cezar de Vasconcellos, contratar com o general da realeza... Capitularam em Gramido com o general Concha, que entrou no Porto com vinte mil soldados hespanhoos!!

Assim conseguiu a realeza de Maria 2.^a o fatal triumpho da sua tyrania, contra uma nação que lhe déra patria, e throno!!

Não nos demoraremos na relação historica dos successos que occorreram depois d'esta vergonhosa victoria!!

Todos viram as bandeiras estrangeiras tremularem içadas nas fortalezas de Portugal... Os generaes portuguezes prisioneiros na sua propria terra... e tratados com ignominia escandalosa!!

A Europa, e o mundo todo sabe como esta tyrana queria as cabeças dos prisioneiros de Torres Vedras... foi preciso que o ministro inglez dissesse que nem um só morreria...

A Europa, e o mundo todo viu como foram engaiolados, e presos para Angola os generaes, e a officialidade que em mais de cem batalhas haviam dado sangue e ossos para a Rainha subir ao throno!!

A Europa, e o mundo todo viu que a amnistia forçada que dera pela manhã, fôra regateada de tarde!!

A Europa, e o mundo todo viu o descaros com que esta estulta mulher manchou o decoro da sua mesma realeza... para se abaixar, e receber dos Estrangeiros, o que elles não tinham direito de lhe dar... nem ella d'elles receber... o tempo o mostrará!!

Basta... se o nosso fim não é a historia dos factos... parece-nos que temos dado no alvo a que nos dirigimos... co-roêmos pois a nossa tarefa!!

O epilogo do nosso presente opusculo são as duas perguntas a pag. 9 que aqui reproduziremos...

1.^a Qual é o character dos Reis... ou o que são os Reis??

2.^a *Convém que o systhema da realza continue a governar os povos??*

Persuadimo-nos que á primeira pergunta bem respondemos, e satisfizemos no Synchronismo que decorre de pag. 11 até pag. 29.

A' segunda—certamente que só cada uma das nações poderá opportunamente responder... mas que fará Portugal??

Não seremos nós os que nos atrevamos a dar conselhos em tão melindroso assumpto!!

A nossa missão foi provar com evidencia qual o character dos Reis... e que a realza tinha o mesmo character em todos elles... isto é... A realza é... tem sido... e hade ser sempre a inimiga dos povos... a ladra dos seus dinheiros... e a perturbadora da sua paz... eis aqui os Reis!!!

Analisámos, se a realza de Maria 2.^a seria como a dos outros Reis... historiamos para isso o seu reinado, e os factos não desmentiram da affirmativa... as principaes feições que lhe descobrimos são os seguintes...

E' uma realza que saltára de contente no momento extremo da morte de seu pae... foi indispensavel que um ministro d'Estado a conduzisse para outra sala, evitando assim tanta levesa e escandalo!

Que sem vislumbres de magoa... nem de pudor... dançára aos oito dias depois da morte do seu primeiro marido!!

Já se vê por estes dois factos, que esta realza não conhece o sentimentalismo!!

E' uma realza, que mofou de 14:000 victimas... antes de reinar... e inutilisou trinta milhões de cruzados, que tanto custou a guerra para desthronar a realza sua antecessora!!

E' uma realza, que quando se vê rodeada das infelizes viúvas, e filhas dos que morreram para ella ir ao throno... abre caminho, e seccamente lhes diz... «Deixem-me mulheres... deixem-me!!»

E' uma realza que perjurou quebrando em 4 de novembro de 1836—o juramento que havia prestado em 10 de setembro do mesmo anno... que fizera desembarcar as tro-

pas, e artilherias inglezas para metralhar os portuguezes que lhe deram a corôa!!

Que em junho de 1837 se rebellára de novo contra o paiz que a soffre... pondo á testa da revolta os dois marechaes do exercito!!

Que em janeiro de 1842 mandará um ministro da corôa fazer outra revolta ao Porto!!

Que em 6 d'outubro de 1846 desfechára o ultimo golpe da sua vingança, e do seu perjurio, sobre uma nação, que tem dado um vivo exemplo de civismo, e tolerancia em obedecer a tão ferina realaleza, e aos crueis ministros que a sustentam!!

Finalmente—é uma realaleza que em vez de conciiadora, e moderada... tem sido constantemente revolucionaria e cruel... Quem tal diria quando a vimos em Londres??

Ahi lhe servira de mãe a virtuosa duqueza de Palmella... recebera-a entre seus braços... aninhara-a carinhosamente como a orphã desvalida... acompanhara-a a casa das Potestades de quem era dependente... e no dia do enterro da duqueza em Lisboa... quando toda a cidade estava magoada pela morte de tão respeitavel matrona... lá apparece a realaleza, vestida de gala no seu caleche... correndo sobre o caminho mesmo que levava o funeral da duqueza!!!

E quem não vê que uma tal realaleza além de tyranica, é desassissada??

Para cumulo da nossa amargura, e desgraça... pagamos a esta realaleza duzentas e oito moedas cada dia... só para ella!!

Para seu marido que se chama Rei... pagamos cada dia cincoenta e sete moedas, pouco mais ou menos... além de lauta mesa com todas as eguarias... e cama fôfa com todos os seus atavios, que lhe dá a Rainha sua mulher...

Tambem por occasião de cada parto... tem esta realaleza recebido a titulo d'enxoval dez, ou mais contos de réis, conforme a generosidade do compadre ministro!!

O filho mais velho com a casa de Bragança—e a pres-tação, recebe mais de quarenta e oito moedas cada dia... ou-

tro mais moço onze... de sorte que a realeza e seus filhos tem por dia trezentas e trinta moedas pouco mais ou menos!!!

O resto da familia real absorve por dia perto de sessenta moedas!!!

Já que annunciámos ao publico estas verdades... devemos dizer tudo... Esta realeza tão ricamente dotada deve nas lojas... nas vendas... aos seus servos... aos operarios... até á pobre lavadeira se deve!!!

Portuguezes! Se vos convem uma tal realeza, como principio governativo, respeitae-lhe os mandatos... se a podeis sustentar, e a seus ferozes mandões, pagae-lhe as exigencias... e as extorsões... mas n'esse caso não vos queixeis d'ella... nem d'olles... queixae-vos sómente de vós... porque conhecendo as causas de todos os vossos males... e a séde d'ellas... não as extirpaes pelas raizes para fóra do nosso corpo social!!!

Ergueram-se o braço forte... e a mão de ferro... é forçoso que paremos...

Lisboa, 17 de junho de 1848.

UM PERSEGUIDO.



bibRIA

EM TERRELLIDO

AGOSTINHO JOSÉ FREIRE (*)

Agostinho José Freire, filho d'um distincto cidadão do mesmo nome nasceu na cidade de Evora a 28 d'agosto de 1780. Na sua infancia passou á cidade de Leiria onde recebeu a luz dos primeiros estudos; seguiu depois para Lisboa afim de estudar a instrucção secundaria e da capital partiu para Coimbra a matricular-se na Universidade, onde obteve o grau de bacharel na faculdade de mathematica, no anno de 1807.

Em todo o tempo da sua assidua frequencia academica deu provas evidentes de talento, de applicação e de bons costumes.

Tinha resolvido seguir a carreira do magisterio na Universidade; mas a invasão franceza, que ameaçava subjugar a patria de Pacheco e de Albuquerque, forçou-o a trocar a tranquillidade dos livros pelos perigos da guerra. Retirando-se para casa de seu pae, na aldeia de Vidaes, perto de Leiria, começou por empregar toda a sua dedicacão em coadjuvar os povos na sua resistencia contra o inimigo commum; e pelos distinctos serviços, que prestou, obteve dos habitantes de Rio Maior e das diversas auctoridades, certificados honrosissimos.

No dia 16 de outubro de 1809 alistou-se no regimento de infantaria 10, onde o seu merecimento reconhecido logo o elevou ao posto de porta-bandeira. Na guerra da peninsula obteve o posto de tenente do mesmo regimento; tomou parte nas batalhas de Albuèra e de Victoria e no combate dos Pyrinèos. Em reguida recebeu as insignias d'estas batalhas e a medalha portugueza das tres campanhas. A 12 de outubro de 1815 foi promovido a capitão no regimento de infantaria 8, e, como a guerra lhe não exigia então o sacrificio do seu tempo, frequentou durante este anno e o seguinte a academia de fortificação, de artilheria e de desenhos, na cidade de Lis-

(*) Vide nota final,

boa. Aqui não só foi approvedo unanimemente em todos os exames, mas até foi premiado em ambos os annos. Não cursou comtudo o terceiro anno, apesar das instancias dos seus professores, que muito desejavam que elle se destinasse a uma das cadeiras da academia. Não pôde ceder a taes rogos porque no dia 4 de janeiro de 1817 foi nomeado quartel-mestre general addido ao exercito, cargo incompativel com qualquer outro trabalho.

Em 18 de dezembro de 1820 foi elevado a major. N'este anno a fama dos seus talentos e do seu amor pela liberdade e independencia nacional fel-o eleger, pela provincia da Estremadura, deputado ás côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza, onde foi eleito secretario a 26 de fevereiro de 1821 e depois reeleito quinze vezes. A 26 de junho de 1822 foi nomeado vice-presidente, e a 26 de julho presidente da assembleia e reeleito em agosto. Poder-se-ha egualar mas nunca exceder o acerto e a perfeição com que Freire cumpria os seus deveres inherentes a estes importantes cargos; porque é tão incontestavel como notorio que a variedade dos seus conhecimentos, a sua prespicacia, a sua prodigiosa memoria, o brilhantismo da imaginação, a energia do character, o timbre sonoro da voz, as suas maneiras insinuantes e dominadoras, a sua admiravel eloquencia, juntamente com uma probidade exemplar e o maior amor pelo bem publico, tornaram este sabio deputado um dos mais dignos secretarios, dos mais habéis presidentes, dos mais uteis e assiduos membros, dos mais distinctos oradores, d'esta respeitavel assembleia.

A sua reputação tão justa e largamente estabelecida grangeou-lhe grande popularidade. Foi eleito deputado ás côrtes ordinarias de 1822 pelo collegio eleitoral de Leiria com 4:706 votos, e pelo de Lisboa com 15:153! Foi eleito secretario d'estas côrtes a 20 de novembro de 1822, vice-presidente no primeiro de janeiro de 1823, presidente a 31 do mesmo mez, e membro da deputação permanente por decreto de 24 de maio d'este anno, continuando a merecer a opinião elevada que d'elle havia e a estima geral.

Depois da reacção de Villa Franca Agostinho José Freire embarcou no dia 15 de junho para Jersey e d'aqu. para Cherbourg com destino a Paris onde fixou a sua residencia e onde frequentou differentes cursos e algumas sociedades scientificas. Viajou na Lorena, na Belgica, percorreu grande parte da França, da Inglaterra e da Allemanha, e toda a Suissa. Estava em Genebra quando recebeu a feliz noticia de que, no meio das manifestações do maior regosijo publico, se tinha jurado em Portugal a Carta Constituciona¹ outorgada por Sua Magestade D. Pedro IV de illustre memoria. Desengajado assim, pelos seus proprios committentes, do protesto que, como representante, assignara em junho de 1823 contra toda a alteração que se fizesse na Constituição de 1822, Agostinho José Freire partiu para Lisboa e foi reintegrado, em 28 de setembro de 1826, no posto de major do corpo real de engenharia; onde se apresentou no dia 7 de maio de 1827. Por ordem official do governo, de 16 de dezembro d'este anno, ficou ás ordens do marechal de campo, Marquez d'Angeja, governador militar do Minho e commandante das forças postadas ao Norte do Douro. Nomeado então chefe de estado-maior fez toda a campanha contra os revolucionarios commandados pelo Marquez de Chaves. Sempre querido e amado pelo povo, prestou n'esta guerra grandes serviços, pois lhe cabe parte da gloria obtida nos combates do Prado e da Ponte da Barca no mez de fevereiro de 1827.

No dia 24 de maio d'este anno foi nomeado cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, *em paga*, diz o Dec., *dos bons e leaes serviços que acaba de prestar*. No principio de julho seguinte, tendo morrido o seu general e amigo, Marquez de Angeja, Agostinho José Freire voltou a Lisboa, onde foi encarregado de propor ao governo um plano de fortificação ao sul do Tejo, e continuou a servir na commissão, de que era membro desde 1826, encarregado de formar o regulamento de tactica elementar para a infantaria.

Restabelecido o despotismo em 1828, Agostinho José Freire para escapar á vingança do usurpador emigrou para

França. A tyrannia do Rei a quem escapara a victima, teve de se contentar destituindo-o de todos os seus empregos e honras e declarando-o desertor (8 de abril de 1829).

N'esta segunda emigração, como na primeira, o illustre emigrado, tão inimigo da ociosidade como do despotismo, empregou utilmente o seu tempo em novas viagens por toda a Europa, assistindo ás lições dos sabios, relacionando-se com distinctos homens de letras, que não só o estimavam pela sua delicadeza, pela nobreza da sua conducta, pela moralidade das suas acções, pelos primores do seu espirito e profunda instrucção, mas tambem veneravam n'elle o orador celebre e o presidente das côrtes portuguezas.

No dia 23 d'agosto de 1830, na cidade d'Angra, foi reintegrado no posto de major do corpo real de engenheiros.

D. Pedro o magnanimo fuudador da liberdade de duas nações, chegado á Europa no mez de junho de 1831, logo envidou todos os esforços para restituir a sua augusta filha o throno usurpado e aos portuguezes a Carta Constitucional. Em tão difficeis circumstancias não era para desprezar o conselho de um homem tão recommendavel como Agostinho José Freire. D. Pedro deu provas de assim o entender, porque não só mandou assistir a todas as conferencias, que se reuniram em Paris no verão e no outomno d'este anno para tratar dos negocios de Portugal; mas tambem o convidou por uma ordem de 19 de janeiro de 1832 para estar prompto a partir com elle para Belle-Isle, onde embarcariam na mesma fragata, com destino á Terceira. Agostinho José Freire obedeceu e teve a honra de acompanhar o Imperador até á bahia de Belle-Isle, onde embarcou com elle na fragata *Rainha de Portugal* a 2 de fevereiro do mesmo anno.

A frota, de que a fragata fazia parte, chegou á bahia d'Angra no dia 3 de março seguinte; Sua Magestade Imperial no mesmo dia assumiu a regencia e organisou o seu ministerio; nomeou Agostinho José Freire ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra e interinamente dos da marinha.

Depois de ter poderosamente concorrido para decidir

pelo pezo da sua opinião as questões mais importantes que se levantaram, até mesmo em Belle-Isle, para saber se a expedição devia começar as suas operações pela Ilha da Madeira, e qual seria o ponto da costa de Portugal, onde conviria desembarcar; depois de ter prestado não menos assinalados serviços na organização, disciplina e equipamento do exercito e da esquadra: o ministro Freire desembarcou na praia do Mindello com o augusto duque de Bragança acompanhado pela divisão liberal no dia 8 de julho de 1832, e no dia seguinte entraram na cidade do Porto.

Já Agostinho José Freire se tinha distinguido em maio n'um combate, quando, na sanguinolenta batalha de 29 de setembro de 1832, tendo pelo seu lado 7:140 soldados contra 35:000, se cobriu de gloria salvando as ultimas esperanças da patria pela coragem e habilidade com que dirigiu, elle proprio, os movimentos da ala direita, obrigando o inimigo a retroceder, quando depois de ter tomado os reductos e baterias do lado de Bomfim, e posto em confusão as nossas fileiras, se precipitava victoriosamente sobre o caminho de Campanhã, que conduz ao Porto.

Quando esta heroica cidade se viu reduzida a ultima extremidade, quando era preciso tentar operações capazes de salvar a grande empreza, quando se agitou durante alguns dias na assembleia dos ministros, dos generaes e dos officiaes superiores a importante questão de saber o que seria mais conveniente, se atacar o exercito sitiador, se mandar uma divisão pelo mar para qualquer outro ponto do reino; e se a expedição maritima, no caso de ser preferivel, devia ser muito ou pouco forte; Agostinho José Freire, com profundo discernimento e irresistivel dialectica, apoiado pelos seus collegas, fez adoptar, a despeito de opiniões auctorisadas, o feliz expediente de enviar ao Algarve uma força de 2:500 bravos, que levantando ancora das aguas do Douro em 22 de junho de 1833, foi, victoriosa, arvorar em Lisboa o estandarte da Rainha.

O combate furioso, do dia 25 do mesmo mez, commandado por um marechal de França, e o estado inespugnavel

das fortificações inimigas em volta do Porto, mostravam a evidencia que a mais justa e a mais nobre das empresas se perderia sem recurso se não se pozessem de parte certas opiniões, que Freire teve a gloria de combater. Parecia divinamente inspirado quando indicou e fez triumphar o unico meio de salvação, que restava ao povo portuguez. Em todo o decurso das epochas notaveis dos cercos do Porto e de Lisboa, Agostinho José Freire abandonou a penna, que elevára o exercito libertador a 60:119 homens, para empunhar a espada em defeza d'estas duas cidades immortaes, tomando parte em todos os combates e contribuindo poderosamente para os resultados mais gloriosos.

Depois de uma serie não interrompida de prodigios, pelos quaes o rei legislador abriu a sua gloriosa campanha com 8:300 homens e acabou por triumphar contra um exercito de 83:316, Freire recebia plenos poderes por uma orden real de 27 de maio de 1834 para ir ao quartel-general tratar das medidas convenientes para a completa pacificação do reino. O acerto, com que este homem de Estado desempenhava esta commissão muito difficil nunca ou louvores do augusto regente, e o reconhecimento de todos os homens, para os quaes a humanidade, a civilisação e o interesse nacional, não são nomes vãos.

Foi nomeado conselheiro d'Estado no dia 24 de julho d'este anno «em attenção, diz o decreto, ao zelo, intelligencia e fidelidade com que serviu a causa da Rainha e da patria, querendo assim dar a maior prova de confiança e de alta estima, que merecem seus serviços.»

Foi eleito, pelas provincias da Estremadura e do Minho, deputado ás côrtes convocadas por decreto de 28 de maio de 1834.

Em 15 de agosto seguinte foi condecorado, por Sua M. C. a Rainha regente de Hespanha, em nome de sua augusta filha, com a gran-cruz da ordem real de Carlos III «como prova da alta estima, (diz a communicação official do ministro hespanhol) pelo modo que s. ex.^a contribuiu para o desenlace glorioso da lucta, que desolava o seu paiz, e para ajus-

tar os laços d'amizade e d'alliança entre as duas corôas com vantagem reciproca d'uma e outra.»

O relatorio da administração dos negocios da guerra apresentado ás côrtes no mez de setembro de 1834 por Freire é o monumento mais incontestavel da sua gloria.

Transcrevamos as palavras seguintes, que terminam este relatorio ao mesmo tempo modesto, exacto e eloquente: «Assisti ao comicio da grande empreza, segui-a no seu progresso até ao fim; não depuz um só dia que fosse a penna de ministro d'estado dos negocios da guerra, e empunhei a espada de soldado em todos os combates do Porto e de Lisboa. Depois de tantos trabalhos tão complicados chegou a occasião de me ser dada a honra de os relatar perante os representantes da nação portugueza. Estão satisfeitos todos os meus desejos. A consciencia julgo-a sem macula, porque n'uma crise longa e difficil empreguei todas as minhas forças para servir a Rainha e a patria. Apresentei os factos e as suas provas: tranquillo, espero o vosso juizo e o de todos os homens imparciaes.»

No dia 14 de setembro do mesmo anno Freire ficou apenas com a pasta da marinha. N'este ministerio continuou a dar provas do seu genio. O relatorio apresentado ás côrtes a 8 de fevereiro de 1835 com a proposta d'uma ordenança de marinha que provou exuberantemente que o ministro, imperturbavel, se estava dedicando inteiramente á organização melhoramento do pessoal e do material da armada, com a sabedoria e a vontade energica de que já dera provas, levantando um exercito numeroso, regulando a ordem e a contabilidade e dando impulso a todas as repartições dependentes do ministerio da guerra.

No mesmo dia 24 foi nomeado cavalleiro da Ordem d'Aviz «tendo em consideração o seu merito, tempo de serviço e elevada posição.»

A 24 de novembro do mesmo anno foi promovido ao posto de tenente-coronel por antiguidade e ao de coronel em 26 de janeiro de 1835.

Em 15 de outubro de 1834 Sua Magestade Fidelissima

nomeou o director do collegio real militar «tendo em consideração a variedade de suas luzes e os serviços eminentes que prestou nas crises mais perigosas e por ter seu pae manifestado a intenção de o nomear.» Além d'isto, por carta regia do 1.º de dezembro do mesmo anno, dignou-se Sua Magestade nomeal-o gran-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; e pelo decreto de 31 de janeiro de 1835 commendador da Ordem de Torre e Espada «tendo em consideração o valor e intrepidez de que deu provas nos combates memoraveis de 5 e 25 de junho de 1833 e de 10 de outubro do mesmo anno, e a sua cooperação na lucta contra o inimigo obrigando-o a levantar o cêrco de Lisboa.»

Por decreto de 15 de fevereiro deixou a pasta da marinha e entrou no ministerio do reino, onde, por seus talentos, se tornava necessario. As suas circulares e instrucções, a providencia e espirito de organização, o seu zelo infatigavel, bem como a rapidez de concepção e de expediente, deram tão notavel impulso de actividade e de melhoramento a todos os ramos d'este importante ministerio que os seus adversarios mais acerrimos não poderam recusar-lhe o justo tributo de louvores e admiração. Viram-n'o n'esta epocha cumprir, como sempre, com inexcedivel zelo, os seus deveres como legislador e como ministro. Não admira pois que as côrtes, apesar da opposição vehemente, que muitas vezes impediu o curso regular dos negocios, terminassem a sessão ordinaria de 1834 concedendo ao governo um voto de confiança para reformar a instrucção publica e reorganisar os differentes ramos da administração em harmonia com outras bases que tinham sido estabelecidas. Foi a idade d'oiro da Carta Constitucional: o credito publico nas praças nacionaes e estrangeiras excedera, ou pelo menos rivalisara com o das nações mais opulentas: os capitães affluíam dos diversos paizes sobre o nosso solo risonho e fecundo: por toda a parte do reino se desenvolvia e multiplicava o espirito de associação e as empresas: havia uma confiança geral na estabilidade das coisas e dos homens, que vencendo todos os obstaculos as tinham sabido sustentar e dirigir: estava preparada a execução de projectos com os

quas o governo, auctorisado pelas côrtes e seguindo os conselhos da experiencia, se dispunha a melhorar e a reduzir a um systema pratico e judicioso todos os ramos da administração publica. Mas toda esta atmosphaera de prosperidade foi de repente obscurecida por nuvens negras, porque no proprio dia em que os projectos deviam ser apresentados á sancção de Sua Magestade, quando estavam para se realisar valores consideraveis, onde os planos mais vastos e maduramente concebidos iam produzir os seus fructos—um acontecimento inesperado, fonte principal de todas as desgraças subsequentes, collocou Agostinho José Freire na necessidade rigorosa de juntamente com os seus collegas pedir a demissão, que lhes foi concedida em 27 de maio de 1835.

Agostinho José Freire a quem Sua Magestade se dignou conservar as honras de ministro e secretario d'estado retirou-se ao Collegio Militar de que era director. Ahi fez em pouco tempo importantes melhoramentos na parte litteraria e moral bem como na parte physica e economica. No primeiro de outubro d'este anno foi nomeado par do reino e a 20 de abril de 1835 ministro do reino, logar que accitou para obedecer a Sua Magestade e ás instancias dos seus amigos.

N'este anno as circumstancias publicas já não eram as da primavera de 1836 e o governo reduzido aos seus recursos ordinarios não podia remediar definitivamente os males resultantes dos vicios da legislação e da fascinação dos espiritos exaltados pelas iniquas maquinações dos falsos amigos da liberdade. Comtudo Agostinho José Freire tinha promptas as propostas que juntamente com as dos seus collegas deviam ser apresentadas na sessão das côrtes de 11 de setembro, com o fim de elevar a situação do reino, quando a fatal revolta de 9 d'este mez destruiu a Carta Constitucional e sepultou no mesmo abysmo todas as esperanças de prosperidade publica.

Agostinho José Freire exerceu successivamente as funções de ministro da guerra, da marinha, do reino e interinamente dos estrangeiros, e em cada uma d'estas repartições

cumpriu de tal maneira bem os seus deveres que não se pôde determinar em qual d'ellas serviu melhor.

Mostrou-se sempre superior aos maiores elogios attra-hindo a admiração e o respeito dos amigos e dos inimigos de dentro e de fóra do reino.

Apreciando justamente o innumero valor do nosso sa-grado Codigo, regado com tanto sangue nos cadafalsos, no campo de batalha e até mesmo nas masmorras, Codigo, que, restaurando a gloria nacional e disputando recordações de epochas brilhantes, nos unia aos estados da Europa; que por sua origem veneravel e pela historia das suas vicissitudes ha uma barreira inexpugnavel contra quaesquer inimigos. Agos-tinho José Freire sempre fiel á sua consciencia abandonou completamente o serviço publico desde a desgraçada noite de 9 de setembro e obteve a demissão dos seus empregos, protes-tando ao mesmo tempo a mais pura e constante lealdade á pessoa sagrada da Rainha e ás Instituições liberaes.

O desinteresse, a fidelidade e a firmeza—eis os mais bellos titulos de gloria d'este homem insigne em quem o du-que de Bragança depositava liberalmente illimitada confiança. Quando lhe escrevia o Principe tinha sempre o costume de começar as suas cartas pelas expressões affectuosas de «meu Freire» ou «amigo Freire», e rematava-as sempre:—Seu amigo D. Pedro.

Agostinho José Freire, depois que abandonára comple-tamente os negocios publicos, partilhava o seu tempo entre os livros e alguns amigos escolhidos, mas na manhã de 4 de no-vembro de 1836 recebeu ordem positiva da Rainha para ir ao paço de Belem. Ao passar na praça da Pampulha onde estacionava um batalhão nacional um individuo d'este corpo fez parar os cavallos da carruagem em que ia, e abrindo-a, transportado de uma alegria feroz ao reconhecer o ex-minis-tro, mandou atirar sobre elle:—um tiro de espingarda partiu seguido d'outros bem escusados porque já não feriam mais que um cadaver!

Despojado das condecorações, das joias, dos dinheiros e ate do proprio fato o corpo foi levado quasi nú, sobre uma

miseravel padiola, para a vala commum do cemiterio, por entre imprecações e as blasphemeas da populaça furiosa.

Na noite do mesmo dia uns bandos de monstros, ousando profanar a sepultura, desenterraram por duas vezes a infeliz victima para ver se algum miseravel resto havia ainda que podesse servir de pasto brutal a sua rapina.

Assim terminou seus dias o athleta infatigavel da liberdade, depois de os ter tantas vezes exposto em sua defeza; assim acabou o homem de Estado profundo, o orador eloquente, o guerreiro intrepido, que em tantas conjecturas difficeis salvou pelo conselho e pela espada a causa da Rainha e da Carta; e que tantas vezes honrou o nome portuguez, no gabinete, na tribuna e no campo; o inseparavel camarada do immortal duque de Bragança, que mesmo no leito da morte se dignou dar-lhe provas da mais honrosa estima; o amigo fiel e affectuoso, o homem amavel, o cidadão probo e sem mancha em todas as relações da sua vida publica e particular.

Esta abominação inaudita commettida não n'uma lucta, mas contra um homem pacifico e indefeso, não n'uma revolta popular, mas perante um batalhão armado; não na sombra da noite, mas em pleno dia; não n'um logar solitario, mas no seio da capital e em presença de milhares de testemunhas—um attentado tão horrivel não provocou no governo uma só palavra de reprovação! Antes pelo contrario—um ministro da corôa, gerado pela noite de setembro, teve a imprudencia de affirmar n'um escripto official, á face de Deus e do Universo, que n'aquelle dia não se commetteu um unico crime—um só excesso! Oh! vergonha! Oh! escandalo! Oh! infamia! O coração não me deixa proseguir—não pode supportar tanto horror e indignação; mas é possivel descrever tão medonha atrocidade. Morto illustre! a justiça de Deus te vingará das injustiças e das iniquidades dos homens. A nação sabe bem quanto deve a Agostinho José Freire e quanto lhe poderia ainda dever... Morreu sómente para os seus assassinos; mas vive no coração dos seus numerosos amigos; e viverá eternamente na posteridade como modelo do merito mais completo

é como victima da ingratiidão mais horrivel, da perfidia mais repugnante e da mais execravel ferocidade!»

Nota

A biographia de Agostinho José Freire que acabamos de publicar sahio primeiro no tomo 3.º part. 1.º da *Biographie de hommes do jour*, de Germain Sarrut et B. Saint Edme, e é d'aqui que a transcrevemos. Não traz o nome do auctor mas é geralmente attribuida a João Baptista Felgueiras, (*) cuja biographia se encontra no vol. 5 do *Diccionario Popular*. N'este escripto ha porém alguns factos que não são a expressão verdadeira da historia, cumprindo por isso rectificar alguns como estes :

«Assistiu, com pouca sympathia, á reunião das côrtes constitucionaes, mas não tomou parte em nenhuma das tentativas da contra-revolução, e foi talvez comitudo, bem involuntariamente e bem occasionalmente, causa da morte de Agostinho José Freire.

No dia em que se deu este triste acontecimento, João Baptista Felgueiras, que morava então na rua do Quelhas, convidou Agostinho José Freire, seu amigo particular, como dissemos, e que morava em Rilhafolles, para ir jantar com elle e comerem juntos um magnifico pavão. Agostinho José Freire veio, e em casa de Felgueiras soube que a Rainha partira para Belem, e que se planeara a contra-revolução. Não pensou mais em jantar, e, mettendo-se na sua carruagem, partiu para Belem pelo caminho de Alcantara, que era o que lhe ficava mais perto. Foi ahi que encontrou a morte. Se não vem a casa de Felgueiras, saberia a noticia em Rilhafolles, partiria para Belem naturalmente por outro caminho, e quem sabe? talvez houvesse evitado a morte.»

Agostinho José Freire foi assassinado na manhã de 4 de novembro e dito isto está mostrada a inexactidão do *Diccionario Popular*. O proprio Felgueiras, se é d'elle como se

(*) Innocencio Francisco da Silva—«Diccionario bibliographico portuguez»—sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho—«Diccionario bibliographico militar portuguez».

diz a biographia que transcrevemos de Agostinho José Freire, e o proprio *Diccionario* confirma, informa que na manhã de 4 de novembro recebeu ordem positiva da rainha para ir ao paço de Belém, e que ao dirigir-se para alli, foi assassinado na praça da Pampulha.

Freire, um dos chefes do partido cartista, não podia ignorar que se preparava a contra revolução, pois esta era feita pelo seu partido e de accordo com a rainha. Além d'isto, antes de se dirigir a Belém, foi instado pelo seu antigo collega Joaquim Antonio d'Aguiar, para irem embarcados pelo Tejo, ao que elle não accedeu preferindo ir na sua sege, e por ter optado por aquelle meio de transporte é que Aguiar salvou a vida.

Poderia ter razão de ser o facto narrado no *Diccionario Popular* se Freire se houvesse dirigido ao Paço de Belém na tarde ou mesmo na noute de 3, mas contra isto mesmo ainda que se havia a notar o elle não ia fazer ignorar a contra revolução, pois levava vestida a sua farda de ministro d'estado honorario, o que fez com que mais depressa fosse reconhecido, e não é crível que fosse assim para comer um pavão a casa d'um amigo.

Além de tudo isto, quer Freire se dirigisse para Belém directamente da rua do Quelhas, quer de Rilhafoles, não tinha outro caminho se não o que seguiu, a ponte d'Alcantara. A actual rua 24 de julho foi feita muitos annos depois, em 1858, se bem nos recorda.

Mas ha mais ainda. Parece-nos poder afirmar que Freire já não habitava n'esta epoca em Rilhafoles. Residiu alli é verdade emquanto director do collegio militar, mas havendo-se demittido d'este cargo, (D. do G. de 22 de setembro de 1836) não é crível que alli continuasse a ter a sua habitação.

«Eleito deputado por Vianna, diz o «*Diccionario Popular*», quando começava a tramar-se um movimento em favor da restauração da Carta, estava naturalmente indigitado para ministro quando a restauração triumphasse. Deu-lhe o triumpho como é sabido, o pronunciamento no Porto de Antonio Bernardo da Costa Cabral e este, apenas foi chamado ao governo sem consultar sequer João Baptista Felgueiras, fez layrar o decreto no

meando-o ministro da justiça. Surprehendido por esta nomeação inesperada, tanto mais que elle desejando a restauração da Carta, desapprovava os meios revolucionarios a que se recorrera, João Baptista Felgueiras vestiu immediatamente a sua beca, e foi directamente ao Paço entregar a sua demissão, ficando assim ministro de estado honorario, sem nunca ter sido ministro. Costa Cabral nunca lhe perdoou esta sua resolução, e na sessão da camara dos deputados de 10 d'agosto de 1842 claramente revelou a amargura dos seus sentimentos.»

O pronunciamento do Porto, de 27 de janeiro de 1842, em favor da restauração da Carta, não levou logo ao poder Costa Cabral. Por ter sido o seu auctor ou o principal cooperator, foi demittido de ministro da justiça em 26 de janeiro. O ministerio de que elle fazia parte foi tambem substituido em 7 de fevereiro por outro presidido pelo duque de Palmella. Foi este o chamado ministerio de entrudo. Passados tres dias organisava-se outro gabinete com feição acentuadamente cartista, é verdade, mas sob a presidencia do duque da Terceira e mandava-se pôr em vigor a Carta. Costa Cabral, porém, continuava a ser afastado do poder. A principio aquelle ministerio compoz-se só de tres ministros, a saber: presidencia, guerra e estrangeiros, duque da Terceira; reino e justiça, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque; fazenda e marinha, José Jorge Loureiro. No dia 20 houve recomposição ministerial, entrando para a pasta da justiça João Baptista Felgueiras. Quem o chamou ao governo foi Mousinho e Terceira, que eram os elementos preponderantes do gabinete. Costa Cabral não fazia parte do governo. Quando Costa Cabral foi chamado ao governo já Felgueiras se havia demittido.

João Baptista Felgueiras foi consultado antes de nomeado, e exerceu o logar de ministro não obstante o *Diccionario Popular* affirmar o contrario. E' o proprio Felgueiras que se vao encarregar de desmentir o seu biographo. Na sessão da camara dos deputados de 9 d'agosto referindo-se á sua passagem pelo poder disse :

«Entrei nos conselhos de sua magestade não sem decidida repugnancia, não sem repetidas, e nada equivocas escusas; porque media a immensa distancia, em que da magnitude do cargo ficava a tenuidade da»

minhas forças, e porque (seja-me licito dizel-o, sem culpa de vaidade) eu não podia querer em circumstancias as mais graves e arduas o que mais de uma vez tenazmente recusei em situações as mais bonançosas e lisongeiras; mas as coisas se complicaram de modo, e chegaram a ponto, que não vi alternativa, senão a da obediencia e dedicação a quem se dignava de honrar-me com a sua alta confiança. Foi uma das mihas stipulações, que a minha nomeação se não publicaria, senão conjunctamente com a de todos os demais que eram necessarios para completar o ministerio.

Nem essa condição se cumpria, e com tudo se procedeu por modo tão delicado, que tambem só me restára o recurso do silencio, e resignação. Ainda sóa em meus ouvidos, e nunca se apagará da minha memoria a sentença que então ouvi, cheia de conceito e magestade; mas que não vem para aqui.

• Ma manhã de 21 de fevereiro me foi apresentado o decreto da minha nomeação de ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, e como se me dissesse ao mesmo passo, que havia mostras de inquietação publica promovida por certos agitadores, não tardei em ir tomar conta d'aquella repartição do estado, para cumprir meus deveres, no que de mim dependesse.»

Em aditamento ás demais notas biographicas de João Baptista Felgueiras, publicadas pelo *Diccionario Popular*, diremos tambem, que nasceu na Quinta de Cedofeita, suburbios de Guimarães, a 6 d'abril de 1787, e que ás côrtes constituintes de 1821 foi eleito deputado pelo Minho e ás ordinarias de 1822 pelo Porto.



bibRIA

DISCURSO

DE

MANUEL PASSOS

NA SESSÃO DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 18 DE
OUTUBRO DE 1844

Sr. Presidente! E' com profundo sentimento que me vejo obrigado a tomar a palavra na presente questão. Ha muito tempo que eu vivia retirado dos negocios publicos.— Este fastio, esta indifferença politica, vieram-me no dia em que o meu proprio partido commetteu um grande erro—e, direi *francamente*, um grande crime:—foi no dia da *Presignja!* Os meus amigos politicos imitaram então os procedimentos do governo de D. Miguel, e fizeram prender *muitos* cidadãos distinctos por seus grandes serviços á causa constitucional. Desde então considerei a revolução como perdida porque estava deshonrada. Os homêns da liberdade tinham imitado os exemplos crueis da tyrannia. Desde esse momento acompanhei com minha dôr aquella revolução na sua longa agonia. Assisti melancolico ao seu passamento, e ás suas exequias.

Retirei-me então da scena publica, e fui buscar o descanso e as consolações da vida privada.

Hoje, porém, um acontecimento igualmente doloroso me obriga a abandonar o meu retiro, e solidão. E' com muito pezar meu que volto a tomar parte nas agitações politicas. Venho de novo levantar a minha voz no parlamento. Mas é una voz de paz e tolerancia que eu quero fazer ouvir á camara e ao paiz: não é um brado de iadignação e vingança. Não venho aqui para accender e inflamar odios civis.—Poderesse eu apagal-os todos!—Não venho fazer recriminações áquelles que, por ventura, as tinham merecido.—Não o fiz nunca—não o farei agora.

Necessito mais do que nenhum outro homem publico da indulgencia e benevolencia d'esta camara. Pertenço a um partido politico ao qual tenho sido fiel—sel-o-hei constantemente. As minhas convicções tem sido sempre as mesmas, ainda que por vezes as tenha modificado, esclarecido pelo facto da experiencia. Este partido politico—a que muito me glorio de pertencer—disseram alguns nobres oradores d'aquelle lado da camara, que estava inválido, e ha muito enfermo de uma molestia chronica de anarchia; que estava possesso do espirito das revoltas; e condemnado para sempre a uma perpetua nullidade, e impotencia. Este partido politico, seja qual fôr a sua importancia fóra d'esta casa, tem estado aqui fracamente representado—não pelo pouco merito dos seus membros mas pelo diminuto numero d'elles. Hoje ainda mais desertas se acham estas cadeiras, e os nossos grandes oradores ou ausentes ou dispersos. Não posso deixar de lamentar tão grande falta! Obrigado a pelejar pelo glorioso pendão do meu partido, sem poder receber nem os conselhos nem as inspirações dos chefes a quem tenho sempre obedecido, julgo indispensavel a benevolencia dos meus proprios adversarios—a sua generosidade—a sua indulgencia.

Tambem tenho visto, com bastante sentimento, que a imprensa do governo me tem querido apresentar ao paiz como chefe e director das opposições reunidas n'esta casa. Devo desfazer esse negocio, e declinar uma honra que não posso—não devo acceitar

A opposição cartista tem aqui os seus chefes; esses grandes homens d'estado e tribuna, que longo tempo vi na minha frente capitaneando o antigo lado direito da camara, e que tantas vezes me derrotaram nas pelojas parlamentares.—Ainda sinto a dôr das feridas que recebi do mais eloquente orador da direita; o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães.—Esse partido tão distincto, e com tão valentes campeões, não necessita de vir buscar os seus chefes a estes bancos agora tão desguarnecidos. O chefe experimentado de 1834 e 1835 póde hoje dirigir as opposições reunidas, com o mesmo acerto e pericia que então mostrou.—Muito me honrarei de poder

servir a causa da liberdade debaixo das suas ordens. A cadeira em que hoje me sento é a mesma em que me sente quando, pela primeira vez—tão moço ainda—entrei n'esta casa. Não fui então—não sou hoje—mais do que um soldado raso—mas firme—do partido a que pertengo. Se um joven orador, que tem immortalizado o seu nome e o da patria, e que era, sem duvida, o ornamento da tribuna, e a gloria do parlamento, não estivesse no exilio, a elle cabia a honra de guiar a opposição no certame parlamentar. Mas as nossas discordias civis arrojaram-no para longe da patria: a outros tocava então occupar o seu lugar. Se uma triste enfermidade não tivesse impedido de virem a esta camara dois grandes homens—um distincto professor, o antigo chefe da Universidade—e um magistrado illustre, honra da toga e dos nossos tribunaes—qualquer d'esses dois cavalheiros seria idoneo para impunhar o bastão do marechal, e conduzir a opposição ao combate, e quem sabe se á victoria. Na falta d'elles eu me comprazo em reconhecer por meu chefe o eloquentissimo orador que se senta ao meu lado o sr. Garrett, nome sempre caro á liberdade e ás letras. Se n'esta lucta, pois, eu cahir vencido tenho a consolação de que a minha derrota não será a do meu partido; e o sr. ministro que tomou a palavra depois de mim—quando vencedor, não terá de que gloriar-se. Não terá vencido um general do partido de setembro—engana-se se o cuida—terá vencido, apenas, um simples soldado—valente sim, mas obscuro—veterano, mas invalido.

Sr. Presidente! Fui eu o ministro que referendi o decreto que aboliu a Carta, e que a riscou do catalogo das nossas leis fundamentaes. Honro-me muito com esse acto da minha vida publica, porque esse dia e esse decreto marcaram uma época nova e brilhante na historia da liberdade, e da civilização do paiz. Fallo a uma camara cujas opiniões n'esta parte são inteiramente contrarias ás minhas. Eu tenho a Carta por uma constituição imperfeitissima—deficientissima.—A camara considera-a como a unica lei fundamental que póde fazer a felicidade e a gloria do paiz. Respeito essas convicções sinceras—não as censuro. Todos caminhamos ao mesmo

fim—a grandeza, a ventura e a liberdade da patria! Este é o nosso ponto de contacto. Não concordamos nos meios:—esta é a nossa unica divergencia. A nação póde optar entre nós; mas a historia só é que nos ha de julgar.

Sr. Presidente, ainda não tinha raiado o dia 24 de agosto de 1820, quando—imberbe ainda—já a liberdade me contava no numero dos seus filhos. (*Muitos apoiados*). A nação tem-me visto sempre na primeira linha dos seus defensores. No seu serviço nunca me viram nem tremor nem recuar. A Carta Constitucional é muito mais nova do que o meu amor á liberdade. Mas eu já defendi a Carta, já soffri, já peleei por ella. Quando só tinha a optar entre a Carta e um governo absoluto, a minha escolha não podia ser duvidosa—optei pela Carta. Os cavalheiros d'esse lado, que tanto soffreram por ella, viram-me sempre nas terras estrangeiras, exilado, proscriptos como elles—os que foram proscriptos—os que se exilaram. Os cavalheiros d'esse lado, que peleejaram pela Carta, tambem me viram nas pelejas servir ás suas ordens: e trocar a ordenação e o digesto por uma espingarda. Então era eu cartista, e honrava-me de o ser. Comtudo tendo a optar contra a Carta e outra Constituição menos defeituosa, a minha escolha está feita. E' esta a situação em que me achei no dia 10 de setembro.

Sr. presidente! Eu fui um grande admirador da revolução de 1820. Não posso recordar-me ainda sem muita veneração dos grandes homens d'essa epoca, dos fundadores da nossa liberdade! Fiz muitas vezes a apologia da Constituição de 1822, oppuz-me em 1823 á sua quéda, e até á sua reforma. A Constituição de 1822 era muito semelhante á de Cadiz de 1812, e á de França de 1791.

Os tempos, os odios dos partidos, as paixões politicas, não têm podido destruir, nem sequer minorar, a profunda veneração que tres illustres nações consagram ainda ás suas respectivas assembléas constituintes: porque ellas encerravam em si quanto essas nações tinham de mais illustre e respeitavel. E comtudo as Constituições que fizeram são hoje unanimemente regeitadas como improprias para constituir o Estado.

Mas é porque não se considera que a Constituição de França de 1791, a de Cadiz de 1812 e a de Lisboa de 1822, não eram verdadeiras Constituições. E' porque se reflecte que a missão d'aquelles congressos não era constituir a nação mas unicamente fundar uma dictadura electiva e poderosa, e armar as futuras assembléas legislativas do formidavel poder de destruir todas as bases da monarchia absoluta, esmagar e aniquillar todas as velhas instituições feudaes, incompativeis com as novas instituições, filhas da civilisação. Esta missão terrivel preencheu-a em França a assembléa legislativa, e a convenção—Deus tinha-as condemnado a esse doloroso ministerio.—Em Hespanha e Portugal não foi assim. A Carta Constitucional de 1826 não cahiu em 1828 senão porque a missão que as côrtes das Necessidades tinham encarregado ás futuras assembléas legislativas, não fôra entendida nem aceita por ellas: nem mesmo depois pelo imperador. Mas em 1832 a experiencia tinha já amadurecido os nossos homens d'Estado, e o imperador ousou tomar sobre seus hombros a grandiosa empreza diante da qual tinham vacillado as segundas côrtes portuguezas.

Este grande e gloriosissimo Principe chamou aos seus conselhos os veteranos da liberdade, os srs. José da Silva Carvalho, Agostinho José Freire, Joaquim Antonio d'Aguiar, Joaquim Antonio de Magalhães, José Xavier Mousinho da Silveira, Visconde de Sá e outros. Rodeado assim de tão grandes homens d'Estado, fortalecido com as suas luzes e experiencia, o imperador destruiu uma por uma todas as instituições da velha monarchia, e do feudalismo. Eu não seria justo se não recordasse aqui que o sr. duque de Palmella reformou muitas d'essas importantissimas medidas. A liberdade, desde então, não teve mais que receiar. A Carta ficou vencedora. Mas a liberdade não tinha ainda feito todas as suas legitimas conquistas. A civilisação tinha outras necessidades que era mister satisfazer.—Foi essa a missão da revolução.

No dia 9 de setembro a guarda nacional da capital—por si, sem auxilio de tropa de linha, sem suggestão de partidos, sem o voto, sem o conselho dos homens d'Estado que

tinham até alli dirigido a opposição parlamentar—insurgiu-se contra a Carta de 1826, outorgada por El-Rei D. Pedro IV, e proclamou a Constituição de 1822, que fôra livremente discutida e decretada pelas côrtes geraes da nação; sem que ninguém ousasse oppôr-se a este movimento espontaneo da capital.

Eu considero esta Constituição como um *Plebiscito*—indispensavel em 1822—mas não como lei fundamental propria para reger o paiz em 1836, passados quatorze annos de tantas alterações e vicissitudes politicas. E o povo da capital, como que por instincto, reconheceu essa grande verdade; por isso quiz que essa Constituição fosse reformada por um novo congresso constituinte; e, se me é permittida a metaphora, tomou-a apenas como um náo que se mandava para o estaleiro, e não para navegar logo n'ella. Que maior documento queremos nós da moderação e sensatez do povo de Lisboa? O grito de 10 de setembro era, talvez a expressão de uma grande saudade. Era o povo que se *recordava* dos fundadores da nossa liberdade, que os honrava com a sua *gratidão*, e *vingava* a memoria das primeiras côrtes constituintes tão cruelmente ultrajada pelas restauração de 1828.

E' muito cara para mim, e para todos, a memoria do imperador D. Pedro; mas para mim e para todos os portuguezes, não deve tambem ser menos cara a memoria de Fernandes Thomaz, do virtuosissimo Manuel Borges Carneiro, e dos outros excellentes barões que compozeram o primeiro congresso constituinte. O dia 9 de setembro mostrou quantos progressos o povo da capital tinha feito no caminho da civilisação!

No dia 10 de setembro Sua Magestade acceitou a Constituição proclamada, com as modificações que as côrtes lhe fizessem. Chamado aos conselhos da Rainha referendei o decreto pelo qual se declarava que a Carta Constitucional cessava de ser lei fundamental do Estado. A camara entende que semilhante acontecimento melhor fôra que não tivesse tido lugar. Eu sou de opinião contraria:—honro-me da parte que tomei n'esses acontecimentos.

Depois do dia 9 de setembro, homens muito illustres en-

tenderam em sua consciência que não deviam acceder á revolução. Senti muito esta fatal resolução tomada por tantos homens d'Estado. Quando um partido politico recusa reconhecer a ordem constitucional, e o principio do governo, é porque entende dever appellar para as armas, e só tem confiança na insurreição e na revolta. Preparei-me para a resistencia. Julguei do meu dever aconselhar a Sua Magestade todas as medidas que me pareceram proprias para fazer triumphar a revolução—para a entregar incruenta ao congresso constituinte—e para a consolidar, e honrar com instituições beneficicas, e com uma politica illustrada e humana.

A Constituição de 1822 consagrara o grande principio da *soberania nacional*, Era uma Constituição que não fôra outorgada por um Rei como concessão e merecê; mas discutida n'um parlamento nacional—o mais illustre dos nossos parlamentos.—Quem se não recorda com orgulho das venerandas côrtes das Necessidades? (*Apoiados*). Os homens illustres (muitos dos quaes se acham hoje sentados d'este lado da camara) que, no tempo a que me refiro, julgaram do seu dever assellar a sua fidelidade á Carta dando, nobre e desinteressadamente, demissão dos empregos que exerciam, apesar do muito que respeito as suas convicções e a sua abnegação, creio, contudo, que commetteram um grande erro como politicos,—uma grande falta como cidadãos. O que somos nós todos, os liberaes portuguezes, senão partidistas da *Soberania Nacional*? Era a este principio, solememente invocado em 9 de setembro, que todos deviamos ser fieis. Os homens que então se declararam hostis á revolução commetteram pois uma gravissima falta. Senão podiam prestar os seus servicos ao ministerio, que os deviam recusar á nação.

Vendo preparar-se uma tão formidavel resistencia, nem por isso confiei menos na energia do paiz. Eu disse aos meus amigos no dia 10 de setembro: «Oito dias de vida, e a revolução está salva—vencedora—e cercada de grandes interesses sociaes, e de instituições, que a honrem e fortaleçam.»

A Constituição de 1822 era *anachronica* quanto á energia politica, quanto á collocação, divisão e partilha dos po-

deres. A sociedade para quem ella fôra feita tinha desapparecido. A Constituição de 1822 como n'esse anno fôra decretada, não convinha já á nação de 1836. Assim, eu e os meus amigos politicos, interpretámos a acclamação de 9 de setembro não como a restauração d'aquelle velho Codigo, mas como a solemne proclamação da *Soberania Popular*—uma preferencia dada ás Constituições parlamentares sobre as Constituições outorgadas.

A soberania nacional é um principio velho em Portugal. Foi por elle que subiram ao throno as casas d'Aviz e Bragança—D. João I e D. João IV. E' grato recordar que no seculo XVII um duque de Bragança dizia aos portuguezes: «Se fizerdes uma republica, eu serei bom e fiel vassallo d'ella.» Da soberania popular derivam a sua legitimidade as dynastias actualmente reinantes na Inglaterra, na França, e na Belgica. A este principio desejava eu que os veteranos de 1820, tivessem sido fleis em 1836, e que não recusassem á patria os seus importantes serviços em tão difficeis circumstancias. Não o entenderam assim. Desde então o nome de cartista designou uma fracção do partido constitucional. Este partido achou *estreita* a imprensa, *estreita* a urna, *estrito* o parlamento, para me servir da bella phrase de um espirituoso orador d'esse lado. Preparei-me, pois, para responder aos argumentos das bayonetas; e os meios que organizei, poderam salvar a revolução, cuja defesa fôra entregue á minha lealdade. Esses mesmos meios a teriam salvado mais tarde, se houvessem sido dirigidos com acerto; ou, se antes se não houvessem perdido, destruido e desacreditado com singular desaccordo, e errada politica.

O partido cartista, forte e glorioso, devia esperar tudo da força immensa que lhe dava o prestigio de seus serviços e talentos: e por isso não devia abandonar nunca os meios legaes em que era tão forte. Mas não foi assim: tres vezes appellou para as armas, e para as revoltas. Foi necessario combatel-o no campo. Por duas vezes ficou vencido em Belem e em Ruiuaes.—Foi mais feliz na sua terceira tentativa. Não sei se tem motivos de estar contente com o seu triumpho,

Em todo o caso não é este partido—que tres vezes achou *es-treitas* a imprensa, a urna, e o parlamento, e que tres vezes appellou para o furor das armas—que pôde dizer aos seus adversarios: «Padeceis d'anarchia chronica; estaes possessos do espirito da desordem, e do demonio das revoltas.» Não! Não o pôde dizer!

Depois da revolta de Belem os homens mais importantes dos dois partidos dissidentes, direi,—os dois partidos—tinham concordado em que as duas Constituições de 1822 e 1826 se elevassem á mesma categoria, e se collocassem uma a par da outra para effeito de se reformarem—e sobre ellas organizar a nova Constituição. Foi isto que fez o ministerio de setembro com o decreto de 6 de novembro: e isso foi um grande triumpho, e uma grande concessão. Os cartistas deviam prestar no parlamento os seus serviços á nação, concorrendo com os seus esforços para que a nova Constituição fosse a mais accommodada ás nossas necessidades e exigencias sociaes.—Nunca a imprensa foi tão livre.—Nunca houve ministerio que mais respeitasse e dilatasse os meios da opposição constitucional. Porque não foram os cartistas á urna? Commetteram ao mesmo tempo um grandissimo erro, e uma gravissima injustiça para comnosco. Um grande pensamento d'ordem, de tolerancia, e de benevolencia, presidia á revolução de setembro. Quando se pretende inculcar que essa generosidade dos ministros da revolução não era de todos os meus amigos politicos, não se lhes faz a justiça que merecem. Estavamos todos de accordo no pensamento de salvar a revolução sem a deshonar: todos respeitavamos os vencidos, prestavamos homenagem aos seus merecimentos, e nunca desconhecemos os seus serviços passados.

Estou em opposição á politica do sr. Costa Cabral, mas não devo de occultar que s. ex.^a mesmo, no Campo de Ourique, concorreu, com todos os mais chefes do partido de setembro, para essa politica generosa, e benevola, que unanimemente se adoptou, sem se ouvir uma só voz em contrario. E a justiça que devo fazer a todos, me obriga a declarar tambem, que, mais tarde, encontrando por acaso s. ex.^a em

casa do administrador geral, a quem eu ia prevenir de alguns boatos de desordens, ouvi a s. ex.^a enunciar por essa occasião, uma desapprovação formal de semelhantes tentativas, que felizmente não tiveram logar então. Enquanto tive relações politicas com o sr. ministro, não o vi participar de outras ideias, nem praticar acção que e deslustrasse.

Por honra dos meus amigos politicos a camara me relevava que eu falle com mais extensão de algumas occurrenças d'essa epoca.

Sr. presidente! Os tres commissarios que Sua Magestade nomeára em Belem para tratarem commigo e com outro parlamentar do Campo de Ourique, sobre a concordia dos dois partidos dissidentes, não exigiram mais do que estas condições:—1.^a Amnistia amplissima;—2.^a Que nas procurações dos deputados ao Congresso Constituinte se declarasse que a nação lhes conferia plenos poderes para reformarem a Constituição de 1822 e a Carta de 1826;—3.^a Que a camara dos pares entendesse na reforma de ambas as Constituições. Os dois primeiros artigos foram admittidos por mim e depois unanimemente approvados por todos os chefes do Campo d'Ourique, generaes, deputados e commandantes da guarda nacional e corpos voluntarios e outros cidadãos illustres que voluntariamente quizeram honrar com a sua assignatura aquelle grande documento. A 3.^a condição, porém, não a podemos admittir.

O partido de setembro fez todas quantas concessões podia fazer, e eram compativeis com a sua honra e principios. E não fui só eu, como se tem querido inculcar; todos os meus amigos politicos, chefes e soldados, concorreram n'este pensamento de conciliação,—n'esta politica de generosidade e tolerancia. O sr. Costa Cabral, mesmo, assignou tambem esta convenção, e poz n'ella o seu nome a par dos nomes dos srs. Anselmo José Braamcamp, Barreto Freio, Julio Gomes, e outros. Trago este facto á recordação da camara porque elle pode fazer honra a s. ex.^a e eu não costume citar dos meus adversarios senão os precedentes honrosos.

Já se vê, pois, que o programma do partido cartista,

em Belém, foi realizado por decreto de 10 de fevereiro. Ha muito que este partido exigia a reforma prompta da Carta, não pelos meios que ella prescreve, mas pelos meios indicados nas propostas em Belém, e no sobredito decreto de 10 de fevereiro de 1842. Uma Constituição reformada é uma Constituição nova. A Carta franceza de 1830 não é a Carta de 1814. Eu deploro sinceramente esta miseria—este fanatismo por designadas Constituições.—Um quer a Constituição de 1820, outro a de 1826, outro a de 1838! O que seria de França se os homens d'Estado, quando chamados ao poder, tivessem uma Constituição dilecta, que fizessem prevalecer ás outras? Se este quizesse a Constituição de 91, aquelle a de 93; este a do anno 3, aquelle a do consulado e do Imperio, este a de 1814 e aquelle a de 1830! A opposição franceza limitou-se por 15 annos ao circulo estreito que lhe marcara a Carta de 1814, até que obteve a sua reforma em 1830.

A reforma de todas as Constituições póde obter-se por meios pacificos. O decreto de 10 de fevereiro tinha indicado estes meios. Mas este decreto não foi cumprido; e no entanto se algum partido lhe devia ser fiel, era por certo aquelle que via realisadas n'esse decreto todas as suas antigas esperanças. Alguns dos meus amigos julgaram dever pedir com as armas nas mãos o cumprimento d'esse decreto;—os nobres oradores d'aquelle lado censuravam-n'o por isso. Não serei eu que approve o seu comportamento; mas não é por certo d'aquelle lado que devia partir semelhantes censuras. Devo ter indulgencia com os meus amigos, porque tenho sido indulgentissimo com os meus adversarios. O sr. ministro do reino achando-se á frente dos negocios, honrado com a plena confiança de Sua Magestade, e a do parlamento, foi ao Porto e proclamou de mão armada a destruição da Constituição, cuja guarda lhe fôra confiada. O seu comportamento tem sido amargamente censurado; não serei eu quem o louve: digo, porém, que desdo que s. ex.^a se convenceu de que os meios constitucionaes não eram bastantes, e que era necessaria uma revolução, e que só a Carta podia fazer a felicidade do paiz; perante a historia tem unicamente a responder pelos resultados

da sua politica. Pela irregularidade dos meios não responde nem pôde responder. Nunca se fez nenhuma revolução com a ordenação do reino á vista. Quem faz uma revolução subleva um corpo de linha, dois corpos, muitos corpos; faz insurgir os batalhões da guarda nacional; organisa novas forças, lança mão dos cofres publicos para acudir ás despezas da guerra; avança ou retrocede; vence ou é vencido. A victoria ou a derrota capitula o successo de virtude ou de crime no tribunal de leis: e a historia, mais tarde, approva ou condena pela nobreza ou vilania das intenções, e sobretudo pelos resultados infelizes ou prosperos para a massa dos interesses geraes. As revoluções não foram nunca, nem jámais hão-de ser, outra cousa. E' sempre a desordem contra a ordem estabelecida; e n'isto não se erguem nem as regras, nem os termos das leis: Vejam como eu sou indulgente com o sr. ministro do reino. Os nobres deputados devem sel- muito mais com os meus amigos que se pozeram á frente do movimento de Torres Novas, porque nem eram ministros da corôa quando se insurgiram, nem tinham uma maioria parlamentar que os apoiasse.

Alguns illustres oradores querem que a qualidade de deputado, que tinham os chefes da revolta, seja aqui recordada para tornar mais pungente a censura feita a esses cavalleiros. E não advertiram os illustres oradores que a censura que fazem aos amigos auzentes, cabia tambem a dois dos seus amigos presentes.—O sr. ministro do reino e o sr. barão de Leiria.—Para que havemos de ter duas justicas, e duas balanças? Eu não censuro, desculpo. Se faço esta allusão é com muito sentimento; não é para depreciar os meus adversarios, mas para os desculpar, e desculpando-os a elles tambem desculpo os meus amigos. A' frente da revolta acharam-se os srs. conde de Bomfim, par do reino, o sr. deputado Antonio Cezar de Vasconcellos, ambos elles altos empregados da minha administração, e o sr. deputado José Estevam Coelho de Magalhães, que foi o chefe da opposição que eu tive no Congresso Constituinte. Era muito moço esse grande talento quando pela primeira vez entrou n'esta casa. Pensava então

sinceramente que a revolução que eu entregará gloriosa e vencedora, pura e immaculada ao Congresso Constituinte, podia obter mais força, mais gloria, e mais esplendori reprovava altamente o que então se chamavam as minhas *pastelarias*. Muito tempo depois conservou ainda esses preconceitos. Mas o tempo e a experiencia o desenganaram de suas illusões e preconceitos; e mais tarde fez-me justiça—não só ás minhas intenções mas tambem á minha politica.

Se eu não tomasse a peito a defeza de um homem tão illustre, talvez se entendesse que conservava algum ressentimento contra o eloquente orador da opposição de 1837. A camara sabo quanto aprecio as suas virtudes e os seus talentos. Não venho aqui defender os mesquinhos interesses d'uma patente ganha em cem combates a preço de sangue; nem os de uma cadeira de professor obtida em certame academico: venho defender os grandes interesses da sua reputação, e da sua gloria. Inspira-me a amizade que lhe consagro, o esplendor d'esta tribuna que elle ennobrecia, e a felicidade da nação porque elle sempre pugnára. Desejo abrir-lhe as portas da patria. A terra do exilio recebeu um grande orador—a patria acolherá no seu reresso um grande homem d'Estado. E será d'elle, por ventura, que se pôde dizer que fugiu do parlamento, *esmagado, pizado*, pela clava da discussão, como alguém aqui ousou asseverar?

A revolta de Torres Novas foi um erro; mas o mais ardente patriotismo abrazava o coração do joven deputado que estava á sua frente. Um deputado ao Congresso Constituinte, que é hoje membro d'esta casa, e uma das illustrações d'esse lado, o sr. barão de Leiria, tambem em 1837 se retirou do parlamento para se pôr á frente d'uma revolta, e ninguem disse que elle desertára por covarde, por medo da discussão. Julgou a insurreição necessaria, collocou-se á frente d'ella. As suas intenções sempre as acreditei purissimas: não perdeu nada no meu conceito. (*Apoiados*). Quando aqui chegou vencido, abracei-o—abracei-o quando chegou vencedor. A minha amizade, a minha consideração, não segue a sorte

das armas; não se gradua pelas derrotas nem pelas victórias.
(Apoiados).

Sr. presidente! Alguns oradores recordaram que os meus illustres amigos, que se pozeram á frente da revolta de Torres Novas, eram militares: e que por isso, alem da obediencia que quebraram como subditos, offenderam a disciplina como soldados. E até se indicou que trahiram a confiança que o governo tinha depositado n'elles. Mas n'isto ha equivocação, porque nem o Conde de Bomfim, nem o sr. Antonio de Vasconcellos, nem o sr. José Estevam, se levantaram em Torres Novas com os corpos militares que o governo lhes houvesse confiado. E n'esta parte o seu procedimento é irreprehensivel. Mas, sr. presidente, eu não sei como se possa fazer uma insurreição militar conservando a disciplina no exercito! Nas revoluções o soldado indisciplina-se contra o capitão, o capitão contra o coronel, o coronel contra o general, e o general contra o ministro da guerra. Tambem não é pelos artigos de guerra, nem pelas regras ordinarias da disciplina militar, que se julgam as insurreições e revoluções. Julgam-se pelas intenções dos seus chefes, pelas necessidades d'esses meios, pelas vantagens ou desvantagens dos seus resultados politicos. Quando um governo opprime o paiz, e pisa as suas leis fundamentaes; quando é incompativel com a paz e felicidade publica e militar, assim como o cidadão, deve mais lealdade á patria opprimida do que ao governo oppressor. E n'esse caso é o ministerio que está em revolta contra as leis, e em insurreição contra o paiz. O militar brioso é então obrigado a desembainhar a sua espada em defeza da patria, e não dos tyrannos. Fallo em geral, e não faço applicação d'este principio a hypothese presente. Por ventura censurou alguém os coroneis Sepulveda e Cabreira, porque em 24 d'agosto de 1820 faltaram á confiança da sanguinaria regencia do Rocio, para proclamarem a queda de um governo salpicado com o sangue de Gomes Freire, e que entregara o exercito ao commando dos estrangeiros, e fizera de Portugal uma colonia do Brazil? Não. Foram abençoados, proclamados como nossos libertadores—chamaram-lhes regeneradores da patria. Ahi está

d'esse lado da camara o sr. Tiburcio que então tambem abusou do commando, e hoje reune a duplice corôa de regenerador e restaurador. (*Riso*).

D'esse lado estão os cavalheiros que em 1837 se levantaram com os batalhões cujo commando a revolução de setembro confiara á sua lealdade. Os generaes barão de Cacicilhas e de Valongo, e Shewalback, a quem a minha administração déra o governo de praças e provincias, levantaram-se com ellas. E nunca eu os chamei perfidos, nem desleaes, nem traidores; antes de serem militares eram cidadãos. Julgaram que a nossa politica não convinha aos interesses do paiz: entenderam que primeiro estava a fidelidade á nação do que ao ministro. Se as suas intenções eram puras, como supponho, cumpriram o seu dever levantando-se contra nós; porque seis ministros não são a nação, e a primeira consideração de todo o homem livre deve ser a liberdade e a felicidade da sua patria.

Veja a camara como eu sou indulgente com os meus adversarios politicos. Mas esta justiça que lhes faço, tenho direito a exigir-a para os meus amigos que se insurreccionaram em Torres Novas, e cujos esforços a victoria não coroou. Ao seu patriotismo não pôde a camara deixar de prestar homenagem, como lh'a presta a nação inteira. (*Apoiados*).

Vi com muito sentimento que durante a oppressão—suppressão—da liberdade de imprensa, o governo com pouca delicadeza e generosidade, rasgando o véo que deve cobrir a vida privada de todos os cidadãos, devassou os segredos dos seus inimigos; e discutindo o estado da sua fortuna particular achou que n'elle estava a origem do seu comportamento politico—o estímulo da insurreição!—Foi isso, talvez, para se darem ao maligno prazer de comparar um illustro general com um caracter deshonorado da antiguidade—Catilina!

O Conde de Bomfim devia algum dinheiro:—aqui está a origem da sua revolta—disseram os seus adversarios quando elle estava insurgido, e a imprensa não podia tomar a sua defeza.

As dividas do Conde de Bomfim são muito—muitissimo

—inferiores aos seus meios de pagamentos. O Conde é lavrador, estava empenhado mas esse é o estado anormal de quasi todos os grandes empregarios agricolas no nosso paiz. Se o Conde de Bomfim é Catilina porque deve alguns contos de réis, então quasi todo o Alentejo e Ribatejo é composto de Catilinas. Esta penosa situação da classe agricola é a mais pungente censura do governo, a mais cabal refutação dos oradores que fizeram uma descripção brilhante da prosperidade publica, e o mais incontrastavel documento da miseria geral. Direi mais: o Conde de Bomfim foi ministro da guerra, administrou o mais dispendioso dos nossos ministerios.—Estou longe de fazer a apologia da sua administração, preferiria cem vezes como ministro e barão da Ribeira Sabrosa ao Conde de Bomfim.—Mas tiro d'esse facto a mais plena justificação da sua probidade. Esse ministro da guerra apesar da sua economia e parcimonia com que vivia, sahiu do governo empenhado. Eis aqui a demonstração da sua probidade, e do seu desinteresse.

O mesmo posso dizer do sr. Cezar de Vasconcellos. Montou uma grande empresa agricola. Teve de contrahir algumas pequenas dividas. Mas os seus bens são muitas—muitissimas—vezes superiores a essas dividas. Se os seus crédores não suam, para que sua o governo? A vida inteira do sr. Cezar responde a tão perfidas insinuações.

Não justifico a revolta, mas justifico as intenções, o nobre character e a pureza dos seus auctores. Apello para o testemunho dos illustres militares que se sentam d'esse lado da camara. Nem um só ousará levantar-se, e dizer, que o benemerito coronel José Gerardo Ferreira Passos, o valentissimo José de Vasconcellos Corrêa, podiam tomar parte na revolta por outro motivo que não fosse o mais sincero amor ao seu paiz! Foram infelizes: a lei póde condemnal-os; a Historia se reprovar os seus actos, não ha de deslustrar a sua memoria. D'esse lado estão cavalheiros que tomaram parte em tentativas semelhantes: foram tambem infelizes, e cahiram vencidos. Condemno a sua politica, mas nunca julguei deslustrado o seu nobilissimo character. Digo-o outra vez. Esta justiça que

faço aos meus adversários, requeiro-a para os meus amigos. E a camara ha-de fazer-lh'a. (*Apoiados*).

Pelo que toca a esse joven orador, preclarissimo ornamento d'esta casa, em quem se fundavam as suas bellas esperanças da patria, que posso eu dizer? Nem os seus mesmos adversarios suspeitaram nunca da pureza das suas intenções, nem julgo necessario appellar para a consciencia da camara. A sua reputação é incontestavel. O seu nome passará glorioso á posteridade. (*Apoiados*).

Cumpri até aqui um dever que a amizade e a patria me impunham. Vinguei os meus amigos que estão no exilio, e no infortunio, e eu considero entre os mais extrenuos defensores da liberdade. Desejo examinar a situação do paiz. E' largo o campo que se abre diante de mim. Não descerei ao lodagal—á miseria—das personalidades e das criminações. Nenhum bem póde d'ahi vir á nação. A camara deve saber a minha opinião sobre as grandes questões que a situação suscitou, e tambem a quero manifestar ao paiz. Com a franqueza do meu character direi o que sinto. O paiz quer saber a verdade; a camara espera-a de minha bôcca.

Sr. presidente, a Carta Constitucional é no meu entender um grande monumento de gloria para o Imperador. Não em si mesma—não pelo seu merito intrinseco—não porque seja um grande documento de sabedoria legislativa—mas porque nunca a patria, a Europa, o mundo, e a posteridade, poderão esquecer que por esse grande documento de lealdade e desinteresse, aquelle virtuoso monarcha abdicou voluntariamente o poder absoluto—cortou por muitas das prerogativas da corôa—para com ellas dotar e enriquecer o seu paiz natal. A gloria de D. Pedro não é a gloria de Solom, é a gloria de Servio Tullio e de Theopompo. Um monarcha generoso que deixa o descanso e as delicias do throno para correr aos combates, e que soffre as privações do ultimo dos soldados, não para dilatar as prerogativas da sua corôa, mas para as restringir, é, no meu conceito, a maior gloria, o maior brazão da especia humana. Nenhum outro fundador da liberdade em nenhum paiz da terra se lhe póde comparar. E' mais do que

Lafayette e do que Washington, porque nenhum d'estes dois grandes homens fizeram ao seu paiz tamanho sacrificio; nem mostraram tamanha abnegação.—D. Pedro é um Washington coroadado. (*Estrondosos apoiados*).

A Carta contém muitas das principaes bases do systema representativo. Grande era o pensamento do seu generoso auctor, mas a obra não correspondeu a esse grande pensamento. A Carta é cem vezes—mil vezes—preferivel á organização antiga, ao poder absoluto que ella destruiu. Aqui está o seu elogio.—Mas o governo que ella fundou, não é ainda o que reclamavam as publicas necessidades: não é um governo tão constitucional que o sophisma o não possa corromper, ou fazer degenerar, tornando mentirosa a liberdade. A Carta precisa reformada. E' este o meu pensamento. A reforma ha-de ter logar, seja hoje ou amanhã, d'aqui a dois mezes, ou d'aqui a dois annos. Confio tudo do tempo e da experiencia. A reforma poderá vir tarde; mas ha-de vir—é inevitavel. Prefiro a Constituição de 1838 á Carta; e contudo não sou partidista da Constituição de 1838. Mas, em 1842 o exercito proclamou a Carta, e a nação desarmada não se oppoz. Supponho, quero mesmo crêr, que a Carta foi proclamada pela *Vontade Nacional*. N'esta parte a nação condemnará a minha politica. Lealmente me submetto ao seu juizo. Dou o meu voto em contrario, mas respeito a lei da maioria. Aceitando, porém, á Carta uma lei fundamental do Estado, penso que me será permittido dentro do circulo constitucional, indicar a reforma, e os melhoramentos que ella necessita, e provar a conveniencia e urgencia d'essa reforma.

Esta opinião não é só minha, nem só do meu partido politico. Ha muito tempo que o antigo verdadeiro, e legitimo partido cartista (não o partido cartista de 1842)—os homens de Belem, aquelles a quem póde pertencer esse titulo glorioso—foram concordes na necessidade e na urgencia da reforma da Carta; e não pelos meios indicados no artigo 144.º da mesma Carta; mas por um meio analogo áquelle que foi designado pelo decreto de 10 de fevereiro de 1842. Os homens de Belem em 1836 queriam que a Carta fosse reformada por

uma assemblea constituinte e pela camara dos pares. Porque motivo o partido cartista quiz mais em 1842 do que em 1836? A Carta de 1826 não mudou—mudaram elles. Ou em 1836 mentiram á Carta, quando a queriam reformada, ou em 1842 mentiram ao paiz, quando a proclamaram Constituição perfeita.

Os partidos politicos devem ser fortes na adversidade, moderados na victoria. A espada de Brenno arrojada sobre um dos pratos da balança do capitolio de Roma, era a expressão da violencia de um barbaro. Os grandes homens procedem d'outro modo. Quando o general Wurmoer mandou as suas propostas para a capitulação e entrega de Mantua, dizendo que tinha ainda viveres para quinze dias; o general Bonaparte desambuçou-se, pegou na penna, e escreveu á margem, na proposta de Wurmoer, as condições que concedia ao general Austriaco. «E' possivel (disse elle) que o velho general tenha mantimentos para quinze dias. Se pedisse capitulação tendo ainda tantos recursos, não merecia que lh'a concedessem honrosa. Sei que não póde resistir por mais tempo: veja se lhe agradam estas condições. Esteja na praça quinze dias ou quinze mezes—o tempo que quizer—estas são as minhas condições; nunca as obterá melhores—*nem peiores.*» O partido cartista em 1842 não quiz seguir este grande e nobre exemplo de moderação e firmeza. E comtudo sou obrigado a fazer justiça ao nobre duque da Terceira, e aos dois ministros d'então, os srs. José Jorge Loureiro, e Luiz Mousinho d'Albuquerque. Estes cavalheiros não quizeram em 1842 mais do que tinham querido em 1836. Esta moderação está consignada no decreto de 10 de fevereiro. Ha, todavia uma differença, o antigo chefe do estado-maior e o antigo quartel-mestregeneral duque da Terceira, cumpriram—o general faltou! Os dois ministros imitaram a moderação e firmeza do general Bonaparte, e cahiram abraçados com o decreto de 10 de fevereiro: o duque da Terceira teve esse grande exemplo por semenos á sua dignidade, e violou a sua propria promessa, faltando á politica do seu partido.

O decreto de 10 de fevereiro, referendado pelo duque

da Terceira, foi o pendão da revolta de Torres Novas—o seu grito de guerra. A camara talvez deseje saber de mim como eu considero esse facto.

Houve uma revolta militar, em 27 de janeiro de 1842, para restabelecer a Carta. A guarda nacional estava dissolvida, ou desarmada. A nação, inerme, não resistiu. E quando a chamaram ás armas e á resistencia era já tarde. A Rainha accitou então o facto, e declarou abolida a Constituição de 1838 e restabelecida a Carta de 1826. Mas a Rainha não podia ser infiel ao principio que elevou ao throno a sua dynastia. A neta de D. João IV não podia desconhecer que a *Soberania reside na nação*. O decreto de 10 de fevereiro é uma homenagem prestada a este principio, uma appellação ao *poder* constituinte do paiz. Como publicista approvo o decreto, como portuguez, comprazo-me em reconhecer a lealdade constitucional da corôa. Se eu me tivesse collocado na posição em que um ministro se collocara pela revolta de 27 de janeiro, teria abraçado com ardor, com sinceridade e com enthusiasmo, o decreto de 10 de fevereiro, porque elle abria a porta mais segura por onde a revolta se podia legalisar. A accitação da Carta de novo proclamada só podia ter logar ou nas assembleas primarias, ou n'uma assemblea constituinte. As camaras legislativas não tinham poder para tanto.

O que eu aconselho ao sr. ministro do reino é o mesmo que eu proprio pratiquei quando a revolução de 9 de setembro me poz em situação analogá á sua. E por isso convoquei um congresso constituinte para que legitimasse a revolução. Direi mais, além do sacramento da legalidade, o sr. ministro podia collocar o seu partido n'uma posição mais vantajosa, porque em vez d'estas dictaduras pequeninas e mesquinhas—que são violações e não dictaduras—que elle tem exercido dentro do circulo de ferro da Constituição, que nunca devera ter quebrantado, podia exercer uma grande dictadura com mais vantagens, no periodo que decorresse desde 10 de fevereiro até á convocação do parlamento com *ambos poderes*, sem que ninguem podesse censural-o por isso, porque tinha os exemplos dos ministerios de setembro, e do Imperador, P.

deria assim consolidar a restauração: e teria então que responder perante o parlamento—não pela usurpação do poder legislativo; mas só pelo uso prudente que fizesse d'esse poder; não pela illegalidade, mas só pela conveniencia das suas medidas.

O sr. ministro não seguiu esta politica. Não quiz que a nação se conservasse n'um *estado indefinido*. Lançou no esquecimento o decreto de 10 de fevereiro, e quiz que a Carta de 1826, restaurada em 1848, não fosse reformada pelos meios indicados n'esse decreto. E, sem embargo, o imperador tinha concebido que a Carta devia ser reformada em 1830, depois de quatro annos de experiencia. E, sem embargo, o partido de setembro, e o partido cartista, os homens do Campo d'Ourique e de Belem, em 1836, tinham reconhecido a necessidade d'esssa reforma pelos meios extraordinarios de um Congresso Constituinte. E, sem embargo, o proprio duque da Terceira tinha tambem reconhecido essa mesma necessidade em 1842. E eu, primeiro que todos, o reconheço e proclamo ainda.

Bellas são aquellas palavras de Manuel Fernandes Thomaz. «Nenhuma lei ou instituição humana é feita para durar sempre.» O grande Principe que tão nobremente quebrara o poder absoluto, que abrira ao seu paiz o caminho da felicidade, não podia ter a persuasão ridicula e pueril de que a sua lei fosse eterna como a nação, eterna como a sua propria gloria, eterna como a lembrança dos beneficios que lhe deve o paiz.

E no entanto como homem de setembro, eu quizera que a camara convocada em virtude do decreto de 10 de fevereiro, e munida d'amplos poderes, acceitasse a Carta de 1826 pura e simplesmente, e a não reformasse ainda. E não ha n'isto contradicção nem orgulho, senão modestia e lealdade, e um grande esforço do meu patriotismo sobre o meu amor proprio. A Carta foi duas vezes destruida.... Em 1828 pela tyrannia; em 1836 pela liberdade que já então queria maior perfeição nas instituições, maior partilha no poder, mais largo circulo constitucional, e sobretudo, a conquista, o reconhecimento solemne d'um grande principio—*a Soberania Nacional*

—princípio até então sempre reconhecido em Portugal, mas que na Carta estava como homiziado dentro do artigo 12.º e parecia ser negado pelo seu preambulo—desmentido pela propria outorga do monarcha legislador.

A Constituição de 1838 era tanto reforma da Constituição de 1822, como da Carta de 1826. Mas uma Constituição reformada é uma Constituição nova: a Constituição de 1838 não é a de 1822 nem a de 1824; como tambem a Carta franceza de 1830 não é a Carta de 1814. Sobre a homenagem prestada á memoria do Imperador, sobre um generoso orgulho, que podia animar muitos homens a quererem (quanto fosse compativel com as necessidades publicas) a Carta conservada como monumento d'essas glorias reunidas, creio que uma razão *mais forte* devia por certo mover os auctores de 27 de janeiro a pegar em armas, para levantar o pendão da guerra civil e da revolta, e proclamar a Carta.

Esta razão *mais forte* para elles, foi, certamente, julgarem a Carta preferivel á Constituição de 1838. Sou d'opinião contraria; mas acceito o facto. A Carta foi restaurada: e com a sinceridade que me caracteriza, digo que os homens da Praça Nova a proclamaram não para ser reformada mas para ser executada. O seu programma com referencia á Carta de 1826, e exactamente o contrario do programma de 10 de setembro—com referencia á Constituição de 1822. Divergiram os soldados do Porto e os homens d'Estado de Lisboa—o partido combatente e o partido diplomatico. Mas a verdade é que a Carta foi proclamada na Praça Nova para ser executada como fôra outorgada em 1826.

Acceito este grande facto—súmetto-me a elle—convenho que seja essa a vontade da nação (não a minha). Sujeitei-me como era do meu dever, e jurei a Carta. Por ella estou aqui como deputado. Mas não applaudo a revolta, não lhe bato as palmas. Estou em minoria. Considero-me aqui como um Saxonio vencido entre os barões normandos de Guilherme, o Conquistador.

A Carta não resistiu a duas experiencias. E apesar d'esses revezes um partido consideravel, direi mesmo respei-

tavel, appella para um terceiro ensaio, para una nova experiencia. Lealmente não lh'os posso negar. Como homem de setembro tenho um dever de honra e lealdade; devo conceder — concedo—essa nova experiencia, esse ultimo ensaio. Se a Carta tivesse sido reformada depois da revolta da Praça Nova, o partido que persiste em a considerar como uma Constituição perfeita, levantaria mais tarde o pendão da guerra civil: e esta nova calamidade todos a devemos evitar pela nossa lealdade, pela nossa franqueza, e sobretudo pela nossa moderação que honra os partidos, e o caracter distinctivo da verdadeira convicção. Faça-se este terceiro ensaio; esta terceira experiencia do regimen da Carta. Se a experiencia fôr feliz; se da ostricta observancia da Carta, do exercicio do governo que ella fundou, derivaram, como de fonte pura, a paz, a liberdade, a gloria, e a grandeza do paiz; eu, que hoje não applaudo, os meus amigos, que estão silenciosos, que não creem n'essa idade d'ouro, nem n'esses arrois de mel e leite que da Carta hão-de manar—seremos os primeiros a bater as palmas, a levar os vencedores ao capitolio, a cantar os hymnos do seu louvor.

Mas se a experiencia fôr adversa, esse lado da camara, não é menos leal, menos sincero, nem menos patriotico. Os amigos da Carta virão sacrificar as miserias de um falso amor proprio nos altares da patria e da concordia—virão dizer: «O ensaio foi feliz: a Carta precisa de reforma—reformemol-a.» E todos pagaremos n'esse momento a nossa divida á patria; e a Carta reformada será o pacto de alliança, o symbolo da nossa futura união. o penhor mais seguro da felicidade publica.

E' por isso que eu reconhecendo juridicamente a *legalidade* da revolta de Torres Novas, não posso approvar a sua *conveniencia*, nem acceitar o seu programma.

Sr. Presidente: sou muito franco. Não quero occultar nenhum dos meus sentimentos e pensamentos. A Ord. liv. 5.º tit. 6.º declara crime de lesa-magestade de primeira cabeça a não revelação de uma revolta. Se a de Torres Novas pôde ser comprehendida n'esta lei, eu sou réo, porque sabia d'ella e não a revelei. A camara tem a minha confissão, accusa-me

e eu me submetto ao julgamento dos pares do reino, que são os meus juizes. Mas é essa uma lei que eu nunca hei-de cumprir: e a camara, creio, não quererá tambem que se cumpra. (*Approvação geral.*)

Sr. Presidente! Eu sabia d'esses preparativos de revolta; pouco, é verdade: mas ninguem me convidou para ella—ninguem o ousaria.—As minhas opiniões contra semelhantes meios são conhecidas. O dominio da força bruta nunca pode ser meio de civilisação, nem as revoltas militares garantia de liberdade. Essas revoltas podem dar um triumpho ephemero, mas as grandes e solidas victorias dos partidos não lh'as podem dar as armas, mas a sciencia—não a força mas a razão. Confio tudo dos meios legais, da discussão, dos combates da imprensa e da tribuna; nada das pelejas armadas. E por isso não acredito na revolta de Torres; assim como não acredito na da Praça Nova. Embora o systema constitucional seja confirmado; embora a urna seja coegida, ou fraudada;—muito sophisma, e muito fraude empregaram os ministros na restauração franceza de 1815, mas a opposição debil no parlamento, ainda que contasse trinta milhões de habitantes na sua rectaguarda, nunca appellou para as revoltas: perserverou nos meios constitucionaes, e afinal destruiu o ministerio Polignac. E prouvesse a Deus que só tivesse destruido o ministerio! Mas a opposição, que só queria derrubar um ministerio, derrubou a seu pezar uma dynastia de muitos seculos. A culpa dos ministros pagou-a tambem o pobre velho de Carlos X. A França deveria, talvez, ser mais indulgente depois da victoria. O Rei era irresponsavel: e o castigo dos ministros devia bastar á justiça do povo. A França, porém, não se contentou com a responsabilidade dos ministros, e despenhou um Rei do throno:—e não só a elle, senão tambem a toda a sua descendencia. E, todavia, ainda mesmo quando Carlos X fôra culpado, que culpas tinha o infeliz duque de Bordeaux? Exemplo fatal que devia estar sempre na memoria de todos os ministros e de todos os Reis. Os ministros de Carlos mataram as leis e a Constituição, e uma dynastia foi sacrificada! Atravez d'um governo de sophismas, e de triumphos ephemeros.

ros, uma pequena opposição parlamentar, persistindo pelo espaço de cinco annos nos limites constitucionaes, ganhou o mais espantoso triumpho de que a historia póde fazer menção.

Trago isto para mostrar que só a ordem, a legalidade, e a moderação, é que podem dar a victoria ás opposições. Pelo contrario, o desprezo da ordem, e da lei, só podem arruinar, e precipitar as dynastias.

Dizendo duas palavras de piedade sobre um velho Rei que já não existe, e um joven Principe desvalido, não intenda a camara que eu lanço o menor desfavor sobre a revolução de julho, ou sobre a dynastia d'Orleans. A França quiz fazer reconhecer o grande principio da *Soberania Nacional*, á custa de uma dynastia que o tinha disputado. A França quiz substituir uma *Constituição parlamentar* a uma Carta *outorgada*. Foi uma grande conquista; e só sinto que ella se obtivesse com tamanho sacrificio: mas, apesar d'este sentimento, não posso deixar de applaudir aquelle grande acontecimento, que assegurou á França a sua liberdade pelo reconhecimento da sua soberania; e que elevou ao throno um Rei, cuja alta capacidade governativa, cujos grandes talentos e illustrações, ha muito o tinham feito digno do primeiro throno da Europa, que elle occupa com tanto esplendor, resumindo a sua gloria na felicidade e grandeza da grande nação a que preside. Mas como Mr. Hyde de Neuville, e Chateaubriand, eu posso lastimar os infortunios de Carlos X, e reconhecer os grandes meritos de Luiz Philippe. (*Apoiado*).

A revolta de Torres Novas, quando vencedora, não traria senão a desvantagem de uma situação violenta—era uma represalia—um exemplo funesto, um precedente odioso; e lançaria sobre este lado da camara o governo do Estado com todos os inconvenientes das influencias militares, com o odio dos tributos lançados por outros e cobráveis por nós, e com o terrivel aspecto da escala ascendente da divida externa. A revolta de Torres Novas, quando vencedora fazia-nos um funesto presente,

A camara vê que não faço a apologia d'aquella insurreição; e talvez aquelles trajanos não gostem do panegyrico

d'este Plinio, Mas eu devo a verdade ao meu paiz—indulgentia aos meus adversarios—severidade aos meus amigos. Contudo, se a condemno como homem d'Estado, não a posso condemnar como juiz. A legalidade estava em Almeida, a rebelião no gabinete. Ou, se o decreto de 10 de fevereiro—bandeira da revolta de Torres Novas—é um acto de rebelião, a responsabilidade do nobre duque, que o referendou como ministro, não póde ser verificada nos cidadãos que cumpriram esse decreto.

Abstraindo, porém, da questão da responsabilidade, o decreto de 10 de fevereiro não é, com referencia ao chefe d'Estado, senão uma homenagem por elle prestada ao principio de elevar ao throno a augusta casa de Bragança—o titulo da sua legitimidade—uma appellação ao poder constituinte que não está no throno, mas na nação. E' uma promessa real a que os ministros da Rainha nunca deviam faltar, que os cidadãos tenham, por ventura, o direito de exigir; e se algum crime ha ahí é em quem embargou o seu leal cumprimento. Um monarcha francez disse estas palavras memoraveis, que a historia recolheu, e que os seculos guardaram com respeito: «Se a lealdade se perdesse na terra, no coração dos Reis se devia ella sempre d'encontrar.» (*Sensação*).

Mas, porque eu não apresso a pedir a reforma da Carta, é porque entendo que se ganha em intenção o que se perde em tempo—porque adopto antes as memorias de Fabio—estou bem longe de condemnar os generaes romanos que antes d'elle pelejaram e cahiram pela republica. O patriotismo era o mesmo, mas de um lado havia mais prudencia—senão foi só mais felicidade.

Sei que esta camara confia muito nas excellencias da Carta; eu, porém, entendo que o tempo nos levará a todos a concordar na necessidade da sua reforma: e a concordancia n'este ponto é um grande penhor para a felicidade futura. Já muitos membros d'esse lado tem convindo em que os tractados de commercio devem ser trazidos á approvação da camara, e que, n'esta parte a Carta precisa reformada. A mais valiosa das nossas rendas publicas, toda a nossa industria

agrícola e fabril, o nosso systema economico, necessitam estar debaixo da garantia do parlamento, e não á mercê da politica vacillante de seis ministros. Já muitos deputados d'esse lado tambem tem convindo em que o grande principio do voto annual dos tributos não poderá repousar sobre a obscuridade d'um artigo da Carta diversamente entendido. E n'esta parte a obscuridade, a duvida, a mesma necessidade das interpretações, é um defeito capital, que deve ser corrigido na reforma.

A' *denegação dos tributos* chamou um insigne orador, o sr. José Maria, a *ultima razão dos parlamentos*. E com quanto esta bellissima idéa não merecesse a approvação d'um joven deputado da direita, eu a considero exactissima. A *mensagem á corôa* precede a accusação; a accusação precede a denegação dos tributos. Foi esta denegação a *ultima razão* da França em 1830. Sei com quanta prudencia se deve usar d'estas duas *ultimas razões*; ha, porém, casos extremos que as tornam necessarias. Espero que nunca o serão entre nós. Mas o parlamento não pode estar assim desarmado, e privado da sua principal defeza. Não quero com isto dizer que o esteja, nem o está no meu conceito. Mas ha opiniões em contrario; e em tal ponto de clareza da Carta é a primeira garantia; porque a certeza do nosso direito, e prerogativa, deve infundir nos maus governos um terror salutar.

Os que se desvelam pela gloria do Imperador nunca deveriam dar uma tão errada interpretação á Carta. A sua gloria consiste em que ella seja interpretada conforme os seus grandes e nobres pensamentos.

Não sei se o lado direito da camara concordará commigo n'uma reforma essencialissima da Carta, mas julgo dever indicall-a francamente a esta assembléa. A Carta confere o direito de votar a todos os empregados assalariados do thesouro. E' o orçamento da despeza que governa o Estado, no sentido mais lato do vocabulo. E' o poder executivo que realmente elege o parlamento, e esta funesta providencia, este deploravel artigo, que torna sophismavel todo o systema representativo, é a origem de todas as nossas desgraças, a causa

de todas as desordens que se tem succedido em Portugal desde 1820.

Veja a camara que eu não culpo os homens, culpo as Instituições; e é por isso que recordo a necessidade da sua reforma, e que a invoco com toda a força da mais sincera convicção.

Este objecto demanda mais desenvolvimento. As minhas observações não se dirigem só a uma parte do partido constitucionali—é a todo elle. Aceito tambem o meu quinhão de responsabilidade. A camara viu como eu considero a Constituição de 1822, e a Carta de 1826. A primeira d'estas duas Constituições é filha da *Soberania Nacional*—respeito a sua origem: mas a sua missão como Constituição expirou. A ditadura que ella creára já foi exercida. Não convem como lei fundamental á nação de 1844.—A segunda desagradame pela sua origem. Não sou partidista do direito divino, nem das Constituições outorgadas. Julgo essa Constituição muito accommodada á epoca em que foi outorgada—insufficiente, porém, para a nova sociedade depois da grande revolução social operada pela sabedoria do Imperador, e pela energia do seu illustrado conselho. Refiro a estas ambas Constituições a Constituição de 1838; é a menos imperfeita de todas ellas—mas é ainda imperfeitissima. Nenhuma das nossas tres Constituições me satisfaz. Todas peccam na base.

As nossas Constituições passam por mui democraticas, mas não são, talvez, senão as mais monarchicas de toda a Europa. Com qualquer das nossas Constituições é impossivel o systema representativo—impossivel a liberdade: direi mais, impossivel a ordem—a estabilidade—e a paz publica. E' nas entranhas das nossas Constituições, e não no corpo dos partidos, que está encarnado o espirito da revolta, e da anarchia. Em quanto as não reformarmos, não teremos nem paz, nem ordem, nem liberdade. Eu trocaria com muita satisfação todas as nossas Constituições democraticas pela Carta franceza de 1830: e, ousarei dizel-o, talvez pela Carta franceza de 1814. O defeito radical das nossas Constituições está na organização, e na base do systema eleitoral. Todas ellas confe-

tem o direito de votar aos empregados assalariados pelo thesouro. Este funesto artigo é a origem de todos os males. O *funcionalismo* está encarnado em todas as nossas Constituições. O governo executivo ha muito que depoz a mascara, e declarou seus os votos dos empregados, sujeitando-os a uma disciplina eleitoral, mais rigorosa do que a disciplina militar.

Nos outros paizes a palavra parlamento significa a reunião dos representantes da nação; em Portugal não significa senão a reunião dos delegados do executivo. A nossa tribuna é o orgão do *orçamento da despeza*. Os contribuintes tem sido julgados á revelia em todas as questões de tributos. As fraudes, e as violencias eleitoraes com que todos os partidos se têm conspurcado, aggravaram o mal. As victorias eleitoraes não tem sido nunca a manifestação da vontade do paiz. Os partidos derrotados por semelhantes meios não se tem resignado, e por isso, vencidos deslealmente na urna pela fraude e pela violencia, tem, uns e outros alternadamente, appellido para as armas, e para as revoltas. Situação funesta!

Este mal não provém dos homens, provém das Instituições. Não accuso nenhum partido em particular. Prouvéra a Deus que aquelle a que me glorio de pertencer, não tivesse tambem participado, com os seus adversarios, da ignominia e da responsabilidade moral de semelhantes recursos—de tão reprehensiveis excessos! Ouse o partido que se julgar *puro*, e innocente, atirar a primeira pedra aos seus adversarios.

Esta situação anomala, e absurda, era até certo ponto inevitavel. A liberdade raiou pela primeira vez em 1820. A nação tinha existido por quasi dois seculos curvada sob o pezo do poder absoluto. Mas nos dois ultimos reinados este poder não havia sido atroz; nem, com razão, se lhe podia chamar tyrannico. A questão da liberdade em 1820 estava connexa com uma questão d'honra para o exercito, e, até certo ponto, com a questão da independencia nacional. O exercito portuguez via, com repugnancia, o commando confiado a estrangeiros orgulhosos. E tinha razão.—Portugal tinha de facto passado de metropole á condição de colonia. Estas causas reunidas produziram o movimento—a revolução mais nacional!

de que faz menção a historia do paiz. Mas resolvidas favoravelmente as duas grandes questões connexas com o systema representativo, este achou-se como isolado. A liberdade não era uma convicção em todos os portuguezes; nem as garantias uma necessidade reclamada pela sociedade inteira. A liberdade escripta n'uma Constituição não tinha ainda passado ás convicções do paiz; não tinha sido ainda convertida em hábitos, interesse, e necessidade social.

Por isso o systema representativo cahiu em 1823 sem se disparar um tiro—sem que uma gota de sangue se derramasse por elle. Foi uma vergonha. Nenhum portuguez podia então apparecer no meio da Europa espantada. Portamo-nos como uns verdadeiros *lazzaronis*.

Nem antes, nem depois da revolução de 1820, o governo absoluto foi tyrannico—menos sanguinario—os horrores da regencia do Rocio não podem ser imputados áquelle bonissimo D. João VI. O sangue de Gomes Freire foi derramado sem approvação, nem conhecimento d'aquelle piedoso monarcha. A tribuna deve ser tão imparcial como a historia. Deve fazer justiça a esse Rei que empunhou o sceptro absoluto. D. João VI não era tyranno. (*Muitos apoiados*).

Pode relevar-se a D. Pedro IV, e ás côrtes das Necessidades, o entregarem a guarda da liberdade ao funcionalismo. Não tinham a optar. Era o unico amparo que lhe podiam offerecer o espirito da liberdade não estava então senão em quatro desembargadores, em quatro advogados, em quatro frades, e em quatro militares. A liberdade era uma theoria, um pensamento philosophico, um desejo—uma esperança,—d'uns poucos d'homens; mas não era uma convicção popular, nem uma exigencia, ou uma necessidade social. A Constituição era uma letra morta. N'aquella situação conferir o direito de votar ao funcionalismo, entregar a urna ao liberalismo dos empregados, o parlamento aos interesses do orçamento da despeza, era uma necessidade triste, mas fatal.

Hoje, porém, depois de passados vinte e quatro annos, depois de tantos e tão estrondosos acontecimentos, depois de tão importantes reformas, depois de tão repetidos ensaios e

experiências, a nação está outra. A liberdade não está só nas leis e Constituições, está nos hábitos da nação. Os filhos do orçamento tem de ceder os seus logares aos contribuintes. E' necessario que acabe o sophisma constitucional, que os os principios triumphem e que os contribuintes tomem a posição que a civilisação lhes designou no systema representativo.

Não é o governo absoluto que a nação hoje deve receber. Esse está condemnado—é para sempre impossivel. O perigo está nos sophismas da liberdade. (*Apoiados*). Um nobre deputado do centro disse, que não receiava o governo absoluto, porque tinha por fiador da liberdade a gloriosa espada do duque da Terceira. Eu tambem não temo o governo absoluto. Mas não acceito essa garantia—não me contento com esse fiador. Ai da liberdade que só tivesse por garantia uma espada! (*Estrondosos apoiados*). Essa espada podia quebrar a um Rei conspirador. A liberdade conta, sem duvida, com a espada do duque da Terceira; mas conta tambem com todas as espadas do nosso valentissimo exercito constitucional. (*Apoiados de todos os lados*). Essa garantia, porém, é fragil: o governo executivo podia quebrar todas essas espadas. A garantia da liberdade está em nós—está na nação.

Se D. Miguel em 1828 não precedesse com a precipitação de Minucio, se por mais tempo tivesse conservado o escudo da Carta Constituciodal, e se, como regente em nome de D. Pedro IV, tivesse desligado uns apoz outros, todos os commandos dos corpos—todos os officiaes constitucionaes do exercito—a revolução de 16 de maio de 1828 seria impossivel; o throno de D. Pedro IV, e a liberdade do paiz, teriam cahido então como cahiram em 1823, sem que se disparasse um tiro em sua defeza, sem que uma gota de sangue se deramasse pela liberdade do povo, e pelo throno do Rei philosopho. A liberdade então ainda não tinha por garantia as profundas convicções do paiz; ou ellas não eram bastantes nem assáz fortes. A liberdade na lueta contra o despotismo armado, precisa de convicções armadas—de uma força propria—esta é a guarda nacional. A liberdade em 1828 tinha

por si poucos interesses, estava rodeava de poucas convicções. O paiz ainda não estava educado.

Quem inspirou a Portugal este ardentissimo amor da liberdade—este invencivel horror da tyrannia, que mais tarde nos elevou tão alto no conceito da Europa, e que nos fez obrar prodigios que enriqueceram, e illustraram, tantas e tão longas paginas da nossa historia? Foi Manuel Fernandes Thomaz,—o patriarcha da liberdade?—Foi aquelle venerando Manuel Borges Carneiro, cuja voz eloquente fulminava os despotas? Foram esses illustres oradores das nossas primeiras côrtes, por quem disse um distincto escriptor francez que «a tribuna portugueza déra por um momento lições á Europa»? Não! Não! Foram os sanguinarios ministros de D. Miguel que abusando da inexperiencia do Principe, em seu nome, exerceram sobre o paiz uma das mais insuportaveis tyrannias de que a historia conservou lembrança. Foram esses ministros que com os exilios, os carcereos, e os patibulos educaram o paiz. Semearam tyrannia, recolheram odio. E foi este odio santissimo que marchou na nossa frente; que levantava umas após outras as povoações do reino; que fazia engrossar as fileiras do nosso pequeno mas heroico exercito libertador. Nem de outro modo 7:500 voluntarios desembarcados no Mindello (ou nas areias de Pampelido) poderiam levar ao cabo a grandiosa empreza do nosso resgate, e liberdade. D'um lado estavam 7:500 paizanos armados á pressa, verdade é que commandados por officiaes distinctos, e valentissimos; do outro 80:000 homens, afóra não sei quantos batalhões de voluntarios realistas, valentes tambem porque eram portuguezes. Mas os poucos heroes da liberdade venceram o grande, e poderoso exercito do Principe proscripto. E porque? Porque a liberdade era o voto geral do paiz, porque a tyrannia tinha semeado o odio, e recolhera ignominia, derrota, e affronta. Os ministros de D. Miguel inspiraram ao paiz um santo horror da tyrannia, e um amor vago—indefenido—da liberdade. Mas dar ao paiz a educação constitucional não era a sua missão. O nosso tirocinio tem se feito debaixo dos funestos auspicios d'um governo pseudo—constitucional. Mas é tempo de nos

emanciparmos d'esta vergonha tutella do funcionalismo, e entregar o parlamento á independencia e illustração da classe média—e a urna aos contribuintes.

D. Pedro com as suas leis magnificas e civilisadoras, destruiu as instituições velhas, fundou essa classe média, que em Portugal é já hoje potentissima. Adiante d'ella estava antigamente uma aristocracia dotada pela corôa e d'ella dependente. Essa aristocracia não existe já com a mesma força, porque o Imperador abolindo os dizimos, foraes, e commendas, a reduziu a muito menores proporções. Ficou-lhe o seu merito pessoal, que é grande em muitos; ficaram-lhe as recordações dos grandiosos feitos dos seus maiores; mas a riqueza, que é uma das condições da aristocracia, não a tem hoje, como a tinha antes das reformas do Imperador. Existem fidalgos ricos como particulares, mas a fidalguia é pobre como classe. Muitos fidalgos antigos, em relação á sua fortuna, não podem pertencer á aristocracia, mas á classe média dos que muitos d'elles se honram, porque com isso adquirem dobrada força, e influencia.

Depois das leis da primeira e segunda dictadura a agricultura, o commercio e a industria fabril adquiriram uma importancia até alli desconhecida. E' um facto consummado, que as Instituições devem reconhecer. Eu desejava, pois, fosse esta uma das partes em que a Carta soffresse reforma. E' impossivel que o poder eleitoral continue a andar vinculado ao orçamento da despeza. O voto das contribuições deve pertencer a quem as paga, e não a quem as recebe. E' por isso que digo, que prefereria a Carta de Luiz XVIII a todas as nossas Constituições. Pela Carta de 1814 só votava quem pagava trezentos francos de contribuições directas. Esta é a opinião do ministerio, pelo menos indicou-a n'um artigo de fundo do *Diario do Governo*; e por isso não póde hoje recusar a conveniencia d'esta importantissima reforma. Essa conquista hade obter a democracia constitucional. Obtida ella não serei já tão exigente a respeito da organização da segunda camara: seja ella de pares, ou sénadores, vitalicia, hereditaria, ou electiva, pura, ou mixta de eleição e

nomeação régia, essas questões são de muito menos consequência do que se pensa. O que eu quero, é o parlamento dividido em duas camaras, e concederei trez e quatro, e se funcionarem em diversas cidades talvez seja melhor, porque são as urgencias que assassina a liberdade nos paizes em que ella está ainda na sua infancia. O que eu quero, é que a camara dos deputados seja eleita pela nação, e não pelo Rei—pelos cidadãos, e pelos ministros,—pelos contribuintes, e não pelos funcionarios. Quero o censo para o voto activo; não reconheço eleitor legitimo que não seja contribuinte.

Mas não se infira d'isto que eu quero uma camara de deputados exclusivamente composta de contribuintes. Contento-me com a maioria. A respeito de eligibilidade não quero censo; sejam todos eligiveis. A' camara dos deputados podem concorrer as grandes illustrações litterarias—quero os Silvestres Pinheiros.—Pódem concorrer os grandes oradores—quero os José Estevãos, os Garretts, e os Rodrigues da Fonseca. Pódem concorrer as glórias da nossa Universidade—quero os Campos. Pódem vir os chefes da magistratura, ou do exercito—quero os Mousinhos, os Duartes Leitões, e os Magalhães. Concordem n'esta importante reforma, e aceitarrei a nova Constituição reformada com prazer, e convicção.

O sr. Rodrigo da Fonseca notou á politica de setembro ter ella dilatado demasiadamente o principio electivo; porque demasiada liberdade politica podia damnar ás vezes a liberdade civil. Sou franco. A censura feita, n'este sentido, á minha politica, é bem fundada, em parte. Eu fui o ministro que *cerquei o throno de instituições republicanas*, e que publicamente me gloriei de o ter foito. Esse throno, assim rodeado de instituições democraticas, nem por isso estava menos seguro. Tinha uma grande base, que era a nossa lealdade á dynastia, e o nosso amor ao paiz. N'essa organização o throno tinha todas as suas legitimas prerogativas; as mesmas attribuições que hoje teem as corôas de França e de Inglaterra, especialmente a irresponsabilidade, a perpetuidade, a sancção absoluta, e o direito da dissolução.

A aristocracia estava menos bem dotada, talvez, debil-

mênte representada no senado. Mas nas novas Constituições de um systema mixto, a democracia não podia deixar de ter o seu quinhão na partilha do poder; não sei se lh'o repartimos com mão larga. Essas instituições democraticas, de que o throno estava cercado, eram a liberdade da imprensa, o jury, a eleição das juntas da parochia, das camaras municipaes, das juntas geraes, dos conselhos de districtos, dos officiaes da guarda nacional, a candidatura dos seus commandantes, a eleição dos juizes de paz, dos juizes eleitos, dos juizes ordinarios, o a candidatura popular dos regedores de parochia, e dos administradores do concelho. Uma grande parte d'estas instituições quiz eu então, e quero ainda hoje; mas conheço que andei de mais, que dei demasiada latitude ao principio electivo—e que errei em não o restringir aos contribuintes por um censo. Errei em querer adoptar o suffragio quasi universal—incompativel com a nossa civilisação. Comprazo-me em confessar, n'esta parte, o meu erro e prestar homenagem á verdade, e á experiencia.

Na legislação dictatorial com que Sua Magestade, durante o meu ministerio, dotou o paiz de tão liberaes instituições, separei-me ás vezes do exemplo que nos deixara egregio legislador da antiguidade. Solon não deu aos athemienses as melhores leis que podia fazer, mas as que elle podia comportar. Quando fui chamado aos conselhos da Rainha quiz seguir uma vereda, menos segura, talvez—mais arrojada—mas que provava a confiança que eu tiuha no poder das instituições. Eu sabia que a transacção havia de ser uma epoca d'amargura; mas não cria então, não creio ainda hoje, que a illustração, a moral, e os bons costumes, possam provir d'instituições apoucadas, mesquinhas, imperfeitas, erradas, e viciosas. A nação recuou diante dos inconvenientes da transição—e eu recuo com ella. No futuro, caminharemos mais devagar. A nação quer marchar na estrada do progresso, a passo lento, mas com firmeza, guiada pela prudencia de seus legisladores. A nação tem razão. Eu é que não a tinha, talvez; sou o primeiro a concordar em que se restrinja o principio electivo, enquanto a nação não fôr mais illustrada, e não es-

tiver mais moralisada; não tanto, porém, como quier, talvez, o illustre deputado a que alludo.

Eis aqui o meu programma de reforma eleitoral, formulado em poucas palavras.—Os empregados devem ser excluidos do direito de votar.—Este direito deve competir unicamente aos contribuintes, que pagarem uma designada verba de contribuições directas mais ou menos forte, mas rascaavel. Aqui está o meio de tirar o parlamento do dominio do executivo, e de entregar a urna á classe média.—Quero um só Collegio, e um só deputado.—E aqui está fechada a porta da falsificação das actas, que até aqui teem desmoralizado o paiz, e fraudado a representação nacional.—Quero que a inscripção dos eleitores, a sua radiação, e a decisão dos seus recursos, sejam confiados, não ás facções, não a esses corpos ephemeros, sem missão, e sem garantia, mas ao poder judicial, e á responsabilidade dos nossos augustos tribunaes superiores.

Dêem-me isto—isto só—e este grande democrata, que cercou o throno das instituições republicanas, se dará actualmente por contente e satisfeito. No futuro poderemos aperfeiçoar as nossas instituições constitucionaes, como melhor parecer.

A minha posição especial demandava todas estas explicações. Dirigirei agora toda a minha attenção, e a da camara, sobre os desgraçados acontecimentos de Torres Novas, é sobre a politica do governo ainda mais desgraçada.

A bandeira da revolta de Torres Novas foi o decreto de 10 de fevereiro referendado pelo sr. duque da Terceira. O nome de rebellião soou n'esta casa; mas essa palavra fica mal na bocca dos oradores do ministerio; não podiam pronuncial-a na presença do nobre duque. A camara ouviu-me: se tenho sido severo, não foi com os meus adversarios, foi com os meus amigos; e se alguns estivessem presentes, ainda o teria sido mais.

Quero agora suppôr que tal decreto de 10 de fevereiro não existe; quero esquecer-me de que elle está referendado

pelo sr. duque da Terceira; quero mesmo conceder que a revolta de Torres Novas fosse uma rebellião.

Os ministros reconheceram que a Carta é a lei fundamental do Estado, que ha-de ser executada, e não reformada. Uma vez que assim o entenderam, fizeram bem em pedir ao parlamento os meios, que a Constituição indica para semelhante situação:—a camara fez bem em lh'os conceder, se tinha confiança na sua politica. Mas a camara deriva o seu poder da Carta, e não póde ampliar. Não é uma assembléa constituinte, nem um parlamento omnipotente. A Carta circumscreveu-lhe a sua auctoridade legislativa; o que passa d'aqui—é abuso—é usurpação.—E comtudo a camara quebrou a Constituição, se os poderes descricionarios, que conferiu ao governo, tinham a extensão e latitude, que esta lhes deu na pratica, e na execução. Mas creio que o parlamento não concedeu semelhantes poderes; que o governo abusou grandemente dos que realmente lhe foram concedidos, e não usou d'elles com a prudencia, e moderação, proprias d'um governo que tem a peito o bem do seu paiz.

A revolta de Torres Novas não ameaçava o throno da Rainha. Tinha por chefes e soldados os mais fortes defensores da corôa, e da liberdade. Cesar de Vasconcellos por estes dois objectos derramou o seu sangue, pelejando nas margens do Vouga: o Conde do Bomfim nas linhas do Porto e Lisboa. Os homens de Torres Novas, só pediam a reforma da Carta—o cumprimento d'uma promessa augusta—a execução d'um decreto, referendado por um homem insuspeito á Rainha, e á Carta.

Nunca dei grande importancia a estas tristes dissidencias entre o partido constitucional; e sinto que o governo lh'a dêsse—e tamanha.

A revolta de Torres Novas tinha as feições caracteristicas da revolta de Belem. Em nenhuma d'ellas se pelejava pelo despotismo, mas pela escolha, ou pelo aperfeiçoamento da nossa lei constitucional. A Constituição de 1822 tinha sido proclamada em 9 de setembro de 1836. O partido cartista insurreccionou-se depois em Belem. Foi vencido. Nem antes,

nem depois da revolta, nenhum homem d'este partido foi perseguido por mim. Não houve uma palavra insultuosa. E o partido vencedor abraçou cordealmente os vencidos, dando um singular exemplo de moderação, que sinto não fosse agora imitado. Aqui está o decreto de 6 de novembro de 1836, referendado por mim:

— «Tendo eu (diz Sua Magestade) por decreto de 8 do corrente anno convocado as côrtes geraes extraordinarias e constituintes da nação portugueza, e sendo o mais ardente voto do meu coração ver em volta do meu throno constitucional reunidos todos os portuguezes, que professam amor á liberdade legal, e que sustentam ao mesmo tempo as prerogativas da minha corôa constitucional em harmonia com os principios adoptados nas outras monarchias constitucionaes da Europa; Considerando que todos elles, ainda que discordes quanto aos meios, concordam no fim principal da melhor e mais estavel organisação do governo representativo: Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo unico. Nas actas das eleições dos deputados... a outorga e declaração dos poderes será esta... E outorgam outrosim poderes especiaes para fazerem na Constituição de 1822, e na Carta Constitucional de 1826, as alterações que julgarem necessarias, a fim de estabelocarem uma lei fundamental, que assegure a liberdade legal da nação, e as prerogativas do throno constitucional, e que estejam em harmonia com as monarchias constitucionaes da Europa.—(Assignado). —*Rainha.*—(Referendado).—*Manuel da Silva Passos.*»

Aqui está o documento mais authenticico da moderação do gabinete de setembro, de que fiz parte, e de todo o partido politico a que pertenco. Os meus sentimentos a este respeito eram tão benevolos: que nem amnistia queria conceder; porque nunca considerei como crime semelhante tentativa. Foi uma divergencia de opinião entre os soldados da liberdade, entre os subditos fieis da Rainha. Não me considerava nem melhor cidadão do que os meus adversarios, nem mais leal ao

throno do que elles; apesar de que n'estes dois sentimentos a ninguem quero conceder vantagem.

Mas um delegado do procurador régio querellou, perante o poder judicial, de diversas personagens que tinham tomado parte na revolta de Belem. Recordo-me que no numero dos querellados estavam os nomes dos duques de Palmella, e da Terceira, marquez de Saldanha, e Trigoso. O governo julgou, n'este caso, da sua obrigação atalhar no começo esta funestissima tendencia, e propoz a Sua Magestade a concessão d'uma amnistia amplissima; a qual com effeito foi concedida por decreto de 18 de novembro do mesmo anno, por mim referendado. (*Leu*).

A camara vê com quanta honra e distincção tractei os meus adversarios; e julgará se era possivel ser mais delicado com os vencidos. A' revolta de Belem a que os juriconsultos, na sua phrase dura, chamaram *rebellião*, e *crime de lesa-Magestade de primeira cabeça*, chamei em passadas *desintelligencias*, nascidas sómente da diversidade de opinião sobre a melhor organização do systema representativo. (*Sensação*).

E quando se publicou este decreto para obstar aos procedimentos judiciaes contra os vencidos, a camara sabe, que não havia um unico cidadão preso, nem perseguido; porque no mesmo dia em que triumphou a revolução, passei ordem para que fossem soltos todos os que por ventura estivessem presos. E não me recordo de que estivesse preso na capital um só individuo; e no sul do Tejo sómente o estava um official, que alli fôra tentar a revolta por parte de Belem—mas que foi logo solto.

Esta mesma politica se acha comprovada por outro documento, referendado pelo meu defunto collega e amigo, o sr. Vieira de Castro, então ministro das justças, na portaria de 28 de novembro do mesmo anno. (*Leu*).

Este respeitavel cavalheiro, que a morte roubou tão cedo á sua patria, e que pela seu character conciliador merecia a geral estimação, declarou, que a ordenação do livro 5.º titulo 6.º não podia ser applicada a semelhantes acontecimentos...

Estou rouco, e receio que se me applique o verso, com que o nosso Bocage quiz fulminar os sermões do Padre José Agostinho de Macedo.

«Trovejas, enrouqueces, não commoves.»—(Riso.—Vozes:—Não, não.)

Aqui está, senhores, como a administração de setembro, no meio das mais graves difficuldades, collocada á frente de uma revolução popular, no centro da capital armada em peso—irritada pela imprudente provocação de naturaes e estranhos—procedeu na maior exaltação das paixões, durante o combate, e depois da victoria.

A generosidade sem limite, que então ostentamos, deu nova força e esplendor á bella e grande causa, que com tanto valor e firmeza fizemos triumphar.

Tinhamos tanta força, que nem um só momento duvidamos da victoria. Os homens d'Estado da revolução sabiam que, para vencer a revolta, nada mais era preciso do que fazer marchar os valentes batalhões da guarda nacional. Mas em Belem estavam as pessoas que nos eram mais caras. Estavam muitos dos generaes que nos commandaram durante a guerra da restauração, muitos dos nossos companheiros dos exilios, dos nossos camaradas dos combates—queriamos abraçal-os, e não vencel-os—e menos ainda humilhal-os. A capitulação, que lhes tínhamos concedido no Campo d'Ourique, era a mais generosa que um partido politico podia conceder—a mais honrosa que vencidos podiam acceitar. Quizemos que essa convenção fosse um escudo que defendesse os vencidos—uma trincheira—um principio moral, atraz do qual o governo se pudesse collocar para os amparar, se as reacções por ventura se mostrassem depois da victoria. Felizmente não se mostraram.

Mas o que nem a camara, nem o paiz sabem, é que os revoltados de Belem, não depozeram as armas em virtude da capitulação do Campo d'Ourique. (*Sensação*). Esta capitulação foi por mim remettida na noite de 3 de novembro ao Marquez de Saldanha. Os revoltados de Belem não acceitaram; queriam melhores condições; e estiveram parlamentando

inutilmente todo o seguinte dia. Chegando-lhes porém a noticia de que a guarda nacional marchava sobre Belem, e achando-se sem força, sem recursos, e sem esperanças, entregaram-se á *discripção ao Visconde de Sá da Bandeira. (Sensação).*

Os ministros da revolução occultaram esta circumstancia; mas fieis ao seu principio cumpriram plenamente as condições outorgadas pelos chefes do Campo d'Ourique, como se ellas tivessem sido realmente acceitas pelos chefes de Belem. Os decretos de 6 e 18 de novembro são o cumprimento d'essa capitulação concedida, e regeitada, ou, antes, o cumprimento d'esse programma benefico, que unanimemente havia sido por nós todos adoptado, e assentado. A amnistia foi concedida, e a Carta elevada á cathogoria da Constituição de 1822, como thema da discussão, e base da futura Constituição do Estado. —Nós imitamos o exemplo do general Bonaparte em frente de Mantua.—A victoria não nos ensoberbecu, nem nos enfatuou.

Não aconteceu assim ao partido cartista, que em 1842 quiz mais do que tinha querido em 1836; como quem tinha um programma para a *derrota*, e outra para a *victoria*.

Nada póde ennobrecer tanto os homens publicos, e os partidos politicos, como a firmeza na adversidade, e a moderação no triumpho.

Um joven deputado citou uma phrase, que se diz, que eu preferira n'esta casa por occasião da revolta do barão de Leiria—no dia memoravel da *presiganga!*—A *presiganga!*—Outro deputado estranhou, que eu a recordasse n'uma das sessões precedentes! E porque não hei-de eu recordar os nomes de infames tyrannias? Foi um erro, um crime, da parte dos meus amigos politicos, que eu então fulminei, como fulmino ainda hoje. Tem-se procurado lançar sobre mim a responsabilidade da politica dos *meus successores*. A minha gerencia acabou no dia 30 de maio de 1837; desde então como simples deputado, só devo responder pelos meus votos no parlamento. Desde que sahi do governo, não fui a reunião de ministros, nem de deputados. O governo que me succedeu, a maioria que me derrubou, tem dois orgãos no actual gabinete

que não necessitam lançar sobre mim a responsabilidade de sua própria politica. São muito cavalheiros; espero que a não declinem, nem deixem de a defender, quando consagrada.

Encontrei-me com o sr. presidente do conselho, que então era; mostrou-me um despacho telegraphico, que annunciava a revolta do sr. barão de Leiria á frente do batalhão do seu commando, e pedia-me que fosse á reunião dos ministros e deputados, que devia ter logar essa noite. Recusei-me, assegurando-lhe contudo a minha franca cooperação para debellar a revolta, e armar o governo dos meios necessarios para esse fim. Lembrei-lhe porém a inconveniencia de suspender as garantias em todo o reino, especialmente na capital. Receiava eu que esta nova provocação do partido cartista exacerbasse os animos, e que no meio da exaltação geral, o governo, apesar de suas benevolas intenções, não tivesse depois a força necessaria para conter uns e outros dentro dos justos limites; e que á sombra do poder arbitrario viessem os odios, as vinganças, as reacções, e os excessos, que mais tarde haviam de perder a revolução. Eu proprio me tinha visto em circumstancias muito mais graves, e não quiz nunca suspender as garantias, e nem por isso a revolução caminhára menos desafrentada. Sabia por experiencia que nada convinha tanto, como inspirar aos cidadãos sentimentos de tolerancia; e que, se outros lhes fossem inspirados, o proprio Congresso Constituinte, apesar do seu prestigio e prudencia talvez não pudesse, mais tarde, evitar perigosissimos excessos.

O Congresso era uma assemblea respeitavel, e não posso deixar de lhe fazer aqui esta justiça, que não será suspeita, se se considerar que foi deante d'elle que eu cahi parlamentarmente.

Na manhã do dia seguinte soube com espanto o indignação, que os deputados tinham resolvido tomar medidas fortes, e que eu entendia não serem necessarias para salvar a revolução; antes pelo contrario, serviriam só para a perder e deshorrar. (*Apoiados*).

E' desde este dia que data o meu fastio politico; disse então aos srs. deputados nos corredores:—«A revolução que

eu vos entreguei grande e gloriosa, vencedora de seus inimigos internos e externos; immaculada e pura, forte e generosa, vós a acabastes; ella ahí está perdida e deshonrada! A revolta armada não podia nada contra ella; metade do exercito, pelo menos, se conservaria fiel ao pendão nacional; mas, quando todo o exercito o trahisse, restava-nos 70:000 homens da guarda nacional, e batalhões de voluntarios: era impossivel que a causa da nação succumbisse. E comtudo as medidas pequenas e miseraveis d'esta noite, esse plagiato do despotismo, deshonrou uma causa tão bella. A revolta militar da Barca será aniquilada; mas a revolução não está salva. Esta não póde sobreviver á sua deshonra. Desde agora a sua vida não será senão uma longa agonia.»—Não posso aqui referir tudo que então disse aos meus amigos no excesso da minha dôr.

E' por isso que eu fallo desassombrado na *presiganga*. El quando vós sensurais essa politica, tendes a minha approvação: o que sinto é que depois a imitasseis, havendo-a condemnado antes.

Mas na camara os meus deveres eram outros. Em frente da revolta armada, a minha obrigação era condemnal-a, e fortalecer o governo com os meios constitucionaes necessarios para prehencher a sua missão.

Disse então quanto bastava para que o paiz conhecesse como eu considerava as fataes medidas d'aquella. «Eu venho coberto de lucto (disse eu na camara). Hoje peço contas aos revoltosos; depois da victoria hei-de pedil-as aos ministros.» A camara nomeou-me para a commissão especial que devia dar o seu parecer sobre as propostas do governo. Ponderei que era necessario examinar se as garantias se deviam suspender em todos os districtos ou sómente em alguns... A camara respondeu em todos. O meu voto ahí está. Não concedi a suspensão da liberdade d'imprensa: quando as leis se calam, e os cidadãos são despojados das suas garantias, e o poder arbitrario ameaça todas as intolligencias e todos os caracteres, é necessario que a imprensa, e a tribuna estejam levantadas como duas fortalezas da liberdade. (*Apoiados*). «A revolta armada seja tractada sem clemencia» disse eu. Não

sei se empreguêi estas proprias phrases, porque os srs. tachygraphos usam commosco de muitas liberdades; mas creio que ainda disse cousa mais energica.

Um escriptor distincto já fez a observação de que durante as agitações civis, os homens d'Estado são obrigados, ás vezes, a empregar as phrases sacramentaes da epoca, o dialecto das facções o que muitas vezes debaixo de expressões barbaras, se encontram os mais nobres pensamentos e os sentimentos mais benevolos. A historia faz justiça á bella alma, e á grande intelligencia de Vergneaud, o mais eloquente orador da republica franceza. Ninguem mais do que elle tinha a peito salvar a vida do desventurado Luiz XVI. Este pensamento tinha-o revelado por muitos dos seus actos, das suas palavras, mais do que tudo pela agitação que mostrou quando da sua bocca tão pura lhe sahiu, a seu pezar, a palavra—morte. Elle, e muitos homens bons da convenção, que desejavam salvar aquelle excellente monarcha, lhe chamavam tyranuo—Luiz XVI tyranuo! O monarcha que ajudou a fundar a primeira republica da America, o monarcha que aboliu a tortura!

Muitas vezes a bocca do homem de Estado formula uma expressão sanguinaria, uma ameaça terrivel, quando a sua alma está possuida dos mais generosos sentimentos, quando o seu pensamento é a paz e não o odio, a generosidade e não a vingança. Expressões muito mais fortes, muito mais ferozes, e mais sanguinarias dirigi eu ao nobre duque da Terceira poucas horas antes d'elle partir para a infeliz empreza de Belem. S. ex.^a disse-me: «E os ministros porque não restabelecem a Carta?»—Porque não são traidores. Encarregaram-lhes de defender a revolução, e ella será defendida. (*O duque da Terceira*:—E' verdade). E accrescentei em tom amigavel:—«Estamos na vespera da guerra civil; amanhã v. ex.^a vae commandar os exercitos da Rainha; e eu—os da republica: se a espada de Bonças se medir com a espada da Asseiceira, nem por isso a minha amizade e consideração para com v. ex.^a soffrerá a menor quebra.»

Aqui a palavra *republica* não significava senão o des-

prezo que eu tinha por aquelles que queriam inculcar que o partido de setembro, tão fiel ao throno como os que o são mais, era republicano. Em Portugal não ha um só homem que seja republicano. A republica é actualmente impossivel na Europa, e sel-o-ha por muito tempo. Se eu tivesse a triste convicção de que a republica convinha ao paiz, de que a monarchia, ou a actual dynastia eram incompativeis com a felicidade da nação, teria a franqueza de o dizer. Mas felizmente a nação é toda monarchica; e Sua Magestade, o objecto de todas as sympathias e adorações dos seus leaes subditos.

Que significavam, pois, aquellas expressões terriveis que eu disse ao nobre duque da Terceira, e qual era o pensamento que ellas revelavam? O meu comportamento do dia seguinte explicou esse meu pensamento da vespera. No dia 4 de novembro, collocado na ponte d'Alcantara em frente dos batalhões, que a quieriam forçar, eu lhes dizia: *Não passareis para Belem senão por cima do meu cadaver. (Apoiados)*. O meu sangue, e dos meus amigos todos, havia de correr primeiro, do que se tocasse n'um cabello dos nossos compatriotas que estavam em Belem. *(Apoiados)*.

Governei em tempos difficeis; mas o meu nome não está ligado a nenhum acto de vingança, nem de reacção. A tolerancia para com os adversaries, a generosidade sem limites para com os vencidos, tem sido sempre as feições caracteristicas da minha politica, e da dos meus amigos. Nunca propuz, nem pensei, que medidas violentas, ou arbitrarías, podessem ser propicias á revolução. Não ha muito, que, passeando no meu jardim em Santarem com o joven orador, cuja falta esta casa não pode deixar de sentir, eu lhe disse: «A plateia do despotismo ainda ha de pedir *caput* para o triste soneto da presiganga.» Nunca duvidei o triumpho da revolução, em quanto a sua direcção esteve nas minhas mãos: os seus inimigos eram impotentes contra ella; o que eu temia eram os excessos. Se a revolução está morta, não foram os seus inimigos que a mataram. *(Apoiados)*.

Mas, depois da revolta da Barca, qual foi a minha po,

litica? A mesma que segui depois da de Beleuu. A generosidade é o predicado da força, e o laurel da victoria. Só a cobardia é vingativa; o medo não póde ser magnanimo.

Espero provar á camara, que este era o meu pensamento. O sr. ministro do reino talvez ignore o que vou dizer, porque se achava então fóra da capital, empregado n'uma comissão importante. O sr. Dias d'Oliveira tinha offerecido a sua demissão, em consequencia de se terem aggravado os seus padecimentos. Por esta occasião chegou tambem a noticia de ter entrado em Abrantes o barão de S. Cosme. Não sei nada da arte de guerra: não posso avaliar a importancia das nossas praças e fortalezas; mas observei que a perda d'Abrantes produzira um grande desalento. Tomada Abrantes, julgou-se a revolução, senão perdida, gravemente ameaçada, e em grandissimo perigo. Não o julguei eu assim; muitos deputados, porém, entenderam, que a situação era muito perigosa; e os proprios que mais se haviam distinguido na opposição, que eu soffrera como ministro, me vieram pedir, que não recusasse os meus serviços ao paiz como ministro da corôa; se por ventura n'aquelle momento Sua Magestade me quizesse de novo honrar com a sua confiança. Expuz-lhes os motivos, porque me recusava. De nada necessitava tanto, como do repouso da vida particular, depois de tantas fadigas e agitações. Não queria tomar sobre mim responsabilidades, e entrando outra vez no governo, não sabia como depois seria permittido, ou possivel, sahir, para tornar ao descanso, de que tanto havia mister. Offereci-me, porém, para fazer uma declaração nos jornaes, de que prestaria o meu apoio á administração que se formasse parlamentarmente n'aquella occasião; que iria coadjuvar os novos ministros nas suas secretarias; e que, se tanto fosse preciso, me prestaria a servir até como seu sub-secretario d'Estado; tudo o que se quizesse; menos fazer parte do novo ministerio.

Os srs. deputados, porém, não quizeram admittir a menor desculpa; fecharam a porta, tiraram a chave, e declararam, que me não deixariam sahir, sem eu lhes prometter, que tomaria conta do governo, fazendo esse sacrificio á mi-

nha patria, e dando este grande testemunho de consideração aos meus amigos politicos. A toima da minha recusa poderia parecer uma ingratidão para com a minha patria—uma como vingança d'alguns aggravos, que eu pudesse ter recebido, e menos lealdade para com os meus amigos, que exigiam, e não pediam, a minha entrada no novo governo. Foi isto o que me disseram. Prometti então de acceitar o governo, se por ventura Sua Magestade se servisse nomear-me, com as seguintes condições:—1.^a Que o sr. Visconde de Sá da Bandeira, que servia então no norte do reino, como logar-tenente de Sua Magestade, seria presidente do conselho, e ministro do reino;—2.^a Que eu seria nomeado para esta mesma pasta; mas que serviria só durante a sua ausencia até ao fim da lucta;—3.^a Que os srs.^{es} deputados coajuvariam o governo na sua politica, que seria a mais generosa, depois da victoria.

Os srs. deputados concordaram n'estas tres exigencias, e alli mesmo se declarou ao administrador geral de Lisboa, que, desde o momento em que a nova administração se formasse, nenhuma prisão politica se faria, sem ordem expressa dos ministros. O sr. Julio Gomes era um dos membros designados para a nova combinação ministerial: fallei-lhe depois em particular, e na presença de uma pessoa respeitavel. Disse-lhe: «Não estou resolvido a deslustrar o meu nome, nem ligal-o ás reacções politicas. Quero anniquillada a revolta, mas pelas armas—no campo da batalha. Perseguições não as quero, nem antes, nem depois. A' victoria hade succeder a paz; ninguem hade ser vexado, nem perseguido. A revolução será tão generosa agora, como o foi depois de Belem.» Sua excellencia concordou n'este programma. Se a administração assim se tivesse organizado, o erro da presiganga ficaria coberto pelo esplendor de uma politica magnanima; e a revolução, duas vezes vencedora, não teria nunca de que arrepende-se, nem envergonhar-se. Teria vencido e perdoado; e, o que é mais, por duas vezes teria esquecido.

A Praça d'Abrantes foi retomada no dia seguinte. Não me julguei então obrigado a tomar parte na nova composição ministerial. Mas aqui está como eu teria procedido, se tivesse

entrado no governo depois da revolta da Barca. A felicidade dos meus concidadãos tem sido o unico objecto dos meus trabalhos e esforços. No meio das nossas dissensões nunca appareci senão para aplacar os animos, para cohibir as vinganças, para evitar os erros dos oppressores, e para valer aos infelizes opprimidos...

Volto ao objecto da discussão.

Por occasião da revolta de Torres Novas, a maioria da camara tinha obrigação de dar ao governo os poderes, que a Carta permite que se concedam n'estes casos. Mas a camara não devia suspender liberdade da imprensa. O Congresso Constituinte tinha commettido este erro. Mas o maior ornamento d'esta camara, o sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, escreveu ahi uma grande maxima.—«Que as republicas se governam pelas regras, e não pelos exemplos.»—(Apoiados). Porque o Congresso Constituinte commetteu um erro, hão-de n'isto imital-o as outras assembleas legislativas? Eu queria que a imprensa, durante a suspensão das garantias, velasse pela liberdade individual. E não só a imprensa, senão tambem a tribuna.

Em 1837, a imprensa não foi inteiramente supprimida. Mas eu não creio senão na imprensa *livre*. A tribuna vigiava então o poder; os deputados não podiam ser presos; os homens que então procuravam servir a revolução, deslustrando-a, eram aqui fulminados por todos os membros do Congresso; davam-se aos aguasis os nomes mais odiosos; e esta grande acção da tribuna foi um correctivo ao poder arbitrario, no meio do descomedimento das más paixões. Condemno a politica da camara actual, por ter suspendido a liberdade da imprensa, como condemnei em 1837 a do Congresso Constituinte.

Mas esta camara, que assim errou, em tão grave objecto, podia ainda minorar os inconvenientes d'aquella violenta situação, se ella propria funcionasse durante a revolta de Torres Novas, se pelas combinações d'uma politica incomprehensivel, o parlamento não houvesse infelizmente sido adiado...

Addiado o parlamento em tão arduas circumstancias! Pois o sr. ministro não tem confiança na sua maioria? Não tem confiança politica na sua influencia moral? E, sobretudo, na intelligencia e capacidade dos srs. deputados d'esse lado! Não podiam elles coadjuval-os com seus prudentes conselhos? Entenderam, por ventura, os srs. ministros que elles sós tinham mais capacidade, mais força, mais influencia, do que toda a maioria parlamentar! Estou certo de que os srs. ministros não queriam fazer tamanha injuria a uma maioria que lh'a não merecia. Comtudo, nunca parlamento algum, nunca nenhuma maioria parlamentar, recebeu affronta tão cruel da parte dos ministros que tão lealmente, e com tantos sacrificios tenham apoiado. O governo, addiando a camara n'aquellas graves circumstancias, declarou ao paiz que não podia governar com ella; e que nada esperava da intelligencia, ou influencia moral dos seus amigos politicos. A maioria pôde dizer como disse Lucio Regulo: «De quantas injurias soffri em Carthago, esta é a mais opprobriosa.» (*Apoiados*).

A camara suspendeu algumas das formalidades que garantem a liberdade individual, e concedeu ao governo poderes extraordinarios. O governo n'este relatorio dá conta do uso que fez d'estes poderes. Quanto a mim o governo abusou, e muito. Prendeu e deportou gente de mais. Houve luxo de tyrannia. Ha-de havel-o sempre que á frente dos negocios se acharem ministros medrosos. O medo é máo conselheiro. E, sem embargo, não é por isso que eu censuro o governo. Muitas injustiças involuntarias se deviam necessariamente praticar. Ha-de haver por ahi muita loiça quebrada, muito innocente opprimido. Não quero olhar para este rol de arbitrariedades. A respeito de prisões e deportações serei indulgente. Concedo todos os bills de indemnidade. Quero suppôr, e mesmo creio que os ministros não quizeram vingar-se dos seus adversarios ou inimigos, nem confundir acintemente a conspiração, que é crime, com a opposição que é legalidade; quero acreditar nas suas boas intenções. Mas quando para acabar com uma revolta que tão pouco se dilatou, o governo se vê forçado a prender e deportar tanta gente respeitavel e con-

tonares de cidadãos—o que faria elle se a revolta fosse maior, como podia ser? Espero que em occasião analogã o governo de futuro usará com mais moderação, do poder arbitrario. Não posso porém deixar de condemnar algumas medidas de outra especie que o governo adoptou por occasião da revolta, e que por certo o parlamento não pôde tambem deixar de censurar.

A illustre commissão, cujo parecer se discute, para salvar o governo da responsabilidade em que incorrem pela adopção de medidas violentissimas, cruelissimas e absurdas, disse: «que nunca governo algum se vira em tão difficeis circumstancias como o ministerio actual»: como querendo inculcar que a pobre revolta de Torres Novas era a mais grave e tremenda que o paiz tinha até aqui presenciado. Não posso convir com o facto que serve de fundamento á desculpa. A revolta de Belem pela muito elevada posição das personagens que se collocaram á sua frente; a revolta dos marechaes, por ser capitaneada pelas duas espadas mais illustres do reino—eram sem duvida de muito maior importancia e magnitude. Grandes eram os serviços do general conde de Bomfim, chefe do estado maior do Imperador, e os do coronel Antonio Cesar de Vasconcellos, e os do coronel Passos; porém, valentissimos como foram todos elles durante a guerra, os seus serviços—relevantes por certo—não podem comparar-se aos do duque da Terceira, e do marquez de Saldanha, os dois gloriosissimos e invictos cabos do exercito libertador. O sangue d'aquelles cavalheiros hoje proscriptos correu pela santa causa da patria, mas elles não tem a pretensão de collocar a sua gloria a par da gloria d'aquelles dois grandes e victoriosos capitães. Além d'isto, muita mais gente tomou parte das duas revoltas de 1836 e 1837 do que na de 1844. As duas revoltas cartistas foram anniquilladas sem tantas violencias como as que o governo agora empregou. A revolta de Belem acabou sem o emprego de um unico meio violento por parte dos chefes setembristas. Os srs. ministros não deviam ser tão acerbos como foram.

Se eu quizesse torturar o ministerio podia pegar no *Diario do Governo* e pelos seus actos e declarações officias,

dizer á camara que a revolta de Torres Novas foi uma tentativa miseravel—e não tanto pelo diminutissimo numero de 724 soldados que tomaram parte n'ella—como pela pouca ou nenhuma importancia dos chefes, que o governo declarou serem caracteres difamos, catilinas carregados de dividas e opprobrios,—verdadeiros bandidos de quem o povo fugia espavorido e indignado; e que encerrados depois dentro dos muros de Almeida, apertados por um cinto de ferro estavam alli isolados de todo o mundo que os contemplava com horror, como faeinorosos, homens de que todos fugiam como se cada um d'elles fosse o leproso da cidade de Aoste.

Se um grave orador que não póde vir a esta camara aqui se achasse, talvez não poupasse ao governo este prolongado martyrio, e lhe infligisse o justo castigo devido a semilhantes exaggerações e insultos. Mas eu avaliarei a revolta pelo seu justo pezo e importancia.

Foi ella ao que parece filha d'uma conspiração exclusivamente militar. Creio que podia ser grave, e gravissima, se cousas que desconheço, não fizessem logo vêr que as combinações anteriores ao movimento tinham completamente falhado. Desde o primeiro momento se conheceu que a revolta militar era já de pouca importancia; e que não poderia ter grande desenvolvimento; ou antes que ella nascera agonisante e moribunda—que acabaria como acabou a insurreição do regimento 6 commandado por Miguel Augusto.

Mais tarde porém, a revolta tomou um caracter sério, e um aspecto ameaçador. Mas esta gravidade e importancia que a revolta tomou depois, não a teve no seu começo; deulh'a o governo com as suas medidas mal calculadas, violentas, illegaes, inconstitucionaes, colericas, rancorosas e irritantes. As guerrilhas ou não appareceram antes d'essas medidas crueis e arbitrarias, ou não tinham importancia nem consideração. Foi depois das violencias e sovicias do governo, que ellas appareceram om força, e audaciosas, como o proprio governo reconhece no seu relatorio. Emquanto a revolta teve um caracter puramente militar, emquanto se esperou que o governo a combateria pelos meios constitucionaes e que sem,

pre se usaram em semelhantes crises, notou-se grande indifferença em todo o paiz.

N'um dia passou por Alpiarça o tenente Portugal que ia ajuntar-se aos revoltosos. No dia seguinte passou o coronel Pina que marchava a unir-se ás forças do governo. Nem offendemos um, nem coadjuvamos o outro. Eu era estranho a estes movimentos, que não tiuha aconselhado, cuja conveniencia não conhecia. Podia sim, fazer votos pelo triumpho dos homens com cuja ideia mais sympathisava, e de cujo patriotismo estava certissimo. Mas quando a revolta triumphasse, não esperava d'ella grandes beneficios, nem melhoramentos para o paiz. Alpiarça não queria ser elevada á cathegoria de cidade, nem eu, nem os meus visinhos ás de pais da patria. Não tinhamos nada com estas *bambochatas*. (*Riso*).—Acredito nos meios legaes—ainda que deveis—no triumpho da liberdade—ainda que tardios; não ambiciono a gloria militar, nem corôas de louro. Estou muito gordo para me dar á vida aventureza, e romantica dos guerrilhas: não teulho pressa de entrar no Pantheon. A gordura e o casamento são duas grandes garantias d'ordem. (*Riso*). Sou sincero amigo dos chefes da revolta; sinto os seus infortunios; triumphassem uns ou outros, nem por isso me havia tirar da minha casa. Continuava no meu retiro a empregar-me nos meus trabalhos agricolas, a apanhar a minha azeitona, a comer os meus feijões, e a lêr a minha gazeta, sem ter mais parte nos negocios publicos do que tinha tido nos ultimos annos, depois que me retirei quasi inteiramente á vida privada. Confesso, porém, que as violencias do governo me exarcebaram, e deplorei sinceramente a sorte do meu paiz.

Mas que podia fazer um lavrador obscuro e ignorado? Não estava na minha mão remediar os males publicos. Toda a minha força está na minha voz; e eu não a podia fazer ouvir no parlamento, nem no paiz. O parlamento estava fechado, a tribuna silenciosa. Quando a deploravel situação do povo se apresenta dolorosamente á minha ideia—quando eu soffro e gemo pela patria—faço quanto posso por substituir os tristes affectos da patria por outros que não são menos vi-

vós: Se a política me irrita, tenho uma cataplasma emoliente a que me socorro. Tomo a minha filha nos braços, aperto-a contra o meu peito; e procuro assim esquecer os infortúnios da minha patria. Não ha nada como ser casado, sobre tudo ser pae, para dar garantias d'ordem. (*Riso*). O governo foi violentissimo, e sem precisão de o ser. Aconselhando uma politica benevola e tolerante ao governo, não o faço movido pelos interesses da opposição, mas pelos do proprio governo, como ente moral, e pelos do paiz, que todos devemos amar. O melhor governo será sempre aquelle que applacar, e não o que inflamar, os odios civis; o que souber inspirar amor, e não inimizade, entre os cidadãos; o que fôr mais humano, e não o que fôr mais cruel. Assim procedi quando ministro, em tempos muito mais difficeis, e em circumstancias muito mais ponderosas. Governei oito mezes e vinte dias, depois d'uma revolução popular, e no meio de graves contrariedades. Os cavalheiros que se sentam d'esse lado sabem quaes foram essas circumstancias; e por certo nunca no paiz as teve maiores nenhuma outra administração. E, sem embargo, não prendi nem deportei um unico cidadão; não fiz um só processo aos jornaes, ou aos conspiradores; e muitos havia, cujas conspirações o governo conhecia, e de que tinha as provas mais irrefragaveis. Tinhamos a lutar contra o partido cartista, que nunca adheriu á revolução, e resolveu combatel-a com as armas. Tinhamos de prover á segurança do reino, e da corôa constitucional. D. Miguel preparava uma insurreição em Portugal e nas ilhas; Remechido estava levantado no Algarve: a causa da Rainha Christina soffria grandes revezes: o general carlista Sanz marchava sobre a nossa fronteira do norte, e o general Gomes, com uma força consideravel, chegou a tocar as fronteiras de Portugal; mas o governo, forte com a confiança da nação, armou a guarda nacional, e esperou sem vacillar que as duas revoltas levantassem o seu estandarte. Não suspendeu as garantias—não violou as leis—mostrou o sincero desejo, o firme proposito, de as executar com moderação—de vencer e perdoar. A revolta miguelista não appareceu; mas eu estava bem preparado para a defeza. Escrevi parti-

cularmente aos administradores geraes, para que fizessem saber aos realistas, que nenhum d'elles seria inquietado, ou perseguido, e que se algum constitucional tocasse n'um cabello de algum realista pacifico seria entregue aos tribunacs, e punido. Ninguem se levantou. Todos acreditaram na palavra do governo, na inviolabilidade de suas promessas, e na benevolencia de suas intenções. Ninguem se levantou, sr. presidente. Depois de tantos combates, de tantas commoções, e de tantos soffrimentos, o que todos temos, é sêde e fome de repouso. (*Muitos apoiados*).

O comportamento do ministerio de setembro de 1836 é a mais pungente censura do ministerio actual. Não podendo os partidistas das medidas violentas deixar de conhecer que foram aquelles grandes meios de immensa benevolencia, que salvaram, honraram—e engrandeceram a revolução, soccorrem se aos erros dos meus amigos em 1837 para desculpar os seus.

«Os ministros que nos precederam (dizem elles) salvaram a revolução em 1837, não pelos meios violentos então empregados, mas apesar, e a despeito d'esses meios.» A *presiganga* não salvou a revolução: quem a salvou foi a guarda nacional, que eu tinha armado e disciplinado. Se eu me tivesse confiado só no exercito, a revolução seria vencida no campo em 1837 como o foi depois em 1842. A guarda nacional, e uma parte do exercito constitucional salvaram então a revolução, mas a *presiganga* perdeu-a porque a deshonrou. Não se recordam os nobres deputados da impressão profunda e benevola, que fez no paiz—e n'elles mesmos—o comportamento generoso dos ministros de setembro depois da revolta de Belem? Não se recordam da impressão profunda mas odiosa, que fez no paiz—e n'ellos mesmos—a politica deploravel da *presiganga*? Pois, sr. presidente, as mesmas causas hão-de produzir sempre os mesmos effeitos. (*Apoiados*).

As prisões, e a *presiganga*, perderam a revolução de setembro: as prisões da Diana e do Limociro, de S. Julião e do Ilhéu, e a confiscação, e o decreto africano, hão-de perder a revolução da Praça Nova. Perdida está ella. Já ninguem a

póde salvar. Digam-lhe: *tolle grabatum tuum et ambula*. Ella não andar. Está morta! (*Muitos apoiados na esquerda*).

Se a revolta do Torres Novas fosse combatida pelos meios que a Constituição designou para tal situação, e pelos quaes todas as outras revoltas, desde 1823 até hoje, tinham sido humilhadas e abatidas, ninguem teria de que se queixar nem offender; e estou persuadido de que a revolta teria terminado muito mais promptamente. Quando se viu que o governo não respeitava, nem as leis nem a Carta, e parecia animado de um graade rancor, chegando ao excesso de querer punir sem julgar, nem processar; quando restaurou as confiscações—um brado geral de indignação se levantou em todo o paiz. Em toda a parte esta politica furiosa era condemnada: muitos cidadãos passaram a combatel-a com as armas, arriscando-se com mais generosidade do que prudencia á sorte dos combates para salvar victimas illastres, e esmagar um governo arbitrario, e perseguidor. Esta é a verdadeira causa do levantamento das guerrilhas—dirigidas em muitas partes pelos principaes cavalheiros das provincias e pelos mais proprietarios. As guerrilhas foram, em muitos logares a guarda nacional sem uniforme, e armada á pressa.

A responsabilidade do levantamento das guerrilhas não póde pesar senão sobre os ministros, que pretenderam instaurar as crueldades de um governo que a nação havia justamente proscripto e condemnado.

A *presiganga* é um nome opprobrioso que ficou para marcar o erro e o crime, de um partido. Citam-se n'esta casa sempre os precedentes dos adversarios; mas nunca se citam os bons: esses esquecem: citam-se os máos, os pessimos, e são esses infelizmente, os que depois de se terem, com razão, stigmatizado, mais tarde se imitam, se louvam, e se applaudem. Esta politica de retaliação é em todo o sentido deploravel. Ella não póde provar senão que as opposições, ás vezes, censuram sem convicção, ou que os governos rogem sem justiça.

As prisões da *presiganga* em 1837 tinham desculpa na Constituição de 1822; porque se a Carta permite ao governo suspender as garantias, a Constituição de 1822 só o permit-

tia ao corpo legislativo. Para os casos urgentes a Constituição auctorisava o Rei a prender os cidadãos sem culpa formada por quarenta e oito horas, com tanto que dentro d'este tempo fossem entregues ao poder judicial. As prisões effectuadas de noite, e antes da suspensão legal das garantias, em 1839, eram auctorisadas pela Constituição vigente; mas o uso legitimo de um poder arbitrario reconhecido pela Constituição pareceu monstruoso e cruel; e o facto só de per si deslustrou a revolução e lhe tirou immensa força, e innumeraveis sympathias. A nova presiganga dos srs. ministros foi mais odiosa porque prenderam antes da suspensão das garantias, e sem que a Carta para tanto os auctorisasse; prenderam muita mais gente do que os ministros de 1837; e não só prenderam os suspeitos em vasos de guerra, mas mandaram-nos para o Ultramar, e lá mesmo os conservaram ainda em prisão, levando a crueldade a ponto de occultarem ás familias dos presos o destino que lhes davam.

Os ministros de 1837 procederam mal; mas os ministros de 1844 procederam pessimamente.

As revoltas armadas combatem-se com a força. Quando ha força, são inuteis as crueldades. Quando a não ha, é melhor ceder do que resistir assim. Muito fraco é o governo que para segurar-se, precisa soccorrer-se á pena do escrivão, e á guita do alcaide. Esses meios nunca salvaram nenhum governo constitucional: são proprios da tyrannia. Pela minha parte não os posso approvar como deputado, e nunca os quiz como ministro.

Sr. Presidente! Os parlamentos e os governos teem rigorosa obrigação de cumprir e respeitar a lei constitucional. Durante a guerra civil ou estrangeira algumas das formalidades que garante a liberdade individual pódem ser suspensas. Esta é a unica dictadura que a Carta reconhece. Mas suspender *algumas das formalidades* que garantem a liberdade individual, não é suspender a Constituição inteira; não é fechar o parlamento; não é prender os deputados; não é supprimir a imprensa; não é castigar sem processo nem julgamento; não é confiscar...

Um illustre deputado do lado direito, que tambem é magistrado, e com o qual apesar da nossa divergencia de opiniões, eu tenho conservado uma amizade que nada tem podido alterar, disse: *que o parlamento podia suspender inteiramente a Constituição.* Os srs. ministros não podem concordar com uma interpretação tão extraordinaria, e que se fosse adoptada, comprometteria até a inviolabilidade da corôa. Faço justiça ao lado direito da camara, e estou persuadido de que elle não adopta semelhante interpretação.

A Carta tem provisões para a paz, e para a guerra. No caso de rebellião, ou de invasão de inimigos, durante a guerra civil ou estrangeira, o parlamento, ou na sua ausencia o governo, pôde suspender por tempo determinado algumas das formalidades que garantem a liberdade individual, respondendo depois pelo uso que fizer d'esse poder. Isto concedeu o parlamento; isto concedo eu: e até relevaria o governo por algum leve abuso que tivesse commettido no exercicio d'estas faculdades. Mas passar além; opprimir o povo; confiscar os bens dos eidadãos; degraal-os sem sentença; são abusos de tal magnitude que eu não os posso de modo algum dissimular.

Diz-se que o governo rasgára a Carta para *salvar a Carta!* Sophisma velho e miseravel, que já hoje se não repete em parlamento nenhum na terra, nem entre as nações mais noviças no systema representativo.

Se as provisões que a Carta decretou para o estado da guerra civil ou estrangeira, não são sufficientes, a Constituição não presta. As leis fazem-se para serem executadas, e não violadas. Se essas leis são más, não merecem a honra, nem o nome, nem o character de lei: revogai-as. Tal seria então a Carta Constitucional. Se a Carta é dicifiente, completem-na; se é defeituosa, emendem-na. Mas não a violem, e sobretudo não a viole o governo—não a viole o parlamento. Os preceitos guiam, os exemplos arrastam; e os máos preceitos, e os máos exemplos d'aquelles a quem mais cumpre dal-os bons, tem as mais perniciosas consequencias. A lei é o vinculo social; dissolvido este vinculo, não ha senão anarchia, e

despotismo. Anarchia, se a dissolução vem do povo; despotismo, se a dissolução vem do governo.

Essas estafadas apologias do poder arbitrario são já velhas e sedicãs. E esta especie de *salvadores hebdomadarios* das contribuições é já muito conhecida, e devidamente avaliada. E' mais difficil governar com as leis do que com o arbitrio. Quando os Reis tem tido a desgraça de chamarem aos seus conselhos algumas intelligencias vulgares, e a desgraça ainda maior de se confiarem d'ellas, esses pobres estadistas, não podendo immortalisar os seus nomes por meios das grandes concepções que caracterisam os engenhos, e honram os talentos, *cortam* desassombradamente pelas difficuldades que não podem desatar. Acolhem-se aos *golpes d'estado*, ás medidas tyrannicas, ás leis de excepção e de circumstancias, e com estas miserias fascinam os monarchas, espantam as intelligencias pequenas, e aterram os corações cobardes. O bem só póde ser produzido pelos grandes homens a quem o Omnipotente favoreceu com grande engenho, e um coração magnanimo. O mal póde ser feito por qualquer miseravel, ou reptil da especie humana. A arbitrariedade é o caracteristico infallivel da mediocridade. As arbitrariedades, e as violencias nunca salvaram uma nação livre, nem são praticadas por nenhum governo justo. Podem salvar ás vezes um ministerio, mas por pouco tempo; o desprezo e a derrota viram depois do arbitrio, e da violencia. A politica deploravel do actual governo, não é d'elle, é cópia—plagiato miseravel—d'outros governos desgraçados que a historia já sentenciou, e condemnou. Os sophismas com que se defendem estas quotidianas violações da lei constitucional, estas funestas aberrações dos bons principios, teem sido muitas vezes repetidos, e refutados da tribuna e na imprensa das outras nações.

Podia trazer aqui muitos publicistas para mostras á camara como elles avaliam estes expedientes. Aqui está Danou; mas não lerei nenhum dos paragraphos d'este respeitavel escriptor, lerei sómente dois paragraphos do *curso do direito publico* de Benjamin Constant..

«De proposito me dilato sobre este assumpto, diz elle,

apresentado-o por todos os lados, para que os escriptores reparem o mal que outros escriptores fizeram. A mania de quasi todos os homens, é quererem ser superiores ao que realmente são. A mania dos escriptores é quererem ser homens d'Estado. Por isso quasi todos elles contam com respeito, e descrevem com gosto, todos os grandes desenvolvimentos da força bruta, todos os recursos ás providencias illegaes, em circumstancias perigosas; reanimam a sua vida especulativa com todas as demonstrações do publico, com que exornam as suas phrases; trabalham por introduzir no seu estylo a mesma rapidez que recommendam; lançam por toda a parte a arbitrariedade; julgam-se n'alguns momentos senhores do poder, porque pregam o abuso d'elle; lisongeiavam assim a auctoridade, quebram nos a cabeça com a salvação do povo, lei suprema, interesses publicos; extaziam-se á vista da sua profundidade, e maravilham-se da sua energia. Pobres! Estão fallando a homens que nada estimam tanto como ouvil os, e que, na primeira occasião, hão-de fazer sobre elles mesmos a experiencia da sua theoria.»

«Esta vaidade, que tem transtornado o juizo a tantos escriptores, tem tambem produzido mais inconvenientes do que se pensa, em nossas dissensões civis. Todos os espiritos mediceros, conquistadores temporarios de alguma pequena porção de auctoridade, estavam repletos d'estas maximas que são tão agradaveis á mediocridade por isso mesmo que lhes servem para ella fazer pedaços os nós que não póde desatar. Esses espiritos não sonhavam senão com medidas de salvação publica, providencias em grande, actos extremos de governo. Julgavam-se genios extraordinarios, porque sahiam a cada passo dos meios ordinarios. Proclamavam-se cabeça smuito vastas, porque a justiça lhes parecia coisa muito estreita. A cada crime politico que commettiam, ouviam-se logo gritar: salvámos a patria mais uma vez. Decerto; devemos estar sufficientemente convencidos d'isso: uma patria salva assim a todas as horas é uma patria perdida.»

Luiz XVIII outorgou á França a Carta de 1814, mas com o monarcha legislador, vieram os emigrados que feliz-

mente não tinham apredido, nem esquecido nada. Os francezes que defenderam a terra da patria durante as lutas civis, não puderam ter um grande tirocinio constitucional no regimen da republica ou do imperio: mas o absolutismo em 1814 não podia já accommetter de frente as instituições. A historia dos quinze annos da restauração é a historia da guerra dos sophismas. Nós temos feito muitos progressos—uma grande conquista:—o absolutismo não póde já combater a descoberto, nem destruir as instituições a escala vista; por isso procura flanqueal-as pela fraude, pela intriga, e pelo sophisma. O poder absoluto está desacreditado. Em Portugal ninguem se atreveria hoje a proclamal-o. O despotismo necessita de tópe azul claro e branco, e de trajar as vestes da lberdade. Proclamam-se os bons principios, mas negam-sé, recusam-se, as suas consequencias logicas; proclama-se o systema representativo, mas mina-se, envenena-se, adultera-se na sua origem: fraudá-se o principio electivo por todos os modos; prega-sé a urna, e o Rei elege o parlamento: o funcionalismo legisla, e depois diz-se que as leis são feitas pela nação, que é livre. Comtudo essas leis são feitas para tirar, e não para dar garantias; para consolidar o poder arbitrario e não a liberdade legal: para opprimir e não para proteger. O virus da tyrannia está iaoculado no corpo das leis. E este systema cobarde, mentiroso, e sophistico, não sei se é melhor, ou peor do que o absolutismo puro.

A Carta é a abolição das dictaduras: a unica que ella reconhece é a suspensão das garantias—de certas garantias—em certos casos, e por tempo determinado. Mas o exercicio d'este poder é sujeito á responsabilidade, e por isso lhe não cabe o nome de dictadura. Os ministros, porém, não se contentaram com estes poderes, já de si bem amplos; quizeram uma dictadura amplissima, que a Constituição não auctorisa, e durante a qual, ficou ella silenciosa; silencioso o parlamento, silenciosa a tribuna, e a imprensa; durante a qual o governo foi tudo, e a nação nada.

Se a Carta tivesse fundado um similhante governo, seria uma Constituição detestavel. A nação teria um systema

representativo com febre intermittente—com dois dias de liberdade, e um de despotismo.—Seria um verdadeiro systema representativo d'Alpiarça, que é uma das terras mais sesonaticas do reino. (*Riso*).

Este dia de despotismo febril encravado entre dois dias de liberdade, seria cruel: um tal governo constitucional seria mil vezes peor do que o governo absoluto dos nossos antigos; até certo ponto, moderado pela bondade dos nossos Reis, pela prudencia dos tribunaes e das corporações intermedias, e sobretudo pelos bons usos e costumes, e por certos precedentes respeitaveis.

Um nobre deputado declarou, que durante a guerra civil não podiam haver fórmãs, nem garantias; e que o governo devia metter a Constituição na algibeira, e a opposição *a viola no sacco*. (*Riso*). Acrescentou, que o caso era vencer, que os fins justificavam os meios, e que no dia de juizo não se perguntava ao governo como vencera, mas sim se vencera —se salvara o paiz, e a Constituição? Isto é, se conservara o predominio de um partido, ou talvez d'uma facção!—E não vê o nobre deputado que essas funostas theorias podem um dia produzir fructos amargos e venenosos! Essa theoria do nobre deputado é uma lettra, que acceite pelos vencidos, hade ser por elles pontualmente paga no dia do seu triumpho? (*Apoiados*). Pela minha parte não acceito. E posso assegurar á camara que quando os meus amigos forem ao poder, se elles adoptarem essas desastrosas praticas, e a deploravel politica dos actuaes ministros, eu os combatarei com a mesma energia com que o tenho feito em occasiões memoraveis.

O nobre deputado disse mais: que o governo podia responder como Cicero aos seus adversarios:—«Vamos dar graças aos Deuses. Juro que salvei a republica.» Será grande atrevimento em mim, obscuro lavrador, pretender julgar Cicero, maximo orador do Universo, um dos maiores brazões da especie humana. Mas Cicero, o grande orador, o grande moralista, era, no meu conceito, um fraco homem d'Estado. Essa republica que elle jurou ter salvado, expirou-lhe nos braços. Marco Antonio o mandou degollar pelo mesmo pro-

cesso que elle fizera a Catilina; e essa lingua que com tanta eloquencia defendera o poder arbitrario—a suspensão das garantias—a condemnação sem processo—foi depois picada pelas agulhas de Fulvia... (*Sensação*).

O poder arbitrario não salvou a republica romana; não pôde consolidar os governos constitucionaes: nem dá uma existencia solida e permanente aos partidos. Nas luctas civis, as fracções pagarão sempre pontualmente as letras de sangue que sobre ellas sacaram os vencidos. A lei é a Rainha dos homens e dos Deuses; da sua violação e do seu desprezo não podem nascer senão crimes e flagícios, a desgraça dos povos, e a catastrophe dos governos.

A demagogia tambem tem como a realoza, os seus publicistas, os seus oradores, e os seus escriptores, que tem feito muitas vezes a apologia do governo arbitrario, das grandes medidas, e dos *golpes d'estado*. A historia da revolução franceza é uma serie d'estas medidas violentas. A França foi salva, mas a republica pereceu. Liberdade desde 1793 até 1814, nunca a tiveram os francezes: porque a liberdade não pôde provir senão das boas leis que se cumprem, e não das que se violam. Os partidos que perseguem, os que se vingam, convertem-se em fracção; e o destino das fracções é perecerem, e cahirem para mais se não levantarem. Póde-se dizer, que a liberdade da França começou em 1814—começou com o governo parlamentar. Mas a Carta foi sophismada. E' o destino de todas as Constituições, quando os chefes d'Estado não se ligam cordealmente com as nações a que presidem; quando desconfiam da sua lealdade, ou teem um pueril terror das instituições, que só podem consolidar os thronos assentando-os sobre a base inalteravel das liberdades publicas. A vida das nações é mais longa que a vida das dynastias: e eu quizera perguntar, se o poder arbitrario salvou a republica franceza? Se salvou o Imperio? Se salvou a restauração e a dynastia dos Bourbons? Polignac tambem dizia: que violava a Carta para a salvar. Mas em tres dias o povo de Paris repelliu os sophismas de quinze annos. A corôa de Carlos I d'Inglaterra não chegou a seus netos por causa da crueldade de seus filhos,

Deus castiga sempre o poder arbitrario, e a crueldade dos povos e dos Reis.

Os escriptores ministeriaes da restauração franceza escreveram muitos volumes para justificar as leis de excepção, de circumstancias, as medidas extremas, e os *golpes d'estado*: todas essas providencias muito gabadas então, e desacreditadas hoje. Mas como o governo portuguez quer plagiar a politica da restauração franceza, e da maneira mais infeliz, os seus defensores são obrigados a repetir as mesmas sophismas, que então se empregaram. A historia porém encarregou-se de lhes responder. Os mesmos argumentos com que os Reis defendem a sua tyrannia, servem á democracia para defender os seus excessos e violencias.

Durante a minha administração provei exuberantemente que nada confiava n'essas chamadas *grandes medidas*, que eu tenho por pequenas—n'esses terriveis meios de força, que eu tenho por debilidades, por symptomas de mêdo, por caracteristico de cobardia, e desconfiança da justiça—que é, e será sempre a maxima potencia, o vinculo mais forte da sociedade, e a unica espada dos bons governos.

No Congresso Constituinte em 1837, havia uma opposição composta em grande parte de deputados mancebos, tão patrioticos como energicos, desinteressados e virtuosos, e alguns d'elles dotados de grandissimo talento, que a idade e a experiencia não tinham ainda sazonado. Estes mancebos liam muito pela historia de França de Mr. Thiers—livro de grande merecimento por certo, mas perigosissimo nas mãos da mocidade inexperiente. Foi n'elle que esses jovens deputados beberam o entusiasmo do poder arbitrario, decorado com o titulo de *grandes medidas*. Foi n'elle que aprenderam, que os grandes principios, os grandes interesses da revolução franceza, só triumpharam pelo sangue, pelo terror, pelas crueldades, pelas execuções de Robespierre, e até pelas matanças de setembro; e que a republica, assim como deveu a sua salvação aos homens terriveis, podia dever a sua ruina aos homens benevolos, se os conselhos d'elles tivessem prevalecido.

Parece a quem lê aquelle escriptor, que a grandeza da

victoria, a importancia da conquista, a santidade da causa, deve fazer esquecer a dureza—a fria e atroz iniquidade dos meios. Sei que nenhum d'esses deputados a que me referi invejava para si a detestavel gloria de Robespierre, nem mesmo a de Danton. Mas é certo que elles tinham bebido na historia de Thiers funestas doutrinas, e adquirido algumas tendencias para o poder arbitrario, e para as severidades democraticas. Algumas medidas arbitrarías que adoptaram, foram antes copiadas dos annos das monarchias. Absolutas, do que imitadas das republicas indignadas. Prenderam alguns adversarios—suspenderam a liberdade da imprensa—e com isto julgaram ter salvado a revolução.

O governo actual, de que faz parte um dos membros d'essa antiga opposição, recorreu aos mesmos meios, e igualmente julgou com elles ter salvado a restauração.

Mas a revolução e a restauração foram ambas deshonradas pelo poder arbitrario. Quatro escriptores que o applaudiram, podem julgar-se profundos publicistas; e os srs. ministros que o exerceram, podem tambem julgar-se grandes homens d'Estado: a historia porém ha-de julgal-os d'outro modo. A missão dos governos constitucionaes é governar com as leis, e não contra ellas—respeital-as e não offendel-as. O arbitrio e a severidade são o característico dos governos despoticos.

Tenho considerado em geral a politica do governo: tenho sido indulgente com ella; mas não posso deixar de condemnar com toda a força algumas das providencias que o governo adoptou, durante a crise, e que deram á sua politica um caracter peculiar. Os oradores d'este lado que me procederam, tractaram admiravelmente este ponto; mas eu não posso deixar de ajuntar a minha debil voz ao brado forte e energico da sua reprovação.

Não posso deixar de consurar a prisão arbitraria dos deputados; o decreto da confiscação dos bens; o outro que auctorisa o governo a degradar o cidadão para a Africa, sem processo nem sentença; e o que creou os conselhos de guerra para julgarem os crimes politicos.

Os deputados não podem ser presos sem ordem da ca-

mará, senão em caso de flagrante delicto. Ora, o governo já declarou que os membros d'esta casa não foram presos em flagrante: e isso é bem sabido, porque se tivessem sido presos em flagrante, logo á sua prisão se teria seguido o processo—que se lhes não fez. Logo, foram presos arbitrariamente. O governo, comtudo, diz que os prendera em virtude da suspensão geral das garantias individuaes—em virtude dos poderes discretionarios.—Duvido muito que a suspensão geral das garantias individuaes abranja as que dizem respeito aos membros do parlamento. O Congresso Constituinte de 1837 declarou expressamente o contrario; e o sr. Julio Gomes fez egual declaração, como ministro da corôa, a respeito do sr. deputado Lemos. Os poderes concedidos por o actual parlamento não foram mais amplos do que os concedidos pelo Congresso Constituinte em 1837. Duvido muito de que a actual maioria concedesse ao poder executivo o direito de dizimar a minoria? A historia devia ter aconselhado os membros d'esse lado a não repetirem em Portugal a politica miseravel que se empregara em França, e que produziu inevitaveis reacções, a qual mais funesta e desgraçada.

Um illustre publicista que tem assento n'esta casa, quer que os ministros sejam julgados pelos tribunaes communs, e não pela justiça excepcional da camara dos deputados e pares. Mas a Carta não sanciona este principio por ella, os ministros são julgados pelo parlamento. Ora, dar aos ministros da corôa o direito de prenderem os seus juizes de pronuncia, e dá sentença, é dar-lhes a faculdade de decomporem o tribunal que os ha-de julgar—auctorisar a sua irresponsabilidade—e eleva-os á cathegoria de reis inviolaveis! O que se diria se o parlamento por uma lei tivesse auctorisado os processados a prenderem o seu jury, ou os desembargadores da Relação?

O comportamento do governo foi audacissimo, porque se declarou irresponsavel—porque, impunemente, lançou mão sacrilega sobre os seus juizes natos. Se o parlamento consente esta affronta, abdicou a sua dignidade—trahiu o seu juramento—canonisou o poder absoluto, a irresponsabilidade, e a

inviolabilidade dos ministros. Desde esse momento o systema representativo não fica sendo mais do que uma farça ridicula, e desprezível.

Outra providencia do governo, que não pode deixar de merecer a reprovação da camara, e a *confiscação*, decretada com o nome menos conhecido, e menos odioso *d'arresto*. Alguns deputados da opposição já tractaram este ponto, e tão magistralmente que quasi nada me resta a acrescentar. O governo a principio mandou fazer apprehensão nos bens dos insurgidos, para segurar os cofres publicos; mas depois, por uma portaria do ministerio do reino declarou que, este arresto era para indemnisação das despezas da guerra. Não acredito ainda hoje que o governo tenha no pensamento levar ao cabo uma medida tão iniqua, tão inhumana, e tão immoral. A' custa de torrentes de sangue conquistamos a abolição da *confiscação*.— Esperavamos que no reinado de D. Maria II este principio nos não fosse disputado, nem sophismado.

Essa desgraçada providencia do governo foi olhada com profundo horror, com vehemente indignação, por todos os proprietarios, e contribuintes de todos os partidos. Estamos na posse de ver os erros e os crimes dos governos e dos partidos, convertidos em arrestos, precedentes, e regras governativas, e por isso receiámos muito que este erro funestissimo do governo actual venha a ser no futuro, não só renovado, mas imitado, aggravado. A triste ideia do restabelecimento das *confiscações*, e das indemnisações politicas, pertence inteira ao actual gabinete. Já recordei n'esta casa que a tão odiosa medida não foram sujeitos os bens do sr. duque da Terceira, nem os do guerrilheiro Remechido, ambos insurreccionados, e ambos vencidos, ainda que por diversas causas.

Alguem ousou lembrar que a sorte do Remechido fôra mais dura do que a dos nossos proscriptos, cujos bens se acham confiscados. Se eu tivesse tido a desgraça de tomar parte n'uma insurreição que fosse mal succedida, queria antes ser fuzilado, do que viver com a certeza de que minha mulher e meus filhos ficavam por minha causa reduzidos á mise-

ria. Creio que em identicas circumstancias nenhum homem de bem vacillaria na escolha.

Mas fallou-se aqui em *roubo dos cofres publicos*. Para que se trazem ao parlamento essas phrases que revelam baixissimos pensamentos? Todos nós conhecemos os cavalheiros que capitanearam a ultima revolta; conhecemos também os outros que se revoltaram por outra causa: nenhum d'elles quando se insurreccionou teve, de certo, o ignobil pensamento de se locupletar com os dinheiros do Estado. O sr. duque da Terceira em 1837 também lançou mão dos cofres publicos... (O duque: não toquei no dinheiro. Vozes: Porque o não achou. Rumor). Achasse ou não achasse, tocasse ou não tocasse, s. ex.^a individualmente nos dinheiros do Estado, é certo que os revoltosos, que s. ex.^a commandava, e que governava como presidente da regencia, alguns cofres apprehenderam. S. ex.^a tem uma espada gloriosa, póde fazer a guerra como capitão e soldado, mas não a pode fazer com a sua bolsa. Entendeu que a revolta era necessaria e util para o paiz: expôz nobre e generosamente a sua vida pelas suas crenças. A nação não podia exigir que s. ex.^a fizesse a guerra á sua custa, como o fazia com risco da sua vida: e a guerra foi feita á custa da nação.

Mas ninguem pediu contas ao nobre duque, dos dinheiros gastos, nem se lhes arrestaram os seus bens para pagar as despesas da guerra defensiva, que fomos obrigados a sustentar contra a insurreição militar commandada por s. ex.^a. O nobre duque não teve necessidade de nos responder como Scipião Africano. Ainda mais, depois de debelladas, pelo partido a que eu pertenco, duas revoltas capitaneadas ambas pelo nobre duque, s. ex.^a não deixou de receber da guarda nacional, e do povo de Lisboa, o acolhimento e cortezia justamente devidos aos seus grandes feitos passados.

Espero que a expressão baixa e ignominiosa da ordenação do reino, se não applicará á disposição dos dinheiros publicos, feita por homens que podem errar como cidadãos, mas que, certamente, com a revolta só queriam a felicidade e a gloria da patria.

Outra triste medida, que o governo adoptou, foi o degredo para a Africa sem processo, e os julgamentos por conselhos de guerra.

O degredo perpetuo para a Africa é nos nossos Codigos a pena immediata á pena de morte. Mas ainda que o degredo a que o governo sujeitou os seus adversarios sem sentença, nem processo, não tivesse o character de perpetuidade, não deixasse comtudo de ser uma pena gravissima. Eu já disse que relevava ao governo quaesquer excessos que houvesse nas prisões e deportações dentro do reino; que relevava especialmente a prisão injusta do meu presado irmão o sr. José da Silva Passos, cujas singularidades e extraordinarias virtudes a camara, e a nação respeitam. Dou ao governo por esta prisão o *bill d'indemnidade*: nem quero olhar para este missal de despotismos e arbitrariedades. Se, porém, sou tão indulgente com estes erros do governo, não o posso ser com a severissima providencia dos degredos. Este procedimento não tem precedentes nos governos constitucionaes. Ha só um precedente igual; o da *setembrisada* no governo absoluto. Mas a comparação ainda é desvantajosa para o actual gabinete.

Estou persuadido de que semelhante medida por nenhum governo deve ser adoptada. Todo o governo deve ter a força necessaria para conservar nas prisões do continente os presos politicos. Se os ministros não tem essa força, devem resignar as pastas: se a têm, e querem por vingança, transportar para o Ultramar os seus adversarios politicos, é o chefe do Estado quem lh'as deve tirar.

A medida não era necessaria; mas se o tivesse sido, os ministros não podiam continuar na administração. O paiz condemna-os; e a Rainha não podia continuar a admittil-os aos seus conselhos.

A politica do governo é de condemnar sem ouvir, e sem processar. Tem poucos precedentes nos tempos modernos: lembro-me, porém, que alguns têm. O conde de *Casa Maroto* entrando n'uma praça mandou fuzilar alguns generaes; e depois de fuzilados remetteu o que elle chamava os *comproventes* ao conselho de guerra. Aqui está um precedente que o nosso

governo imitou. Fallo a respeito da prova do processo, porque a respeito da crueldade ha grande differença entre o governo portuguez e o governo hespanhol, cuja preversidade é um escandalo na Europa, e uma nodoa na historia dos tempos civilizados.

Os conselhos de guerra para julgarem paisanos accusados de crimes politicos, são outra medida adoptada pelo governo, a que eu tenho a maior repugnancia. Se o governo só quizesse punir, e não vingar-se, tinha os tribunaes ordinarios. Nunca Portugal teve uma magistratura tão respeitavel como agora. Tenho a intima convicção de que a nossa magistratura em nada cedo á magistratura de França. Estes elogios que eu faço á toga, ao poder judicial, não são suspeitos. Todos sabem quão sérias apprehensões eu concebera contra a classe dos legistas, e que receios eu tinha de que elles, como magistrados, não fossem assáz independentes para resistir, muitas vezes, aos favores ou ás ameaças do poder. Foi por isso que eu tanto exaltei n'outro tempo a instituição patriarchal dos juizes ordinarios. (*Riso*).

Mas realmente a historia politica da nossa magistratura n'estes ultimos tempos, é um monumento de gloria para ella. Os nossos tribunaes superiores compostos de juizes constitucionaes teem rejeitado todas as pretensões de indemnisações politicas. Os ministros perseguidores teem encontrado sempre o poder judicial entre elles e os opprimidos. Os proprios realistas dizem, que o systema representativo não trouxera a Portugal maior bem do que a responsabilidade dos nossos tribunaes. As poucas excepções não invalidam a regra. O sr. ministro do reino é o magistrado que tem mostrado mais fortes paixões politicas, e o que por mais vezes tem vestido a opa tribunicia, não sei se por baixo se por cima da beca; e, sem embargo, creio tanto no poder judicial, na efficacia d'esta instituição, que eu não teria jámais a menor duvida de entregar o julgamento das minhas causas, politicas ou particulares, á imparcialidade do sr. ministro do reino—mas é vestindo a beca como magistrado, ainda que seja por cima da opa. (*Riso*).

O poder judicial tem merecido as benções do paiz; tem

sido, n'estes ultimos tempos, o palladio—o ultimo e o unico refugio—da perséguida liberdade.

Quanto mais graves são os crimes e as penas, mais respeitaveis devem ser os tribunaes; mais sollemnes as fórmãs; mais efficazes as garantias. Se isto assim é no estado regular da sociedade, muito mais o deve ser no momento das grandes excitações politicas, na effervescencia das paixões. Para então é que eu quero as garantias.—Então mais do que nunca são ellas precisas.—Pois então é que eu quero a responsabilidade na pessoa dos magistrados—as garantias constitucionaes d'este poder.—Será para julgar causas de *coimas* que nós precisamos de uma magistratura respeitavel e qualificada? O sangue dos cidadãos é muito preciso. Um homem custa muito a crear; e quando a sociedade tiver a irremediavel necessidade de o condemnar, é indispensavel que primeiro o faça julgar e processar. Os conselhos de guerra para crimes politicos não são senão tribunaes de assassinos. Mr. Thiers diz que, quando um governo remette os seus adversarios a um conselho de guerra é para este lh'os devolver fuzilados.

Eu não seria justo se não declarasse que, apesar da irritabilidade do governo, os nossos conselhos de guerra se houveram geralmente, com moderação. Deve-se isto ao benevolo e suavissimo character portuguez, que na propria classe se conserva inalteravel: character que o general Foy já havia reconhecido como peculiar da nossa nação; e que, em vinte e quatro annos de luctas, de infortunios, de odios, e de violencias de alguns governos, se não tem podido ainda perverter.—Felizmente que se não tem pervertido, e espero que não se perverterá jámais.—No entanto é assim que todas as tyrantias começaram: o despotismo tambem tem a sua infancia.

Os conselhos de guerra politicos são uma instituição de que nós não precisamos. Devemos confiar na justiça dos tribunaes, que até aqui a tem feito sempre inteira. Não se devem n'este paiz estabelecer máos precedentes, porque os homens que ignoram as regras, gostam de governar com os exemplos; o que é muito mais facil porque basta ter memoria. Mas o legislador deve governar-se pelos principios, e não

pelos arestos, que podem muitas vezes não serem senão os erros dos que nos antecederam.

D'este relatorio consta que foram presas quatro pobres mulheres do districto da Guarda! Temos um governo que empallidece e recua deante da importancia politica de Joaquina Maria e Anna do Seixo!... (*Risadas*). Quando eu não fizesse opposição ao governo por este luxo de tyrannia, devia fazer-lh'a como lavrador, pelas georgicas; aquellas pobres mulheres não podiam ser senão apanhadeiras de azeitona... (*Riso*).— Uma d'ellas foi presa por dar azylo a uns perseguidos politicos. A que tempos somos chegados! Pois já a hospitalidade é crime? Ousa o governo consentir que assim se offenda a moral publica? Ao menos para excessos e torpezas d'estas não havia que retaliar contra os meus amigos politicos. E' necessario que se ponha termo a este escandaloso abuso da força do poder. Se D. Pedro quizer retaliar a politica de sangue do Conde de Basto, não teria feito senão a desgraça da terra que elle queria salvar, e o seu nome em vez de ser comparado com o de Washington sêl-o-hia com os maiores oppressores da especie humana.

Sr. Presidente! Não são as medidas de sangue, de rigor, de crueldade, as que podem salvar as nações, ou as dynastias, e nem mesmo os partidos.—Felizmente que o não são.—A historia ingleza inteira attesta esta verdade. E attesta-a tambem a historia de França de 1789 para cá. Escusamos porém de ir buscar exemplos tão remotos, quando os temos tão terriveis ao pé de casa. Se essas medidas fortes, se o arbitrio, as leis marcias, a violencia, as crueldades, o sangue, podesse salvar uma nação, a Hespanha já ha muito estaria tranquilla.

Os nossos antigos diziam: *de Hespanha nem vento, nem casamento*; e eu digo: *de Hespanha tudo menos politica*. Ninguem mais do que eu respeita essa grande, generosa, e heroica nação, a que o nosso Camões chamou *cabeça da Europa*. E a Hespanha é realmente a *cabeça da Europa*, pela sua posição geographica, pela bondade do seu clima, pela fertilidade do seu solo, pela belleza de suas mulheres, e pelo valor e en-

genho dos seus homens. Mas com tantas prendas que honram os hespanhoes, é muito para sentir que elles não tenham modificado, não a sua admiravel energia, mas a incontestavel ferocidade do seu character nacional. Sei que se deve perdoar alguma coisa—muito—às nações, na epoca das suas revoluções sociaes; mas não posso ver sem profunda magoa a marcha que alli tem tomado os negocios politicos. Alguns generaes constitucionaes teem rivalisado em crueldades com Cabrera, que por ellas mereceu o nome de *tigre*. Até certo ponto esses generaes rehabilitaram a detestavel memoria de Fernando VII, cujo nome a historia havia já collocado ao pé dos nomes dos mais exacraveis tyrannos da antiguidade. As torrentes de sangue vertido em Hespanha não teem servido senão para tornar odiosos e abominaveis os nomes dos nossos barbaros que o Céu na sua cólera enviou á desventurada peninsula.

Um general victorioso presidia como primeiro magistrado a essa nobilissima nação: presidiria ainda hoje se não tivesse feito holocausto de tantos jovens e gloriosos guerreiros que a Hespanha e a Europa respeitavam, e cujo tragico fim se não pôde deixar de lastimar. Sympathiso com o partido politico a que Espartero presidia; mas, quando este grande capitão foi insensivel á gloria dos seus camaradas, quando lançou uma nodoa de sangue nas paginas da sua vida, até ahi gloriosa, eu presenti e desejei a sua quéda. A arvore da liberdade que fôr regada com sangue, secca-se e morre: a liberdade é humanidade e amor. *Montes d'Oca* fez uma proclamação em que ameaçava de fuzilar todos os hespanhoes, se lhe não obedecessem dentro de 12 horas! Desgraçada da nação que não tem por chefes e homens d'Estado senão uns poucos de monomaniacos homicidas! Não quero fallar das ultimas scenas de sangue.

Esta politica é uma vergonha para a Europa—um escandalo n'este seculo—: e, sem embargo, alguém a quer acclimar em Portugal. Enganam-se, porém; oppõem-se-lhe o character nacional. Espero que nunca a havemos de seguir, nem nus nem outros (*Apoiados geraes*); que todos nos esforcare-

inos para conservar puro e benevol'o character nacional, como sempre foi. Comparai a Hespanha com Portuhal, e dizei-me se deviamos abandonar a nossa politica de paz e tolerancia, para seguirmos aquell'outra politica hespanhola, selvagem e assoladora? Em Hespanha a geraçãõ actual ha de ligar ás gerações futuras um tremendo legado de odios e vinganças. E o que tem feito esses homens sanguinarios com o seu fatal systema de fuzilamentos o represalias? A Hespanha por ventura é mais feliz? O dominio dos partidos é por ventura mais longo e duradouro? E' mais forte por ventura a confiança nos meios legaes? Acaso tem enfraquecido o espirito das revoltas? Dissiparam-se as tendencias de insurreiçãõ? Nada d'isto tem succedido. As victorias ganhas com sangue não são permanentes. Um governo cujos alicerces são os odios, cuja politica é a vingança, cujos recursos são as arbitrariedades, está sobre um vulcão; não offerece garantias: não tem estabilidade. Um governo cruel é essencialmente fraco. Os soldados da liberdade derrubaram um pretendente, e firmaram uma dynastia: as suas espadas já não são precisas. Para que é então ainda esse governo militar? Para que são esses preconsules que assolam as provincias, e que a seu talante violam a Constituição e a lei?

Ha alguma similhança entre a actual situação de Hespanha e a de Roma nos paroxismos da republica. O tumulto da republica romana foi alagado em sangue. Já se tem derramado bastante no berço da liberdade hespanhola. Mas a monarchia velha cahiu, e agora necessitam-se legisladores e não capitães. A Hespanha carece de um governo de philosophos; de verdadeiros homens d'Estado, que tractem a sua patria com amor, que lhe dêem boas leis e as façam executar, que abram uma nova epoca de paz e de justiça, e sobretudo de tolerancia. Até agora as dictaduras e preconsulados militares, quer em nome da Corôa, quer em nome do povo, tem se alli succedido sem interrupção. O que fuzila hoje é fuzilado amanhã. E nenhum grande engenho, nenhum grande coração, tem presidido até agora aos destinos de uma nação tão digna de melhor sorte. Póde-se dizer dos ministros de Hespanha,

com raras excepções, o que dizia Burke dos ministros da revolução franceza: «Os ministros d'hoje ninguem hontem lhes sabia os nomes, ámanhá ninguem se lembrará d'elles.»

Estou muito longe de approvar a politica do sr. Martinez de la Rosa; e, comtudo se eu me não engano no conceito que fórmo dos seus talentos, espero que elle abolirá a pena de morte por crimes politicos, e porá termo a essa carnificina que a Europa contempla com profunda indignação. Não conheço pessoalmente esse ministro, e por isso não sei até que ponto a civilisação póde contar com os seus esforços; mas a Hespanha tem nomes e caracteres muito illustres, que não podem deixar de desejar o bem do seu desgraçado paiz. Creio mesmo que no proprio partido hoje dominante hayerá talentos que possam governar parlamentarmente. Tenho por muito respeitaveis os nomes do sr. Alcalá Galiano e especialmente do duque de Ribas.

Sr. Presidente! Sou franco. Fui sempre grande partidista da união de Hespanha a Portugal; desejava que a politica não separasse por mais tempo aquelles que a natureza tinha unido. No estado actual da Europa as nações pequenas soffrem muito. Era bello de ver a rica península iberica representar no mundo como grande potencia, como nação que a natureza fez cabeça da Europa! Mas eu quizera essa união debaixo dos auspicios da dynastia portugueza enlaçada com a dynastia hespanhola, com um systema representativo, e sendo Lisboa a capital do novo imperio. Foi este o pensamento querido de alguns monarchas nossos; e foi tambem o pensamento dos dois maiores engenhos que Portugal tem produzido, Luiz de Camões e Antonio Vieira. Como esses dois modelos de patriotismo queriam a *união*, a quiz eu sempre. Nos escriptos de Vieira se encontra esse pensamento (que era d'elle e d'El-Rei D. João IV) bem claro e desenvolvido; e já Camões havia dito:

«D'Hespanha os dois grandissimos imperios
 «Serão n'um senhorio só juntados,
 «Ficando por metropole e senhora
 «A cidade que cá nos manda agora.»

Comtudo depois do que tenho visto praticar no reino visinho, entendo que a civilisação tem modificado muito pouco o character nacional, e que os hespanhoes de hoje não são muito dissimilhanes dos hespanhoes do Mexico e do Peru, dos hespanhoes dos paizes baixos e dos hespanhoes da inquisição. Ainda que em Portugal houvesse hoje herdeiro da Corôa, que pela sua idade podesse casar com a Rainha de Hespanha, ainda que essa nação accedesse a condição *sinequa* de fazer Lisboa a capital da Peninsula, eu não podia agora dar o meu voto para uma união, que podia trazer em resultado a desgraça do meu paiz, pela introdução de uma politica selvagem, incompativel com a tranquillidade dos povos. Hoje não ha nada de que eu tenha mais medo do que de um hespanhol. (*Riso*). Se vierem sobre o paiz, apesar de eu estar muito pouco animado de espiritos marciaes, ainda pegarei n'uma espingarda e farei fogo aos invasores.

Sr. Presidente! Tenho exposto a minha opinião com franqueza. Não tenho a pretensão de que seja a melhor. Censurei a revolta, e censurei a politica dos srs. ministros. Vejo que usaram mal dos poderes que lhes foram conferidos. Concedo-lhes todos os *bills d'indemnidade* porque não quero votar a accusação; mas não posso deixar de lhes votar censura, porque desejo que se retirem do poder. A revolta cresceu com as medidas imprudentes e errantes do governo. O systema representativo ficaria sem efficacia e sem prestigio, se por ventura a camara não condemnasse a prisão inconstitucional dos seus proprios membros, que a Constituição fez juizes não justificaveis os srs. ministros: se não condemnasse os conselhos de guerra, as alçadas militares: se não condemnasse os degredos para a Africa sem processo nem fórma de justiça: se não condemnasse a odiosa pretensão de elevar os poderes constituidos acima da Constituição. Quanto á medida da confiscação especialmente, confio em que esta camara a não aprovará. Não vol-o peço, senhores, em nome da Constituição, mas da moral: peço-vol-o em nome de vossas mulheres e de vossos filhos. Não leveis tão longe a vossa cendescendencia. Quando as vicissitudes politicas vos tornarem de vencedores

em vencidos, não ajunteis aos vossos soffrimentos o espectáculo doloroso de vossas mulheres e de vossos filhos mendigando uma fatia de pão, como hoje a mendigam muitos innocentes que ainda hontem viviam na abundancia, e que a confiscação reduziu á penuria.

Até aqui dirigi-me ao governo, agora vou dirigir-me aos meus amigos politicos.

Deplorei sempre que alguns dos meus amigos desanimados pelos vicios intrinsecos das nossas instituições politicas, se viam sophismadas, desesperassem de vencer pelos curtos e cerceados meios constitucionaes, e appellassem para as armas. Quando o governo não é sinceramente constitucional; quando sophisma a instituições com leis abusivas ou praticas criminosas, não basta, realmente, que a opposição seja simplesmente para vencer legal e constitucionalmente. Mas a minha opinião é que nem porisso a opposição ha-de desanimar. A prostração é a morte dos partidos; o desalento uma ignominia para os chefes. A opposição ainda que seja maioria pode n'este vicioso systema ser derrotada. Mas que importa? Ella augmentará. Derrotas assim são verdadeiros triumphos. E' mister não desesperar nunca da salvação da republica. As convicções não se alteram de repente; e os partidos que eram, tem de fazer grandissimas expiações. Quem não tem por si a força, necessita de ter por si a razão. As leis constitucionaes são feitas para conter, para domar os máos governos. Estes podem ter interesse em violar as leis (é a tendencia natural que todos temos para alongar a esphera da nossa auctoridade); mas as opposições nunca as devem desacatar. As revoltas armadas são um remedio extremo que nenhum homem d'Estado deve aconselhar, emquanto o mal não fôr tambem extremo. E a minha opinião é que assim mesmo talvez nunca as devam aconselhar.

Por mais fracos e vagarosos que sejam os meios constitucionaes nos governos, de sophismas, sempre são incomparavelmente preferiveis a todos os outros meios, que quebram a disciplina do exercito ou armam o cidadão contra o cidadão, e tingem o solo da patria com o sangue de seus filhos. Quinto

Fabio Maximo não quiz vender depressa. Na politica não ha atalhos: a estrada real é a legalidade. Em França a maioria parlamentar não foi por muito tempo a maioria nacional. A persistencia da opposição nos meios constitucionaes foi que restabeleceu a harmonia, e lhe deu a victoria. A opposição portugueza tão cheia de virtudes, tão ornada de grandes caracteres e illustrações, tem, não toda mas alguma parte d'ella, errado em empregar o desalento e a desconfiança dos meios constitucionaes, como preferindo os meios da força bruta. Felizmente n'esta camara creio que estamos hoje todos de accordo em que esses meios levam a opposição ao descredito, e o paiz á ruina. Confiemos na civilização. Temos a imprensa, a urna, e a tribuna. Por muito circumscriptos que estes sejam ainda aqui apparecem eloquentissimos oradores, ainda lá fórá ha escriptores publicos, que não receiam censurar o governo.

Persistamos n'estes meios, com exclusão de todos os outros, e o paiz que tantas provas tem dado de consideração pelos caracteres que se sentam d'este lado, os seguirá na estrada da opposição constitucional com a mesma confiança e devoção com que nos seguiu desde 1834 até 1836. O paiz detesta o governo como quasi absolutista, como oppressor,—às vezes tyrandico—e incompativel com a propriedade e com a intelligência. Mas o paiz não póde descançar completamente na opposição emquanto das suas fileiras sahirem os chefes das revoltas, emquanto ella toda não estiver compacta no grande e nobre pensamento de realisar o seu programma só com o auxilio dos eleitores contribuintes—só pelos meios legaes. A opposição é o paiz inteiro. Mas falta-lhe nexo e confiança. E' necessario que o abandono da urna não seja prégado pelos mesmos que tem obrigação de a apostolar. Todo aquelle que não vae votar quando a lei lhe permite que vote, é um miseravel que abdica a dignidade de cidadão. Deve ser *fuzilado moralmente* pelas costas á *Hespanhola!* O governo pela sua parte tambem deve pôr um termo ás escandalosas fraudes dos recenseamentos feitas pelos seus partidistas. Deve bastar-lhe o seu exercito de funcionarios. O governo não deve consen-

tir por mais tempo a urna coegida e ensanguentada pelos seus proprios agentes. O paiz deve-nos merecer algum amor: governo e opposição teem muito de que se emendar. O governo tem a proceder com lealdade nas eleições; e a opposição tem por renunciar as revoltas, e concorrer á urna. A Corôa e o paiz, o governo e a opposição, todos são egualmente interessados em que as eleições comecem a ser um acto civico onde se peleje com lealdade, e não continuem a ser uma farça indecente como até aqui teem sido.

Eu digo á opposição:—«O futuro é vosso; a nação vos seguirá: mas não vos apresseis. Não desesperéis nunca da causa da patria: ella será salva pela efficacia da lei, pela perseverança dos chefes, e pela confiança dos cidadãos.

Deixemos ainda ao governo os seus empregados eleitores, que votam pelo que recebem e não pelo que pagam. Os contribuintes necessitam reunir-se, e tomar a posição constitucional que lhes pertence, e que tem desprezado ha vinte e tres annos.

Esperemos como Quinto Fabio. Os que não podem esperar são os ambiciosos; os candidatos a empregos;—deixemol-os. São fardos muito pezados antes e depois da victoria.

O lavrador que votar com a opposição, ha-de ficar lavrador.

O negociante ha-de ficar negociante.

O artista hade ficar artista.

As eleições não são habilitações.

As listas não são escala para empregos.

Nós temos tres grandes classes d'empregados: os mignolistas—os empregados da direita—e os empregados da esquerda. Estes empregados não podem, nem devem pertencer aos chefes dos partidos: são empregados da nação. Devem servir os seus empregos com honra, zelo, e fidelidade, sem lhes importar quem são os ministros, cuja nomeação lhes não pertence, e cuja demissão só pôde ser effeito da perda da confiança do Rei e da nação.

Todos temos errado. Façamos um esforço para acrtar,

Entremos sinceramente uns e outros nos caminhos constitucionaes.

Renuncie o governo ás fraudes e ás violencias eleitoraes.

Renuncie a opposição para sempre ás revoltas armadas.

Terminarei votando contra o parecer; mas votando pela censura e não pela accusação dos ministros.

Se tenho dito alguma cousa que possa ter offendido algum dos membros d'esta casa, peço-lhes que me relevem, porque a minha intenção é sempre honral-os, pois de todos tenho sempre recebido singulares e não equivocas provas de consideração e de deferencia, a que sou muito grato. Se para justificar, ou, pelo menos, para desculpar alguns actos dos meus amigos politicos, que estão ausentes, citei factos identicos de alguns cavalheiros do outro lado d'esta casa, elles me relevaram, porque o fiz unicamente com o intento de defender o credito e o nome dos meus amigos, e de modo algum com o animo de deprimir os meus adversarios. A camara sabe que ou não costumo citar tanto de amigos como de adversarios senão os factos honrosos, os precedentes de que elles e o paiz se podem ennobrecer e gloriar.

(O orador foi repetidas vezes apoiado com muita energia; e recebeu no fim as felicitações de todos os lados da camara).

Nota

Foi enorme a sensação que produziu este magnifico discurso, e nos jornaes da epocha encontram-se d'elle longos extractos e as mais entusiasticas apreciações. No dia seguinte áquelle em que foi pronunciado dizia a *Revolução de Setembro* no seu artigo principal:

«Nótavel foi o contraste que se presenceou hoje em S. Bento—o anjo da liberdade vertendo torrentes de luz sobre a assembléa, e o mensageiro do despotismo desenrolando o sudario da desolação e da morte: uma alma candida, sempre generosa, annunciando a todos a paz, procurando estender a

todos os beneficios da civilisação, e a influencia dos bons principios: e um coração perverso, sempre propenso para o mal; regicida hoje, patricida amanhã, republico no arsenal, cortezaõ no paço, furioso contra a aristocracia, sanguinario contra a democracia, sempre ambicioso, e nunca farto de maleficios, perdendo a liberdade por seus excessos, e arriscando o throno pelos seus desvarios. Era o sr. Passos (Manuel) e o sr. Costa Cabral.

A dictadura do illustre ministro da revolução de setembro tivera a mofina sorte de ser invocada para auctorisar o despotismo actual: o sr. Passos explicou todos os seus actos, a liberdade dos seus principios, e a generosidade do seu procedimento depois da victoria. Teve então a seu lado muitos d'esses caracteres que hoje o censuram, que n'essa época o adulavam; e que propunham as medidas contra que hoje se alevantam!! O duque da Terceira ouviu sem se commover, mas tambem sem desmentir, o modo porque fôra tractado em duas épocas revolucionarias; e este homem não se peja hoje de deixar comer os bens d'aquelles que o saudaram, e que lhe salvaram a vida!

As injurias e as calumnias vomitadas pela gazeta contra os caracteres que entraram na revolta, tiveram no sr. Passos um justo censor. Foi trabalho escusado. O calumniador fallava quando ninguem podia responder; e para opprobrio do ministerio, e martyrio do conde do Bomfim, esses insultos eram dirigidos pela mesma penna que tinha estado a soldo d'aquelle general para o defender quando fôra presidente do conselho de ministros. Desenganem-se: os homens alugados são uma mercadoria que serve a todos os partidos. Assim como agora decretam a apothese para o sr. Costa Cabral vencedor, decretar-lhe-hiam a morte se o successo das armas lhe fosse menos favoravel.

S. ex.^a fulminou os erros do nosso partido, e os seus excessos; e discursou longamente contra as violencias praticadas pelo ministerio actual na ultima crise, violencias que deshonram a humanidade, como a prisão de uma mulher por acolher um criminoso politico!

Com a mesma força de raciocínio condemnou s. ex.^a as deportações e os confiscos. Notamos que quando o illustre deputado fallava na portaria que mandava applicar para as despesas da guerra os bens dos soldados da guarda nacional de Almeida, o sr. José Cabral declarou que *essa portaria não era o decreto*. Ignoramos o que signifique esta distincção. Se é a condemnação da doutrina da portaria como contraria ao decreto é preciso que isso se saiba, para se não fazer obra por ella: se o não é, a portaria applica o espirito do decreto, e é tão censuravel como elle.

Não foi menos feliz o sr. Passos defendendo a prerogativa parlamentar. Todo o seu discurso foi uma demonstração dos seus vastos conhecimentos, e do seu amor pelo systema representativo.»

O *Dicionário Popular* na biographia de Manuel Passos faz a seguinte referencia :

«Em 1841, quando se malogrou a revolta de Torres Novas, que foi morrer em Almeida, Passos Manuel ergueu a voz para protestar contra a repressão violenta a que recorreu o partido vencedor e contra as vinganças a que se deixara arrastar. O seu discurso de que infelizmente só nos restam extractos, e não a reprodução tachygraphica, é comtudo de uma moderação, de uma seuzatez e de uma elevação notaveis.»

O *Dicionário* como muitas vezes lho succede não disse a verdade. O discurso existe por completo no respectivo *Diário da Camara*, pag. 185 a 193. Nos jornaes do tempo vieram com effeito alguns extractos incompletos, o que fez com que Passos Manuel dirigisse a um d'elles esta carta :

Sr. redactor.—O discurso que fiz na camara dos deputados na sessão de 18 do corrente appareceu extractado em todos os jornaes da capital com singulares inexactidões—com muitas omissões; gravissimos erros de facto, de historia e de doutrina, pelos quaes me não julgo responsavel,

Não sei se me será possível corrigir esse discurso sobre

as notas tachygraphicas quando me forem entregues antes de me retirar de Lisboa; porque muito desejava que o paiz conhecesse a minha opinião sobre os diversos assumptos a que alludi.

Emquanto porém não publicar esse discurso, por mim reconhecido como proprio, declino toda a responsabilidade moral que me possa provir de opiniões, que os tachygraphicos me quizeram attribuir, e que eu não professo; e entrego a censura das minhas opiniões ao juizo e recordação da camara e dos espectadores que as ouviram.—E de novo repito a declaração que ha muito fiz pela imprensa de que não respondo por opiniões que nos extractos das sessões ou Diarios das camaras venham enunciadas debaixo do meu nome uma vez que eu não tenha previamente reconhecido como proprio o discurso que me attribue.—*Passos (Mannel)*.

Tudo leva a crêr que Passos Manuel recompoz o discurso e que depois d'isso é que o mesmo foi publicado no *Diario da Camara*. Pelo menos depois de publicado alli não fez mais declaração alguma a tal respeito.

N'um livro publicado no Porto em 1880 sob o titulo—*Passos Manuel—(Discursos parlamentares d'este notavel estadista precedidos do seu retrato e biographia)* não vêem o discurso que acabamos de publicar. Ignoramos a causa de tal ommissão, decerto foi a mesma que levou o *Dicionario Popular* a affirmar que d'elle apenas restavam alguns extractos. Alguns d'estes transcreve-os o *Dicionario*; confrontados porém com o discurso na sua integra vê-se que são d'uma infidelidade pasmosa.

QUADRO POLITICO,

HISTORICO E BIOGRAPHICO

DO

PARLAMENTO DE 1842

FOR

Um eremita da Serra d'Arga

duo suum cuique tribuere,

bibRIA



LISBOA

TYPOGRAPHIA DE MANUEL DE J. COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54

—
1845

QUADRO POLITICO,

HISTORICO E BIOGRAPHICO

do

PARLAMENTO DE 1842

por

Um eremita da Serra d'Alga

dos annos catorze liberos

bibRIA

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE MANUEL DE J. COELHO

Rua do Fogo das Velhas n.º 24

1842

QUADRO POLITICO

Convencidos da necessidade, ou pelo menos da conveniencia, d'aproveitar isto que supponho paroxismos de liberdade caracterizando a situação politica da epoca, resolvemos coordenar este abreviadissimo opusculo, em que seguramente pululam imperfeições de todos os generos, salvo d'innexação voluntaria.

Escrevemos com a consciencia nos bicos da penna, e temol-a d'haver escripto a verdade.

O que os nossos politicos valem está ali, os seus programmas são esses, e o seu caracter é o que a cada um designamos; porque nem dos que actualmente governam recebemos injuria ou favor, nem de seus successores emperamos mercê.

Pegando dos homens como os achamos, atiramos com elles ao prélo, e não curamos saber se eram gregos, nem se defendiam os muros de Troya.

Ao *mão* estampamos no rosto o ferrete da ignominia, e o *bom* não precisou bajular-nos para que o déssemos por tal á nação.

Se desejarem saber onde os vimos, dir-lhe-hemos que em muitos sitios, e em cada qual mais patentes,—no *parlamento*, nas *praças*, nos *theatros*, nos *bailes*, no *gabinete*, nas *ruas*, e até em seus *proprios quartos de cama*.

Invisiveis como as Sylphides do seculo de Luiz XIV, seguimol-os por toda a parte onde era possivel encontral-ós, miramol-os de todos os lados, espreitamos o mais insignificante de seus movimentos, pezamos a menos pensada de suas palavras, e quando nos pareceu que o nosso conceito estava formado, recolhemos então ao *Ermiteio*, d'onde hoje enviamos estas observações cenobiticas a perigrinar pelo mundo, dando-lhes por simples carta de guia a imparcialidade, com que vão escriptas, e o partirem de terras tão êrmas como estranha é a penna, que as traçara, a todo o genero de prevenções politicas. Não as temos porque nos retiramos á vida ascetica, e porque voluntariamente afastados do profano tumultuar das

ciudades, nem os grandes nos causam inveja, nem estamos em situação de a excitar nos pequenos.

Semelhantes aos primitivos monges do Christianismo, habitamos como elles o nosso Libano, abriga-nos a sombra dos nossos cedros, meditamos de dia nas grutas, de noite no pequeno recinto da nossa alcova, alongamos a vista, pelo espaço, olhamos d'alto para as tempestades, não nos acontam paixões, e só nos falta para em tudo arremedarmos esses beatíficos contempladores a tão suspirada resignação monastica de simplesmente pedir e chorar—*solus orare et flere*.

O nosso coração não quer isso. Vai muito além do de Jeremias, e ou seja porque o não ensinassem a suspirar como Job, ou porque conhecesse que apesar das lamentações do Propheta nem assim Jerusalem deixou de ser arrasada, aconselha-nos que fechemos as portas do côro, e que em vez do *miserere* do claustro ergamos o brado d'escriptores publicos.

Foi para o podermos fazer como livres que a cidade antepozemos o êrmo; e se por effeito de ruim sina ainda aqui mesmo o não fôrmos, nem por isso desistiremos da empresa.

Ao *folheto* substituiremos a *fabula*, e a *folha diaria* o *apologo*. Da mesma sorte que Esopo e Cady souberam fustigar seus senhores, escrevendo o primeiro entre ferros, e o segundo em terras de barbaros, saberemos nós dar falla aos rochedos, acção e vida aos arbustos, e philosophia aos irracionaes.

A's rãs diremos que se lastimem, ao corvo que se empavone, e ao burro que escoucine o leão depois que o vir prostrado por terra.

Hayemos de rir o chorar, mas em todo o caso *escrever*; porque viemos ao mundo para isso, e nem sabemos ser uteis á patria senão auxiliando-a d'esta maneira a despojar-se dos immoraes.

Ahi vai pois esse esboço, o apoz elle irão outros. Que valha muito que pouco, a ninguem pedimos venia dos erros, nem que nos perdoe as offensas. Se as fizemos, foi porque assim o exigiram os factos, e nunca porque esse fosse o nosso desejo.

Dito isto só nos resta acrescentar, que sendo chegados a tempos, em que as protestações de fé politica se tornaram tão necessarias, como antigamente as de fé religiosa, a nossa é de que somos puro cartista, zeloso defensor do throno, amigo sincero da ordem, e decididamente avesso a essas lisonjeiras utopias de liberrimos codigos fundamentaes, que nunca nos fascinaram sendo mais moço, para que o consoguissem depois de já maduro na idade.

A' obra não damos auctor, e o publico pouco perde com isso.—Que importa saber quem nós somos?... Figurai-vos que é uma voz que sae do *Ermiterio*. Se vos fallar verdade applaudi, e se entenderdes que não, pateai.

Os habitantes d'antiga Delphos não consta que perguntassem ao oraculo quem era. Fazei pois como elles, e estai certos que fareis bem.

bibRIA

PARTE I

Vida intima do parlamento

Ma foi, monsieur, dit un auditeur, ces gens là étaient capables de tout.

LE MORNE-AU-DIABLE.

Sa o nosso fim fosse analysar, e não historiar o que se passou no parlamento de 1842, (legislatura a tantos respeitoos excepcional, seguramente nos conviria remontar a outras epochas, e preserutar a origem d'outros successos para demonstrar como d'um concurso especial de circumstancias resultou em grande parte essa apparente homogeneidade de pensamento que levou a camara d'aquelle anno a não só resistir contra todas as considerações d'interesse nacional, senão até mesmo

a abdicar muitos direitos, que constituíam garantias individuais de seus membros.

Dispostos porém a desempenhar a simples tarefa de mortos historiadores, e prescindindo de relatar acontecimentos, que além de sabidos por todos, já por muitas vezes tem sido objecto de largas discussões tanto na tribuna como na imprensa, limitar-nos-hemos a dizer, que restaurada a Carta Constitucional em 27 de janeiro de 1842, e collocado Antonio Bernardo da Costa Cabral á frente da administração, necessario foi áquelle ministro, ou para não revelar sêdes de dictadura, ou porque a isso o forçassem outras concorrências, mandar eleger immediatamente umas côrtes, que sendo o logo depois da victoria, e ainda debaixo das impressões do momento, não só não duvidassem expurgal-o de toda a macula, mas até se promptificassem a dizer, como lá se disse, *que boa ou má que fosse a restauração, o resultado tinha justificado os restauradores.*

São estas de que nos propuzemos tractar, e ahí vão portanto os primeiros traços do quadro;—côrtes de maioria monstro, côrtes de chapa e carimbo, côrtes anormaes, côrtes de abnegação pessoal, côrtes de renuncia de fé, côrtes de pseudo-cartismo, emfim côrtes de tudo que Antonio Bernarde quiz que ellas fossem; porque desde que o erro da minoria o identificou com a restauração, não houve mais dar no homem sem que os filhos d'esta o escudassem.

Um de seus principaes defeitos foi não terem centro, e nem mesmo era possivel que o tivessem, porque estavam fóra de todas as condições ordinarias.

O centro suppõem equilibrio, e quando Fonseca Magalhães o quiz ser, não fez senão attrahir sobre si o ridiculo.

N'uma assembléa de cem deputados, aonde oitenta votam a flux pelo governo, e vinte só contra elle, o opposcionista que alterna o seu voto, é visto que lhe falta a convicção dos principios, ou que não tem fins conhecidos. Se o edificio peca na base para que é ajudar a alisar-lhe a cornija!—Um ministerio que desmoralisa a nação não pôde fazer nada

que lhe seja útil, e quando por isso se approvam algumas de suas medidas, o resultado é dar-lhe força moral. (1)

Assim pois constituidas as côrtes, a minoria não tinha senão um meio que seguir—*acceitar o facto da restauração e combater o restaurador*. Para isto podia servir-se d'infinidade de bons argumentos, e o que desde logo se mette pelos olhos é que o homem que faz revoluções não as goza, nem o que serve para infringir a lei póde servir para a manter.

Seguiu-se porém outro rumo, e d'ahí provieram muitos inconvenientes. A' força de confundir o codigo com o ministro fez-se persuadir que se guerreavam os dous; e tanto d'isto soube prevalescer-se Antonio Bernardo, que quando depois algum deputado do ministerio pretendia passar-se para a opposição logo lhe dava elle do rosto com a aposthasia politica dizendo que o mesmo era abandonar o governo que renunciar á defeza da Carta.

Este sophisma era velho. Já tinha fallado d'elle Jeremias Bentham, (2) e ninguem o combateu como devia. Deixavam-no correr a soltas, e por fim tornou-se axioma. Antonio Bernardo espremou-o, sugou-lhe todo o chorume, virou-o de todos os lados; e lá se foi ao paço com elle fazer persuadir á soberana que ou haviamos de voltar ás epochas do arsenal, ou conservar-lhe a pasta no bolso, como unico homem capaz d'incutir terror aos anarchistas.

Apesar porém do muito que com isto ganhou, nem só foi esse o motivo de tão firme se lhe conservar a maioria. Companhia-na homens de diversas temperas, uns mais ou menos cobardes, uns mais ou menos independentes; porém todos escravos do numero, e nenhum querendo ser o primeiro.

(1) Talvez que isto pareça absurdo, e comtudo se o é não é nosso. Dupin Ainé, que seguramente é voto de peso, dizia na camara de França (sessão de 16 de maio de 1830) fallando do ministerio Polignac, que quando mesmo trouxera ao parlamento leis uteis e boas para o paiz, todas lhe deviam ser regeitadas,—«quand même les ministres nous appo: teraient des lois bonnes et utiles pour le pays, ces lois devaient être repoussées.»—Taaes são as suas proprias palavras que textualmente copiamos da acção, e que por consequente nos põem a salvo de toda a critica,

(2) Sophismes politiques.

A uns prendia o emprego, a outros assustava o futuro, e a muitos escaceava a moral.

Feita a estatística da camara achou-se que o numero dos empregados montava a mais de sessenta.

Nem sequer era preciso metade para formar um nucleo irresistivel.

Creaturas da restauração mais do que eleitos do povo, os deputados de 42 parece que se suppozeram ingenitos do ministerio, e por mais diligencias que se fizessem não havia persuadil-os de que Costa Cabral podia cahir sem que o acompanhasssem na quéda.

A quem se exforçava por isso respondiam com uma pergunta,—*qual o successor que lhe dais?* Dizer-lhes que era Rodrigo não contentava a ninguem. O seu proceder era dubio, não estava de cá nem de lá, nunca disse para onde nem por que estrada soguia; e fallando sempre em tom d'inspirado, fazia-o como costumava a Sybilla, por phrazes prenhes de sapiencia; mas totalmente vazias de conclusão.

Homens ha que sabem muito, mas que prestam para menos do que sabem, Fonseca Magalhães é um d'elles.

Se quizesse ser inimigo, quem o não temeria na camara?—Vastissimo em conhecimentos, sublime na oratoria, mimico quando é preciso, e cercado d'uma aureola feliz, o seu unico defeito é a falta de coragem politica, e o *não querer abdicar o presente.*

Voltemos porém ao assumpto, que não é ainda este para aqui.

Cosidos quasi a Rodrigo estavam Avila, Aguiar, e Mousinho.

O primeiro gosava creditos, ningnem lhe negava talentos, tinha a reputação d'homem probo, e primava como orador; mas não o reputavam ainda na escala de ser cabeça de ministerio.

Por Aguiar davam pouco. Diziam-no altivo e insoffrido; chamavam-de de mais a mais setembrista, e não o suppunham bem visto no paço.

Restava ortanto Mousinho, que já em seguida á res-

tauração tinha sido ministro da Carta. Contra este oppunham o decreto de 10 de fevereiro, e diziam que entregar-lhe a pasta nas mãos, era votar-se a maioria ao ostracismo.

No lado extremo da camara apparecia um homem fe-cundo, insigne aos olhos de todos, por todos respeitado e que-rido, immenso na reputação, maior ainda do que ella, alma toda bondade, e coração todo amor-patrio; mas por desgraça hasteando um estandarte politico que incutia sustos a muitos.

Este homem era o bondoso Passos Manuel, nome que já hoje é grande na Europa; e que um dia o será na posteridade.

Temiam-se porém, como dissémos, do credo politico d'este estadista, e assim não havia mais quem propor-lhes. Com um parlamento como este a defecção era quasi impossivel.

Entretanto que Antonio Bernardo empregava todos os meios de levar a sua gente cerrada, nada se fazia por parte da minoria que podesse contrastar esse exforço.

Apenas em certo jantar a que assistiu Fonseca Magalhães deu este o *beijo-Amourette* (1) em quatro ou cinco con- vivas, que alli foram chamados *ad hoc*, dizendo com o copo na mão, e com aquelle tom d'Aristoteles, que tão bem lhe vai quando falla—*nós sim que somos cartistas: vivam os verdadeiros amigos da Carta!*—Bateu-lhes depois sobre o hombro, abriu um sorrir diplomatico, possuiu-se da gravidade do caso, e acrescentou em ar de mysterio,—*as cousas nem sempre hão de ir como vão.*

Isto o fez elle como nós o contamos, e não produziu máo effeito. Dos quatro que responderam ao brinde, dous estavam pouco depois na esquerda, um foi e voltou, e o quarto se ficou firme é porque era o Nestor dos velhacos.

De resto quem se passou foi por si. Cabral andava

(1) Adrião Amourette, Bispo Constitucional de Leon, membro da assembléa legislativa, e depois da Convenção, tendo fallado no dia 2 de julho de 1792 no sentido da fusão de todos os partidos, o discurso produziu momentaneamente um effeito tão espantoso que não houve deputado que não applaudisse nem deixasse de levantar-se para ir abraçar o orador. No dia seguinte as hostilidades recommçaram, e a isto chamou-se o «beijo-Amourette».

sempre d'avisó á mirá de quem lhe fugia, e ao menor symptoma de deserção lá corria elle ou José Bernardo a pôr obstaculos ao transfuga. A uns fazia promessas, a outros dava mercês, e á maior parte aterrava com a ameaça da demissão.

Do lado da minoria nem sequer se acenava aos contrarios. Parece que os marechaes que a compunham, temiam comprometter com isso a disciplina futura. A não ser por este motivo não sabemos como justifical-os d'uma tão intempestiva altivez.—Ter dignidade é preciso; mas ser repulsivo é máo.

Porque não aprenderiam elles de José Bernardo que para uns era Jove Tonante, e para outros supplice Venus?—Porque não aprenderiam elles do irmão que se a tempestade era grande amainava, e se apenas soprava o nordeste mettia de ló e cortava!

N'isto pelo menos havia esperteza, o mais não tem nome em politica.

Verdade é que os Cabraes pizavam terreno melhor, e nem precisavam de grande lida para levar os seus em boa ordem. Dos setenta e tantos *gensdarmes* de que se compunha a sua cohorte, necessario é confessar que quando menos metade não era gente de muitos escrupulos. Viam as cousas como ellas são; e ter a certeza de que um *regeito* ou *approvo*, dito mesmo em voz baixa, vale a mercê para o amigo, o pingue emprego para o afilhado, a condecoração para o parente, e até mesmo o titulo para o individuo, são com effeito estimulos mui fortes para que deixem d'inspirar coragem ainda nos mais covardes d'um parlamento.

E uma cousa notamos nós, que porque póde servir de lição ao povo para quando lhe permittirem ir á urna, não queremos que passe em silencio,—os mais *impudentes da camara eram os que mais vezes lá tinham ido.*

Albano marchava na frente, levando o estandarte dos cynicos; Dias d'Azevedo, o *bifronte*, até de si proprio se ria; Carlos Morate Roma não dava rasão do seu dito e muito menos do feito; e barão da Folgosa, o agiota (*Perryer* como nós lhe ouvimos chamar!) saltava de cá para lá com a agilidade d'um saltimbanco. Se lhe perguntavam o porque, Rodrigo é

quem se encarregava de responder:—*deixal-o*, dizia elle, *que bem avisado anda no cómo procede. Pouco importa que vote com o governo, porque sempre que convier será nosso.*

Esta asserção era exacta; mas no que apenas havia erro era na suppressão d'um artigo. Quem não disse, *lhe convier*, não tinha dito cousa nenhuma.

Essa occasião não chegou, e por isso Folgosa, parlamentarmente fallando, morreu no posto em que o deixaram as ultimas transacções d'agiotagem.

Temos esboçado uma parte do quadro, e agora cumpre encaral-o por outra face,—vêr a phisionomia que apresentou a camara durante as suas diversas phases—que sustos deu ao governo, porque crises atravessou, e quaes as scenas mais comicas que lá presenciára o paiz.

Durante a primeira sessão a maioria estava pouco amestrada. Composta de soldados bisonhos apenas contava em suas fileiras alguns soldados da velha guarda, que a exemplo de Gualberto Lopes já sabiam o que era avançar á brecha.

Os outros lá se aterravam em presença de algum projecto monstro, ou das bombas que despejava o orçamento, e algumas vezes os vimos ir passo atraz, e encolher-se, com bastante vergonha de portuguezes.

Cabral ordenou porém a seu irmão que disciplinasse aquella gento noviça, e quando depois alguns trepidavam, zurzia-os elle com a chibata, que nem que fossem recrutas do Lipe.

Taxaram isto de tyrannia, e nós temos que o não era. Os que por ahí lêem jornaes, ou sabem o que lá vai por fóra, não ignoram que Casimir Perier tambem muitas vezes gritou á camara—*lebout, messieurs, attention, debout!*—a pé, meus senhores, sentido, a pé.

Silva Cabral imitou-o, e talvez que ainda não fosse tão longe. A não ser o *Hei por bem exonerar*, que de necessidade vinha apoz do acto d'indisciplina, de resto a formula da intimação era a mesma—*Levante-se, senhor fulano, sente-se, senhor sicrano, requeira isto ou aquillo, não falle agora que não convem, fallará quando eu lhe disser.*—Taes eram as suas

expressões favoritas, que como já fica dito, eram acompanhadas ora d'um gesto iracundo, ora de uma simulada, mas sempre repugnante amenidade.

N'isto não podia haver crime. A carta diz, que a todo o cidadão é licito expressar o seu pensamento, e o de José Bernardo era aquelle!!!

Se com o pouco que dizia aterrava, que culpa tinha elle n'isso? O mal estava em deixar-se aterrar; o mal estava em vender-se ao poder; o mal estava em negociar com o diploma; o mal estava em ser um servil; o mal estava em ser um homem indigno das honras d'eleito do povo!

Alguem dirá que insultamos, que recorremos á invectiva, e que offendemos a memoria da camara. Não o digam diante de nós, que se perdem. Um deputado da montanha exclamava um dia na convenção, fitando os olhos n'outro do lado opposto, que pertencia á Gironda—*ha aqui quem conspire! ha quem trame contra a liberdade!* O girondino quiz redarguir, e ergueu-se para fallar; mas o montanhez progrediu—não aponteí ninguem: mal do que se aponta a si proprio!

Tomem isto para si. Ninguem entenda que fallamos d'elle, e supponha antes que é de visinho.

O tirocinio foi barbaro, mas ao cabo de poucos mezes já todos sabiam marchar a compasso. Desde que a maioria viu que desviar um pouco da linha era cahir nas mãos do preboste, ninguem mais foi covarde, nem perdeu de vista a balisa.

A principios ainda por parte do ministerio havia tal ou qual contemplação com os seus, convidando-os a darem o seu voto em varias reuniões na casa do governo civil sobre os projectos de lei que tencionava levar á camara; porém depois nem isso se fez, e a consulta pareceu ociosa.

De dez ou doze leis discutidas n'aquelles comicios secretos, apenas Novaes disse de uma (e isso mesmo com muita humildade) que pedia licença para rejeitar, porque não lhe comportava a consciencia outra cousa.

Risques, que um dia quiz fallar livre, quando ainda era ministerial, foi em vez de applaudido apupado, e quasi corri-

do ás lançadas. Uns perguntavam por mofa *¿ouviram o que elle disse?* Outros chamavam-lhe *herege*, a outros tomou-os a colera, e os dous Cabraes que isto viam, riam-se de tanta miseria, e davam parabens á fortuna, da boa gente que lhes deparára.

O dia 6 de fevereiro de 1844 foi porém o mais funesto para a honra e memoria da maioria.

Desde a revolta de Torres Novas não ha phrases com que descrever a extraordinaria abjecção a que a fizeram descer. O ministerio cahiu-lhe de cima, poz em acção as suas catapultas, não a deixou respirar, e fez d'ella o que Solimão II não faria d'uma camara d'eunucos.

Os poderes ultra-discrecionarios de que n'essa sessão revestiu o governo, a approvação que depois deu ao uso que d'elles se fez, e o *bill d'indemnidade* pelo abuso de legislar na ausencia das côrtes, adiadas para esse effeito, são factos tão estupendos na historia dos parlamentos, que mais é para admirar havermol-os visto, do que se hoje houvera quem os não crêsse.

Poderes discrecionarios carecia-os, estão na letra da carta, são uma necessidade dos governos representativos, não nos espanta que se lhe dessem: o que surprehende sim é que o governo apparecesse na camara e dissesse—*soltai-me os braços e ide-vos; não careço dos vossos conselhos; não preciso que me digais se vou bem; não ha necessidade de estardes aqui;—tolle grabatum tuum et ambula!*

O que surprehende sim, é que elle adiasse as côrtes para legislar, que legislasse como por acinto tres ou quatro dias antes d'abril-as, e que abertas as não ouvisse, nem as deixasse sequer discutir!

Se nos quizerem dizer que fez bem, e que a maioria devia approvar, mandem-nos então viajar outras terras, que n'esta já não sabemos o que é escarneo. Antigamente chamava-se a isto zombar, hoje dizem que é *fazer politica*.

Deixemos porém taes comentos, e voltemo-nos ao principal.

No tocante a medos e sobresaltos, que a maioria caue

sasse ao governo, todos sabem que nunca ella o fez descorar. Só houve uma ou duas sessões, e mais ainda certa palestra nocturna, das que, como já relatamos, se usavam no governo civil, em que com effeito os espiritos se mostraram bastante azedos por conta da lei dos foraes.

Foi lá que José Bernardo teve um d'aquelles fogachos que o caracterizam, o que tantas antipathias lhe tem grangeado. Tomando-se de razões com *Ferrão* sobre qual opinião mais valesse, disseram de cá e de lá até que o primeiro alteou, fez-se todo de lacre, e porque a confusão começasse, vendo que poucos eram por elle, partiu porta fóra de raio, que nem que fóra picado de vespa.

Costa Cabral não gostou. Pareceu-lhe que o ensejo era mal escolhido, tanto para ferir susceptibilidades, como para dar ares de ministerial a uma questão, em que os animos andavam tão divergentes; e dando senha ao irmão de que não era contente do caso, cortou-lhe rapido a palavra, e tratou de serenar a tormenta.

Foi esta uma das vezes em que a maioria o viu mais submisso. Alli todo elle era paz, o que só desejava era ouvir, o que só pedia era que cada qual dêsse livremente o seu voto. E porque não procederia assim sempre? quem o poder aventor que responda.

Passada a questão dos foraes a outra em que houve sustos foi a da approvação das medidas empregadas para debelar a revolta.

So um terço dos deputados, a quem ouvimos dizer—o *procedimento do governo é atroz!*—tivesse votado contra, muito ha que Costa Cabral deixára de ser poder.

Não appareceu porém senão um que em verdade andou coherente, e por isso a borrasca passou. O seu nome é hoje dos mais conspicuos, e desnecessario fóra dizer que fallamos de José Maria Grande. Quem o escutou no debate, nivelado sempre com as circumstancias, repellindo sophismas com argumentos, supposições com factos, e á dialectica do *sic volo* oppondo a do direito e justiça, jámais póde negar-lhe as honras de consumado orador.

Apoz o debate dos discricionaes veio o do decreto do 1.º d'agosto, e ahi estiveram os ares mais turvos.

Receioso de defeecção por surpresa, o governo chamou tudo a seus postos, o quem não appareceu levou nota. Folgosa foi um dos que não quiz votar, e ignoramos se d'ahi lhe veio, ou de o suppôrem affecto a Rodrigo, não ser depois re-eleito.

Defeecção porém não a houve. Apenas Alheira, que é probo, e (pelo dizer de passagem) um dos cidadãos mais honestos que então se sentava no parlamento, teve a coragem de regeitar. (a) (*Vejam-se notas historicas no fim da obra*)

O resto votou como sempre—*a ésmo sem lhe pôr duvida.*

Esperava-se que alguém desertasse da parte do judicial, a quem a medida parecia ferir mais de perto; mas succedeu inteiramente o contrario. Os juizes foram os que mais depressa a apoiaram. (1)

Verdade é que o fizeram (se nos é permittido dizello, na supposição de que o decreto só lhes podia ser util. Todos nós somos homens, e bem sabemos o que nos cega o interesse. Que importava que a invasão dos poderes não tivesse nada de constitucional, se ella proporcionava aos votantes a occasião de melhorarem d'emprego?! As transferencias d'arbitrio não eram para a gente de casa.

Com a approvaçãõ d'esta lei, e das mais que conjunctamente appareceram, quasi se pôde dizer que a vida da camara acabou, e que a datar d'então por diante não fez senão encher dias.

A maioria tinha esgotado o seu calico, vergava ao peso da cruz, estava proxima a subir o Golgotha, e não lhe restava senão um transe, com que ainda a quizeram provar; era dizer—*acabemos, e fechem-se para nós estes paços!*

(1) Quando fallamos de juizes entendemos os da maioria, e nunca os do lado opposto da camara, entre os quaes figurou com muita distincção o honradissimo Mello e Carvalho, que não só na qualidade de deputado votou corajosamente contra o governo, mas até na d'escriptor publico o combateu pela imprensa, e na de empregado judiciario resignou por semelhante motivo o cargo de presidente da relação de Lisboa, que occupava havia muitos annos.

Oh, isto sim que o disse ella com muita magoa! Parece que nunca houve dia em que tão desfallecida estivesse!... A cada chamamento de nome, proferido pelo secretario da mesa respondia um como gemer de finado, coado pelas fendas da camara, *approvo!*... *approvo!*... e o som lugubre de que esta voz suicida deixava os ares impregnados, murmurando por certo espaço dentro das paredes da camara, ia afinal quebrar-se aos pés dos ministros, ou morrer esvaecido entre as baetas verde-garrafa das quatro portas do edificio, que para tantos dos que taes palavras soltaram não mais teriam de abrir-se!...

Foi uma scena que nos contristou. O governo bem lhes gritava—*nada de medo e avante! A reeleição está segura, e quem ficou firme cá volta!* Gritava que o ouvimos nós: era mesmo um pregão de cidade! Mas qual incutir-lhes animo!... Os miseros bem conheciam que mais vale um passaro em gaiola do que mil que povoam os ares.

Quem n'isto os metteu foi Castello Branco, que não sabemos bem o porque, mas é certo que julgou acertado suscitar de novo a já debatida questão sobre o modo porque devia considerar-se a primeira sessão de 1842.

Resolvido que fosse ordinaria, as quatro sessões de que tracta a carta eram findas, e por conseguinte a legislatura acabada. Isso foi o que se resolveu, e a camara abandonou as cadeiras.

Repetimos porém que ainda não é claro para nós o motivo que induziu Castello Branco, e nem podemos acertar-lhe com a conveniencia.

Que alguém do governo o fizesse, estava muito na ordem das cousas; mas vir isto da opposição, e no momento em que os salvaterios proporcionando meios ao ministerio, os decretos do 1.º d'agosto aterrando a magistratura, e as camaras municipaes perdidas pelo abandono da eleição, cortavam toda a esperança de vêr mais que fraudes e violencias, pôde ser que fosse idéa magnifica, mas nós que não attingimos tão alto, dar-lhe-hemos por muito obsequio o nome de *sublime politica*, (b) (*Vejam-se notas historicas*).

Dizia-se que se a opposição não suscitasse a questão suscitál-a-hia o governo. Tambem queremos acreditar que assim fosse. Mas para que era roubar-lhe essa honra?... não tinha Silva Cabral sustentado que a sessão havia sido extraordinaria?!... e estavam acaso rotas as actas?!... convinha poupar contradicções aos contrarios?!... Para testemanhar as scenas de Porto de Moz e tantas outras de todos sabidas, todo o tempo era proprio, e quanto mais tarde melhor.

Voltando porém ao assumpto, concluiremos com referir um successo, que pinta a caricatura da camara.

Era na primeira sessão de 1842, e José Bernardo falava sobre finanças. *Versado*, como todos sabem, na leitura de nossos classicos, trazia o seu discurso no *bolso*, *riquissimo d'erudição*, porém mais ainda de *quinhentismo*! Não havia alli phrase que não fosse *propria*, oração que *pecasse* na forma, vocabulo que se pudesse dizer *menos puro*. Mas quem o houverá de crêr?! Um de seus mais selectos amargou-lhe que nem fel da terra!! Ao entrar de volta com Avila sobre as operações financeiras d'este ex-ministro, solta um d'aquelles berros que estrugem, fita os olhos no paciente, e exclama em phrase de Jacintho Freire, *o sr. Avila burlou a nação!* Palavra que tal disseste!—Avila que não fica atraz, vira-se-me a elle como homem tezo, e grita lá do seu banco, *mas não roubei, nem fui demittido por ladrão!*

A bola foi dar no vinte. José Bernardo encolheu-se, cortou-se-lhe o fio ás idéas, não disse *tir-te* nem *guar-te*; e foi preciso que o irmão, tomando a palavra por elle, pedisse em nome da *familia* offendida uma estrondosa satisfação do insulto.

No dia seguinte tiveram-n'a. Avila disse: que a phrase —*fui demittido*—tendo o verbo em primeira pessoa, só a elle podia referir-se, e a ninguem por conseguinte devia offender. Isto não podia ser mais claro. Os Cabraes deram-se por satisfeitos, e nós entendemos que fizeram bem. Ha casos em que a explicação offende mais do que o explicado.

Depois de scenas como esta não resta senão observar a camara por outra face. O grupo está conhecido, e por tanto cumpre analysar os Alcaides. Vejamos de que dimensões elles eram,

bibRIA

PARTE II

RETRATOS E BIOGRAPHIAS PARLAMENTARES

Filhos tão ingratos, que a modo de venenosas viboras, rasgavam a reputação da patria.

FR. BERNARDO DE BRITO. MONARCH. LUSIT.

Tantas vezes, affagado como offendido, e tantas victima da prepotencia como servindo de capa a injustiça, o povo que aliás costuma conhecer seus interesses, e não errar senão quando lhe roubam o tempo de reflectir, errou comtudo desgraçadamente na escolha que fez da maior parte de seus representantes para o parlamento de 1842.

Ainda bem não eram volvidas duas sessões de legislatura, e já elle chorava sobre a urna os desvarios de seus eleitos!

talvez nos digam que é falso, e que eu calumniamos o povo, ou a maioria da camara—o povo se a eleição não foi sua, e a maioria no caso de o ser, por isso que a vemos re-eleita. Não havendo que fugir ao dilema, optamos pela calumnia do povo; nenhuma das duas eleições lhe pertence, nem a de 1842, nem a de 1845—foi o governo quem despachou: acceitando porém o facto como nol-o deram, a camara como a organisaram, e os representantes como lá appareceram, agora os faremos vêr á nação, não quaes desejariam ser vistos, mas quaes effectivamente elles eram; porque o deputado differe tanto do homem como o galan differe do heroe, cujo papel representa.

Vimol-os todos e bem;—uns porque o seu cynismo os evidenciava, outros porque de continuo sahiam á frente, outros porque eram grandes; e a nós nenhum d'elles nos viu, porque eramos excessivamente pequenos para sermos vistos do alto!

Que importa porém que o sejamos?!—temos um buril d'ago fino, e sabemos gravar sobre o bronze.

Mal do cynico impudente, que passou por nós e sorriu!
Mal do politico hypocrita, que foi trahir o povo á tribuna! Mal

do ministro devasso, que de tudo escarneceu sem pudor! Mal de todos os de Balahal, que dentro do sanctuario das leis incensavam a um idolo profano! Oh, mal d'elles e muito; porque lhes vamos arrancar as mascaras, trazel-os á praça pelos cabellos, estender o seu sudario de culpas, e dizer á nação—*ecce illi!*

Em que nos pôdem ferir com seus odios?! Odeiem-se antes a si. Estamos longe da esphera dos máos, o os bons nos escudarão com seus peitos. Para estes sim que o nosso painel é de rosas. Tambem tomos um pincel para a virtude, e nem todos nasceram escravos do crime... Mas que destempero é este? Que disparate de cólera? A que vem aqui tanta raiva? Propunhamo-nos escrever biographias, debuchar retratos de vivos, ser severos, mas imparciaes, e assim nos ia escapando a penna para a sublimidade irosa de romancistas!!... Oh, nada, isto assim não ia bem. A tarefa a que nos destinamos requer natureza e verdade: desçamos pois do pinaculo, e venha um d'esses *galans* para a scena.

Quaes desejaes vêr primeiro?—José Bernardo?... Costa Cabral?... Moura Coutinho?... Agostinho Albano?... Lacerda?... Tiburcio?... Reservemol-os para mais tarde: começar logo por elles seria faltar ás regras de Quintiliano. Dias d'Azevedo, o *bifronte*, é que nos está accudindo aos bicos da penna.

Seja pois o da frente.



DIAS DE AZEVEDO

Le plus odieux des ennemis c'est un
ami infidele.

JEREM. BENTHAN.

Dotado d'uma physionomia feliz, de maneiras agradaveis, de certo ademan cortezão, e favorecido dos bens da fortuna muito mais do que era preciso para dever reputar-se ao abrigo de todos os revezes politicos, Dias d'Azevedo poderia ter sido um dos mais independentes deputados do parlamento, se lhe não houvesse Deus escaceado a independencia moral, primeira e talvez unica qualidade indispensavel a um representante do povo.

Seria impossivel negar que foi o catavento da camara, o modelo da volubilidade, a roda de fogo volante, e o deputado typo de quantos por ahi tem escandalisado chronicas parlamentares com a sua inconstancia de idéas.

Hoje na direita e amanhã na esquerda, voltando pouco depois ao ponto d'onde partira, dizendo se ministerial e combatendo o governo, orando contra um projecto e rematando por approval-o, fallando nos corredores n'um sentido e dentro da camara em outro, e prompto sempre a tomar a palavra sobre finanças, afim de convencer a nação que ninguem mais habil do que elle para manejar a pasta da fazenda, eis o papel lastimoso que este novo Janno representou em S. Bento; e que com quanto talvez elle suppozesse que lhe devia abrir a estrada de maiores feitos, não fez senão cerrar-lhe a da camara, de que ambos os partidos o excluíram.

Levado ultimamente á urna o seu nome, apenas pôde obter tres suffragios! As derrotas quando são d'este genero aniquillam, e oxalá que esta possa servir de lição a quem, com mais coherencia politica, devia effectivamente ser isso a que aspira.

Possuidor d'inquestionaveis talentos, com summa facilidade de phrase, metal de voz agradável, e todas as mais qualidades que pódem constituir o bom orador, ignoramos porque motivo Dias d'Azevedo se quer privar a si proprio das que devem constituir o bom deputado.

De volta a Lisboa em 1843, para entrar na sessão or-

dinaria d'esse anno, não houve logar publico ou particular em que não prégasse a doutrina da opposição. A dar credito ao que elle dizia, ninguém sem cobrir se d'opprobrio, podia conceder o seu apoio ao governo. Apenas porém abertas as côrtes, os collegas ouviram-no pedir intrepido a palavra, tomar a defeza do ministerio, e concluir por approvar quanto pouco antes stigmatisára!

Após a revolução de Torres Novas abraçou a causa dos opprimidos, cahiu severo sobre o governo, accusou-o de ter ultrapassado os poderes, de ter violado a carta, e discorreu na verdade com tão varonil eloquencia, que não só deixou os ministeriaes aterrados, senão a minoria summamente lisongeada de contar mais um granadeiro a seu lado.

Esta situação porém foi ephemera. O voto d'unanimidade parlamentar, que matou a legislatura n'essa sessão, matou igualmente as convicções opposicionistas do nosso orador.

Levado com tudo de rastos, (ou para fins mysteriosos) a certas reuniões d'opposição cartista, que por esse tempo se faziam em casa de Fonseca Magalhães e José Maria Grande, já appareceu algumas vezes ainda como opposicionista, dizendo (se bem nos lembra na ultima) que era sim necessario atacar o governo, mas só por estrategia e de flanco; que investir com elle de frente era collocar as cousas em muito risco; que em presença das circumstancias o melhor systema era o de Fabio; e em fim que estivessem todos seguros de que o ministerio ia cahir á falta de meios pecuniarios, porque nunca o estado das suas finanças havia sido tão lastimoso.

Assim o disse como o contamos, e ainda não eram volvidas duas semanas quando já no parlamento dizia o seguinte: — *Todas as operações do governo tem sido utais, e todos os seus calculos sobre finanças, repassados da mais rigorosa verdade! Defendo-os como membro da commissão de fazenda, e porque estou intimamente convencido de que a maior fatalidade, que hoje pôde vir ao paiz é a queda do actual ministerio!*

A vista d'uma declaração d'este genero quem pôde poupar o homem que a faz?! E' necessario ser inexoravel com a impudencia para que o pudor possa ter galardão.

Ainda a vinte e quatro do março, Dias de Azevedo discutia em casa de José Maria Grande sobre o modo de guerrear eleitoralmente o governo, e a tres d'abril subsequente via-o o publico de Lisboa discutir na sala do Risco sobre o como debellar a opposição! A qual dos partidos trahia?... diga-o elle se o sabe, que o publico o que assevera é que homens d'este *torcer*, poderão ser muito em politica, mas fóra d'ella são zero.

Quanto ás versões que se fizeram sobre as causas da methamorphose de Dias d'Azevedo, houve quem quizesse envolver n'isso Rodrigo, dizendo que o preço da deserção do primeiro fôra a inserção do segundo na lista eleitoral do governo; porém a nós nunca nos quadrou semelhante.

Rodrigo empregou outros meios para se fazer reeleger.

Remataremos com dizer que lastimamos a infelicissima versatilidade d'este politico. O que conquista com as maneiras, assassina-o pouco depois com os factos.

E' um homem que merece ser o de que se julga digno: mas que nunca o será sem programma: enquanto o não dêr e cumprir, conte com um futuro mesquinho.

FLORIDO

Si vous le toisez de l'oeil, il ne vous paraîtra pas un grand homme.

PORTRAIT DU CONTE DE MOGES.

Com um exterior agradável, excellente garbo de cortezia, soffrivel reputação no paiz, e inquestionaveis direitos a ella, *Florido Rodrigues Pereira Ferraz* é um d'esses homens de captivar á primeira vista; que sendo todos mel nas palavras, assemelham algumas vezes o absynto nas obras.

Inimigo da controversia raras vezes se lhe ouve dizer—*não é assim*—e meaos ainda porfiar no que disse.

O seu character é bom, e as suas intenções parecem-nos tão mayosas que não podemos deixar d'attribuir-lhe a fra-

queza d'espírito o proceder sempre em contradicção com a physionomia.

Como orador vale pouco, e com tudo tem um modo d'exprimir suave, bastante fundo de conhecimentos, e phrase pura e correcta, mas falta-lhe aquella energia de coração que tão necessaria é á oratoria, e que n'elle escacêa a tal ponto, que jámais o deixa modelar a voz ao assumpto, nem alterar de metal a bem da musica das sensações

Monotono como um *de profundis*, pausado como um alemão, e sempre de rosto impassivel, Florido leva a cabo longos discursos, aliás repassados de boa doutrina, sem estabelecer convicções, nem prender um momento a attenção.

Escutam-no porque o respeitam; mas não o attendem porque não commove.

Pouco intimo com os Cabraes, apoia apesar d'isso o governo, e jámais a voz de *regeito!* sahia d'aquelles labios inultos.

Sentimos que a homens como Florido falte a energia dos livres. Votar com um governo máo é transigir com o crime; e quem não tem a coragem de combater, melhor fizera em deixar o campo aos mais bravos.

Florido pôde emendar o seu erro. Reconquistou uma cadeira no parlamento, e o publico sabe esquecer um desvio.

FELIX PEREIRA

C'est un être peu héroïque, j'en conviens; mais il est soumis, dévoué, affectueux même pour les ministres a portefeuilles.

LE JUSTE-MIEUX.

Após Florido Rodrigues vem por força do simile o advogado das vinhas de Traz-os-Montes, *Felix Pereira de Magalhães*, que sem sabermos dizer o porque nos parece bastante seu par.

Confrontai-os por todos os lados, e vêde se não lhe achais o que quer que é de parecidos!...

Da mesma sorte que Florido, Felix Pereira é cortez e tractavel, tem maneiras de bem educado, uma physionomia que não repelle, certa apparencia de primeiro galan, e embora se repute mil metros acima do que na realidade vale, não encara ninguem com orgulho, nem enoja d'infatuado com a damnada aristocracia do talento parlamentar.

Sem grande fundo d'erudição, e mais verboso do que letrado, soube criar-se uma reputação d'homem vasto, que bem ou mal adquirida, lhe serve como se fôra boa.

Chamado á théa dos oradores, possui parte do que os constitue, mas falta-lhe o mais importante,—*jogo de physionomia que persuada, e electricidade que se communique.*

A sua expressão é castiça, o seu metal de voz harmonioso, o conjuncto da oração concertado, ora sempre com dignidade; e essa pouca ou muita erudição que possui, applica-a assás a proposito para tirar d'ella o maximo proveito possivel.

O publico deu-lhe carta d'honesto, e nós acreditamos que fez justiça; mas é para lamentar que por demasiado tímido, nem uma só vez quizesse justificar semelhante reputação, reagindo contra os devassos, e combatendo as arbitrariedades de seus senhores.

Especie de junco flexivel nas mãos de nossos Moysés politicos, jámais deixou d'unir-se ao poder, nem o viram rebellarem-se contra os que o despojavam do livre arbitrio.

A camara votou-o para seu presidente, e o ministerio recusou-lhe essa honra. Se elle fôra homem de pundonôr talvez se doêra do agravo; porém ao contrario humilhou-se. A alguém parecerá que andou bem, e a nós parece-nos que andou muito mal: a confiança é um sentimento reciproco, e quem a não deposita em mim, não tem direito de exigir que eu a deposite n'elle.

Proposto ultimamente para deputado, os trazmontanos cassaram-lhe o diploma, e Felix Pereira teve de renunciar á sua cadeira em S. Bento. Se havia de continuar como eunyu,

cho, a patria não perdeu nada; porém a haver de seguir outro rumo, a minoria perdeu bastante.

Em conclusão Felix Pereira, e Florido pódem servir de typo aos poucos deputados da maioria, que aliás dotados de boa fé, não ousavam rebellar-se contra o ministerio com medo de comprometter a ordem material do paiz. Nós tambem somos d'opinião que com effeito a ordem material é excellente; mas divergimos em quanto á applicação do principio. A primeira cousa a que deve attender-se é á ordem moral dos governos, e se a maioria a não descobria no seu para que se precipitava com elle?...

Com deputados como estes toda a administração está segura de ser eterna;—o ponto é ser *alarmista*.

CARLOS BENTO

Il a de l'esprit, et beaucoup, d'instruction.

PORTRAIT DU DUC DE BLACAS.

Excessivamente magro e pequeno para homem do meio dia, e talvez mesmo para representante do povo, *Carlos Bento da Silva* precisa de todo o seu inquestionavel talento para fazer esquecer a exiguidade da sua pessoa.

Athleta com tudo no espirito, habil como escriptor publico, mais feliz no sarcarmo do que no syllogismo, melhor talvez no assalto que na defeza, e possuindo um fundo de conhecimentos, que não é commum d'ajuntar em tal primavera de vida, Carlos Bento, que a todos estes dotes moraes reúne o da muita tolerancia politica, está em verdade tão fóra do programma governativo, que ainda apesar do que diz e escreve, acreditamos que mais por despotismo da sorte do que por harmonia d'idéas, apoia o actual ministerio.

Estranho á eloquencia *d'ordem do dia*, e não sabendo (segundo a sua propria expresssão) como o entusiasmo se possa trazer de casa, prende com tudo a attenção quando

falla, fere muitas vezes com o *dito agudo*, e nunca deixa a camara agastada do muito ou pouco tempo que lhe roubára.

Embora intimo do ministerio, não o accusam de conveniente em escandalos, nem se diz d'elle que roce as escadas das secretarias para ir depois *vender o seu fumo* na grande almoeda das praças publicas.

Tem amigos sinceros na opposição, e muitos que o desejam vêr a seu lado.

LACERDA

Qui putas puer
ist erit?...

S. LUCAS. CAP. 1.º

Se não tiveramos José Bernardo, Moura Coutinho, e Tibrcio com que exemplificar o deputado cynico, talvez nos servira optimamente *Lacerda* para dar idéa d'esse individuo.

Homem de pequena estatura, fraco e mal apessoado, risonho de physionomia, ou mais propriamente sem ella, dotado de talentos mediocres, mais mediocres ainda no estudo; escrevendo mal e incorrecto, rindo-se do mal e do bem, da lisonja ou do insulto, sem brio nem pondonôr, e tomando por unico alvo o interesse; tal é o esboço que imparcialmente vos damos de *D. José Maria Corrêa Lacerda*, deputado a poucos respeitos toleravel, e a muitos d'elles insoffrivel.

Raras vezes falla nas côrtes, e jámais o faz d'improviso.

Redactor d'uma folha ministerial entrega a sua penna ao governo, assim como a sua consciencia ao demonio. Não ha para elle nome sagrado, nem reputação que não suje,—o que *lhe mandaram escrever isso escreve*.

Falto de convicções, a sua cólera excita riso, e os seus elogios enojam.

Ha vez em que ao lêr os seus artigos vem á idéa dizer-lhe—«está insipido mas custou caro; quanto vos deram por esta phrase? a como vendeis estas iras? fazei a conta e mandai-m'a; porque póde ser que me resolva a comprar.»

O periodico que Lacerda redige é dos que mais despeza faz ao paiz, e menos aproveita ao governo. Poucos o lêem porque enregela, e ninguem o acredita porque não tem systema.

Redactor, deputado, ou politico, Lacerda é sempre o mesmo individuo: versatil como redactor, misero como deputado, e sem crenças como politico, tolhe-nos o proprio pudor relatar o muito mais que a seu respeito poderamos dizer, se quizessemos sacrificar-nos á severidade d'historiographos.

O publico que o conhece despreza-o; mas elle que despreza o publico sorrisse. Quando o cynismo chega a esse ponto, não ha esperança de moralisar o devasso senão levando-o ás cellulares das penitenciarias.

AGOSTINHO ALBANO

bibRIA

A ses yeux, il est l'homme vraiment utile... A ce titre, il s'arme, il se congratule, il s'admire, il s'étonné naïvement que tout front libre, et fier ne s'incline pas devant lui.

DUK DE DOUDEAUVILLE.

Com um extremo fundo de bondade, incapaz de gratuitamente fazer mal a ninguem, prompto com tudo a sacrificar os outros a si, ciosissimo da sua reputação litteraria, convencido de que é orador, mas gelando a contricção dos ouvintes, amigo de levar a palavra para casa, fazendo-se de purpura se o contradizem, maniaco pelas finanças, infatuado como um vilão feito nobre, e prompto a defender á ponta da lança, ou incristado no mais alto banco d'um parlamento, a ultima syllaba d'uma *eucellencia*; (c) (veja notas historicas) tal é, visto sem prevenção o doutor *Agostinho Albano da Silveira Pinto*, medico de reputação conhecida; e que além da *Pharmacopéa* do reino, tem escripto varios opusculos sobre fazenda.

Deputado em varias côrtes, o mesmo em todos os parlamentos, e tendo tido tempo bastante para estudar os segre-

dos da arte, alguém disse d'elle com muito chiste, *que Albano personalisava a immoralidade do seculo actual, assim como certo conde ancião a do seculo passado.*

Se com effeito o virdes nas côrtes, se o seguirdes aos corredores, e se de lá voltardes a escutal-o em palestra politica com as notabilidades da minoria, ser-vos-ha impossivel conter o riso, ou deixar de vos compadecerdes do homem.

Ouvil-o dentro da camara é advinhar o que vae dizer; —*eu que tenho consumido longas vigílias no estudo, eu que me prézo de ter profundado a materia, eu que cotejei todas as verbas do orçamento, eu que miudamente analysei tal ou qual projecto de lei, não posso em minha consciencia deixar de o approvar; porque entendo que é sancto e justo, e porque o reputo da maior conveniencia nacional.*

Escutado nos corredores, a sua linguagem varia; —*vae tudo de foz em fóra!... (diz o consciencioso d'Albano) Não sei que desvario é este em que vamos!... que usurpações são estas que se nos fazem!... aonde nos levará tudo isto!... e mil outras exclamações semelhantes, que sem receberem desenvolvimento cabal, significam o bastanto para se conhecer que o idolo está agastado, e que é preciso abrandar-lhe as iras com algum d'esses sacrificios auriferos, que tão gratos são á maior parte das divindades politicas.*

Indo-o depois ouvir á minoria, em conversa palaciana com os ex-ministros, causa mais dó que indignação. —*Tanto eu como padre Marcos (dizia elle um dia a Antonio José d'Avila, de braços semi-abertos, os olhos a pestanejarem-lhe, e todo elle a tremer como um Quaker) tanto eu como padre Marcos estamos alli n'um constrangimento continuo... Que caricatura aquella de José Bernardo, meu amigo sr. Avila... que caricatura e que modos!... Se v. ex.^a soubesse o que isto nos afflige!... em que constrangimento que nós vivemos!... E o desgraçado que isto dizia, não haveria talvez meia hora que tivesse lambido como um sabujo as sólas dos sapatos do caricato!...*

Exemplos d'estes poderamos trazel-os aos mil; mas temos que um só é bastante, e que talvez melhor fôra nem esse

mesmo apontar, que mais vale ignorar taes miserias, que sabel-as e medital-as, para nos acabarem com as mais dôces illusões da existencia.

Digamos porém duas palavras mais sobre Albano, e deixemol-o entregue a si proprio.

Proximamente ao encerramento da legislatura, todos sabem que o governo convocou a uma reunião ministerial, chamada da *sala do Risco*; e Silva Carvalho, que então fazia opposição ao ministerio, e era um dos que na camara dos pares o combatia com mais vigor, acontecendo achar-se doente, e sendo convidado para comparecer, como não podesse ou não quizesse fazel-o, encarregou Agostinho Albano, seu facultativo, de communicar a quem competisse o máo estado da sua saude.

Albano entendeu que a missão era estreita. Tomou sobre si d'exorbitar dos poderes, e não só participou o que se lhe tinha encarregado, senão que fez em nome do seu constituinte uma ampla declaração d'adhesão ao governo.

Escusado é dizer que isto excitou regosijo, que houve applausos e bravos, e que as cousas correram bem enquanto não passaram das quatro paredes da sala; mas desde que os periodicos da opposição, dando rebate do acontecido, collocaram Silva Carvalho na necessidade de contradizer o commisionado; o caso mudou de figura, e Albano teve de lançar-se-lhe aos pés, pedindo de mãos erguidas, *que por quanto havia de mais sagrado não quizesse, desmentindo-o pela imprensa, lançar uma nodoa indelevel nas cans do seu velho amigo.* (1)

Silva Carvalho cedeu. Se no facto houve desdouro, lá o guardou para si, que o que depois disse em periodicos melhor fôra tel-o callado.

O governo acaba de dar outro diploma a Albano, e ahí o veremos por tanto a debater-se de novo com o orçamento.

Fazemos votos para que não duvide, nem escrupulise d'alguma verba; porque os escrupulos d'este orador custam muito caros ao seu paiz.

(1) São estas as suas formaes palavras, que nos foram referidas por testemunha presencial.

CASTILHO

Bouffi d'importance, ce zero qui ne vaut qu'en raison du chiffre qui le precede, se croit quelque chose; et rien est plaisant comme voir le ton tranchant que prend a la ville cette façon d'esclave parlementaire.

LE JUSTE-MITIEU.

A haver homem de pouca monta que iguale D. José Maria Lacerda, não conhecemos senão o deputado *Castilho* que possa estabelecer parallelo.

Escriptor escravo do poder, e politico sem crenças nem fé, *José Feliciano de Castilho*, hoje segunda vez nomeado membro do parlamento, trouxe consigo d'Amburgo uma reputação de tão pouca inteireza, que melhor lhe fôra mendigar o pão entre os seus, que expatriar-se para recolher tal herança.

Especie de cavalheiro d'industria, que surprehende os menos espantadiços com a extraordinaria despeza que faz, *Castilho*, que se quer dizer litterato, emprega actualmente o seu tempo, parte em especular com a penna, e outra parte com a palavra.

Redige uma folha ministerial, e o publico que nem *gratis* a acceta, faz-lhe a justiça de a collocar abaixo da de *Lacerda*.

O seu credito politico é conciso, e talvez se possa formular n'estes termos—*creio que preciso viver, e que devo servir quem me paga.*

Conforme com esta doutrina, ora escreve n'um sentido, ora em outro, e umas vezes elogia, outras vitapera o mesmo individuo; mas tão falto d'enthusiasmo para o panygirico, como pobre de convicções para que os vicios o scandalisem, succede-lhe como aos poetas romanticsos ser-lhe necessario aqoutar-se a si proprio para tomar certo gaz.

Parecido, como dissémos, ao seu collega *Lacerda*, é indubitavel que o governo os procurou de molde para que a mais estreita *sympathia* os unisse. O que um diz, diz o outro,

e ambos pensam conforme escrevem—*a tanto por cada linha.*
(d) (*Vejam-se notas historicas*).

Houve tempo em que o encommodaram escrupulos; mas hoje é orthodoxo ministerial. Parece que data isso de quando o fizeram bibliothecario.

Se o escutassem nos corredores ha pouco mais de tres annos, dissereis que o actual redactor da Restauração não é possivel ser o mesmo que então ouvistes.—*Quadram-me pouco estas cousas; (dizia elle em ar de desgosto) levamos um caminho erradissimo; não ha a menor consideração pelas formulas; o ministerio escravisa a camara, obriga-nos a representar um papel indecente.*

E tantas phrases identicas repetia elle a cada momento que alguem julgou opportuno dizer um dia a Silva Cabral—*se não pondes a mão pela cabeça a Castilho, receio muito que vos deserte.*

Na sessão de 1842, tocando-lhe por escalla defender o governo das illegalidades eleitoraes do collegio do Douro; e tendo satisfeito bem ou mal á missão, dizia depois aos amigos—*defendi o governo conforme pude, e conheço que não fallei bem. Que querem porém que aconteça quando o homem falla sem convicção?!... Eis aqui um orador ás direitas!... no parlamento falla como lhe ordenam, e fóra protesta contra o mandato.*

Fômos mais longe do que queriamos descrevendo o character de José Feliciano, mas levou-nos a isso a abundancia dos factos.

Se Silva Cabrol ou o irmão precisarem de quem lhe proponha algum alvitre sobre o modo d'acabar com as fraudes das loterias, aconselhamos-lhes que aproveitem Castilho.

GUALBERTO LOPES

... homme à l'esprit egoïste, au cœur froid, et à la tête vide.

UN SEYDE.

Garrulo fóra da camara, mudo apenas entrou as portas para dentro, pouco attento ao que vae e menos ao que se diz; mas sempre d'olho posto na senha; Gualberto Lopes que nã tem outros precedentes que o abonem, senão uma perseguição e um desterro durante o governo do usurpador, é hoje na crença politica o que muitos foram antigamente na religiosa — *fanatico que pede victimas, e que ignora a palavra tolerancia.*

Se vivesse em tempos de Torquemada talvez dêsse um excellento ministro do santo officio.

Como membro do parlamento, a sua missão é mui simples;—reduz-se a apagar as questões, e dizer *apoiado, ou á ordem.*

Não têm physionomia que se descreva, e por isso pouco mais diremos a seu respeito.

E' ancho d'espadoas como o escudeiro de D. Quichote, excede-o pouco na altura, e dando mostras de bem constituido, promete além da vida parlamentar, outra muito mais longa animal.

Apontamol-o aqui como typo da maioria-machina, e não porque entendessemos que valesse a pena d'occupar quatro linhas de qualquer opusculo. Se alguém lhe apagar o nome, perdoe-nos Gualberto Lopes havermol-o sugeitado a esse opprobrio.

MOURA COUTINHO

Para que vejamos não ser nova a mercadoria de nossos tempos, onde a justiça anda posta em almoeada, como bens confiscados para a corda.

FR. BERNARDO DE BRITO.

Bravo como voluntario academico, e tão habil na rabolice, como pouco escrupuloso na sentença, *Moura Coutinho* que aliás estudou as Pandectas, não desmente no parlamento o que sempre o hão visto nos tribunaes.

O seu diploma é a sua geira, que elle lavra com o maior cuidado.

Pejado sempre de requerimentos, lidando n'um afan continuo, sem dar um momento ao descanso, e ora investindo as portas das secretarias, ora batendo ás dos proprios ministros, bem podera alguém dizer d'elle o que Bucage disse d'um celebre procurador dos seus tempos :

«Com tão má gambia andas tanto,

«Tanto d'aqui para alli,

«Procurador, não me enganas,

«Tu procuras para ti!»

Se a voz publica não mente (e talvez que falle verdade) *Moura Coutinho* o concussionario, ou o absolvido de semelhante crime pela extraordinaria maioria d'um voto, é d'entre os que traficam em empregos, um dos que mais desacredita o governo pela desmesurada imprudencia de seu leilão.

A' vista da sua coragem, tanto militar como civica, o ministerio fez mal em não lhe encarregar a defeza do seu collega Tiburcio, na decantada accusação das escripturas falsas.

Olhado no ponto de vista oratorio, possui excessiva abundancia de phrase, e maior dóse de semsaboria. Capaz de fallar tres dias a fio com um metal de voz ingrattissimo, e inexplicavel monotonia de sons, ninguem a final o comprehendendo, e muito pouca gente o escuta.

Silva Cabral que o conhecia *ex professo*, ou que lá lhe tinha seus odios, não o queria para deputado, e na primeira eleição de 1842 atraçou-o como um vilão! (e) (*Vejam-se notas historicas*). Depois porém acolheu-o, e o paiz ganhou muito n'isso;—nas camaras tom um orador, e fóra d'ellas um mercantil.

TIBURCIO

Que lui parles-vous d'honneur et de fidelité? Son point d'honneur a lui c'est son interes personnel.

LE DUC DE BELLUNE.

«O seyde, como diz o duque de Doudeauville, pódo por casualidade ser um homem de boa fé, que levado das melhores intenções, faça abdição de si mesmo em favor d'algum genio superior, em quem supponha qualidades sublimes.»

«Commumente porém o seyde não passa d'um miseravel egoista, que lançando a sonda ao futuro, amarra com todas as forças a sua pequena barca a algum navio de maior lote, que lhe parece navegar com bom vento.»

«Esta ultima especie de seydes é quasi sempre sem fé, sem consciencia, e sem honra.»

«O seu fim é conseguir—a sua religião o poder—o seu principio a necessidade—a sua moral tudo para si—o seu deus quem mais lhe fartar a cubiça—e o seu dever a submissão cega ao idolo terrestre, em cujas aras incensa.»

«Immensamente para temer, porque se emancipou de todo o remorso, o seyde é um braço que não tem cabeça, um corpo que não tem alma, um escravo que não reflexiona, em fim uma especie de mudo de serralho, que aterra mal apparece.»

«Para elle não ha perturbação que lhe dê cuidado, porque todo o paiz se resume n'uma individualidade.»

«De resto o seyde come e dorme perfeitamente; e se chega a ser deputado pudera até dormir na camara, se a necessidade de dizer *approvo* ou *rejeito*, conforme a ordem recebida, não o forçasse a estar acordado.»

«Coração cerrado á piedade, a idéa de incommodar-se por causa d'outrom, é para elle um pensamento virgem.»

Tendo abdicado toda a noção de justo e de injusto, o coração do seyde é tão frio como sua cabeça vazia.

«Instrumento de tyrannia, e vergonha de quem o emprega, o duque de Doudeauville conclue com dizer, que o homem verdadeiramente seyde é a mais espantosa anomalia d'um seculo tão liberal como este.»

Confrontai agora este quadro com o original, que vos offerece Tiburcio, e vêde se não ha fidelidade de copia!

Egoista porque septuagenario, suspicioso porque de má fé, servil porque sem energia, nem a menor nobreza de sentimentos, ignaro porque sem estudos, impassivel a todo o genero d'affronta, e tão fraco na desventura propria como peito de bronze na alheia. Tiburcio, que no parlamento de 1842 foi o primeiro typo dos seydes, bem pôde ser que por fins do seculo passado conhecesse ainda algumas virtudes. Mancebo de vinte a vinte e cinco annos, não diremos que fosse o mesmo que hoje é; porém a velhice e o infortunio gastaram-lhe toda a sensibilidade.

Cégo porque antolha um futuro longo, sacrificou, em quanto deputado, o pouco ou muito de reputação que lhe restava, á louca mania d'amontoar cabedades, que pouco lhe aproveitarão sobre a terra.

Nas suas mãos, assim como nas de Motra Coutinho, um diploma é uma gallinha que todos os dias poem ovos d'ouro.

Feudalisado a Silva Cabral, serviu de modelo de subserviencia, e creou o verbo *tiburciar*; mas tendo assustado os proprios collegas da maioria com o historico processo das *escripturas falsas*, o seu protector temeu por elle em presença da reeleição, e recusou levar á urna o seu nome.

O paiz hade sentir esta falta,

SILVA CABRAL

Siendo uno de los malos hombres que huve en la tyerra, todo lo quitava a los otros para ponerlo em si.

FARIA E SÓUSA.—EUROP. PORT.

Devorado pela sede do ouro, sacrificando tudo a esse idolo, politico mais arrebatado que astuto, orador dos que subjugam a attenção á força d'escandalisar os ecos do parlamento, deputado virulentissimo, e hoje anomalo ministro da corôa, *José Bernardo da Silva Cabral* é homem d'estatura regular, tronco largo e refeito, rosto mais para redondo que oval, maçãs da face pronunciadas, testa larga e espalmada, nariz com pouco resalto, bocca extremamente fendida, dentes alvos como os do ethiope, cabello atirando para preto, olhos pequenôs mas vivos, riso semelhante ás contracções d'uma mumia, maneiras torvas e rusticas, e passo sempre apressado a similhança da ave chamada alveola.

Se algum de vós o não viu, examine-o aqui e conhece-o.

Dotado d'um temperamento irascivel, as sensações estampam-se-lhe tão de repente na physionomia que toda ella anda n'uma desordem continua.

Havido por muitos em conta d'homem perverso. a nossa opinião é que não tem a perturberancia da destructividade, e que a sua alma podera ser boa se não fôra tão sequiosa.

Todo o seu mal está em haver herdado a miseria, e julgar que deve testar á opulencia.

Fere porque entende que precisa ferir; mas não porque encontre n'isso prazer. E' como o arabe que rasga a casca da arvore da myrra para tirar d'ella o incenso;—a myrra chora, mas o arabe continua a ferir.

Estranho ao odio dos beduinos, jámais disse a seus inimigos—*aquelle sangue separa-nos!*—se lhe pedirem hospitalidade encontrarão-n'a.

O que n'elle se suppõe cruozza não é senão a sugeição

ao destino, uma especie de força maior, a necessidade em que o colloca a cubiça de sacrificar tudo a Plutão.

Despota se o nome lh'o ordena, escravo se assim convém, e coração todo furia apenas alguém lhe disputa o poder, José Bernardo em bonança politica não é, apesar de quanto se tem dito d'elle, uma d'essas organizações desgraçadas que enterram o punhal e sorriem: algumas vezes o vimos chorar sobre a victima, e estender-lhe a mão para erguel-a.

Isto porém só se verifica em quanto se não dá conflicto d'interesses, porque desde que elle apparece, toda a sua commiserção expirou, o seu braço é inexoravel, e o seu coração fica frio.

Se para avexar um contrario calcular que lhe convém esmagar um innocente, lá vae de lança em riste ataca-lo, o ou lhe hão-de curvar a cerviz, ou elle derruba a cabeça do misero! N'isto não lhe conhecemos segundo.

Para elle fazerem-lhe opposição é matarom-n'o: á simples idéa de que alguém tem esses intentos, todo aquelle systema se irrita, se altera, se infurece, toma a natureza d'yena; e não ha, em quanto a syncope dura senão fugir-lhe do alcance; porque se pôde apanhar *foi deveras!*

Apenas porém a tempestade acalmou, José Bernardo volta a sentimentos mais humanos, e então prova, pela suspensão das sevicias, que com effeito o odio da especie não é o seu estado normal.

Sem ter formulado em só tres palavras o grande pensamento dos despotas, *l'état d'est moi*, parece evidente que reputa o poder herança dos seus, e que se dá por expropriado se intentam passal-o a outras mãos.

Devendo á natureza bastante engenho, uma energia de ferro, e extraordinaria decisão de vontade, José Bernardo caminha constantemente como Ashavero; e sem outra bussola mais que os vapores que se levantam nas terras do Potosy, não ha para elle idéas de tempestade, nem curar sabor se atropela.

Aonde fitar os olhos lá foi, embora haja de galgar pelos montes, ou serpear pelos vales!

Nas camaras falla repetidas vezes, e sendo o que quasi sempre fecha o debate, jámais fez proposta que não ostrugisse, ou discurso que não deixasse a assembléa impressionada, não tanto da virididade de seus argumentos como do estrepitoso da sua voz. E' uma especie de trovão que rebomba, um furacão que assobia, um terremoto que passa assolando a muralha da China!...

Mirabeau e Danton foram os dois mais fortes pulmões das camaras revolucionarias de França, e muito déramos por collocal-os a par de Silva Cabral para vêr se tiravam d'elle a melhor!

A sua potencia pulmonar é tão forte, e ha occasiões em que tanto se inflama, tal expansão dá ás fauces, e taes sons arranca d'aquellas cavernas do peito, que por muitas vezes tem sido escutado com geral assombro, a immensos passos de distancia do edificio das côrtes, o descommunal repercutir de seus berros!

Os deputados que passeiam nos corredores apenas ouvem alguma nota mais aguda, ou algum estridor mais ferino, dizem logo uns para os outres—*hade ser José Bernardo quem falla.*

De resto não se lhe pôde negar certa valentia d'idéas, vivissima penetração, um tal ou qual conhecimento da lingua, abundancia de conhecimentos juridicos, e tão extraordinario jogo de physionomia, que se não cahisse a cada momento no caricato, seria um de seus mais apreciaveis dons oratorios.

Contam-se d'elle um milhão d'escandalos, e provam-se talvez os dois terços; mas não os julgamos nós para este logar, nem para obra de tão estreitos limites. Quando nos propozemos escrever dos *politicos* não promettemos acompanhar os devassos a todos os lupanares da torpeza.

José Bernardo assim como Tiburcio, como Moura Coutinho, e como outros, espreme até ressequil-a a pingue maça do poder, e seria desnecessario affirmar que de quantos se tem dado a essa alchimia, nenhum pôde levar-lhe as lampas.

Hoje é um dos primeiros capitalistas do reino; e os seus jornaes chamam-lhe *alma do ministerio*, Deus o conserve por

largos annos, que bem amestrados nos deixou a experiencia do preço por que nos ficam estas transmigrações do espirito ministerial! O publico trabalhava ha seis annos em resolver o grande problema, *se homem que manejasse uma pasta pôde ser peor que Antonio Bernardo*; e apenas o irmão appareceu ficou a questão decidida;—o peor de todos é elle.

COSTA CABRAL

Endormeur du peuple, il exploite la peur!... Le jour où les nations se reveilleraient, mon diplomate disparaîtrait.

Avec de tels hommes, la politique devient une honte, et la liberté des peuples une chimère.

LE DUC DE DOUDEAUVILLE.

Se ha nome que tenha feito gemer os prélos, caracter que tenha sido descripto por milhares de fórmas, e biographia com que mais se tenha o publico entretido, é inquestionavelmente a d'Antonio Bernardo da Costa Cabral, ex-amanuense de secretarias, ex-juiz de direito de S. Miguel, ex-deputado democrata, ex-commissario civil de Bomfim, ex-coripeu do Arsenal, ex-administrador geral de Lisboa, ex-ministro das justiças estacionario, e ex-tudo que póde trazer á memoria a recordação de tempos nefastos, salvo ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, membro da camara dos pares, conselheiro d'estado, grão-cruz da ordem da Rosa, e conde por duas vidas, *em premio de bons e valiosos serviços*, da moderna cidade de Thomar.

Aleunhado por uns de restaurador, por outros de consumado estadista, e por muitos de flagello de povos, Costa Cabral, em quem politicamente fallando, não descobrimos já senão um cadaver, tem occupado demasiado as attenções dos historiographos, para que nos podessemos lisongear de que al-

guma cousa addicionariamas ao escripto, ou mais fielmente manejariamos o pincel do que esses que nos precederam. (1)

Character todo de fogo, e homem todo ambição, consumiu-o uma vida gasta em attribuições, e quasi se pôde dizer que a sua de primeiro ministro acabou.

Talvez que ainda se conserve orador, talvez que ainda viva para as camaras; mas muito precarios nos parecem os seus dias para a gerencia dos negocios publicos.

Já não é o que hêmos visto ha seis mezes, e menos o que outros o viram ha seis annos!

Especie de Goliath politico, teve tambem o seu David que o ferisse.

Revelou-se contra elle o sangue de seus avós, e Antonio Bernardo podera exclamar com o evangelho—*os filhos de minha mãe se levantaram contra mim, e me fizeram guerra!* (f) (Vejam-se notas historicas).

Não temos coragem d'investir com elle,—figurava-se-nos um metecoro que passa, um raio de luz que se offusca por detraz de outros fulgores mais vivos.

Bem pôde ser enganarmo-nos; mas o que Antonio Bernardo se nos apresenta á idéa é a nau que vae abrigar-se á tormenta, o mar que após a tempestade acalmou.

Se insistirmos em não vêr n'elle senão o commissario civil, obriga-nos a desviar os olhos,—se o administrador geral de Lisboa, ainda a sua presença nos incommoda,—se o revolucionario de 27 de janeiro, respeitamos-lhe a côr da bandeira,—e se o ministro do reino aguazil, que lançou algemas aos representantes do povo, ha momentos em que nos causa horror; mas se não o queremos já considerar senão como um edificio em ruinas, que forceja por encostar-se á menos desmoronada de suas columnas, então Antonio Bernardo é para nós o verdadeiro aristocrata da hyerarchia politica, o conde

(1) O leitor curioso de conhecer a fundo a biographia de Antonio Bernardo, pôde estudal-a nas seguintes obras:—Galeria dos Contemporaneos—Costa Cabral em relevo—Revue des deux mondes, artigo de mr. Xavier Durieu, 1.º semestre de março de 1845—e Apontamentos para a historia de Costa Cabral, obra mandada escrever por elle mesmo.

que deve ser a espora do throno, o paí que reúne esforço o talento, o conselheiro que tem necessidade de presar a ordem, enfim o homem que deu provas de bom irmão, e talvez o bom paé de familia.

Possa elle, como Passos Manuel, dizer ainda um dia no parlamento,—*as minhas cóleras politicas morreram; mataram-n'as os abraços de minha filha!*—Possa elle esquecer-se que foi cruel, que atraçou os amigos, que violou o código que dizia ter restaurado, que fez derramar muitas lagrimas, que tirou o pão a muito infeliz, que ha muita esposa que chora, muito marido que se definha, e muitos filhos como os seus, que dizem a seus paes, *temos fome!* Oh, possa elle esquecer-se de tudo isto, e esquecel-o de fórma, que nunca mais saiba o que é avexar miseraveis, que nós lhe promettemos em nome da nação offendida nunca mais trazer á memoria que houve um oppressor, senão recordar que a soberana resolveu criar mais um conde!

Possua-se Antonio Bernardo de sentimentos mais dignos do verdadeiro nobre, sufoque essa sêde de vingança, que tão mesquinho o tornou aos olhos d'este paiz; acabe enfim de pedir hecatombas, e Portugal talvez faça votos porque a historia seja benigna com elle, e por que de tanta ambição satisfeita, tamanho fastigio de poder, e tanta riqueza adquirida, alguma cousa mais lhe deixe a posteridade do que um simples epithaphio, e um tumulo!

DUQUE DA TERCEIRA

Singular capitão assim em esforço de braço, como em experiencia de batalhas.

FR. BERNARDO DE BRITO.

Illustre pelos feitos de seus avós, e muito mais pelos proprios, *duque da Terceira* é um nome tão cheio de recordações, tão conhecido nos fastos da liberdade portugueza, e tão

rico de precedentes honrosos que a consciencia do escriptor resiste a denunciar-o ao paiz como chefe do actual gabinete.

Soldado de muitas campanhas, general de muitas batalhas, e ministro de muitos louvores, o herdeiro do sangue dos Manueis, e o sobrinho adoptivo dos reis desceu até lhe esmagarem a cerviz os calcanhares de dous homens torpes!!!

Temos a maior repugnancia em dizel-o; mas os louros do nobre duque murcharam, e Portugal accusa o heroe da Aceisseira de o ser de muita oppressão.

Semelhante a um braço de morto, movido pelo galvanismo dos dois Cabraes, feriu desde que o mandaram ferir, esmagou desde que o mandaram esmagar; e fundindo a sua reputação com a d'elles, nem a muita disparidade d'idéas, nem a generosidade de seus sentimentos, nem a nobreza de seu character, nem tudo o que a patria lhe deve tolherá que a posteridade enlace os tres nomes no mesmo epithaphio, e guarde as cinzas na mesma urna!

O que a seu respeito dizemos contrista-nos. Podesse a verdade ser outra!

E' um homem que nasceu para ser estimado, uma alma toda bondade, um coração magnanimo, um espirito conciliador, emfim um character eminentemente cavalheiro; e devoram-no tantas necessidades facticias que não tem coragem de resignar o poder, embora conheça a muita gloria que ganhára com isso!

Bravo até á heroicidade em frente do mais arrojado inimigo, treme como um covarde, e succumbe como um parasyta em presença d'uma honesta mediocridade. Aterra-o a idéa da mediania porque a sua generosidade não tem limites.

Devendo ser o primeiro, é desgraçadamente um dos ultimos do ministerio. Escondido atraz dos irmãos Cabraes, não é tão facil enxergal-o no gabinete como antigamente no campo da gloria.

Com os melhores desejos de servir a patria, a patria queixa-se de que a opprime muito. Se elle soubesse o sangue que se derramou ao seu mando era impossivel que o não compungissem taes magoas. (g) (*Vejam-se notas historicas*). Como

homem a sua presença é agradável, as maneiras do perfeito nobre, os cabellos já meio brancos, e o lançar d'olhos de quem muitas vezes conduziu á victoria.

Jámais lhe ouvireis dizer *não*, e raras vezes se lembrará de vos haver dito *sim*.

E' um dos fidalgos portuguezes que melhor comprehendeu o espirito do seculo; e tão ditoso tinha sido em grangear sympathias, que apesar de parecer que forceja ha tres annos por destruil-as, ainda o não conseguiu totalmente. Já porém se logra de poucas, e é muito para recear que de momento a momento empobreça.

Perdeu o exercito porque lh'o roubou uma beca, o povo porque o acutilaram em seu nome, e até parte da gloria adquirida por que não a ha que resista á nota de cumplicidade nos desvarios de seus collegas.

Se não trata de recuperar tanta perda, o seu mais valioso cabedal exauriu-se. D. João de Castro, o governador da India, empenhou as barbas, á falta de melhores peuhores, mas testou um legado d'incorruptível. Porque não faz Terceira como elle?—Acaso a conservação do seu nome não val os manjares de Lucullo?!...

CASTRO

... vous souriant par fois avec une mine gracieuse, bien que pincée.

PORTRAIT DE M. BARBÉ-MARBOIS.

Quem não tivesse a certeza de que *José Joaquim Gomes de Castro*, hoje ministro dos estrangeiros, é com effeito branco de nascimento, segundo parece comprovar com o competente attestado de baptismo, e mais documentos precisos, podera na verdade ser desculpado se topando de repente com elle, o tomasse por de raça mixta, ou quando menos por canarim baceado que tivesse vindo de Gôa.

Não ha (dizendo-o mesmo em tom sério) muitos indige-

nás d'Europa, que tão tismados sejam da côr! Parece um homem a quem succedeu caso de queima de polvora, que sáe de convalescer no hospital.

A feição que mais o caracteriza, é um certo sorrir comprimido, que traz constantemente pregado nos labios.

Se lhe perguntardes as horas que são, responde-vos que são tantas, e *ri-se*,—se o numero que tem de filhos, dir-vol-o-ha *a sorrir*,—se já perdeu algum mais querido, a isso mesmo vos contestará *com um sorriso*. . . Emfim, Castro ou ignora que o riso deve ter significação conhecida, ou entende que é um dos principaes caracteristicos do racional, e por isso julga que o deve empregar a cada momento, para que ninguem lhe conteste o diploma.

Qualquer porém que seja o motivo, anthipathisamos com quem sorri muito. Os que tem isso por amabilidade, não sabem o pouco que vai d'ahi ao escarneo.

Deixando porém este assumpto, vejamos o que elle vale como politico.

Assim intimo de Fonseca Magalhães em quanto os não separou certa divergencia de idéas, tecia-lhe este grandes louvores; e não falta quem assevere, que só para o vêr a seu lado, sacrificára á sua candidatura as de dez ou doze deputados cartistas, que em 1838 poderam ter tomado assento em côrtes. (*h*) (*Vejam-se notas historicas*). Hoje porém supomos que mudou de parecer; e o publico que nunca esteve no d'elle, sempre teve duvida d'acreditar, que com effeito fosse homem de letras o que redigindo um artigo de fundo, fez da historia futura. (*i*) (*Vejam-se notas historicas*).

Isto não obstante, Castro falla melhor do que escreve, sáe a terreno se o picam, armazena bastantes idéas, e tem a impagavel presença de espirito de proferir os maiores des-actos, com a mais estupenda serenidade!

Contente da sua *honesta mediania*, não aspira senão a conservar o seu posto, e parece que o não açoutam desejos de minar os que vão adiante.

Deram-lhe a pasta dos estrangeiros, que lá maneja conforme póde, e é certo que até ao presente não tem posto os

olhos mais alto, nem sonhado regular a politica. Para elle toda a que vier é excellente, contanto que o deixem estar onde está.

O seu programma governativo é, *que em toda a administração de boa harmonia deve haver um chefe que dê a lei, e os mais curvarem-se a ella.*

Conta-se que dissera isto onde nem todos dizem o que pensam; e a ser verdade, como supponho, só desejamos saber se quando o disse sorria, porque n'esse caso não damos nada pelo agouro.

O ministerio lucra em ter homens de tanta paz, e Portugal lucraria em os ter de mais conhecimentos litterarios;—Castro não tem nenhuma!

Filho mimoso da sorte, e mais astuto que talentoso, mais feliz do que empregador, sabendo esperar a proposito, navegar na albeta dos galeões, e fazer contas de grosso tracto com perfeita justeza de Bezouth, pôde subir, d'homem baixissimo que era, a quasi incrível altura, e chegou a ter em tão pouco as nossas condecorações de nobreza, que até foi em cata de mais honrosas á chancellaria da Sublime Porta.

A sua influencia como ministro é contudo muito pequena para que incuta receios de varar as paredes do gabinete. Vive cosido com a sombra, e nem assim consegue eximir-se a que o publico faça juizos muito ruins sobre o espantoso improvisar de sua fortuna.

CONDE DO TOJAL

Et que nous fait, a nous, qu'il ait ou n'ait pas toutes les qualités que se titre reclame!

DUC DE DOUDEAUVILLE.

Se não tratando Tojal de perto, mas apenas o virdes de relance, talvez o tomeis por homem de mar, que tendo desembarcado ha momentos, e passeando as ruas da capital

para se fazer senhor do terreno, espera que o contra-mestre lhe venha dizer que atracou, e que são horas de voltar a bordo.

Examinado porém mais d'espazo, ganha bastante na analyse; e se tivordes lidado com elle vereis que é homem de certos brios, que a todos acolhe civilmente, que o não ensoberbecem os cargos, que folga de ser prestavel, e que se ha pécha que se lhe ponha, é o demasiado affinco ás pastas, a que sacrifica nome e reputação, e até em certas occasiões a fazenda, (k) (vejam-se notas historicas) supposto remata sempre augmentando-a.

Não aspira a sor orador, nem era possivel que o fosse, attenta a sua total carencia d'estudos; mas falla com desempeno, e muito mais das cousas d'Inglaterra do que mesmo das nossas.

O seu programma tem sido sempre de docilidade, e hoje é como o de Gomes de Castro *deixar governar quem governa*.

Résam mal d'elle como agiota; dizem que joga com os fundos publicos, que tira d'ahi grandes lucros, que o de que menos cuida são os interesses publicos, e enfim que é uma especie de Law portuguez, capaz d'abysmar as finanças; mas sem embargo preferem-no aos dois Cabraes, e é muito menos odiado do que elles.

Tal nos parece, imparcialmente fallando, e por tal sabemos que conceitua a nação o actual ministro da fazenda, de quem aliás omittimos outros detalhes, por ser evidente que apesar de capitalista e poderoso, não significa muito no gabinete, nem conhece d'armas politicas senão o broquel e o escudo.

FALCÃO

Jugé severement comme ministre, on lui acorde avec raison des vertus essentielles comme individu.

PORTRAIT DU DUC DE LÉVIS.

Ninguem tem culpa de ser inferior á situação que lhe criam, e *Falcão* está n'esse caso.

Fizeram d'elle um ministro, e o homem não dava para tanto.

Revestido porém do caracter, vai até onde as forças o deixam, tem os melhores desejos d'ir bem, não faz injustiça que seja sua, embora rubrique as mais espantosas dos outros; é summamente civil, tolerante quanto lhe permittem sê-lo, coze bem ou mal um discurso, falta-lhe erudição, mas consulta os amigos, defende-se se o accomettem; e para o dizer em poucas palavras, *Falcão*, acompanhado d'outros collegas, e se quizesse dar-se ao estudo, podêra d'aqui a seis ou sete annos desempenhar dignamente o seu cargo.

Entregaram-lhe porém muito cedo uma pasta, e afogam-no as minutas da secretaria. Sabendo apenas o que lhe ensinou a experiencia, não sabe bastante para ministro. Se tivera tido melhor educação litteraria, repetimos, que poderia servir dignamente.

Antes de votar a alma aos Cabraes gozava d'uma reputação illibada; e é pena que a tolhesse a meio caminho, porque não será muito facil recuperar o perdido.

Olhado como politico é cifra de gabinete, que vale na razão do algarismo que a precede.

Ligou-se ao programma de Castro, e não ha vê-lo correr a cortina senão quando o chamam de fóra: a não ser isso os bastidores são o seu baluarte, e eclipsa-se o mais que póde.

Emfim, *Falcão* é um d'esses filhos do feliz acaso, que vendo-se acima do que esperavam, não sonham que possa ha-
ver mal aonde elles se acham tão bem.

A historia que escreve o nome dos *grandes*, e se contenta de mencionar o dos *bons*, talvez lhe faça justiça se lhe mencionar a sorte dos ultimos.

GORJÃO

Il s'agit de le garantir (le president) des séductions de la partialité, de le mettre e Fabri du soupçon même, et de ne point le montrer comme partie, au milieu des débats, ou il doit intervenir comme juge.

JCREM. BENTH.

Sem ser verdadeiramente obeso, mas com um ventre descommunal, que o obriga a bambalear-se para conservar a perpendicular, Gorjão que foi presidente da camara durante as quatro sessões da legislatura, é um homem de temperamento colerico, sobremaneira arrebatado para o exercicio de tão alto cargo, pouco delicado nos modos, extremamente aferado ás suas idéas, propenso a governar como déspota, intolerante como um Dervy, e soberbo como um Hospodar.

Possue bastantes conhecimentos, e serviu com dignidade alguns empregos de magistratura; mas não tem talento que lhe grangeie fama, nem é assás astucioso em politica para dar *cheque-mate* a ninguem. Os Cabraes tem-se burlado d'elle, e nem assim desiste de lhe beijar as plantas.

Já em certa occasião quiz subir, mas afinal escorregou, e deu muito que rir aos que lhe untaram a escada (*l*) (*Vejam-se notas historicas*).

O seu idolo e a suspirada pasta das justiças, em que desde muito traz posta a mira; mas estamos persuadidos de que por summamente propenso a não escutar razões de ninguem, podendo dar um excellente ministro de Mehemet Ally, não serve para de cabos a dentro, salvo se fôr para substituir José Bernardo,

A inamobibilidade da presidencia parecia dever proporcionar-lhe occasiões de grangear sympathias, e succedeu inteiramente o contrario,—se algumas tinha perdeu-as. A *direita* via n'elle um mandão, e a esquerda alguma cousa mais do que um turco.

Quer olhado como juiz, quer como agente da camara (unioas funcções que lhe competia exercer) jámais se conduziu imparcialmente, ou deixou d'interferir nas questões á menor aberta, que se lhe proporcionasse.

«O presidente, como diz Jeremias Benthan, deve ser superior a todo o genero de seducções, estar ao abrigo da simples suspeita, e não figurar por maneira alguma como parte aonde apenas deve apparecer como juiz.» Nós perguntamos se seria isto o que praticára Gorjão?

O mesmo auctor accrescenta «que nunca deve ser presidente senão quem reunir o maior numero de votos, porque todo o bem ou mal que pôde fazer á assembléa dimana immediatamente da confiança que lhe mereço.» E se esta proposição é exacta, como preferiu Gorjão a Felix Pereira de Magalhães, ficando-lhe muito inferior em suffragios na ultima eleição de 1845? Ou elle funcionou como *Sherif*, ou como eleito da assembléa; no primeiro caso satisfez a sua missão, porém no segundo foi um muito mau presidente.

FONSECA MAGALHÃES

Homem de singular prudência, experimentado em casos de muito pezo.

FR. BERN. DE BRITO,

Discipulo das doutrinas de Talleyrand, Rodrigo da Fonseca Magalhães coxéa na moral, assim como aquelle no physico, e ainda que possuido d'uma justa ambição, tenha summos desejos d'assumir o poder, casa-se com tudo com as circumstancias, e o seu programma é *esperar*.

Orador de rematada eloquencia, os seus discursos tem tanto de sublimes como quasi sempre d'inconcludentes.

Parecendo ter estudado o dictionario de Crommwel, ninguem sabe como elle escapar-se do positivo. (m) (*Vejam-se notas historicas*).

Sem jámais affirmar, isto é branco, e aquillo que além vêdes é preto, senão confundindo mui de pensado os dois predicados, e divagando com uma habilidade pela theoria das côres até que seja impossivel alcançar o que pensa, Rodrigo, apesar da obscuridade de suas phrases, offende-se se o não acreditam, dá á physionomia a expressão de profundamente agastado, jura pelos seus deuses, ergue os sobrolhos negros, enruga a testa, alarga a bôcca, alonga o pescoço, vira-se de todos os lados, lança uma vista severa sobre os que o cercam, e remata quasi sempre por desarmar o enojo, que esta mimica tem produzido na assembláa, com alguma d'essas characteristics facecias em que o seu espirito é fecundo, e a quo com summa facilidade recorre sempre que vê que lhe não resta outro arbitrio.

Homem d'estatura elevada, physionomia um tanto indecisa, nariz levemente aquilino, vista pouco firme mas penetrante, cabellos já rareados, mastigando sempre as palavras, e servindo-se d'uns oculos como de figuras rethoricas para excitar tal ou tal sensação, conforme o modo porque os ageita, Rodrigo cujos eloquentissimos discursos, semelhantes a auras boreaes, de pouco mais servem que de lançar uma luz ephemera nas discussões, não póde deixar de ser considerado como um dos mais acabados e mais distinctos oradores da nossa tribuua.

Erudito como ha poucos, prudente como nenhum, integro no conceito publico, amigo de fazer justiça, generoso quando dá a lei, submisso quando a recebe, e combinando o respeito de todos com as sympathias de muitos, nada fôra tão natural como vêrmol-o chefe d'opposição se mais franco com os do seu bando, e menos cortezião com os do opposto, quizesse provar aos primeiros que tinham n'elle um amigo, e aos segundos que o deviam reputar aggressor.

Falto porém d'essa decisão da vontade, que só nasce das grandes paixões, e que tão rara é d'abrigar-se á sombra, Fonseca Magalhães, que hoje está em posição de o não pun-girem espinhos, contenta-se de que o não ataquem nos intrin-cheiramentos, e limitando-se á fortificação *d'intra muros*, de lá arremeça de quando em quando uma seta, e faz suas ne-gaças ao inimigo; mas não é general que arvóre bandeira ne-gra, nem deixe de pedir treguas logo que a peleja tomar calor.

Os que o ouviram no parlamento dirão se somos injus-tos com elle. Quem lhe escutou jámais uma phrase que signifi-casse aggressão?!... *Não sou coallisãe nem governo*, disse elle um dia nas camaras, *não pertenço a partido nenhum se-não ao dos interesses do meu paiz*. Concordamos que disse bem; mas declare que interesses são esses, com que politica espera favorecel-os, e que bandeira arvóra na sua torre; de-clare tudo isso para que o saibamos, e conte que se marchar intrepido á brecha terá numerosos bravos que o sigam.

Mas abandonar seus soldados no mais acêso da lucta, servir-se d'elles como d'authomatos para impolgar um diplo-ma, e depois d'isso fugir-lhes!... mas transigir com os vio-ladores das leis dizendo-se o Catão da rigidez dos princi-pios!... mas encerrar se como o rato monge dentro do queijo da fabula, e responder lá do fundo a quem vai pedir-lhe que saia, *ide-vos que somos ermitas; fizemos voto de clausura!*... oh, isto, perdoe-nos Rodrigo ou quem levantar a luva por elle, podendo ser uma excellente tactica de jesuita politico, enco-bertha com o manto do Fabianismo, não vem a proposito para o seculo actual, nem serve d'embair n'esta epocha em que to-dos lêem o pensamento occulto atraz da palavra que o disfarça.

E sem embargo Rodrigo é nm estadista completo, tem muito do que se requer para o perfeito diplomatico, e só de sejavamos para lhe podermos tecer mais cabal elogio, que não dando tanto por si, dêsse alguma cousa mais pelos outros.

Se lhe metterdes a mão no seio talvez arranqueis de lá muito orgulho litterario, muita convicção de superioridade, e muita d'essa infeliz illusão, que a tanta gente traz persuadi-do de que vivemos n'um paiz d'idiotas, aonde todo o homem

que ao levantar da cama pôz a sua máscara e sahio, pôde affoutamente atravessar as ruas da capital, sem que surja d'algum recanto uma voz que lhe grite, *ubi reliquisti efigiem?* — *aonde deixas-te o teu rosto?*

Todos reconhecemos Rodrigo como um dos primeiros talentos de Portugal; e porque não quererá elle pagar-nos reconhecendo que ao menos temos o de o avaliar? Será porque não pômos os nossos olhos, não medimos os nossos passos, não compomos o nosso gesto, não erguemos opportunamente o sobrolho, nem fazemos mysterio do espirro, inculcando-o precursor de tormenta? Oh, se tudo isto é necessario para que Fonseca Magalhães nos avalie melhor, guarde elle para si tal legado, que o character dos portuguezes rejeita-o, e nem costuma dar muito por quem faz d'elle o seu patrimonio!

Em resumo:—Fonseca Magalhães é o homem que mais sabe subordinar a sua pacífica ambição ao desejo de não comprometter a sua tranquillidade. Estranho a todo o genero de rancor, alheio ao sentimento da vingança, jámais deixando d'abrir os braços a quem o offendera, e tendo feito muitos ingratos porque fizera muito ditoso, Portugal interessára em vêr n'este politico alguma cousa mais do que hoje é, e talvez mesmo do que o futuro lhe prepara.

Sabemos que *espera*, porque nos disse que elevára o verbo *esperar* á cathegoria de sciencia; mas ignoramos em que funda essa esperança.

GARRETT

Quel est cet homme, dont le regard est fier et par fois ironique, e qui, se conflat dans la haute opinion qu'il a de lui-même, regarde en pitié ses semblables?

PORTRAIT DE M. DE LAMARTINE.

Figurai-vos um homem que a toda a eloquencia de Demosthenes, a toda a arte comica de Thalma, a toda a sciencia

de Salomão, e a toda a apparente severidade d'evangelista, reuna tomando a palavra nas côrtes, o mais composto exterior d'impressionado, de convencido dos factos, e de profundamente repassado da idéa de que elle é o verdadeiro *missus a deo, cui nomen erat Joanes*, e tereis, se a isto quizerdos ajuntar uma pequena dôse de sorriso sarcastico a rossar-lhe levemente pelos labios, o mais imitativo desenho que se vos poderá offerecer do nosso muito prezado, e a muitos respeitos inimitavel poeta, *João Baptista d'Almeida Garrett*.

Talento monstro, reputação europea, primeiro orador portuguez, primeiro poeta peninsular, e litterato quasi encyclopedico, Garrett é o sceptico mais desalmado que seguramente se tem sentado em cadeira de parlamento!

Ninguem como elle maneja o pro e o contra, ninguem como elle sabe affirmar e negar, ninguem como elle assume, se as circumstancias o reclamam, o inflexivel aspecto d'archanjo celestial, enviado por Deus ao paraiso a enxotar com a espada de fogo os miseros filhos do anathema!

E acreditará Garrett no sua missão?—só elle o pôde dizer.

Ouvil-o o não ficar-lhe pendurado dos labios, é dar a mais evidente prova de que ou o coração é de bronze, ou a cabeça de marmore. Mal porém que remata, adeus impressões produzidas! adeus moral da escriptura! adeus magnetismo poetico!—De tudo quanto se lhe ouviu, o que apenas sobrevive ao discurso é a lembrança caustica do Robellais, que assassina a do S. Chrysostomo.

Entrai-lhe bem pelo cerebro, descoi-lhe do cerebro ao peito, sondei-lhe todas as visceras, catai-lhe todo o escaninho, ide até onde poderdes ir, até onde fôr o homem intimo, e vinde depois dizer-nos se encontrastes por lá a fé? A fe!... que tempo não ha que a perdeu!...

Seria amor que o fez sceptico?—seria a ruindade dos homens?—seria o bafio pestilencial da politica?—Estamos que foi o ultimo.

De todos os venenos d'alma não ha nenhum que mais arruine, nem tão depressa converta em cadaver. E' uma es-

pécie d'acido prucico obrando sobre o moral. Dous mezes de parlamento correspondem exactamente a duas gotas d'aquelle toxico.

Mas Garrett não está ainda tão corrompido que perdesse toda a especie de crenças. Tem uma que muito o affaga, e que n'elle é mais forte do que nos outros,—a de que effectivamente é gigante, e talvez precisara curvar-se para atravessar o colosso de Rhodes.

Que as suas dimensões são immensas ninguem póde ter n'isso duvida; (mas encontrar-lhe objecto de comparação só se fôr com a idéa que forma de si.

PASSOS MANUEL

Monstrat iter,

DIVISA D'EL-REI D. PEDRO I.º

Nada tão grato á consciencia do escriptor publico como depois de vinte ou trianta paginas, biographicas de mais ou menos aspera censura, conforme a verdade dos factos o pedia, poder emfim declarar aos leitores que chegados á historia d'um homem, cujo character atrahae a geral sympathia, e cujo coração de politico é o verdadeiro symbolo da ingenuidade.

Franco e leal para com todos, maneiras sempre agradaveis, physionomia sempre risonha, um ar de candura que enleva, umas fallas que deixam preso, a alma a rever-lhe toda nos olhos, e o coração a passar-lhe todo no bôca; diga alguém se vencedor ou vencido, seu correlligionario ou seu opposto, houve momento em que deixasse d'encontrar em Passos Manuel um amigo!

Estadista quasi excepçional, e dos poucos em que entra a convicção de que não ha politica sem moralidade, Passos jámais disse cousa que não pensasse, não teve pensamento que não fosse nobre.

Singelo no tracto familiar, susceptível de enthusiasmo,

aceso no amor da patria, eloquentissimo quando a defende, versado em todo o genero de litteratura, conscio de que é superior mas sem mostrar que o conhece, disposto a escutar um conselho e mesmo a segui-o se é bom, modelo de generosidade politica, franco em confessar os seus erros, e fazendo valer pouco o seu merito, supposto lhe sobre para os mais altos feitos, nós tomamos por arbitros quantos tem tido a fortuna de tratal-o de perto, para que declarem se jámais viram que a prosperidade lhe dêsse orgulhos, ou o assoberbasse o infortunio!

Parecendo leviano nas cousas leves, ninguem sabe melhor elevar-se ao nivel das grandes, nem ha espirito que mais profundo seja nas vastas concepções do homem d'estado.

Fazer a patria feliz, e advogar a causa da liberdade são os unicos empenhos a que se dedica desde que entrára na vida publica. O que por ambos elles tem feito sabe-o Portugal e a Europa.

Teve exagerações porque começou ainda joven; mas perdeu-as porque o amestrára a experiencia; perdeu-as porque os factos lhe fallaram mais alto do que as theorias, e porque segundo elle mesmo disse no parlamento, *tem uma filha que abraça, e uma esposa que o fez ser pai, convertendo-o em cidadão sedentario.*

Não se peja de o confessar,—*vê hoje as cousas por outro prisma, e os seus sonhos de Sparta acabaram.*

Sectario de Mr. Guisot entende como elle que em politica não ha *sempre*, nem *nunca*, e que ninguem deve nem pôde comprometter o futuro da sua. *Se eu o tivesse feito*, (dizia elle em certa reunião de muitos centenaes de pessoas) *se eu o tivesse feito ha nove annos, como poderia aconselhar agora que toda a familia portugueza se unisse, que nos abraçassemos todos, que não houvesse senão um partido, e que esse fosse o do bem commum?*

Accusam-no de ter creado o arsenal, e é uma injustiça que se lhe faz. Não o creou, aceitou-o do facto; foi a revolução que lh'o deu. *Se eu hoje governasse* (ouvimos-lhe nós repetir muitas vezes) *fazia presente d'elle a Antonio Bernardq*

porque o aprecia melhor do que eu: lidou com elle por muito tempo, e é lá que tem ido recrutar a maior parte de seus espiões.

Taes são presentemente os principios politicos de Passos Manuel, e tal a ingenuidade com que os declara.

A sua consciencia é o seu thesouro. Por ella, e porque se reconhece forte não teme d'affrontar os perigos, nem ha cousa que o desvie de dizer altivamente a verdade se entende que n'isso cumpre um dever.

Semelhante a muitos respeitos ao desventurado Mr. Lafite, cuja historia é assás conhecida como exemplar da inconstancia dos destinos revolucionarios, Passos teve a gloria de quasi vêr-se elevado á cathegoria de nume pelos demagogos da revolução de setembro, para pouco depois o despedaçarem como um idolo, desde que a sua coragem deixou de ser-lhes precisa, e a franqueza de seus conselhos começou d'incommodar os tribunos.

Emfim Passos é d'entre os homens notaveis d'este nosso Portugal politico, o unico que talvez se lisongie de ser invejado por muitos sem haver um só que o aborreça.

Se n'elle ha defeito é, como diz Mr. Xavier Durieux, (1) a excessiva escravidão aos principios, e o summo desejo de meramente governar pelas formulas.

Cahiú do poder porque Portugal não estava ainda emancipado para essa liberdade mais ideal do que pratica que quasi sempre é o delirio dos grandes genios; porém as circumstancias tem variado muito, e Passos aprendido ainda mais.

A sua influencia é immensa, e o seu futuro vastissimo. Não diremos que o poder lhe bata á porta, nem que essa seja o conveniencia da actualidade; mas é certo que se a liberdade não morre, Passos está reservado para destinos iguaes á illibada reputação de que gosa, e aos desejos que todos lhe conhecem de fazer a felicidade da sua patria.

(1) Revue des deux Mondes.

AGUIAR

Son grand front, presque dépouillé de cheveux, indique à l'observateur, tant soit peu frenelogue, la fermeté de son caractere.

PORTRAIT DU CONTE DE NESSELROË.

Representai na idéa uma figura de secretario d'estado honorario (porque as pastas imprimem caracter) de volta de cincoenta a sessenta annos d'idade, alto e refeito de corpo, cabeça calva e protuberante, das que Gall tomára por indicadoras de muita resolução, rosto sobre o oval, feições em boa harmonia, tracto d'homem civil, mas não tanto que basto a compôr o perfeito cortezão, impaciente ao menor disparate que escute no lado direito da camara, e prompto a acudir aqui ou alli com as muitas idéas que lhe occorrem para auxiliar os collegas da minoria no combate contra os órgãos do ministerio, e vereis que vos descrevemos com fidelidade o muito distincto membro do supremo tribunal de justiça, Joaquim Antonio d'Aguiar, em quem todos reconhecem merito, e mui acabado conhecimento das causas do nosso fôro.

Deputado desde 1834, a sua vida publica é cheia de recordações honrosas; e ninguem tem sabido como elle victimar-se ao partido que abraça.

Era ministro em 27 de janeiro, e fustigado pelas traições d'Antonio Bernardo, não menos que pelos dictames da consciencia, lançou-se nos braços da opposição, de que é hoje um dos principaes sustentaculos.

Homem de castigada leitura, e vasta lição dos melhores publicistas, a camara escuta-o com veneração, apesar de que não aspira á palma da oratoria, nem forceje por embelezar os discursos.

O seu timbre é estar pobre tendo sido ministro, e ser um dos juizes que mais honra a magistratura. Ninguem lhe contesta taes qualidades, e Portugal que sabe o que vale guarda o seu nome no cathalogo dos bons, para dispôr d'elle

em quadra mais opportuna, e quando melhor estrella alumiar este solo.

Sentimos porém que seja um tanto irascivel, e que não queira com mais alguma modestia nos modos tornar-se eredor de geral sympathia.

Dizem d'elle que o poder o torna orgulhoso, e que não é o mesmo no gabinete que nos bancos da minoria. Se tal accusação é fundada, faça Aguiar o possivel por emendar se, que não ha cousa que tanto agaste como encontrar uma indole dura, aonde mais se esperava agazalho.

AVILA

Il a apporté dans les affaires de l'état une économie louable sans doute; mais qui, par son exagération, eut été plus convenable, appliquée à son ménage qu'à la France.

PORTRAIT DE MR. DE CORBIERE.

O homem que com mais decisão possui a inextimavel virtude politica de sacrificar até a propria conveniencia á necessidade de dizer o que sente é inquestionavelmente o ex-ministro e secretario d'estado *Antonio José d'Avila*, deputado pela Estremadura em 1842, e que desde que então se sentára no parlamento nunca deixou de ser um verdadeiro Hercules da opposição cartista.

Caracter tão facil d'impressionar se como prompto em reconhecer que a verdadeira arma do orador é a logica, Avila que aliás é civil, e em quem todos reconhecem as melhores qualidades, algumas vezes cede ao fogo do seu temperamento cahindo em dar á phrase certa acrimonia, que incommoda os contrarios; mas logo volve em si do fogacho, e entra na estrada da cortezia.

Assáz conhecido para que precisemos dizer qual o seu

programma politico, professa ainda os mesmos principios, e advoga os mesmos interesses que sempre advogára nas côrtes.

Votou-se desde muito novo ao estudo de nossas finanças, e tão *ex-professo* resolveu a materia, que ninguem melhor do que elle ajusta as cifras d'um orçamento, nem leva o escalpello da analyse até á mais recondita chaga de qualquer operação financeira.

Mal do ministro que Avila chamou a contas, porque não ha jury imparcial que o absolva!

Integro como aquelles que o são, probo como todos deviam ser, e economico a ponto d'alguns o reputarem *mesquinho*, Avila gosa tal nota de financeiro, e é tido em conta de tão honesto, que difficil será a qualquer administração, que succeda a esta, fazer cousa que boa seja, se quizer substituir-lhe outros nomes. (n) (*Vejam se notas historicas*).

A sua physionomia é attractiva; mas o seu modo d'olhar é severo, e como que lhe dá certa apparencia d'altivo.

Falla com a coragem de quem reconhece que diz a verdade, é quasi sempre sublime, jámais deixou de ser logico, e tem um metal de voz tão sonoro, que apezar de percorrer tão distinctamente os angulos do parlamento, não deixa a menor impressão dissonante.

A opposição ganha muito em ter oradores de tamanho vulto, e o paiz ganharia ainda mais em ter um só ministro como elle.

FELGUEIRAS

Habile a naviguer sur le vaste océan du monde.

PORTRAIT DU CONTE DE MOGES

Membro distincto da opposição cartista, e um dos que mais fama lhe grangeou, não tanto com o auxilio de seus *pautados* discursos, como pela consideração do seu nome, *João Baptista Felgueiras*, que foi algumas horas ministro depois

da revolução de 27 de janeiro, é homem de muito menos coragem parlamentar do que podera esperar-se de sua independencia social.

Algumas vezes ouvimos a minoria gritar, *S. Thiago e aos mouros!* porém João Baptista era morto.

Se vier tempo em que aprenda a cahir de cabeça baixa sobre os sarracenos, dizendo como o conde da Ericoira na desventurada jornada d'Alcacer Quibir, *o meu cavallo não se sabe voltar*, somos de parecer que o aproveitem, porque pôde servir d'engrossar as fileiras, e até mesmo para comandar qualquer troço. Em quanto porém o aterrarem as meias-luas, e continuar de ser visto nas tendas dos de Maphamede, deixem-no andar nas bagagens, que não é bom levar gente bisonha ao combate.

GRANDE
bibliotheca

Que de beautés, de grace, de verbe, et d'eloquence souvent dans ces discours.

PORTRAIT DE MR. VICTOR HUGO.

Ha physionomias que sem terem cousa que verdadeiramente as caracterise, offerecem um conjuncto agradável, cheio d'amenidade e expressão, que dispõem a ser-lhes affeigoados; e n'este caso nos parece estar a do muito distincto orador, e bem conhecido deputado *José Maria Grande*.

E' homem d'estatura regular e um tanto refeito sem poder dizer-se nutrido, tem muita vida nos olhos, presença attractiva e risonha, sabe ser cortezão sem baixeza, impressiona-se sempre que falla, convence porque está convencido, e tendo lido muitissimo e meditado ainda mais, ganhou tal cópia de phrase que nunca a emprega que não seja pura, nem até que não saiba como.

Os seus discursos são fluentes, o seu sillogismo cerrado, e as flores de que reveste a oração não ha desejal-as mais bellas.

Em quanto deputado do ministerio gosou de creditos de bom orador; mas foi preciso que a opposição o contasse entre os seus para firmar a immensa reputação de que gosa.

Quem o ouviu combater as medidas dictatoriaes, as deportações para a Costa d'Africa, e a reforma da saude publica, não carece d'outra lição para formar idéa da perfeita eloquencia.

Choio de sua nobre missão, corajoso em presença das ameaças, e possuido d'aquella heroica energia que só nasce da muita intima convicção, houve momentos em que José Maria Grande se elevou a tal auge de sublimidade que bem podera rivalisar com os melhores oradores da eloquente tribuna franceza.

Cartista desde que o seu nome anda em fastos politicos, cartista porque já o era quando Costa Cabral os encerrava nas presigangas, e cartista hoje como sempre, porque alto e bem som o declarára no parlamento; debalde a malidicencia dos que feria mortalmente tem procurado apodal-o d'aposthata. Sabemos que não mudou de programma, e havemos de fazer justiça á coherencia de seu character.

Superior á posição que occupa, e igual pelo menos a todas, *Grande* é uma das maiores capacidades intellectuaes que honraram a camara de 42.

A mocidade de Lisboa tem encontrado n'elle um proceptor illustrado, e Portugal um distinctissimo litterato.

Se pois a rasão d'estado ou a politica da nova camara, decidindo mudar de ministerio, entender que á opposição cartista cumpre succeder no poder, *Grande* deve impreterivelmente fazer parte da nova administração, como um dos que mais gloria grangeára ao partido.

MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

Cent fois plus indépendante de caractère que de position.

Portrait de M. EMILE DE GIRARDIN.

Cavalleiro da mais nobre stirpe, deputado do mais independente caracter, e orador da mais varonil eloquencia, *Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque* foi um dos membros da opposição cartista que mais interesses sacrificou á lealdade de suas convicções.

Todos sabem que desde que o collocaram na necessidade d'optar entre a consciencia e o emprego, não hesitou em sacrificar o ultimo.

Litterato de muito saber, e poeta de muito merito, reunindo a um immenso cabedal de conhecimentos as mais ricas flores da poesia, os seus discursos são tão fartos de sublimes imagens como abundantes d'excellente doutrina.

Ha com tudo n'elle o que quer é d'excentricidade de idéas, e o sabio que tão de preceito estudára as sciencias parece não ter feito igual estudo nos homens. Fascinam-no os sonhos da perfectibilidade, e ha casos em que mais poeta do que politico, dissereis correr atraz do optimismo.

Como estadista fez o decreto de 10 de fevereiro, que ainda parece ser seu programma; e ou seja pela difficuldade de o executar, ou pela maneira excepcional com que effectivamente encara grande parte das cousas, Mousinho vive n'um campo seu proprio, e nem sempre é facil chamal-o ao da prosaica realidade.

Sem que se possa dizer que tem inimigos, pois não é possivel tér senão admiradores, ha quem o supponha excessivamente aferrado ás suas idéas, um tanto orgulhoso de seu saber, e até com pequenas vaidades da aristocracia de seus maiores.

Nós porém que fazemos justiça ás eminentes qualidades de Mousinho, negamos que semelhante accusação lho recaia como injurioso para um tão distincto caracter. O homem de

tal supremacia de talentos era impossível querer avassallar ao seu o dos outros, ou desvanecer-se com a memoria d'antepassados, que por mais illustres que tenham sido, nunca poderiam rivalisar com o descendente que lhes honra as cinzas.

A litteratura deve lhe além de varias poesias fugitivas a inimitavel composição das *Georgicas*, a engenharia muitas descobertas e melhoramentos no ramo de canalisação e estradas, e a camara que teve a gloria de o possuir, um exemplar rasgo de moralidade, que a todos mereceu louvor, e a muito poucos imitação.

Emfim Mousinho é o que se não encontra facilmente no elevado gráo da escala social, a que subiu por seus muitos serviços,—*um poeta distincto, um litterato profundo, e um politico moral.*

Assim Portugal tivera muitos Mousinhos como nós lhe prometteramos destinos menos nefastos!

biblioteca MELLO E CARVALHO

C'est un de ces types que l'on est heureux d'offrir a ses contemporains comme un noble modèle, et un utile exemple.

PORTRAIT DE MR. BRISSET.

Se o homem que merecendo a estima de tres soberanos, honrarem-n'o com condecorações e empregos dos que presuppõem o mais alto merito na pessoa a quem se conferem, adquire por esse simples motivo inquestionavel direito á consideração de seus concidadãos, que muito maior, e por ventura mais nacional não se deve tributar ao ex-ministro o secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, *Antonio d'Azevedo Mello e Carvalho*, que não só realisa taes circumstancias, mas lhes reuno a d'haver na qualidade de membro de tribunaes, presidente de relação, senador e deputado ás côrtes, ministro da corôa, e até na d'eximio escriptor publico,

advogado com a maior coragem os interesses da sua patria, defendido a dignidade do throno, e pugnado pela manutenção dos fóros, e regalias constitucionaes?

Fiel e sempre leal amigo de D. Pedro, sacrificou por acompanhá-lo a estes reinos uma das mais brilhantes posições que occupava na America, e teve a gloria de merecer-lhe elogios muito distinctos em diversas fazes da sua vida publica.

— Presidente da relação de Lisboa, devem-se-lhe os regulamentos sobre o serviço interno da secretaria da presidencia, os do archivo dos extinctos cartorios, e varias outras medidas de reconhecida utilidade, taes como a com que solicitou a centralisação de todos os tribunaes de primeira instancia da cidade de Lisboa, com manifesta utilidade para a boa e prompta administração de justiça, fiscalisação dos feitos de fazenda e orphãos, e commodo do publico; e depois levou á execução quando o pôde fazer sem depender de terceiro.

— Ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, concorreu, e quasi se pôde dizer, levou a cabo, por um modo tão engenhoso como suave, a importante obra da extincção do scisma, que trazia as consciencias em cuidados, e a politica em difficuldades;—defendeu como portuguez as prerogativas da corôa, e as immuniidades da igreja lusitana,—providenciou sobre a administração da justiça em ordem a melhora-la do modo possivel; e com quanto não apresentasse projectos de leis ás camaras, nem fizesse quaesquer outras propostas d'execução permanente, mais é de suppôr que adoptasse esse arbitrio por não enredar o cahos de nossa legislação, que por entender que lhe escaceavam forças para isso.

— Já antes sendo senador, e depois como deputado ás côrtes defendeu e sustentou sempre a necessidade do jury criminal, provando não haver meio mais effcaz de reprimir os delictos, sem compromettimento da innocencia, nem mais conducente á moralidade dos povos,—fez ultimamente considerações eminentemente phylosophicas sobre o systema das penitenciarias,—orou com vastidão de conhecimentos economicos e financeiros sobre a inconveniencia da proposta contribuição directa, nas actuaes circumstancias, lançada segundo o me-

modo de repartição,—combatéu o uso dos discretionaryos, e quasi se pôde dizer fulminou o decreto do 1.º de agosto, em consequencia do qual, e pelo suppôr contrario aos principios da carta, pediu a exoneração do cargo de presidente da relação de Lisboa.

Emfim, como escriptor e como publicista a nossa jurisprudencia honra-se com a sua memoria, intitulada—*Revista*—e com as suas *Considerações criticas sobre o decreto do 1.º d'agosto*.

Não eram necessarios tantos titulos para que Mello e Carvalho occupasse um mui distincto logar entre os seus collegas do parlamento.

Sempre que estes tiveram occasião d'escutal-o, respeitaram n'elle o bom orador, o cidadão honesto, e o corajoso empregado publico.

Portugal reconhece de que pêzo é Mello e Carvalho na balança politica, e sabe que não pôde prescindir de caracteres como o seu.

biblioteca

SILVA SANCHES

Ne courant pas apres l'occasion de se faire valoir, mais ne reculant jamais devant elle.

PORTRAIT DE MR. HUTTEAU D'ORIGNY.

Com sobeja erudição e talento para collocar-se ao nivel de qualquer situação a que o elevem, *Julio Gomes da Silva Sanches*, deputado dos mais antigos do parlamento, e hoje, pela quarta ou quinta vez reeleito, deu provas assás evidentes, durante a sua phase ministerial de 1837, de que não ha ministro seu par com quem receie medir inteireza.

Levado do verdor dos primeiros annos nutriu idéas um pouco mais progressistas, que depois modificou com o tempo.

Hoje professa doutrinas d'ordem, e aspirando á liber-

dade porque nasceu para ella, estamos persuadidos, que não sacrifica os meios aos fins, nem nutre outros desejos senão de combater um ministerio, que reputa prejudicial aos interesses publicos, renunciando a indagar a côr politica do successor, com tanto que mais agrade ao paiz.

Sem ser precisamente orador, tem muita facilidade de phrase, a sua voz chega longe, e os seus discursos não cansam. Quem o ouve aproveita da doutrina que expende, e embora nem sempre a atavie com as melhores flôres da arte, a camara folga de lhe prestar attenção, porque sabe que falla com consciencia.

A's qualidades de homem politico reúne as excellentes d'amigo; e para o dizer em breves palavras, Julio é um d'esses actores modestos que sahindo pouco ao proscenio, não são assás conhecidos do publico, e ganham muito em o ser.

DUARTE LEITÃO

Sujet soumis et fidele; bien qu'il ait naturellement de l'indépendance dans les idées.

LE PRÉTRE.

Cidadão virtuosissimo, e magistrado integerrimo, Duarte Leitão, que já uma vez tinha sido ministro, e era digno de sê-lo muitas, morreu para a vida politica depois que regressou a Lisboa, de volta da sua jornada a Cadiz. (o) (*Vejam-se notas historicas*).

Ignora-se de que molestia o levou Deus; mas ha quem affirme que o decreto do 1.º d'agosto lhe conglatinára o sangue nas veias, e que feita a autopsia do cadaver, appareceram vestigios d'espasmo. Só elle é que sabe o que foi.

A sua memoria é de muita saudade; e o seu nome de muito respeito.

Sit sili Decretum level!
O Decreto lhe seja level!

CASTELLO BRANCO

Dialection ecrasant, qui rend la
reponse impossible a ses adversaires.

PORTRAIT DE M. DE CORMENIN.

Modelo de seriedade, d'independencia e de coragem, *Castello Branco*, que debaixo dos ferros d'El-Rei foi mandado viajar até á Madeira em consequencia dos acontecimentos de Torres Novas, é uma das victimas d'essa revolta que mais sympathias mereceu aos collegas; e que com mais heroicidade soube humilhar seus perseguidores, pela generosidade com que cedeu d'accusal-os, e impediu até mesmo que alguém o fizesse em seu nome.

Como orador os seus discursos são mais doutrinaes que eloquentes, e mais carregados na logica do que na poetica. Parece um general ancião, feito desde muito aos combates, que delineando pausadamente o plano do ataque, carrega de pois com a mesma pausa sobre o inimigo, mas levando os seus tão cerrados, e as filas marchando com tal medida que nem é possivel abrir-lhe brecha, nem elle deixar de a fazer nos contrarios.

A sua politica é de moderação e legalidade, e a todos os respeitos tão séria como sisudos são os actos de sua vida publica.

O paiz perde muito em não o ter hoje nas côrtes, mas elle talvez lucre n'isso.

OTTOLINI

Excellent homme au fond, et du commerce le plus facile.

LE MARQUIS DE CLERMONT-TONNERRE.

Franco e leal como Passos Manuel, olhando sempre a direito, e trazendo a cabeça sempre elevada como homem que nada tem que esconder, *Ottolini* é um d'aquelles politicos affaveis, que pela ingenuidade de seu character, pelo attractivo de suas maneiras, e pela muita tolerancia de seus principios quasi constringe a que o estimem os que menos dispostos estariam a isso.

Tem talentos e erudição, falla com dignidade, e Portugal já sabe que na qualidade de ministro da corôa provou ter tantos desejos de ser prestavel, como de mostrar-se bom e zeloso funcionario publico.

Antes do programma de Passos, o seu seria talvez o de setembro, porém hoje suppomos ser a fusão.

CESAR DE VASCONCELLOS

Sans se perdre en circonlocutions inutiles, il va droit au fait et au but, et il ne transige pas plus avec sa conscience qu'avec l'ennemi.

LE GENERAL CONTE DE SCHRAMM.

A tão infeliz como anti-politica (*p*) (*vejam-se notas historicas*) revolução de Torres Novas assassinou talvez por bastante tempo o brilhantissimo futuro que se preparava ao muito abalisado official, e muito distincto deputado da extrema esquerda Antonio Cesar de Vasconcellos.

Pobres como todos reconhecem que somos (e bem ricos que fomos!) no artigo capacidades militares, era quasi um impossivel politico que com tão honrosos precedentes, tamanha reputação de bravura, e tão eximios conhecimentos da sua

arte, Cesar deixasse de ser chamado á gerencia dos negocios da guerra logo que a este estado vertiginoso; e a esta epoca de frenezi succedessem tempos mais bonançosos, em que todos se componetrassem da necessidade d'organisar o exercito.

Hoje porém não sabemos aonde a sua estrella o conduz. A sua situação complicou-se, e as suas idéas devem ter-se resentido dos rigores da sua expatriação. Uma só cousa podemos affirmar a Cesar, e é que Portugal faz votos pela sua felicidade, e que não haverá ukase nem Firman que consiga expatriar o da lembrança do seus amigos.

COELHO DE MAGALHÃES

Sa vois domine le tumulte, et sa phisionomie expressive impose a ses auditeurs... Homme d'improvisation, il ne calcule pas ce qu'il va dire; mais son inspiration est toujours heureuse.

PORTRAIT DU MARQUIS DE LA-ROCHEJAQUELIN.

Assim como para Cesar de Vasconcellos não menos para *José Estevão Coelho de Magalhães* a desventurada revolta de Torres Novas foi una especie d'erupção vulcanica, que semeou innumeras difficuldades em meio de sua carreira politica.

Feliz elle, se realisando o pensamento de Lamartino, aproveitar tanto do infortunio revolucionario como os campos da lava com que os alastram os vulcões.

Esperar e addiar não é com effeito a arma politica que mais fere os contrarios; mas raras vezes o *precipitar* conduz a melhores resultados. Se Coelho de Magalhães o reconhecer terá ganho muito no exilio.

Mancebo de muitas esperanças, progressista de muitas convicções, e character de muita probidade, José Estevão é inquestionavelmente o mais energico improvisador que até hoje se conheceu entre nós.

Um tanto severo de phisionomia, supposto que com-

inimamente jovial, a sua maneira d'orar é soberana, a sua voz impetuosa, os rasgos da sua eloquencia sublimes, e sabendo inflamar-se quando convém, ha casos em que chega a subjugar a attenção, e forçar a camara ao silencio.

Mais moço nos annos que nos estudos, as suas theorias resentem-se do seu muito fogo de vida; e quasi se póde dizer d'esto joven entusiasta que ha n'elle mais desejos de caminhar a felicidade da sua patria, do que verdadeiro conhecimento da estrada que lá conduz.

Sem embargo ninguem deixa de o respeitar como valente soldado do exercito libertador, cathedratico d'osclarecido talento, cidadão de muitas virtudes civicas, e consciencioso propagador das idéas do movimento. O povo de Portugal admira-o, e o da capital idolatra-o.

Se a experiencia sazonar tantos meritos, é inquestionavel que José Estevão virá o ser um de nossos mais distinctos homens d'estado.

bibRIA



...aunque se trata de un asunto de suma importancia y que requiere de una cuidadosa atención por parte de las autoridades competentes. En este sentido, se debe tener en cuenta que el presente documento tiene carácter de confidencial y no debe ser divulgado sin el consentimiento expreso de los interesados. Asimismo, se debe tener presente que el presente documento es una copia de un documento original que se encuentra en poder de las autoridades competentes. En consecuencia, se debe tener presente que el presente documento es una copia de un documento original que se encuentra en poder de las autoridades competentes. En consecuencia, se debe tener presente que el presente documento es una copia de un documento original que se encuentra en poder de las autoridades competentes.

bibRIA

PARTE III

NECESSIDADE DE MUDAR DE MINISTROS

Lo cierto era que avia culpa en los ministros, y que elRey pagava por ellos...

FARIA E SOUSA. EUROPA PORTUGUEZA.

Nova gentis origo, religione potens.

MANUEL DE SOUSA. CAV. HER.

Nada mais certo do que haver cousas em quo todos falam, e que muito poucos entendem. Sirva d'exemplo a *politica*. Que entendeis vós por *politica*?... Talvez ninguem o saiba dizer!—Pois eis-ahi porque muitas vezes o silencio é melhor.

A *politica* ou é uma sciencia ou um facto. Como sciencia data de Machiavel, e como facto do começo do mundo.

Dizemos que como sciencia data de Machiavel, porque foi elle o primeiro que coordenou as suas diversas maximas, reduzindo-as (1) a systema regular; e como facto remonta ás primitivas éras do globo, porque importa o mesmo que *vontade de quem governa, e intriga de quem é governado*.

No primeiro sentido a *politica* tem uma phraseologia technica, e está sujeita a regras prescriptas;—no segundo deve tudo ao acaso,

Para ser portanto um politico *secundum artem* não basta saber que á proibidade se chama *inepcia*, á coherencia *estulticia*, á mentira *talento governativo*, e á perfidia *agudeza*; é necessario armar-se d'alguma estrepitosa maxima de direito publico, com que se possa responder a toda a especie de objecção. N'este genero a mais commoda é o *salus populi suprema lex esto*.

(1) La theorie de la politique nait avec Machiavel; mais a ce commencement du seizieme siècle les Italiens n'ont pas fait assez de progrès dans cette science pour voir qu'elle se concilie avec la morale.

Munido d'uma arma terrível podeis caminhar affouto, que ninguem se vos porá por diante. Se Carlos 9.º decreta o S. Bartholomeu, Cromwel o assassinato de Carlos 1.º, Danton o dos girondinos, os girondinos o de Robspierre, e assim progressivamente até não haver folego vivo na terra, o politico responde a tudo isso, *assim o exigiu a salvação do estado!* Contra isto não ha que dizer.

Vejamos agora o que se entende por *politica de facto*. Politica de facto é a que existe desde que existem governantes e governados;—foi a que levou a serpente ao paraizo, a que armou o braço fraticida de Cahim, a que explicou os sonhos de Pharaó, a que creou o bezerro d'ouro, a que conduziu á terra da promissão, enfim a que ensinou Tarquinio a derrubar as cabeças das mais altas papoulas para indicar como convinha fazer aos Gabinos.

Em qualquer porém das duas acepções, a politica póde comparar-se a um grande drama social, como actores são os mais illustres ou os mais ambiciosos do estado, e a cujo espectáculo o publico applaude ou patêa conforme o desenlace da acção.

Isto posto só resta saber que numero de actores é preciso para formar uma boa politica. Entre nós bastam doze, supposto que commumente figurem mais;—seis para manejarem as pastas, e outros seis para lh'as disputar. Os que não fazem nem uma nem outra cousa, embora de quando em quando surjam ao tablado, figuram de meros comparsas a que o publico dá pouca attenção.

Vejamos pois quem são os segundos, visto que todos conhecem os primeiros;—*Duque de Palmella—Rodrigo—Visconde d'Oliveira—Passos Manuel—Joaquim Antonio d'Aguiar—Mousinho—Grande—Mello e Carvalho—Avila—Julio Sanches—Ottolini—Dias de Azevedo—Loulé—Lavradio—Sá da Bandeira—Silva Carvalho*—e além d'estes os mais que julgardes idoneos, ou a si proprios se tiverem por taes, que é essa uma das primeiras condições da candidatura ministerial.

Entre estes ha uns que vão mais na frente e outros que

seguem atrás. Antes porém d'entrar n'essa analyse façamos a do estado das cousas.

Parecendo estranho a todos os interesses nacionaes, excepto o da agiotagem e do exercito, o ministerio cuja chave é Silva Cabral, resiste mas não governa, e envelhece sem ganhar raizes. Affrontando-se de tudo que o cerca, um atomo lhe causa susto, e as sombras lhe parecem gigantes, que se erguem para o derrubar.

Abandonado da opinião publica, unico poder de facto que sustenta os ministerios constitucionaes, adoptou o systema Vileliano, e a sua tactica é alarimar os espiritos.

Vivendo mais do futuro do que do presente, o mal que faz diz que é para evitar os que estão imminentes, e ás infracções chama medidas de prevenção.

Se o convidam ao campo da legalidade responde que a anarchia ameaça, se lhe pedem que não antecipe, recorre á evasiva da organisação das finanças, e se o accusam de violar a lei fundamental argumenta com o *salus populi*, e declara que não ha lei mais sagrada que a do bem publico, nem necessidade que mais aperte que a d'esmagar a hydra revolucionaria. A hydra porém não a vêmos, as finanças não se organisam, e a anarchia só pôde acordar se a despertarem com taes medidas.

Enquanto Costa Cabral regulou a politica ainda alguem poderia illudir-se; porém desde que o irmão o substituiu é muito difficil cerrar os olhos á luz;—tudo induz a crêr que nos desviamos da liberdade, e que ha o pensamento sinistro de não lhe tolerar nem a sombra!

A' semelhança do ministerio *Polignac*, o das eleições phenomenicas invectiva contra a imprensa diaria, constrange-o o poder judiciario, encommodam-n'o as garantias, escarnece do voto publico, despreza as formulas constitucionaes, e até para em tudo correr parelhas com elle, manda por seus agentes colleccionar os mais insignificantes factos praticados pela opposição (*q*) (*vejam-se notas historicas*) durante o ultimo processo eleitoral, a fim talvez d'argumentar com elles contra a possibilidade da emancipação portugueza.

Bem pôde ser illudirmo-nos, mas quando o coração lê na experiencia os persagios são quasi sempre infalliveis. Vêde o que fez *Polignac*, como justificou as ordenanças de julho, de que argumentos se serviu para provar a impossibilidade de governar com a carta, confrontai tudo com o que hoje se faz e se escreve, analysai bem os dois quadros, e se achardes que o paralelo é exacto tirai a conclusão que fôr justa. «Em nenhuma epoca (diz aquelle ministro no seu relatório das ordenanças) em nenhuma epoca foi mais afflictiva a situação politica da França. Apesar d'uma prosperidade material superior a toda a expressão, não ha ponto do reino em que se não descubram symptomas de desorganisação, e manifestos signaes d'anarchia.

«Uma malevolencia activa, ardente, e infatível forceja por derrubar os alicerces da ordem, e roubar á França a prosperidade de que gosou á sombra de seus antigos soberanos...

«Habil em especular com todos os descontentamentos, atear todo o genero d'animadversões, e excitar desconfianças no povo, a opposição hostilisa a marcha governativa, e convida á guerra civil...

«Uma multidão de factos, colligados durante o curso das ultimas operações eleitoraes, provam de sobejo esta asserção, e fazem ter como infallível, que grandes commoções se preparam se Vossa Magestade não providenciar como deve...

«Por toda a parte se patentea o desejo da ordem, da força, e da estabilidade; e se ha cousa que mais evidentemente o comprove são essas proprias agitações dos espiritos, que debalde os perturbadores alimentam com o fim de justificar o contrario...

«E nem é possível desconhecê-lo,—a liberdade d'imprensa é que promove taes reacções, e a ella é que se devem exclusivamente imputar...

«Seria necessario fechar os olhos á luz para não vêr que os jornaes são o principal foco da insurreição, e a primeira fonte das calamidades que ameaçam engolir a França...

«Uma licença que excede todos os limites deixou de

respeitar, ainda nas occasiões mais sollemnes, não só a vontade expressa do rei, mas as proprias palavras descidas do throno...

«A diffamação systematica, organizada em grande escala, e dirigida com preserverança sem equal vae ferir, de perto ou de longe, até os mais humildes agentes do poder, que collocados em estado de prevenção permanente, parecem riscados da sociedade civil, e indigitados á facção para mais tarde experimentarem a vingança popular...

«Contra tantos males produzidos pela imprensa, a lei e a justiça são obrigadas a declarar-se impotentes.

«Os costumes judiciarios prestam-se pouco á repressão de semelhantes excessos, e para obviar a tudo isto não ha senão um unico meio que é *entrar pela carta*...

«Ninguem deve illudir-se sobre o estado actual d'este reino. A França não está nas condições ordinarias d'um systema representativo, porque os principios sobre que elle se estabeleceu era impossivel ficarem intactos em meio de tantas vicissitudes politicas...

«A nenhum governo fôra dado suster-se se lhe negassem o direito de prover á sua segurança, e este direito é pre-existente a todas as leis, porque dimana da natureza das cousas...»

Será ou não esta a linguagem dos orgãos do ministério? será ou não esta a doutrina que se vos préga, os terrores que se vos incutem, e a marcha que se inculca seguir? ha ou não conformidade d'idéas? seguimos ou não pela mesma vereda!... E se a todos ouvimos dizer-nos que sim, porque rasão duvidar que nos dirigimos ao mesmo ponto?!

O de que o publico ainda não se convence, nem jámais lhe será possivel fazel-o, é de que o paço seja connivente no facto. Murmura porém muita cousa que melhor fôra não murmurasse, e com quanto estejamos certos que desarresôa, o dever d'escriptores publicos obriga-nos, e havemos de declaral-o ao paiz. *Diz-se que se Silva Cabral supplantou o irmão é porque se prestou ao grande golpe d'estado—que Dietz e barão de Marechal são os que d'ha muito preparam as cousas,*

—que a rainha não póde ignorar o que vai,—que nunca hou-
 ve ministerio tão immoral nem que mais confiança parecesse
 merecer á soberana,—que se se galgam montes e vales é por-
 que os ministros lá sabem para onde vão,—e enfim que é pre-
 ciso resignar com a sorte porque os diplomaticos d'Austria
 querem que sejamos todos irmãos em governo.

Estas e outras muitas cousas, que não agradam aos mo-
 nos credulos, repetem-se por ahi a cada momento, e tanto
 graçam por toda a parte que já não ha quem deixe de for-
 mar seus juizos sobre como desfechará este drama.

A uns parece o absolutismo impossivel, e dizem que
 não só a nação o rejeita senão até o proprio exercito, aliás
 alcunhado de pretoriano: outros porém votam pelo contrario,
 e são d'opinião que se o ministerio quizer as bayonetas irão
 com elle á Turquia.

No meio de taes incertezas ha muito quem encolha os
 hombros e espere; mas a maioria da nação já receia, e no
 que todos estão conformes é que semelhante passo é errado,
 e que se alguem o aconselha á soberana, lisongeia talvez
 como aulico, mas compromette a segurança do throno.

Nós não ousamos decidir a questão: o que affirmamos é
 que um ministerio suspeito de liberticida mal póde offerecer
 garantias de liberdade, e que ainda mesmo na hypothese de
 serem puros os seus desejos, bastava a nação duvidal-o para
 que se devesse velar por isso, e prover sobre o modo do tran-
 quilisar os espiritos.

Para convencer o povo de que erra não basta dizer-lhe
enganaram-te; é preciso que os factos venham em apoio. Aliás
 como enterrar a fé com a espada, e exigir a crença no Alcorão?

O povo tem uma intelligencia que o illumina, e não só
 discorre mas vê. Se elle um dia disser,—*fui ao campo e acu-
 tilaram-me, fui á urna e enotaram-me d'ella, suppliquei e
 indiferiram-me, manifestei a minha opinião por todas as for-
 mas, não houve rogos que não empregasse, não houve vozes de
 que me não servisse, e no fim de tudo inutilizei diligencias e
 esforços porque os meus oppressores lá estão em cima a cus-
 pir-me baldões d'anarchistas*,—será possivel convence-lo por

tima simples negativa destacada de que o não attendem porque o não ouvem!! Como pôde uma nação fallar mais alto e significar mais explicitamente um desgosto?!

Na actualidade das circumstancias, e muito principalmente depois que o ministerio trocou bayonetas por listas, nada ha que tanto repugne á indole d'um systema representativo como a sua conservação no poder.

Querendo mesmo dar de barato que quanto d'elle se affirma relativamente a peculatos e delapidações, vendas d'empregos e honras, torpezas d'agiotagem, veniagas de todos os generos, arbitrios na administração da justiça, fraudes para com os crédores do estado, crueza na demissão d'empregados, escandalos de patronato, infracções de direitos individuaes, ataques feitos á carta, e cumplicidade d'assassinatos sejam meras calumnias politicas, perguntaremos nós o seguinte—é ou não verdade que ainda nenhum ministerio commetteu tantas violencias para aleançar uma maioria no parlamento!—Se vos atreveis a negal-o ali está a nação para vos desmentir, e se concordaes em que sim, para que insistis que o throno precisa d'elle, e que lhe deveis ajuda e favor??—Dizeis talvez que só este é capaz de sustentar a carta?—acceitamos a declaração. Mas em quem suppondes essa capacidade; nos ministros que protestaram contra a restauração, ou nos que concorreram para ella?—Se pretendeis que nos primeiros, é visto que ninguem vos dá crédito, e se appellais para os segundos declarai-nos de quem fallais—de Costa Cabral, Terceira, Silva Cabral, ou de todos tres reunidos?

O triumvirato não vol-o admittimos porque contradiz a experiencia; Costa Cabral tambem não, porque já as suas proprias trombetas lhe annunciaram o funeral politico, e com tudo a carta continua a ser lei; duque da Terceira ainda menos, porque bem sabeis que houve tempo em que não só não foi reputado sustentaculo da restauração, mas até o proprio Silva Cabral o apontava como um estorvo; (r) (*vejam-se notas historicas*) e se enfim alludis a este ultimo, reparai que é minar muito os alicerces da carta assental-os sobre aquelle dorso de cadaver putrido!

Os que nos podem assegurar a ordem são com effeito os restauradores, porém talvez mais os da moralidade do que ainda mesmo os do código.

Seguir no rumo em que vamos é levar a não contra as rochas, e se o nosso voto valesse, bem facil fôra indicar aonde ha pilotos que a salvem.

Para cabeças de ministerio o paço tem a escolher entre quatro individuos—Duque de Palmella—Rodrigo—Visconde d'Oliveira—e Passos Manuel.

Querendo optar pelo primeiro, Portugal ha-de applaudir a eleição, e o gabinete terá um estadista que comprehende o grande pensamento politico da Europa. A sua administração reunirá mais notabilidades aristocraticas do que politicas, mas nem por isso deixaremos de a vêr caminhar com a lei, manter a dignidade do throno, augmentar o crédito dos nossos fundos, e girar sempre dentro da orbita constitucional.

Rodrigo já todos sabem como maneja as pastas, e de que natureza são seus programmas quando o encarregam de compôr ministerios. O que elle organisasse no momento actual seria um ministerio de concessões, pouco firme porque sempre timido, incerto algumas vezes na bussola, e lançando a sonda a cada momento, porém não menos moral, nem menos bom-quisto que o de Palmella.

Visconde d'Oliveira é um homem a quem todos respeitam. Se a rainha aprecia a carta, se a deseja ver respeitada, se quer que a lei tenha força, que o principio restaurador predomine, e que todos os cartistas se abracem; n'esse caso é a elle a quem cumpre encarregar a organização do gabinete, porque nenhum corresponde melhor a taes fins, nem reúne precedentes politicos, que mais abonem a estabilidade d'aquelle systema (1). Membro da junta provisoria de 27 de janeiro,

(1) Seria longo, e muito fóra dos nossos limites enumerar além dos cargos publicos que Visconde de Oliveira tem occupado os titulos com que acredita a inteireza de seu character, faremos pois unicamente menção dos primeiros, e deixamos ao publico o testemunhar quanto os segundos são bem merecidos. Juiz d'orphãos de Santa Martha,—juiz da vara do crime do Porto,—director da intendencia geral de viveres e transportes do

distincto por seus talentos, dotado d'um caracter energico, honrado com a ostima do imperador, virgem em sua reputação politica, e tendo percorrido uma tão gloriosa escala d'empregos, que só dos louros colhidos n'um d'elles poderá tecer-se o elogio de muitos homens, o seu nome é justamente considerado como um verdadeiro penacho branco d'Henrique IV, a que todos os cartistas podem reunir-se, porque sempre o encontrarão na estrada da honra.

Passos Manuel representa o principio nacional, é o iris de todos os partidos, a arca santa da paz, e o homem a quem em circumstancias normaes pertence de direito a supremacia politica. Se o encarregarem de organizar a administração, pôde ser que algumas fracções vociferem; mas o geral da nação approva. Os seus collegas hão de ser escolhidos entre os mais habéis, e os mais probos da grande massa politico-intellectual, o seu programma serão as economias e a lei, o seu exercito a força das convicções, e o seu codigo o que lhe entregarem com a pasta; porque desde que elle accceitar a segunda responde com a cabeça pelo primeiro.

Isto posto é claro que todos podem salvar-nos; porque em todos sobra talento e vontade.

Sem nos atrevermos a decidir a quem compete a palma do ministerio, diremos que é d'absoluta necessidade entregal-a a um d'elles; porque o contrario é complicar a situação actual, e condensar muito as trévas do nosso horisonte politico.

Passos representa, como dissemos, *o principio nacional*; Oliveira; *o restaurador*, Palmella *as tres aristocracias de*

exercito libertador em 1832,—juiz de direito da 2.^a instancia do circulo judicial do Porto, commissario em chefe, e conselheiro do tribunal do thesouro,—administrador geral do districto de Vianna, e transferido depois para o do Porto,—deputado pelo Minho em 1826, e senador por Braga em 1840,—despachado Visconde d'Oliveira «em premio dos importantes serviços que prestára ao throno, e á nação» por decreto de 10 de março de 1842, par do reino por carta regia de 3 de maio d'esse mesmo anno; e quer no alcançar dos empregos, quer no obter das mercês devendo tudo á justiça e nada á bajulação dos poderosos, Visconde d'Oliveira não carece de que o nosso humilde brado o apregoe para que Portugal reconheça que se são raros cidadãos de tantos meritos, não é menos raro encontrar-se-lhes reunida a extraordinaria molestia com que os occulta.

sangue, de letras e de capitães, o Rodrigo a moderação, e o esquecimento do passado.

Escolha a soberana como entender em sua alta sabedoria; mas em todo o caso saiba que a nação lhe pede que o faça; porque os olhos dos portuguezes já começam a estancar-se de lagrimas, e é escasso alivio para tantas magoas dizer-se-lhes *que a sua rainha ignora.*

Os reis não devem ignorar que se avexa o povo em seu nome; porque todas as vezes que isso acontece, o povo costuma esquecer o amor que deve aos seus reis. Por Sancho II desconhecer esta verdade, Portugal sabe como o seu nome figura nas nossas chronicas; e lastimosa cousa é lembrarmos de que ao cabo de cinco seculos ainda haja quem careça d'ouvir que D. Garcia de Sousa disse corajosamente áquelle monarcha:—*vassallos somos vossos, e nossas vidas serão os muros do nosso rei com tanto que retireis a vossa graça ao valido* (1). *Contra vossa reputação se fez senhor de vós, e tem sido motivo capital de tantas sedições e ruinas. O nome só tendes tido de rei; porque a mão tem-n'a tido elle pura vos reduzir a serdes governado onde tinheis nascido para governar,*

O desventurado rei escutou-o, mas infelizmente era tarde.

(1) D. Martin Gil.

NOTAS HISTORICAS

(a) No dia da votação, achando-se Alheira já dentro dos corredores de S. Bento, encontrou em cima d'uma das mesas, aonde os deputados costumam receber o correio, uma carta anonyma, em que se lhe dizia que a não ir disposto a *aprovar*, melhor faria em se recolher a sua casa; porque do contrario seria demittido. Alheira leu, e depois de a mostrar a alguém que estava presente, accrescentou abrindo ao mesmo tempo a porta da camara; *eu vou responder*. Passados poucos momentos tinha com effeito dado uma resposta cabal; porque o fez em presença do parlamento, regeitando todas as leis da dictadura.

(b) Esta nota foi citada por engano.

(c) Sendo certo que as cousas pequenas caracterizam melhor do que as grandes, contaremos o seguinte facto d'Albano, que póde dar idéa do individuo. Era por fins da sessão de 1845 quando aconteceu que no bairro em que Albano habitava se encontrasse um homem morto na rua; e como o administrador do julgado quizesse proceder nos termos da lei, dizendo-se-lhe que proximo d'aquelles sitios morava um facultativo, officiou-lhe para que assistisse ao auto d'exame; porém não andando infelizmente em dia com a pragmatica, e ignorando o tratamento devido, teve a desgraça d'arrumar ao doutor o de senhoria. Este proceder agastou Albano, que pelo mesmo portador do officio replicou nos termos seguintes, *melhore o tratamento no d'excellencia, e feito isto verei o que resolvo*.

Não sabemos se o administrador o fez; mas é certo que no dia immediato batia á porta de Albano uma mulher de baixa extracção, porém decentemente trajada, que tanto instou quoria fallar-lhe até que o conselheiro appareceu, e então ella se exprimiu assim, *disseram-me que v. m. é doutor, e como eu sou enferma queria que v. m. me receitasse*,

Albano cuidou de descrever com o atrevimento, e contando depois o caso aos seus collegas, attribuia tudo a *desafurada manobra da opposição*,

(d) N'uma das reuniões do governo civil diria Costa Cabral, fallando das despezas a cargo do seu ministerio, e encontrando-se presente Castilho e Lacerda, *a costeação dos jornaes é uma das verbas em que se dispende muito; porque, como todos nós reconhecemos, ninguem escreve a favor do governo senão pagando lhe o trabalho.*

A' vista d'isto parece que se o governo não pagasse, até as duas pennas de perú, que rabiscam a Restauração e o Correio, escreveriam contra elle.

(e) Moura Coutinho teve de vencer grandes difficuldades para alcançar o diploma de deputado em 1842. Poucos dias antes da reunião dos collegios vimos nós uma carta sua, escripta para certo amigo do Porto, em que se desculpava de não lhe poder proteger a candidatura (porque tambem este era candidato) em consequencia de ter a sua propria no maior fisco, apesar dos muitos esforços que dizia ter feito.

E de facto os cabraes tinham-lhe promettido que o fariam eleger, porém Moura Coutinho não os acreditava. Só elle é que sabe os motivos que tinha para isso; mas a verdade é que o resultado das ordens e contra-ordens, que a esse respeito se expediram para Braga, foi não apparecer o seu nome na lista d'aquelle collegio. Depois vingou pelo Algarve, e hoje são amigos de boa feição.

(f) Muitas vezes se tem insinuado, mas ainda ninguem affirmou, nem se julgou habilitado a sustentar a these de que José Bernardo forceja por derrotar o irmão. Isto porém é verdade, e nós temos provas evidentes do facto. Talvez que um dia as publicuemos.

(g) O duque da Terceira tem inquestionavelmente um coração cheio de bondade, e custa a crêr como tolerou que nas ultimas eleições se perpetrassem tantos horrores em seu nome. Se elle tivesse como nós a certeza de que se assassinavam sete ou oito individuos, e espancavam talvez mais de tres duzias, só para que José Bernardo blazonasse de ter vencido, é muito de presumir que se corresse de pejo, e maldiscesse a hydrophobia de tal collega.

(h) Supposto seja geralmente sabido que Rodrigo tran-

sigiu com a opposição de 1838 sobre a approvação das eleições d'esse anno, concordando em haver por validas as de todo o reino, a preço de lhe darem por nulla a de Braga; talvez haja quem ignore que o motivo que a isso o levou foi o desejo de fazer elogor por aquelle circulo o *litterato* Gomes de Castro, que segundo a sua opinião d'esse tempo, era absolutamente necessario na camara. Bem ou mal calculado, Rodrigo dizia d'esta maneira;—*annuladas as eleições de todos os circulos, aonde effectivamente apparecem irregularidades, o maior triumpho que o governo pôde obter, é de nove a dez deputados,—Braga dá quatro,—Castro vale seis,—seis e quatro dez,—quem de dez tira um ficam nove,—nove é o que tinhamos acima,—ergo a victoria de Braga cobre a perda de todos os demais circulos!*

Talvez que a alguém pareça irrisorio, porém affirmamos que é factó! Chamou-se a isto *alta politica*, e quem a não entendeu passou-se-lhe carta d'estupido.

(i) Passa como de Gomes de Castro (e parece que com justa razão) um celeberrimo artigo de fuudo do *Diario do Governo*, cujas primeiras palavras são as seguintes—*a historia é do futuro.*

Não commentamos a phrase porque a suppômos superior a todo o commento. Historia do futuro, a não ser a do padre Vieira, só a poderia escrever algum dos quatro prophetas maiores Izaías, Jeremias, Ezequiel, e Daniel. Tirados estes quem escreve historia e sempre do passado.

(k) Tojal saca algumas vezes sobre a sua firma para acudir ás urgencias do estado, e sabemos que o faz com muita promptidão sempre que a necessidade é *real*.

(l) Na sessão de 1842 quando os cabraes fizeram representar Gorjão como primeira figura na desgraçada farça da deputação parlamentar, que pediu a reconstrucção do ministerio, sabido é que lhe estava promettida a pasta das justicas, caso as cousas desfechassem como se esperava. O exito foi com effeito feliz; porém a Gorjão succedeu como á pega d'Ovidio, —perder a despeza e o trabalho.

Ha quem affirme que chegara a ir ao paço, vestido em

caracter, para agradecer a nomeação á rainha; porém que encontrando quem o avisasse, voltou *desconcertado* para casa, amaldiçoando a armadilha em que tinha cahido.

Hoje não descobrimos como se lhe possa abrir caminho de ministerio, a não ser pela exoneração d'Antonio Bernardo e transferencia do irmão para a pasta do reino; e por isso é muito de presumir que na primeira occasião que se offereça Gorjão siga as partes de Silva Cabral para derrubar o Antonio.

(m) Obscuro no seu estylo epistolar não menos que nos seus discursos, Rodrigo parece que faz timbre de se explicar por enigmas. Ahi vae um exemplo. Pedindo-lhe, ou mandando-lhe pedir Passos Manuel uma carta de recommendação eleitoral para certo influente da Villa de Barcellos, afim de que cooperasse com a opposição na eleição camararia de 1844, Rodrigo deu-a, e dizia pouco mais ou menos como segue:—*Rogo a V. S. que empregue todos os meios ao seu alcance para que ahi se eleja uma camara no sentido puro e genuino da carta, etc.* Sentido puro e genuino da carta! Ora eis aqui o que é fallar claro.

Segundo o entender de Rodrigo, a carta mesmo como pendão politico póde ter dois sentidos; um puro e genuino, que é decerto o que elle lhe dá, e outro adulterado, que é provavelmente o que dá o governo. N'isto não temos nós duvida; mas a difficuldade estava em encontrar hermeneuticos *ad hoc* n'aquellas remotas terras do Minho.

Aonde quereria Rodrigo que o seu amigo os fosse buscar?—as ruinas do Castello de Faria, ou aos Borguinhões da serra d'Arga!

Valha-nos Deus com tanta pequice, que é d'onde nos vem muito mal.

(n) Uma cousa curiosa de ver seria o modo porque Rodrigo procedia a respeito d'Avila e Dias d'Azevedo, caso o encarregassem d'organisar o ministerio. A quem preferiria elle para lhe entregar a pasta da fazenda!—a Avila que tem independencia, ou a Dias d'Azevedo que não tem nenhuma?—a Avila que sempre diz o que sente, ou a Dias d'Azevedo que nunca sente o que diz?

Só o facto nos póde enganar.

(o) Logo que a dictadura publicou o decreto do 1.º d'agosto, Duarte Leitão pediu passaporte e embarcou para Cadiz. O ministerio porém parece que se compadeceu d'elle, e que lhe fez aviso de que podia recolher comtanto que não votasse contra o governo: Duarte Leitão recolheu, e depois d'isso nunca mais voltou á camara.

(p) Chamamos-lhe *anti-politica* por dois motivos: o 1.º porque não reputamos muito politico tudo que não fôr estritamente legal; e o 2.º porque a não ser a *invejosa* precipitação com que se fez, ha muito que o ministerio teria cahido.

Uma firma que não tem desconto, e que se acceita *mesmo em segredo* por mais avultados que sejam os seus saques, dizia-nos algumas semanas depois da quéda d'Almeida,—*até aqui o ministerio não fez senão sustentar-se, porém agora está senhor do paço.*

E este *indagador de vidas* alheias dizia effectivamente a verdade, porque ninguem está em circumstancias de a saber como elle.

(q) Não affirmamos que esta medida se adoptasse em todos os districtos do reino, mas é certo que algans houve aonde os administradores dos concelhos receberam ordem dos governadores civis não só para colligir todos os factos praticados pela opposição, senão para lhes addicionar uma relação nominal de todos os opposicionistas alli residentes com as precisas declarações de seus cargos, occupações, estado, e condição a que pertencessem.

Em França tinha-se feito o mesmo durante o ministerio Polignac, e quando este cahiu, encontrando-se aquella lista entre os seus papois reservados, chamavam-lhe *lista de proscricção*. Se ella effectivamente existe entre nós dê-lhe cada um o nome que parecer melhor.

(r) Houve tempo em que Silva Cabral, fallando do duque da Terceira, dizia,—*o duque entorpece tudo*. Depois desenvolveram-se-lhe os musculos, e hoje não entorpece nada.

NECROLOGIA POLITICA

ARTIGOS

DE

JOSÈ ESTEVAM

bibRIA



ACADEMIA POLITICA

ARTES

DE

JOSE ESTEVAN

bibRIA

1837

VIEIRA DE CASTRO

Falleceu hoje (1) em Campolide, ás oito horas da manhã, o sr. Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro.

Uma molestia, que a principio não parecia grave, mas que tomou logo um caracter maligno, privou a corôa de um leal conselheiro, muitos portuguezes de um bom e fiel amigo, o partido setembrista de um dos seus mais distinctos e virtuosos caracteres, e a nação toda de um cidadão honesto, a quem adornavam as mais relevantes qualidades, a quem incendiava o mais ardente amor pela prosperidade da sua patria.

O sr. Vieira de Castro tinha adversarios, cujas opiniões respeitava, mas não reconhecia inimigos. Sua alma grande e generosa nunca soçobrou no meio dos perigos. Igual em todas as situações da vida, na desgraça é quando brilhava mais a sua inimitavel constancia.

O nome do sr. Vieira de Castro será recordado entre nós por muito tempo como simbolo da mais escrupulosa probidade: a delicadeza das suas maneiras, que tão agradavel tornava a sua companhia, não o abandonou entre os soffrimentos de uma dolorosa molestia, e a coragem que mostrou em todas as situações da vida acompanhou-o até os ultimos momentos d'ella.

O sr. Vieira de Castro recebeu no longo periodo da sua molestia mostras da estima, e consideração em que era tido por todas as classes da sociedade d'esta capital, que manifestaram o maior interesse por uma vida, que todos julgavam util. Muitos dos que maiores receios mostraram d'esta perda, podiam considerar-se como adversarios politicos do illustre finado.

(Revolução de Setembro—1842).

SILVA E CASTRO

Morreu, já não podemos duvidar (2), um dos fundadores d'este jornal, e morreu na defeza dos principios, para cuja sustentação elle foi instituido.

(1) 20 de setembro de 1842.

(2) Quando morreu Silva e Castro, todos os jornaes deram a noticia da sua morte; a «Revolução de Setembro», porém não disse palavra;

Levaram-no os acasos da guerra ao lado do veneravel Alvaro das Povoas, e em breve a conformidade d'um patriotismo desinteressado os ligou em muito estreita amizade.

Em terra estranha recebeu do seu novo amigo as honras funebres, que lhe continuamos aqui n'esta sentida, e curta commemoração da sua vida.

E' a primeira perda que soffre esta pouca numerosa, mas devota milicia, que n'esta folha tem defendido sem descanço, e com coragem os foros, e a honra do paiz em que nascemos.

O nosso primeiro lucto não é inglorio, nem é pequeno testemunho da sinceridade das nossas crenças. O nosso amigo morreu entre a revolução e a coallisão, e estes foram os dous grandes principios que proclamámos, depois que fomos lançados fóra da arena constitucional por exclusões arbitrarías, e a golpes de bayoneta.

O sr. Joaquim da Fonseca Silva e Castro foi um d'estes homens que no começo d'uma lucta politica alcançam logo as phases, porque ella tem de correr, e se dispõem a segui-la com proposito de combater até á derrota ou á victoria, sem desanimar com os revezes, nem confundir os recontros com as acções decisivas.

O nome do sr. Castro apparece á frente da resistencia levantada em 1840 contra a reacção, a que serviram de pretexto alguns pequenos tumultos, que podiam acaso desculpar medidas repressivas, mas que não auctorisavam a entrega de todas as liberdades publicas ao furor tonto d'uma côrte imbecil.

O sr. Castro soccorreu-se então da imprensa, e fez um tão notavel ensaio de jornalista que o publico ajuntou ao seu nome o da sua folha (1), e assim os honrou até hoje com a sua lembrança e com as suas saudades.

Desde esse tempo o sr. Castro nunca mais largou as o motivo era José Estevão haver dito que elle é que escreveria sobre esse triste acontecimento. Passaram dias apoz dias, e o artigo sem apparecer, então Mendes Leite fez vêr a José Estevão que não parecia bem que o jornal ficasse assim silencioso, O tribuno, escreveu afinal o artigo que hoje publicamos e cujo começo é a desculpa da demora havida.

(1) «A Lança».

almas e nem perdeu vista do inimigo. Desde o armario do arsenal aonde foi preso em 11 d'agosto quando procurava completar o seu armamento, até a memoravel jornada da Serra da Estrella, que foi talvez o remate da nossa melhor reputação militar, sempre o sr. Castro trabalhou, lidou, combateu, não pela supremacia d'um partido sobre outro, do que não passa em muitos o patriotismo, e a illustração, mas pelo estabelecimento d'um governo livre, e civilizador, do que elle conhecia bem as condições e os resultados.

Nós deixamos completar a um amigo dos mais intimos do sr. Cabral a noticia da sua vida que elle pôde particularisar melhor do que nós, e que lhe agradecemos como uma corôa lançada sobre a sepultura do nosso collega.

(Revolução de Setembro—1848).

LEONEL TAVARES CABRAL

Vimos da morada dos mortos. Cerrou-se a campa sobre mais um cadaver. Estava dentro a ossada d'um amigo nosso, que nos vira na estreia da vida publica, e que nos amára com affecto paternal. E' o dono do jazigo. Cercam-no os despojos de seus parentes. Recebeu mais n'esta derradeira hospedagem um familiar em crenças. Juntaram-se no sepulchro os que viveram juntos nas luctas civicas, os que pozeram seus nomes em famosos actos parlamentares, os que metteram hombros a grandes empenhos politicos, os que se dedicaram com egual fervor á causa da liberdade e da civilização. Santa irmandade de principios! Santa irmandade do patriotismo! A terra da sepultura ainda te consagra melhor do que as faxas do berço!

Estava tanta gente viva triste, e lacrimosa diante da morada dos mortos! Triste de que? De saudade? Seja. O mundo é farto de creaturas mas pobre de virtudes e affectos. Uma que falte de boa companhia, faz-nos a vida mais enfadonha. Choremos pois, mas choremos por nós. O que se finou ou vae cansado de penar, ou de fazer penar os outros. Allivia-se a

si, ou allivia os seus sócios na peregrinação. Os que saem da vida sem fazer mal nem bem, não viveram. Os seus obitos não se registam. Entes inuteis, chama-os a natureza para operar com elles novas creações; e quando ella os mata, conheceu que errou em os ter gerado.

Diante do feretro do sr. Leonel Tavares Cabral apossederara-se de nós um desejo. O respeito do logar, o lucto dos circumstantes, e a solemnidade da dôr, acovardava-nos de o manifestar. Quizeramos animar o finado por instantes, levantalo em pé, fital-o rosto com rosto, pôr-lhe a mão direita sobre o coração, e perguntar-lhe em nome de Deus e dos homens, se julgava que lhe tinhamos odio, que reputavamos em pouco a sua pessoa, que não respondiamos pelas suas intenções, que duvidamos do seu amor á liberdade. Audacioso pensamento! Pretensão orgulhosa! Que importa a Deus que fiquem jastas na terra as contas entre dois homens, quando elle quer chamar algum ás contas eternas! Que importa a Deus que fiquem incertos os juizos do mundo, quando elle vae pronunciar os seus supremos juizos!

Ha tantas coisas a amar na vida publica, que não sabemos como alguém tenha coração e tempo para se sujeitar ao odio, a esse martyrio da sensibilidade, a esse supplicio moral. Amar a liberdade, amar a patria, amar os seus feitos passados, as suas esperanças de engrandecimento, amar o bem de tantos, e aborrecer um homem só! Oh! isso é impossivel! Não cabem tamanhas inconsequencias no sentimento. A cabeça, que é toda nossa, póde com estes absurdos. O character, que é de Deus, repelle semelhantes miserias.

Não digam mal da morte. Quem supportaria a vida, se não tivessem de morrer? O homem, que se afadigou durante toda a sua existencia por aterrar a calumnia e destruir as sem-razões da opinião, vingase, com morrer, de seus detractores e adversarios. As invejas, as suspeitas veem prostrar-se arrependidas diante do sepulchro, e desdizer em epitaphios pomposos as murmurações com que pretenderam denegrir caracteres immaculados. E a morte d'um homem é justiça para muitos. A consciencia publica depura-se vendo o nada das

coisas humanas, e n'estes intervallos de puridade revoga as sentenças com que tem diffamado os innocentes.

Tivemos tanto odio ao sr. Leonel Tavares como elle teve aos seus adversarios. Ninguem foi tão conceituado de iracundo. Ninguem foi tão temido. Pensava-se que todas as suas palavras eram machinações horriveis, que todas as suas colleiras eram provocações á vingança, e em toda a sua vida não ha um só acto que justifique as erroneas apreciações que se fizeram do seu character e os horrorosos epithetos que por muitas vezes lhe ajuntaram. O sr. Leonel Tavares era um homem affectuoso, compassivo e generoso. Naturalmente irritavel, escondia algumas vezes estas qualidades debaixo de apparencias irosas; e os que se deixavam illudir por ellas, attribuiam-lhe defeitos que elle não tinha.

Altos dotes de homem publico possuia o sr. Leonel. Era dedicado, e a sua dedicação fazia-o descuidar os interesses proprios. Tinha a coragem do ataque e a coragem do infortunio. Emquanto podia mantinha-se na brecha. Quando ja não podia, folgava de estar nobremente no captiveiro. Era incansavel na vida politica. Não se lho dava até de provocar o martyrio para excitar a animadversão publica contra os seus adversarios. Não lhe importava que passassem por cima d'elle comtanto que seu corpo maltratado podesse excitar a opinião publica e despertar o amor ás garantias constitucionaes.

A pobreza no sr. Leonel é o timbre do partido a que elle pertencia. Mil occasiões decerto se lhe offoreceram para grangear grossas fortunas. A sua probidade devia ser resistente, porque as alliciações não faltam em volta dos homens que como o sr. Leonel tiveram tantos annos de vida publica e preponderavam em tempos de grandes negociações e interesses.

O sr. Leonel deixa uma familia. A nação cumpre um dever adoptando-a. O sr. Leonel deixa uma memoria honrada. Os homens publicos devem guardal-a como um exemplo e um brazão. O sr. Leonel deixa esforços e victorias no partido popular. Este partido deve rastejar a sua estrada, continuando a sua obra.

Soldado da civilização o nosso officio é batalhar a caminhar. E' longa a estrada que temos para percorrer. Os homens succedem aos homens, as gerações ás gerações. O trabalho social não acaba. Os seus obreiros não descansam. Choremos os amigos e votemos á patria o ceração.

JOSÉ ESTEVÃO. (1)

(*Revolução de Setembro—1853.*)

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP

Falleceu no dia 15 do corrente (2) o ex.^{mo} sr. Anselmo José Braamcamp: a sua memoria será sempre tida em respeito pelas eximias virtudes que ornavam aquelle distincto cidadão; votado á causa da liberdade da sua patria; collocado em posições elevadas foi sempre julgado um benemerito; foi escolhido ministro dos estrangeiros no governo instaurado depois da revolução de setembro de 1820 em Lisboa, e occupou este cargo até á vinda de el rei D. João VI e foi eleito membro do conselho de estado na fórma d'aquella constituição; as suas opiniões nas assembleas legislativas d'aquella epoca foram as de um liberal sem mescla. Veio o despotismo de 1823 e aquelle amplissimo barão preferiu viver em paizes extranhos a testemunhar as desditas da sua patria; restabelecido o governo constitucional voltou a Lisboa, e pela quéda d'elle emigrou outra vez para França; a sua reputação n'este paiz era tão honrosa para elle como para a sua nação. Triumphando de novo a liberdade foi eleito duas vezes presidente da camara municipal de Lisboa, deputado na constituinte de 1837, e depois senador pela nova constituição politica. Outros principios presidiram á eleição da camara actual, e aquelle cida-

(1) E' este um dos pouquissimos artigos de José Estevão que traz o seu nome, e a sua assignatura aqui é uma prova da sua nobilissima alma, pois tendo ha muito cortado as suas relações particulares e politicas com Leonel Tavares Cabral, tudo esqueceu agora fazendo-lhe o mais levantado elogio que appareceu então na imprensa.

(2) Janeiro de 1841.

dão não obteve uma cadeira no senado de 1840, talvez seja este o maior argumento do seu elogio.

A perda d'este pae, d'este cidadão, e d'este amigo, deixa inconsolavel uma familia virtuosa, sentida a patria, e consternados os amigos. Nós, a quem cabe a communhão dos seus principies politicos, pagamos um tributo de justiça, e de religião fazendo menção honrosa das suas virtudes: a patria de quem merecia, o teria melhor recompensado, se muitas vezes os emulos, os odios, e as agitações politicas a não pozessem em antigo uso, de esquecer e talvez damnar os seus mais virtuosos filhos.

O funeral teve lugar na igreja dos Martyres, e uma brigada de todas as armas lhe fez as ultimas honras como a ministro de estado honorario: a benção da posteridade acompanhará com saudades a sua memoria.

(Revolução de Setembro—1841.)

biblioteca
D. MARIA II

Falleceu a rainha, mas não falleceu o supremo magistrado da nação. Nem mesmo os reis absolutos morrem. Fimado um, levanta-se outro. A lei já o tem designado e reputado. A realza, que n'este governo está superior a todas as potencias da terra, como que nem reconhece o poder da morte, muda imperturbavelmente d'investidura. O tempo que medeia entre estas mudanças nem se pôde contar. O luto nunca chega á instituição.

Muito menos morrem os reis constitucionaes. Esses são apenas uma expressão da soberania nacional, uma função governativa, uma formula politica. O individuo não avulta, não pesa, não se encherça. Na realidade é que está a abstracção. Julgou-se preciso na hierarchia social um espaço defeso a todas as ambições, e para o segurar melhor contra ellas occupou-se esse espaço. Julgou-se preciso no machinismo administrativo um poder inalteravel, uma força perenne, um limite, um regulador, e attribuiu-se este complicado trabalho,

efeito natural das instituições, a um ser vivo, a uma personagem convencional.

Morreu pois a rainha, mas ficou a dynastia; ficaram os poderes legitimos; ficou o voto nacional; ficou o povo que faz os reis, e que provê sempre por qualquer modo á sua propria governação.

Mas o que findou com a rainha, foi o primeiro reinado depois do systema constitucional; foi o reinado installador d'esse systema; o reinado contemporaneo das suas primeiras luctas; o reinado sob cuja rubrica se traçaram os fundamentos da nova sociedade portugueza, o reinado sob cujo nome foram lançadas á terra as sementes da nossa serodia e infesada civilisação.

O principe que se deixou fazer rei para tornar uma colonia em nação, e que segura esta obra, cingiu uma espada para libertar um povo, morreu tendo apenas repousado poucos dias á sombra dos louros de tão gloriosa empreza. Desde então tem successivamente cahido na sepultura muitos dos generaes que o acompanharam nos perigos da guerra; muitos dos conselheiros que em dias angustiosos o egualaram em impavidez e esforço; muitos d'esses homens em fim que vindo de terra extranha mal beijaram o torrão da patria sofregos de pelejarem em defeza d'elle, e que apenas o libertaram correram a fartar saudades de familias, a perdoar affrontas, a agasalhar inimigos, a grangear fortunas devastadas pelas discordias civis, ou a servir o estado em modestos empregos, mesquinha recompensa de seus muitos sacrificios e infortunios. Honrada familia de liberaes, de crenças vivas, de fé pura, sobre quem nunca poderão, nem os favores do poder, nem as suas malquerenças, nem os seus arbitros.

Honrada familia de liberaes, d'esses liberaes iniciadores, homens crestados da polvora, macerados de fome amarrelcidos pelas masmorras, torturados pelo exilio, e que espalhados na terra que é duas vezes nossa, uma pelo direito do berço, outra pelo direito do resgate, conservastes, sempre immaculado o dogma, a dontrina, por que tanto sangue e lagrimas se derramaram. Estaes, nobre familia, bem rareada,

bem reduzida, bem proxima a sair inteiramente do livro dos vivos, e entregar á nossa gente o fructo das nossas fadigas, das nossas dôres e das nossas gentilezas.

Ainda ha pouco a rainha que ora ajoelha deante do throno do Altissimo estava ajoelhada deante d'um leito d'enferma. Essa enferma era sua irmã. Ambas filhas do principe instituidor, ambas coevas dos tempos de sangue e gloria, ambas nascidas em berço real, e expostas nos primeiros annos da vida aos revezes da fortuna, ambas entroncadas em uma geração de ideias, ambas baptisadas n'um gremio politico, ambas representantes de tradições populares, abraçaram-se na terra com profundo enternecimento, com dó universal para se abraçarem pouco depois no seio da eternidade, na mansão dos justos. Uma, dama forte e mãe exemplar, outra, donzella timida, filha estremecida, a ambas cobriu depressa o pó da sepultura, ambas passaram ao quadro mortuario em que está figurada a epoca mais revolucionaria da nossa terra.

Mas todas estas mortes são glorias, são triumphos—glorias, triumphos para o que ha no mundo verdadeiramente grande, alto, sublime—a sorte dos povos e os progressos da humanidade. Foi-se o legislador e o capitão da liberdade, e a liberdade, não pereceu com elle. Vai-se a rainha a cujo direito dynastico a liberdade se amparára, e a liberdade fica vivendo da sua propria vida. As instituições tem entre nós resistido por longo tempo á acção desregrada dos partidos, á ambição turbulenta dos estadistas, ao desleixo governativo, ás corrupções desaforadas, ao desequilibrio dos poderes, ás exaggerações populares, ás restricções governamentares. As liberdades publicas, por vezes expressas e cercçadas, quebraram afinal todas as prisões, restabeleceram todo o seu poderio, e nem mesmo nos dias de maior provação esconderam o seu direito, nem appareceu alguém que se atrevesse a negar-lh'o despejadamente. Ver-se-ha que tendo ellas arrostado com tantas tribulações, pódem agora com mais este revez.

Deixemos que o tempo vá passando sobre tantas ossadas, e aguardemos desassombrados a nossa vez. Recordemo-nos sem sobresalto das luctas que temos presenciado, dos

contratempos que temos perseguido; vejamos a ideia de sobreviver aos homens que a conceberam aos braços que a defenderam. Deixemo-dos ficar sem susto debaixo da abobada que está já sobreposta e calcinada. Tirem-lhe todos os simples que a amparavam. Descancemos na geração nova. Estamos já sob a sua tutela, sob o seu influxo. Confieemos na razão publica, nas massas populares. Choremos os golpes da morte, mas não tememos os perigos politicos.

Mas os que restamos dos tempos primitivos temos um grande dever a cumprir, um timbre a satisfazer. Cumpre-nos dar o exemplo de fortaleza e prudencia. Cumpre mostrarmos sobranceiros ás calamidades publicas, e sablimar as virtudes da nossa creação.

Passamos pois entre nós—entre aquelles de nós que sempre fomos fieis ao dogma, aquellas palavras prestigiosas com o que nos dias atribulados levantavamos os animos, e assoberbavamos a morte, agreguemos fraternalmente ao nosso culto as almas juvenis já aquecidas pelo fogo da liberdade politica, que tanto nos custou a grangear, para que ella seja transmittida intacta a nossos mais remotos descendentes como um legado de familia, como um encargo de honra, como um juramento sagrado.

Os reis constitucionaes não tem mechrologia politica. A sua inviolabilidade dá-lhe privilegios além da capa. A historia para não contradizer as instituições, deve ser silenciosa ácerca dos seus actos governativos. Nem póde ser d'outro modo, porque taes actos não se suppõe existir. Estes reis reinam só.

Mas a rainha reinou em tempos anormaes.

Foi um character publico, talvez o mais decidido, o mais pronunciado, o mais energico do nosso tempo. Não é occasião, nem nós queremos apreciar o e julgal-o.

Uma grande verdade devemos á sua memoria. Confessamol-a e proclamamol-a com intima satisfação. Desejaramos que a defuncta a pudesse ouvir. A rainha nunca trahiou em seu animo o principio politico a que deveu o throno. Nunca conspirou para a destruição das liberdades que seu pae lhe

encarregou de manter. Nunca se sorriu para as prerrogativas e para os titulos do poder absoluto, nunca pensou pôr o seu nome em decreto que abulisse as instituições constitucionaes. Nunca tencionou assentar-se em throno cimentado no prejuizo e na ingratição. Folgava de segurar a sua auctoridade, e para a segurar não duvidava exaggeral-a. A sua vontade era indomavel, o seu instincto penetrantissimo. Tinha força, vocação, qualidades para ser mais do que rainha constitucional, mas não tinha impiedade filial, e a baixa coragem de o ser. O seu espirito era talvez maior do que a sua missão e de que o seu povo. Os seus commettimentos deram a medida do seu arrojo, e as suas proprias correções a medida do seu juizo.

E os ultimos annos da vida da rainha foram tempo para ella provar todos estes dotes. Deus, como que não quiz deixar mal avaliado o character de tão notavel senhora, estendeu-lhe a vida para que a seu respeito se illustrassem os juizos humanos.

Todos sabemos como a revolução de 1848 fez renegar as doutrinas constitucionaes a reis, a príncipes, a sabios, a estadistas, a proceres e a populares. Todos sabemos com que afan, com que zelo se travaram desde então as alianças para desterrar do solo europeu os principios de razão, de direito e de humanidade, que foram o resultado de lucubrações desapaixonadas, de experiencias infelicissimas, e de calamidades tremendas. A rainha encarou com o seu natural desassombro esta vaga politica e ousou oppor-lhe a pequenez dos seus estados. Declarou-se sem reboço contra todas essas tentativas libertecidas, e assim como só na Europa em quadras de geral tranquillidade viu seus povos revoltosos e inquietos, tambem n'esta deturpação e flagello universal decidiu concorrer por sua parte para que não entrasse em nossa terra o contagio reaccionario, a vertigem oppressora. As suas ideias sobre a politica da maior parte dos soberanos europeus eram conhecidas. Nem a rainha se acanhava de as declarar. Dizia-as aos embaixadores, dizia-as ás pessoas suas conjunctas. E não se contentava de exprimir a sua opinião: empenhava a sua auctoridade real para a converter em factos politicos, protestando

pela liberdade do seu governo, pela independência de seu arbitrio. Fazia-se *Cassandra* dos desastres que ella antolhava consequentes dos excessos do poder, e doutrinada com proprias lições, desejava que ellas aproveitassem a suas parentes pelo sangue e pela dignidade.

Mas onde a rainha reinou e governou foi no centro da sua familia. Alli, amando e respeitando seu marido, assumiu ella os poderes todos e fez d'elles o mais edificante uso. Aquella constituição foi legislada por ella, aquelle povo por ella foi morigerado. Alli se revelaram todas as faculdades. Alli se estampou a sua iudole. Perfeita mãe, seria uma rainha sem igual se os estados se podessem governar como as casas, os ministros como servos, e os subditos como filhos.

Filhos! Para estes é que devem ser todas as lagrimas. Estes é que devem chorar sempre, por que estes é que perderam tudo. Sim tudo, porque não gosam já adultos, com a sciencia do mundo e do coração, o mais puro, o mais sublime, o mais consolador, o mais delicioso, o mais necessario, o mais infavel de todo o amor feminino, o amor de mãe, o amor conselho, o amor cuidado, o amor respeito, o amor submissão, o amor em que todo o sacrificio é mino, e todo o prazer virtude.

Mas a morte da rainha é uma grande admoestação para os partidos. Façamos todos exame de consciencia já que Deus nos avisou n'um dos poderes da terra. Os partidos tambem são poder, tambem teem vida, e são chamados a contas. E' no interior dos seus archivos, e não sobre a sepultura dos reis, que se faz o inventario das prosperidades dos povos. Acabou já um reinado depois do systema constitucional, e se foi pequeno para a vida da rainha defuncta, não o foi para o tempo que costumam passar no throno as testas coroadas. Que fizemos duraute esta epoca? São 19 annos preciosissimos pelos acontecimentos que n'elles correram, pelas descobertas que durante elles se fizeram, pelos beneficios sociaes que se inventaram, pelas uteis emprezas que se levaram ao cabo. Aproveitámos nós todas estas vantagens, imitámos todos estes exemplos? Comprehendemos o espirito do nosso seculo? Demos ao

paiz todos os melhoramentos que lhe podiamos dar? Levantá-mos cada classe á altura a que ella podia subir? Honrámos a geração a que pertencemos, a nação que nos deu nome? Responda cada um a si, responda á sua consciencia, que é o mesmo que responder a Deus.

E seja o que temos feito aviso para o que temos de fazer. A rainha morreu deixando inaugurada uma politica. Poz-nos de preceito o seu exemplo. Os ultimos actos da sua vida constitucional formam o seu testamento. A paz de que temos gosado deve-se-lhe em parte. Esta confissão é hoje desinteressada. Poucas vezes calamos a verdade, e nunca a podemos negar. Se a tivéssemos dito ha mais tempo, talvez prejudicássemos a causa do paiz, e desauthorisássemos inutilmente a nossa pessoa. Mas a morte que põe termo a muitos males, tambem cria muitas isenções.

Estamos em regencia. Esta especie de governos não é muito. Dizem que elles são fracos e vacilantes. Não o ha de ser esta. Temos muita confiança no principe a quem fica encarregada por curto espaço a corôa de seu filho, e as liberdades da nação. Esperamos tudo das suas altas qualidades, do seu nobre character. O ensejo é favoravel.

O paiz tem intelligencia, vontade, e cordura. O regente sabe melhor do que ninguem o que nos falta. Julga-nos merecedores e capazes de tudo. Não tem medo do seculo em que vive, nem do povo que é chamado a reger. Tem andado entre nós. Tem participado das nossas angustias, e das nossas misérias. Sabe que a realza é uma função publica, e comprehende os deveres d'ella. E' bondoso e leal. Possui as qualidades caracteristicas do povo portuguez. Não tem vaidade, nem ambição. Ama as coisas pelo que ellas valem, e os homens pelo que elles prestam.

A sua regencia deve servir a iniciar seu filho no systema constitucional, e a dar ao paiz os bens capitaes, que as luctas politicas, e a corrupção dos espiritos lhe tem por tanto tempo addiado.

Inclinemo-nos pois diante do feretro da rainha defuncta, lamentemos sua familia que lhe era tão cara, e saudemos e

ajudemos o regente, cuja intenção é de certo tão boa como a alma que tem pintado no rosto.

Um regente plantou n'esta terra as liberdades publicas, plante outro entre nós a civilisação sem a qual ellas não podem arrear-se nem medrar. A obra é de todos e para todos. Empenhemo-nos portanto n'ella com animo leal e resolutio.

(O Campeão do Vouga—1853.)

DUQUE DA TERCEIRA

Soou a ultima descarga. Recitou-se a derradeira oração. O mundo esmerou-se em obsequios: a religião não differencou as suas santas palavras. Está em S. Vicente mais um cada-ver. Na presença de Deus mais um espirito.

Mas entre nós, na vida publica, no trato particular, no exercito, no parlamento, para a confiança nacional, para o contentamento de todos, para a bemquerença geral, ha uma falta, e uma falta irreparavel. Morreu o duque da Terceira!

Não tarda que experimentemos devéras essa perda. A saudade ha-de crescer com o tempo. Por ora é sentido, e doce; mas ha-de vir a ser insoffrido e amargo.

O duque da Terceira como Deus o fez, como as cousas da vida o affeioaram, era um ente indispensavel á affeição publica. Todos precisavamos saber que elle existia, que estava entre nós; todos folgavamos de o encontrar; a todos pendorava uma saudação d'elle. Servia de correcção ás nossas paixões politicas. Era uma censura commedida das nossas demasias. Sabiamos que se o nosso coração, obedecendo a más suggestões, se sentisse tentado ao odio, desfalleceria n'este peccaminoso desvio da sua natural vocação encarando nós o duque da Terceira e lembrando-nos da sua vida.

A lição muda que elle de continuo nos estava dando, doutrinava-nos sem nos mortificar. Como não exigia que o admirassem, acariava o nosso respeito voluntario. Podia muito em nós, porque não tinha nenhuma pretensão a dirigir-nos. O nosso amor requestava-o, porque elle estimava-o, e não

o provocava. Nunca dava a entender que lhe devíamos muito, e porisso a nossa gratidão media-se pela sua modestia. Nunca nos admoestava com rigor, por isso estremecíamos de lhe desagradar.

As sociedades não se governam só com leis, só com a força, só com a palavra. Ha outro meio de influencia sobre os homens mais poderoso, mais efficaz; os seus effectos são tanto mais maravilhosos, quanto a causa é muitas vezes desaperecebida. O exemplo vale mais do que as maximas, e as doutrinas. Reune as seducções da eloquencia, a verdade dos factos. Desbarata argumentos; dissipa duvidas; emmudece desculpas. Com o exemplo acobardam-se os maus, e aléntam-se os bons. No exemplo tudo é claro, definido, perceptivel. Quem o não segue condemna-se; quem o adopta está seguro da approvação publica.

Ah! Como são valioso, como são uma preciosidade moral, uma fonte de bens ineffaveis, um elemento de disciplina social, um paladio popular, os caracteres lisos, eguaes, nobres, experimentados em grandes provações, e superiores aos lances da fortunál Que ha no mundo que os possa supprir? Que ha no sociedade que possa desempenhar a missão d'elles?

Pois o duque da Terceira foi um caracter d'esta tempera, um homem d'estes quilates, um cidadão d'esta valia. Toda a sua vida foi uma consequencia rigorosa da sua composição moral.

Frequentemente attribuimos á fortuna os feitos dos vaíões illustres. Esta explicação dos elogios alheios, é suggerida pela inveja. Por tal expediente, poupamos o nosso amor proprio e dessimulamos o pezar da nossa obscuridade. O malogro das nossas tentativas, o desconcerto dos nossos projectos, o desfavor dos nossos concidadãos, quasi sempre provém de nós mesmos, e o infortunio contra que nos tornamos, nasce das nossas proprias culpas.

O duque da Torceira é uma prova irrefragavel d'esta grande verdade. Representa por todos os factos da sua vida, o grande principio da responsabilidade moral do homem. Tem paginas illustres da nossa historia e em todas essas paginas

reunidas, está consubstanciado aquelle dogma fundamental da humanidade.

O duque da Terceira não tinha dote brilhante de intelligencia, nem variados recursos de influencia moral. E com tudo este homem sem condições apparatusas de superioridade, foi o homem de grande merecimento de altas façanhas, de inapreciaveis serviços, e gosou mais do que ninguem da estima de seus concidadãos. Quaes são as causas d'esto seu bellissimo sestro? Essas causas estão todas n'elle; com elle nasceram, e com elle acabaram. O duque da Terceira foi embaçado em todos preconceitos aristocraticos, e em todas as sujeições do cortezanismo, e o duque da Terceira desprendeu-se por suas proprias forças, d'estas pequenezas d'educação.

Abraçou pela critica intima da sua intelligencia, as ideias que lhe offereceu como mais justas á sociedade do seu tempo, e logo se dedicou todo ao serviço d'ellas, sem mais pensar em vida, affeições e interesses, quando essas ideias requeriam o seu auxilio e sacrificios. O duque da Terceira era de indole docissima, de coração affectuosissimo, bom sem limites, compassivo sem restricções, e este mesmo homem era bravo sem alarde, bravo sem intermitencias, bravo no meio de todos os perigos, bravo no campo, bravo em conselho, bravo no soffrimento—quer dizer—sobranceiro nos grandes males da vida, aos tremendos lances d'ella. Que significa isto? que o duque era um homem de condição sublime, que a sua alma era forte, que o seu espirito era elevado, e a fortuna não dá, não póde dar estes predicados moraes, estas supremas excellencias. Se as desse, podia mais do que Deus, mais do que as raças, mais do que o sangue, e n'esse caso antes o horror de uma absoluta incredulidade, do que o culto do acaso.

Mas o duque da Terceira, pela rectidão do seu character, pela segurança do seu juizo, resolveu ainda problemas mais difficeis da politica e de moral. Foi um partidario dedicado e leal. Nunca faltou aos seus primeiros compromettimentos politicos. Nunca fiscoou o seu nome da parcialidade em que o inscrevera. Nunca enganou os seus correligionarios, nunca lhe voltou as costas, nunca lhe negou os seus serviços, Como ho-

fiem publico, era independente: como chegado ao rei, fiel. Sahia do paço para uma conferencia politica e apparecia n'ella sem ressabios de cortezão. Voltava da conferencia politica, para os seus officios palacianos, e não dava ahi signaes dos seus pensamentos sobre as causas publicas. Extremava com muito discernimento os deveres do seu cargo, dos seus direitos de cidadão, e em ambas estas posições se mantinha com notavel dignidade.

O duque trabalhou por vezes contra os seus adversarios politicos; foi vencido, chegou a cahir no poder d'elles.

Os aggravos d'essas luctas esqueceu-os; as extincções ficaram indeleveis na memoria. Conversava sobre estes acontecimentos com extrema magnanimidade, e d'esses dias de amargura e de provações, só referia alguma anedocta jocosa, d'aquellas que costumam entremear-se nos transe mais serios da vida, e principalmente nas discordias civis. O duque finalmente tendo de hobrear pelos seus encargos de homem publico, com pessoas de variadissimas extracções e maneiras; tendo de descor da vida ceremoniatica e estudada das altas regiões da sociedade, para a convivencia do mundo, livre e por vezes descomedido, conservava sem affectação os ares e modos da sua educação e gerarchia, sendo lhano e accessivel para todos.

Com esta delicada combinação de franqueza e reserva, cumpria os deveres da sua profissão liberal, sem faltar ás tradições da sua fidalga procedencia—tradições que quando dão de si sómente galhardia, elegancia e bom tom, não humilham, mas agradam e ensinam.

O duque da Terceira morreu ministro; e ministro n'um governo que andava empenhado em medidas e em reformas profundas e largamente progressistas. Estas medidas, estas reformas, eram o pensamento e o cuidado do duque. Ninguem o vira em toda a sua carreira politica, tão interessado e solícito por intuitos, e trabalhos administrativos.

Seguia as fazes parlamentares porque passavam as questões pendentes nas duas camaras, e anceava porque nenhuma contrariedade viesse estorvar o seu andamento e execução.

Seria esta recrudescencia do fervor politico, uma previsão institutiva do seu proximo passamento? Desejaria o homem que por feitos de valor tinha trazido a liberdade á nossa terra, deixando o seu nome vinculado aos mais substanciosos melhoramentos que essa liberdade creou e tem feito adoptar por toda a parte?

Temeria elle, sem d'isso dar tino, que a morte não lhe consentisse accumular mais esta gloria a tantas outras que já havia merecido?

Fosse como fosse. Esta conjectura da morte do duque compraz-nos intimamente. Porque não havia o seu epitaphio ser feito e todo acabado de referencias e notas liberaes e civilisadoras? Porque não haviam de permittir os acontecimentos que elle em vida segurasse a sua memoria d'apreciações deprimentes? Porque modificaria a pureza da crença izenta das diffamações com que o fanatismo politico a quizesse manchar? Porque não terminaria os seus dias um dos fundadores do systema constitucional em Portugal, uzando confiadamente d'esse systema para acrescentar e glorificar a nação.

A Providencia ordenou que assim fosse, e a Providencia foi pista. Ha nos nossos annaes politicos algumas folhas intercaladas, com as quaes foi interrompida a numeração da nossa historia constitucional e em que foram incertas doutrinas contrarias ao escripto primitivo. Estas paginas estão tronçadas. Havias-as mettido alli a paixão do momento, a fascinação do poder, as urgencias politicas e a fatalidade dos acontecimentos.

N'essas paginas liam-se nomes, que só a superstição da lealdade, e a exaggeração do espirito cavalheiresco lá tinham apontado.

Sim. O duque batalhou com a espada, porque lhe batia o coração. Não emprestou o seu sangue nem a sua bravura. Era homem convicto e a sua convicção era o seu norte. Entendia a liberdade e queria-a. Confessava-se seu adepto e suggestava-se aos seus preconceitos. Zelava a sua crença mais do que as honras postiças do mundo e as prozapias da sua classe.

Este amor á sua fé politica, não o desamparou nos ul-

timos momentos; e entre a vida e a morte, repartiu as forças da sua alma, para se declarar religioso, mas liberal.

O duque, que levou ao perigo e á gloria as phalanges constitucionaes, tambem acompanhou á sepultura o maior numero das seus socios de gloria e de fadiga. Está a desaparecer totalmente a geração que inaugurou a liberdade na nossa terra. Para os feitos e para os homens d'esse tempo, começou já a posteridade. A' pressa no ultimo quartel da vida, procura essa geração resgatar o tempo perdido em banalidades revolucionarias, deixando algumas obras que lhe abrandem a severidade dos vindouros.

A gente nova por quem tem de ser dirigida a sociedade portugueza, parece mais insoffrida em tomar conta d'este penoso legado, do que preocupada dos encargos que elle traz comsigo.

Atravessamos a epocha das luctas e do sangue, e atravessamol-á com coragem e humanidade. Se não deixamos um grosso expolio de civilisação, aos que nos intimam á ordem de morte, que lhes entreguemos a causa publica, e offertamos-lhes um rico peculio, de actos civicos e acções valorosas, que elles em circumstancias identicas hão-de não só imitar mas exceder.

Em nome dos poucos que restamos, até que nos vejamos todos em melhor vida, adeus, bom amigo, valente companheiro, invicto general!! Pelejamos batalhas fraticidas. Doía-nos o coração de levantarmos o braço contra os nossos irmãos, mas não nos punge o remorso de havermos feito mal a patria e á humanidade. Pelejavamos de manhã e abraçavamo-nos de tarde. Pelejavamos como soldados e abraçavamos-nos como homens.

Não nos opprime a alma recordar uma vindicta politica, um só assassinato juridico. Respondemos por quantos fizemos. E apezar das nossas desnecessarias contendadas, das nossas desavenças pessoaes, das nossas perniciosas fatuidades, deixamos a terra que nos creou, regida por melheres leis do que ella tinha, quando nos deu o sôr, e gosando de maiores beneficios do que disfructara, quando nos foi dado conhecel-a. So-

bre o vasto tumulo, junto aos vossos tropheus d'armas, que são tambem nossos, revalidamos o pacto que nos uniu na vida. Assumimos perante Deus a parte que nos toca n'esses feitos communs, e sem affrontar a sua justiça, cremos na nossa innocencia, e para alguma falta involuntaria, confiamos na sua misericordia, que imploraveis desde já por nós, emquanto nós continuamos na terra, a obra que tão gloriosamente principiaste e em que tão meritoriamente acabaste.

(*A Revolução de Setembro—1860.*)

D. PEDRO V

A dôr publica é profunda e sincera. O rei tinha a estima do paiz. Havia affinidades intimas entre o seu caracter e o caracter nacional. Estas affinidades já tinham sido presentidas pelo povo. Estava já urdido o laço sympathico que prendia o principe á nação. O tempo havia fortalecel-o, e a governação publica decerto não padeceria por conflictos entre a corôa e o paiz.

Esta confiança estava generalisada, e na morte do rei lamenta-se tambem a perda d'um futuro bonançoso que já era seguro sem comtudo termos menores fiadores d'elle nas qualidades do principe, que vae succeder na corôa.

O rei ambicionava ser amado do paiz, e procurava merecer este amor por todos os meios legitimos e honestos. A sua consciencia não lhe permittia empregar outros. N'estas diligencias morreu.

Os seus estudos, as suas jornadas, as suas visitas ás provincias, todas tinham este fim. Não havia n'este afan designio ambicioso: obedecia aos impulsos do seu coração, e aos estimulos da sua intelligencia. Ainda mais: considerava este proceder como uma obrigação do officio de reinar, como elle chamava á realza.

Esta só denominação, que nunca sahiu outra da sua bocca para designar a alteza do seu estado, denunciava a modestia da sua indole, e a sidadeza das suas ideias. Talvez esta

só palavra explique a sua vida, e adivinhe o enyigma da sua morte—enyigma dizemos, para alludir ao transvio da dôr publica, mas não para significar alguma preocupação nossa.

Não misturemos com a santa homenagem, que se deve aos mortos, com a amargura pelos golpes com que Deus nos quer provar, juizos temerarios, supposições gratuitas e paixões ruins.

A calamidade é uma lição de virtude. A dôr d'alma nasce d'um principio bom e só deve inspirar bondades. A sepultura d'um mancebo sem macula de mau feito, d'um principe purissimo em costumes, isento mesmo de venalidades politicas, é veneranda como o templo, como o altar. N'este caso daver está o poder de Deus, nas saas manifestações mais tresmendas e mais edificantes.

Não se pôdem levar a esta estação de saudade e de religião, tributos de suspeitas e d'odios. As lagrimas que ahi se verterem só devem ser acerbas, porque rebentam da dôr. Nem Deus nem o defuncto acceita outras. Quem não tiver o coração limpo, arrede-se do luto nacional e depure o sentimento antes de principiar a oração religiosa e patriótica.

Como morreu o rei? Porque morreu o rei? A paixão publica é grande e as paixões são inventivas, imaginosas, despoticas, desarrasoadas, absurdas. O sentimento pelas vidas que nos são caras cae em desconhecer o poder dos factos e arroja-se até a negar as leis da natureza.

Não queriamos que o rei morresse. Não acreditamos que o rei tenha morrido. Louca pretensão!—Vã incredulidade!

Os medicos dirão que nome scientifico poderam dar aos padecimentos corporaes que pozeram termo á existencia do rei; e que elementos haveria na sua compleição physica que apoucassem a resistencia ao mal, que o accommetteu.

Esta sentença deve aquietar todos os animos e persuadir o paiz á resignação.

Mas se o sentimento publico quer descortinar causas malevolas, machinações tenebrosas na morte do rei,—se se quer desconsiderar os impreserutaveis decretos da Providencia para substituir a pensamentos d'humildade, concepções peccas

minosas,—se se obstina em não imputar este triste acontecimento ás suas causas naturaes, não nos será permittido investigar se os acontecimentos da vida do rei, e a sua composição moral concorreram muito para apressar o fim dos seus dias?

A consciencia timida do rei, a exaggeração dos seus escrúpulos, os seus desejos de completa perfeição na vida privada e na vida politica, as suas aturadas occupações, os seus infortunios domesticos tinham gasto as suas forças e acabrunhado o seu espirito.

Pouco expansivo no tracto, com um viver recolhido, com o espirito continuamente preso a ideias determinadas, sempre mal contente dos negocios publicos, impossibilitado pela sua lealdade constitucional de metter n'elles a mão mais profundamente, confiando talvez que o poderia fazer com utilidade publica, deixou-se consumir e ralar d'esta complicação d'embaraços, d'aspirações, impossibilidades e conveniencias.

A apprehensão continuada sobre as difficuldades do seu cargo politico aggravada em cada occorrença mais grave, pelo receio de não sair bem d'ella, tinha levado o seu espirito a considerar a arte de governar nos termos d'um problema scientifico, que o trazia sempre occupado. Os espinhos da sua situação não só o pungiam, mas eram o objecto das suas meditações, e todas as suas faculdades carregavam com o duplicado trabalho de resolver os negocios occorrentes e d'investigar, porque modos e com que maximas um rei podia fazer a felicidade dos seus povos, sendo estimado dos contemporaneos, e admirado dos vindouros.

O rei passava, só, largas horas no seu gabinete. Só, não dizemos bem, que o acompanhavam de continuo a consciencia e a historia. Sobresaltado por uma, e estremeccendo da outra o seu espirito luctava no mar d'incerteza, e depois de muito trabalhar, nem acabava satisfeito dos expedientes que se lhe antolhavam, nem das soluções doutrinaes que lhe vinham á mente.

Correndo pelo sentido os casos da sua curta e tormentosa vida não achava n'estas recordações com que robustecer

o seu animo. nem onde repousar o espirito da sua agitação interior.

Rei muito antes da epocha em que o seu amor filial lhe consentia desejar-o, em que a sua siseudeza lhe permittia acceitar a corôa com confiança de bem preparado para os encargos d'elle; viuvo na idade em que a maior parte dos homens não tem ainda escolhido esposa, e no momento em que o seu coração começava a gostar os prazeres de vida conjugal, não havia bem que lhe não viesse do mal, nem ventura que a fortuna lhe não roubasse.

Ferido nos seus affectos intimos, mortificado de desastres, as epidemias parece que esperavam a sua ascensão ao throno para assaltarem o povo. Perseguiu-o a infelicidade como rei e como homem. Dizer-se-hia que a morte estava apostada a trazer-lhe sempre deante dos olhos o seu horror, e este sestro havia de pezar-lhe no coração como um presagio.

Infelizmente as qualidades do rei careciam d'aquelle equilibrio que contrapeza os males com os bens da vida. Nos raros gosos que a sua sorte mesquinha lhe consentiu, sentia sempre o amargo essencial que ha ainda nos affectos mais gratos da vida. Por outro lado o pesar para elle era extremo; não levava em si nenhum linitivo. O seu espirito não comprehendia as attenuações naturaes de todo o infortunio, nem o seu coração era feito para conhecer a *alegria* da desgraça.

A expressão será temeraria, ou infeliz; mas ha nas mais densas cerrações da alma uma luz, embora tenue, que rasga a escuridão, e que nos deixa enxergar ao longe horisontes menos carregados, e ás vezes até risonhos. Para além d'estes horisontes estanceam as consolações humanas, tão variadas e efficazes como são numerosos e terriveis os males da vida. Mas o rei não respirava as auras d'aquella região. Não sabia consolar-se, e falto d'este auxilio indispensavel nos tormentos do mundo decahiu na superstição do infortunio. Julgou-se votado a elle e curvou-se á sua sorte.

Morreu a rainha D. Maria II. O seu reinado tinha sido fertil em discordias civis. Não se assombrava ella de crear inimisades, nem nunca se apartou dos seus propositos pelo re-

ceio do publico. A' noticia da sua morte todo o paiz mostrou a mais profunda tristeza.

Não tinham esquecido as calamidades do seu governo, nem porventura cessado os resentimentos dos seus adversarios, que teve muitos, e nunca lhe importou contal-os. Mas o sentimento do paiz n'esta dolorosa conjunctura participando dos affectos proprios em casos de morte, tinha outra composição e quilates.

Chorou-se a mãe e o pranto d'então ainda foi entrecortado pelos gritos da guerra em que seu pae pelejára pela liberdade. O feretro da rainha teve por ornatos os emblemas bellicosos da nossa grande lucta civil. O partido liberal apresentou-se n'aquella pompa funebre com a tez guerreira e com ademanes de vencedor. A rainha fôra sob o throno a primeira representante da grande victoria liberal e o symbolo da transformação social que por virtude d'essa victoria se operou. A regencia de seu pae ainda foi a revolução. A liberdade como direito estabelecido datava do reinado da mulher forte e d'uma rainha defuncta.

A dôr publica de então foi uma solemne homenagem historica, e um respeitoso tributo de consideração pela memoria d'uma rainha que nunca se deixára arrastar do seu character voluntarioso até faltar ao principio a que devia o throno.

Agora chora-se o filho e estas lagrimas são outras. Chora-se uma alma pura, uma intelligencia esclarecida, um homem todo votado ao bem, um principe temente á lei, um coração bondoso, e um rei liberal. Dizemol-o assim com affouteza porque D. Pedro V estava convicto das doutrinas constitucionaes, reconhecia o progresso como o fim e o dever da humanidade, entendia que a auctoridade real tinha limites demarcados pelos direitos do povo, e que para os governos não havia outra base senão a convenção social, nem outra defeza senão o bem commum.

D. Pedro V simples cidadão, eleitor, deputado ou ministro, na urna, no conselho ou na tribuna seria sempre pelos principios da liberdade e da civilisação. Ora os principios são uma garantia preciosa; e um rei que os tem, os bebeu no seu

proprio estudo e os consubstanciou com o seu caracter é por isto só um grande homem e um palladino nacional. Seguro este unico predicado não vale a pena notar se de envolta com elle havia defeitos de ordem subalterna, que a experiencia viria a corrigir.

Uma gloria suprema assignalou o reinado de D. Pedro V, uma gloria, que a phylosophia social ha-de registrar como um triumpho, a humanidade celebrar como uma honra, e a historia apontar como um exemplo. D. Pedro V não assignou uma só sentença de morte, e não assignava nenhuma. Disse-o a um de seus ministros, tão bondoso como elle, ao apresentar-lhe um processo em que aquella pena vinha imposta. O rei defuncto julgava, que o cadafalso era mais ignominioso para a sociedade do que para os criminosos; que a pena de morte era degradação moral da auctoridade publica; que o carrasco era um professor publico de assassinatos e crueldades; que as execuções eram uma barbaridade inutil, e o sangue das victimas um insulto feito a Deus, e um processo aberto á governação humana.

Este respeito pela vida de homem, adoptado como dogma, e observado como dever, encerra toda a doutrina liberal, e leva logicamente ás mais latas e generosas applicações d'ella. Bastava esta continencia governativa do rei, esta firmeza n'um principio de tão alta justiça e humanidade para lhe dar um logar distincto entre os principes da sua epocha, e para lhe abrir os corações de todos os portuguezes, que detestam o sangue, os flagicios, e as oppressões, e que aspiram á gloria santa do amor, da benevolencia e da brandura, confiando na virtude d'estes meios para a realisação de todas as aspirações sociaes, e entendendo que todas as transformações do mundo moral se podem fazer com elles e por elles...

Morreu o rei! O zelo cortezão de pôr a instituição real acima mesmo da lei da morte, a conveniencia de não admittir pelo menos em doutrina a interrupção do governo do estado, e de conservar para todas as eventualidades activa e tensa a auctoridade publica, fez inventar o aphorismo juridico e politico,—de que o rei nunca morre,

Se tal ficção de direito era admittida e seguida nos governos absolutos, nos governos constitucionaes tem ella toda a verdade possivel, e a elles é mais propriamente applicada.

Morreu o rei! Não morreu com elle a memoria do seu caracter politico, nem dos bons exemplos do seu reinado.— Ajuntemos cuidadosamente todas as suas virtudes e qualidades, e teçamos com ellas a corôa mortuaria que o povo lhe haja de offerter. Conservemos esta corôa como prenda de saudade para nós, e uma instrucção do reinar para seus successores.

Morreu o rei! Mas os poderes que lhe pertenciam e o encargo que lhe incumbia tem mandatarios previamente designados. O governo legal está sempre organizado e composto. E para a vida e para a morte está precipua e inteira a auctoridade nacional d'onde todas as demais se derivam e onde todas se confundem. N'este sentido o rei não morreu porque a nação está viva.

Apartamo-nos por um pouco do mausoleu do finado. O dever civico manda abafemos a dôr, e que rijamos o coração. Voltemos os olhos para o novo throno. Alli, junto a elle, em volta d'elle é o posto da nação, é o acampamento de todos os liberaes. Cerquemos o joven principe das nossas sympathias e da nossa dedicação. Ajudemol-o na governação publica, chamando sobre elle o favor da opinião e apontando-lhe os perigos de a desconhecer e affrontar.

Para bem cumprir este dever constitucional e patriotico é mister conservar mais do que nunca a lythurgia liberal e a dignidade civica. Não nos acerquemos do novo throno como uma chusma de carpideiras, querendo cada um fazer sobresahir a sua voz sentida n'este côro funerario. Não nos acerquemos do novo throno sem regularmos a nossa apresentação, e medirmos as nossas homenagens.

Vamos em attitude constitucional, na formatura do systema representativo. Esta attitude e esta formatura consiste na divisão das opiniões e dos partidos cada um com os symbolos da sua fé, com a bandeira das suas aspirações.

Esta milicia que o tempo tem consagrado, e em que tem

militado e morrido tanto homem illustre é a guarda da liberdade. Sem ella os foros populares não tem defeza e a corôa mesmo não tem apoio.

(Districto de Aveiro—1861).

bibRIA



... e morto tanto homem ilustre e a guarda da liberdade. Sem oia os toros populares nio tem detora e a coroa
... nio tem apoio.

(Distrito de Leiria - 1861)

bibRIA



O JURAMENTO

DOS

DEPUTADOS REALISTAS

POR

ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

bibRIA



1842

O JURAMENTO

LOS

DEPUTADOS REALISTAS

POR

AVISO ACERCA DE LA REUNION DE LAS CORTES

bibRIA

1813

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

SA' DE MIRANDA.

AOS LEITORES

Este papel escripto e publicado depois das eleições como que vem fóra de tempo! Paciencia; mas para dizer verdades a quem tem direito a sabel-as, e n'ellas interessa tanto, sempre é occasião.

A questão do juramento politico tem sido tractada por muitos escriptores, e entre os francezes por mr. de Cormenin, que a considerou em relação a todos os partidos com o tino, perspicacia e graça que lhe são naturaes, e por mr. de Lamartine, cujo escripto ácerca d'este objecto merece lêr-se e meditar-se. Tambem entre nós o sr. Francisco Jeronymo da Silva, honradissimo realista, e ornamento do foro portuguez, escreveu n'este mez de novembro uma carta (1) ácerca do objecto d'este folheto; porém preferindo tractar a questão por uma das suas faces, deixou-nos livres as muitas que n'ella podem observar-se. Aproveitâmos o ensejo, e entregâmos ao publico essas nossas reflexões.

Examinar a questão em these geral, e descer depois a considerar o juramento politico nas suas diversas hypotheses, uem nos passou pela lembrança! Era muito para um estudentinho! (2)

(1) Vide nota final.

(2) Idem.

Poderemos ter errado na solução do problema, porém esperámos que nos acceitem este folhetinho como primicias do nosso amor do bem publico. E' um sentimento que os nossos inimigos politicos nos não devem levar a mal.

O REALISTA QUE OS SEUS CONCIDADÃOS ELEGEREM DEPUTADO, PERJURARÁ PRESTANDO O JURAMENTO NA CAMARA?

Não é nova esta questão na Europa, nem entre nós, e talvez terá ella contribuido para que o partido realista não tenha apparecido n'aquella casa, onde devem reunir-se os representantes de todas as idéas, e de todos os interesses do paiz; porém hoje, que já alguém ousou estender a mão sobre os livros sagrados, e invocar o nome de Deus em testemunho da fidelidade da sua palavra, é força examinar se esse homem corajoso renegou das opiniões dos seus constituintes, ou se de accordo com elles se humilhou perante as forças caudinas do perjario, para que os brados dos que pedem justiça, ha tanto tempo negada, retumbassem da tribuna e echoassem em toda a terra portugueza e nas estranhas. Felizmente o sr. Beirão pôde dizer afoitamente, que nem de uma nem de outra coisa careceu para sentar-se entre os representantes do povo.

O realista que desde 27 de maio de 1834 obediente á voz do seu chefe se submetteu ao governo constitucional praticando os actos ordinarios de obediencia e de reconhecimento, que aliás podia evitar emigrando, reconheceu a nova organização politica, e teve desde esse instante direito a protecção do governo, e rigorosa obrigação de obedecer-lhe. Sublevando-se contra elle seria um rebelde; o emigrado que procurasse destruil-o seria apenas um inimigo. Mas o reconhecimento e obediencia não podia em relação alguma ultrapassar o espirito e letra dos principios fundamentaes dos governos livres, nem importava a renuncia aos direitos que competem a todos: o contrario seria um absurdo, que faria dos realistas uma classe mais mesquinha, que a dos antigos escravos romanos, mais infeliz que a dos servos da gleba dos tempos feudaes.

Parece-nos esta doutrina sólida e digna dos principios de ordem e de legalidade, que devem ser a primeira característica do partido realista.

Entre os direitos que o consentimento tacito dos realistas na nova organização politica lhes adquiriu, avultava consideravelmente o de fazer ouvir a sua voz na camara electiva, e o acto eleitoral que designasse o sujeito a quem cabia a nobre missão de ser órgão dos vencidos, importava a idéa de reconhecimento expresso do systema politico actual. E' outra verdade que os liberaes tem apregoado, e que os realistas devem acceitar sinceramente.

No dilatado espaço de oito annos deixaram os realistas ir á revelia os negocios mais importantes da vida publica.

Pedia-se á nação a bolsa em nome da propria nação, e o realista, cujo partido comprehende os principiaes contribuintes das provincias, renunciava o direito de influir no ramo mais importante d'administração publica, mas pagava os impostos!

Dizia-se que o estado carecia de defensores armados, e pedia-se um tributo de sangue: o realista via ir o filho, o irmão, o parente, e o amigo engrossar as fileiras do exercito, e nem ousava levantar a voz!

Maiorias e ministerios lá saldavam as suas contas na paz do Senhor, e vinham macaquear no parlamento scenas estudadas na vespera, ou abafar com o poder numerico dos votos os brados da independencia, e do amor das reformas, e da economia, e o realista, que tambem pagava para esta tragi-comedia, apenas suspirava em segredo!

Os negocios mais graves do estado, os que influem directamente na moral, e na religião andaram por ahi á mercê de gente leviana, se não heterodoxa, e o realista não foi pedir nas côrtes, que ao menos lhe deixassem em paz a consciencia!

Propunham-se, discutiam-se, approvavam-se, sanccionavam-se e promulgavam-se leis, e aquelle *punhado* de cidadãos chamados realistas lá se ia compondo com essas provi-

dencias nas quaes o sou bem, e as suas circumstancias não tinham sido nem sequer lembradas.

Eram os tristes saxonios perante os companheiros de Guilherme o conquistador!

Esse tempo passou; todos sabem como, e quando se desvaneceu a tempestade: os realistas mandaram um representante seu ás côrtes, e o juramento sanctificou essa submissão expressa, e voluntaria. Porém, nem soffrendo a sorte de vencidos sem communicar politicamente com os vencedores, nem consentindo expressamente no pacto social adoptado se obrigaram a mais que todos os portuguezes, que prestaram juramento igual. E que prometteram os outros todos perante Deus, e a nação, jurar sobre o evangelho, e em pleno parlamento? Na resposta a esta pergunta está a solução do problema.

A ordem social tem fins muito sagrados, e cada associação politica com o nome de nação tem igualmente um fim, que deve ser poderoso auxiliar, e meio para o fim universal, e humanitario. Estes principios são axiomas de direito natural, e publico: é necessario porém pô-los em pratica, e para isso tantos são os meios quantos o entendimento humano tem podido excogitar. A variedade de legislações, as differentes modificações de principios, e de instituições politicas vem em abono d'esta verdade, e cada uma d'ellas symbolisa o juizo dos povos ácerca dos meios mais proprios para conseguir aquelle fim; porém este juizo não póde aspirar ás honras de uma perfectibilidade impossivel, nem possui o caracter especial de estacionario em contradicção com a natureza do homem e da sociedade, e com as lições da historia.

Eis ahi a causa, e origem racional de todas as mudanças do organismo politico das nações.

Os melhores codigos reconhecendo o poder dos tempos, e das circumstancias, e confiando no progressivo desenvolvimento do espirito humano marcáram sempre meios de se executarem legalmente as alterações necessarias, antes que a imperiosa força da necessidade alcançasse destruindo, e que-

brando todos os obstaculos, o que de justiça devia conceder-se-lhe.

A nação portugueza tambem tem um fim, e successos, que nos não cabe aqui examinar, e muito menos moralisar; deram-lhe de novo a carta constitucional para codigo politico como meio de alcançar aquelle fim, porém o seu auctor, reconhecendo a verdade dos principios, prestou nos artigos 140 a 144 homenagem ao progresso da civilisação, designando o meio, e a fórma de alterar o pacto social.

E quem dirá, que é perjuro o deputado que conceber a reforma de um ou mais artigos da carta?

Quem dirá, que é perjuro aquelle, que salvando a sua consciencia nos artigos citados prestar o juramento exigido?

Nós, ou porque somos inclinados a avaliar favoravelmente os outros, ou porque nos faltam as lições da experiencia, que, segundo dizem, matam a fé, e petrificam a alma sob o influxo do scepticismo politico, acreditamos nas boas tenções dos differentes partidos propriamente ditos, que não das facções, e vemos n'elle o desejo de obter o fim geral, o maximo bem de todos, e diversas convicções ácerca dos meios de o alcançar. O setembrista crê que no progresso, e maior desenvolvimento dos principios liberaes vae o meio de conseguir o interesse geral e o cartista vê nas idéas doutrinarias condicções eguaes senão mais apropriadas, que a monarchia representativa de Santa Maria de Almacave, que o realista deseja.

Liberdade legal, ordem, economia, abundancia, paz, e bom governo todos o querem: ácerca porém dos meios de verificar estes bens como seria possivel uniformisar as convicções? Quem ousaria exigir o juramento de renunciar a todos os meios de prosperidade publica, de vincular o erro, e o mal, e de se abster de o remediar pelos modos possiveis e legais? Tal juramento seria absurdo na ordem logica, criminoso nas relações meraes, e perversissimo em politica. Não será este certamente o jnramento do deputado realista.

Os realistas são portuguezes, e amam ardentemente a sua patria; por ella farão todos os sacrificios, contra ella nem

um unico pensamento. O homem, que os representa na camara popular é a expressão animada d'estas idéas, e aquelles que de futuro se forem sentar junto d'elle juraram sem lhes tremer a mão ou a consciencia, guardar a carta e tudo quanto ella sanctifica, em quanto isso possa ser meio para felicidade publica, procurar emendal-a legalmente desde que a sua consciencia lh'o prescrever, e haver-se n'esta missão com a severa rigidez, que assim põem de parte em beneficio da patria as affeições de hoje, como os odios, e rancores de hontem.

Os realistas não vão ás côrtes receber o sacramento do baptismo liberal: governo representativo sempre o tivemos com pequenas excepções, e sempre o verdadeiro realista o amou do coração: elles vão alli exercer um direito, e se a santidade do juramento lh'o vedasse, como seria possivel o governo constitucional? Como salvaria a sua consciencia o republicano? E todos, todos quantos não vêm a fortuna publica na administração dos governantes? N'este caso só fôra possivel um camara de ministeriaes, e nenhuma opposição poderia apresentar-se immaculada! E todavia o republicano sem trahir a sua consciencia jura, e combate sem perjurar! O cartista, o setembrista tambem pelejam sem mancha; e porque não será dado ao realista fazer o mesmo?

Que aquelle deputado, que fôr sentar-se na camara com tenção de ser nocivo ao seu paiz, esconda a mão para não jurar, é natural e justo; excede mesmo o que pôde esperar-se de tão damnados intentos: mas aquelle que desejar o bem d'esta espesinhada nação, qualquer que seja o meio pelo qual intente conseguil-o, jure, tome assento, e combata, que a patria lhe será grata, e as gerações vindouras abençoarão o seu nome.

O escrupulo do juramento tambem entrou na consciencia de alguns legitimistas francezes, tendo ainda hoje a seu favor a auctoridade veneranda do Visconde de Chateaubriand, porém o illustre escriptor dos Martyres tinha ligações pessoaes com os Bourbons, que julgou dever respeitar maiormente no inverno da existencia, e declarou-o com a sua franqueza, e boa fé proverbial; todavia ninguem dirá que mr. Berryer, ou

e duque de Fitz-James sejam perjuros, porque acceitaram a nobre e independente missão de defender os seus. Queremos dar á França lições de moralidade, ou ainda de gravidade politica?!

E ainda que alguns tem querido descobrir grandes dessemelhanças entre a nossa situação politica, e a dos legitimistas francezes, parece-nos que não tem observado bem, ou que estão dominados de idéas pouco exactas ácerca dos principios dos realistas portuguezes.

Os legitimistas francezes sabem muito bem qual fosse a origem dos governos representativos na Europa, e não lhes é desconhecido, o que valeram em França os estados geraes n'aquelles tempos, em que todos os governos com pequenas excepções, talvez da Italia, e de parte de Allemanha, acceitavam como principio fundamental o mandato popular: além d'isto a lição dos tempos revolucionarios não lhes foi inutil, nem lhes é estranho o progressivo desenvolvimento do espirito humano, e com quanto sejam profundamente respeitadores da ordem, e da legalidade, nem por isso odêam a liberdade, antes sem ella não concebem governo possivel, e instituição util. Porém reconhecendo a legitimidade dos principios não têm fé nas fórmas adoptadas, o combatem para alteral-as aproveitando do passado quanto n'elle houver util, conforme com os usos, e costumes, grande, magestoso, e sublime, e adoptando do presente tudo o que tiver os mesmos caracteres, sem repugnancia áquelles sacrificios que a propensão geral dos espiritos reclama, o que é força fazerem-se.

O presente é para elles um facto, e os factos só não tem influencia nas cabeças, a que, segundo o dizer de mr. de Chateaubriand, falta porta, janella, ou setteira, por onde possa entrar-lhes o menor raio de luz.

Os realistas portuguezes estão em circumstancias identicas: querem governo representativo, porque sempre foi o nosso desde Santa Maria d'Almacave até ao sr. D. Pedro II, e que mesmo nos seguintes reinados, cuja historia mais aviva as saudades do bom tempo antigo, foi reconhecido como verdadeiramente nacional até pelo proprio conde de Oeiras, que,

por exemplo, na lei de 26 de setembro de 1762, depois de dizer como a guerra com Castella forçava o governo á imposição de tributos, procurou o fundamento, do que por aquella lei se mandava cobrar, no regimento de 9 de maio de 1654, auctorisado pelas côrtes de Lisboa de outubro de 1653; porém querem que esse systema de governo seja real, e não palavras vãs escriptas em papel, a que parece se dá força de lei para ser mais violenta, e escandalosa a sua postergação: não são idolatras cegos do passado, e tambem accitam a situação presente como um facto poderoso, a cuja influencia cumpre de direcção quem d'ella pôde receber mais damno.

Tambem entre nós, como em França tem havido quem julgue dever renunciar á confiança do povo no exercicio de todos os cargos electivos, como vereadores, juizes de paz, etc., por causa do juramento que a lei exige. Parece-nos, que este juramento é, como o dos deputados, sujeito ás restricções dos principios, que constituem o dogma politico dos governos livres, e que perde a sua força desde que pelos meios legaes a suprema vontade publica manifestando-se em sentido opposto nos desliga d'aquella promessa. Ha porém empregos, que os realistas não pôdem accitar sem quebra da sua dignidade, e sem offensa dos seus principios politicos, e são aquelles, que importam a idéa da confiança politica do governo, que só pôde fundar-se na dedicação manifesta do candidato. O realista, que vae sentar-se nas cadeiras municipaes, exerce um mandato do povo; o que fôr administrador de um concelho representa a acção do governo, e é o symbolo do pensamento governativo perante os seus subditos. Todavia pôde acontecer, que o governo confie de um realista commissões que sem a menor ligação com a politica a tenham completa, e essencial com a prosperidade publica, taes seriam as de ir aos paizes mais adiantados em civilisação examinar o estado das sciencias, e das artes, aprender o uso de uma machina util, incumbir-se d'este, ou d'aquelle ramo de ensino, etc.—Entendemos que aquelle realista, que se julgar habilitado para desempenhar estes encargos, faltará ao que deve á sua patria se recusar missão tão nobre, assim como se no caso de uma

aggressão estrangeira deixasse de correr ás armas em defeza da independencia nacional, qualquer que fosse a bandeira, que o guiasse ao combate. Tambem entendemos, quo as idéas opostas condemnando o partido realista á nullidade politica de- vem infallivelmente anniquilal-o, e com grande perda do bem publico. O partido realista não se compõe só de velhos, e de homens pessoalmente hostis ao governo, conta no seu gremio muita gente moça na qual a patria tem bem fundadas esperanças. E que destino terá essa mocidade cheia de fogo, de entusiasmo, e ébria do mais sublime amor da patria? Quem ousará impôr-lhes como preceito a nullidade politica? Quem ousará separal-os da communhão realista por causa de um juramento cuja theoria já explicámos? Não conhecemos em verdade meio mais subtil de augmentar a força dos governantes, e de reduzir o partido realista a meia duzia de velhos saudosos dos tempos passados, o áquelles a quem a fortuna tiver constituido independentes. Tambem nós temos saudades das grandes epochas dos nossos tempos antigos, e todavia não despresamos o presente apesar dos seus erros, e desvios, e tambem nos ajudam alguns meios de conservar essa preciosa independencia, porém vêmos que esses meios faltam a muita gente, e que o sacrificio sublime dos interesses mais caros a uma idéa politica não é para todas as almas, maiormente quando a bôcca pede o sustento, e a mão não o encontra para a satisfazer.

Conceber graves idéas de abstenção politica abstrahindo do poder das circumstancias, e da violencia do soffrimento é facil; vir pratical-as cá entre nós, e ceder da influencia politica que deve melhorar a sorte de um partido por mal fundados escrupulos, para continuar a soffrer sem ver termo provavel aos seus males, é impossivel para quem vive, e soffre em Portugal desde 1834.

Em Londres (*) podem imaginar-se bellissimas theorias, e graves idéas de moralidade, que não tenham cá applicação. Tambem por lá andaram os nossos regeneradores sonhando

(*) Vide nota final.

reformas, que postas em pratica levaram Portugal ao cume da prosperidade em que se vê actualmente!

Apesar d'isto podem haver rasões pessoais que prescrevam ao homem honesto um procedimento, cuja austeridade pecca por inutil senão por pouco virtuosa em relação ao bem publico; porém essas rasões individuaes, com quanto mereçam o nosso respeito e veneração, são excentricas á questão, que é geral, e que nos parece ter solvido.

Aquelles a quem ainda depois d'isto restarem escrúpulos em quanto a questão dynastica não os quereremos convencer com distincções entre o juramento simples, e o juramento politico: tambem lhes não diremos com o auctor do estado da questão que Laffayette, o homem mais fiel aos seus principios que a França teve modernamente, e a quem nunca pessoa alguma chamou perjuro, prestou juramento a Luiz XVI absoluto, a Luiz XVI constitucional, ao imperador em 1815, a Luiz XVIII em 1824, a Carlos X em 1827, a Luiz Philippe em 1830; porém recommendar-lhes-hemos a leitura dos artigos citados da carta constitucional, e que passem pelos olhos segunda vez este escripto; se depois ainda a sua consciencia recear expôr-se ao perjurio restar-nos-ha admirar tão sublime delicadeza em tempos de tamanha corrupção.

Aquelles que se convencerem da verdade d'estas reflexões veem ao campo legal da tribuna, e dando alli como em toda a parte o primeiro exemplo de decencia, amor da ordem, da liberdade, da justiça, e da igualdade perante a lei, mostrem-se dignos do partido que os honrou com a sua confiança, e successores intrepidos dos portuguezes de Almacave e das côrtes de Coimbra de 1385.

Nota

Se é já ha muito considerado como rarissimo o opusculo —*O juramento dos deputados realistas*— não o é menos a carta de Francisco Jeronymo da Silva a que se refere o auctor d'aquelle escripto, por isso a reproduzimos tambem aqui sendo agora a primeira vez que se publicam juntamente.

Meu caro Beirão.—Porto 15 de agosto de 1842.—Parece-me que não estarás de todo esquecido de um rapaz da ilha Terceira, que foi teu contemporaneo em Coimbra, que cultivou a tua amizade, e que tinha como tu a mesma crença politica que professaram nossos avós. Esse rapaz, que já hoje o não é muito, é o mesmo que te dirige estas letras a dar-te os mais sinceros parabens do modo por que encetaste a tua carreira parlamentar. Arriscado foi o posto que tu escolheste, mas por certo o unico que convinha á dignidade d'esse tão virtuoso quanto desgraçado partido que te honrou com os seus suffragios. Ao caminhar para esse posto, tu viste nas fileiras adversas irem-se encorporar alguns que ainda hoje seriam nossos camaradas, se por ventura a fortuna nos não tivesse abandonado. Mas, porque te viste só, nem por isso esmoreceste, nem ao menos afracastes, antes pelo contrario; pois que ao passo que elles se embuçavam para não ser reconhecidos, tu, paladino tão leal como denodado, deixavas cahir a viseira, e descobrias a insignia da velha monarchia. Desde então não foste mais teu: toda a numerosa familia realista cravou os olhos em ti, e anciosa ficou aguardando o momento em que entrasses na liça. Esse momento não tardou muito. Na manhã do dia 28 de julho ainda o teu escudo estava branco, e já no fim d'esse dia se viam n'elle os emblemas allusivos ao combate em que a força do teu braço se havia assinalado. Verdade é que em quanto correste por esse campo todo erriçado de lanças inimigas, não houve uma só voz que te animasse; é tambem verdade que quando te recolheste, não tiveste uma unica mão que apertasse a tua; mas tu para cumprir com os teus deveres não precisavas de nada d'isto, por-

que sabias que cá fóra te esperavam deis terços da nação para premiar o teu esforço e abençoar o teu nome. A tua falla transcripta nos jornaes, foi por toda a parte lida com avidez; e bem poucos foram os periodos d'ella que não tivessem nos circulos da nossa gente longos commentarios, e estrondosas approvações.

Deu muito nos olhos o engenhoso artificio com que, aos proprios discursos dos teus adversarios, foste buscar uma mão cheia de flôres para enfeitar o sepulchro do nosso velho Portugal.

Admirou-se a força de dialectica com que defendeste o teu diploma, pulverisando o parecer que havia graduado em ultimo logar as eleições da Estremadura.

Exaltou-se, como devia, a abnegação com que, apesar d'isso votaste contra ellas, por não haverem escapado á mácula original que viciou todas as outras, sendo aliás as que d'essa mácula menos tinham participado. Esta abnegação da parte de um manco como tu, a quem distinctos talentos affiançavam uma abundante colheita de gloria no campo do parlamento, é sem contradicção um rasgo formoso da mais sublime moralidade. Prouvera a Deus que a tua voz tivesse commovido essas consciências de bronze que te estavam escutando. Tantas e tão deformes atrocidades, ficando assim malogradas, escarmentariam de uma vez o poder, porque o poder, por mais immoral que seja; treme sempre de commetter crimes de que não póde tirar resultado.

Sabercou-se muito o fino remoque que lançaste sobre os transfugas, a que só por ironia podias chamar *cavalheiros*. Algans d'elles (has-de estar bem lembrado) são os mesmos que em outro tempo nos accusavam de não termos pela causa aquelle *santo zello* em que elles se mostravam abrasados. Mas o que são as coisas d'este mundo! *Quomodo ceciderunt fortes!* Nós os *tibios*, ficamos, e elles os *zelosos* foram-se! Felizmente não ha motivo para lamentar a sua deserção. Se elles valiam pouco entre nós, hoje no campo adverso valem muito menos, porque o traidor em sendo conhecido é uma quantidade desprezível que não entra jámais no calculo da politica,

Folgou-se de vêr o tino e descripção com que te foste acampar na *oposição permanente*. Com effeito é alli que as nossas tendas se tem d'erguer por muito tempo. Estamos condemnados a rolar por um longo periodo o penedo de Sisypho. Tu, e os mais que no actual reinado vierem após de ti e entrarem n'este deserto, não têm de chegar a vêr a terra da promissão; mas o tempo lá vem marchando, e d'envolta com elle vem a rasão e a justiça, que hão de absolver nossos filhos do terrivel anathema que o vencedor fulminou contra nós no delirio do seu triumpho.

Considerou-se tambem como uma prova decisiva da tua eximia habilidade a *excepção* com que vieste em quanto á questão dynastica, declinando para o foro da consciencia,— para esse foro em que não ha outro juiz além da divindade. Ainda assim não faltou um *inquisidor* que tentasse ahi mesmo ir perseguir-te. Eu não o conheço; mas quem quer que elle seja, não póde deixar de pertencer ao bando d'aquelles que acham ainda pouco o muito que temos soffrido. Tiraram-nos os nossos empregos, a pretexto de rebeldes,—espoliaram-nos dos nossos bens, a pretexto de perseguidores,—sequestraram de facto os nossos direitos politicos, a pretexto de homens perigosos;—e ainda não estão saciados? Querem, de mais a mais, penhorar-nos o pensamento?

O pensamento que é nosso

Não nol-o querem deixar?

Finalmente não foram pequenos os gabos que te grangeou o celebre parabola com que terminaste o teu discurso. A allegoria que n'ella empregaste contém um grande principio de direito publico, de que não póde prescindir-se. O povo estava armado em frente das guardas pretorianas, decidido a vender muito cara a sua preciosa liberdade. N'este lance terrivel sôa a voz do chefe do estado. Proclama-se a lei victoriada por essas guardas; mas ao mesmo tempo convida-se a nação a que venha deliberar sobre a approvação d'essa lei, concedendo a seus mandatarios os mais amplos poderes. O

povo, fiado n'esta promessa solenne, abate as suas armas; mas o ministro infiel que sublevou essas guardas, mal que o apanha desarmado, illude aquella promessa, e reduz *os mais amplos poderes aos poderes ordinarios* consignados n'essa mesma lei, que ainda tinha de sancionar-se. Como pôde ella pois ser approvada, se aquelles que são chamados para isso, não têm o poder de votar contra ella? O ministro quiz sancionar a sua obra; mas á força d'empregar cautellas errou o alvo a que fazia pontaria. O pensamento que o domina, é o da desconfiança dos seus mais intimos amigos (se é que os tem); e essa fatal desconfiança foi a que acabou de perder a sua praguejada obra. Numerasse embora as listas,—désse-lhes embora a apparencia de *bilhetes de rifa*;—mas não cerceasse os poderes aos mandatarios do povo. O primeiro acto seria só uma immoralidade, o segundo é de mais a mais um erro em politica.

Talvez que a tua modestia te incline a crêr que eu molhasse na tinta da lisonja a penna com que até aqui tenho escripto; mas se o conceito que eu te devia, e a independencia em que, mercê de Deus, estou hoje collocado, não são sufficientes para arredar de mim a suspeita de adulator, continua a lêr, que prompto acharás o mais cabal desengano.

Muitas são as bellezas que encerra a tua falla; mas a par d'estas é força dizer-to que ainda que raros, apparecem alguns sonões, que eu não poderia passar em silencio sem trahir a minha consciencia, e sem faltar ao que devo ao partido a que pertença.

Procuraste estabelecer por meio d'exemplos, que nem sempre as maiorias parlamentares representavam a vontade e pensamento da nação. Infelizmente porém não te ocorreu o mais recente e o mais sensivel de todos os exemplos:—*tu só n'essa camara!*

Disseste que a nossa missão no parlamento era sustentar o esplendor do throno. Isto é exacto em these; mas não tem applicação á hypothese. O throno agora não precisa de nós, porque para atizar o seu esplendor é mais que sobeja essa aristocracia que o rodeia, e a que tu, pelo mais evidente

de todos os equívocos, chamaste *moderna, revolucionaria e ficticia*. Abatidos e espinhados como estamos, a missão dos nossos deputados é outra: é—*pugnar em favor dos vencidos com essa mesma lei que os vencedores lhes impozeram*. Oito annos de servidão é espaço mais que bastante para se dar a um escravo branco a sua *carta d'alforria*.

Mas até aqui não ha mais que uma nota não ferida, e outra ligeiramente desafinada. Ha porém uma terceira que nos esturgiu os ouvidos:—foi quando pediste para os vencidos misericórdia e não justiça. Nenhum realista que eu saiba poude ouvir estas palavras sem que se lhe manifestassem no rosto as mais violentas contorsões. Pois nós, ao voltar d'Evora-Monte para nossas casas, fomos desimados pelo caminho com essas mesmas espadas que debaixo da fé da mais solemne convenção tínhamos entreguo aos vencedores;—e ainda por cima havemos de curvar-lhes o joelho, e pedir-lhes misericórdia?—Quando era occasião de clamar contra elles como homens, havemos de apparecer em scena a chorar como creanças? Oh! se é para isto que nos reanimámos, melhor fôra que nunca sacudissemos a mortalha ensanguentada que até agora nos cobria.

Mas eu não posso acreditar que tu preferisses taes expressões. Leu-as na *Revolução de Setembro*, mas não as encontrou no *Portugal Velho*. Demais, ellas não condizem com o resto da passagem. Aquelle que pede tolerancia, pede justiça e não misericórdia. Quem me assegura de que o compositor por descuido (1) não invertesse a ordem d'estas palavras, se é que tu as preferiste?

Mas esta carta vae sendo demasiadamente crescida; e occupar a tua attenção por mais tempo, seria commetter um peccado gravissimo contra essa numerosa familia, a cuja defeza os momentos todos da tua existencia estão hoje dedicados. O que Horacio escrevia a Augusto em uma das suas epistolas póde-se-te applicar onde diz:

(1) Houve na realidade o descuido que nota o A. da carta, como se vê lendo o «Diario das Côrtes» na respectiva sessão.

Cum tot sustineas et tanta negotia solus,

.....
in publica commoda peccem,

Si longo sermone morer tua tempora.

Convencido pois de que isto é assim, eu vou concluir por invocar, em quanto ao modo familiar por que te tracto, o privilegio que me cede a nossa antiga amizade:—por te assegurar a estima e a gratidão d'um partido que tanto confia em ti, o que já repete com ufania o nome do seu campeão; —e emfim por te augurar um futuro tanto mais formoso e brilhante, quanto nas attenuadas circumstancias em que se acham os teus clientes, todo o empenho que fizeres em lhas melhorar a condição não pode considerar-se

.....movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno.

Este premio é o maior a que pode aspirar uma alma nobre como a tua; e é por consequencia aquelle que principalmente te deseja

O teu amigo e admirador

Francisco Jeronymo da Silva.

Teixeira de Vasconcellos, com verdade não se podia n'esta epoca dizer um «estudantinho» pois já então contava 26 annos e frequentava o terceiro anno juridico.

O auctor referindo-se a Londres, disse a Antonio Ribeiro Saraiva, um dos chefes mais qualificados do partido miguelista, que foi sempre contrario ao seu partido concorrer á urna.



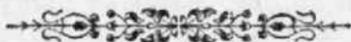
O CONDE DE THOMAR

E O

DUQUE DE SALDANHA

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA CONTEMPORANEA

bibRIA



LISBOA

Typ. DA LEI.—TRAVESSA DAS MERCES N.º 11.

1850

O CONDE DE THOMAS

HO

DUQUE DE SALDANHA

APONTAMENTO PARA A HISTORIA CONTEMPORANEA

bibRIA

LISBOA

Theo. da Silva - Typographo e Impressor

1820

PREFACIO

Não vamos escrever um pamphleto: é a primeira advertencia que julgamos dever fazer. Tentamos um esboço historico, com a sizudeza fundada na rasão, com a imparcialidade provada nos factos. A linguagem acerba e irritante das paixões não pôde, portanto, caber n'este ensaio.

Aos libellistas abandonamos a violencia da Verrina, malignidade de Voltaire, ou a satyra interesseira do Aretino. A paixão revela a parcialidade; a invectiva denuncia o odio; a abundancia das injurias accusa a indigencia das rasões. A virulencia desautorisa as defezas e infirma as accusações, ferindo as primeiras de suspoita e as segundas de iniquidade. A justiça e a consciencia não precisam auxiliar-se d'uma apparatusa e pungente aggressão: não se perdem om digressões rancorosas, vão firmes ao seu fim; fallam seguras, porque não teem de que tremer; não vacillam, porque não teem que disfarçar; não affectam desdens, porque não teem pequenezas que encubrir; não multiplicam affrontas, porque não teem fraquezas que esconder.

Com a consciencia e a justiça entendemos nós tractar: é resumir as nossas intencões e systema n'esta tentativa. Os actos publicos dos homens politicos serão talvez com elles severos: nós havemos de ser sempre commedidos. O juizo dos contemporaneos pôde parecer parcial, ainda que seja provada a sua equidade: deixaremos pois fallar as acções respectivas. *Ex fructibus eorum cognoscetis eos.*

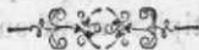
Não estampamos uma promessa; lavramos um protesto. O pamphleto é quasi sempre a expressão de um interesse; por consequencia, suspeito como esse interesse. O libello é peor, é ordinariamente o vehiculo d'uma vingança; por consequen-

cia, insensato e desenfreado como ella. E' por isso que nós repugna o libello e o pamphleto. A historia tambem representa interesses, mas são os da humanidade; tambem vinga as offensas, mas são as da sociedade. A historia não afia o gume dos sarcasmos, nem tece as vestes da hypocrisia nem combina ou lecciona a mythologia da calumnia. A historia, austera e sobranceiramente trajada dos seus habitos singelos, aponta ao futuro os exemplos do presente e do passado, e lê, no livro incorruptivel da experiencia, a vida dos seculos que formam os homens e dos homens que resumem os seculos.

Os libellos passam e a historia fica, porque o libello é para o escandalo e a historia é para a posteridade. Os quadros de Tacito são um assumpto de estudo e os retratos de Petronio um objecto de curiosidade.

A ideia d'este livro está toda n'isto—preferimos o estudo dos acontecimentos á curiosidade dos escandalos.

bibRIA



CAPITULO I

PARALLELO. ANTECEDENTES

Summario

O conde de Thomar e a sua politica. O duque de Saldanha e a sua politica. Situação do duque de Saldanha no seu regresso de Vienna d'Austria. Esperanças malogradas. Porque apoiou o conde de Thomar o duque de Saldanha. Successos de 1837 e 1838. O arsenal. Convenção de Marcos Philippe. Audacia dos exaltados. 13 de Março. A insurreição expira em Castello Branco. O conde de Thomar ministro da justiça. Necessidade da restauração. Acontecimentos do Porto. O conde toma a direcção dos negocios. Retrospecto do duque de Saldanha. Dissensões em Paris com o duque de Palmella. Expressas declarações de Saldanha. Desafio com o conde de Lavradio: suas causas. Reconciliação subita dos dous duques no Porto. Conferencias com o general Lemos. Exclusão do Imperador e do ministerio nos preliminares da transacção ajustada por Saldanha. Testimunhos e documentos. Antagonismo entre o duque de Saldanha e o ministerio em 1834. Metamorphose repentina do duque. O duque sóbe ao ministerio em 1835 associado a Palmella, com escandalo geral. A imprensa da época. Retrato do duque por um seu parcial.

Dezeseis annos de vida politica e de exercicio nos primeiros cargos do paiz, oito de suprema direcção nos negocios, e, sobretudo, o odio encarniçado dos seus inimigos, teem tornado o conde de Thomar, sem suspeita de lisonja, o homem mais notavel do paiz, na epocha presente. Os proprios meios empregados para o derribar, fazendo sobresahir, n'um expressivo relevo, a valia da sua influencia, os actos da sua administração, e o temor dos seus rivaes, levantaram-lhe um pedestal que lhe dá um vulto dominante no meio da sua epocha. A imprensa nacional, que o combate, alonga o ecco d'este nome pela insolencia das suas diatribes e pela iniquidade das suas aggressões. A imprensa estrangeira, que o menciona,

assim á luz da razão como nos compromissos da parcialidade, alarga progressivamente a esphera da sua fama. Parece ser uma lei moral. Nos homens verdadeiramente notaveis o odio contribue tanto como o proprio merito, e, ás vezes, mais do que elle, para grangear e accrescentar a celebridade.

Acção viva d'uma politica, chefe, universalmente reconhecido, de um partido, e conde de Thomar tem n'estes ultimos oito annos, representado um papel de tal modo superior nos successos da nossa patria, que o seu nome anda em todas as bocas, porque está estroitamente vinculado a todos aquelles successos. Administrador infatigavel de 1842 a 1846, como prova a synopse dos seus actos; victima expiatoria de 1846 a 1848, como se demonstra na perseguição dos seus rivaes de toda a ordem; novamente chamado á arena, de 1848 até agora, nada lhe tem faltado do que estabelece uma reputação e uma verdadeira influencia—nem a fé que glorifica os principios, nem o martyrio que abona a constancia, nem o sacrificio que dá novo esplendor á pratica das idéas. Mas o conde de Thomar não é sómente o chefe energico d'um partido, é sobre tudo o symbolo d'uma politica activa, decidida e fecunda; fecunda em desenvolver os recursos internos do paiz, activa em promover as reformas necessarias para completar a nossa reorganisação social, decidida em comprimir o espirito faccioso que tudo isso embarça, e em debellar as frequentes tentativas anarchicas, que, desde 1837, ou assaltam o poder na sua propria séde, ou o distrahem em qualquer ponto onde podem excitar a insurreição. Esta politica firme, logica, inflexivel, é a unica proveitosa n'um paiz espedaçado pelas guerras civis, retalhado das facções, jogado em numerosos conflictos de conveniencias incompativeis; esta politica, que subordina as parcialidades ao interesse commum, em vez de lhes servir de agente egoista devia forçosamente excitar, primeiro o espanto, depois o ciume, depois o rancor d'essas parcialidades: acabando a possibilidade da lucta, aniquilava as esperanças dos despojos, e excitava, por consequencia, o odio da ambição desenganada e da cubica *desapontada*. *Inde ira*. D'ahi a guerra atroz movida, ha oito annos, ao conde de

Thomar; isto é, desde que essa politica, evidentemente formulada, despontou entre nós. D'ahi o engrandecimento successivo do seu nome, apregoado nas pelejas, multiplicado nas reconvenções, tornado finalmente a palavra d'um partido, a representação visivel da ordem em todos os ramos e da esperanza em todas as classes, como a revista dos factos successivamente provará. N'estes termos não era de extranhar que as rivalidades apparecessem e discutissem os seus titulos, para tentarem fundar, ao lado d'aquella, uma nova influencia.

O duque de Saldanha, longamente ausente de Portugal, absolvido pelo tempo e pela distancia, voltou á patria em circumstancias propicias á sua fortuna politica. O partido cartista, perseguido e disperso, sentia a necessidade de quem o dirigisse.

O exilio imposto aos seus chefes facilitava o accesso de qualquer ambição. O duque de Saldanha tinha em seu favor a tradição dos seus antigos serviços e a memoria do seu verdadeiro merito no campo de batalha. A conjunctura não lhe podia ser mais favoravel. Os acontecimentos de 6 de outubro deram ao duque a supremacia da influencia. Desde então, como o conde de Thomar symbolisava uma politica, ficou o duque representando outra politica, duvidosa, vacillante, hybrida, mesclada, que se differenciava essencialmente d'aquell'outra em propender a uma amalgama de partidos, absurda em theoria e impossivel na pratica, em vez de criar um interesse preponderante, que effectuasse pela absorpção o que o duque tentava pela fuzão. O conde de Thomar conheceu que a realidade d'esse interesse, tocando de perto a nação, é que poderia enfraquecer successivamente as parcialidades em beneficio da comunidade; isto é, em proveito da mesma nação—e viu que só poderia estabelecer semelhante interesse por meio da decisão nas reformas e da energia na acção.

O duque adoptou o systema contrario. Preferiu as contemperisações—entreter uns, lisonjear outros, adular as influencias, illudir as rivalidades, adormecer a vigilancia, apagar o zelo, entibiar a fé, e procurar assim dissolver, por meio

d'este plano de permanente dubitação e simulada benevolencia, as vivas côres das opiniões adversas n'uma especie de meia tinta, que, se fosse realisavel, mataria na inanção as crenças liberaes em proveito do ultra-montanismo triumphante. O resultado d'este novo ensaio de politica cunctatoria, que, segundo ao diante veremos, parece uma antiga preocupação do duque, não corresponden ao que elle talvez esperava. As facções, em lugar de se tornarem agentes d'esta politica, converteram-na, pelo contrario em agente d'ellas. Viram que estas hesitações em vez de enfraquecerem as parcialidades belligerantes só enfraqueciam a acção dominante, especularam com esse erro, e puzeram-se de parte a observar a decadencia, lenta mas inevitavel, d'aquella acção, a agonia d'aquella influencia, que insensivelmente lhes devia entregar, por uma obcecação fatal, o mesmo poder que, pouco antes, lhes havia disputado com as armas. O partido cartista adivinhava o perigo, presentia a catastrophe, e, se a ingratição tinha n'algumas partes criado a indifferença, n'outras a proximidade do risco sobreexcitava a energia. A politica do duque, quer a julguem systematica, quer negligente, produziu pois consequencias inteiramente oppostas ao que a nação esperava e necessitava.

As opiniões em vez de esmorecerem, de se diluirem, como talvez suppozeram praticavel, alentadas umas pela esperanza, advertidas outras pelo receio, preparavam em segredo as suas armas e precipitavam, pela mutua anciedade, um novo conflicto que remataria a ruina do paiz. Entretanto era elle quem duplicadamente soffria, pelo remedio que se lhe devera dar, e pelo tempo que fatalmente se esperdiçava, sem tal remedio se applicar. No seu systema de cortejar todos, de condescender com todos, o duque não podia tentar nenhuma providencia decisiva, porque temos excitar as attenções pela deliberação, despertar as inimidades ou os pretextes, e sobre tudo (o que era a logica d'aquelle absurdo) attrahir sobre si uma guerra porfiada pela subita revelação d'uma energia que os seus contrarios tinham rasão de lhe não suppor. N'estes termos a inercia era a consequencia forçosa

d'aquella politica, e a inercia, consummando os estragos da guerra. era a perdição total da nação. (1).

(1) Aqui perguntarão naturalmente, e com apparencias de razão:

— Pois se tal era a politica do duque porque lhe deu o conde de Thomar o seu apoio?

De certo o conde de Thomar conhecia os erros politicos e administrativos do duque de Saldanha; mas podia elle tomar a responsabilidade da situação? N'isto se resume tudo. Se o conde retirasse o seu apoio ao duque e o gabinete cahisse por esse facto, como é indubitavel que havia de cair, o conde era o seu substituto logico e constitucional. Ora, estando ainda recentes os successos de 46, repetindo os seus inimigos que o seu nome, tendo sido o pretexto da revolta de Maio, seria o signal d'uma nova sublevação no paiz, deveria o conde provocar uma situação, cuja responsabilidade lhe pesaria toda, e, tanto mais tremenda, quanto mais directamente d'elle partisse uma tal iniciativa? Até que ponto eram falsas as proposições que a seu respeito se soltavam, vol-o-hemos ao diante; entretanto não é menos certo que ellas se haviam propagado entre os adversarios, e algumas vezes gyrado até entre os amigos. Estas asserções publicas, falsas ou verdadeiras, impunham ao conde uma grande circumspecção. O duque certamente commettia erros como administrador; era com tudo melhor tolerar essés erros do que declinar na alternativa—ou de entregar o poder nas mãos do partido demagogico, tão fatal sempre ao paiz; ou de ir voluntariamente ao encontro d'uma situação precaria, arriscada para o credito do conde como estadista, e, o que é mais ainda, summamente perigosa para a nação, que mal poderia com as tentativas que os exaltados não deixariam de fazer, para justificar as suas allegações acerca do conde, se, por ventura, elle por um acto de hostilidade parlamentar que houvesse determinado ou precipitado uma situação nova, se substituisse ao duque debellando a sua administração. O melindre e delicadeza d'esta posição é que é necessario previamente comprehendere para bem apreciar o

Eis aqui a politica do marechal, que, na sua execucao, achava uma vantagem que foi sempre tambem, como resulta do exame do seu passado, uma das suas idéas capitaes—achava a vantagem de se tornar necessario, conservando as parcialidades, tacitamente ameaçadoras e coegentes, suspensas, como a espada de Damocles, sobre a corôa por um lado, pelo outro sobre a população tranquilla e pensante.

procedimento do conde n'aquella conjunctura. Por um lado, o amor do seu paiz devia fazer calar os receios e as hesitações do estadista, levando-o a offerer-se como holocausto para atalhar o mal presente: por outro lado, o mesmo amor patrio o devia deter, porque podia provocar ainda maiores males, porque arriscando-se a annullar a sua influencia, arriscava-se a perder o unico meio de vantajosamente servir a sua terra, e perdia consigo um grande e nobre partido. N'esta alternativa o conde tomou a unica resolução prudente.

Dirão, porém:

Mas o conde sempre veio a substituir o duque na administração. Porque o não fez antes? Teria evitado a exacerbação do mal.

O conde só consentiu em substituir o duque no gabinete depois de muitas instancias, como opportunamente demonstraremos. O caso portanto era differente. Não provocava a situação: sacrificava-se a ella. Não ia elle espontaneo offerer-se como salvador, porque d'esse modo devia ter antecipadamente achado o meio seguro de dissipar todas as difficuldades; recebia simplesmente um encargo com todas as suas contingencias: não dava um passo, que tacitamente importava um programma de redempção; fazia unicamente a promessa de empregar quanto fosse humanamente possivel, mas nada além, porque além, só a Providencia.

A responsabilidade era assim muito menor. O conde n'este caso representava um papel honrosamente passivo, em vez de temerariamente activo: não tinha ido desafiar as difficuldades; tinham vindo ellas procural-o. Se fosse vencido não haveria n'isso desdouro; na hypothese contraria é que po-

Aqui estão as duas politicas representadas pelos seus chefes. Um pequeno intervallo separa os seus effeitos visiveis: consulte-os quem se quizer desenganar. Quem desejar comparar, por um proximo parallelo, a politica do conde de Thomar e a do duque de Saldanha, nas suas consequencias materiaes, palpaveis, apreciaveis a todos os olhos—feito previamente, para ser justo, o desconto da parte que pertence á revolução de Maio—repare para os principios, de 1846 e fins de 1847. Em 1846 ia tudo em escala ascendente; em 1847 a negligencia consummava a obra da revolta e os estragos da guerra.

Os mais odientos inimigos do conde de Thomar nunca pederam censurar nos antecedentes politicos do conde senão uma unica modificação, modificação que elle não disfarça, que nobremente confessa, que marca, até certo ponto, a passagem usual e inevitavel da idade dos cegos enthusiasmos para a idade da reflexão, e que finalmente foi provocada pela experiencia e justificada pela necessidade. (1) Os desejos sinceros,

deria ter sido accusado de vaidosa confiança, e, por consequencia, teria ficado perdido para o partido e para o paiz. Não foi vencido pelas difficuldades felizmente, e os resultados teem justificado a prudencia do seu procedimento n'aquellas melindrosas circumstancias.

A substituição do conde de Thomar ao duque de Saldanha na presidencia do conselho tem sido um dos mais fecundos capitulos explorados pela calumnia e pela intriga. Em logar competente opportuna e authenticamente veremos como este acontecimento teve logar e que rasões o determinaram. Talvez então se arrependa muito pamphletario imprudente; talvez então se veja bem por dentro o que valem as interpretações negras de commentadores aleivosos.

(1) Não se pense que este incidente, aliás necessario na comparação, de dois caracteres, importe aqui ou uma justificação tardia ou um panegyrico suspeito. E' opinião antiga e já largamente exposta. Em 1845 expunha-a com um calor e uma energia que não deixa duvida sobre a sua convicção, um

as aspirações ingenuas illudem muitas vezes: com a realidade e a pratica vem depois o desengano, quasi sempre tardio e sempre inexoravel. E' a condição humana. Conhece-se então a inexequibilidade das primitivas preoccupações. Foi o que succedeu ao conde de Thomar. A experiencia abriu-lhe os olhos; a evidencia convenceu-lhe a razão. A modificação dos principios devia ser o resultado logico n'um espirito sincero. Nascido no principio d'um seculo que herdara a inspiração da duvida e os scepticos excessos da escola dos Encyclopedistas,

dos pamphletarios que ultimamente mais adversos se declararam ao conde de Thomar. Os periodos que vão lêr-se e que nós damos, como precioso e imparcial testemunho historico são extrahidos do *Organizador*, opusculo do sr. Roussado Gorjão, a quem a voz publica igualmente attribue um folheto sumamente atrabiliario e affrontoso para o conde de Thomar com o titulo de *O duque de Saldanha e os seus detractores desmascarados*. E' facil conhecer que a penna é effectivamente a mesma. O que não é o mesmo, é o modo de julgar o conde de Thomar como administrador e como homem. Não será portanto inutil que o publico veja de que maneira o mesmo homem é julgado pelos mesmos homens. Transcrevemos e aceitamos o testemunho do sr. Roussado Gorjão, como altamente insuspeito. Como todos veem, pedimos á historia e aos factos o julgamento dos caracteres, e os depoimentos n'esto grande inquerito aceitamol-os igualmente de amigos e inimigos.

«Era, em verdade, mui penosa tarefa para este partido o poder enjandrar um motivo plausivel, ao menos se quer, em que podesse fundamentar seu *Manifesto* contra o ex.^{mo} ministro do reino; porque fôra esse mesmo partido quem inaugurou sua reconhecida alta capacilade, e consummada aptidão na tribuna, no campo, e na gerencia dos grandes negocios administrativos.»

«Assim canonizado, que poderia a *oposição puritana* dizer contra o seu zolo, energia, firmeza, e todas as optimas qualificações governativas, que já lhe havia reconhecido, e

carecia forçosamente de severas lições praticas para se esclarecer sobre a effectividade das cousas politicas, muito diversa da sua idealidade, e sobre a applicação das doutrinas governativas á verdadeira felicidade dos povos e á verdadeira prosperidade das nações.

Depois de suffocada a revolta de 1837, chamada dos marechaes, em que a estrella do duque de Saldanha se mostrou menos benigna do que elle n'um recente documento tão pomposamente alardea, appareceu uma especie de *status in statu*, um poder invisivel, illegal e tyrannico, anarchico e por proclamado?—Na la podia dizer;—nada disse;—e, n'essa parte, foi prudente.»

«Mas se o foi n'essa parte, imprudentissima foi quando (á falta de todo e qualquer outro, e á face do mundo sensato) limitou o alvo de todas as iras do seu eminentemente classico patriotismo a inculcar o ex.^m ministro do reino como *renegado politico*.»

«Esta pécha começou a ter voga pelos acontecimentos de 13 março de 1838; porém, ella não era exclusivamente applicavel a s. ex.^a, que na verdade teve mais companheiros, que com elle incorrerão na medonha indignação e féros rûncos da assanhada *opposição puritana*: o que facilmente seprehende de um folheto, publicado em novembro de 1839, e que tem por titulo: «*Os acontecimentos de março na capital, considerados nas suas causas e effectos.—Memoria dedicada aos amigos da Revolução de Setembro*»: sendo certo que tres ministros d'essa epoca (em cujo numero então não entrava o actual dos negocios do reino) ahi eram tractados de *perfidos, immoraes,—ambiciosos*; e já se vê que esses tambem haviam incorrido no mesmo anathema.»

«Se esses reverteram ao gremio, que se segue d'ahi?—segne-se que renegaram duas vezes.»

«Aqui tractaremos nós de appellar para o simples *bom senso* dos que pertencem a essa mesma *oposição puritana*, a fim de que todos e cada um d'elles, consultada a pureza de suas consciencias, nos diga com religiosa ingenuidade:—entendem elles por ventura que a honestidade, e a rectidão de

tanto despotico, pretendendo dar impulso á administração e dictar leis á auctoridade. Ninguem ignora a existencia nem os feitos do celebre *Arsenal*. Este poder comprimia toda a acção e coegia toda a liberdade conservando n'uma tutella vergonhosa a corôa, o congresso e o gabinete. O ministerio não podia executar nem o parlamento deliberar sem o beneplacito dos conhecidos *marcas*. Entretanto crescia a audacia insurreccionista e diminuia a força legal. Afinal o *Arsenal*

princípios de qualquer *homem de bem*, deva ser mais escravamente fiel ás demasias, aos excessos, ás turbulencias, e ás atrocidades mesmo de um partido faccioso, a que pertença?— Estâmos certos de que a resposta não carece de ser, por longo tempo, estudada.»

Nos periodos que se seguem pediremos sempre licença ao auctor do opusculo para lhe dizer que se os grandes homens que cita, Pitt, Fox, ou Napoleão, tivessem feito ostentação de certas doutrinas com dolo ou fraude, e unicamente para chegarem ao poder; isto é, se as suas mudanças politicas fossem um calculo e não uma modificação nascida de maior reflexão e mais larga experiencia dos homens e das cousas, então a grandiosidade dos fins apenas chegaria para absolver a tortuosidade dos meios. N'esse caso o *simile* seria pouco honroso, e se pudesse servir de comparação gloriosa nunca poderia applicar-se como justificação bastante. Cremos que da parte do auctor ha mais incorrecção de expressão do que tendencias a professar a restricção mental, como doutrina politica. Fazemos estas observações para que, no caso de ser assim interpretada pelo leitor a exposição do auctor do opusculo, se não possa imaginar que nós quinhoamos taes ideas.

«Os dois maiores homens d'estado, que a idade moderna respeitou na Inglaterra (*Pitt, e Fox*) abriram caminho á sua carreira politica pelas cadeiras da opposição, d'onde assombraram o mundo illustrado com a energia de sua dialectica, com a sublimidade de sua eloquencia, e com a nervosa vehemencia de seus discursos; porém qual foi o comportamento ulterior d'esses mesmos homens, quando passados das cadei-

revoltou-se abertamente. O resultado d'estas scenas de inquietação e tumulto que, todos presenciaram, foi a convenção denominada de *Marcos Philippe*, convenção celebrada entre o presidente do conselho, visconde de Sá da Bandeira, e o chefe dos insurgentes, França. Esta convenção importava uma condescendencia impolitica, uma transacção perigosa, porque fazendo descer o poder legitimo e tractar com o poder faccioso, accusava a fraqueza do primeiro, dava ao segundo uma idéa exaggerada da sua força, e, sem cohibir os seus abusos, alentava e provocava os seus excessos. O conde de Thomar, nomeado a esse tempo, em virtude da necessidade que havia de um homem energico, para o cargo então difficillimo, de administrador geral, teve occasião de observar de perto a turbulencia natural do partido ultra, a insaciabilidade dos seus desejos, a perfidia dos seus meios, a pertinacia das suas prevenções, os elementos de que se compunha (perigosos na sua generalidade ao socego inteiro do paiz) e finalmente a impossibilidade de todo o governo, de toda a reforma e de toda a iniciativa verdadeiramente progressiva debaixo d'aquella tutela irracional e aviltante.

ras parlamentares, foram occupar as de ministros da corôa, e a dirigir a grave administração dos negocios publicos do seu paiz?—Não precisâmos nós de o dizer; porque ninguem ha que o ignore: limitar-nos-hemos a rogar que se observe se a Inglaterra, e o mundo, os apodaram com o sarcasmo de *renegados politicos*; ou se, pelo contrario, os exalçaram á elevada cathegoria dos mais *prestantes estadistas* do seu tempo?»

«E Bonaparte, regressado do Egypto, ostentou os mesmos principios, e professava ainda a mesma doutrina exaltada, que sustentára o commandante do cerco de *Toulon*, e o general das campanhas d'Italia?—Não por certo.—Antes a verdade nos diz, que o mais notavel dos acontecimentos da historia moderna sem duvida fôra o da sahida de *Napoleon* do Egypto, pelo assombroso resultado, que posteriormente admirou a Europa, e o mundo, com o maravilhoso spectaculo d'um simples particular (cujo nome tres annos antes era quasi des-

Os lamentosos successos de 1838 foram o corollario do errado passo dado pelo visconde de Sá: o 13 de Março é talvez filho legitimo da convenção feita com o *Arsenal*. O gabinete convenceu-se de que lhe cumpria mostrar-se energico se queria salvar o paiz da anarchia. Essas providencias energicas, como o licenciamto dos batalhões, iam custando a vida ao conde de Thomar. O assassinio horroroso de Agostinho Jo-

conhecido, e que, n'aquelle momento mesmo, apenas contava, em auxilio de suas victorias, e a consciencia do seu proprio genio, (levar sua ousada concepção á incrivel empreza de tomar sobre si só os destinos de trinta milhões de francezes;— de os defender na guerra feita por estrangeiros; e de os salvar de todas as funestissimas consequencias das dissensões intestinas: sendo certo que o momento decisivo, que a tanto o impelliu, foi (todos o sabem) aquelle em que, tendo lido os *jornaes francezes*, e visto alli esse insidioso jogo de palavras, com que o pedantismo faccioso abusivamente zomba da credulidade, ou mesmo das virtudes, de uma nação inteira, elle exclamou: «*Des beaux parleurs, des bavards perdent la France: il est temps de la sauver*».—E na verdade largou o Egypto—embarcou, atravessou os mares coalhados de cruzeiros inglezes;—saltou nas praias de França;—e fez o que todos sabem que elle fizera.—O que porém duvidâmos que alguem saiba, é que a illustrada opinião de França em tempo algum o ollhasse como—*renegado politico*.»

«Tractando de ser francos e sinceros, lealmente empregaremos toda a nossa sinceridade e franqueza em dar um *conselho de amigo* a todos esses senhores da *opposição puritana* (e dar-lho-hemos aqui baixinho, em modo que não seja ouvido por gente atreita a não desistir do *reconvenções*);—e o conselho vem a ser; *que será bom prevenirem se de cautella em não levantar essa poeira de chamar «renegado» a nenhum folego vivo; por quanto, desde que em scena tem apparecido as estupendas gentilezas da triplice colligação, toda quanta poeira e terra, lançarem ao ar, toda ella vae direitinha cahir nos olhos das caras triplicadamente colligadas.*

sé Freire, o golpe dirigido sobre o placard do visconde de Sá; e que lhe ia destinado ao coração, e a propria tentativa feita contra o conde de Thomar, de que o livrou a sua coragem e resolução, deviam fazer-lhe conhecer o que eram os homens que abusavam das mais sagradas palavras para ensanguentar as ruas da capital, e que em nome do povo eram um obstaculo permanente a todo o beneficio para o mesmo povo, deviam fazer-lhe conhecer o que eram esses homens e os principios em que auctorisavam um procedimento politico que não recuava nem diante do punhal. Seria necessario muito má vontade para resistir á evidencia d'estas proyas. As scenas do dia de *Corpus Christi* bastariam para desenganar os mais incredulos: só a malevolencia, ou a cumplicidade com estes odiosos excessos, tentaria desculpal-os; um espirito verdadeiramente patriotico não poderia deixar de abrir-se aos conselhos da razão; de ver os perigos da sociedade, e de modificar os seus principios politicos no sentido da salvação publica. O conde de Thomar teve tempo e occasião de estudar o partido exaltado, (actualmente socialista) porque seguiu até á sua ultima tentativa de 1839, em todos os conloios, em todas as tortusidades, em todas as aleivosias, a permanente conspiração que, n'essa epoca, devia ir expirar em Casllo Branco.

Chamado ao ministerio da justiça, o conde de Thomar pode avaliar que o principio da impunidade era quem essencialmente animava aquellas revoltas frequentes, principio todo em prejuizo do paiz, porque, em taes revoltas, origem de uma inquietação destructiva, era elle quem mais perdia. Comparando o estado e a indole do mesmo paiz com a indole e o estado da legislação, pode tambem aprociar qual era o codigo que mais convinha ás tendencias e necessidades geraes. O homem de estado commetteria o mais grave dos erros se não reconhecesse estas rasões de interesse goral.

Nas reformas intentadas, nas providencias adoptadas pelos gabinetes Fonseca Magalhães e Aguiar começaram a despontar, a penetrar de todos os lados as instituições cartistas, substituidas ás da constituição de 1838, gastas pelo espirito da insurreição triumphante. Convinha pois trocar o facto

em direito, e, por meio d'um golpe audaz e decisivo, quebrar todas as relações com um passado desastroso e fragil, e criar uma situação nova e solida, com todos os elementos de ordem para poder ser util, com todas as condições de estabilidade para poder ser fecunda. Esta situação, no estado dos espiritos e nas circumstancias do paiz, é evidente que só podia dal-a uma restauração: tudo o mais, incompleto e por tanto insufficiente, teria alem d'isso, o inconveniente de ser uma hypocrisia politica, e a hypocrisia, se algumas vezes dá beneficios temporarios, tem sempre por inimiga a desconfiança. Ora desconfiança n'uma posição, como a que esboçamos, equivaleria a sepultar o paiz novamente no cahos. A restauração da Carta tornava-se, por tanto, não só um passo politico, senão um passo indispensavel.

A energia que o conde de Thomar mostrára em debellar os esforços do partido insurreccionista, a habilidade com que d'elle triumphara, e a intelligencia e actividade com que se houvera no ministerio da justiça, tinham grupado em torno d'elle todos os homens moderados, que sentiam a urgencia de consolidar uma situação politica apta para tomar uma proficua iniciativa, e, por consequencia, haviam-lhe dado uma influencia pessoal, que fazia do conde de Thomar, talvez o unico homem capaz de emprehender a restauração.

O exito dos acontecimentos do Porto justificou as esperanças que do conde se haviam concebido. A restauração triumphou, adquiriu em breve condições de seguridade, e ahi se decidiu a influencia incontestavel que o mesmo conde começou a exercer n'uma esphera d'acção propriamente sua.

Taes são os antecedentes politicos do conde de Thomar; tal é o modo porque o homem de 1837 veio a ser o restaurador da Carta, e o seu primeiro sustentaculo: modo natural, logico, irremissivel, se attendermos á successão dos acontecimentos, e á direcção que a experiencia e as necessidades publicas deviam inevitavelmente imprimir na sua rasão, e, por conseguinte, no seu procedimento.

Mas se o espirito comprehende estas grandes modificações, sobre tudo quando, na sequencia dos factos, a firmeza e

a decisão abonam a sua sinceridade, como succede com o conde de Thomar; e se essas modificações são duplamente justificadas, assim pelas causas que as determinaram como pelas consequencias que se lhe seguiram, não acontece o mesmo com as metamorphoses de princípios, frequentes e successivas, que ora abraçam com fervor uma idéa, ora a rejeitam com furia, para a tornarem a abraçar, para novamente a trocarem por outra opposta, porque tal inconsistencia de opiniões prova fraqueza, indecisão ou versatilidade, e nenhuma d'estas qualidades absolve o homem de estado, antes o condemna.

E' a differença capital que vai do conde de Thomar ao duque de Saldanha. O primeiro pela firmeza do seu character, pela inalterabilidade da sua politica, provou que estava no caso das modificações sinceras. Transigiu com a experiencia, cedeu á razão: mas cedeu uma vez, e mostrou na successão dos seus actos a profunda convicção que presidiu áquelle passo politico. O duque de Saldanha, pelo contrario, nunca fixou as suas idéas. Inconstante sempre; ora chefe da opposição exaltada, como depois de 1833; ora exaggerando os arbitrios governativos como em 1846; outras vezes propenso a um systema de complacencias, que, por condescender com todas as opiniões não pertence a nenhuma, o duque de Saldanha, em todos os actos da sua vida publica, tem provado uma inconsistencia de character, uma versatilidade politica, que é já proverbial no paiz. Querem uns que seja calculo e doblez natural; pertendem outros que seja fraqueza de animo, que torna irresoluto e debil no gabinete quem, nos combates, é valente e decidido. Seja o que fôr, o certo é que os actos do duque de Saldanha accusam da sua parte ou uma grande irreflexão, ou um sacrificio das verdadeiras crenças aos interesses do momento, a que alguns mais severos chamarão talvez hypocrisia.

Consultem-se os antecedentes do duque de Saldanha. Ver-se-ha que o duque exaggera sempre as suas sympathias, e as suas inimidades—que o mais leve despeito o transporta de furor e o obriga a comemttter as mais altas imprudencias—que uma adulação qualquer e seduz e embriaga, arrastando-o

a contradicções que desmentem a serenidade coherente de quem pleitea as honras de estadista. Em todas as situações em que o duque se tem achado, o mais amargo rancor brota-lhe sempre do proprio seio da mais ardente afeição: entre um odio irreconciliavel e um enthusiasmo sentimental vai ás vezes apenas um passo. Com o duque não ha nada seguro; nem amisado, nem antagonismo. Quando o julgam adversario furioso apparece subitamente amigo condescendente; quando o imaginam sustentaculo inabalavel, faz-se iracundo e ameaçador contrario. O duque sahe sempre das situações forcejando por tomar o papel de victima, dando-se por trahido, ou pelo menos enganado na ingenua candura da sua innocencia, e cada uma d'estas queixas tem suscitado justificações, que ordinariamente voltam contra o duque todas aquellas lamentações, e lhe attribuem uma iniciativa hostile no momento em que elle quer inculcar-se aggreddido. Parece ser o destino d'esto homem. Não ha nada estavel e permanente na sua pessoa, nem nos destinos politicos que se lhe aggregam. Todos os aspectos politicos da sua vida tocm o mesmo caracter de vacillação e de duvida, para rematarem na mesma solução contradictoria. Os seus amigos d'hoje são os seus inimigos d'amanhã: o que exalta agora com phrenesi ha de logo denegril-o com acrimonia. Quando protesta o aborrecimento está em vespervas da amabilidade. N'estas evoluções sacrificará sem remorso aquelles mesmos que elle compromettera, e passará a perseguil-os com o mesmo ardor com que os elogiava. Não ha nada mais seductor do que as suas palavras; infelizmente as obras nem sempre lhes correspondem. O seu enthusiasmo, degenerando em ternura, vai ás vezes até ás lagrimas: uma hora depois esquecerá os protestos compungentes e levará á causa contraria o mesmo gráu de paixão. Será isto defeito d'um coração demasiadamente impressionavel? Será resultado de um variavel juizo? Subordinará o duque a sua politica á diversidade dos seus interesses, ou aos caprichos da sua imaginação? Não sabemos. Registamos unicamente os actos do homem publico, porque só n'esses actos, e não nas declamações banaes, póde elle ser justa e competentemente avaliado.

Não são d'hoje as resoluções contradictorias do duque, nem d'hoje é tão pouco a sua versatilidade. Os homens a quem actualmente se acha ligado tem sido os seus mais ardentes adversarios, e aquelles a quem elle, duque, não hesitou já em attribuir os mais negros e insidiosos projectos a seu respeito. Não fallaremos aqui dos ultimos successos que teremos occasião de desenvolver largamente: um simples e rapido retrospecto confirmará esta opinião.

As dissensões, ou antes, rivalidade entre os duques de Saldanha e Palmella são antigas. Em 1830, porem, na emigração, aquellas dissensões tomaram tal gráu de intensidade, que o odio de Saldanha parecia inextinguivel. No anno que citâmos foi tirado por Palmella o commando geral dos depositos de emigrados em França ao duque, nomeando-se em seu lugar [commandantes parciaes. Aquelle passo irritou de tal modo Saldanha, que este escreveu immediatamente a Palmella, assegurando-lhe que *rompia com elle para sempre todas as relações d'amizade*. Era uma declaração escripta, expressa e terminante. Pouco tempo depois, commandando o duque marechal a esquerda da linha de defoza no principio do cerco do Porto, quando o duque de Palmella desembarcou foi elle Saldanha que pessoalmente o recebeu na Foz, acolhendo-o, não só como podiam exigil-o os interesses da causa, senão com todas as mostras de cordialidade e intimidade, chegando até a communicar-lhe alguns dos seus mais occultos e intimos projectos, o que perfeitamente desdizia d'aquella declaração, que ou não deveria ter sido feita, ou deveria ser sustentada por quem presasse um pouco a coherencia das suas opiniões e das suas palavras.

E' tambem conhecido o celebre desafio, em Paris, entre o duque de Saldanha e D. Francisco d'Almeida, actualmente conde de Lavradio. Uma reconciliação depois de um duello pode em muitos casos ser uma acção nobre. Não é porem o duello em si mesmo, que, n'este caso, é significativo; é sobre tudo a causa de que elle se originou.

O conde Alexandre de Laborde tinha escripto um opusculo ácerca da questão portugueza, para o qual se servira de

algumas informações dadas pelo conde do Lavradio. Desagrada-
 raram estas informações ao duque, que escreveu logo uma car-
 ta declarando-as absolutamente *mentirosas*: esta carta foi pu-
 blicada nos jornaes. O conde de Lavradio offendeu-se com el-
 la, e pediu explicações. O duque respondeu immediata e ca-
 thegoricamente, designando com toda a clareza as informa-
 ções que reputava *mentirosas* no opusculo de Mr. de Labor-
 de. Estas informações que elle de tal modo classificava, con-
 sistiam segundo a sua explicita declaração em *ser alli repre-*
sentado o duque (então marquês) *de Palmella como o homem*
que maiores serviços tinha feito á causa constitucional; e,
alem d'isso, dizer-se ainda ter sido o primeiro que se declara-
ra contra a usurpação de D. Miguel.

N'esta origem do duello vê-se elaramente a rivalidade
 e espirito de inimidade que havia não só entre os dous du-
 ques, se não entre o de Saldanha e todos os que por qual-
 quer modo defendiam os interesses de Palmella, entre os quaes
 figurava conspicuamente o conde de Lavradio. E todavia Sal-
 danha não duvidou depois fazer causa commum com esses ho-
 mens, e contradizer o seu procedimento anterior com ulterio-
 res demonstrações.

Um d'aquelles projectos intimos que o duque de Saldan-
 nha communicára ao de Palmella, quando este entrou no Por-
 to, e quando contra a geral expectativa o recebeu com uma
 effusão que desmentia as suas antigas protestações; um d'a-
 quelles projectos, de que anteriormente fallámos, foi o que
 havia feito objecto das suas conferencias com os sectarios da
 usurpação. O facto de terem tido logar taes conferencias, por
 parto de um general inimigo poderia servir de fundamento a
 graves accusações contra o character do duque; mas o modo
 porque ellas se realisaram muito mais contribue para exci-
 tar suspeitas.

O duque, como se sabe, era commandante da linha de
 defeza desde Lordello até á Foz; por consequencia dominava
 e dirigia as communicações sobre o rio. Esta circumstancia
 favorecia a execução do plano, e o plano consistia em ajustar
 com D. Miguel uma transacção que dêsse fim á guerra. O

governo inglez auxiliava o projecto, estava inteirado d'elle, e quando o duque de Palmella chegou do Londres trouxe a noticia de que lhe dava a sua plena approvaçãõ, o que fez acreditar que a subita reconciliaçãõ dos dois mortaes inimigos não foi obra casual, mas filha de muito vastos e complicados concertos, com grave detrimento da consciencia politica do duque de Saldanha, que mais uma vez figura na historia contemporanea de um modo que nos absteremos de qualificar.

O consul inglez Sorell, e o coronel Badcock, agente particular do ministerio britannico, de accordo com sir George Paullett, commandante d'um brigue da mesma nação, surto no Douro, entravam n'esta especie de conjuraçãõ. Saldanha convidado para um jantar a bordo do referido brigue encontrou-se alli effectivamente com o general miguelista Lemos, que fôra igualmente convidado, e a estas idas simultaneas deu-se o nome de acaso. Começaram então as conferencias sobre a projectada transacção, e de parte a parte não se mostravam difficeis em chegar a um accordo, ajustado, porem, como «preliminar de rigorosa observancia» (diz no seu *Ensaio politico*, Freire de Carvalho, parcial do duque e mais propenso a defendel-o do que a accusal-o, o que dá a todos estes successos que narra um grande character de insuspeiçãõ) ajustado, dizemos «como preliminar de rigorosa observancia *que nem D. Pedro* (o Imperador) *nem o seu ministerio* deviam saber cousa alguma *antes de estabelecida alguma base*».

Este facto é eloquente. (1) Um general, em plena campanha, tracta com o inimigo secretamente e ajusta como preliminar das transacções a exclusão dos seus chefes, pois que elles nada deveriam saber, antes de fixadas as bases, o que mostra claramente que taes bases lhes não podiam ser favoraveis! Que quer isto effectivamente dizer? O duque, honra lo

(1) Aqui não pôde o espirito deixar de se deter na consideração de algumas coincidencias que mais aggravam a significação d'este, pelo menos, imprudente passo do duque. O governo inglez approva o plano; os seus agentes em Portugal protegem-no; Palmella, chegando de Londres, annuncia a Sal-

com a confiança do Imperador, encarregado d'um honroso posto de defeza, pactua na sua auséncia com os rebeldes, e estatue como condiçáo prévia que não se consentisse participação sua, ou do governo, a que elle general devia obediencia, n'esta transacção em que se iam decidir os destinos do partido liberal! O duque de Saldanha sabia perfeitamente que o Imperador nunca transsigiria atraindo a ideas liberaes de que se tinha constituido representante; e elle, liberal, consentia-o! O duque de Saldanha sabia perfeitamente que o Imperador preferia sepultar-se debaixo das ruinas do Porto, a abandonar vergonhosamente o seu posto, os seus amigos, o seu exercito e a sua causa; e elle, general, não duvidava planeal-o, sacrificando o mesmo Imperador, a mesma causa, os mesmos amigos e o mesmo exercito! Como politico devia lealdade aos seus companheiros, como militar devia obediencia aos seus chefes. Um e outro dever desprezava alli o duque. Politico, faltava á lealdade; militar faltava á obediencia. Tratava com inimigos a occultas, por sua conta, sem para isso se achar auctorisado! Não são vãs declamações: é um facto que accusa e o convence! Está escripto: não é a voz de uma paixão do momento que se levanta para arguil-o; são os successos, é o grande vulto da historia que se ergue para julgal-o!

Ninguem póde prever qual teria sido a sorte do partido liberal em consequéncia d'este projecto já muito adiantado na sua execução, porque as conferencias repetiram-se e amiudaram-se, já com o general Lemos, já com o visconde da Bahia, cunhado do nosso general, que, para evitar a desconfiança que forçosamente excitariam aquelles repetidos convites, sempre das mesmas pessoas, ia alguma vez substituir o dito Le-

danha a adheréncia d'aquelle governo; Saldanha participa-lhe tudo o que estava concertado; aquelles homens que pareciam inimigos irreconciliaveis apparecem repentinamente congraçados, e não só congraçado mas communicando-se reciprocamente coisas do maximo segredo, e da mais alta importancia. Forçoso é confessar, que são estas bem singulares casualidades, e que dão bem que reflectir.

mos; ninguem pôde hoje advinhar qual teria sido o desfecho prematuro do cerco do Porto, que d'este modo não podia ser senão desastroso á causa da liberdade, se uma indiscripção do commandante das forças navaes inglezas, Glascock, não revelasse tudo. O referido commandante sabia do encontro do duque, a bordo do brigue, com os agentes miguelistas, mas ignorava o seu objecto, e n'uma disputa com o general Solignac disse tudo. Foi isto o que interrompeu as negociações já adiantadas e acabou as conferencias mysteriosas.

O escriptor que citámos, posto que tente defender Saldanha não esconde que a palavra «traidor» com applicação ao duque, viera á bocca do Imperador; e que o voto do general Solignac, habituado á disciplina franceza, era que, segundo as leis militares, o duque devia ser fuzilado immediatamente.» Não fazemos senão abrir a chronica contemporanea e compilar os successos. (1)

(1) Não occultaremos o que Freire de Carvalho diz para justificar o duque. São as suas formaes palavras:

«Basta saber-se que tanto Solignac como D. Pedro, a quem elle, Saldanha, se foi apresentar, depois de o ouvirem, em vez de o tractarem como criminoso, quasi que lhe pediram perdão e se lhe prostraram de joelhos?»

Agora raciocinêmos.

Que revelação poderia ser essa de Saldanha, relativa ás suas conferencias com os miguelistas, que obrigasse o Imperador a «pedir-lhe perdão e a prostrar-se-lhe aos pés?» Se era a sua justificação, porque não a publicou o duque quando depois foi accusado? Se as conferencias significavam proveito para a causa de D. Pedro, porque lho não participara? Se eram assim effectivamente por que não as continuaram, por que não continuaram cousa tão proficua? Esses mysteriosos successos deixam pelo menos uma grande duvida nos espiritos, duvida que de nenhum modo pôde ser favoravel ao duque. Se elle, em vez de illudir o Imperador de quem se occultava, enganava os miguelistas com quem tractava, a sua boa fé sofre igualmente com esse acto que não abona o procedimento d'um general,

Pelos fins de 1833, depois da entrada em Lisboa, havia-se declarado o marechal n'uma especie de conflicto permanente contra o ministerio que então se achava á testa dos negocios. O ministerio que o tomia, fez espalhar que elle marechal estava perfeitamente de accordo com o gabinete, para o desacreditar, diz o auctor das *Memorias para servirem de annaes*, no espirito dos seus partidarios. O duque protestou energicamente contra taes boatos, e escrevendo a um dos ministros assegurava-lhe, que «longe de apoiar as suas medidas, pelo contrario, a ellas se opporia sempre com todas as suas forças. «Esta declaração era positiva e terminante. Pouco tempo depois o duque apoiava o ministerio!

Se d'aqui passamos [a observar o duque no poder em 1835, vemos de que modo a opinião, pronunciada contra os seus actos, stigmatizou a sua entrada com Palmella para o gabinete. Então, mais do que nunca, foram commentadas o largamente commemoradas as incoherencias da sua vida politica. Nos jornaes do tempo não se encontram, só declamações banaes, que essas desprezamos-as porque sabemos o que valem; senão uma grande quantidade de factos, que não tendo sido nem refutados nem negados constituem um grande fundo de auctoridade.

Aqui inseriremos esses documentos cuja valia pôde ser de todos apreciada.

O que se segue dizia-o a *Vedeta da Liberdade* n.º 70 do 22 de Julho de 1835:

«Que confiança pôde ella ter (a nação) n'um ministerio cujo presidente nenhuma opinião segue senão a de atraiçoar a todos?—Quem diria que o sr. marquez de Saldanha, se uniria com o duque de Palmella, a quem ostensivamente fazia uma tenaz opposição? Axioma é por certo o *les extremes se touchent*, e para que não prestasse duvida alguma, já se uniram na administração os inimigos declarados!

Na mesma *Vedeta* n.º 78, com referencia ao *Nacional*, achamos tambem a narração de um facto, que bem falla por si:

«Lemos em o n.º 207 do *Nacional*, que o dia 24 de Julho fôra celebrado em Lisboa com pompa e regosijo: no

Theatro de S. Carlos entre outras demonstrações de alegria, cantaram-se algumas letras de elogio ao sr. duque da Terceira, que muito e muito foram applaudidas; e quando se cantaram outras em honra do sr. marquez de Saldanha um *sio* universal se fez ouvir em todos os pontos do Theatro!

No n.º 6 da *Gazeta de Portugal*, de 2 de Novembro, encontrámos igualmente a carta seguinte, que pôde servir para mostrar de que modo era apreciado o character do duque, e como estes varios testemunhos combinam e ajustam bem com o retrato, que d'elle faz o seu mesmo apologista, e que ao diante inserimos tambem como peça justificativa:

«A s. ex.^a o marquez de Saldanha.

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Pode ser que esta carta chamo a attenção de v. ex.^a: ella o convidará a optar entre o favor da camarilha, e a estima da nação; estima que v. ex.^a tinha certamente ganhado, e que tem actualmente perdido... E faltará ainda animo a v. ex.^a para a tornar a cobrar?

«Verdade é que o povo não dá embaixadas, nem titulos de grandeza; mas em tempos constitucionaes a sua opinião dá valia, e a sua generosidade dinheiro. Quando v. ex.^a houvera merecido uma e outra cousa, nem por isso a obrigação do reconhecimento deixaria, no coração d'um cavalheiro, de andar unida com a justiça da recompensa.—A opinião fica permanente e segura quando a gratidão se mostra como principio do merecimento.

«Os favores porém d'uma camarilha são arriscados; ella opera como o despotismo, e ainda mais insidiosamente. O duque de Palmella não pôde ser amigo de v. ex.^a por muitas razões, e a primeira será porque não é amigo de ninguem. V. ex.^a ha de ser festejado em quanto o plano não amadurecer: maduro elle, a sua propria podridão contaminará a v. ex.^a e cahirá.

«E todavia desde o anno de 1826 até ha poucos mezes, não merecia v. ex.^a ou compaixão ou despreso, bem que a sua vida politica se ressentisse continuamente d'aquella especie de

barafunda que faz a feição mais saliente do seu caracter, apparecendo extasiado sem fervor, e compromettido sem vocação.»

«Se a Providencia lhe tivera dado o dom da reflexão, o precedente da Camarilha d'esse tempo o deveria acautelar sobre os manejos da Camarilha d'agora. Postos á testa do governo, somente homens, ou mulheres como homens, senão deixam arrastar da influencia dos aulicos, para sacrificarem os homens e as cousas, não aos interesses da sociedade, mas á satisfação de caprichos, ou vinganças particulares.»

«A sua vinda d'Inglaterra ao Porto em 1826 fez conceber as mais lisongueiras esperanças, de que o movimento liberal d'então, capitaneado por v. ex.^a conseguisse derribar a tyrannia; porem uma especie de fatalidade acompanha os passos de v. ex.^a: esta mesma fatalidade pende agora sobre o actual ministerio. Os effeitos da vinda foram ao mesmo instante transtornados pela pressa da ida.»

«Foram ainda os seus amigos, foram os homens liberaes os que lhe aligeiraram o soberam apreciar os trabalhos da emigração—os que o salvaram da nefanda intriga *dos seus actuaes collegas*. Foi o povo constitucional quem lhe conservou a consideração; quem, dobrando os seus perseguidores ao jugo da opposição, os fez ceder do projecto, já começado a pôr em pratica, de o affastarem do theatro da gloria, e da libertação da Patria na cidade Eterna. A parte pois que a v. ex.^a coube n'esta gloria é permanente para o seu nome, bem que o não seja para o coração o reconhecimento aos que lha motivaram.»

«Os seus feitos d'armas, tanto nos que foram reaes, como nos encarecidos, tiveram por principio, e por instrumento ainda essa boa opinião titular, que denodamento o coadjuvou em todas as occasiões. A defeza da Foz — o rebatimento de

Bourmont — a efficacia nos ataques de Lisboa — os combates na circumvallação de Santarem — foram serviços feitos á Patria, e soaram com estrondo nas salas das camaras legislativas, aturdindo os seus inimigos, e impossibilitando-os de se opporem ao premio do renome, e aos donativos da Nação.»

«Acabou porem a sua vida militar com a convenção de Evora Monte; e como se tinha concluido a necessidade de o empregarem se deviam dar por extinctos os seus empregos: esse era o pensamento da Camarilha, que a morte de D. Pedro immediatamente fez apparecer — um dos primeiros actos do ministerio Palmella foi demittir a v. ex.^a (e por um decreto bem secco) de chefe do estado maior general. Isto são factos que, bẽdito Deus não haverá impudencia humana capaz de negar.»

«Entretanto o favor popular, como se fosse uma fada sua protectora, o havia vigiado, o tinha tirado do obandono, e subtrahido aos projectos dos seus inimigos. O lugar de deputado, que lhe foi conferido por duas provincias lhe conservou a consideração: e eis ali v. ex.^a rodeado dos seus amigos, n'um loger eminente, donde podia aterrar sem ser atorrado. Pouco bastava então para conservar a lealdade d'um cavalheiro—bastava não atraçoar.»

«Mas, que se diria d'um homem que sacrificasse os seus amigos aos seus inimigos? Este phenomeno, graças á condição humana, não é muito commum; mas talvez a singularidade da disposição de v. ex.^a venha a mostrar que não é impossivel. A concorrência da sua assignatura na conta dada pelos deputados da opposição aos constituintes, e na famosa petição de 23 de Janeiro, ali correu pelo publico, pouco antes de correr tambem a acceitação d'uma tal ombaixada, que o duque de Palmella phantasiou, e que só teve de real a grossa despeza em ordenados adiantados, em ajudas de custo recebidas, e no preparo e custeamento d'uma fragata demorada ali por mezes á espora da sua sancta ida.

«Se o vento o houvera levado, talvez novas circumstancias lhe não abrissem o campo para novos maleficios — outra vez apparatus do liberalismo, para outra vez ser sacrificado o

bem publico. Faz-se um arremedo do programma politico, e aconselham-se as reformas: alguns homens novamente chamados abouam por seus principios constitucionaes, e por seu character independente o bom resultado do plano, e foi porem o unico resultado serem elles victimas da sua boa fé:—as reformas emperraram no eixo da roda do ministerio. Que se havia de fazer? A economia queixava-se das disposições, e as vozes da economia não soam bem a quem quer desperdiçar. Os desejos da Soberana foram illudidos: o ministerio refundiu-se até chegar ás fezes da sociedade: e eis ahi v. ex.^a campando com os collegas, que a má estrella dos Portuguezes lhe mostrou no dia fatalissimo de 15 de Julho!... O que elles são, e o que elles fazem não pode descrever-se n'uma carta, nem tal seria necessario: todas as imprensas do reino estão ha mezes occupadas com isso.

«Tambem no que respeita a v. ex.^a parece bastante o que levamos dicto. A opinião publica exige que o actual ministerio se desfaça; ella quer ver lá prohibidade, patriotismo e economia: a Nação deseja a sua regeneração. Se v. ex.^a accedendo a taes desejos, pozor todos os meios para se conseguir aquelle fim, ainda recobrará a consideração que tem perdido; se o não fizer, os titulos da Camarilha, podendo satisfazer-lhe a mesquinha ambição, não poderão cobrir-lhe a infamia.»

(Os redactor da *Gazeta de Portugal*).

Como já dissemos o testemunho de Freire de Carvalho é perfeitamente insuspeito porque se mostra sempre seu exclusivo panegyrista e defensor parcial. Eis como elle se exprime a seu respeito:

«Todos tres, (Napier, duque da Terceira e Saldanha) como militares, ganharam grande nome e grande honra; e de alguns d'elles nada mais se esperava do que seus serviços nos campos de batalha; porém não succedia assim com Saldanha, de quem os seus amigos, e até muitos estrangeiros liberaes esperavam importantes serviços politicos. Não correspondeu porem elle ás esperanças que todos tinham concebido. Valente, activo, e intelligente como soldado, e general, mostrou-se fraco, e inactivo, e, para dizer-mos a verdade, sem nenhum

caracter em politica. Teve por muitas vezes em suas mãos os destinos politicos da sua patria, e ser o primeiro homem da sua nação; porem sempre ou por fraqueza, ou por egoismo, repelliu a fortuna que estendia o braço para o conduzir ao templo da immortalidade, e da gloria. Conhecendo todas as intrigas e má vontade dos seus émulos e inimigos, nunca soube representar, para com elles uma figura que lhes impuzesse respeito; por que em um dia se lhes mostrava todo coletrico e ousado, o logo no seguinte era para com elles affavel, submisso, e até adulator. Enganou completamente os seus amigos, que na hora da infelicidade e do desprezo, em que por muito tempo o tiveram seus émulos ou inimigos, sempre lhe foram fieis, sempre o defenderam, e sempre se expuzeram aos odios do poder só para o sustentarem na opinião publica. Assim, quando acabou a sua brilhante carreira militar, e devia começar outra, tanto ou mais brilhante, que era a carreira politica, annullou-se, fugiu ou escondeu-se a seus amigos para cortejar e servir seus émulos; e assim ganhou senão o odio, ao menos a indiferença d'aquelles, e o desprezo d'estos, que vieram a conhecer cabalmente toda a sua nullidade, e a pouca ou nenhuma rasão que tinham de o temer. Pessoas houve que attribuiram este procedimento a um falso character, e a um egoismo systematico; porem eu nunca fui d'essa opinião, porque sempre divisei n'elle mais fraqueza de character, mais falta de energia publica do que falsidade de entendimento ou coração. Se bravo e valente se mostrou sempre nos campos de batalha, e fraco e irresoluto no gabinete e na politica, foi porque a natureza assim o formou, e a este defeito natural nos parece devemos antes attribuir o seu procedimento do que a um calculo de insinceridade e hypocrisia systematica. Seja porem a que fôr, a verdade é, que elle acabou na grande e difficil lucta contra a usurpação como n'ella tinha começado, e isto é:—perdendo a occasião de ser o homem mais insigne entre todos os seus concidadãos. Em uma palavra, no Porto em 1828, e em Evora em 1833 despresou a fortuna, que o convidava para lhe depositar nas mãos os grandes interesses da patria, e por este despreso, geralmente incomprehensivel,

podendo ser um heroe ficou sendo homem vulgar, e mui á quem do logar para que magnificos destinos o chamavam.»

A versatilidade proverbial do duque está provada em todos os actos da sua vida politica, e provada por grandes factos, como as conferencias mysteriosas do Porto, de que tractámos; e os successos denominados do Belfast que já tractaremos, está provado pelas declarações não desmentidas da imprensa, desde a carta impressa na *Vedeta da Liberdade* que citamos, até ao celebre artigo das caras, publicado no *Nacional* n.º 206 e *Diabrete* n.º 16, que omittiremos porque nos não queremos armar do ridiculo; está provada pelo testemunho da historia, como temos procurado demonstrar; está provada por todas as circumstancias que teem acompanhado os seus actos publicos desde as suas desavenças de Paris com Palmella e Lavradio, até á sua retirada para a embaixada de Vienna; está finalmente provada pelo proprio testemunho dos seus melhores amigos.

Tal é o homem que pleitea a supremacia politica com o conde de Thomar. Ahi os apresentantes julgados ambos pela historia—com uma differença, o conde julgado pelos seus inimigos; (1) o duque retratado pelos seus proprios amigos.

Uma cousa se depreheende d'este singular parallelo. O duque é sem duvida uma espada brilhante: mas falta-lhe muito para ser um chefe de partido e uma capacidade administrativa. Não póde ser chefe de partido, quem abandona a cada passo os seus amigos, e trahindo os seus compromissos, os troca pelos seus inimigos. Não inspira confiança, não póde conservar influencia. Tão pouco poderá ter tambem capacidade administrativa, porque lhe falta igualmente a logica para conceber, a coherencia para demonstrar, e a tenacidade para executar as grandes ideas administrativas, luctando com as difficuldades praticas da applicação. A guerra não é o estado permanente das nações; a organisação é a sua necessidade perenne.

(1) Vide o que do character do duque diz Freire de Corvalho, no extracto que d'elle transcrevemos a paginas 31.

O duque que deve a sua influencia á guerra, perde-na paz; porque na paz esquece tanto os que foram seus camadas, quão poucos se lembra dos que são seus administrados.

O montante do condestavel é hoje apenas uma recordação; as leis do chanceller são ainda uma realidade.

CAPITULO II

ORIGEM DOS PARTIDOS

Summario

Divisão do partido liberal. Suas causas. O partido cartista. O partido exaltado ou ultra liberal. Os partidos caracterizam-se em 1828. Saldanhistas e Palmellistas. D'onde procedem as denominações. Acontecimentos da tentativa chamada do Belfast. Acção da Cruz de Morouços. Perturbação da juncta de 28 de Maio. Conferencias. Deliberações. Saldanha nomeado commandante militar superior em substituição de Palmella. Abandono subito de Saldanha. Peças justificativas. Allegações da juncta. Novas inconsequencias de Saldanha. D'ahi nascem as distincções dos partidos.

A subdivisão do partido liberal nasceu com elle no mesmo berço attribulado em que veio ao mundo. Não se cuide que é um resultado (como ordinariamente acontece) da dominação que principiou a exercer no paiz depois de 1833. Não. A sua origem é relativamente remota, e as suas causas são conhecidas. Mesmo nas horas do soffrimento, atravez do desterro e do martyrio, essa fatal divisão fez sentir os seus effeitos, e, se fosse maior o accordo dos contrarios, poderia com ella ter determinado a ruina da liberdade.

O partido cartista é hoje o que foi sempre, moderado e organisador, paciente na adversidade e benigno no triumpho

mais energico talvez no padecimento do que no poder, tendo de lutar continuamente contra os esforços dos seus inimigos e contra as virtudes da sua natureza.

Explicuemo-nos:

Porque o partido cartista é, e não pôde deixar de ser essencialmente moderado, conta defeitos que são o reverso logico das suas qualidades, ou antes, a consequencia dos seus principios. Todos os recursos violentos dos seus adversarios seriam n'elle uma incoherencia, porque importariam uma contradicção com aquelles principios. Assim, ha um grande desequilibrio na lucta. Toda a desvantagem do conflicto é para aquelles que, aos ataques reiterados, infinitamente variaveis e sempre tempestuosos dos antagonistas, só podem oppor uma paciencia inalteravel. Este esforço continuo quebra o animo e gasta as forças. Entretanto o partido cartista tem resgatado, pela tenacidade, pela inflexibilidade da sua attitude, este grave inconveniente do seu organismo politico. Como todos os partidos de ordem em face dos partidos revolucionarios, o partido cartista estava perdido no momento em que imitasse os seus inimigos ou transigisse com elles. Talvez seja esse o fim das provocações de taes inimigos. Se o conseguissem—bem o sabem elles—acabavam com o seu credito!!! Este partido não pôde deixar de ser o que é. A sua valente resignação, a sua pacifica, mas pertinaz coherencia constituem o segredo da sua força. Como a aggressão multiplice é a arma dos seus adversarios, a resistencia uniforme é a sua defeza natural.

A facção ultra-liberal sahiu do seio d'este partido, apenas elle nasceu. Seguiu-o no desterro, nos combates e na victoria para lhe estorvor os passos e para lhe desconsolear as proprias alegrias. Está hoje talvez transfigurada; mas na essencia é a mesma, a origem é commum—Protheu incomprehensivel toma todas as formas, mas em todas revela a sua antiga e verdadeira indole. Nos successos de 1826, nas tentativas de 1828, nos penhascos da Terceira, nos trabalhos da emigração, nas gloriosas pelejas do Porto, apparece ella, sob varios aspectos, mas sempre hostile, sempre aggressiva e turbulenta,

O ciúme deu origem áquella facção, as rivalidades deram-lhe incremento e força. O que era ao principio uma susceptibilidade apenas, tornou-se, com o tempo, e com os mutuos agravos em formal dissensão. A subdivisão do partido liberal, posto que já existente, é apenas precipitavel até 1828. A necessidade de combater o inimigo commum, a presença d'outro grande partido, forte, poderoso e dominante, fazendo convergir todas as attensões sobre este ponto, como que entibiava o ardor da lucta intima, ou, pelo menos, escondia os seus effeitos apparentes. Entretanto a mina lavrava surdamente.

E' de 1828 por diante que as desintelligencias começam a apparecer mais claras e manifestas. N'esta epocha os partidos caracterizam-se, defiaem-se, accusam-se mutuamente, tomam as denominações das suas principaes influencias, e começam, mesmo no desterro e nas pelejas, a dar o espectáculo d'uma desunião obstinada. As pretensões pessoaes disfarçam-se em idéas politicas. O partido moderado principia a sua influencia e o exaltado a sua opposição. Uns chamam-se Palmellistas, outros Saldanhistas. Palmella está á testa dos conservadores, Saldanha á frente dos democratas do tempo; ou, para melhor dizer, Saldanha e Palmella, disputam entre si a preeminencia e direcção dos negocios: pleiteiam primasias quando os desastres da patria os haviam tornado eguaes perante o exilio.

Notavel é que o duque de Saldanha na nossa historia appareça constantemente como causa de dissensões. A primeira bandeira de opposição é levantada em seu nome. E quando? Quando justamente era mais perigosa. Os acontecimentos que hoje presenciemos são, da sua parte, uma imitação, quasi um plagiato dos successos passados. E' sempre o mesmo homem—não no juizo das paixões, mas no julgamento dos factos. Tal qual se nos mostra agora, se nos mostrou sempre em todas as epochas da sua vida.

O duque de Saldanha foi o primeiro chefe dos exaltados. Quem se admirar, se alguem ha que se admire ainda, consulte a chronica do partido liberal, e não precisará subir muito. Já na data que citámos achará provas sobejas. Se qui-

zeramos escrever a historia minuciosa dos partidos, desde as celebres conferencias do *barracão* até ao não menos celebre estabelecimento do septembrismo, só isso daria um volume. Não queremos. Analysaremos unicamente um facto, em que principalmente figura o duque de Saldanha, e do qual, juncto com os motivos já mencionados no precedente capitulo, se originou talvez o maior agravo entre este e Palmella, o que certamente deu logar ás graves desintelligencias que ulteriormente rebentaram, estabelecendo no partido liberal um fraccionamento que o tempo não tem feito senão empeiorar.

Anda no conhecimento de todos os que sabem um pouco dos successos contemporaneos a tentativa denominada do Belfast. Uma parte do exercito tinha-se levantado em favor dos direitos da Rainha, a Senhora D. Maria II, e o movimento parecia annunciar no seu começo um exito feliz. Deixaremos aqui fallar o mesmo escriptor, que anticipadamente citamos e que, pela sua parcialidade declarada pelo duque de Saldanha, é o mais insuspeito testemunho n'este caso.

A 28 de Maio de 1828 tinha sido organizada uma juncta no Porto para dar direcção áquelle movimento :

«Esta juncta (diz o auctor dos Annaes no tom. 1.º pag. 17) recebeu a revolução forte e vigorosa das mãos do conselho militar, mas foi tal a sua inepecia, se mais outros motivos não houve, que desde logo a começou a suffocar, e por fim a entregou moribunda aos navegantes do Belfast, que a assassinaram.»

O duque de Palmella foi nomeado commandante em chefe das forças leaes e com elle serviam no exercito, entre outros, os generaes Saldanha, Saraiva, Stubs, e Pizarro. Sobreveio a acção da Cruz de Morouços, que determinou a retirada sobre o Porto por parte das forças sublevadas. Entretanto parecia não estarem os recursos de todo extinctos, e se observarmos a heroica resistencia da mesma cidade em tempos subsequentes, temos toda a rasão para accreditar que se, então, houvesse mais accordo e tenacidade poderia haver-se affectuado mais cedo a nossa regeneração politica, evitando-se d'este modo todos os males resultantes de mais prolongada

usurpação, e sobre tudo as immensas despezas que depois foi forçoso fazer, assim na emigração como na expedição, d'onde provém em parte os compromettimentos da nossa fazenda.

Grande foi porém a consternação da juncta ao saber a noticia; á qual se seguiu uma importantissima conferencia que depois foi objecto de vivas e acres contestações entre os emigrados de Londres e Paris.

Oçamos sobre este melindroso assumpto a Freire de Carvalho, cuja auctoridade a todos parecerá competente:

«A's 2 horas da tarde de 2 de julho de 1828 houve sessão da juncta: alli o desembargador Moraes Sarmiento fez um discurso para «provar que tudo estava perdido, e em consequencia d'isto que a juncta se ia dissolver e embarcar, deixando por unicas providencias que as tropas fieis se retirassem para Galliza. O que porém até agora se tem sómente posto em duvida, e não se tem completamente aclarado, é se na verdade se decidiu, que logo se marchasse em direitura para Galliza, ou se este recurso se tomaria só quando estivessem perdidas todas as esperanças, e já não fosse possível resistir ás forças rebeldes. De summa importancia se tem tornado esta questão, (1) porque sobre ella funda o general Saldanha e a sua defeza, apoiando se na primeira parte, isto é, na immediata retirada das tropas constitucionaes para fóra do reino; ao mesmo passo que outros affirmam, que a dita retirada só fôra condicional, ou só no caso de grande infelicidade, e como ultimo recurso, depois de esgotados todos os meios de defeza e resistencia.»

Como se vê, o general Saldanha foi accusado de não ter convenientemente utilizado os recursos que mencionámos, e de

(1) As duvidas que Freire de Carvalho indica ter ácerca da decisão adoptada pela juncta, duvidas que são o unico fundamento da defeza de Saldanha, apparecem depois perfeitamente resolvidas pela *Analyse* em que a mesma juncta conta os factos que se passaram e como se passaram na sessão de que se tracta, como opportunamente se verá na sequencia d'este capitulo,

haver abandonado os seus irmãos de armas no momento crítico, perdendo assim, n'aquella occasião, a causa, que n'elle fundava as suas melhores esperanças. Os documentos que posteriormente foram impressos em Londres em 1830, pelos membros da juncta para sua justificação, debaixo do titulo de *Analyse às observações do conde de Saldanha*, em resposta ás increpações do mesmo Saldanha, estabelecem fortes suspeitas contra o seu procedimento n'aquella conjuntura.

E' n'este logar que os documentos relativos aos successos que narramos tem perfeitamente entrada. As reflexões justificativas da juncta são justas, e os testemunhos, a que se referem, estão acima de toda a suspeita. Tracta-se de factos sabidos, e em factos quando todos os testemunhos concordam, não póde haver contestação.

Diz a *Analyse* da juncta, referindo-se ás accusações do Saldanha, ou, antes, sua defeza, que, para sermos justos, tambem ali damos substancialmente.

«Duas são as proposições essenciaes que o general Saldanha estabelece nas suas *Observações*.»

—1.^a Que elle não tivera em Portugal conhecimento da portaria, pelo qual fora nomeado general em chefe do exercito, o presidente de uma commissão permanente do governo em nome d'El-Rei Dom Pedro por occasião da dissolução da junta do Porto; dando como rasão d'isso que essa portaria só lhe fora entregue em Londres.

—2.^a Que a juncta do Porto, dissolvendo-se, o encarregara sómente de conduzir o exercito em retirada para Galliza, ao que os officiaes generaes e commandantes dos corpos não quizeram annuir.

«Que o general Saldanha não recebeu em Portugal a referida portaria, somos nós os primeiros que o asseveramos; mas asseveramos e provaremos:

—1.^o Que o general teve todo o conhecimento do conteúdo da portaria, em tempo conveniente, e que principiou a dirigir em consequencia d'elle.

—2.^o Que a commissão dada ao general não fôra principalmente, a immediata retirada do exercito fiel para Galli-

za: esta retirada seria o ultimo recurso de que se devia lançar mão.»

A junta continúa agora a exposição dos factos em resposta ás allegações de Saldanha:

«Reunida a junta na manhã do dia 2 de julho, tendo o desembargador Caldeira, um dos secretarios da mesma, apresentado diversas informações que lhe tinham sido dirigidas, nas quaes se figurava, que o Porto seria atacado na manhã seguinte, da parte do norte pelos tres generaes Gaspar Teixeira, Gabriel Antonio Franco de Castro, e D. Alvaro da Costa, com mui grandes forças, e pelo lado do sul pelo exercito do general Povoas, (noticias que a outros membros da junta tinham egualmente chegado) assentou-se que antes de tomar deliberação alguma, fossem convocados os generaes, e ouvidos sobre o que se poderia e deveria fazer.»

«Quando os generaes chegaram á sala das sessões todas as pessoas que compunham a junta guardaram profundo silencio; e instando-se depois uns aos outros, a fim de que algum d'elles expuzesse aos generaes o para que tinham sido chamados, foi o tenente general conde de S. Payo que tomou a palavra, e fez uma longa exposição do estado em que se achavam as cousas, conforme as ultimas noticias, que á junta haviam chegado; concluindo com pedir a opinião dos generaes, sobre qual partido melhor conviria tomar.»

=1.º Se arriscar uma batalha em Sancto Ovidio;

=2.º Se retirar-se o exercito sobre o Porto; e cortando a ponte, entrar na provincia do Minho, bater os generaes que a occupavam, e depois, segundo a fortuna das armas, ou passar á Beira Alta para reunir a si a guarnição de Almeida, ou sustentar-se no Minho em quanto pudesse; tendo como ultimo recurso uma retirada para a Galliza.

«Foi a opinião dos generaes, que nas circumstancias então occurrentes, não deveria arriscar uma batalha além do Douro; e, postoque o general Saldanha, como mais adiante veremos, quando cinco dias antes, em Oliveira de Azemois, se decidiu que se continuasse a retirada sobre Sancto Ovidio, havia sido de parecer que logo que o exercito se provesse do

que lhe faltava, cumpria tomar a offensiva, atacando o inimigo, não foi já esse o seu voto n'esta conferencia do dia 2; e geralmente, assim elle como todos, concordaram em que não devia arriscar-se uma batalha e por consequencia decidiu-se que era indispensavel abraçar o segundo partido proposto.»

«Sobre o modo de o pôr em practica fizeram-se muitas reflexões; e então o conselheiro D. Philippe de Sousa foi o primeiro que lembrou a Magalhães a necessidade de nomear-se um dictador nas circumstancias extraordinarias em que nos achavamos. Esta idéa emittida pelo ultimo, foi abraçada e ampliada pelos desembargadores S. Payo, e Sarmento; lembrando este que devia nomear-se um logar-tenente em nome d'El-Rei, por ser mais adequado aos nossos usos esse emprego, do que um dictador, e que o marquez de Palmella era a pessoa, que parecia indicada para tal encargo.»

«De qualquer modo que fosse, o ponto em que todos convinham, era que a junta não podia continuar tão numerosa, o que era incompativel com a celeridade de resoluções e providencias que as circumstancias exigiam; mormente, nas continuas marchas, que o exercito teria que fazer. A estas reflexões seguiu-se um estado de profunda melancolia na assembléa; porque, parecendo arduo obrigar alguem por uma nomeação para se encarregar do governo, ninguem comtudo se offerecia, sem embargo da reflexão feita pelo marquez de Palmella, de que uma tal commissão convinha que fosse conferida a quem espontaneamente se offerecesse para ella.»

«Depois de um não pequeno silencio, disse o desembargador Caldeira:—«O momento é critico; e convem que sejamos francos:—dos senhores generaes presentes, o que tem mais influencia no exercito é o senhor general Saldanha,»—O silencio continuou: e o desembargador Caldeira proseguiu, voltando-se para o general—«Então o senhor João Carlos não ha de abandonar-nos n'estas circumstancias.»—O general, que se tinha conservado mudo, e reclinado sobre os copos da sua espada, disse:—«Pareço que o fado me tem talhado para ser o que tome sobre mim esse encargo; eu me offereço a fazer, apesar do abandono da minha familia.»

«Apenas o general acabou de fallar, muitos louvores lhe foram dados por todos os membros da junta, e o conselheiro D. Phillippe de Sousa propoz que todos se obrigassem por escripto a sustentar a familia do general, e a cuidar da educação de seus filhos, no caso de que elle fosse victima de tão nobre resolução. Todos concordaram; e o general Saldanha, *com as lagrimas nos olhos*, respondeu, que sendo pobre não despresava de acceitar esta offerta, que muito agradeceu. O marquez de Palmella disse que aos louvores dados ao general accrescentava que a sua conducta n'aquelle momento era tanto mais digna de louvor, quanto elle marquez, se tivesse sido nomeado, confessava que não se achava com forças para acceitar.»

«Tractou-se pois de lavrar a sobredita obrigação, e a nomeação do general, o que foi encarregado a Magalhães, na qualidade de secretario. Então levantou-se o general Saldanha, que sahia para dar algumas disposições: mas dentro em poucos minutos, voltou, e disse que elle *se encarregava sómente do exercito: mas que para o governo queria companheiros*. Conformou-se a junta com aquella proposição e havendo-se então Magalhães, e Gama Lobo espontaneamente offerido, deliberou-se que o governo fosse entregue a uma commissão permanente, de que os nomeados seriam membros, e de que seria presidente o general Saldanha, o qual teria ao mesmo tempo o commando em chefe do exercito. Então o general nos disse: «Meus companheiros, eu vou dar as disposições para se começar a effectuar a retirada esta noute; ás dez horas nos encontraremos no meu quartel de Sancto Ovidio» e com isto sahiu.»

Aqui a *Analyse* transcreve os documentos, relativos ás declarações feitas ácerca da retirada para a Galliza, entre os quaes principalmente avulta a carta autographa do proprio Saldanha, que em seguida reproduzimos, carta pela qual se vê claramente qual era a briosa resolução das tropas, o que em presença dos successos anteriormente narrados, do que se passava na junta e dos commentarios logicamente irrespondeis, que lhe faz subsequente a mesma *Analyse*, pro-

jecta uma grande luz sobre a questão, e torná mais flagrante a contradição manifesta entre a deliberação adoptadas por Saldanha n'essa carta, e o que pouco antes se convencionára entre todos:

Carta do duque de Saldanha aos membros da Junta, que, segundo a resolução adoptada (a pag. 43) deviam formar a commissão permanente do governo.

«Tendo convocado os generaes Saraiva, e Pizarro, bem como os commandantes das brigadas, e dos corpos, e propondo-lhes a retirada para Galliza pelo modo que vv. ex.^{as} e seus collegas propuzeram, e accordaram comigo, e com o Marquez de Palmella, e conde de Villa Flor, vejo que são todos d'opinião differente, como vv. ex.^{as} se servirão ver da declaração inclusa que todos assignaram; d'esta fórma reputo-me desonrado da commissão, que a juncta governativa me conferiu com o fim de conservar para o serviço d'El-Rei em melhores tempos, as tropas, que compõe esta leal divisão.

«Deus guarde a vv. ex.^{as}. Quartel general em Sancto Ovidio o Novo, 2 de Julho de 1828.

«Ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. Francisco da Gama Lobo, e Magalhães, membros da juncta governativa.

João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun.

A *Analyse* continúa as suas observações referindo-se aos documentos:

«Dizem uniformemente (os documentos) que os officiaes generaes commandantes de brigadas e commandantes de corpos *declararam formalmente que não se queriam retirar para Hespanha*; e esta formal declaração o que prova? Prova evidentemente que, se o general, em vez de dizer áquelles bravos officiaes (como disse) *que a vontade da juncta era fazer retirar o exercito para a Galliza, onde se esperariam novas ordens d'El-Rei*, lhe dissesse, o que na verdade lhes devia dizer, isto é; que a vontade da juncta era que o exercito passasse á margem direita do Douro, que cortasse a ponte; que entrasse no Minho; e que ahi atacasse o bando de rebeldes, que os ameaçavam, e que seguisse a sorte das armas, na cer-

teza de que em todo o caso teriam uma retirada segura para Hespanha, prova, dizemos nós, que aquelles bravos chefes, que fizeram tão honrosa declaração, não se teriam recusado ao unico partido brioso, que lhes restava.»

«Se o general em vez de lhe dizer (como tambem disse) que *elle não os abandonaria n'aquelle movimento*, lhes dissesse o que na verdade lhes devia dizer, isto é, que elle se havia offerecido, e que a Juncta recebendo com reconhecimento, e enthusiasmo o seu offerecimento, o havia nomeado general em chefe do exercito, para o conduzir nas duvidosas e arriscadas circumstancias em que se achava, como deixariam taes chefes, que, segundo a propria expressão do general haviam nobremente declarado *que antes queriam morrer em Portugal do que depor as armas em Hespanha*; como deixariam de o ter seguido, e de ter tentado, nas circumstancias extremas, uma empreza, que, offerecendo-lhe em todo o caso uma retirada indisputavel, poderia talvez bem depressa collocal-os?»

«A proposição do general *nem foi fiel ás intenções e deliberações da juncta*, que o encarregara, nem á confiança, que n'elle tinham os officiaes do exercito, de que devia tomar o commando. Assim a consequencia foi como o general mesmo confessa, que *todos os chefes assombrados d'uma tal resposta responderam que para Hespanha não iam de modo algum*. E que outra decisão poderia esperar-se de tão bravos officiaes? Que outra cousa teriam respondido os valentes capitães Romanos, se os consules lhes houvessem declarado que a sua marcha a travez do paiz dos Samnitas, não tinha por objecto senão condnzil-os á fatal desgraça das forcas caudinas?»

«Ponhamos, porém, por hypothese o mesmo que já começamos, e continuaremos a provar ser impossivel: isto é: que o general não tinha comprehendido bem toda a extensão do dever a que se havia ligado; mas n'este caso como é possivel que elle, que segundo diz, pela manhã se havia *compromettido a defender a cidade á maneira de Saragoça*, á noite não ousasse tomar sobre si a resolução da sorte das armas, com um exercito que tinha confiança n'elle e cujos chefes estavam animados (como tambem declarára) *de um espirito tão cora-*

joso, fiel e patriótico, que promptamente assignáram uma declaração de não se retirar para Hespanha? E que outra cousa significára esta declaração, senão que esses bravos não queriam mais do que bater-se, e vencer ou morrer com elles?»

«O que era aquillo que o general chama *o seu fatal segredo?* não era mais do que um discreto silencio, que a prudencia recommenda em todas as operações arriscadas antes de ser tempo de as começar; mas, fosse elle qual fosse, por ventura não era aquelle o momento, não eram aquelles os homens uteis e fieis diante dos quaes devia acabar aquelle segredo? O que continha aquelle mysterioso papel assignado em Londres? continha a promessa explicita de obedecer á juncta, e não era aquelle o momento, mais que todos precioso, de cumprir aquella promessa? Mas sobre tudo, tendo soado a hora extrema da Patria, deveria algum segredo, algum papel assignado, algum conselho, alguma consideração particular, fazer calar o grito da lei suprema da salvação do Estado, no espirito de um general, a quem fortuna tinha collocado á frente de tropas que antes queriam morrer do que retirar-se?»

«Quaesquer que fossem, porém, as causas que a isso a conduziram seja-nos licito perguntar que motivo, que principio de razão ou da disciplina militar persuadiu o general Saldanha a convocar os commandantes de corpos, para saber se queriam executar o movimento que elle mesmo se tinha promettido fazer? O general nol-o declara: foi *alguma impressão que lhe fizeram as ultimas reflexões que a este respeito ouviu, em casa do barão de Renduffe ao marquez de Palmella.* Pois um general que ha pouco reputava *humilhação*, como egualmente disse, occupar no exercito debaixo das ordens de marquez de Palmella, o logar que a lei pela sua antiguidade lhe destinava; que attribue a isso a impossibilidade em que se viu então de remediar os males, agora que as circumstancias o elevam ao eminente logar de general em chefe e poem na sua mão sómente talvez a salvação da Patria, não se *humilha* de seguir, contra o seu dever, as inspirações d'um particular, que apenas tinha podido supportar como commandante, e em cujas qualidades militares não tinha confiança alguma? Não in-

sistiremos mais sobre este incidente, que só tocamos para fazer sentir a incongruencia dos factos com raciocinios.»

A *Analyse* prosegue expondo o que se passou até ao embarque:

«Passou-se o resto do dia em disposições, e perto das 10 horas da noite quando sahiamos de casa do coronel Gama Lobo, para irmos a Santo Ovidio junctar-nos com o general Saldanha, chegou o capitão do regimento de cavallaria n.º 12, Abilio Pimenta d'Aguiar, e nos entregou da parte do dito general, um officio, do qual pela sua importancia offerecemos não só a copia mas o *fac simile*; officio que destruindo quanto se tinha convencionado, dissolvendo *ipso facto* a commissão, nos collocou na situação mais embaraçada (1).»

«Disse-nos aquelle capitão que o general já não estava em Sancto Ovidio, e ignorando nós onde o encontraríamos (por que n'aquelle momento não podia vir á nossa imaginação que elle tivesse embarcado) fomos procural-o a casa de José Maria Brandão, de quem nos constava ter sido hospede, e nada soubemos; fomos a casa do general Stubs, onde já não havia mais que algum creado, e ali viemos no conhecimento de que todos estavam a bordo! Jorge Van-Zeller, então Alferes do regimento de cavallaria n.º 11, nos acompanhou em ambas aquellas indignações.

«Abandonados pelo general; ignorando as disposições do exercito, que em virtude do precitado officio, suppunhamos talvez em anarchia, fomos para o Douro, depois da meia noite; e, não tendo encontrado o general a bordo do Belfast, e depois de termos abordado diversas vezes os brigues de guerra Inglezes, surtos no Porto, pudemos enfim subir ao brigue *Cordelie*. Immediatamente o general Saldanha, sahiu do dito brigue, com a maior precipitação, dizendo-nos: *Querem nos perder?* E sem nos ouvir, nem dar occasião a explicação alguma, se lançou no mesmo bote, que alli nos tinha levado e se passou para o Brazil. (2)»

(1) E' a mesma carta que anteriormente transcrevemos.

(2) Todas as palavras ou confissões do duque, referidas

Effectivamente a responsabilidade do duque era immensa n'aquelle momento. Se podia ter salvado a patria e perdeu a occasião, torna-se elle a causa primitiva de todos os desastres ulteriores, de todas as vidas que se perderam nos patibulos, de todas as familias que ficaram completamente arruinadas, e, sobre tudo, das difficuldades enormes que foi necessario vencer quando novamente se tentou a lucta desde as praias do Mindello até á convenção de Evora-Monte. O que depois se alcançou dá até certo ponto a medida do que poderia alcançar-se ou pelo menos tentar-se, porque se fizemos um parallelo entre as situações apuradas em que chegou a ver-se o Imperador com a da divisão cansada, mas não desmoralizada, na acção de Morouços, devemos concluir que o remedio não era impossivel, se houvesse então a energia que se applicou mais tarde: pela gravidade do que se perdeu póde medir-se a importancia do que se poderia conseguir. Ora, os documentos que hoje commentam aquelles successos provam que da parte das forças militares, havia uma confiança illimitada no duque, e uma decisão tal que justificaria todos os arrojões; e provam mais que o abandono do duque foi subito e em perfeita contradicção com as suas palavras e promessas anteriores, o que por certo não póde deixar de accusar novamente, e com dobrada força, a versatilidade do seu character, a qual parece dever-se uma resolução, que por ter sido repentina, mais se deve attribuir áquella incerteza e vacillação, áquella incoherencia, que a feição proeminente em todos os actos importantes da sua vida publica. As razões que o duque allegou em sua defeza, quando foi universalmente arguido, não o podem absolver, por que na situação a que se havia chegado, dissolvida a juncta, embarcado o antigo commandante militar, e dispondo de tão decidida influencia no espirito das tropas, a elle e a ninguem mais tocava qualquer iniciativa energica, qualquer deliberação definitiva.

da *Analyse* vem alli competentemente documentadas: taes documentos porém ommittimol-os porque todos os podem ir verificar na obra que citamos,

É não se cuide que é esta opinião filha de quaesquer prevenções. Foi o juizo mesmo dos seus defensores. Para que não fiquem duvidas deixaremos outra vez fallar o escriptor para que já appellámos (Freire de Carvalho),

«N'esta confusão geral, filha do medo e do mais vergonhoso desalento, consta que o honrado desembagador Vellez Caldeira rogára ao general Saldanha se quizesse eucarregar do commando da tropa, porque era natural que, vendo-se ella sem chefes, e sabendo que todos fugiam, immediatamente se debandaria e nem um só soldado entraria em Galliza... Se tivesse havido resolução, valor, e alguma disposição para ganhar a maior gloria que póde haver, isto é, a de salvar a patria, e de defender a liberdade, nenhuma occasião poderia encontrar melhor do que esta o general Saldanha, porém elle deixou perder este momento precioso, e lançou sobre si uma nodoa que só um grande arrependimento; ou ainda grandes serviços podiam disfarçar.»

«Acceitou elle, com effeito, aquella honrosa commissão; mas dirigindo-se ao campo e convocando um conselho militar, n'elle expoz que tinha ordem da juncta para commandar a tropa e a conduzir para a Galliza. Os bravos e valentes officiaes, que tão inesperada proposta ouviram, ficaram com ella assombrados, e como soldados de brio e valor, todos unanimemente responderam que não queriam fugir; mas que estavam promptos a ir bater-se com os rebeldes, e que não faziam tão vil e tão vergonhosa retirada sem primeiro terem tentado a sorte das armas.»

«Qualquer que tivesse sido a ultima resolução da juncta, e quer ella tivesse decidido que a divisão constitucional se dirigisse immediatamente para Galliza, quer que tentasse primeiro uma resistencia, e só em ultimo recurso se tomasse aquella deliberação, o que convinha em todo caso era aproveitar as excellentes e determinadas disposições dos officiaes e da tropa, e lançar-se quanto antes sobre os rebeldes. O general Saldanha tinha na realidade accedido o commando, ou este lhe tivesse sido conferido vocalmente ou por escripto, porque

è só n'esta qualidade, *positivamente reconhecida por elle*, que se dirigiu ao campo e fez a proposta aos officiaes: *então porque se não aproveitou do bom espirito e determinação da tropa, e não marchou com ella direito ao inimigo...*

«Mas este general perdeu a melhor occasião, que a fortuna lhe podia deparar, que foi a de se immortalisar, salvando a sua patria do poder de um tyranno. *Nenhuma das suas desculpas podem ser admittidas*, porque todas são frivolas, e desmentem o character de todo o homem que aspira a ganhar nome por bellas e magnificas acções. Diz o general Saldanha na sua defeza, que tinha promettido em Londres, como no Porto, ao marquez de Palmella o não fazer senão o que em commum fosse determinado; e como na juncta se decidisse *expressamente*, que elle conduzisse a tropa para Galliza, e esta não quizesse tomar similhante direcção, se tivera então por desobrigado do commando, e tomara o caminho dos fracos, correndo a ir-se refugiar com elles no ominoso *Belfast*. Suppondo porém ainda que em casos taes elle fosse obrigado a guardar a sua palavra, todas as circumstancias do tempo em que elle a tinha dado haviam inteiramente mudado: já não havia general em chefe, já não havia juncta; e tanto um como outra tinham desaparecido: em uma palavra, já o generalissimo e a juncta se tinham dissolvido, e haviam fugido desamparando uma causa pela qual todos eram obrigados a dar o sangue e a vida. E n'este caso podiam tanto elle como ella exigir obediencia do general Saldanha? Em que codigo militar ou civil está escripto, que um general, que foge e larga o commando, e uma juncta, que tambem foge, e voluntariamente se dissolve, possam fazer testamento, e exigir com justiça que suas ultimas vontades se cumpram? Com a fugida do commandante e da juncta ficou o general Saldanha desobrigado de quantas promessas, ou boas ou más, pudesse ter feito; e a elle só então, como general em chefe, por ter accettato este posto, competia dirigir todas as operações militares, sem responsabilidade para os que já tinham fugido. Além d'isto, elle tinha dois socios comsigo, que formavam com elle o unico governo que restava: porque os não consultou e delibe-

fou com elles ácerca das medidas que se deviam tomar, á vista da nobre e briosa resolução da tropa? Mas elle nada d'isto fez, porque, sem consultar os seus collegas, se contentou com se despedir d'elles por uma carta, e desamparou tão valentes soldados que nada mais queriam do que vencer ou morrer por tão sancta e honrada causa.»

Até ao ultimo instante a fortuna como que andou a acornar com a occasião ao duque de Saldanha. Já depois de embarcado o mesmo duque foi procural-o uma deputação das forças leaes, que tal era o seu espirito que nem ainda depois de effectivamente abandonadas desanimaram. O exito que obteve esta heroica deputação não o relataremos nós: seja ainda seu interprete o panegyrista decidido de Saldanha.

«Os officiaes de tão briosa tropa ainda mandaram uma deputação ao general Saldanha, que já se achava a bordo do *Belfast*, protestando-lhe que estavam promptos a obedecer-lhe e a seguil-o por toda a parte; mas dizem que lhes fôra impedido fallar ao general com o pretexto de que estava dormindo, ou porque de proposito se fingia que o estava.»

Quando se observa a admiravel constancia da divisão, a sua resignação por um lado e a sua audacia pelo outro, não se pode deixar de profundamente lamentar que tão generosos intentos se desperdiçassem, que tamanho enthusiasmo se perdesse, e que tanta decisão fosse recompensada com esse precipitado abandono, que é, pelo menos, inexplicavel. O general dormia para a patria quando os soldados velavam pela patria.

Se quizermos agora saber, ao certo na presença d'um facto eloquente, qual era o espirito, a disciplina, e a devoção d'aquellas tropas tão leaes e tão decididas, oiçamos ainda Freire de Carvalho:

«No dia 6 de Julho (de 1828) entrou a divisão no territorio hespanhol, e esperando encontrar alli hospitalidade e bom acolhimento, só achou nas auctoridades hespanholas (1)

(1) Devemos confessar para ser justos que o procedimento d'estas auctoridades tem extraordinariamente mudado. Hoje, seja qual for o partido d'aquelles que se refugiarem á

insultos e mau tractamento.» «Além do roubo, empregaram-se ainda alli todas as intrigas e todas as seducções para demoralisar a tropa, e a fazer desestear para as bandeiras do usurpador; e para isto ou a separaram dos seus officiaes ou a tentaram com as perfidas e lisonjeiras esperanças do perdão se voltassem para Portugal. Apesar d'isto, aqui é que se viu qual era o espirito d'estes briosos soldados, que tão tristemente se tinham abandonado; porque pela maior parte se conservaram constantes na sua fidelidade, e preferiram a fome, os insultos, e todos os mais rigorosos trabalhos a quantas promessas e a quantas tentações lhes offereceu a perfidia. Nem deve esquecer o heroico feito, e a honrosa resolução que tomou o valente e leal regimento 18. Vendo-se sem os seus officiaes, de quem barbara e violentamente o tinham separado para melhor o poderem seduzir, os proprios soldados, por um unanime consentimento, d'entre si escolheram um dos seus camaradas, para que supprisse esta falta e fosse o seu commandante (1): raro e magnifico exemplo de lealdade e disciplina; exemplo que nunca deve esquecer, pois que é tal que até honraria uma d'essas valentes legiões de Roma, conquistadoras do mundo!»

Tom razão o escriptor. Exemplo é este que honraria as sombra da bandeira hespanhola, podem estar certos de encontrar n'aquellas auctoridades, e nas ordens do governo, todo o auxilio cortez e humano que se deve ao infortunio. A pundonorosa nação hespanhola de certo não teve parte n'esses procedimentos de que justamente se queixa o escriptor que citamos. A civilisação de então para cá tom dado largos passos n'aquelle paiz, nobre por indole e senhoril por condição: nem mesmo o fanatismo politico auctorisaria ou desculparia hoje alli nenhuma infracção dos deveres da hospitalidade.

(1) O nome d'este soldado é *Antonio Pereira de S. José*, o mais antigo então no regimento. Tinha feito todas as campanhas da Peninsula. Ficou servindo de coronel com outros camaradas para commandar as companhias.

legiões de Roma, e, mais que de as Roma, até as heroicas phalanges do Cesar moderno. Que mais do que isto fizeram os vencedores de Austerlitz e os vencidos de Waterloo? *La garde mort et ne se rend pas*: ficou estampado o dito nos campos d'aquella Paarsalia nova pelo sabre dos cossacos e pela metralha de Wellington; mas ao menos a guarda morria com os seus officiaes na frente, em todo o esplendor da batalha, cahindo sobre a terra da patria. Os nossos perigrinavam em solo estrangeiro, livres dos deveres da subordinação, ligados sómente pelos habitos da disciplina, pelo espirito de corporação e por aquelle heroico timbre que é um dos caracteres distinctivos do exercito portuguez—perigrinavam e soffriam obscuramente, sem fervoroso combate, sem gloriosas excitações, unidos em torno da sua bandeira pela unica força militar! Qual é maior e mais nobre? Compreende-se bem a poesia do sacrificio n'um entusiasmo radiante, á luz do sol e ao estampido do canhão, entre nuvens de fumo rasgadas pelo ecco estridente dos clarins; o que mais custa a comprehender é esse longo e ignorado padecer martyrio pela patria longe da patria, composto de saudades, de incerteza, e vergonhoso, e assim mesmo tenaz, resistente, sublime, porque se não dispersa quando tudo lhe falta, antes mais se estreita e se vincula cobrando forças do proprio desamparo! Qual será maior e mais nobre?

Com taes homens e tal disciplina que é o que se não podia tentar? E era tamanho o seu entusiasmo pelo general que mesmo depois do abandonados por elle o sollicitavam! Quando se meditam bem taes acontecimentos vê-se claramente que a Providencia como que havia disposto debaixo da mão de Saldanha todos os elementos que servem para consummar as grandes cousas e desculpar e justificar as grandes audacias. A gloria não é flor que se colha sem perigo de rasgar os dedos nos espinhos. Os espinhos aqui eram todos para esses homens que, sem chefes para os guiarem, odecem unanimes aos chefes da sua escolha, e, esquecidos de todos, não se esquecem de si nem do que devem ao seu nome: o general apenas teria o trabalho de cortar a flor. Com uma provincia

abundante, com um terreno defensavel, com uma retirada certa, com uma divisão composta de gente como esta, e, sobre tudo, possuindo até aquelle ponto a confiança e o enthusiasmo de taes soldados—que o digam todos—não se devia ainda proseguir na empreza? E que se não devia esperar se o duque quizesse empregar todo o seu valor e habilidade em dirigir tropas d'aquellas? Que reflexões pois o demoveram? O patriotismo hespanhol não reflectia, pelejava quando defendia Saragoça, a quem elle, general, no seu momentaneo enthusiasmo, queria comparar a cidade do Porto, e a quem ella depois se comparou. Tão pouco reflectia o Imperador quando desembarcava no Mindello para realisar a involuntaria prophacia do Saldanha. Se os gregos reflectissem não haveria as Thermopilas. Se D. João Mascarenhas reflectisse, Diu seria abandonada. Mas que reflectisse Saldanha: com homens que tal fizeram não seria mais do que uma temeridade prudente.

Para nós poucas cousas ha tão bellas e grandiosas, nos fastos militares como este facto, simples na sua exposição, mas assombroso, pelas inferencias que d'elles se tiram. Não podemos deixar de repetil-o, por que o repete ha muito o paiz —em quanto taes soldados tal feito recomendavam á memoria da posteridade, Saldanha dormia a bordo do Belfast, e dormia um somno de que nem pode despertar-o o ecco de tamanho patriotismo,

Ninguem teve ajuda melhor nem maior occasião para legitimamente se engrandecer a si e resgatar o seu paiz. Era uma d'essas casualidades, unicas na vida, que todos os homens superiores ambicionam com aneia, por que ou fazem os heroes ou constituem os martyres, a que o duque despresou, ou antes arremessou para o lado, com um scepticismo de indiferença, que pode abonar o seu stoicismo, mas que nenhum modo recommenda a logica da sua politica.

N'este supremo momento a inconsequencia natural do duque revelou-se de um modo que o devia ficar eternamente caracterisando. Ao observar as forças que podia commandar e as posições que ellas haviam occupado, o general exclamou: «só n'esta moitas os entretinha eu oito dias,» o mesmo gene-

ral, o mesmo homem desamparava pouco tempo depois aquelles de quem tanto esperava e que tanto esperavam d'elle. Como se explica esta metamorphose sem causa? Como a explicará a historia? Como devem explicá-la os contemporaneos?

Na emigração todos quizeram justificar-se. A confiança testemunhada a Saldanha impunha-lhe de certo uma responsabilidade muito maior, mas a da junta era grande tambem. Palmella pretendia fazer recahir sobre Saldanha todo o odio do abandono, Saldanha desculpava-se violentamente com Palmella, D'ahi as desintelligencias reciprocas (1). Palmella conservava a influencia e fazia sentir suas consequencias a Saldanha. Saldanha reagia e reunia todos os seus esforços contra Palmella. Esta lucta intestina, intima, dilacerante, no proprio seio da desgraça, era acerbamente dolorosa. O verdadeiro partido liberal era o partido da Rainha, assim pela importancia dos caracteres, como pela gloria das tradições já então adquiridas, como pela justiça dos principios invocados. No amago mesmo d'elle levanta-se outro invocando os mesmos nomes, protestando os mesmos interesses, mas tractando na realidade de promover o triumpho de uma rivalidade que

(1) As arguições que a imprensa da emigração dirigia ao duque de Saldanha não serão talvez absolutamente inuteis. Entre outras cousas perguntavam então ao mesmo duque: «Qual é a razão porque Saldanha recebe da commissão de Londres subsidio como ministro, que não é, e não contente com isto recebe soccorros em França por duas partes? Diz-se que s. ex.^a recebe uma pensão pelo governo francez e outro de 500 fr. por um dos depositos.»

Seria curioso comparar estas arguições antigas com os scrupulos actuaes do nobre duque, e observar o seu comportamento perante ellas.

A requisição de um conselho de guerra, não é tambem uma lembrança moderna no duque. Já em 1830 dizia que havia de reclamar-o na sua chamada *Declaração do conde de Saldanha aos portuguezes*, e o conselho de guerra não teve logar, apesar das ameaças terminantes do duque.

em taes circumstancias não podia ser senão perfeitamente nociva. Eram dois nomes que representavam duas vastas clientelas. O de Saldanha significava a opposição systematica, a demagogia turbulenta, o embaraço permanente. Foi assim que principiou. Variou depois, é certo. Mas não tinha elle já variado tantas vezes? Quem poderia subjugar aquella malevolencia? Quem poderia fixar aquella caprichosa vontade?

As facções, depois modificaram-se com o tempo mas ficaram na sua essencia o mesmo. O Saldanhismo desapareceu. Fez-se progressismo, depois septembrismo, depois republicanismo, depois socialismo, e Deus sabe onde parará se é que elle pode parar. O partido ficou sendo o partido da Rainha, prompto em todos os conflictos, paciente em todos os reveses. Não diremos o que é hoje o duque, nem mesmo é muito possivel saber-o. Apontamos unicamente para o que elle tem sido. O grave e solemne espectaculo do passado pode utilmente instruir a actualidade.



CAPITULO III

1846 e 1847

Summario

O duque de Saldanha á testa dos negocios em 1846. Proclamação de 6 de Outubro. Procedimento de Saldanha com o conde de Thomar. Conceito do duque acerca do mesmo. Suas formaes palavras. Opinião sobre o conde de Thomar em relação ao paiz. Consequencias da revolução de Maio. Suas exigencias e intenções. O club eleitoral da calçada do Sacramento. Attitude do paiz em presença da nova ascensão do conde de Thomar ao poder. Diligencias baldadas dos seus inimigos. Parte que toma o duque de Palmella nos acontecimentos de Maio. O parlamento inglez e o conde de Thomar. Deseza brilhante do conde. Testimuhos. Contradição manifesta entre os actos e as palavras de Saldanha relativamente ao conde de Thomar. O conde é nomeado ministro plenipotenciario em Madrid. Operações militares. Successos de guerra. Abandono de Santarem. Suas consequencias. Batalha de Torres Vedras. São perdidos os seus naturaes resultados. Delongas do duque. A insurreição cobra animo. Liga com os miguelistas. Abandono inexplicavel do Minho, por ordem do mesmo duque. Como se pudera ter vantajosamente conservado aquella provincia. Serviços e utilidade da divisão Casal. Como ella poderia ter cooperado efficazmente para encerrar a insurreição nos reductos do Porto. Motivos que podem haver inspirado Saldanha. Necessidade para isto de um protocollo. A guerra termina pela convenção. Antigas tendencias de Saldanha para este genero de soluções. Intento predominante, da parte do duque, de excluir o conde de Thomar. Espirito de rivalidade provado nos seus differntes actos.

Os successos de 6 de Outubro de 1846 determinaram incontestavelmente a influencia do duque de Saldanha e a sua supremacia no partido cartista. Era o homem necessario, e não tinha então competidores. Aqui novamente observamos de que modo parece ter-se empenhado o destino em proporcionar as occasiões ao marechal e collocar-lhe nas mãos a sorte da sua patria. Veremos, no exame dos acontecimentos, de que modo

elle correspondeu, tambem d'esta vez, aos beneficios da Providencia e á expectativa do paiz.

A rebellião de 9 de Outubro no Porto accendeu a guerra civil. A guerra era mais uma circumstancia favoravel á influencia politica do duque. (1) O partido cartista sabia, por experiencia, o que devia esperar dos seus inimigos; por consequencia era grande a sua decisão e enthusiasmo n'este grande pleito em que elle perfeitamente conhecia que litigava a

(1) Tanto mais favoravel quanto a prisão do duque da Terceira (cuja audacia inimitavel, sabida pericia, antiga fortuna e prestigio militar, o constituíam um rival extremamente perigoso para Saldanha) lhe deixavam o campo da guerra inteiramente desassombrado d'emulos. Esta prisão, e a dos companheiros do mesmo duque, entre os quaes havia outros generaes intelligentes, e esforçados, foi uma das maiores calamidades que, em similhante occasião, podiam sobrevir ao partido cartista, porque não só o duque da Terceira fazia uma grande e sensivel falta no exercito, que o conhecia, e que sabia como podia e devia contar com elle; não só ficava ociosa outra espada brilhante, defensora triumphal e, sobre tudo, invariavel do throno e dos principios de ordem; senão que era elle, nas mãos da insurreiçãõ, um penhor cuja valia todos conheceram, e que poderia estorvar a acção do partido cartista. Foi uma verdadeira catastrophe aquella prisão, e immensa é a responsabilidade da imprevidencia que lhe deu lugar, imprevidencia cujas causas, podem ser tantas que preferimos não lhe indicar nenhuma. A insurreiçãõ conhecia comtudo o valor da presa que, talvez a sorte, lhe entregava; mas nem por isso poupou affrontas e soffrimentos ao illustre martyr e aos seus companheiros de captiveiro. Quem quizer saber com mais individuação a historia d'este soffrimento póde consultar, sob o titulo de *Padecimentos do duque da Terceira e seus companheiros na Foz, redigidos por um dos dictos presos*, a Nota XIII, pag. 197, no curioso livro denominado *Carta dirigida ao cavalheiro José Hume, membro do parlamento, traduzida e copiosamente annotada em portuguez*.

própria existência. Colocado pela sorte, e talvez pelas suas occultas diligencias, á frente dos negocios, o duque dosinvolveu, no principio da guerra, uma grande energia. Organisar-se rapidamente os batalhões nacionaes, que deviam formar a guarnição da capital, facilitando d'este modo a marcha d'uma divisão d'operações, o que, em parte, se deve tambem á efficaz cooperação de muitos chefes benemeritos e de muitos cidadãos zelosos; organisarem-se os batalhões, dizemos, e tudo annnciou que se as diligencias progredissem com esta actividade e com egual intelligencia, a insurreição, apesar de ter achado ecco em alguns pontos do reino, em breve poderia limitar-se á sua séde, que era o Porto, e ahi acabar, (1) se fosse fortemente, e, sobre tudo, velozmente comprimida.

Como se vê, o duque de Saldanha dominava simultaneamente a situação politica e a situação militar, por que uma posição perfeitamente definida no paiz, e ninguem disputava a sua influencia.

Examinemos agora de que modo intendia elle as relações dos chefes cartistas, ausentes, como o partido e a nação. Aqui principia uma serie de contradicções, que nos absteremos sobre factos e documentos, de tal modo authenticos que de certo não se atreverá a negal-os o proprio duque.

Em todas as manifestações, ultimamente escriptas mais ou menos debaixo das vistas, da influencia ou da inspiração do duque, parece que o seu constante empenho tem sido dar a entender que o seu conceito fôra sempre desfavoravel ao conde de Thomar, na qualidade de estadista pelo menos. E sobre tudo em dois pamphletos intitutados, um—*O duque de Saldanha, e os seus detractores desmascarados*; outro—*O duque de Saldanha e o conde de Thomar*,—o primeiro attribuido ao deputado Roussado Gorjão, e o segundo attribuido ao deputado

(1) E' esta uma opinião que o duque não poderá impugnar porque seguramente não se ha de ter ainda esquecido d'estas suas palavras, a que se poderia determinar a data de 17 de Janeiro de 1847; «se a rebellião se reduzisse ao recinto do Porto, em breve alli morreria!»

Rebello da Silva—é sobre tudo, dizemos, n'estes dois pamphletos que mais se insiste n'esta idéa depreciativa que, pelos modos, é uma das preoccupações actuaes do duque. (1) Vamos ver, na presença dos factos se esta idéa, este conceito, esta opinião, effectivamente se antecipou aos seus despeitos presentes, circumstancia sem a qual as apostrophes d'hoje perdem todo o seu presumido valor. Esta approximação curiosa servi-

(1) Em prova, vejam-se estes excerptos do mais notavel, mas não menos insolente, dos dous referidos pamphletos, o que se intitula *O duque de Saldanha e o conde de Thomar*:

«O duque de Saldanha tolerou no conde de Thomar os erros da intelligencia e perdoou as aberrações da ambição, por que os defeitos ou as paixões politicas não são infamantes; e não queria que jámais se attribuisse a rivalidade pessoal qualquer divergencia.»

«O marechal e o conde do Thomar não podem servir juntos, porque o duque fórma tão desvantajoso conceito do conde, que até plena justificação, recusaria admittir-lo á sua sociedade.»

Vamos já a ver authenticamente como é que o duque de Saldanha reputava a intelligencia do conde de Thomar, e qual era o desvantajoso conceito que d'elle formava. Parece incrível tamanho despejo! O mesmo homem de quem o duque sollicita, e applaude que taes cousas se escrevam, ha tres annos apenas, longe elle da patria, era pelo mesmo duque requestado como intelligencia superior, e desejado para companheiro de administração, como passaremos a ver. Eis-ahi do que modo o duque não admittiria o conde. Veremos ahi tambem como é que o duque não queria que «se attribuisse a rivalidade pessoal qualquer divergencia» e verificaremos que nunca outro pensamento, senão o de rivalidade pessoal inspirou o seu procedimento para com o conde, procedimento tortuoso, cheio de duplicidade malevolente e de affectações indecorosas, o que tudo se prova em documentos irrefragaveis como faremos patente.

rá também para avaliar qual foi o procedimento, sempre double e retrahido, d'este émulo, que principalmente accusa de má fé os seus actuaes adversarios.

E' sabido que, no momento em que tiveram logar os acontecimentos de 6 de Outubro, o marechal fez publicar a celebre proclamação d'esta data em que immediatamente se fazia uma promessa, que, até certo ponto, compromettia a dignidade da coroa, substituindo-se, segundo é voz constante em todas as pessoas bem informadas, esta proclamação a outra, que, estando já escripta, não se achava maculada por nenhuma d'estas provas de complacencia ou de fraqueza, que, longe de moderarem ou contentarem os revolucionarios, não faziam senão inflammam a sua audacia e unicamente um erro politico, ou foi tambem um calculo e uma previsão (1) de rivalidade? Foi apenas uma condescendencia pueril, ou foi uma reserva mental? Fosse o que fosse, ha, n'esta época uma somma de factos ignorados, para os quaes, e não para simples declamações, appellamos nós, afim de esclarecer, de resolver todas as duvidas, e de apresentar o accusado diante dos seus mesmos factos, e só por elles julgado.

Enquanto a proclamação percorria o paiz assombrando a todoz e escandalizando a muitos, quasi ao mesmo tempo, em 9 de outubro de 1846, o marechal julgava o conde de Thomar homem de bastante importancia para lhe participar immediatamente todos os acontecimentos, para se ufanar com elle por causa de taes acontecimentos, e para lhe pedir a sua co-opeção, ainda que distante da patria. Estas palavras escriptas na mesma data são bem significativas: «permitta v. ex.^a que mesmo no turbilhão de negocio sem que estou envolvido, eu não deixe de me *congratular* com v. ex.^a pelo feliz resultado que coroou a nossa empreza, etc.» (2) Será este o ho-

(1) Effectivamente se o marechal tinha em vista com aquella promessa acabar ou mesmo attenuar quaesquer dilligencias dos revolucionarios desapontados, a exacerbação instantanea da revolta, provou sobejamente o erro da intenção.

(2) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde Thomar na data citada no texto.

mem sem alcance, sem grande significação politica, tal como actualmente o teem pintado os pamphletarios do duque? Mas não era somente uma homenagem á posição do conde de Thomar, homem de partido, que o mesmo duque por esta occasião rendia; era mais: era uma confissão explicita do alto conceito em que o tinha, era um desejo vivamente expresso de se associarem na administração, como se vê claramente d'estas palavras, que o duque não pode tambem ter ainda esquecido: «Muito estimaria ter a v. ex.^a por companheiro no ministerio» (1) Como! Pois o homem que se deseja por collega no gabinete, n'uma situação d'estas, é o homem sem merito e sem valia que hoje nos aprogoam! Que o duque mudasse de conceito não admirava: já pelos factos, anteriormente narra. O que unicamente admira é que tão depressa lhe passasse da memoria o modo e as occasiões em que exprimia uma opinião, de que hoje se constitue, elle mesmo, a antithese.

Mas se aquellas expressões de estima profunda, effectivamente existiram, como é indubitavel, como o proprio duque nunca poderá negar, é tambem verdade que, a par d'aquellas palavras do duque, que são a mais completa refutação dos follicularios que hoje inspira ou acolha, outras apparecem, que revelam o seu pensamento intimo, os seus occultos projectos, a sua segunda tenção, como vulgarmente se diz. O duque, depois de exprimir tão positiva e terminantemente o seu desejo, acrescentava: «mas v. ex.^a conhece que, n'este momento seria um passo pouco politico e de certo avaliará «o meu procedimento, olhando-o atravez do bem geral do serviço da Rainha e mesmo do partido cartista.» (2) Duas idéas distinctas ha n'este periodo e ambas dignas de reparo. Na primeira, o duque dá claramente a intender que se não chama o conde de Thomar immediatamente á administração, é unicamente em attenção a um preconceito politico de que,

(1) Idem.

(2) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar em 9 de novembro de 1846.

aliás, elle não participa, senão por certo não expressaria tão terminantemente aquelle desejo. Na segunda, ve-se que para justificar um procedimento, que elle mesmo intende precisar de justificação, não tem outro fundamento senão aquelle preconceito.

Aqui será por tanto occasião de verificarmos até que ponto se pôde reputar sincero este procedimento, e os motivos que o dictaram, e de que modo era existente e real o fundamento invocado.

Uma das cousas em que mais se teem empenhado os inimigos do conde de Thamar, é em fazer persuadir que é elle um estadista geralmente odiado, e, por mais de uma vez, esta persuasão, habilmente explorada, tem vantajosamente servido aos seus adversarios, e, ainda mais, talvez aos seus émulos. A revolução de maio de 1846 era, sem reserva, attribuída a um sentimento geral de animadversão pessoal. A revolução não foi, porém, senão contra o systema; foi um acto de cegueira, ou antes de credulidade, promovido pela desesperação dos anarchistas agonisantes, contra o predomínio da ordem caminhando á sua definitiva consolidação. Mas o systema era representado pelo homem: forçosamente havia de apparecer o nome do homem nos actos da insurreição. Teria succedido o mesmo a outro qualquer dos nossos estadistas, fosse qual fosse a sua opinião, se por ventura se achasse nas mesmas circumstancias. Não diremos que as calumnias repetidas, as declamações hypocritas, os sarcasmos violentos, e as interpretações malevolas dos seus inimigos, efficaçamente auxiliadas pelos descontentamentos que cercam irremediavelmente qualquer administração, não tivessem semeado antipathias em todo o reino tambem lhe haviam grangeado numerosas sympathias as suas qualidades como estadista e como homem. As forças por tanto estavam, n'este caso, equilibradas. O conde de Thamar tinha contra si as desaffeições que ha contra todos os governos, que tinha havido contra os homens antes d'elle. Aquellas antipathias e sympathias só eram, naturalmente, um pouco mais exaggeradas, na proporção da acção que havia exercido; mais tenazes, seguramente, porque umas e outras

tinham já idéa da sua energia, e, como é regular, os esforços da aggressão eram calculados sobre a vivacidade da resistencia.

Sobre que factos assentava pois a opinião, que Saldanha allegava? Sobre as asserções interesseiras dos inimigos do conde? Essas eram muito suspeitas para que lhe dêsse exclusivamente credito qualquer homem politico, por mediocre que fosse. Sobre a revolução de 1846? Examinemol-a nos seus resultados.

Se ella ora unicamente contra o ministro, destituído este, estavam satisfeitas as suas exigencias, estava cumprida a sua missão; cessara a causa, devia ella acabar no mesmo ponto. E succedeu assim? Todos o viram. O ministro sahio dos negocios, e deixou o reino; mas a revolução não parou. Tornou-se cada vez mais exigente e ameaçadora: não foi pois contra o homem, era contra as instituições que ella attentava. As actas do club eleitoral da calçada do Sacramento, os discursos excentricos dos seus energúmenos, e o programma governativo, alli acclamado, que sirvam de prova. Fora necessario ser totalmente cego para não vêr que, n'este caso, o conde de Thomar não era mais do que um pretexto, o a opinião; que se procurára estabelecer a seu respeito uma diversão calculada para desviar a attenção d'um ponto mais alto, a que, segundo attestam todos os indicios, certamente se mirava. (1)

(1) Uma grande quantidade de testemunhos, perfeitamente insuspeitos, porque veem dos proprios inimigos, aqui afluem a corroborar esta opinião. Oçamos cada qual de per si, e vejamos a sua significação:

«..... Mas nós que desejamos sinceramente que, *d'esta vez ao menos*, ajuntemos ao valor para destruir que nunca nos tem faltado, a força e o tino para edificar, e reconstruir..... nós mesmos já lamentamos que o poder creado para dirigir a revolução não fosse solemnemente inaugurado nas praças de Lisboa entre as acclamações dos delegados armados de todas as povoações do reino, e pelos floreios entusiastas das chuços...»

Haveria pois, á vista das provas que inserimos, algum symptoma decisivo que provasse a incompatibilidade do conde? Onde está? O conde, mesmo sendo ministro, por mais de uma vez havia sahido de Lisboa em differentes direcções, sem que,

N'este ponto a *Revolução de Setembro* faz as confissões das suas culpas e a accusação do seu passado. Não lhe falta o *valor de destruir*; mas ainda não soube construir. E' tambem uma profissão solemne do principio demagogico. O orgão da revolta quer ver o poder levantado sobre os pavezes tumultuosos, e alçado na ponta dos chuços. Foi para isto que se fez a revolta. Era a anarchia subjugada em 1837 que de novo erguia a cabeça.

«Parte por astucia politica, parte por curteza de engenho, passou por muito tempo entre nós como certo que a causa dos males publicos, porque se assignalou a nossa ultima reacção anti-liberal, era um só homem. No empenho de sustentar esta *ficção* de que *nós mesmos fomos cúmplices* por utilidade politica, davam-se ao heroe de convenção qualidades que elle não tinha, negavam-se os seus defeitos. encarecia-se as mais insignificantes partes que se lhe notavam. Era preciso elevar o *supposto motor de todos os acontecimentos* á altura d'elles, e *compor a cousa* de modo que pudesse ser a razão sufficiente dos effeitos. Assim o sr. Costa Cabral até certo ponto foi celebre por mercê dos seus inimigos; foram elles que trabalharam em elevar a sua fama para *abater o systema de que elle era um mero servo.*»

.....

«As massas populares, que podiam *ter sido illudidas por esta longa decepção*, acharam nos proprios instinctos melhores luzes para julgar dos homens e das cousas, e reduzindo ao seu verdadeiro valor *uma astucia politica*, derribaram o homem que *por acaso* exercia a tyrannia.

(REVOLUÇÃO N.º 1515 DE 13 DE JULHO DE 1846.)

Aqui ainda se revela mais claro o pensamento dos agentes da revolta. Esta opinião espalhada ácerca do conde, elles mesmos o confessam, era uma *ficção para abater o systema*,

por isso, recebesse demonstrações individuaes de desfavor publico. Na sua passagem manifestavam-se as sympathias, as antipathias calavam-se. Outro tanto não aconteceu a um magistrado supremo, filho da propria revolução de 1846, que viu em Coimbra subitamente afogadas, nas vociferações populares, todas as suas as suas longas e improbas diligencias de popularidade, apesar de elle dever saber o que é, e o que val si-milhante popularidade.

uma astucia politica para utilidade da revolta para illudir n'esta decepção as massas populares. Tinham supposto o conde motor dos acontecimentos, que haviam commentado n'outras tantas calumnias. Acabára esse interesse da parcialidade: ella mesma arrojava a mascara, d'este modo, e com um cynismo que é hoje verdadeiramente de maravilhar!

«A revolução não foi contra as pessoas dos dous ministros, foi contra o seu systema. Tudo o que tenda a destruir esse systema, tudo o que tenda a impedir a insurreição é uma consequencia necessaria da revolução.

(REVOLUÇÃO N.º 1603 DE 19 DE SETEMBRO 1846.)

O orgão da revolta completa as suas revelações. conclue exactamente como nós. A insurreição não se fez contra as pessoas de dous ministros; foi contra o systema. Quereis agora saber como aquelles homens intendiam o systema contra o qual se rebellavam, e as idéas que lhe pretendiam substituir? Lê-se todo este notavel e significativo periodo:

«A tyrannia da lei é mais perigosa que a do homem, porque dura mais, e estende o seu jugo sobre mais cabeças ao mesmo tempo. A tyrannia do homem é com effeito caprichosa como toda a tyrannia individual, tem momentos de intermitencia, algumas vezes prudentes compensações.»

(REVOLUÇÃO N.º 1517 DE 1846.)

A confissão é clara. O systema que elles combatem, a tyrannia que pretendem derribar, é a tyrannia da lei. Por que o conde de Thomar era o representante d'esta tyrannia é que elles o guerrearam com a hypocrisia que não duvidam alardear. N'essas palavras fazem o elogio e a justificação do

N'estes termos, se a supposta incompatibilidade de conde não estava provada com factos, que motivo, bastante poderoso para decidir o animo d'um homem d'estado, inspirou o

onde e explicam positivamente os seus fins. A lei é para elles uma tyrannia. Preferem-lhe a tyrannia individual. Mas essa tyrannia é o despotismo? Que importa! Despiram a capa do tribuno, porque a revolta lhes póde entregar as insignias do poder. Antecipam a consagração do arbitrio. Evangelisam já o absolutismo do homem, porque se imaginam chegados á dictadura. Já não tem precisão de dissimular. A's suas longas accusações chamam claramente *uma decepção para illudir as massas populares*. A' liberdade substituem o egoismo. Zombam egualmente do seu povo e da sua crença. Não está pois simplesmente explicado o espirito da revolta, pela palavra dos seus chefes?

Em quanto assim se explicava o orgão official da insurreiçãõ, o resto da imprensa revolucionaria não ficava ocioso, e pelo accordo das suas revelações, mostrava a identidade da inspiração:

«O povo gritou, porque fossem abaixo os Cabraes!! Foram abaixo; mas se elle sempre ha de fazer as cousas imperfeitas!! A soberania está no povo, foi por essa soberania que os Cabraes cahiram; porque quem os conservava no poder, é porque os queria, e para que *usou o povo só meia soberania?* Pois quem derriba um governo á força de pau, tiro, fouce rosadora e pedrada, consente que *alguem tenha a confiança de lhe nomear um ministerio?*»

(O REBECÃO DE CHAVE pag. 1.^a e 2.^a 1846.)

Como se vê, as aspirações são as mesmas:

«E' um absurdo limitar só aos Cabraes a causa do pronunciamiento. Dous homens sós não podiam fazer tanto mal, estragar uma nação inteira, corromper a condição social. Seis annos sós tambem eram poucos para consumir esta obra de iniquidade. O mal vem de mais longe, os agentes foram outros muitos.»

A VANGUARDA DA OPPOSIÇÃO. 1846.)

procedimento de Saldanha? Supponhamos, porém, que o duque, ou por leviana precipitação, ou por alguma individual prevenção tinha verdadeiramente aquella idéa. Não o enganou em breve a experiencia? Não viu elle que, apesar das promessas da sua proclamação, e de toda a diligencia em affastar dos cargos importantes os homens affectos á politica

O mal que se fazia — já nol-o disseram, como vimes — era procurar estabelecer a lei, tyrannia que reputavam insupportavel, o que torna evidente que não queriam lei. Contra esta *iniquidade* é que se haviam rebellado. Entretanto affiançam que fora absurdo julgar os *cabraes unicos auctores* d'essa tyrannia e causa dos pronunciamentos. De certo. Não; nem elles, cremos, tiveram nunca tal pretensão. Desgraçado d'este paiz se só dous ou tres homens tivessem respeito e amor á lei.

«A revolução começa agora. Vossa Magestade não comprometta o seu throno e a sua dynastia.»

«A nação quer um ministerio que attenda ás suas sagradissimas exigencias. A administração que Vossa Magestade tem de nomear deve *destruir e não conservar*, etc.

«A crise dos dias de julho não foi mais assustadora. A commissão da municipalidade de Paris respondeu aos enviados de Carlos X. *E' tarde*. — Apenas disse duas palavras, e o rei de França com a sua dynastia sumiu-se.»

(SUPPLEMENTO AO PATRIOTA, N.º 831 DE 22 DE MAIO 1846.)

Este fere ainda mais directamente o alvo. O ministro já está ausente; a revolução ainda agora começa; o throno pode ficar compromettido. A letra e o espirito são igualmente claros. Já antes d'isto o tinham dicto: nega-se a prerogativa; o povo é que deve escolher a sua administração com os floreios dos chaços, que é o melhor methodo de acertar. Poem-se em almoeda os attributos da Magestade. Depois vem a ameaça terminante, manifesta. E' claro ou não?

Mas ainda que o não fosse, a intenção ficaria plenamente demonstrada cotejando, entre si, os dous periodos seguintes, do mesmo jornal, separados por menos de tres mezes de intervallo:

do conde de Thomar, não viu, dizemos, que a revolução, apenas observou que o partido cartista reassumia o poder, rebentou de novo e com mais furor do que nunca? Não foi mesmo o marechal que, no Campo Pequeno, como ainda depois repetia, exclamou diante de umas poucas de mil pessoas, á frente da divisão de operações: «entre nós (cartistas) e elles (exaltados) não ha reconciliação possível?» (1) Não se viu, dentro em pouco, obrigado a ostentar um apparatus de rigor, seguramente demasiado e inconveniente? Não ouviu d'ahi a pouco o

«Não ha reis arrependidos: Os reis ou teem o throno, ou o cadafalso, ou exilio. Um rei arrependido é um rei vilipendiado, não é um rei, etc.»

(REVOLUÇÃO N.º 5371 DE 12 DE AGOSTO 1846.)

«Não exigimos impossiveis, nem queremos que os acontecimentos se precipitem; mas desejeramos que se acautelassem novos desastres, e que a coroa saudasse a revolução, ligando-se com eila em abraço fraternal, antes que esta a subjugue inteiramente.»

(REVOLUÇÃO N.º 4508 DE 23 DE MAIO 1846.)

No primeiro, condemna-se o principio dos arrependimentos, e, por consequencia das concessões: no segundo recomenda-se exactamente a practica d'essas mesmas concessões. Ou esses homem queriam de proposito comprometter a coroa, obrigando-a, com os seus perfidos conselhos, a cahir no mesmo que elles reprehendiam julgando que lhe trazia comsigo a ultima ruina; ou procediam com uma leviandade, que os desautorisa de todo, semeando d'este modo e com tal indiscrição essas arriscadas contradicções.»

Os documentos são eloquentes, e provam exuberantemente—provam pelas suas mesmas confissões, que não fora o conde a causa, da revolta, e provam egualmente quaes eram os seus verdadeiros fins.

Não saberia isto o duque de Saldanha?

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar em 16 de Dezembro de 1848.

seu nome, tão carregado como o do conde das imprecações dos seus inimigos, imprecações que se exacerbavam furiosas, sempre que sobre elles obtinha alguma vantagem? Não foi objecto das mesmas accusações e das mesmas calumnias? Não lhe arremessaram profusamente ás faces a irrisão e o insulto, a injuria e o sarcasmo? Não foram ainda mais adiante, alevnhando-o de assassino, quando a sua espada brilhava ao sol do meio dia, em combates, talvez mal conduzidos ás vezes, mas, de certo, sempre loaes? Não conhecia elle os homens que taes indignidades propagavam, tanto mais quanto mais vivera entre elles e com elles? Não teem dicto os revolucionarios sempre o mesmo? Não se tem havido sempre do mesmo modo com todos os homens que os contrariam—mesmo com aquelles que hoje mais cortejam e adulam, cousa de que o duque é ainda uma viva prova? Não foi o visconde de Sá, actual chefe de patriotas, assaltado já pelo punhal dos mesmos? E proveu isso nunca o odio geral do paiz? Que razão pois o levava a transigir n'este unico ponto? Porque? Para que? Vinha d'ahi vantagem ao partido? Não, que a lucta não cessou, nem podia ser mais violenta e decisiva, pois que a revolução de 9 de Outubro se não empregou mais recursos foi por que os não teve; não, porque este procedimento do duque, só deu em resultado privar a causa dos serviços e presença de um homem, cuja energia era conhecida, cuja influencia era tal que o mesmo duque lhe pedia o auxilio da influencia, apesar de distante, como já observámos, e finalmente cujo prestimo politico tanto avultava, que elle Saldanha reconhecia a conveniencia e exprimia o desejo «de o ter por companheiro no ministerio.»

(1) O duque, conservando o conde de Thomar affastado de Portugal contra a convicção, que não duvidava lavrar pelo seu punho, nenhuma utilidade ganhava para o partido, porque o odio dos seus inimigos era o mesmo, porque os esforços d'estes em nada affrouxavam, porque o seu numero não diminuia: pelo contrario, só desvantagens colhia, porque se privava a si d'um auxiliar poderoso, e ao partido d'uma vontade

(1) Correspondencia citada, de 9 de Outubro de 1846.

robusta, d'uma intelligencia affeita e experimentada nas situações violentas, e, por tanto, preciosa em tal crise. Qual era por tanto, n'este caso, a razão victoriosa que podia vantajosamente lutar contra tantas e tão obvias indicações de conveniencia publica e da propria experiencia? O rancor dos inimigos do conde? Tambem esses eram inimigos d'elle, duque; tambem o hostilizavam sem piedade; tambem o aggre-diam sem descanço. Se isso podia ser um motivo insuperavel, então tambem o duque devia ceder a tal motivo, porque n'essa epocha se achava nas mesmas e ainda mais determinativas circumstancias. De mais, conservará o duque tamanha candura e innocencia politica que não saiba a ductilidade laudatoria ou aggressiva dos que n'essa occasião eram seus contrarios? Não conhecia elle, por experiencia, o valor intrinseco d'uma opinião, egualmente prompta a converter-se em apolo-gias pomposas ou em objurgatorias desenfreadas? Devia conhecê-lo, por que tem sido tantas vezes opprimido por umas, e exaltado por outras, quantas tem plantado entre aquelles homens os seus arraiaes, e separado d'elles os seus penates: e a historia contemporanea diz que não tem sido poucas essas vezes!

Como sempre, é nas proprias palavras do duque que buscaremos a confirmação de tudo o que temos asseverado. O duque não tinha nenhum motivo que lhe influisse este procedimento, senão a figurada incompatibilidade do conde, pois que tambem em Novembro do mesmo anno de 1846 não duvidava dizer: «todos fazem justiça a v. ex.^a e todos lamentam a cegueira popular, que, n'este momento existe a respeito de v. ex.^a» (1) Se *todos faziam justiça* ao conde, quem podiam ser esses *todos* senão os cartistas verdadeiros, os homens sensatos, os caracteres illustrados, os que constituem uma opinião? Se unicamente se lhe oppunha a cegueira popular, qual podia ser ella senão a dos inimigos do conde, com a sua desvairada clientela? Pretendia assim convencer ou con-

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar na data citada.

tentar essa credulidade da clientela, essa *cegueira popular*, esse resultado produzido pela acção d'um odio incansavel e sem escrupulos? Bem vira já que era impossivel, porque essa mesma *cegueira*, que existia contra o conde, se desinvolvia, então, contra elle Saldanha, e com uma violencia proporcional ao perigo para elles da sua presença e ao temor que lhes inspirava a sua pessoa. Com quem pretendia pois condescender o duque? A quem desejava satisfazer? Aos cartistas? Esses — confessa-o — *todos* lhe faziam justiça. Aos exaltados? Esses eram do mesmo modo seus inimigos irreconciliaveis, e, trocando o alvo dos seus tiros para o que lhe ficava mais perto, não tinham feito senão mudar de pretexto, conservando sempre a mesma causa. Os inimigos do conde de Thomar mostravam-se furiosos contra elle? E' perfeitamente natural. Qual é o homem d'estado que não tem inimigos? Se as rancorosas exigencias d'estes impozessem a lei, ou se quer aconselhassem contemplações taes, qual seria o estadista que residiria no seu paiz? Os inimigos politicos, o muito menos em Portugal, não combatem os seus contrarios em madrigaes, não caminham aos seus fins lavrando-lhes panegyricos. Entre nós, sobre tudo, que a intriga das facções exaltadas não recúa nem diante da calumnia, nem perante a hypocrisia e a iniquidade, esperaria o duque de Saldanha ouvir no paiz um concerto unanime e accorde de exclusivos louvores dados ao estadista em lucta permanente e mortal com essas facções? Não lhe bastava aquella *justiça* «que todos lhe faziam» segundo affirmava? O motivo é demasiado futil para que se possa julgar sincero.

E n'este ponto não queremos nós fazer uma grave injuria á perspicacia politica e ao bom juizo natural do duque de Saldanha. O duque devia saber de que modo se haviam preparado as clientelas revolucionarias, e isso a que elle mesmo chamou *cegueira popular*. Devia saber que, se no paiz existisse uma irritação espontanea contra o conde, se a sua administração inspirasse um sentimento geral de repulsão, desnecessario teria sido recorrer a todos aquelles meios perfidos de que os exaltados se haviam servido, para seduzir em alguns pontos a credulidade e inexperiencia dos povos, Devia

saber que a execução das duas leis — de saúde, e decima de repartição—a segunda das quaes era uma utilidade e justiça tal que a mesma opposição nunca ousou directamente negal-as, devia saber, repetimos que essas duas leis ministraram os primeiros pretextos, e deram causa a exercer-se, por parte dos exaltados, uma propaganda de seducção, pueril e grosseira, que não recuava nem diante de absurdos taes como o de afirmar «que o governo fazia avaliar as terras para vendel-as aos inglezes!» Devia saber finalmente que, logo que se empregavam contra um homem tão grosseiros enganos, era evidente que esse homem não podia ser facilmente destituído da sua influencia e privado da confiança que inspirava. A cegueira popular, por consequencia, fôra d'estas causas, atrozes ou ridiculas, não representava senão a clientela revolucionaria. E como queria o duque submetel-a e dominal-a? Começando por adular a sua má fé, por acatar as suas falsas prevenções ou condescender com os seus caprichos? Extranho modo certamente de combater uma revolução! Ora, esta simples observação não podia escapar a quem tem alguma practica dos negocios.

Nem só dentro do paiz, tambem fóra d'elle esta opinião se fez correr com afineo tal, que bem prova de que importancia para os seus fins a julgavam os inimigos do conde. Os debates do parlamento inglez deram uma triste celebridade a esta opinião, sobejamente refutada pelos acontecimentos ultteriores e plenamente aniquilada pela brilhante justificação do conde nas camaras portuguezas. Todos ahi viram o conde descer á arena, como um simples luctador, arcar braço a braço com essa supposta opinião, medir-se victoriosamente com ella, sahir-lhe ao encontro nas suas mais ousadas aggressões, seguir-a nos seus mais artificiosos meandros, e por fim, submetel-a e atterral-a. Todos viram o homem d'estado, o chefe de partido, diante do paiz inteiro, sentar-se voluntariamente no banco dos accusados, e, d'ahi, appellando para o tribunal da verdadeira opinião, expor com uma palavra vibrante e convicta, com um verbo incisivo e ardente, não somente a sua vida politica, senão tambem a sua vida particular. Todos es

lembram d'essas memoraveis sessões em que os illudidos se desemganaram, em que os tibios se robusteceram, e em que os contrarios se desesperaram. Nada pois accrescentaremos a este respeito. Pelo que toca aos discursos, sobre este assumpto pronunciados nas camaras inglezas e francezas, achamos n'um folheto, sizudamenté escripto em 1847, e intitulado *Memorandum politico, ou os ultimos dezesseis mezes*, algumas considerações de grande peso e auctoridade, e que, por isso, transcrevemos como um documento summamente valioso:

«Sobre tudo o que até causa tedio a ler-se é o que no parlamento, e tambem nas camaras francezas se disse em referencia ao conde de Thomar e seu irmão.

«Os membros, assim do parlamento inglez, como das camaras francezas, justificaram a accusação de ignorancia com que tem sido arguidos geralmente na imprensa, e fóra d'ella, pelos homens que estão no alcance da historia particular de Portugal nos ultimos annos. Porém sempre advertir que, motivando pouca admiração o proceder de alguns membros das camaras francezas, que sem duvida, com rara excepção, foram induzidos em erro pelos oradores e jornalistas inglezes, de quem mostraram ser meramente o écco; não acontece outrotanto em relação aos mesmos oradores e jornalistas inglezes, pois que se muitos d'estes podem ser accusados de ignorancia, a outros muitos ha a arguir, antes do que a ignorancia, manifesta má fé.

«E donde provinha essa má fé? — Claramente da má vontade com que desde tempos em Inglaterra o conde de Thomar era olhado. A esta má vontade devem assignar-se as quatro causas que brevissimamente passamos a indicar.

«A 1.^a causa foi a mortificação causada ao governo inglez pela não assignatura do tractado de commercio, que tanto tinha a peito. O tractado não foi assignado, por que exigindo consideravel favor para a Inglaterra, affiançava favor reciproco para Portugal. Esta rasão poderosa teve por si o proprio voto dos mesmos negociadores, Duque de Palmella, e Rodrigo da Fonseca Magalhães. Porém estes, em desintelligencia com o conde de Thomar, e anciosos de não perderem

as boas graças de lord Howard de Walden, e do gabinete inglez, fizeram-lhe acreditar que a *causa unica* do tractado não se ultimar, fôra a opposição que lhe fizera o conde de Thomar.

«A 2.^a causa foi o procedimento havido pelo governo portuguez com o general Espartero e com Olósaga; não se tendo consentido ao primeiro que desembarcasse e residisse em Portugal; e constringendo-se a sahir do territorio, o segundo, logo que constou do seu irregular procedimento. O governo inglez viu n'estes actos do conde de Thomar uma contradicção manifesta as suas vontades, uma opposição directa aos seus intentos politicos, uma confirmação positiva da resolução tomada pelo conde de dirigir os negocios publicos com inteira independencia da Inglaterra, e com as miras sómente nas vantagens do paiz; e por cima de tudo isto o governo inglez suspeitou no conde de Thomar intenções reservadas a favor da França, pois que o viu ter-se tão firme e decidido contra os propagadores da influencia ingleza na Hespanha, mostrando-se d'esse modo, posto que indirectamente, cooperador dos defensores, n'aquelle paiz, da influencia do gabinete da Talherias.»

«A 3.^a causa foi a reprehensão dada por lord Aberdeen a lord Howard com motivo nos manejos baixos e ridiculos com que este procurava crear a todo o momento, e de todos os modos, embaraços á administração do conde de Thomar. Reprehensão de que o proprio lord Howard teve ordem de lord Aberdeen de dar conhecimento ao ministro dos negocios estrangeiros. Lord Howard, como é facil de suppôr reservou profundamente guardado o resentimento que lhe causou este successo, originado em causas que por ventura nunca lhe foram explicasas, e que acerto nada influiram na politica britannica para cessar de ver com máus olhos a politica esquiva do conde de Thomar. Lord Howard aproveitou-se pois do desejo de vingar-se, e desvairou não só a opinião dos ministros, mas tambem a de muitos membros do parlamento, informando-os inexactamente em tudo que respeitava ao conde de Tho-

mar, e ao seu proceder na qualidade de ministro, e de homem particular.»

«Finalmente a 4.^a causa foram as informações dadas verbalmente e por escripto a lord Palmerston, e a muitos membros de ambas as casas do parlamento, por mr. Southern; secretario da legação britannica, e interinamente encarregado de negocios em Portugal, homem votado á junta do Porto; pelo duque de Palmella; e pelo seu apaniguado, e agente da referida junta, Antonio de Sá Nogueira, irmão do visconde de Sá da Bandeira, antigo membro da opposição, e antigo defensor de todos os excessos do partido revolucionario em Portugal, que do Porto se dirigiu a Londres expressamente para advogar os interesses da junta debaixo da immediata direcção do duque de Palmella.»

«Corrompida, e transviada, pelos motivos e pessoas insinuadas, a opinião do parlamento, só fôra de maravilhar que os debates corressem de modo differente. O conde de Thomar —a sua politica— e os interesses de Portugal foram julgados á revelia por homens prevenidos ou dolosamente informados, e por tanto o que aconteceu devia acontecer: o parlamento inglez devia dar á Europa um grande escandalo, e mais um lamentavel documento da injustiça humana.

A sequencia dos acontecimentos tem, depois, confirmado, mesmo além do que temos exposto, um juizo mais seguro e illustrado sobre a opinião, que, ha muito se faz de proposito correr ácerca do conde de Thomar. Apenas o conde envolvido nas malhas, por ventura preparadas, do protocollo, a favor d'aquellas prevenções sagazmente, ou pelos menos arteiramente, predispostas e invocadas; apenas o conde, dizemos, voltou ao paiz, a opposição que o temia, começou logo a espalhar que se o conde subisse de novo ao poder esse facto seria o signal de outra guerra civil. A força imperiosa das circumstancias levou effectivamente o conde ao ministerio: parecia que seria essa a occasião de se realisarem as medonhas prophcias. Malograram-se porém as esperanças. O paiz conservou se como estava. Nem o minimo signal de inquietação. A sua attitude continuou tranquilla e pacifica. E todavia as

facções não pouparam diligencias para acreditar os seus lugubres prognosticos. O g. isaram-se as parcialidades, como disse na camera um deputado da esquerda. Apenas o conde tomou a presidencia do conselho, instituiram-se comissões; es-tretaram-se novas alianças e confirmaram-se as antigas; prop-agou-se a calumnia, mais violenta do que nunca; inventa-ram-se e comb naram-se escandalos; não se poupou atrocidade nem iniquidade; moveu-se uma guerra, ora surda, ora mani-festa mas sempre obstinada, pertinaz, e sem fé; levantaram-se apocenas de todos os lados, ajustaram-se ataques de todos os modos, para abalar o pólar e confundir o paiz: o paiz ficou indiférente e o p. te ficou s. g. ro. O a.ã. se não j. pa- tantos estes factos para demonstrar que não existia a amega-da, e, tantas vezes, explorada, incompatibilidade do conde? Em que ficáram tantas ameaças e tão negros vaticínios? No que todos teem presenciado—n'uma vociferação impotente, n'u-ma volubridade de expedientes, n'uma confusão de interpre-tações, que bem claramente revela a indigencia de melhores recursos, e a necessidade de paliar e desculpar frequentes re-vezes. Estas rasões de observação deviam ser sufficientes pa- ra esclarecer o mais limitado e menos previdente espirito, em quem estivesse totalmente desassombrado de quaesquer preoc- cupações de rivalidade e em quem attendesse unicamente ao bem da sua causa e do seu partido. Mas poderemos nós con- siderar Saldanha em tal situação, perante todos estes factos? Poderemos julgar-o sincero comparando as suas palavras com os seus actos? Não queremos tirar inferencias, nós: tire-as quem julgar os acontecimentos, cuja sequencia, como se irá vendo, servirá para formar uma opinião decisiva.

Outro indício poderoso, que deveria tambem ter guiado Saldanha na apreciação do conde de Thomar, relativamente ao paiz, era a parte que haviam tomado os seus primeiros ri-vaes na revolução, que unicamente se attribuia, porque se queria e convinha attribuir, ao descontentamento que inspirá- ra o seu governo. Entre estes, e á sua frente avultava o du-que de Palmella, que tendo primeiro apoiado energicadamente a politica do conde, depois por lhe não serem satisfeitas, por

aquelle, certas exigencias, grandes e pequenas, e algumas, segundo dizem, de manifesta injustiça, se tornará subitamente seu declarado inimigo, e o maior d'elles. De mais, vendo crescer rapidamente a influencia do conde, Palmella, julgando-se offuscado por elle, e, por consequencia desnecessario, tractou de o combater de todos os modos por que utilisava em derribal-o. Já pelo emprego e acção de muitos dos seus clientes politicos e seus agentes subalternos, bem conhecidos dentro e fóra do parlamento, já pelos seus conselhos e mesmo pelos seus auxilios pecuniarios, Palmella não contribuiu pouco para o desinvolvimento da revolução. Ora, a uma revolução, em que entrava de tal modo e tão claramente este grande impulso de uma individual emulação, indubitavelmente lhe devia faltar esse character de espontaneidade que n'ella quizeram descobrir, aliás semelhante auxilio seria regeitado por inutil, e até por nocivo ao espirito da mesma revolução, pois que, em tal caso, podendo ella, revolução, dispensar toda a protecção, dispensava toda a tutela. A revolução porém, ou, antes, os revolucionarios acceitaram a tutela de Palmella, porque lhes era indispensavel, o que prova, como dizemos, a falta de espontaneidade; mas acceitaram-na constrangidos e inquietos, e promptos a libertarem-se d'elle na primeira occasião. Foi o que succedou. Palmella julgou dominar a revolução e foi dominado por ella. Desaffrontada dos seus maiores e mais temiveis adversarios, desfeitas todas as resistencias, só lhe faltava derribar o protector, para chegar livremente aos seus fins. Palmella, vacillante entre os seus compromissos e os compromissos da revolução, ficou inferior á situação, e em pouco, foi completamente subjugado pelas juntas que principiaram a dictar a lei. Todas as suas diligencias convergiam para realizar o dicto paradoxo de dominar do reino—mas celebré pela sua agudeza oratoria do que pelo seu tacto politico—isto é—para organizar a anarchia; mas todas aquellas diligencias naufragavam forçosamente no proprio absurdo. Os meios faltavam, os clientes inquietavam-se, e as exigencias cresciam. Entretanto a consternação era geral, e a calamidade abrangia todas as classes. Todos os melhoramentos come-

çados pararam subitamente. A ruina total do credito foi o primeiro resultado. A uma época de confiança e prosperidade succedeu repentinamente outra época de continuos receios e de uma timidez paralyzante. Os calculos do conselheiro Franzini, não conhecido pela sua vasta sciência como pela sua probidade exemplar, melhor confirmarão, tornando-os palpaveis, os prejuizos causados pela revolução de 1846. Extrahimol-os d'um excellento trabalho, pelo mesmo, publicado no *Diario do Governo*. São os algarismos que fallam:

«Começaremos pela avaliação dos capitães perdidos, os quaes por sua poderosa influencia são os principaes agentes da prosperidade e desinvolvimento da industria agricola e fabril.»

Fundos da divida publica interna

«Capitães do juro de 5 por cento, de reis 19.361:000\$, que attingiram, pouco antes da revolução do Minho, o preço de 74 por cento em metal sonante, os quaes decahiram ao vil preço de 50, termo medio, em notas, e por consequencia abateram ao seu valor a quantia de.....	4.646:000\$000
«Ditos do juro de 4 por cento, de reis 13.355:000\$, que valiam na sobredita epocha, termo medio 60, e desceram a 40 na mesma moeda.....	2:671:000\$000

Estabelecimentos de credito

«Banco de Lisboa — Capital de réis 5.000:000\$, ou dez mil acções, que attingiram o preço de 820\$000 réis em metal, e desceram a 280 em notas, perdendo cada acção o valor de réis 540\$000.....	5.400:000\$000
---	----------------

12.717:000\$000

«Notas do banco em circulação, de réis 4.000:000\$, as quaes representando metal perderam, termo medio, 40 por cento, ou.....

1.600:000\$000

«Note se que não é possivel fazer uma exacta apreciação dos prejuizos enormes que causa esta clamidade, não só pela desconfiança e incertezas que produz em todas as transacções diarias, mas tambem porque se renovam em cada uma d'ellas, sendo evidente que os prejuizos experimentados individualmente em tres successivas transacções equivalem á totalidade do meio circulante empregado pelos respectivos possuidores.

«Deposito do banco 700:000\$, os quaes hoje não representam mais de dous terços do seu valor me metal, sendo por consequencia, a perda de.....

233:000\$000

«Companhia Confiança de 3.000:000\$ de capital nominal originario, do qual se tinham realisado 49 por cento, antes da revolta, ou 3.920:000\$, valendo na praça cada acção 20 por cento sobre o capital nominal, ou 40 sobre o capital desembolçado, pelo que representavam 5.448:000\$ em metal, desceram a réis 280\$000 em notas por cada acção de 1:000\$000 nominal, ou de 490\$000 capital desembolçado, e portanto a perda experimentada sóbe a.....

3.248:000\$000

 17.798:000\$000

«Notas promissorias da mesma companhia, no valor de 3.440:000\$ desembolçados em metal por seus pssuidores, as quaes

para se realisarem em notas perdem 12 por cento ou.....	412:000\$000
«Companhia União, do capital de réis 2.000:000\$ em dez mil acções, que va- liam a 112 por acção, ou 1.120:000\$ em metal, as quaes baixaram a 55 em notas, sendo por tanto a perda dos ac- cionistas de.....	570:000\$000
Somma.....	18.780:000\$000

«Não mencionaremos as perdas que soffreram as companhias industriaes, taes como de Lesirias, Obras Publicas, Pescarias, Navegação a vapor, e outras, por nos faltarem os necessarios esclarecimentos; porém é certo que todas tiveram gravissimos e proporcionaes desfalques em seus capitales, cessando os juros e dividendos de todas ellas, inclusive os da divida publica, abatendo na mesma proporção os valores dos capitales e rendas dos predios rusticos e urbanos.»

«Temos portanto em resultado final, que as perdas experimentadas sómente nos estabelecimento de credito avultam á enorme quantia de mais 19.000:000\$000, eu 47 e meio milhões de cruzados, não comprehendendo a divida externa, igual á interna, por isso que as perdas experimentadas pelos seus proprietarios não influem directamente sobre os nacionaes ainda que lhes seja fatal pelo descredito e desconfiança que inculca nos paizes estrangeiros o nosso louco procedimento.»

«Não se allegue para contrariar esses factos a futilidade banal de que o credito publico é um ente ficticio sem realidade; ao que responderemos que, em Portugal, acontecia o mesmo que nos outros paizes civilizados aonde estes creditos são verdadeiras realidades para o desinvolvimento da industria e augmento das riquezas, etc.

«Passaremos agora a orçar as outras perdas causadas pela revolta, avaliando-as por uma provavel approximação,

«Despezas extraordinarias de guerra feita pelo exercito fiel.	1.300:000\$000
«Ditas pela armada, compra de um vapor, perda de outro que foi a pique, indemnisações, fretes e outras semelhantes despezas.	300:000\$000
«Perdas experimentadas nos descontos de 1.540:000\$ de notas: com que o banco, apesar dos seus apuros, auxiliou as diversas administrações, desde o principio das discordias revolucionarias, e de outras recebidas nos impostos que se cobraram.	700:000\$000
<p><i>«Cumpre notar-se que além d'esta avultada somma, que muito contribuiu para depreciar as suas notas, foi tambem obrigado a fornecer mais 300 contos ao Contracto do Tabaco, a fim de retirar da circulação as suas notas de cobre.</i></p>	
«Perda total dos tres quartos das rendas do estado, consumidas em nove mezes pelas forças rebeldes, ou extraviadas, calculando em 10.000:000\$ a renda actual do thesouro.	7.500:000\$000
	<hr/>
	9,800:000\$000
«Roubos nas caixas de credito existentes na cidade do Porto, nos cofres particulares, Companhia dos vinhos, e outros semelhantes estabelecimentos.	600:000\$000
«Contribuições forçadas em generos pelos corpos dos insurgentes, guerrilhas, etc.	200:000\$000
«Jornaes perdidos por 25 a 30 mil homens, que abandonaram os seus trabalhos productivos para se empregarem na nobre e util tarefa de se degollarem reciprocamente, talando os cam-	

pos, incendiando ou derribando os edificios, destruindo a riqueza mobiliaria da nação: supondo sómente vinte dias uteis de trabalho em cada mez, a razão de 200 réis diarios. 1.620:000\$000

Somma. 12.220:000\$000

«Aos quaes junctando os 18.780:000\$ das perdas experimentadas pelos estabelecimentos de credito, teremos para resultado de obra tão meritoria e patriotica, a enorme quantia de 31.000:000\$, ou *setenta e sete milhões de cruzados*, que soffreu de diminuição o capital de Portugal, já assás limitado em comparação do que possuem as outras nações, e que na realidade *subirá a mais de cem milhões*, comprehendendo o capital da divida externa, as ruinas parciaes de numerosos estabelecimentos fabris, empates, e prejuizos do commercio, e outros semelhantes desfalques, que se não podem avaliar.»

A revolução, como Saturno, devorava os proprios filhos. Os que pretenderam tresloucadamente dirigil-a eram com ella arrastadas á voragem. Palmella ia cahir miseravelmente de baixo do peso da sua mesma responsabilidade e da tremenda situação que elle provocára quando, por fortuna sua, os acontecimentos de 6 de Outubro vieram opportunamente desassombral-o, e conservar-lhe, pela necessidade, uma parte da influencia que exercia no partido revolucionario. Ninguem pode hoje prever quaes teriam sido as consequencias da queda de Palmella. Entretanto a attitude do partido cartista, recobrado do primeiro abalo, era firme e energica. Vencido ha pouco, era ainda a perenne inquietação dos seus inimigos. Sem sahir dos limites legaes, a sua opposição, resoluta e vehemente, accusava n'elle signaes de uma vida e actividade, que os seus contrarios lhe não suspeitavam. Poucas vezes se tem este partido mostrado tão decidido, tão ousado, e, ao mesmo passo, tão prudente. Firme sem ostentação, vigoroso sem apparatus, o partido cartista provou em todo aquelle periodo calamitoso que sabia, nos dias da adversidade, provar a sin-

ceridade da sua fé na resignação, na constancia e na abnegação. Palmella, no tempo da sua administração, obrigado a adoptar providencias, que atacavam pela base a ordem estabelecida, dispunha, scientemente, mas sem lhe poder obstar, os elementos da propria ruina. Conhecia-o elle, repetimos, mas tudo havia sacrificado ás instigações da sua rivalidade e ao seu rancor individual. D'este modo, o ciume politico tinha convertido alguns dos antigos defensores do throno constitucional em instrumentos da sua demolição.

Tudo isto conhecia tambem Saldanha, e tudo isto o devia fazer avaliar competentemente a posição do conde de Thomar em relação aos partidos e ao paiz. Mas Saldanha tinha igualmente a sua preocupação politica, e desde o primeiro momento, não duvidou sacrificar a ella todas as outras considerações. Como as circumstancias o tivessem imposto como unico chefe ao partido cartista, a condição *sine qua non*, com que elle accitou o encargo; isto é, que «não ficaria sujeito «a nenhuma condição de partido e escolheria livremente os «individuos que intendesse dever propor á Rainha para formar o novo gabinete» era já um indicio claro das suas intenções e diligencias occultas. Intendeu isto instinctivamente o partido cartista e a clausula do marechal, desagradando geralmente, fez conceber algumas suspeitas. Entretanto accitou-se a lei de necessidade.

Saldanha, conservando affastados de Portugal os antigos chefes do partido cartista, desembaraçava-se de uma rivalidade politica, e preparava o seu campo afim de ensaiar aquelle systema de fusão, de que já, no primeiro capitulo fallámos; aquella politica mesclada e contemporisadora, aquella idéa absurda e egoista de criar um novo partido, seu talvez, composto de gente de todos os partidos, que fosse como a sua guarda pretoriana, para lhe manter, em todo tempo, a influencia suprema, ou, pelo menos, uma grande acção na politica do paiz. Esta idéa bem claramente apparece na *Curtissima Exposição*, moderno manifesto de Saldanha, que ha de ficar na nossa historia contemporanea, como um monumento mais d'aquella inconcebivel versatilidade, sobre tudo depois

dos seus últimos actos, e da sua posição actual no parlamento. Como se vê, chegado ao poder, Saldanha, tractava de pôr em practica a sua antiga preoccupação de organizar uma clientella liberal, em projecto do partido nacional, preoccupação manifesta, como se pôde ter avallado, desde os successos da emigração até esta recente prova. Deus tinha-lhe posto nas mãos a sorte da sua patria; elle preferia ao titulo, perpetuamente grande, de seu salvador, a gloria de patrono e o seu interesse ou satisfação particular. Podia ter para sempre firmado a influencia e acção do partido cartista, que nunca lho esqueceria; e quiz antes attender ás susceptibilidades da sua emulação e aos recessos que o minavam sobre o futuro da sua influencia politica, como se as clientelas lhe podessem dar mais influencia e superioridade do que o simples facto de aproveitar a opportunda e felicissima das circumstancias, em que fora subitamente collocado pela mão do mais providente destino que ainda acompanhou um homem! Quando a nação e o partido mais esperavam do duque, o duque tractava de si!

N'isto está todo o segredo dos procedimentos de Saldanha relativamente ao conde de Thomar. Precisava da sua prepotencia; e por isso o consultava e adulava. Temia ser ofuscado, se o conde voltasse ao paiz; e por isso procurava con-seval-o affastalo até que o tempo lhe permittisse desembaraçar-se totalmente d'elle. E' este o unico pensamento que pode explicar a duplicidade constante dos seus actos em relação ao conde, e o seu comportamento obscuro e indecifrável na campanha de 1846 a 1847.

Não antecipemos.

Antes de ahi chegarmos, cumpre-nos entrar na apreciação d'um dos mais significativos actos de Saldanha, relativo ao conde de Thomar. Vimos até aqui de que modo elle manifestava o desejo de o ter a seu lado na administração, (1) e o unico motivo que allegava como desculpa a um procedimento cujos fundamentos tambem já investigamos. Vamos a-

(1) Correspondencia anteriormente citada.

gora ver qual foi a sua lealdade, em todo aquelle procedimento.

A primeira diligencia do duque de Saldanha, apenas chegou ao poder, foi conservar o conde de Thomar separado e distante de Portugal, em contrahicção evidente com o desejo que mostrara. Esta intençaõ é palpavel na propria correspondencia em que tal desejo exprimia ao conde, pois que por essa mesma occasião lhe dizia o duque: «Se não fossem motivos de delicadeza, eu teria n'esta occasião, pedido a Sua Magestade, Quizesse permittir-me de annunciar a v. ex.^a uma missãõ diplomatica; não o quiz fazer, sem saber a vontade de v. ex.^a para que não pareça que o meu fim é, por este meio, conservar v. ex.^a longe da patria.» (2) O conde de Thomar respondeu que, achando-se, então proximo de Portugal, retroceder em tal momento poderia interpretar-se como um desaire á sua pessoa. Posto que Saldanha tivesse primeiramente allegado uma delicadeza escrupulosa, não deixou insistir, apesar d'aquella delicadeza e d'aquelles escriptulos, e, em 3 de Novembro do mesmo anno repetia: «quanto á posicão de v. ex.^a parece-me que seria conveniente que v. ex.^a accoittasse já a nomeaçãõ que Sua Magestade se digna fazer a v. ex.^a O motivo para o seu regresso a Madrid não pode deixar de ser o mais plausivel fazendo v. ex.^a ver que, estando para embarcar, recebeu a nomeaçãõ de ministro plenipotenciario de Sua Magestade em Madrid (2). Note-se agora—o duque, por delicadeza, consultava a vontade do conde de Thomar, e, mostrando a resposta d'este, a par d'uma plena conformidade com quaesquer ordens de Sua Magestade, os inconvenientes, para elle, d'aquella nomeaçãõ, Saldanha esquece repentinamente, as rasões com que motivara os seus escriptulos e mostra n'esta nomeaçãõ um empenho e uma tenacidade que formalmente desmentem aquelles primitivos me-

(2) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar em 9 de Outubro de 1846.

(2) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar, na data citada no texto.

lindres! Que quer isto, pois, dizer? Não se vê aqui manifestamente o desejo de conservar «longe da patria» aquelle mesmo a quem significava o desejo de «o ter por companheiro no ministerio» e cuja vontade, *por delicadeza*, para não despertar suspeitas, com tantas precauções, havia sondado? A intenção não pôde ser mais clara, a duplicidade do procedimento não pôde ser mais evidente; e, comtudo, ha circumstancias ainda mais claras, mais evidentes, mais graves: ha peor!

Por esta occasião, o conde de Thomar, tendo recebido do consul inglez em Cadix, um aviso em que este o prevenia de que estavam adoptados pelo governo portuguez medidas para impedir o seu regresso ao paiz, dava parte ao duque de Saldanha d'aquelle aviso que recebera, como já se verá do respectivo documento. Saldanha mostrou-se attonito de semelhante caso, e, na correspondencia já mencionada, dizia ao conde: «quanto á historia do consul peço a v. ex.^a que leia a carta que escrevo ao Southern (de quem o referido consul se dizia informado) e a sua resposta» (1). Sendo esta resposta negativa, como tambem se verá, é evidente que o duque negava o assumpto do aviso. Agora transcreveremos a carta de Saldanha a Southern, para que a verdade seja bem patente diante dos documentos e dos factos: «Copia — Lisboa 31 de outubro de 1846 — My Dear Southern: Permitta-me que eu lhe escreva em portuguez, e que lhe peça que a sua resposta seja igualmente em portuguez, para que eu a possa remetter ao conde de Thomar. Em carta de 27 diz-me o conde—acaba de estar comigo o consul de Portugal n'esta praça, o qual me faz saber que o consul de Inglaterra lhe communicava ter recebido officios de Mr. Southern, secretario de Legação Britanica, n'esta corte participando que v. sr.^a lhe rogara me fizesse saber e inteirar de que se embarcasse para Lisboa no paquete, que amanhã deve partir d'aqui, *teria muito, que sentir*, na minha chegada ao Tejo = Como pode suppor *esta communicação produziu em mim o effeito que devia; e*

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar em 9 de Novembro de 1846.

«para *esclarecimento* meu e poder satisfazer ao conde de Thomar, como é de razão, rogo-lhe queira ter a bondade de me dizer o que ha a este respeito, *para mim inteiramente novo e estranho.*» A resposta de Southern é a seguinte: «Lisbon Oct. 31 1846—My dear Marechal. En este instante recibo su bilhete en Portuguez; contesto en Espanol, pues no puedo en Portuguez, como vd. desea»

«En el asunto de que me escribe vd. debe haber una equivocacion mui extraordinaria, como lo es mui grande: «Nunca escribi yo officio ninguno al sr. consul Inglez en Cadiz, en el cual se hizo mencion del sr. conde de Thomar.»

«En ninguno escrita ó carta particular he dicho yo algo de parte de vd. al sr. consul con respecto del dicho sr. conde»

«Ni de parte de vd. ni de parte mia he dado al dicho sr. consul un recado ó mensaje para communicar-se-lo a nadie, mucho menos al sr. conde de Thomar.»

«Que se indague la verdade em Cadiz: esto será uno de los muchos chismes que corren y han corrido. Que se pregunte al sr. consul Inglez: se verá que hay una mesintelligencia completa.»

«Mando esta por el portador de su bilhete, pues no puede dejar esta equivocacion un momento *sin su negativa correspondente*—etc.—H. Southern.»

Daremos agora a traducção, em portuguez, d'este documento para que todos possam avalial-o «Lisboa 31 de outubro de 1846—Meu caro merechal: Recebo n'este momento o seu bilhete; respondo em Hespanhol, pois não posso em Portuguez como v. ex.^a deseja.»

«Algum equivoco ha de haver no assumpto que v. ex.^a me escreve, equivoco tão grande como extraordinario. Eu nunca escrevi nenhum officio ao sr. consul Inglez, em Cadiz, em que se fizesse menção do sr. conde de Thomar.»

«Em nenhum escripto ou carta particular disse eu nada da parte de v. ex.^a respectivamente ao sr. conde.»

«Nem da parte de v. ex.^a nem da minha, mandei eu ao dito sr. consul recado ou mensagem para que houvesse de communicar a ninguem; muito menos sr. conde de Thomar,

«Indague-se a verdade em Cadix: deve ser isto uma das muitas balelas que correm e teem corrido. Pergunte-se ao sr. «consul Ingloz: ver-se ha que teve logar uma desintelligencia «completa.»

«Mando esta pelo portador do seu bilhete, por que não posso deixar um momento *este equivoco sem a sua correspondencia negativa*—etc. Henrique Southern.

Aqui temos pois de que modo o duque de Saldanha não somente negava a existencia de quaesquer factos que tivessem podido justificar o aviso dado em Cadix ao conde de Thomar; isto é que se elle, conde, chegasse ao Tejo, teria que sentir «mostrando uma admiração e assombro que pareciam abonar a sua sinceridade; mas, não contente com a propria explicação, reclamava de Southern, e remettia ao conde, um testemunho negativo em abono da sua palavra. O conde é prevenido: o duque sobressalta-se, ignora o que possa haver causado tal precaução, e escreve-o ao secretario da Legação Inglesa, e escreve-o ao proprio conde!...

Quem não dirá que Saldanha está perfeitamente innocente? Quem duvidará d'uma candura tão natural, d'esta ingenua susceptibilidade, tão meticulosa, que ainda não satisfeita com a sua formal denegação, lhe acrescenta documentos? Quem ousará suspeitar que a verdade e a franqueza do duque não é incontestavel n'um assumpto que elle diz sem ambiguidade ser para elle *inteiramente novo e extranho*? (1) Ha nada mais explicito e concludente? O duque lava as mãos, como Pilatos, ante as nações, ante o representante de Portugal na corte de Hespanha, e o representante de Inglaterra na corte de Portugal. O duque apresenta-se ousadamente e protesta a sua ignorancia do supposto successo, formulando o protesto em termos que não deixam duvida. O duque faz mais, empenna a sua palavra, o seu nome e o seu caracter, para affiançar a lealdade do seu procedimento, para asseverar não sómente que nada tem a recear o conde, mas até para lhe pro-

(1) Vide carta do duque á Southern, anteriormente citada.

var que em todas as relações d'elle, duque, com o mesmo conde de reina o mais franco, o mais cordeal e perfeito accordo, como evidentemente se demonstra n'este periodo. «Pela minha honra lhe asseguro que *ninguem*, ou do *ministerio*, ou dos «cartistas influentes tem contribuido para que nasça desconfiança entre nós» (1) Depois d'isto, depois d'esta protestaçoão tão formal, depois d'esta garantia da palavra de honra d'um duque, d'um marechal, d'um ministro, d'um homem, a tantos respeitos eminente, seria licita duvidar um momento da sua lealdade e sinceridade?

Pois bem! Tudo isto, protestaçoões negativas, invocaçoões de testemunhas, não passa de uma comedia, indigna da elevada posiçoão do duque, e cujo desenlace faria mais honras ás malicias, vulgares d'am prestigiador ordinario, do que á concepçoão d'um estadista, porque não ha em nenhuma das suas scenas nem ingenho que amenise, nem grandeza que desculpe, e as cousas d'estas devem ser nunca desculpadas. Poderiamos aqui energicamente colorir este acto insolito com a vehemencia da verdade; e, com solidas razões, poderiamos pagar em moeda justa e legal, profusa e triumphantemente, o salario da calumnia e da injuria, Nem isso mesmo queremos. E não nos custa a nossa moderaçoão, por que é a prova da nossa força. Narramos simplesmente: não tractamos de pungir; basta-nos historiar. Por aqui se pôde avaliar a differença.

Todo aquelle apparatus de sinceridade, que uns reputariam ridiculo, a que outros não duvidariam chamar uma tartufia miserriima, mas que nós não qualificamos, porque a opinião o qualificará; toda aquella ostentaçoão de simuladas admiraçoões, de illimitada confiança e verdadeira franqueza, não passou d'uma comedia, dizemos. E não só o dizemos; provamolo.

Repare-se bem para as datas. A negativa de Saldanha na sua correspondencia, tem como se viu, a data de 31 de Outubro de 1846. A explicação do duque ao conde, com re-

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar, em 3 de Novembro de 1846.

ferencia á dicta correspondencia, e com a remessa d'esta; tem como tambem se viu, a data de 3 de Novembro do mesmo anno.

Agora lancem-se os olhos para estes documentos officiaes e consultem-se tambem as suas datas. «De s. ex.^a o ministro dos negocios da guerra ao governador da praça d'Elvas.— «Se acontecer chegar a essa praça, o conde de Thomar e seu irmão, diga-lhes que Sua Magestade ordena que não devem entrar n'este reino—Em 19 de Outubro de 1846 (1)» Ainda não basta: «Cópia—Confidencial e urgente—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. —De ordem do ill.^{mo} e ex.^{mo} ministro e secretario d'estado d'esta repartição, sirva-se v. ex.^a passar sem perda de tempo as suas ordens ao commandante da fragata do registo, a fim de que não deixe desembarcar o conde de Thomar, nem seu irmão, se, por acaso, apparecerem a bordo de qualquer embarcação que entre a barra d'este porto de Lisboa—Deus guarde a v. ex.^a Secretaria d'estado dos negocios da marinha e do Ultramar, em 21 de Outubro de 1846.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. barão de Lazarim, major general da Armada—«Antonio José Maria Campello.» (2)

Ora, aqui temos nós o duque de Saldanha a fingir e a allegar uma completa ignorancia em 3 de Novembro, empenhando a sua honra para provar ao conde que «ninguem do ministerio contribuiu para fazer nascer desconfiança» (3) A qui temos o duque em 31 de Outubro negando positivamente a existencia d'um facto para elle, como dizia, «novo e extranho» (4). E aqui temos, a par d'essas protestaões e negação, os documentos officiaes que acabamos de transcrever, um, com data de 19 de Outubro, outro, em data de 21 do mesmo mez; documentos que provam a existencia do facto, negado debai-

(1) Parte telegraphica.

(2) Officio do ministerio da marinha.

(3) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar, anteriormente citada.

(4) Correspondencia do duque de Saldanha com Southern. As dattas são effectivamente eloquentes.

xo da palavra d'um duque, um, dez, doze dias antes da primeira negativa!

A' vista d'estes documentos fica evidente que o aviso, dado ao conde de Thomar era plenamente justificado; fica mais evidente que o duque de Saldanha, om quanto illudia, com taes e tão indecorosas decepções, aquella cuja influencia sollicitiva, entretendo-o com apparencias de cordialidade e confiança, que seriam quando muito desculpaveis na politica odiosa d'um Machiavel, ou nas tramas subalternos do celebre padre José, que a França de Richelieu baptisou com o nome de Eminencia parda; em quanto, repetimos, representava esta scena que não podemos chamar senão atrozmento jesuitica e iniqua, para lhe pouparmos mais acerbas denominações, fechava elle as fronteiras e os portos do reino aos chefes do partido cartista, desterrados da patria pela mesma revolução que se levantava contra o duque, e que o duque se propunha a combater. Era assim que Saldanha intendia aquella confiança que elle, *pela sua honra*, protestava ao conde de Thomar que *ninguem do ministerio* pretendia quebrar? Póde acaso desculpar-se, mesmo á sombra de mais indulgente condescendencia, esta violação flagrante da palavra, este modo por que um homem de eminente posição põem levemente a sua propria honra no mercado para comprar, por um logro pequenino, a satisfação egoista d'uma rivalidade assomada? Que significação ficou tendo a palavra do duque? O que ficou ella valendo depois de assim a baratear? Que especie de credito se lhe póde dar? Não insistimos para não aggravar um factó que é já, por si, d'uma extrema gravidade.

Os fins do duque, que eram já manifestos, ficam d'este modo indubitaveis. Temia a influencia do conde de Thomar e não duvidou sacrificar ás ciosas precauções do seu individualismo o proveito da causa, a causa da patria, e o seu proprio character. Triste cegueira das paixões humanas!

Em todo o caso, de duas uma—ou o duque fizera sempre um conceito do conde como o que, sob a sua influencia, hoje expõem os seus pamphletarios, e, n'estes termos, atraiçoaava ao mesmo tempo a sua consciencia quando digiria ao

conde expressões de affecto, de estima e de solicitação, e atraíngava o individuo a quem as dirigia quando á sombra d'ellas prolongava o seu desterro—ou, sendo sincero n'aquellas expressões, desmente hoje a sua consciencia, sem nunca ter deixado de egualmente desmentir, com actos hostis, essas expressões, mais do que benévolas, impetrativas.

O pensamento de affastar o conde de Thomar dos negocios do paiz não póde já ser duvidoso. Mas não é somente no procedimento politico do duque que se elle revella: manifesta-se egualmente na historia militar d'esta campanha como passamos a examinar.

O primeiro erro que o marechal commetteu foi o inexplicavel abandono de Santarem. Quando esta censura lhe foi dirigida, os proprios defensores do marechal concordaram em que era este um ponto strategico da primeira importancia, por ser a chave de tres provincia, Beira, Extremadura e Alentejo, e a mais forte posição para cobrir a capital, quando a aggressão partisse do Norte, como succedeu na campanha de 1846 a 1847. Allegavam aquelles defensores que o marechal não tinha forças bastantes para guarnecer Santarem e operar simultaneamente contra a divisão do conde das Antas. Mas para que era isso necessario? Examinemos as operações. Se o marechal tivesse feito d'aquella forte posição o ponto de reunião de todas as suas forças, occupando Rio-Maior, antes de terem sahido de Leiria os rebeldes, tres hypotheses rostavam ao conde das Antas—ou permanecer em Alcobça—ou retirar-se immediatamente sobre o Porto, sua base de operações. No primeiro caso; isto é, permanecendo o conde das Antas em Leiria, tendo o marechal conservado Santarem, podia alli estacionar-se, mas só em quanto se organisavam os corpos nacionaes, que juntos á Guarda Municipal, bastavam para segurar Lisboa; conseguido este fim, e tendo previamente combinado os seus movimentos com o conde de Casal, marchava rapidamente sobre o inimigo e obrigava-o a acceitar combate, cujo resultado não póde ser duvidoso, a julgarmos, como devemos julgar, pelo exito de Torres Vedras, onde as desvantagens por parte do marechal eram muito maiores do que o

seriam n'esta hypothese. No segundo caso; isto é, se o conde das Antas, logo no principio da lucta, quando as suas forças eram muito menores do que o vieram a ser depois, tivesse o arrojo de marchar sobre Lisboa, pela estrada de Alcobaça, poderia o marechal, logo que estivesse seguro (como devia estar) de lhe cortar a retirada, poderia, dizemos, cahir sobre elle com todas as suas forças reunidas, e fazer-lhe pagar bem caro o arrojo do movimento. No terceiro caso; isto é, se o conde das Antas se retirasse immediatamente para o Porto, e esta é, por ser a mais prudente, a mais provavel tambem de todas as supposições, marchando velozmente sobre elle, o que concorreria para desmoralisar-lhe as forças, o marechal conseguiria limitar a insurreição ao Porto, onde poderia realisar a opinião que expressára, e que anteriormente. (1).

Examinemos agora todas as vantagens da occupação de aquelle ponto (Santarem), mesmo ante a desculpa da inferioridade de forças, dada pelos apologistas do marechal, desculpa que mais os condemna e o argue, pois que se a força do inimigo era superior no principio da campanha, dando-lhe tempo e cedendo-lhe terreno, maior se devia successivamente tornar.

Em todos os grandes tacticos vemos recommendado que «uma força inferior deve sempre auxiliar-se com o soccorro das posições fortes.» Tirar da natureza do terreno recursos para multiplicar os seus meios de acção, foi sempre o segredo dos grandes capitães. Ora, se a villa de Santarem e, como dizem, a chave de tres provincias, segue-se que, se o duque occupasse aquella villa, aproveitaria uma posição excellente e multiplicaria proporcionalmente, com ella, os seus recursos. Que significa pois dizer que tinha poucas forças? Por isso mesmo é que devia tractar de as collocar vantajosamente. E onde acharia elle maiores vantagens do que n'uma posição, *que é a chave de tres provincias?*

D'um lado dava, por assim dizer, a mão ao genera

(1) «Se a rebellião fosse reduzida ao recinto do Porto em breve alli morreria» Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar em 17 de janeiro de 1847.

Schwalbach, que o flanqueava pela direita; facilitava as communicações e os movimentos cam a provincia do Alemtejo, e podia ahi lançar frequentemente consideraveis, golpes de cavallaria, que, sendo menos necessaria n'uma posição como a de Santarem, seria de summa utilidade nas terras plainas d'aquella provincia e poderia auxiliar poderosamente as operações do visconde de Setubal, impedindo ao mesmo passo o desinvolvimento das guerrilhas. D'outro lado podia estender, pela sua esquerda, numerosos destamentos destinados a cobrir o resto da provincia, e a divertir a attenção do inimigo, que, n'uma posição inferior, teria de se acautellear rigorosamente para não ser involvido e de conservar a uma distancia que nos deixaria maior liberdade de movimentos e de acção. Se o duque, tendo poucos soldados, julgava todavia que os tinha bastantes para ir provocar o conde das Antas a uma batalha. occupando este a posição principal sobre o Tejo, fóra de Lisboa, muito mais sufficientes os devia julgar para ir occupar essa mesma posição, reconhecidamente vantajosa, e que de certo compensaria a inferioridade numerica das suas tropas pela superioridade do ponto guarnecido. Não pretendiamos de certo, segundo já inculcámos, que o duque se fechasse em Santarem, como n'uma praça de guerra; mas parecia-nos preferivel que elle se apoderasse d'ella como terreno vantajoso, como linha militar importante, como unica posição d'onde podia facilmente communicar e operar com o seu flanco direito, o que augmentava extraordinariamente os seus recursos e facilidade de evoluções. Ora, se o marechal se reputava bastante forte para manobrar contra o conde das Antas, sem o auxilio d'esta posição formidavel, é evidente que muito melhor o poderia fazer se a tivesse por si. Allegaram-lhe o ter um diminuto pessoal? Mas como se explica, n'este caso, o facto de ceder ao seu adversario as vantagens do terreno? Pois não lhe era mais facil sustentar-se n'um ponto favoravel do que atacar n'elle o inimigo ou ter de manobrar para o attrahir fóra d'alli? Forças pequenas n'uma posição inferior são tanto difficeis de sustentar-se quando melhor é esse ponto vanjoso que, sem combate, se largou aos contrarios. E' isto evidente, não só pe-

rante as regras da sciencia, senão tambem perante os olhos da rasão. Não ha ninguem que o não conheça. Quem pôde menos precisa melhores armas. Ora, armas dos exercitos são tambem as vantagens do terreno. Ceder similhantes vantagens ao inimigo, podendo aproveitá-las, é peccar contra a strategia e contra a intelligencia; é preferir a difficuldade e o risco á essencial obrigação de poupar, pelas luzes da arte, a vida dos soldados, que deve ser o primeiro cuidado de todo o bom general.

Havia ainda outra rasão militar que devia tambem influir na escolha de Santarem para séde e posição do nosso exercito. Dizia Napoleão—cuja auctoridade e competencia no assumpto questionado de certo ninguem se atreverá a rejeitar—dizia Napoleão que a sua tactica, o a que elle julgava melhor, consistia «em dispor de tal modo as suas tropas que, por meio d'uma rapida concentração, elle pudesse sempre acudir com forças sufficientes ao ponto atacado, o que supria a superioridade extensiva com a superioridade intensiva.» A pratica d'este principio pôde ser facilmente observada nas suas campanhas d'Italia, onde sempre combateu felizmente contra forças quasi duplas.

Que melhor posição podia o marechal escolher para este fim, tão recommendado pelo grande mestre da guerra moderna, do que essa posição, que, formando o vertice d'uma grande rede de communicações, é reputada a chave de tres provincias?

Pelo aspecto economico as vantagens da posição não eram tambem menores. Dominando, como já dissemos, uma porção de paiz mais consideravel tirava outros tantos recursos aos contrarios e adquiria-os para si. Se o marechal, em vez de occupar o Cartaxo, posição evidentemente inferior, tivesse occupado Santarem, chave de tres provincias, (não cessaremos de repetil-o, visto que n'isto combinam) quando não poderia ter elle augmentado o recrutamento? De quantos valiosos subsidios em generos, cavallos e dinheiro, não teria privado o inimigo?

Por ultimo, esta rasão, insuspeita, porque se funda nos

seus próprios calculos, não falha: se era optimo conservar Santarem, e se tres mil e tantos homens (como disseram) eram bastantes para provocar a uma batalha o conde das Antas, justamente estacionado n'esse ponto militar, optimo, os mesmos tres mil e tantos homens deviam ser duplicamente bons para assentar n'aquelle mesmo ponto, dotado das qualidades que lhe attribuem, uma base de operações muito mais segura é vasta, tendo na sua retaguarda, e, em conveniente proximidade, uma reserva e um apoio como era a capital.

Como veem, fundamo-nos nas auctoridades mais competentes, nas rasões mais claras e desinvolvidas, e até nos seus proprios argumentos, para documentar, esclarecer, e illustrar a nossa demonstração:

Já que fallamos nas guerras de Napoleão, faremos uma cautelosa advertencia: sabemos bem que essas immensas evoluções, como as duas campanhas do Rheno, por Moreau, e como os movimentos da invasão da Saxonia, que terminou na grande batalha de Ienna, não podem ser postos em practica n'um terreno curto e com forças limitadas. Tudo porém é proporcional. Executando em ponto minimo é ainda mais facil imitar os grandes modelos: ha de menos a confusão e complicação de columnas enormes, d'um material immenso, de reservas e abastecimentos extraordinario e de estradas e direcções multiplas. Resume-se o jogo dos corpos no taboleiro escolhido para campo da lucta; simplifica-se a manobra; é mais facil calcular tudo de um golpe, sem deixar de fazer applicação dos exemplos e principios dos capitães illustres e sem esquecer os conselhos da razão e a inspiração do genio, que formam os grandes artistas, e todos os homens verdadeiramente superiores. Ora, o marechal, abandonando o importante ponto de Santarem, com o futil pretexto de que só podia dispor de tres mil e quinhentos homens, quando depois veio investir o mesmo ponto com os mesmos tres mil e quinhentos homens, esmagados, demais a mais, pela inferioridade da sua posição — o marechal, dizemos, abandonando Santarem, obedeceu acaso a alguma grande inspiração, imitou algum notavel modelo, seguiu algum principio fecundo? Qual foi? Cite-se uma

auctoridade ou uma rasão. Exponham-se ao menos, os calculos em que se fundaram ou as conjecturas que se fizeram.

Mas, se as nossas forças eram numericamente inferiores, tinham uma verdadeira superioridade na sua disciplina, organização, e qualidade, como passamos a ver na sequencia das operações.

Os erros, calculados ou involuntarios, que se seguiram á batalha de Torres Vedras são os principaes de toda a campanha. Não é uma refutação que empreendemos; é a historia que completamos. Não é sómente uma discussão militar, que seria esteril, porque esses erros consummados são irremediaveis; é uma apreciação moral, que é utilissima, porque d'ella se esclarece amplamente a politica do duque.

Pelo brilhante exito da batalha, o marechal tinha até certo ponto resgatado o grave erro do abandono de Santarem. Pela theoria de que o resultado absolve os meios, absolveu-se elle ahi, posto que, sem aquelle abandono, não se visse talvez forçado a sacrificar tantas vidas. Entretanto, como se hão de explicar, como se hão de justificar os erros maiores ainda que se seguem?

Observemos :

As rasões que se deram para desculpar o marechal de não ter seguido, ou, pelo menos, inquietado, o inimigo na sua retirada sobre o Porto, são as seguintes: primó; que as forças do marechal estavam fatigadas: secundo; que as do conde das Antas eram disciplinadas e commandadas por officiaes valentes: tertio; que o corpo d'este general levava tres dias de marcha sobre as tropas do marechal: quarto; que a cavallaria não podia emprehender a perseguição, e era insufficiente.

Examinaremos successivamente cada uma d'estas rasões, que formam a substancia da defeza do duque.

A fadiga dos soldados é uma desculpa já muitas vezes allegada e outras tantas repellida. Se quizeramos apoiar-nos na auctoridade da experiencia, não nos faltariam exemplos para apontar. As grandes batalhas de Napoleão, ganhas pela maior parte á custa de marchas forçadas, e infinitamente mais difficeis pela extensão das etapas e complicação das gran-

des massas, não o impediram nunca de aproveitar-lhes os resultados, avançando sempre, immediatamente ao exito, em perseguição do inimigo. Nas proprias campanhas da Polonia, tão rigorosas pelo estação, pelo clima, e pelo terreno, nenhum d'estes grandes obstaculos pôde suspender os seus movimentos progressivos. A batalha de Eylau, tão disputada e tão mortifera, esse grande combate de artilheria e cavallaria, em que tanto soffreu tambem o exercito francez, não estorvou que elle seguisse os fugitivos até á linha do Vistula, enfraquecendo-o pela grande quantidade de prisioneiros que lhe tomou e não o deixando parar em quanto se não pôde abrigar atraz d'aquellas naturaes e formidaveis barreiras. As tropas que tinham entrado no combate de Torres Vedras estavam certamente fatigadas d'um dia trabalhoso e d'uma penosa marcha. Seria facil porém dar-lhes algumas horas de descanso, e, depois, seguir o inimigo, como vemos praticar por todos os grandes mestres, em analogas, e ainda mais criticas circumstancias. Um batalhão era bastante, como a experiencia o provou, para guarda dos numerosos prisioneiros. Na embriaguez e legitima ufania da victoria, seria facil, dizemos, obter do soldado a resignação necessaria para se sujeitar aos incommodos de mais algumas marchas. Se a sorte das armas tivesse sido adversa ao marechal de certo que este, ou havia de entregar-se com a divisão, ou marchar em retirada: supomol-o bastante brioso para não adoptar a primeira alternativa: optando pela segunda, forçosamente havia de emprehender a marcha. Ora, se a fortuna decidiu a nosso favor, porque não se havia de fazer, para rematar e tornar util a victoria, o mesmo sacrificio que indubitavelmente se faria em consequencia da derrota? Valia a pena, cremos nós, porque a victoria sem isso, pouco mais valia e pouco mais ficou valendo do que um desastre. A marcha progressiva seria, além d'isso animada pelo triumpho, ao passo que a marcha retrograda teria de ser retrahida pela confusão e desmoralisação que se seguem sempre a uma perda, ainda nos exercitos melhor organizados. A marcha progressiva era tão necessaria para recolher os fructos da batalha, como a retrograda o seria para os atalhar,

sendo possível. Se esta pois se havia de forçosamente tentar, por que se não tentou egualmente aquella, tão imperiosamente forçosa, pelo menos, e, de certo, muito mais proficua? Vencer uma batalha é muito, seguramente; mas não é tudo ainda. Ora, na guerra, segundo os principios d'um grande homem d'estado « não está nada feito em quanto ha alguma cousa por fazer. » A experiencia provou que é esta a verdade. O feito do marechal foi uma grande audacia, é verdade; foi sobre tudo uma audacia feliz, porque a ardente dedicação das tropas e a intelligencia e esforço dos commandantes de corpos, o auxiliou maravilhosamente n'uma execução tão rapida como vigorosa; mas essa audacia, coroada pelo resultados do protocollo, foi perfeitamente perdida.

Se, para corroborar estas demonstrações, é necessaria a auctoridade de um homem notavel e profundamente versado nas cousas politicas e no espectaculo das emprezas militares, offerecemos um nome que não deve ser suspeito. O celebre historiador das guerras do imperio, que tão bem mostra haver comprehendido e avaliado as admiraveis combinações de mais illustre capitão moderno, tornar-se-ha o mais severo censor do systema cunctatorio do marechal, se quizerem applicar ao seu procedimento as fecundas doutrinas que elle recolheu d'aquella grande geração de grandes generaes que illustrou a França imperial: « sem a necessaria firmeza—dit Thiers—em insistir n'uma idéa até ao seu inteiro cumprimento, toda a empreza audaciosa se torna tão funesta quanto poderia ser feliz. » Parece que estas palavras foram escriptas de proposito para o caso de que se tracta.

Accreditamos que as forças do conde das Antas fossem disciplinadas e commandadas por officiaes valentes. Não se ignora porém que essa divisão levava em si a mesma os germens da sua desmoralisação; o grave inconveniente d'uma retirada que se assimilava muito a uma fuga; o sentimento doloroso da sua critica posição, e o receio de um inimigo victorioso. Se as leis da honra e a coragem natural mantem o official; a disciplina, em compensação, não póde deixar de soffrer n'estes precipitados movimentos, e a consequencia é ficar

sempre á retaguarda uma quantidade de dispersos, remissos, eu extraviados, que formam constantemente a cauda truncada d'um corpo em retirada. Devia-se ao menos tractar de recolher estes fragmentos, que seriam outros tantos recursos tirados ao inimigo e accrescentados aos nossos meios. Nos exercitos, mesmo os mais rigorosamente organizados e disciplinados, succede inevitavelmente assim. A divisão do conde das Antas não estava nas condições d'um corpo que manobrasse regularmente para evitar o combate, ou que, tendo neutralizado a aggressão inimiga, se retirasse circumspecta e ameaçadoramente: aquella divisão fugia; estava por consequencia sujeita a todas as fataes consequencias d'esta situação. A bravura e disciplina dos officiaes e dos soldados prussianos de certo que não podem ser contestadas; e, apesar d'isso, o exercito do duque de Brunswick depois da derrota de Auestædt, posto conservar ainda á sua frente chefes como o marechal Kalkreuth, o general Blucher e o principe Guilherme, posto que os officiaes de fileira se deixassem acutilar na frente dos seu pelotões, rendia-se aos milhares á espada dos cavalheiros de Murat, de certo muito inferiores em numero aos fugitivos. Seja qual for o esforço dos officiaes e a disciplina dos soldados a impressão panica, o terror moral, bem aproveitado, é muitas vezes mais fecundo do que o mais violento e decisivo choque. Todos sabem este principio, que é rudimental na arte da guerra. Para que é pois allegar uma desculpa frivola?

Não comprehendemos agora como fosse possivel levar o conde das Antas tres dias de dianteira ao marechal. Uma simples inspecção da situação respectiva dos dous corpos poderá talvez simplificar e esclarecer a questão. No dia do combate de Torres Vedras tinha o conde das Antas as suas avançadas em Tagarro, isto é, a algumas horas de marcha do campo da batalha; como é possivel, pois, que elle no mesmo dia se achasse subitamente a tres jornadas de caminho? Sabemos perfeitamente que o general da junta fez uma violenta marcha, apesar de ter andado todos os dias antecedentes e por caminhos em tão máu estado, como os que as tropas do duque haviam percorrido. Mas esta mesma circumstancia prova em

favor das nossas opiniões. O que fora possível ao conde das Antas effectuar com uma divisão, desagradavelmente affectada de um grande desastre, devia ser-o igualmente ao nosso exercito, não menos disciplinado e exaltado pelo brilhante exito que obtivera, se actividade e celeridade dos movimentos ultteriores houvessem correspondido á audacia do primeiro commettimento. Além d'isso, fosse qual fosse a distancia que levava o inimigo, o essencial era segui-lo, antes que elle tivesse tempo de recobrar alentos e reunir novos meios como effectivamente fez. Oito dias que as tropas do duque chegassem ao Porto depois d'elle, eram bastantes para encurtar a lucta e decidil-a favoravelmente para as armas da Rainha. Ora, perguntamos nós, dando mesmo dous dias de descanso aos soldados e concedendo que o inimigo levasse tres dias de dianteira seria impossivel segui-lo com esse intervallo de oito dias? Quando dizemos que era urgente seguir o conde das Antas, não se imagine que pretendemos indicar que se fosse literalmente sobre elle: seria melhor; mas admittimos já as desculpas. O que intendemos, porém, essencialmente, é que se deviam procurar recolher os fragmentos dispersos na retaguarda da columna inimiga, e, sobre tudo, tomar immediatamente posse do terreno que ella tão precipitadamente abandonava, para, ao menos, o encerrar estreitamente nos reductos do Porto, ainda então imperfeitos. Todos sabem o que se intende por seguir o inimigo: não se tracta de lhe offerer batalha com algumas forças destacadas; nem elle a acceitaria nunca, fugindo, porque não poderia sem grave inconveniente suspender a sua retirada.

Se por perseguição se intendesse um combate formal, de certo a cavallaria seria insufficiente. Mas, querendo se e devendo-se, como todos os preceitos determinam, e como todos os exemplos abonam, *picar a retaguarda* ao inimigo já para lhe fazer o maior numero possível de prisioneiros entre os retardarios, já para o inquietar, para o perturbar, para o demorar e desorganisar na sua marcha, que melhor arma se póde escolher do que a cavallaria? Mais facil de carregar e retirar a tempo, formando uma columna extremamente mo-

vel, sem necessidade de se embarçar de bagagens n'estas pequenas expedições, teria a vantagem de poder incessantemente aguilhoar o inimigo sem perigo, porque se elle quizesse alguma vez fazer frente, acharia ella na propria mobilidade um meio ou de o evitar facilmente, ou de impunemente o incomodar. Ninguem, além d'isso, ignora as complicações d'uma retirada precipitada, em caminhos forçosamente obstruidos pelo mesmo trem da columna que se retira, e a difficuldade e summa imprudencia de perder tempo em operações de resistencia. Esta allegação porém, futil, como é, militarmente, dar-nos-ha todavia lugar de opportunamente desinvolvermos a util applicação que se poderia dar á brigada do general Mesquita, se acaso houvessem dirigido, por mar, sobre a Figueira. O emprego da cavallaria em inquietar a retirada é de um uso tão geral, tão reconhecido, tão evidente que de certo nos maravillhou em extremo essa banalidade com que pretenderam defender o duque. Concedamos que o marechal não tinha 500 cavallos disponiveis: 400, 300 que tivesse era bastante. Ficava ainda assim superior á cavallaria inimiga, que era o unico obstaculo um tanto serio que havia a temer. Ora, a maior parte da cavallaria do marechal não havia entrado na acção, tinha, cremos, a certeza de achar forragens pelo caminho; logo, por que motivo não podia ella marchar? O marechal, não só deixou retirar o inimigo, sem o inquietar sequer; mas deu-lhe mezes para se restabelecer. Por sete dias unicamente de desleixo incorreu o vencedor de Hohenlinden n'uma das mais graves reprehensões que se teem feito na historia militar. Chama-lhe Gourgaud «lenidade imperdoavel» por não ter dado emprego immediato e conveniente á cavallaria do general Hautpoul, com a qual poderia ter impedido o archiduque João de se reorganisar atraz das linhas do Alza e do Salza, e colhido ás mãos todas as bagagens e soldados dispersos. Esta censura, dirigida a um homem como Moreau, por uma auctoridade, cuja competencia de certo não se poderá negar, parece ter aqui tambem uma applicação directa ao nosso general. E' de Gourgaud tambem este preceito, que, por ultimo, responde cabalmente á pueril observação dos advogados do ma-

marechal: «á cavallaria pertence completar a victoria e inquietar o inimigo.»

Não supponho, certamente, que o marechal ignore estes proceitos, tão simples como vulgares, ou desconheça os erros commettidos. Fazemos-lhe mais justiça do que os seus mesmos defensores. O marechal errou, sabendo que errava. Não foi ignorancia; fôí designio. A ignorancia do marechal não consistiu na sciencia das cousas pertencentes á sua arte. O que o marechal talvez ignora é o peso da opinião e o valor da intelligencia, porque julga poder illudil-as ou escarnecel-as impunemente. O marechal viu talvez todo o partido que podia tirar da sua victoria. Tinha porém outros fins: não lhe convinha que houvesse vencedores nem vencidos. Era-lhe preciso deixar os partidos na penumbra, meio esperançosos, meio annullados; convinha-lhe destruir as influencias: a isso sacrificou tudo.

A essa idéa capital se liga tambem a explicação de todos estes successos. Não fariamos a resenha de erros irremediaveis, como dissemos, se tal resenha, historia de um tenebroso passado, não fosse o significativo anteloquio e o precioso commentario do presente. Os acontecimentos ulteriores d'esta campanha, darão cada vez melhor e maior luz á politica do marechal, politica que já o perdeu mais de uma vez.

Se effectivamente era tamanho o cansasso das tropas que entraram na acção, e a impossibilidade de operar a cavallaria, que nem aquellas podiam seguir o inimigo, nem a esta conviria fazel-o sem um forte apoio, aqui será occasião de perguntar porque não se fez uso, n'essa occasião, da brigada do geral Mesquita? Porque não foi ella rapidamente dirigida por mar sobre a Figueira? Aquella força tinha sido destacada para a capital, afim de prevenir o effeito de um desastre, ou a possibilidade de um ataque por parte do inimigo. Foi uma prudente prevenção. Conhecido porém o exito da batalha, e não tendo já a cidade aggressão que receiar, era essa força perfeitamente inutil na capital. A prevenção, por tanto, devia ter ido mais longe; o mesmo espirito, que se acautelara contra a má fortuna, devia mostrar igual prudencia

para utilizar a boa sorte. Oito horas, o mais, bastariam para trazer a Lisboa, a noticia official do resultado da batalha; 20, quando muito, chegariam para conduzir á Figueira, descançada, e fresca, a brigada Mesquita. Ao todo 26 a 28 horas, nas quaes se poderia executar o movimento se esta força e os respectivos transportes estivessem, como deviam estar, prevenidos para esta segunda eventualidade.

Pela mesma occasião e dando-se-lhe a certeza de um forte apoio, poderia ter sido prevenida *officialmente* a divisão Casal para que operasse rapidamente sobre a linha do Vouga, a fim do cortar a retirada do Porto, manobrando em co-operação com as forças perseguidoras. As consequencias da batalha seriam então decisivas.

Fez-se isto, porém? Certamente, não; bem o viram. A defeza de alguns panegyristas do duque relativamente a estas operações não deixa de ser curiosa. Disseram elles: «que a brigada Mesquita nada iria fazer á Figueira; por que não poderia oppor-se, em Coimbra, á retirada do conde das Antas» como se a brigada Mesquita devesse, n'este caso, operar só por si; e que «a occupação da linha do Vouga pelo conde de Casal fora opportunamente prevista e ordenada.»

Vejamos:

Que a brigada do general Mesquita viesse reforçar a guarnição de Lisboa, quando a proximidade do inimigo, exaltando os espiritos, podia promover uma insurreição—em todo o caso lastimosa e fatal, e cujos possiveis resultados, privando o marechal do seu ponto de apoio e da sua unica retirada, o perderiam de todo—que a brigada Mesquita, dizemos, reforçasse, para evitar contingencias, a guarnição da capital, intendemos nós perfeitamente. Mas, sabido o exito da batalha, e, por consequencia, passado inteiramente aquelle receio, pelo desalento profundo que similhante noticia devia infundir nos sequazes activos da junta, não comprehendemos porque razão se não deu *imediatamente* emprego áquella brigada, cujo presença em Lisboa, como já ponderámos, a victoria obtida dispensava perfeitamente. Indicámos a sua utilidade na Figueira; não dizemos que ella fosse disputar a passagem de

Coimbra ao general fugitivo. Mas se allegam, como rasão de se não ter lançado a cavallaria na retaguarda dos fugitivos, a insufficiencia d'essa mesma cavallaria; na brigada Mesquita opportunamente collocada na Figueira, e, d'ahi convenientemente dirigida—ter-se-hia achado um supporte para essa cavallaria, cuja citada insufficiencia, ou futil ou injustamente accusaram.

Se o marechal tivesse, ou quizesse ter tido a providencia escrupulosa e vigilante, que remedeia tudo, e que constitue a verdadeira superioridade d'um chefe, poderia, n'este caso, utilizar precisamente aquella brigada, não dizemos oppondo-a á passagem do inimigo, mas, ao menos, arremeçando-a sobre a sua retaguarda ou sobre o seu flanco; já obrigando-o a precipitar o seu movimento, o que inevitavelmente lhe augmentaria o numero de remissos e dispersos, e notavelmente o infraqueceria e desorganisaria; já servindo de apoio aos cavalleiros do exercito fiel, que, sentindo-se fortemente apoiados por uma columna de infantaria, dobrariam em confiança, e em audacia, e poderiam assim levar sempre a espada nas costas do inimigo. O conde das Antas, não podendo perder nem uma hora, não se desviaria de certo do seu caminho para ir offerecer combate á brigada Mesquita. Logo, que motivo podia pois impedir, na retaguarda d'esse general, a junção da cavallaria lançada de Torres Vedras, sobre a estrada de Coimbra, e da brigada Mesquita lançada simultaneamente de Lisboa sobre a Figueira? Era uma simples questão de calculo. Nada impedia as duas columnas de se reunirem n'um ponto dado, e auxiliando-se mutuamente, de seguirem com duplicada energia um inimigo que diariamente se iria attenuando e desmoralizando. Não ha ninguem que o ignore; se o conde das Antas levou a sua divisão ao Porto, foi porque nem achou obstaculo na sua marcha, nem um unico homem que lhe inquietasse a retirada. Teve assim tempo de respirar e de recolher a si todos os fragmentos da sua columna. Se fosse, não dizemos perseguido, mas ao menos seguido ou observado, teria deixado no caminho metade das suas forças. E já não faria pouco. Devia de assim acontecer; era a condi-

ção inevitável da sua situação. Já se vê por tanto, que se poderia tirar da brigada Mesquita, inútil em Lisboa depois da batalha, um proveito que de certo não era para desperar.

Resta a occupação da linha do Vouga, que se diz prevista e ordenada. O zelo encomiastico desvairou os apologistas do marechal a ponto de lhes encobrir a verdade. O conde de Casal não recebeu ordem official a semelhante respeito. Apenas, na sua correspondencia *particular*, o marechal havia indicado, em *certas hypotheses*, a conveniencia d'aquella occupação; mas determinação *formal*, como deveria ter feito, mesmo para ter a certeza d'aquelle movimento, não se deu. Se o conde de Casal tivesse sido successiva e opportunamente informado dos movimentos, planos, e intenções do marechal, poderia, deliberando por si mesmo, ter marchado sobre aquellas posições. Mas, faltando-lhe totalmente as communicações—o que era ainda um resultado do abandono de Santarem, porque, em consequencia d'este ficára o marechal collocado na forçada dependencia dos movimentos, que ao inimigo conviesse fazer—faltando as communicações e informações, seria prudente que a divisão Casal tentasse este movimento sem previa combinação? Os successos provaram que não; por que se essa divisão houvesse espontaneamente occupado as posições do Vouga, faltando-lhe a cooperação do marechal—como, dada a hypothese e observados os acontecimentos, inquestionavelmente lhe faltaria—viria a achar-se gravemente comprometida. Além d'estas razões, aliás concludentes, bastar-nos-ha argumentar *a ratiõne* para descortinar a verdade. A valente divisão Casal, tendo sempre manobrado audazmente no Minho e Traz-os-Montes, tendo-se coberto de gloria nos combates de Val-Passos e Braga, tendo ousado, com forças muito inferiores, o que o proprio marechal não ousou com um exercito victorioso, isto é, tendo batido por duas vezes ás portas do Porto, que provavelmente teria tido a gloria de abrir, se alguma *possivel* reacção na cidade auxiliasse o seu impulso, a divisão Casal, que tinha feito tudo isto, que salvára verdadeiramente o throno da Rainha no norte, e que se mostrára sempre tão decidida, tão cheia de boa vontade, e

tão util n'esta campanha, não deixaria seguramente de ir occupar a linha indicada, se o digno chefe tivesse sido prevenido a tempo. Os soldados, que haviam forçado as trincheiras de Braga, que se tinham batido em Val-Passos contra o inimigo duas vezes superior, e que ainda ficou superior, apesar defecção de dous dos seus corpos; esses soldados que, em Villa Real e nas serras da Agrella, haviam dispersado á ponta da bayoneta os guerrilhas que ousaram disputar-lhes o passo; esses soldados e o seu bravo general não se recusariam a completar os seus triumphos e a sua gloria, se houvessem sido conveniente e opportunamente informados dos movimentos da Extremadura. Se o marechal tivesse dado positivamente essa ordem, interessava muito em responder com esta allegação, ás graves accusações, que, desde logo, se lhe fizeram, por tee deixado escapar o conde das Antas—interessava muito na sua plena justificação, para que, se pudesse, não apresentasse immediatamente esta desculpa, depois tardia.

Se foram grandes os erros, commettidos depois da batalha, a batalha todavia foi brilhante. Foi um grande e sanguinolento triumpho; mas um triumpho estragado. Não valia a pena de perder a setima ou oitava parte das forças leaes para comprar com a ruina de tantas vidas... um protocollo! Fei, além d'isso, uma manobra perigosa, por que ninguem ignora em que risco esteve a divisão do marechal, collocado entre as duas forças inimigas. Não seria difficil fazer tambem justos reparos sobre as disposições tomadas durante a acção; não queremos porém attenuar, de nenhum modo, a gloria que n'esse dia o exercito ganhou para o marechal, porque mais desejámos mostrar-nos benignos do que adversos.

Como temos successivamente observado, o marechal deixou fugir das mãos uma d'essas raras occasiões, que ordinariamente não voltam na vida de um homem, e em que elle se poderia ter coberto d'uma verdadeira e incontestavel gloria. Somos chegados ao momento de fazer vivamente sentir toda a extensão d'um erro capital e as suas immensas consequencias politicas. N'esta séria analyse é com os factos e com a mais rigorosa demonstração que procuramos argumentar. Por

um lado, nos grandes exemplos que temos adduzido, se não ha completa analogia entre os poderosos meios, empregados pelos seus heroes, e os pequenos, mas proporcionaes, recursos de que pode dispor o duque, tambem não ha comparação possivel entre as enormes difficuldades que elles tiveram de debellar e os obstaculos que o nosso general se encarregou de superar, o que perfeitamente restabelece o equilibrio e a justiça da applicação: pelo outro, aproximando-o aos primeiros chefes da moderna historia militar, fazemos-lhe mais um lisongeiro cumprimento do que uma austera censura. Napoleão e Moreau, por exemplo, são nomes, cuja contiguidade deve extremamente honrar o individuo por quem elles se invocam. Se o primeiro é o typo, talvez, inimitavel, das vastas e audazes combinações; o segundo, de certo muito mais comprehensivel, poderia servir de modelo a operações prudentes e firmes.

Ninguém ignora que as delongas na guerra, dando lugar a conflicts, pequenos mas reiterados, são infinitamente mais mortiferas do que uma batalha decisiva. E' difficil de obter esta, mas, alcançada ella, não ha nada que possa desculpar a inacção. Uma rara felicidade grangeou ao marechal esta primeira e mais difficil vantagem. Uma divisão inimiga, em parte dispersa em parte prisioneira, inteiramente aniquilhada; a força moral vigorosamente adquirida no exercito; uma impressão fatal produzida nas forças contrarias; a superioridade das nossas tropas energicamente instaurada; tudo isto constituia uma somma de resultados, que, aproveitados, podiam ter rematado a questão, que, despresados, de nada serviriam, se não de dar ao inimigo a medida dos seus recursos, e aos cartistas uma falsa persuasão de impotencia que os ia perdendo.

Com a desculpa de organizar localidades o marechal perdeu um tempo precioso. De que serviam esses pequenitos desvelos quando se tractava de terminar rapidamente um conflicto ruinoso? Quiz acaso o duque de Saldanha, regulando meia duzia de administrações de concelhos, parodiar o vencedor da Europa? Mas esse homem, essa intelligencia tão auda-

ciosa como prudente, tão vasta na administração como na guerra, concepção titanica e minuciosa ao mesmo tempo, esse homem unico, por que não deixou herdeiros, quando, do acampamento de Finkenstein, regulava os trabalhos da Academia e desmanchava as intrigas das dançarinas de Paris contra um machinista de theatro, nem por isso deixava ao mesmo tempo, de impellir as suas legiões e de arrojá-las para além do Niemen. Se o marechal se julgava com capacidade para ser simultaneamente organisador civil e cabo de guerra, fizesse-o embora; mas não sacrificasse nunca a cousas minúsculas as supremas consequencias.

Objectaram já que a guerra civil é muito differente da guerra estrangeiras: n'este caso é uma puerilidade. Na guerra civil, como em qualquer outra, mais do que em outra qualquer, a maior das vantagens é acabal-a rapidamente. «Façamos uma guerra prompta para termos uma paz duravel» disse um homem verdadeiramente grande. Se na guerra civil ambas as partes belligerantes vivem á custa do paiz que ella assola, e duplicam assim a devastação dos seus meios, é evidente que o primeiro dos serviços e o maior dos beneficios será o termo d'ella.

Para a organização e pacificação do paiz, que a victoria de Torres-Vedras lhe tinha deixado livre, faria muito mais o marechal avançando, do que entretendo-se n'estes fúteis pretextos. Seriam mais efficazes dous dias de marcha do que duas semanas de residencia. O foco, o centro, o coração da revolta estava no Porto: era alli que lhe cumpria suffocá-la, feril-a decididamente, fulminantemente. Demorando-se longe d'ella, o marechal alentava as esperanças dos insurgentes, erguia-lhes os animos abatidos, e, em vez de facilitar a organização do paiz recuperado, difficultava-a cada vez mais. Cada dia de demora era um novo alento para elles e um novo obstaculo para os cartistas. No momento do desastre tinham-se, os primeiros, julgado completamente aniquillados: era portanto natural que, vendo prolongar-se tanto a expectativa, entrevissem um futuro melhor e cobrassem multiplicados brios.

Já não fallamos dos recursos materiaes: observamos unicamente o effeito moral.

O cuidado unico do marechal deveria ter sido segurar as communicacões com a capital, por meio de destacamentos collocados nos ponto principaes, e dispostos de maneira que se podessem auxiliar mutuamente em caso de eventualidade. Feito isto, que lhe importavam as pequenas guerrilhas que poderia deixar á sua retaguarda? Eram ellas n'esse tempo tão numerosas que o podessem inquietar? A celeridade da sua marcha havia de fazer cahir tantas armas quantos braços a sua indolencia depois armou. Para dispersar aquellas guerrilhas valia mais uma vigorosa iniciativa contra o motor que as excitava, do que uma perseguição, tão laboriosa como inutil.

Influindo directamente sobre o governo de Lisboa, bastava que o marechal, para se prevenir prudentemente, lhe fizesse para instrucções, em que, deioando-lhe os cuidados secundarios da organisação, lhe aconselhasse um procedimento, ao mesmo passo energico e moderado, para melhorr o espirito dos povos, e lhe recommendasse a nomeação de individuos, que soubessem juntar a firmeza á prudencia, a probidade á vigilancia, afim de ter sempre agentes seguros e esclarecidos. A sua missão era outra, era maior: esperava-o o Porto, unicamente o Porto. Os meios de que se devia servir e de que podia dispor para subjugal-o já os expuzemos em parte e em parte os exporemos subseqüentemente.

Era effectivamente alli que estava a verdadeira fama. Afogando a insurreição no seu berço, o marechal não só adquiria um glorioso futuro; n'este facto não só firmaza, longa e seguramente, a supremacia do partido cartista, se não que lhe dava tambem uma força incalculavel. Era, vencendo o partido exaltado no campo, e sem recurso estranho, que se podia ser grande e generoso, acabar por este modo muitos odios, e adquirir, por este meio as sympathias de todas as pessoas sinceras. Não se fazia uma união mentirosa: exercia-se uma propaganda legitima e nobre. A victoria, mas a victoria completa, ganha só pelos esforços do partido cartista, dava a esse partido a possibilidade e o direito de ser magna-

nino, porque seria forte. Fora facil então effectuar todas as reformas e organisar definitivamente o paiz. Havendo conquistado uma posição solida e duradoura, poder-se-hia ter um governo, e os capitaes, que as situações precarias necessariamente affastam, afluiriam, n'um estado definido, e concorreriam com o seu poderoso contingente para debellar as difficuldades. Dado o primeiro impulso, as consequencias deduziam-se naturalmente. Os fundos que se retiraram cada dia mais, diante d'essa fluctuação, d'esse desconcerto, d'essa série de contradicções governativas, d'essa falta de systema organico, d'essa dobrez mesquinha e deploravel; os fundos, que desapareceram porque não achavam emprego seguro, e que apenas, se arriscavam parcamente n'uma agiotagem odiosa; esses fundos, que, de certo se não tinham abysmado, regressariam á circulação, e animariam um desinvolvimento progressivo, em vez de cederem o logar á miseria profunda dos dependentes do estado e á mendicidade vergonhosa do mesmo estado, que a administração do duque originou. O commercio, as industrias e as artes caminhariam na mesma proporção, e, se não podiamos ainda hoje estar de todo felizes, podiamos ao menos estar mais folgados e poderiam ser muito menos graves as complicações, legadas pelo marechal aos seus herdeiros. A revolução franceza de fevereiro teria de certo agitado os partidos; mas, se as populações ficaram tranquillias, entregues a uma administração inconsequente e vacillante; muito melhor o ficariam n'um regimen logico e firmemente constituido.

Se o marechal tivesse aproveitado as suas primeiras vantagens não seria sómente um vencedor illustre; poderia ter obtido um titulo muito mais valioso para um coração verdadeiramente patriotico—poderia ser chamado o agente do nosso legitimo progresso, e o protector dos nossos desinvolvimentos: não derrotaria sómente a insurreição, venceria a miseria e a usura, sua abominada e inseparavel companheira. Ser-lhe-hia então licito repetir o que o general d'Austerlitz promettia a mr. de Marbois: «em quinze dias hei de bater os russos, os austriacos... e os agiotas.»

Aqui está o que o marechal podia ter feito. Mas que fez elle em vez d'isto? Deixou-se ficar longamente pela estrada, para acceitar e agradecer felicitações prematuras. Foi estacionar-se em Oliveira d'Azemeis, para fazer alli de legislador em miniatura. Desbaratou a victoria, e, por consequencia, o sangue precioso dos que lha ganharam. Rodeando-se das pequenas ambições locais, consumiu a propria fama e o futuro da nação em intrigas de provincias.

Não é assim que a historia nos mostra os verdadeiros estadistes e os capitães que mereceram este nome. A sciencia militar reprehende Montecuculi, o celebre adversario de Turenne, por não ter, na campanha de 1674, forçado uma marcha de seis horas, por meio da qual poderia ter interceptado o ponte de Ottenheim e obrigado o inimigo a descobrir Strasbourg: o proprio Turenne é tambem censurado por haver inexplicavelmente parado diante de Amsterdam, depois de atravessar o Rheno e de se apoderar de sessenta praças fortes. A mesma sciencia attribue á energia e rapidez das marchas a admiravel campanha de Gustavo Adolpho, atravessando o Baltico, apossando-se da ilha de Rugen, senhoreando a Pomerania e levando as suas armas ate ao Vistula, o Rheno e o Danubio. A mesma sciencia consagra o grande exemplo de Cezar avançando em vinte e tres dias de Roma até ao Guadalquivir, para bater, em Munda, Sexto Pompeu e os restos da Pharsalia. A mesma sciencia, emfim, imprime, no immortal nome de Annibal, uma vergonha immortal como elle, por que, n'uma demora de apenas seis dias, inutilizando a grande victoria de Cannas e os seus anteriores triumphos, deixou de substituir Carthago a Roma no dominio do mundo. Que póde pois dizer essa sciencia vendo um triumphador espendendo os primeiros e mais fecundos dias, e depois mezes sobre mezes? A sciencia dirá unicamente que nos reductos de Torres-Vedras ficou estampada um nobre feito de arrojo e de coragem; e, como simples mas eloquente commentario; mostrará o feliz vencedor d'esse combate gravemente entretido na importante occupação de analysar uma ingenhosa architectura de canella n'um prato de arroz doce. Em quanto o ma-

rechal via solidamente estabelecida a sua gloria nos tributoculinarios e poeticos dos seus subordinados, a insurreição adiantava-se, e a ruina do paiz consummava-se. (1)

Houve já quem attribuisse esta fatal obstinação de uma indolencia injustificavel ao abaso d'uma excessiva prudencia. Depois do venturoso atrevimento de Torres-Vedras esta qualidade era, pelo menos, problematica no marechal. Se essa especie de desculpa não fizesse rir, poderíamos citar-lhes umas palavras que parecem talhadas de molde para aqui: «ha planos—diz Thiers—que tendo só o apparatus da prudencia encerram no fundo os mais graves inconvenientes, que a mediocridade não vê.» Se querem o pretexto, accitem-lhe a sentença.

Lancemos agora, momentanea e imparcialmente; os olhos para essa junta, cuja actividade e energia tão singularmente contrasta com a inercia do marechal. Abalada no primeiro impulso, a junta do Porte em breve cobra animo, levanta-se da terra como Antheu, e remedeia com uma assombrosa celeridade o immenso desastre que soffrera. Os seus batalhões são mais numerosos; as suas tentativas mais atrevidas, a capital é novamente ameaçada; e, em quanto ella dá esta severa e tremenda lição ao seu mesmo vencedor, fica o partido cartista reduzido ao doloroso espectaculo de contemplar uma inercia que é a primeira causa, e o mais efficaz incentivo d'este prodigioso vigor. Em vez de abrir os olhos e de seguir o exemplo do inimigo, o marechal parece querer ajudal-o, abandonando lhe o Minho, d'onde elle tira promptamente uma infinita quantidade de recursos, e entrega-lhe os mais bellos fructos da sua mesma victoria.

Acaso não viu o marechal tudo o que podia fazer? Acaso não quiz fazel-o? Não se lhe apresentaram ao espirito estas considerações tão vastas como obvias? Ou despresou-as de proposito?

De duas uma—ou havemes de suppor do marechal uma grande curteza de vistas, uma inepeia e uma incapacidade,

(1) Vide *Diarios* de 1846 e 1847.

que seria calumniosa n'este caso; ou temos de attribuir-lhe algum designio occulto e fatal, a que tendia incessantemente no meio mesmo da lucta; e que lhe fez preferir uma negociação vergonhosa a um triumpho brilhante.

O resultado immediato da inexplicavel lenidade do marechal foi a liga da junta rebelde com partido absolutista. Ao saber da batalha de Torres Vedras a insurreição tinha se julgado perdida, porque não havia contado com as facilidades que lhe dava o marechal. Este deixou-a respirar: ella cobrou animo, e, conservando livres as communicações, poudo concentrar as suas forças, e preparar novos recursos. Era entre estes o mais importante a liga com os miguelistas, que já se achavam em grande parte reunidos, esperando e, talvez, contando com o *tertius gaudet*. A junta, ao principio, julgando bastantes os seus proprios meios, e receiando, assim o desastre de tal passo, como a impressão desfavoravel que elle lhe podia produzir, dentro e fóra do paiz, não quizera travar alliança com aquelle partido, apesar da sua recente colligação; e, sem ousar attacal-o, reprehendia comtudo, pelos seus órgãos, os generaes da Rainha por que não marchavam contra Mac-Donald que, em Braga, levantara o estandarte do absolutismo e ahi tratava de organizar uma columna respeitavel. Pouco tempo depois a linguagem d'aquelles jornaes mudou completamente.

A divisão Casal tinha batido completamente Mac-Donald, dispersando as suas tropas e obrigando-o a abandonar a cidade; por que, estando a divisão ás portas do Porto, e correndo já fundados rumores (1) d'uma possibilidade de al-

(1) A força que tinham estes rumores póde ser avaliada por estes importantissimos testemunhos.

N'uma carta d'um dos mais influentes chefes miguelistas da Beira Baixa, carta datada de Coimbra em 3 de dezembro de 1846, depois de exporem largamente os recursos com que se contava para sublevar a provincia no sentido miguelista, e de se revelarem todos os meios empregados para esse fim achava-se o periodo seguinte;

liança entre as forças da junta e as de Mac-Donald, a divisão ficaria infinitamente arriscada, se, deixando engrossar as d'este, se expozesse aos movimentos combinados de ambas. Depois da aniquilação da columna Mac-Donald e do aprisionamento da divisão Bomfim, a attitude da junta relativamente aos miguelistas mudou formalmente. Os mesmos jornaes do Porto, que haviam aceremente reprehendido a inacção das forças leaes, ante o desinvolvimento tentativas miguelistas, voiferavam com a sua babitual violencia contra a realisação do que haviam inculcado como um desejo e uma necessidade; isto é, condemnavam a aggressão como haviam condemnado a inactividade, lamentavam a sorte dos vencidos de Braga, manifestavam-lhes as suas sympathias, celebravam o seu esforço, e cobriam de improperios e calumnias o valente general que tinha desfeito aquelle nucleo perigoso. A contradicção podia ser mais flagrante. E' porque as hesitações da junta haviam acabado. Em presença dos seus desastres não lhe era permittido vacillar. Os miguelistas eram o seu unico recurso. A liga era o meio de resgatar as perdas soffridas e de oppor mais numerosas cohortes ás tropas victoriosas de Saldanha. Encetaram-se pois a negociações. Como é sabido, a junta do Porto para resolver os ultimos escrupulos da junta absolutista de Guimarães *manifestava* solemnemente que «não tinha *preoccupações dynasticas,*» manifesto perfeitamente significativo. A final celebrou-se o convenio. Os chefes miguelistas, que já estavam em armas, declararam-se de accordo com a junta do Porto e passaram a operar de combinação com ella. Esta deliberação deu repentinamente á junta de

«A junta de Lisboa (a junta miguelista) recommenda-nos no seu ultimo expresso que tratemos de abrir a porta a uma transacção com os septembristas.»

No *Post-escrriptum* de outra, do Porto para Braga em data de 11 do mesmo mez e anno dizia-se claramente

«Casal está a meia legua d'aqui, porem debade, por que é impossivel entrar. . . quanto bem seria se os realistas batessem pela retaguarda. . .»

Porto o reforço de uns poucos de mil soldados e consideráveis subsidios de abastecimentos e dinheiro. Estava inutilisado todo o fructo da batalha de Torres Vedras, porque a junta, reparando d'este modo as suas perdas, tivera tempo de organizar e reunir contra o vencedor forças superiores ás primeiras.

Tudo isto houvera o marechal evitado, se aproveitando as consequencias tivesse circumscripto o rebellião.

Para que se possa fazer idéa da importancia dos recursos que a junta achou n'esta combinação e do tempo que, apesar de toda a sua actividade, gastou em effectual-a consultaremos alguns documentos.

A batalha de Torres Vedras teve logar a 22 de dezembro de 1846. A 17 de janeiro de 1847 é que o general Povos lançava na Guarda, a sua proclamação; aos habitantes das duas Beiras, aos generaes commandantes de divisões e mais officiaes, assim de linha como voluntarios, pertencentes ao seu partido, na qual proclamação lhes participava a sua adhesão á junta do Porto.

A 5 de fevereiro do mesmo anno proclamava tambem Bernardino Coelho Soares de Moura;(1)declarando o seguinte:

«Valentes e briosos voluntarios; camaradas e amigos!
 «Cumpre-me fazer-vos saber um grande passo, que se ha dado; e que é a maior garantia de salvação publica. A junta do Porto, que tão fortes barreiras tem opposto á *tyrannia cabralina* (2)—*que conhece* a nacionalidade e importancia do partido realista—e que não podia esquecer-se da vossa valentia e decisão na lucta de maio passado, cujo glorioso e rapido triumpho só foi devido á colligação dos dois partidos (3) nacionaes, acaba de *propor-nos a repetição* d'esta liga; e posso asseverar-vos que sem quebra de dignidade, e salvas as conveniencias indispensaveis, *a liga está feita.*»

O brigadeiro Manuel Cardoso, a 22 de maio do mes-

(1) Quartel general em Freamunde, 5 de fevereiro, etc.

(2) A *tyrannia da lei*, como anteriormente vimos.

(3) Cromos que é bem clara a revelação.

mo anno, dizia tambem aos habitantes da cidade e districto de Vizeu: (1)

«O nosso horado e patriotico general, conde das Povoas, me mandou positivamente por officio de 14 do corrente, que chamasse a todos ás armas com a maior brevidade, na certeza de que elle nos virá ajudar em poucos dias.»

A differença das datas indica a morosidade forçada com que se foi effectuando successivamente a liga, mas revela tambem as numerosas forças que ella deu á junta e a quantidade de officiaes com que a reforçou.

Tudo isto houvera o marechal evitado, se, aproveitando as consequencias da victoria, tivesse marchado rapidamente sobre o Porto, por que, interceptando as communicações, tornava ou impossiveis ou em extremo difficeis, e, por consequencia infinitamente mais lentas, quaesquer combinações, ajustes, discussões ou convenios, e desarmava os corpos miguelistas, que sem apoio e sem accordo, cortados d'uma base de operações, sem reservas, nem armazens de municiaamentos, pouco tempo, resistiriam, se resistissem, ás columnas moveis do exercito fiel. A liga, n'este caso, ou não teria tido logar, ou, tendo-o, seria muito menos formidavel e consequente. O marechal mesmo o tinha dicto: «se a insurreição for limitada ao Porto, ahi morrerá.» Era a occasião de realisar o vaticinio. A fuga do conde das Antas tinha effectivamente limitado a rebellião ao recinto do Porto: não se tratava senão de constrangel-a a ficar alli, e impedil-a de novamente sahir d'aquelles reductos. Era isso o que o marechal facilmente teria executado. — Como? Dirão. Não basta afirmar, cumpre demonstrar.—Concordamos, e passamos a fazel-o.

A riqueza, a posição e população da provincia do Minho, tornam esta parte do paiz digna da mais séria attenção quando se trata de considerar a sua influencia, quer seja na paz, quer seja na guerra. Na campanha de 1846 a 1847, ao principio, a sua contiguidade com o Porto tinha alli propaga-

(1) Proclamação, do quartel na Mesquitella, 22 de maio, etc.

do rapidamente a insurreição. Ninguém ignora a infeliz sorte do atrevido tenente Pinote e o lance horroroso dos seus desgraçados companheiros. A catastrophe d'aquelle punhado de valentes, encerrados sem viveres no castello, privados do seu chefe, e cercados por uma multidão furiosa, o abandono em que os deixaram e a improbabilidade de qualquer auxilio proximo, entibiaram o entusiasmo dos servidores fieis da Rainha e impediram toda a especie de ulterior tentativa.

A junta dominou pois, nos primeiros momentos, toda a provincia sem contestação. Todavia os recursos que essa provincia podia offerecer deviam naturalmente fazer tentar a sua aquisição, ou, pelo menos, o nosso estabelecimento n'um ponto onde nos pudessemos solidamente basear, já para inquietar o inimigo na sua proximidade, já para lhe distrahir a attenção, já finalmente para estarmos em estado de aproveitar todas as eventualidades. Mantendo-se fiel e avizinhandose na sua primeira e audaciosa marcha, ás linhas do Porto, a divisão Casal, não só fez uma diversão proveitosa aos successos da Extremadura, mas deu ainda mais a conhecer a utilidade, a necessidade até, de termos um apoio no Minho. Felizmente para as armas da Rainha havia no norte um homem, que hoje descança no seu ultimo somno; mas que teve então lugar de lhe fazer os mais assignalados serviços.

Aborrecido da forçada inactividade, em que o deixara a prisão do marechal duque da Terceira, o conselheiro Pereira dos Reis lançou os olhos para aquella provincia, e viu perfeitamente todo o partido que d'ella se poderia tirar. A praça de Valença, pela sua posição sobre o Minho, o que nos assegurava a facilidade das nossas communicações com o reino limitrophe, e pela sua força, parecia exactamente dever ser o ponto escolhido. Mas, se por um lado os seus recursos militares eram um attractivo para nós, pelo outro esses mesmos recursos nos multiplicariam provavelmente as difficuldades. O conselheiro Pereira dos Reis não cedeu a esses receios, e zelosamente auxiliado por algumas pessoas de igual vontade, formou o projecto de surprehender a praça, visto que, no estado das cousas, era impossivel tomal-a de viva força.

Esse feito foi depois covardemente escarneado pelos inimigos e talvez tambem por amigos indignos de tal nome; justo é que vinguemos a sua memoria.

O proprio marechal conhecia tanto a valia da praça de Valença que por muitas vezes pediu encarecidamente que se empregassem todos os esforços para a adquirir. Foi uma surpresa certamente; mas onde se viu que as surpresas não fossem consideradas muitas vezes como empresas notaveis? Nos seculos 16.º e 17.º, quando a arte militar consistia principalmente no assedio, defensão das praças, e manobras accessorias, as surpresas foram muitas vezes commettidas e outras tantas louvadas. Ainda hoje, quando o ponto surprehendido póde ser, como este, uma base de operações, a surpresa effectuada não é só um grande serviço, é tambem um assignalado feito. O historiador Estrada, nas suas Decadas das guerras de Flandres, sem se deslumbrar unicamente do esplendor das armas do duque de Parma, celebra a par dos melhores capitães o nome de Pennetier, que, por negociação ou surpresa, deu Ypres e Bruges aos hespanhoes. O invasor de Rupelmonde, de Axel, de Hulst e Midelbourg, não é apodado porque a fortuna, sorrindo á sua audacia, lhe não deixou disparar um arcabuz ao occupar aquellas fortalezas. A historia não pagou com chufas a Francisco Verdugo, por que muitas vezes a sua admiravel actividade, economisando o sangue dos seus soldados, adquiriu pela surpresa o que sem isso seria difficil e tremendo; pelo contrario, cubriu-o de louros: foi n'esse genero de empresas que o audaz castelhano principalmente se illustrou «con gran gloria y conveniencia d'el Rey» diz o traductor Melchior de Novar. Surprehenderam praças Henrique IV, o principe Mauricio e o marechal de Villars, e nem a historia nem a sciencia acharam n'isso motivo de zombaria ou censura. Lannes entrando em Spandau sem queimar uma escorva, mereceu acaso os sarcasmos dos contemporaneos? Acaso não recommenda a historia como um rasgo brilhante o facto do general Lassalle, que á testa de alguns corpos de cavallaria ligeira ousou intimar a praça de Stetin, submettendo-a sem conflicto?

A coragem não consiste sómente em se ter achado no meio d'um perigo já definido; consiste tambem em affrontar um risco possível, e, tanto mais temeroso, quanto é mais vago. Ha acções que basta emprehendel-as para justificar uma grande audacia.

Quando o conselheiro Pereira dos Reis se apoderou de Valença estava em S. Pedro da Torre, a menos de meia legua da praça, José Marceliño, notavel caudilho absolutista-organizando uma força consideravel: em Ponte de Lima achava-se o conego Montalverne á frente de outra; a tentativa, por consequencia offerecia mais de um obstaculo serio, independentemente da praça. E' certo que existiam combinações com o commandante de Valença, que, receioso de a ver cahir nas mãos dos miguelistas, e mais zeloso do que os liberaes da junta, e os do governo, instava em pedir alguma prompta providencia; mas a guarnição da praça era ainda numerosa e de pessimo espirito, e a população da villa estava no mesmo caso: as difficuldades pois não eram menores no interior do que no exterior. Que força porém tinha o conselheiro Reis para oppor n'estas contingencias a graves estorvos? Apenas tresentos marinheiros, homens excellentes no mar, mas em terra pouco firmes, e, mais do que os outros, sujeitos ao cansasso. Era só com tresentos homens, sem mais nenhuns meios, que o conselheiro Reis ia surprehender uma fortificação formidavel, defendida por uma força igual á sua, que de um momento para o outro podia ser prevenida, e cahir sobre os nossos marinheiros sem apoio, e já muito compromettidos, apenas puzessem pé em territorio portuguez, pela visinhança dos outros inimigos que os cercavam. Se isto não é audacia não sabemos o que seja. Fatigada de quatro leguas de marcha, a pequena força, chegada á vista de Valença, começava já em partes a murmurar. O conselheiro Reis porém não vacillou, e deu ordem de avançar, exposto a todas aquellas contingencias que apontamos. O exito coroou a tentativa; realisou-se a proverbial sentença de Virgilio; mas o resultado não foi só devido ás precarias intelligencias na praça, foi-o tambem á ousadia da marcha, que terrificando a guarnição, lhe não dei-

xou ver os facéis meios de deteza que ainda tinha e o modo de impedir o passo.

Adquirida d'este modo uma base de operações na provincia vamos ver como a divisão do norte se poderia ter alli constante e proveitosamente mantido e como, mantendo-se, puderia, por meio de operações simultaneas, ter concorrido com as forças do marechal para limitar a insurreição ao recinto da cidade.

O terreno comprehendido entre o Minho e o Lima, pôde ser considerado como um grande triangulo scaleno, cuja base é o oceano, da Foz do Lima á barra do Caminha; cujo vertice é Valença dominando o Minho; e cujo maior lado, ligando aquella praça ao castello de Vianna, se apoia pela direita, do Sul ao Norte, nas serras de Labrugem e de Venade, até ás proximidades de Monção. N'este fortissimo terreno, protegido na sua maxima extensão, por dous obstaculos, invenciveis aos contrarios, a linha da costa e a da raia da Galliza, baseado d'um lado sobre o grande fosso do Lima, e do outro sobre as difficuldades d'um paiz montanhoso, teria sido facil estabelecer uma columna volante, que não necessitaria de uma grande força para dominar essa consideravel porção de territorio, e conservar sempre livres as communições entre os tres pontos principaes de Caminha, Valença, e Vianna; isto é, entre dous portos—cujas alfandegas davam um producto consideravel, encurtando tambem notavelmente as relações com a capital—e uma praça de guerra que, dominando um terreno fertil, offerecia um sustentaculo a todas as operações, e uma retirada segura em qualquer caso.

Effectivamente, aquella praça incerrava uma quantidade admiravel de recursos para a campanha. A experiencia encarregou-se de mostrar, quanto chegara a tempo o immenso material e a grande quantidade de munições que alli se encontraram.

Se a resistencia de Mac-Donald em Braga, se tivesse prolongado por mais duas horas sómente, a valente divisão Casal teria infallivelmente de retirar-se por falta de cartuchos. E qual seria depois a sua sorte? Quasi absolutamente de-

sarmada, e sem meios nenhuns de se refazer das munições que lhe faltavam, teria infallivelmente, ou de se retirar sobre a Extremadura, o que, n'aquelle tempo e em tal situação, já lhe não seria facil, ou de se internar pela Galiza para escapar a uma perseguição, que não estaria em estado de repellir. As circumstancias particulares d'esta parte da campanha, geralmente ignoradas, dão ás operações da divisão Casal um cunho de audacia, que não estava ainda bem apreciado, e que não deve ficar occulto, para que melhor se conheça o muito que se lhe deve. Nenhuma divisão, realmente, se achou tão isolada no proprio terreno da insurreição; nenhuma esteve em mais apuros; nenhuma soffreu maior abandono; nenhuma sentiu maior falta de todos os meios e de todos os recursos militares; mas nenhuma tambem manobrou com mais atrevimento nem marchou ao inimigo com mais confiança, apesar de lhe faltarem reservas de toda a especie, apesar de muitas vezes não ter um cunhete de polvora para substituir a que se tivesse consumido.

A aquisição de Valença veio a tempo para remediar esses graves inconvenientes, que tinham acompanhado os primeiros passos do ousado conde do Casal. Sem cartuxame para o soldado, em despeito do seu brilhante commettimento, a divisão teria de permanecer estacionaria em Braga, mesmo no caso muito duvidoso de poder alli sustentar-se, se não fosse buscar aquella praça, não só as munições essenciaes, senão tambem um reforço que lhe poderia ser utilissimo—a artilheria que lhe fallecia para completar a sua força em todas as armas: além da polvora necessaria, a divisão levou de Valença duas peças da campanha de pequeno calibre, e um obuz, com a necessaria força para os servir. Valença, apenas occupada, foi em tal conjunctura a salvação d'este corpo de exército, como depois lhe serviu de indispensavel ponto de apoio, quando o conde das Antas invadiu a provincia com forças superiores.

Como anteriormente fizemos vêr seria facil dominar, por meio de uma columna movel, o fertil paiz comprehendido entre o Minho e o Lima. Logo que a divisão Casal, ten-

do estabelecido as suas communicações com Valença, se foi alli reforçar para continuar as suas operações, aquella columna poderia ter duas applicações igualmente uteis—a primeira dominar o paiz, como já dissemos, protegendo, ao mesmo passo, e facilitando as relações indispensaveis da divisão com a praça—a segunda servir como de reserva, prompta para todas as eventualidades, e destinada, ou a fazer uteis diversões, ou a socorrer qualquer ponto ameaçado, ou a marchar rapidamente a reforçar a divisão Casal, ou, enfim, a auxiliar as suas manobras por meio de movimentos combinados.

D'este modo a junta do Porto ver-se-hia obrigada a concentrar maior porção de forças na provincia, não poderia retirar um só homem do Porto, e deixaria por consequencia o proprio marechal mais livre nas suas tentativas e com maior terreno á sua disposição. A divisão Casal poderia então solidamente assentar-se em Braga, no centro da provincia, e não só se teria podido aproveitar todos os recursos, em viveres, recrutas e contribuições, d'este populoso e abundante territorio, mas privar-se d'elles o inimigo, que, depois, veio provar com o exemplo, o grande partido que d'alli se podia tirar.

Aquella columna—que n'este caso teria á sua disposição, tanto as estradas de Ponte de Lima, e Villa-Nova da Cerveira, como as pontes da Marinha, Covas, Linhares e Paredes, sobre o Coura, afluente do Minho, que atravessa, quasi ao meio, o espaço entre os dous rios prideipaes, na direcção do interior, e que, por meio dos seus numerosos braços, cobre o intervallo, entre as duas serras—aquella columna, repetimos, percorrendo rapidamente um paiz, onde senhoreava tantas communicações, sustentaria a divisão Casal na posição central de Braga—já atrahindo sobre a linha do Lima a attenção do inimigo, ao passo que este era obrigado a observar incansavelmente a sua posição n'aquella cidade para se não envolver entre dous corpos—já servindo de reserva ao mesmo conde de Casal. A divisão e a columna, mantendo-se uma no baixo, outra no alto Minho, esta á quem, aquella além do Lima, e manobrando, o que era facil, de modo que nunca estivessem distantes mais de tres marchas conseguiriam segura-

mente ter a maxima parte das forças do Porto (ainda n'esta época diminutas, porque se não tinham reforçado com os recrutamentos do Minho, e do Douro) em continua suspensão, divididas as attenções entre dous pontos diversos, e sem poderem aproximar-se com o recio de uma marcha convergente, que os podia, não só involver, como dissémos, senão também cortal-os da sua base de operações, precipitando-os sem apoio no littoral, ou arremeçando-os de encontro ao Minho e ás escarpas de Valença, onde só lhes restavam duas alternativas, ou deporem as armas ou internarem-se pela Galiza.

Aquella columna foi instantemente pedida; fizeram-se observar algumas das suas vantagens, repetiram-se as ponderações: mas nunca se pode alcançar nada. E todavia bastavam 800 a 1000 homens, bem commandados, para realisarem estas operações, cuja utilidade é palpavel, de accordo com as guarnições do castello de Vianna e praça de Valença. Duas fortes testas de ponte, convenientemente guarnecidas, que seria facil levantar na Ponte da Barca ou em Ponte de Lima poderiam—servindo, ou para apoiar e cubrir os movimentos, ou para demorar o inimigo, se, como não era de esperar em taes circumstancias, elle ousasse alli apresentar-se—poderiam, dizemos completar este systema defensivo e aggressivo ao mesmo tempo.

Dirão talvez que não era facil dispor d'esses 1000 homens. A experiencia provou depois a futilidade de tal objecção. Quando uma urgente necessidade exigiu a formação de um novo corpo, para oppor á divisão do visconde de Sá no Sul, o marechal achou mais de 1000 homens para reforçar a divisão do Alemtejo. Esse esforço que se fez tarde para servir de remedio, devia-se ter tentado cedo para servir de prevenção. Se a divisão Casal não tivesse recebido ordem formal de evacuar o Minho; se as operações que indicamos se houvessem effectuado; se, finalmente, a junta não tivesse tirado tanta gente e tantos meios d'essa provincia, que o marechal tão inexplicavelmente lhe mandou abandonar, poderia o governo do Porto achar-se em estado de mandar uma expedição ao Sul? Ninguem dirá tal. Logo, se essa expedição se po-

dia ser tentada, quando, livres d'uma parte dos seus cuidados no Norte, os insurgentes poderam dispor das forças destinadas a vigiar e conter alli os das forças fieis, é claro que o emprego da columna volante, não só teria ajudado a manter a posse inteira da provincia, não só teria auxiliado poderosamente a divisão Casal, permittindo-lhe talvez tomar a offensiva contra o conde das Antas; mas previniria a possibilidade de uma expedição rebelde ao Sul, impedil-a-hia radicalmente, e, por consequencia, com a applicação opportuna de só 1000 hemens dispensaria a precipitada organização do corpo de exercito do conde de Vinhaes, formado, depois, em parte á custa da propria segurança da capital.

Eis aqui todas as vantagens que se poderiam ter obtido e que se poderam por uma obstinação inqualificavel.

Ainda até hoje não foi possível achar uma explicação plausivel aquellas positivas ordens do marechal, determinando que se abandonasse o Minho. Foi para concentrar as suas forças? Não; porque as deixou egualmente disseminadas. Foi para operar com ellas? Tambem não; por que todos sabem a forçada inacção da divisão Casal em Lamego. Foi para evitar que o inimigo desembocasse do Douro na sua retaguarda e o separasse de Lisboa? Teria evitado radicalmente esse perigo se anteriormente houvesse aproveitado a divisão Casal para operar a tempo e com vigor.

Commettido o erro gravissimo de não seguir nem interceptar o conde das Antas, restava ainda um recurso: era circumvallar rapidamente a insurreição e limital-a unicamente ao Porto. Não era, de certo, deixando-lhe livre o Douro que se poderia comprimir com bom exito a acção da revolta. A primeira diligencia do marechal deveria ser, por tanto, assenhorear-se d'aquelle rio e passar á outra margem. E' provavel que a junta applicasse os restos das suas forças a impedir essa passagem, por que, perdendo o Douro, perdia uma parte da sua defeza e das suas communicações; mas a mesma razão que impellia a junta a estorver esta manobra, devia impellir o marechal a tental-a. Vamos ver todo o partido que elle podia tirar para este fim da divisão Casal.

Fortemente contido por aquella divisão na provincia do Minho, como já explicamos, o inimigo não poderia adiantar-se além do Tamega, sem grave risco de ser cortado da sua base de operações: o Tamega, afluente do Douro, era, por consequencia o mais serio obstaculo á passagem do marechal e á junção da divisão Casal com o principal corpo de exercito. O Tamega e o Douro eram, até certo ponto, para os generaes do Porto contra o marechal, o que eram para os carlistas o Minho e o Lima contra aquelles generaes. Destruídos estes obstaculos, e podendo o marechal por assim dizer cavalgar o rio e dar a mão á divisão do Minho, seria então mais facil—ou cahir sobre o Porto, se ainda fosse tempo; ou combater vantajosamente o inimigo, se elle ousasse apresentar-se em campo; ou encerral-o na cidade até render-se.

Para proteger esta passagem, a divisão Casal — tendo previamente concertado os seus movimentos com o marechal, e calculando as distancias e as respectivas posições de modo que podessem subita e simultaneamente convergir, para não expor aquella divisão a ser desvantajosamente atacada por forças superiores—a divisão Casal poderia tentar uma forte demonstração sobre Canavezes, como se fosse alli proteger a passagem do exercito, ao passo que o marechal, subindo rapidamente a esquerda do Tamega, iria effectual-a pela ponte de Amarante na retaguarda da divisão Casal e cuberto pelos movimentos d'esta.

Por maior que fosse a vigilancia do inimigo, a simultaneidade e variedade d'estas operações deviam desoriental-o. Sendo, n'este caso, a celeridade uma das principaes condições de segurança, teriam de empregar-se algumas marchas forçadas; mas o exito da manobra valia a pena. Communicando o marechal d'um outro lado do rio, como a junta communicava do Porto a Villa Nova, estava interceptado o Douro e a insurreição comprimida aos reductos da cidade.

Allegar-nos-hão as forças da junta. Essas forças tornaram-se effectivamente consideraveis pela inacção do marechal e pelo terreno que lhe abandonou. Se se houvera tentado esta serie de operações immediatamente, ou pouco depois da ba-

talha de Torres Vedras, os resultados, posto que mais tardios, compensariam largamente os primeiros erros. Sem ter tempo de encher os seus celeiros, a junta veria depois complicadas as suas difficuldades pela derradeira e mais terrivel—a fome, um vez que as nossas divisões reunidas se apertassem em torno da cidade, e que a nossa esquadra, bloqueando estreitamente a barra, se houvesse como lhe cumpria, e sem aquella especie de fatalidade, desde o principio, se aggregou a todas as suas combinações. Bem que o primeiro momento de terror fosse passado—por culpa do vencedor de Torres Vedras, como demonstrámos—os recursos da junta eram n'essa época muito escassos ainda para que ella podesse, esperançosamente, oppor-se á acção unanime e combinada das forças cartistas manobrando com energia e accerto. A indolencia do marechal na esquerda do Douro foi pois um erro não menos deploravel por que foi aggravar fatalmente as consequencias do primeiro. Em quanto a divisão Casal, protegida por Valença, se defendia laboriosamente do conde das Antas, que, tendo aproveitado mais fecundamente o seu tempo em reorganisar se, parecia conhecer melhor do que o proprio marechal toda a importancia d'aquella divisão—em quanto esta, dizemos, nas suas marchas e contramarchas, apoiando-se na praça, attrahia ou repellia o conde, o marechal espectador, indifferente, apenas fez um pequeno movimento progressivo. Tal era, ainda n'esse tempo, a situação do Porto, que bastou esse pequeno movimento para obrigar o general insurgente a voltar rapidamente sobre a séde da insurreição, deixando novamente o campo á divisão Casal. Esta circumstancia devia ter aberto os olhos ao marechal, se elle acaso os tinha fechados, e indicar-lhe os recursos immensos, que, mesmo n'essa epocha, posto que já tarde e com mais difficuldade, podia ainda tirar do corpo de operações do Minho.

Como, porém, se ainda não bastassem os erros commettidos, o marechal, como dissemos, mandou abandonar o Minho. Era entregar ao inimigo todos os recursos da provincia; era ceder-lhe as duas valiosas alfandegas de Caminha e Viana, cujos rendimentos chegavam para sustentar a divisão e

accessorios, e mantinham, além d'isso, por meio dos respectivos portos, principalmente o de Vianna, relações mais rapidas e frequentes com a capital; era dar-lhe de presente os impostos e as populações, para restaurarem os seus cofres e reforçarem as suas fileiras com tres ou quatro mil soldados, que tantos foram os que d'alli tiraram; era finalmente sacrificar a guarnição do castello de Vianna, e expor a de Valença. Nenhuma d'estas obvias e poderosas razões influuiu no animo do marechal. A divisão Cazal, n'uma laboriosa retirada, abandonou o Minho por *ordem expressa*. Para que? Para ficar inactiva em Lamego, como a experiencia depois mostrou.

Era, talvez, preciso annullar um general empreehedor e atar os pés a uma divisão audaz, aguerrida, e que podia tentar ainda algum golpe decisivo. A confiança que até alli fora, brilhantemente justificada, converteu-se n'uma intimação imperiosa. Devia consumir-se a obra.

Descuberta a provincia, as consequencias não se fizeram esperar. A erupção do inimigo, no territorio á quem do Lima, foi energica e rapida, como se elle quizesse dar uma severa lição ao indolente vencedor de Torres. O castello de Vianna foi immediatamente investido pelas forças do barão de Almargem, e as baterias do ataque, dirigidas por um dos mais habéis e mais valentes officiaes da junta e do exercito de 33, José Jacintho Damasio, começaram em breve a funcionar.

Não faremos aqui a historia d'esse memoravel assedio. Fallou-se muito d'elle então: hoje lembrará ainda talvez ao exercito. Tão pouco chamaremos a attenção sobre os atrozes soffrimentos d'aquella valente guarnição. A dedicação e disciplina dos soldados; os officiaes, e, á frente d'elles o major Sebral, seu digno governador, dando o exemplo de todas as privações; a resignação e firmeza dos proprios veteranos, tudo isto calaremos. A relação d'este assedio já ahi correu impressa. Diremos sómente que essa brilhante defeza, triste e glorioso espectáculo, serviu ao menos para lavar muita vergonha, e attestar, assim ao paiz como ás nações interventoras, o valor dos nossos militares, e a constancia do partido, quando

lhe dessem logar de a provar. O governador e os soldados de Vianna, vergonhosamente abandonados, desmentiam n'uma resistencia heroica o general de Oliveira de Azemeis; ficaram ao menos, para consolação d'uma intervenção desnecessaria, as escarpas lascadas e o interior desmantellado do velho castello.

Em quantos estes acontecimentos se succediam, fazia-se em Traz-os-Montes o offerecimento de tirar promptamente de aquella provincia, que tinha conservado excellentes espirito, quatro mil soldados, sobrios, valentes, soffredores e disciplinados, como é geralmente o soldado trasmontano, mediante e sacrificio, de certo minimo, de 30 contos de réis, para indispensaveis dozpezas de organisação; fazia-se o offerecimento d'esses quatro mil soldados, cuja presença é valia no theatro da guerra é facil apreciar. Nunca houve resposta decisiva, e o tempo foi passando. Exactamente, o que se desejava era encher tempo.

Não acabariamos se quizessemos contar todos os factos particulares d'este genero,

O marechal, não contente de deixar escapar o conde das Antas, sem obstar-lhe nem perseguil-o, dá tempo á junta de cobrar alentos; não aproveita a situação favoravel e o prestimo evidente da divisão Casal, para limitar a insurreição ao Porto; e, por fim, abandona o Minho, havendo já o projecto abandonar tambem Lamego, quando se effectuou a intervenção.

Os erros seguiram-se aos erros, e os resultados dos mais recentes augmentavam o mal dos mais antigo. Era um enca-deamento inextricavel de incoherencias. Uma imprevidencia mysteriosa deixava perder todas as vantagens. Parecia que uma fatalidade occulta tinha condemnado, na sua origem, até as proprias. A razão e a sciencia indicavam claramente o caminho que devia seguir. Uma obcecação, ou um proposito, que seria inexplicavel, se a politica do marechal o não estivesse explicando, torciam todas aquellas indicações, e preferiam a contemporisação, que devia perder tudo, á energia, que tudo podia salvar. Uma só palavra esclarece tudo: negociava-se o protocollo. O coronel Wilde apparecia nas margens do Agueda, como tinha apparecido nas do Tejo, como devia

ainda apparecer nas do Sado. Convencionava-se em Oliveira de Azemeis como se convencionara no Cartaxo. Consumia-se em conferenciar o tempo que se podia ter empregado em avançar. Havia porém uma rasão: se se tivesse avançado não era preciso conferenciar-se; não se podia, por conseguinte, procurar fazer um partido, estipulando a exclusão de dous homeus, como vergonhosa condicção *imposta á coroa*: e o marechal intendia que devia zellar assim a dignidade da mesma coroa.

Esta rasão explica tudo!

Para não remattarmos sem applicar uma auctoridade, que não poderão deixar de acceitar, invocaremos a opinião de Thiers ácerca de Moreau, opinião, em tudo isto, rigorosamente applicavel ao marechal: «o politico manchou o guerreiro, a desgraçada paixão da inveja perdeu-o; o seu character civil, fraco, vergado a todas as influencias perniciosas, devia necessariamente succumbir a essas provas a que só resistem os espiritos verdadeiramente elevados.»

O fim pois d'estes erros, successivos e palpaveis, que não podem attribuir-se á incapacidade do marechal, era evidentemente alguma preocupação politica. Esta preocupação não podia ser senão a influencia dos seus rivaes, que o marechal pertendia a todo o custo affastar. O marechal sabia perfeitamente que se o partido cartista obtivesse um triumpho decisivo, que lhe desse a força material e moral, não teria elle já motivo plausivel para impedir o conde de Thomar de regressar ao seu paiz; e, voltando este, conhecia tambem Saldanha que a influencia politica, e a capacidade administrativa do conde podiam em breve eclipsal-o e prival-o d'uma parte d'aquella supremacia absoluta, que elle pertendia exercer, estorvando-lhe, ao mesmo tempo, os seus projectos de fusão e a organização d'aquelle partido, o seu, composto dos fragmentos de todos, que a final contava realisar. Era pois necessario que não houvesse vencedores nem vencidos, o que foi sempre tambem uma das idéas favoritas do duque. Um protocollo era o meio, não só de deixar os partidos equilibrados, e, por consequencia exploraveis, mais de insinuar alguma condicção, que

pudesse prolongar a conservação do conde fora dos negocios, e privar-o de toda a parte na administração, onde o duque sabia que os meios systemas, d'elle, duque, a sua politica tortuosa e deceptiva, e o projecto de uma cohorte de transfugas desappareceriam infallivelmente diante das faculdades superiores e da energia conhecida do conde, arrojando-o para o logar secundario, que Saldanha, com as suas vacillações, tem sempre occupado na paz. Esta idéa cabalmente explica o procedimento de Saldanha assim nas suas relações pessoaes com o conde de Thomar como em todos os seus actos na campanha. Tudo prendia na mesma intenção. A sua evidente má fé, chegando até ao abuso mais flagrante da palavra d'honra, não consente duvidas ácerca da possibilidade de egual doblez e deslealdade em todos os outros successos. O mesmo processo constantemente illusorio que elle applicava ás communicações particulares, eloquentemente pôde commentar as suas acções publicas. O ministro e o general davam as mãos para fazer convergir todos os acontecimentos, ou civis ou militares, em proveito d'um plano egoista, que sacrificava ao imaginado beneficio individual a causa da sua patria. As decepções inqualificaveis feitas por Saldanha ao conde de Thomar resolvem o problema de todos aquelles erros, e que, assim, não será temeridade chamar voluntarios. São observações que mutuamente se completam. As deffecções frequentes da esquadra e essa especie de fatalidade que parecia ligar-se a todas as tentativas navaes, foram-lhe tambem um auxilio poderoso para facilitar os seus grandes fins. As operações no sul, não menos censuraveis que as do norte, contribuíram, do mesmo modo, para o exito seguramente premeditado. Os erros gravissimos da administração formada debaixo da sua immediata influencia egualmente, concorreram á obra commum. Deus perdoe a todos o mal que promoveram, e, sobre tudo o bem que deixaram de fazer, podendo tel-o feito. Os successos de 1846 e 1847 pareceram muita vez mysteriosos. Hoje o mysterio essá explicado, e decifrada a palavra sibylina. Uma só idéa é como o fio de Ariadna n'este grande labiryntho de erros e de enganos, de aleivosias e de mystificações; e a resu-

não de todos os indícios dá a essa idéa o mais completo character, não só de probabilidade, senão também de certeza,

Creada a necessidade da intervenção, restava o encargo de realisal-a. O ministerio de 1846 retirou-se diante d'essa necessidade para a qual tanto contribuiu, e legou o odioso encargo aos successores. Não é justo porém que semelhante odioso recaia só sobre aquelles culpa unica foi uma condescendencia, que, em tal conjuntura, era um grande merito, um grande serviço e uma grande abnegação.

Um documento mais, provará de todo, que a intervenção entrava já nos calculos e previsões de Saldanha.

Menos de um mez depois da batalha e victoria de Torres Vedras, quando as delongas do duque haviam barateado os fructos d'aquella victoria e tornando inutil a perda de tantas vidas, já Saldanha suscitava a idéa de intervenção e a provocava abertamente, ao mesmo passo que por todos os meios ia tornando cada vez maior a necessidade d'ella. Para a alcançar, lembrava-a; para justificar-a, desprezava os seus meios de acção, tornando cada vez mais precaria a sorte do throno, o futuro de partido, e a situação do exercito vencedor. A 22 de dezembro de 1846 foi a batalha de Torres, a 17 de janeiro de 1847, quando o marechal devia e podia estar já occupando as linhas de circumvallação do Porto, como demonstrámos, escrevia elle de Vizeu (de Vizeu!) as seguintes palavras: «V. ex.^a já saberá por Lisboa que os infames septembristas (1) fizeram pacto com os miguelistas. Hontem recebi de J. M. S. A. uma carta em que me diz—Dou-lhe a noticia de que a junta do Porto se confederou com os miguelistas, e as noticias vindas d'ahi ao ministro inglez, e as que eu vi dos inglezes serios e que tem sempre fallado a verdade, referem que no dia 10 a junta, depois de ter mandado

(1) O duque chamava então infames aos septembristas que lhe retribuiam com usura. Como os tempos madam! E' a repetição das scenas de Paris, e do desembarque de Palmella na Foz. Depois d'isto vão acreditar nas affeições ou antipathias do duque!

«os seus commissarios miguelistas, o general Guedes e Leite
 «a entrar com o Mac-Donald (1) accitou a proposta d'este
 «nos termos seguintes:—Entrarão na junta dous membros mi-
 «guelistas—Os miguelistas pagarão a cinco mil homens—Lo-
 «go que tenham anniquillado o partido cartista, será accla-
 «mado rei D. Miguel, e serão convocados os tres estados pa-
 «ra fazer uma constituição que D. Miguel dará ao paiz—Se
 «D. Miguel morrer sem successão, será chamado ao throno a
 «linha de Cadaval—Parece impossivel tanta infamia... E
 «não terá chegado o momento de pôr em pratica a Quadru-
 «pla Alliança? Que precedente terrivel este para os nossos vi-
 «sinhos. Se os progressistas hespanhoes se unem com os car-
 «tistas, quem assegurará o throno de Izabel II? Parece-me
 «que, mesmo a despeito da Inglaterra e da Europa inteira,
 «quando não houvesse o tractado da Quadrupla Alliança, a
 «Hespanha deveria intervir immediatamente.»

Estas palavras são bem claras. Já em meado de janei-
 ro de 1847 o marechal lembrava e provocava a intervenção,
 com o fundamento da alliança celebrada com os miguelistas,
 no dia 10 de janeiro, isto é, 18 dias depois da batalha! Mas
 quem deu logar a esta alliança? Quem deixou que elle se ef-
 fectuasse? Quem tolerou que os commissarios andassem livre-
 mente percorrendo o paiz, do Minho á Beira e celebrando
 convenios, em prejuizo da causa e do throno constitucional?
 Quem deu tempo a que taes convenios se effectuassem, se con-
 firmassem e fructificassem? Foi o proprio marechal; foram os
 seus erros anteriores; foram as suas demoras calculadas; foi
 deixar fugir a occasião de limitar a insurreição aos reductos
 do Porto, d'onda já não poderia conferenciar e celebrar pa-
 ctos com a liberdade com que o fez. Logo, o marechal tinha
 ministrado o mesmo fundamento que allegava quando appel-
 lava para a intervenção.

(1) Note-se bem que tractavam agora directamente com
 Mac-Donald aquelles mesmos que um momento antes censu-
 raram as forças fieis instando-as para que o atacassem. Por
 aqui se pode avaliar a boa fé e character d'essa boa gente.

É' n'este ponto por tanto que a historia politica e a historia militar se dão as mãos. O duque lembrava uma intervenção; o mesmo duque tinha criado, n'uma serie de actos successivos, e, sem isso inexplicaveis, a necessidade d'ella. O duque precisava do protocollo; era o meio de conservar a sua influencia pessoal e de affastar os seus rivaes.

Esta particular tendencia do duque para as convenções é antiga, talvez por que é antigo tambem o seu projecto de formar uma legião proconsular sobre que possa invocar direito de posse. Já em 1834 a convenção de Evora-Monte foi obra sua exclusiva, apressando-se a celebral-a sem participação dos outros generaes que tinham por certo direito de ser ouvidos n'uma decisão, que em vez de terminar para sempre a guerra, não fazia senão ajustar uma tregoa, mais ou menos longa, mas que, tarde ou cedo, havia de ser quebrada, como tem sido e está sendo actualmente, por parte d'esses mesmes que a sorte das armas pôz nas mãos dos chefes constitucionaes, e a quem um d'aquelles chefes espontaneamente concedeu taes condições como elles nunca podiam esperar.

N'um pensamento unico se resumem pois todos os actos do duque em 1846 e 1847—na exclusão do conde de Thomar. Protestos de amizade, provas de consideração, simuladas benevolencias, a mesma palavra d'honra; e a par d'isto, debaixo d'uma apparencia da mais candida e innocente amizade e cordialidade, um procedimento sempre hostil e repulsivo, uma aggressão pertinaz, e occulta, tanto mais odiosa quanto menos franca, taes são os primeiros e elloquentes symptomas. Successivamente todas as mais circumstancias, como se tem visto, convergem ao mesmo fim. Confirmam aquelles indicios e provam igual intenção.

Um erro fatal cegou o duque. Quiz ser o primeiro pelo enredo subalterno, onde podia ser o primeiro pela espada triumphal. Tinha o sol claro da gloria para lhe allumiar o caminho, e preferiu as trevas da intriga para dissimular os passos n'uma senda tortuosa. Tinha a estrada e seguiu o atalho. Julgou que podia ser Cesar e Catilina simultaneamente. Enverteu os papeis; Catilina sobreviveu a Cesar!

CAPITULO IV

ADMINISTRAÇÃO DO DUQUE DE SALDANHA

Summario

Ministerios anteriores ao de Saldanha. Seu procedimento com elles. Centro do Arco de Bandeira. Subitas evoluções de Saldanha. Como Saldanha toma o logar da administração sua antecessora. Ministerio de agosto de 1847. Saldanha e H. Seymour. Opinião de Rodrigo da Fonseca Magalhães a este respeito. Novos projectos de ministerio. Idéas anteriores de Saldanha ácerca da organização d'um gabinete. Energia ficticia do duque. Ministerio das Justiças. Reformas do pessoal judicial. Palmella alma da revolta. Saldanha exige que elle saia do reino. Ximenes vem a Lisboa em abril. Tracta o duque de fazer entrar Fonseca Magalhães no ministerio, em 1847. Teatativas de Magalhães. Lembrança de nova intervenção. Opinião do exercito. Como se tentava recompensar os seus serviços. Opposição do barão d'Ourem a um ministerio de coallição, segundo as idéas de Saldanha. Secretas intenções de Saldanha n'estes novos e complicados projectos. O duque entra na administração. Seu procedimento. O conde de Thomar apoia-o francamente. O duque recorre a elle em todas as medidas organicas de importancia. Testimuhos de consideração dados ao conde. Diplomas. Sollicitações frequentes que se lhe fazem. Embaraços do duque. Recorre sempre á influencia do conde. Este corresponde com demonstrada lealdade aos aggravos que já d'elle recebera e aos seus novos enredos. Opiniões do duque ácerca do conde. Pretextos. Saldanha no parlamento em 1850 e no ministerio em 1847 e 1848. Comparações. Opiniões de Saldanha relativamente á imprensa em 1848. O arresto do «Estandarte». Consultas. Resoluções arbitrarías. Projectos de dictadura. Saldanha succumbe ante as difficuldades que elle mesmo se criara e ante o seu systema de vacillação perenne. Necrologio politico da sua administração. Saldanha sahe do ministerio scientemente, espontaneamente. Suas promessas e palavra d'esse momento. Como as tem depois cumprido.

Todos sabem de que modo o ministerio Mello-Ferrão, tendo succedido ao ministerio Proença, succumbiu ante as eleições de 1847. O duque de Saldanha fôra, não só o seu apparente sustentaculo, senão tambem o seu primitivo organisador. Aquelle ministerio devia-lhe a existencia, e elle, du-

que, promettera auxiliá-lo sempre, pois que os membros que o compunham haviam previamente declarado que não poderiam tomar o encargo sem contar com o seu apoio certo. Foi com esta condição que elles accitaram, foi com ella que o duque os comprometteu. A' frente do centro cartista, denominado do Arco do Bandeira, o duque tentou dar impulso á situação que dominava, e mostrou-se então decidido a combater a influencia, remocada e vigorosa, dos Cabraes, que, tendo voltado ao reino, haviam readquirido o seu antigo ascendente.

O seu procedimento, n'este caso, foi tão dobre e desleal como em todos os outros. Ha ao menos a logica da inconsequencia. Cada passo que vamos examinando corrobora os que temos analysado, confirma os seus antecedentes, e abona e fortifica de todo o modo o conceito, que os seus actos obrigam a formar do seu character.

Saldanha presidia, como dissemos, ao centro cartista do Arco do Bandeira; tinha-lhe pomposamente asseverado a sua adhesão; tinha-lhe protestado, até com enternecimento, o seu entusiasmo, quando subitamente appareceu a celebre carta, chamada dos *um a um*. Esta peça tornou-se de tal modo historica e adquiriu pelos factos ulteriores uma importancia tamanha que nos cumpre deixal-a tambem registada como documento de grande peso e auctoridade:

«Sr. redactor. — Persuadido de que a retutação dos libellos injuriosos, que ultimamente se tem publicado contra mim, está na natureza dos mesmos e na linguagem n'elles empregada, tenho-os olhado com o mais completo desprezo, lamentando unicamente o miserando estado a que nos tem levado as nossas politicas dissensões. Hoje porém que casualmente me veio á mão o numero *Revolução de Setembro*, não posso resistir ao desejo de assevarar que, sendo inexacto tudo quanto alli se afirma a meu respeito, o redactor me faz com tudo justiça quando julga que eu usaria da minha influencia, se alguma tivesse, para evitar que os setembristas formassem um ministerio.

«Na situação em que nos achamos é realmente difficil

descobrir a razão que levou os homens d'aquelle partido a julgar possível uma administração da sua gente; igualmente difficil de conceber seria a possibilidade de achar algum Cartista que deixasse de empregar todos os seus esforços para evitar que uma administração setembrista tomasse as rédeas do governo. E no momento em que os inimigos declarados da Carta se unem com os inimigos declarados da Rainha e da dynastia reinante, seria altamente criminoso qualquer Cartista que directa ou indirectamente promovesse a menor falta d'união entre os Cartistas.

«Foi esta razão principal que me decidiu a votar para que se dissolvesse a associação eleitoral que se reunia no Arco do Bandeira, é a mesma causa que me leva a hoje declarar que de todo o meu coração proferiria uma camara de deputados escolhidos um por um pelo sr. conde de Thomar a uma camara em que o sr. José Passos tivesse um voto de maioria.

«Constantemente tenho trabalhado para ver reunida a familia portugueza em volta do throno da Rainha, e muito teriamos ganho n'este sentido sem os acontecimentos de 9 de outubro no Porto. Hoje porém estou convencido de que aquelle fim só se poderá obter por meio d'uma administração puramente cartista, por uma administração moral—economica—forte, e sobretudo justa.

«Possa o Omnipotente conceder-nos uma tal administração; sinceramente o deseja quem pede a v. o obsequio de publicar estas linhas, e que é com toda a consideração—De v. attento venerador—Duque de Saldanha.—Lisboa 23 de novembro de 1847.»

D'este modo, Saldanha, voltando de repente as costas áquelle centro, e aos homens que elle mesmo havia comprometido, abandonando n'uma posição falsa o ministerio, que pudéra ter francamente derribado, fazia uma especie de mutação theatral, como se o tocara o condão de alguma improvisada Armida; trocava, como n'uma camara optica, o aspecto dos seus compromissos e das suas affeições: entre a mais profunda antipathia e a mais ardente sympathia houve ape-

nas o intervallo de algumas linhas do *Diario* e de algumas horas da noite. Saldanha, para evitar uma derrota muito visível na opinião, voltava-se para o astro renascente do conde de Thomar, com o mesmo desembaraço, com a mesma subitaneidade de evoluções, como a mesma compunção de phrase, com a mesma afabilidade de semblante, com o mesmo elastério de sensibilidade, com que pouco antes, em 1846, lhe havia protestado a sua cordial confiança, falsificando a sua palavra e mandando-lhe fechar os portos e as raias do seu paiz ! (1)

O conde de Thomar pelos motivos já expostos no primeiro capitulo d'esta obra, (2) não podia, nem devia tomar conta da situação. O conde preferiu a conveniencia do partido e do paiz aos seus agravos pessoais. O conde viu só os

(1) No anterior capitulo vimos nós de que modo singular e quasi inacreditavel (inacreditavel de tomo, se não estivessem os documentos á vista) o duque procedeu n'este negocio. O duque dava a sua palavra, empenhava a sua honra, para affirmar ao conde que não só não havia procedimento, contra elle, senão que «nem elle, nem ninguem do ministerio tractava sequer de insinuar desconfianças contra o mesmo conde.» E' até onde pode chegar a audacia da falsidade. Quando isto affirmava o duque, havia já onze ou doze dias, que *pelo ministerio da guerra*, se expedira parte telegraphica ao governador d'Elvas para que não deixasse entrar o conde de Thomar em Portugal. E o duque de Saldanha, que dava a sua palavra de honra ao conde de Thomar de como «nem sequer desconfianças se insinuavam, por sua parte, ou pela do ministerio, relativamente ao mesmo conde» o duque de Saldanha era *ministro da guerra* e presidente do conselho! Isto é, tinha elle mesmo—elle, um duque!—passado a ordem que desmentia, dando por penhor a sua honra! Este um facto de tal natureza que é impossivel deixar de o trazer frequentemente á memoria, por que não é somente a acção publica de um homem, é a feição proeminente d'uma politica,

(2) Vide nota a pag. 11.

serviços de Saldanha, o bem que podia fazer na sua posição, e esqueceu um passado; de que elle tinha o direito de se julgar offendido. Saldanha por tanto, que havia entretido com esperanças impossiveis a sincera credulidade d'um ministerio, cuja culpa unica fora a inopportunidade das suas boas intenções. Saldanha que só tinha agora desdens para esse mesmo ministerio, que d'antes protegera, e cuja virtuosa inacção o fizera agonisar, totalmente desamparado da urna; Saldanha, em fim, pode tranquillamente recolher os despojos da situação e talvez o fructo das suas manobras.

O que os pamphletarios tem affirmado ácerca do conde de Thomar; os manejos que attribuiram a este, imputando-lhe o intento de substituir-se á administração Saldanha, com fundamentos cuja veracidade e plausibilidade avaliaremos opportunamente na presença de documentos, como até aqui temos feito; esses enredos, suppostos pela calumnia em relação ao conde,—todos os vemos aqui, mais ou menos, refutados pelo facto. O duque, converte-se de protector em sacrificador, e vai elle mesmo tomar posse da herança das victimas. Podia ter prevenido o ministerio a que succedeu: deixou-o sacrificar-se e offereceu-o em holocausto. Será isto proceder lealmente? Accusaram o conde de Thomar porque elle conhecendo os erros do ministerio Saldanha, não foi tomar o seu lugar, indo todavia substituil-o depois da sua queda, o que já fica sufficientemente explicado, cremos. (1) Pois bem! Saldanha está na mesma—está em muito peor situação. Saldanha podia ter opportunamente occupado o logar d'aquelle ministerio, por um acto leal, como depois o occupou d'um modo que não qualificaremos. Por que o fez? Além das razões, que justificam o conde de Thomar, e dos documentos que hão de especialmente esclarecer o seu comportamento na conjunctura a que se allude, ha uma grande differença entre o conde e o duque. O conde foi substituir o duque no momento em que a administração d'este scientemente, voluntariamente se demittia: o duque esperou que o seu antecessor estivesse moribun-

(1) Vide nota acima citada, de pag. 11.

do para lhe descarregar o último golpe, para o deixar expirar na sua solidão, e empurrar com o pé o cadaver—o cadaver que elle ajudara a fazer—para ir assentar-se no seu logar tornando o que, havia pouco, fora leito de agonisante em capitolio das suas novas glorias. O conde substituiu quem cahiu: o duque herdou quem morreu, ou, antes, a quem matou. O conde por muito tempo buscou evitar a queda! o duque promoveu e apressou a morte. A differença é grande, e o laço, armado, pelos pamphletarios, sem segurar o primeiro, prende completamente o segundo.

O duque, finalmente, tomou conta da administração pelos fins de 1847, no meio das suas inconsequencias, hesitações e contradicções habituaes. Em agosto do mesmo anno, quando fora encarregado da formação do ministerio, nada quizera fazer sem previa e indecorosamente pedir o beneplacito de sir H. Seymour.

O proprio Rodrigo da Fonseca Magalhães que, segundo depois veremos, não era estranho á organização de um gabinete, achou de tal modo vergonhoso o passo dado por Saldanha, que não pode deixar de censurar o modo por que elle fora pedir aquella especie de auctorisação—apesar de estar, até certo ponto, na dependencia do duque.

O marechal colhia o resultado do protocollo, que promovera e provocara; abdicava a dignidade nacional perante a intervenção que sollicitara e cuja necessidade criara; completava n'estas humilhações, que deviam fazer subir o rubor ás faces do velho e venerando Portugal, completava, dizemos o seu systema de exclusão egoista e, n'este ponto, subserviente.

Não é só, porém, esta subserviencia, resultado fatal da sua anterior e obscura politica, não é só esta subserviencia que dá direito a condemnar o duque. Ha mais; ha uma serie de factos anteriores que, revelando o seu modo de pensar ácerca da organização da administração no estado em que se achavam os povos, póde servir de termo de comparação, na execução do seu pensamento, quando, terminado a guerra, elle esteve no caso de tratar seriamente da constituição do paiz; póde servir de termo de comparação, dizemos, e, sobre

tudo, deve servir para avaliar os seus procedimentos políticos.

Saldanha, tinha já exposto differentes idéas relativamente á formação d'um ministerio, idéas que elle communicara para Lisboa, mesmo durante a campanha, e que depois praticamente desmentiu com aquella incoherencia a versatilidade que até aqui lhe temos observado e provado.

Em dezembro de 1846, referindo-me ao ministro das justiças e escrevendo de Obidos, exprimia-se Saldanha em termos vehementes. No seu conceito, aquelle ministerio era summamente importante em relação ao estado do paiz, ás suas conveniencias e á sua pacificação. «Tinha verificado (dizia) que os unicos promotores das desordens nos differentes concelhos eram apenas dois ou tres individuos; e que, por tanto, o que mais convinha era reformar o pessoal do Supremo Tribunal de Justiça e Relações, para que não fossem intempestiva e inoportunamente absolvidos os criminosos, auctorizando com a impunidade as provocações anarchicas.» D'estas ponderações concluia elle «se o ministro das justiças não tinha a coragem necessaria, cedesse a pasta a quem a tivesse. «N'estas idéas, que de certo não poderá ter ainda totalmente esquecido, parecia o duque resumir um systema de energia —de rigor mesmo— que devia presuppôr na sua politica uma premeditação racional, um longo calculo, e uma deliberação tão reflectida como resoluta, acompanhado tudo d'uma grande fé nos seus meios, d'uma salutar tenacidade na applicação d'elles, e d'uma apreciação completa das necessidades do paiz, E não era só este indicio que devia corroborar uma opinião-justificada pelas apparencias, bem que desmentida pelo passado do marechal: havia mais ainda. Já em novembro, escrevendo tambem do Cartaxo, o duque havia claramente manifestado a severidade, a decisão das suas intenções n'essa epocha. (1) Estava então elle convencido de que «os rebeldes só

(1) Não se intenda que tomamos ao pé da lettra esta severidade e decisão. Est'outro aspecto do seu proceder politico não serve senão para demonstrar em novos factos, que

se alimentavam das intrigas da capital, sendo alma d'essas intrigas o duque de Palmella e seus companheiros» accrescentava que o celebre boticario padre Antonio havia dicto, na sua mesma presença e na do ministro da fazenda: «que o duque de Palmella dera doze contos de réis, que foram levados aos rebeldes por Mousinho d'Albuquerque» e concluia «que tendo o duque de Palmella faltado á sua promessa de sahir, devia ser *forçado* a isso.» Estas demonstrações de Saldanha indicavam, da sua parte, um animo decidido e um desejo provado de ver á frente dos negocios um ministerio analogo a tal pensamento e capaz de realisal-o. E' o que davam a entender estas veleidades de energia e o que mais auctorisa o facto de ter elle, em abril de 1847, mandado Ximenes a Lisboa afim de pedir «a organização d'um ministerio forte, activo e decidido!» O proprio marechal repetimos, não póde ter de certo esquecido as datas que citamos, nem ousará seguramente contestar a exactidão rigorosa do que affirmamos.

Passemos agora a ver de que modo Saldanha intendeu em dar á execução todas estas idéas de força, actividade e decisão ministerial; como pensou em applicar as reformas que deviam atalhar a anarchia, e evitar a repetição do mal.

Não percamos de memoria que os factos, acima relatados, se passavam d'abril de 1847 a novembro d'esse anno.

Em outubro e novembro do mesmo anno de 1847 já as idéas de Saldanha tinham mudado completamente. Aquelle momentaneo accesso de energia e esforço civil cedera o lugar a uma ductilidade politica que tinha transportado os rigores implacaveis do marechal para os seus antipodas. Já não era a mesma inflexibilidade de principios a crueza de designios. O marechal baixava do tom da ameaça á inflexão acariciadora da complacencia. Haviam mudado as circumstancias? Não. O estado do paiz era o mesmo: o homem é que se tor-

serão ainda seguidos de muitos mais a inconsciencia do seu character e a sua falta de fé politica. Se era sincero, no tempo a que nos referimos, prova inconsequencia; se o não era, prova duplicidade.

nara outro, ou, antes, como tudo induz a crer, continuava no seu quasi systema de tergiversação e dobrez. O marechal que vimos, no antecedente capitulo, professar e praticar d'um modo tão evidente, e tão improprio da sua posição, aquella tergiversação e dobrez, o marechal renovava, agora as mesmas scenas, passando do homem ao Estado, do representante de um partido, a esse partido tomado colectivamente. Cahira-lhe o raio das mãos. As suas possantes coleras tinham-se convertido subitamente em colloquios dulcissimos. A epopéa das suas austeridades puritanas degenerara n'uma sensivel tendencia para o idyllo politico. Saldanha, que reputava o duque de Palmella chefe da colligação, centro perigoso da revolta e seu efficaz auxiliar; a ponto de reclamar a sua ausencia do paiz como salutar medida preventiva, dava agora a mão á mesma colligação e pertendia formar com um dos seus principaes agentes e representantes, Rodrigo da Fonseca Magalhães «um ministerio de coalisção»; e talvez o intento vingasse se não fosse o barão d'Ourem, que, vendo a opinião publica inteiramente adversa á formação de tal ministerio, positivamente declarou que não accetteria a pasta da guerra que lhe estava destinada. Fonseca Magalhães, para ser ministro, exigia uma revisão dos recenseamentos que mais propicia fosse aos seus amigos e adherentes politicos, e para mais facilmente levar ávante os seus complicados projectos não hesitava em aconselhar ao throno que, se uma intervenção fora reclamada para subjugar o partido da junta em revolta declarada, não poderia estranhar-se que o mesmo throno pedisse novamente o auxilio dos seus alliados para proteger o ministerio, de que elle, Fonseca Magalhães, fizesse parte, contra a opinião dos militares, insinuando, com aquelle fim, no animo de commandante em chefe do exercito que essa opinião, e as suas manifestações, seriam um desar para a dignidade da coroa, e um insulto á sua paopria auctoridade.

D'este modo, organisande um ministerio em que entrasse Fonseca Magalhães, isto é, um dos chefes dos colligados, que elle, duque, recentemente combatera e ameaçara, e dos quaes publicamente dissera «que não havia transacção possi-

vel com elles» sollicitava a colligação e ia espontaneamente entregar-lhes por tropheo as palmas sangrentas de Torres Vedras e Alto do Viso. Fizera-se uma guerra desastrosa para ceder o poder aos inimigos do throno e aos provocadores da desordem. Tinha, havia pouco, ardentemente aconselhado vigorosas providencias repressivas, chegando até á reforma dos mais altos tribunaes de justiça: agora abandonava a um dos chefes principaes o poder que tão porfiadamente se pleiteara nos campos de batalha. Os cartistas tinham derramado o seu sangue para grangear o mais acabado triumpho aos seus irreconciliaveis inimigos! Era um escarneo atroz, uma ironia sacrilega atirada ao meio das ossadas dos valentes, que alvejavam ainda no paiz, desde as margens do Tejo até ás do Douro; era um sarcasmo inaudito arremeçado ás faces dos vivos, submittidos no reino com as proprias armas que haviam meneado, e dos mortos, açoitados no tumulo com os proprios louros que haviam ganho. A guerra civil, então, com a sua tremenda sequella de fome e de horrores, fôra um luxo da barbaridade para esta pobre nação. Fonseca Magalhães era um dos corypheos da colligação. Fora a colligação que se rebellára, fora ella que se pelejára em vinte combates mortiferos. Dando-se a um dos seus representantes, que antecipadamente se compromettera a fazel-a triumphar, uma parte conspiciua na gerencia dos negocios e no poder do Estado, para que ficara servindo todo aquelle sangrento apparatus de resistencia? Que significava, na presença d'esta deliberação de Saldanha, a intimação anteriormente feita ao duque de Palmella? Fonseca Magalhães estava em caso identico. A'quelle porém expulsava-o do paiz; a este convidava-o para o poder! Quem póde explicar logicamente estes tenebrosos successos?

Sigamos ávante. Como já observamos, criara-se expressamente a necessidade de uma intervenção, escusada segundo se demonstrou, para dar só meio triumpho ao partido cartista, que o púdera alcançar completo. Agora invocava-se o mesmo precedente para subjugar o mesmo partido e para annullar o exercito, premiando-lhe com uma affronta immerecida os seus longos sacrificios e a sua provada dedicação. Quem

tentava e aconselhava esta estranha felonía? Era o mesmo homem que Saldanha escolhia para seu socio no ministerio.

Singular espectaculo é este, por certo, d'um cabo de guerra, cheio de meritos militares, honrado com a confiança dos seus soldados, apparecendo repentinamente ao lado dos homens que pouco antes guerreara. E para que?... para sollicitar, ou, pelo menos, consentir na injuria feita aos seus recentes irmãos d'armas. E isto quando? Quando estavam ainda abertas muitas feridas que serviram para lhe accrescentar honras e glorias. Era mais uma vergonha para a nação, mais um ludibrio para a coroa, ludibrio que se impunha ao cabo de tantas victimas e de tanto lucto! Não valia a pena, digam?

Tantas, tamanhas e tão graves inconsequencias só podem ter explicação nas preoccupações do marechal relativamente ao conde de Thomar. Era a sequencia das cartas para Cadiz. Saldanha intendia que, rodeando-se e auxiliando se dos inimigos do conde de Thomar, criava uma situação nova, que tornaria impossivel o accesso d'aquelle ou pelo menos neutralisaria a sua influencia, sem ver que isto mesmo devia augmental-a, aquella influencia. Para alcançar similhante fim, Saldanha não duvida sacrificar cegamente os seus companheiros d'armas, os seus proprios triumphos, e, sobre tudo, a causa throno, que era, tambem a causa da patria, ás preoccupações do seu egoismo. Aquelle espirito de rivalidade, inquieto e assustado, perdeu o duque e tem sido causa de graves embaraços.

O duque, porém, achando na opinião um obstaculo invencivel, decidiu-se a formar a administração de homens, mais ou menos, da situação; e subiu ao poder entre novas esperanças, para dar em breve a todos novos desenganos. A opposição, ainda abalada da guerra, estava enfraquecida e desorganizada. O duque foi achar no seio dos Cabraes, a quem se socorrera, todos os auxilios para encetar uma administração forte e regeneradora — achou um partido resolute, compacto e inflammado ainda de enthusiasmo pela sua recente victoria na urna; achou uma imprensa aguerrida e militante; achou finalmente um apoio franco e leal no chefe d'es-

se mesmo partido. Raros ministerios se tóem visto, logo no seu começo, com taes elementos de força e actividade, sem que lhes custasse trabalho grangeal-os; raros tambem teem tido menos estorvos graves da parte dos seus contrarios. Os unicos obstaculos serios eram as difficuldades nascidas mesmo da guerra, e da acção dissolvente da revolta — eram a ruina do credito, as difficuldades financeiras, a desorganisação administrativa, a desmoralisação dos povos, e o enfraquecimento da auctoridade. Para vencer, porém, estas difficuldades, para remediar estes males é que o novo ministerio devia aproveitar aquelles elementos de força que foi encontrar preparados e dispostos com uma fortuna pouco vulgar, Além d'este auxilio, poderoso e decisivo em taes circumstancias, ninguem ainda se tinha achado em melhores condições governativas. General influente, o marechal não tinha que se constrenger em genuflexões, talvez necessarias, mas de certo muita vez embaraçosas. O pensamento e a força não estavam repartidas por mãos diverças, o que é sempre um dos mais graves inconvenientes e uma origem fatal de hesitações: é o que perdeu, acaso, o ministerio cartista em maio de 1846. O marechal reunia a liberdade á unidade d'acção; e quando taes condições se juntam ao genio, á vontade e á providencia — *le monde a um maitre*, diz Thiers. Aqui a proporção era mais pequena; mas Portugal podia ganhar n'ella um glorioso reformador.

Infelizmente, o marechal em parte não quiz, em parte não soube. As vantagens politicas da sua posição sacrificou-as successiva e progressivamente, como temos feito ver, a um ciume intempestivo e mal entendido, a um desejo cego de dominar sem rivaes, de não ter alliados, mas dependentes. Com aquelle fim, já notado, de criar um bando composto dos despojos de todos, uma clientela sua, com que pudesse supplantar quaesquer influencias, começou a descontentar o partido cartista, que bem observa os acontecimentos e que lhes não podia ser indifferente. Esta politica era uma verdadeira traição. O duque procurava medrar á sombra da protecção a que se acolhera, para depois a derribar mais seguramente; simi-

lhante n'isto, á cadella da fabula, que pediu o tugurio á vizinha em quanto não teve os cachorros crescidos a ponto de se achar com forças para expulsar a bemfeitora. Seria isto lealdade? Estarão estas malignidades politicas de accordo com a franqueza d'um governo constitucional? Entretanto, a intenção era visivel. A malicia do duque tinha ao menos o merito de uma certa candura primitiva. Era uma especie de jesuitismo sabido e decorado de todos. O duque pensava illudir, e ninguem se illudia n'aquella farça ministerial. O duque imaginava fazer victimas da sua subtileza politica, e estava tudo rindo interiormente d'aquella innocente preocupação. Era impossivel que o conde de Thomar não penetrasse os secretos intentos do duque e não percebesse pelos seus actos o transparente segredo das suas intenções; mas o conde estava preso pelas considerações que no primeiro, capitulo expuzemos e anteriormente citámos; não devia provocar uma situação, cuja responsabilidade podia perdê-lo, e, sobre tudo, perder o partido. Prometheu atado ao rochedo, condemnado á immobildade, via o que se passava em torno d'elle, sentia o surdo trabalho de destruição que um alliado infiel lhe operava debaixo dos pés; lamentava a obcecção inexplicavel que fazia converter aquelles dolorosos esforços, não em ruina d'um homem, o que seria pouco, mas em perigo d'um partido, o que era muito; doia-lhe de certo aquelle profundo e ingrato egoismo, que, sob apparencias affaveis e ridentes, julgando abrir um precipicio a um rival generoso e franco, rasgava uma voragem aos seus, ao throno e á patria; mas não podia tomar uma iniciativa, que podia, e havia de ser, accusada de ambiciosa, no momento mesmo em que fosse mais abnegativa; não podia, dizemos, tomar essa iniciativa, em quanto não soasse a hora opportuna.

Essa hora não tardou. Essa hora preparou-lha mesmo o duque. Aquella procedimento, dobre e tortuoso, em vez de lhe adquirir novas sympathias, devia alienar-lhe muitas vontades, e sobre tudo insinuar nos animos uma desconfiança grande. Foi o que effectivamente aconteceu. Foi o que junto á sua insufficiencia administrativa apressou a queda do duque,

É se esta poz em perigo o partido, aquella salvou-o talvez. Assim, raras são as cousas que não trazem consigo o seu mesmo correctivo, ou pelo menos uma compensação. As intenções indubitaveis do duque, que podiam ser estrago total, foram, d'este modo, salutar advertencia.

As circumstancias tinham feito do duque o homem necessario; elle é que não soube ser o homem opportuno, por querer ser o homem unico. O conde pelo contrario foi admiravel de lealdade cavalleiresca e de probidade politica. Vela-hemos nos documentos. Foi, sobre tudo, no periodo da administração do duque de Saldanha que o conde de Thomar provou talvez mais exuberantemente uma perfeita dedicação á sua causa. A franqueza dos seus actos contrasta singularmente com a duplicidade do duque, provada a cada passo. O conde segue animosamente a vereda constitucional: o duque mette-se, frequentemente por atalhos sinuosos, onde espera talvez despojar o seu amigo e alliado n'alguma emboscada. O conde nem por isso vacilla, nem é menos firme e dedicado. Disfarça e esquece os aggravos proprios em proveito comum: simula não ver o rival turbulento, para só considerar o homem que pode ser util. Esperaria, além d'isso o conde, que a experiencia esclarecesse Saldanha sobre os seus verdadeiros interesses, e o fizesse deixar aquelle errado trilho? Acreditamos que sim e aquella resignação junta a esta esperanza constituem um bello e nobre exemplo. Desgraçadamente os habitos dolosos de Saldanha eram muito inveterados, muito antigas as suas preocupações, muito arreigados os seus erros, muito tenazes os seus desejos: mudando a cada passo, só n'isto não podia mudar. E' que tudo isso nasce, por ventura, d'uma ambição egoista. A sua mesma versatilidade é uma consequencia d'esta logica do erro. Os seus actos politicos são meios, subordinados áquelle fim unico; reputando, por tanto, esses meios infinitamente variaveis, como são infinitamente variados os successos, não tem feito senão obedecer cegamente ao impulso d'aquelle secreto sentimento, transformado em mil formas diversas.

Vimos já como o duque de Saldanha, acariciando o con-

de de Thomar, lhe mandara positivamente fechar todas as entradas do reino. Veremos agora como se valeu do seu auxilio, como se sustentou do seu apoio, como o rodeou de attenções, de provas de consideração, e como, cobrindo a mina de flores, buscava attacal-o na sua influencia. Iremos successivamente observando porque serie de pequenas perfidias chegou ao ponto em que actualmente se acha.

Entre os pamphletarios do duque, applicou-se um principalmente a insinuar de todos os modos possiveis que o duque desconfiara sempre dos meritos do conde de Thomar, e a final se desenganára completamente a tal respeito. N'este ponto, como em todos, consultaremos os testemunhos do proprio punho do duque, e os documentos que elle referendou. Tivemos já occasião de apreciar, na correspondencia do duque com o conde de Thomar, qual era o conceito que elle, duque, individualmente fazia do mesmo conde: faremos agora eguaes observações, mas applicadas á solemnidade official. Não sabemos bem como deveria ser reputado um ministro que não duvidou rubricar taes documentos como são os que vamos transcrever, quando esses documentos se referem a um homem de quem ulteriormente approva que se estampem cousas como as que algum dos seus clientes não duvidou publicar. Ou mentia á sua consciencia quando punha o seu nome em taes documentos, ou agora sacrifica ao seu despeito; nem uma nem outra cousa é digna d'um homem. Ou illudia um povo ou enganava um individuo: nem uma nem outra cousa é digna de um ministro.

Resta ainda uma terceira hypothese. Apresentando á Soberana taes diplomas, tendo do conde tal idéa, era engan-a tambem. Assim pois esta contradicção do duque importa nada menos do que uma duplicidade manifesta para com o throno, para com a nação, para com o individuo, e até para consigo. Eis-ahi o que marechal ganhou nas expansões imprudentes do seu imprudentissimo e caprichoso despeito.

Não era sómente em carta particular como, por exemplo quando escrevia para Madrid em 16 de dezembro de 1848 ao conde de Thomar, dizendo-lhe instantemente; «venha aju-

dar-nos;» (1) não era sómente em carta particular, repetimos que o duque de Saldanha exprimia o conceito que fazia do conde, era n'uma e n'outra cousa, era assim nas suas relações sociaes, como nos seus documentos officiaes, era de todos os modos respeitaveis e respeitados.

Quando, em 6 de dezembro de 1848, o duque de Saldanha enviava ao conde de Thomar as terminantes ordens da Soberana para que elle, conde, antecipasse a sua jornada, a fim de conferenciar com parte do corpo legislativo a que o mesmo duque de Saldanha em pouco a valia do conde? Para que julgava n'esse caso tão urgente a sua vinda, que o sollicitava para antecipal-a? Eis o documento:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Devendo v. ex.^a vir para a camera dos pares na proxima sessão legislativa, quer Sua Magestade que *antecipe a sua jornada de alguns dias, de modo que no dia 20 do corrente se ache n'esta corte e possa reunir-se com outros dignos pares e senhores deputados, a quem o governo tem feito igual convite, para o fim de lhes communicar varios projectos importantes* que deseja submitter ás Cortes. Deus Guarde a v. ex.^a. Paço das Necessidades, em 6 de dezembro de 1848.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Conde de Thomar.— José Joaquim Gomes de Castro.»

O que se segue é de 10 de janeiro do mesmo anno de 1848 :

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Levei, como me cumpria, á augusta presença de Sua Magestade o officio de v. ex.^a datado de 6 do corrente, e cabe-me a honra de participar-lhe, que Sua Magestade recebeu com benevolencia as expressões de agradecimento que v. ex.^a lhe dirigiu pela mercê que lhe havia feito de o nomear seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na corte de Paris. Certa como está Sua Magestade de que v. ex.^a desempenhará *cabalmente* tão honrosa missão, entende a mesma Augusta Senhora que não havendo urgencia para que v. ex.^a se ausente d'esta corte, *melhor con-*

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar.

vem ao serviço publico que n'ella resida enquanto durar a presente sessão legislativa, tomando parte nos seus debates na qualidade de par do reino, em que igualmente pôde v. ex.^a prestar relevantes serviços á nação. Deus guarde a v. ex.^a Secretaria d'Estado dos negocios estrangeiros, em 10 de janeiro de 1848.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conde de Thomar.—Duque de Saldanha.

Pois ao homem de quem se duvida, ou seja em relação aos meritos, ou aos serviços, ou á lealdade politica, tendo elle uma honrosa e plausivel missão diz-se-lhe que melhor convirá residir elle na corte, onde poderá prestar relevantes serviços á nação? Pois o ministro que assigna estas phrases pôde ostentar despresos por tal homem? Pois *relevantes serviços* a nação como elle, chefe do poder, espontaneamente assigna, são cousa de que se faça tal caso, como depois figura, e figuram em seu nome? Pois é inutil, de pouco preço, aquelle a quem tão empenhadamente se sollicita para assistir, para dirigir mesmo os debates legislativos? Como se concordam tantos desdens depois, e tantas sollicitações antes? Necessariamente de alguma das vezes se falsificou a verdade. O duque não pôde justificar-se senão á sua propria custa. Fosse qual fosse a occasião, o resultado é sempre hostile ao seu character e posição.

O decreto que nomeava o conde enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Paris, em data de 30 de dezembro de 1847, é tambem assignado pelo duque de Saldanha e concebido nos termos seguintes:

«Copia—Attendendo ao merecimento e mais circumstancias que concorrem na pessoa do conde de Thomar, meu ministro e secretario d'estado honorario, e aos *relevantes serviços que tem prestado á minha coroa*: Hei por bem nomeal-o meu enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario junto de Sua Magestade El-Rei dos francezes, com o ordenado marcado no orçamento. O marechal duque de Saldanha conselheiro d'estado, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio das Necessidades em trinta de dezembro de 1847.—Rai-

nha—Duque de Saldanha—Está conforme. Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros em 3 de janeiro de 1848.»

Como no outro documento se mencionavam os relevantes serviços que podia fazer o conde, se mencionam aqui os serviços de egual ordem que elle, conde, havia feito; e lá está, como fizemos notar, o nome do duque de Saldanha referendo o decreto, na qualidade de ministro, e dando publica e officialmente uma prova do alto apreço em que eram tidos, não só aquelles serviços já effectuados senão ainda os que podia vir a effectuar.

Estas provas porém ainda aqui não param, por que o duque de Saldanha, como se quizera premunir, contra as contradicções do seu character, aquelles de quem inevitavelmente vem a tornar-se espontaneo adversario, accumula anticipadamente os testemunhos que hão de servir á justificação provocada pelas suas queixas e arguições como vimos no caso de Belfast. Depois da commemoração dos serviços vem a recompensa d'elles para attestar ante o paiz inteiro um solemne desmentimento ás actuaes sobrançerias.

«Conde de Thomar, do meu conselho d'estado, ministro e secretario d'estado honorario, par do reino, meu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na corte de Madrid. Eu a Rainha vos envio muito saudar como áquelle que preso. *Tendo particular attenção aos mui distinctos e relevantes serviços, que me haveis feito no exercicio dos logares e das diferentes importantes commissões, que vos teem sido encarregadas, e especialmente da ultima negociação com a Curia Romana, sendo tudo desempenhado com singular intelligencia zelo e distincção; e desejando por este respeito, dar-vos um testemunho publico da minha estima e real munificencia; Hei por bem elevar-vos á dignidade de grã-cruz da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e satisfação, e para que possaes desde já usar das respectivas insignias vos mando esta carta. Escripta no Paço das Necessidades em oito de março de mil oitocentos quarenta e nove.—Rainha.—Duque de Saldanha.—* Para o conde de Thomar, do meu conselho e do d'estado, mi-

nistro e secretario d'estado honorario, par do reino, meu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na corte de Madrid.» Dão-se distincções e em taes termos a um homem insignificante? O ministro que assim renega os seus proprios actos, lavra com a mão que estende aos detractores o insulto á propria mão que assignou esses documentos.

Dera logar a isto uma das mais delicadas missões encarregada ao conde de Thomar em termos de tal modo honrosos que bastariam elles para o pôr a cuberto de todo o genero de sarcasmos:

«Copia.—Merecendo a Minha Real Consideração a reconhecida *illustração*, e vastos conhecimentos, zelo, e lealdade, de que tem constantemente dado as mais evidentes provas o conde de Thomar; par do Reino, do meu conselho e do d'estado, e meu ministro e secretario d'estado honorario; Hei por bem nomeal-o meu plenipotenciario para conferenciar com o Internucio extraordinario, e delegado apostolico de Sua Santidade n'esta corte, e proseguir nas negociações já começadas entre a mesma corte e a Santa Sé, até á sua final conclusão. O marechal duque de Saldanha, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Paço das Necessidades em vinte e tres de fevereiro de mil oitocentos quarenta e oito.—RAINHA.—*Duque de Saldanha.*

«Está conforme. Secretaria d'Estado dos negocios estrangeiros em o 1.º de março de 1848.—*Antonio Joaquim Gomes d'Oliveira.*»

Não são sómente as honras; a confissão do merito, e o reconhecimento dos serviços; são os mais difficeis e melindrosos encargos a confirmarem a valia do homem, a quem tão insolita contradictoriamente se pertende deprimir.

O apoio dado pelo conde de Thomar ao duque de Saldanha era franco e sincero. Se os diplomas que ahi deixamos transcriptos, assignados pela mão de Saldanha, provam, de um modo que elle mesmo não poderá negar, o alto conceito em que tinha o conde de Thomar; o modo porque o duque

por muitas vezes sollicitou o auxilio do conde, em todas as medidas organicas de mais importancia, prova, egualmente que tinha tanta confiança nas suas luzes, como na efficacia da sua coadjuvação.

Os desdens, que, depois se teem affectado, não podem, por tanto, significar senão, como já temos feito notar, a flagrante contradicção, ou um despeito inconveniente, e inconvenientemente expresso.

Que ha-de dizer o proprio duque de Saldanha se lhe compararem esses desdens com um documento como este, por exemplo: «Meu querido conde, peço-lhe que lance no papel em fórma de apontamento as idéas em que v. ex.^a me fallou «a respeito de organização administrativa e financeira (1).»

Pois o homem de quem se sollicitam as idéas em assumptos de tal ordem — em organização administrativa e financeira — é o mesmo por quem ulteriormente se teem affectado soberbos despresos!... Parece incrível, e o proprio marechal ignora os seus verdadeiros interesses, os interesses de sua alta reputação, barateando-a no embate d'estas aproximações e comparações, que a opinião necessariamente ha-de fazer e que hão-de ficar na historia para o julgar. No fluxo e refluxo de conceitos diversos, ostentadamente publicados pelo duque de Saldanha, póde o espirito publico deixar de ver — de um lado todas as provas de consideração, todas as mostras de estima, todas as demonstrações de apreço; de outro lado uma negativa superciliosa da mais vulgar capacidade, d'aquella mesma que não pode negar-se a um empregado subalterno? Póde depois o mesmo espirito publico deixar de avaliar o que valem estas negativas ao pé d'aquelles documentos, todos sahidos do seu proprio punho, todos rubricados com o seu nome? Póde finalmente o espirito publico deixar de recordar que o homem a quem se recusa a aptidão mais elemental é aquelle mesmo a quem se pediram «idéas sobre organização administrativa e financeira,» isto é, sobre o que é mais difficil no paiz?

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar

Eis-ahi porque nós dizemos que o marechal, ou mal inspirado, ou mal aconselhado, despreza os interesses da sua propria reputação, porque a este documento relativo aos primeiros interesses de administração e do estado não seria addicionar outros de não menor importancia e significação.

Terá já esquecido o duque de Saldanha o que escrevia, em 15 de fevereiro de 1849, ao conde de Thomar quando bem expressamente lhe dizia: (1) «*O negocio de maior importancia, que hoje tem o governo a resolver, é o das estradas; por isso peço a v. ex.^a que nos auxilie com a sua opinião, etc.*»

O negocio de *maior importancia* é o das estradas—confessa o duque—; e é *por isso* (por ser da maior importancia) que elle, duque, *pede a opinião* do conde de Thomar! Parecemos que estas simples palavras são de si mesmas bem eloquentes e dispensam qualquer commentario. Que faz um buscar denegrir um adversario o homem que assim se dirigia a esse adversario?

Compare-se agora este passo do duque de Saldanha, no tempo da sua administração, com o modo porque, depois, no parlamento, elle mesmo duque, fez coro com os mais obstinados e malevolos inimigos do conde de Thomar n'este mesmo negocio das estradas, para o qual, estando no ministerio, pedia a sua coadjuvação. Note-se bem! O duque de Saldanha, presidente do concelho, pedia a coadjuvação, n'um assumpto dado, d'aquelle, cujos actos, anteriores a tal pedido, elle veio depois, no mesmo assumpto, condemnar como opposição. Ha n'isto, pois, dois homens no duque de Saldanha—um, membro do parlamento que se associa ás mais graves accusações contra o conde de Thomar—outro, ministro, que sollicita, do mesmo conde de Thomar, no mesmo objecto d'aquellas accusações (repare-se!) o auxilio da sua opinião! Qual d'elles terá razão, o ministro ou o membro do parlamento? Desgraçados effeitos da inconsequencia politica, ou da paixão imprudente! Acaso não viu o duque de Saldanha, que, referindo-se, o mem-

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar.

bro do parlamento, a factos anteriores as provas de confiança dadas pelo ministro ao accusado, aquella accusação revertia toda inteira contra o mesmo ministro que taes provas dera? Acaso o duque de Saldanha, membro do parlamento, podia ignorar esses factos, que todos se resumiam n'um processo do conselho d'estado, de que elle, duque de Saldanha, fazia tambem parte? Como é pois que o membro do parlamento cumplice na accusação, o ministro, implicado na confiança dada ao accusado, e o conselheiro d'estado, juiz na causa, se podem conciliar mutuamente? O membro do parlamento accusa? Accusa o conselheiro e accusa o ministro. E' o duque de Saldanha accusando o duque de Saldanha; ou, para melhor dizer, é o despeito presente erguendo-se furibundo e insensato, contra os actos passados; é, no mesmo homem, o spectaculo, sempre lastimoso da razão luctando com a paixão, vencida e subjugada por esta! Havérá aqui a superioridade do homem d'estado? Os homens d'estado nos outros paizes não descem tão baixo!

O duque de Saldanha, membro do parlamento, sabia perfeitamente que desmentia o duque de Saldanha conselheiro ministro, sabia que se associava a uma calumnia, e sabia que podiam qualquer dia provar-lhe que o fizera, e que o fizera scientemente, pois que, para isso, bastava approximar e conselheiro do par, do ministro; mas, desgraçadamente para elle, ponde mais o seu rancor, e, para ver se produzia um effeito momentaneo, que abalasse o credito d'um ministro, não duvidou condemnar os seus proprios actos, como ministro tambem, e provocando uma demonstração, aliás facil, d'esta enorremissima contradicção. Faz pena ver assim abater a propria dignidade, quem d'ella se tem pretendido fazer um meio de aggressão, em vez de conserval a como escudo de um nome!

Quando, em 16 de dezembro de 1848, o duque de Saldanha, escrevendo para Madrid, além das ordens reiteradas da Soberana, referendadas pelo ministro; dizia com particular empenho ao conde de Thomar: (1) «venha ajudar-nos» a

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar.

quem se dirigia elle, ao homem que hoje desdenha e acusa, ou ao fiel alliado, cujo auxilio, cuja preseverança mesmo, reputava indispensavel para caminhar na administração e para se manter á testa dos negocios? Não se zomba assim da opinião, que presenciou tudo, e tudo avalia. Estas evoluções frequentes e mutuamente incompativeis produzem necessariamente o seu effeito, effeito que não pôde ser agradavel ao nobre duque.

Ao passo que Saldanha assim utiliza em seu proveito os serviços, a influencia e auxilio do conde de Thomar, procura insinuar, nas mais altas regiões, uma especie de desfavor sobre o mesmo conde considerado como homem publico. Gabava os seus talentos, exaltava os seus meritos, celebrava a sua energia e capacidade administrativa, mas procurava, atravez d'estes elogios que a sua mesma consciencia lhe fazia sentir como innegaveis, e que singularmente contrariam hoje aquelles desdens, em que já fallamos; procurava, dizemos, derramar a idéa de que era impossivel na admissão, o conde. Era assim que o duque, mesmo na epocha das suas mais affectuosas expansões, tratava o alliado que ostensivamente reputava essencial, e sem o qual não podia, na verdade, passar. Não classificaremos nós este genero de politica, que bem se classifica ella por si. O duque praticava a ironica theoria do analysta: *avoir deux doctrines; l'une apparente, l'autre interieure*. Este procedimento inculcava uma perfidia de intenção que se não allia bem aos grandes caracteres. Esta impossibilidade do conde na administração em que se fundava? Ou era ou não era verdadeira a opinião que, então, o duque exprimia relativamente ao conde. Se era, as qualidades que lhe reconhecia constituíam exactamente, não o homem impossivel, senão o homem necessario. Se não era, o duque falseava a sua consciencia para mais subtilmente, (subtilmente, dizemos, para não empregar um termo mais frisante) para mais subtilmente preparar a queda d'um rival. Onde está aqui a franqueza do soldado e a lealdade do amigo? E tudo isto se passava quando o marechal Saldanha tractava por amigo o conde de Thomar!

É como ha de Saldanha justificar aquella impossibilidade allegada; em presença dos documentos em que sollicitava a entrada do conde para o ministerio, como posteriormente havemos de observar? Que encadeamento, correlação ou cohesão ha entre juizos tão varios do mesmo homem para com o mesmo homem? Com quem tratava, e de quem tratava elle, duque, em tal assumpto? Tratava com o throno, tratava da nação. E é n'estas melindrosas circumstancias que uma vez repetia impossivel na administração um homem, e outra vez abandona a esse homem a mesma administração. Enganava-se, ou enganava o duque? Era innocencia? Era demais para um estadista. Era malevolencia? E' muito grande a responsabilidade que d'ella lhe resulta. O duque de Saldanha não ignora de certo quantas e quão graves considerações similhante procedimento podia, e devia talvez provocar—considerações que todavia omittimos por que só dos factos tiramos força, e só a elles queremos deixar fallar.

O valor que tinha aquella pretendida impossibilidade com applicação ao conde sabia-o perfeitamente Saldanha, como já anteriormente explicamos. Os factos vieram depois confirmar a verdade, destruir os protestos, e provar que o paiz, longe de repellir a administração do conde de Thomar, inimigos, mesmo depois de recrutados e reforçados com altos despeitos e de animados com esperanças novas. A experiencia vai já bastante para o desengano. Os escandalos, os enredos, as provocações, os boatos, todo o genero de tentativa iniqua e perfida, tudo tem sido baldado. Seria impossivel o homem e a administração que assim teem resistido a tantos, tão varios e tão frequentes embates, e que ahi se conserva firme no seu posto, avançando sempre apesar dos innumeraveis obstaculos que lhe procuram suscitar? Sobre a impossibilidade dos governos responde a synopse dos seus actos.

Em tudo isto uma cousa salta evidentemente aos olhos: o duque de Saldanha, quando mais se auxiliava do conde de Thomar, quando mais o consultava, e nos seus actos e palavras exprimia uma opinião mais favoravel e lisongeira para o conde, servia-se dos pretextos dos inimigos do mesmo conde,

pretextos cuja força conhecia, pretextos completamente refutados pela experiencia, servia-se d'elles para minar o credito e a confiança que longos serviços haviam merecido e alcançado para o conde.

E' um epilogo bem significativo e caracteristico!

Uma questão grave, por que tem tido uma certa celebridade no paiz, servirá para dar mais relevo ainda, se é possível, ao procedimento de Saldanha, em relação ao conde de Thomar e a si mesmo.

E' a questão de liberdade de imprensa.

O duque, n'esta questão, collocou-se tambem em opposição manifesta aos seus actos como ministro. O duque cedeu ao desejo de especular n'um sentimentalismo banal e gasto, improprio de quem pretende as honras d'homem d'estado. Longe de encarar a questão na altura da sua posição e dos direitos e deveres sociaes, fez-se demagogo verboso, e rompeu contra o ministerio em imprecacões adubadas da mais vulgar sensibilidade tribunicia. Entrando na arena da opposição o duque não fazia como Peel ou Thiers; passava de xofre a arremedar os corypheos do partido exaltado e adoptar os recursos desacreditados, os velhos expedientes da opposição facciosa. Prova pouco em favor da sua imaginação. Saldanha, na sua odienta sofreguidão, aproveitou avidamente todos os meios que achou preparados pelos seus antigos adversarios. Não procedeu com aquella circunspecção de vista, com aquella prudente previsão, de homem que foi, e póde tornar a ser governo, e que, por tanto procura nem desvirtuar os seus actos passados, nem infirmar os seus actos futuros, tendo sempre attenção as possibilidades governamentaes, as applicações administrativas, e os verdadeiros interesses da sociedade. Ao contrario de tudo isto, o que só procurou foi instrumentos de destruição, sem reparar que, prestando-se, elle mesmo, a ser um d'esses instrumentos, rebaixava a sua condicção de estadista eminente á de gente vulgar e ephemero dos caprichos facciosos, á de pequeno declamador parlamentar, obedecendo cegamente a um instincto dissolvente ou a uma necessidade miseranda.

Todo o desejo, toda a vontade, todo o plano do duque era derribar o conde de Thomar, que elle havia sollicitado para o substituir! Imaginemos que o derribava. Depois? O proprio duque se havia achar singularmente embaraçado com a sua obra. Sem medida, sem alcance politico, Saldanhaa deixou-se illudir a si mesmo e arrastar a um papel que nenhum estadista seguramente lho inveja!

Todos ouviram como o duque se exprimiu no parlamento ácerca da lei regulamentar da liberdade de imprensa. Pois bem! comparem agora as suas palavras com os seus actos.

Ninguem ignora o celebre arresto do jornal o *Estandarte*, acto arbitrario que provou, da parte do duque uma grande animosidade contra a imprensa que o combatia. O protesta energico e strictamente legal do mesmo *Estandarte*, ahi appareceu e póde servir de provar a consideração em que o ministro tinha essa mesma imprensa de quem, pouco depois, o membro do parlamento se mostrou tão zeloso e affectuoso propugnador. O arresto tinha sido uma violencia manifesta, e o mesmo, que a fizera praticar, era o que vinha, á face do paiz, que vira tudo aquillo, allardear um sentimentalismo serodio, perfeitamente desmentido pelos seus actos anteriores.

Mas não é tudo ainda. O defensor entusiasta de imprensa, que elle mesmo, ante o parlamento, não podia deixar de alcunhar de licenciosa, ou, pelo menos, descomedida, havia já formado o projecto de cohibil-a, quando era ministro; mas não por uma alta providencia legislativa, como fez o actual ministerio, senão por um acto da sua vontade, assumindo assim uma dictadura, que, de certo, offerencia muito menos garantias á mesma imprensa do que uma lei discutida em duas camaras, onde aquella imprensa, entrando activamente nos debates, podia melhor advogar a sua propria causa. A lei n'este caso era substituida por um simples decreto. Esqueceria já o duque de Saldanha que elle mesmo communicou este projecto a mais de uma pessoa de elevada cathegoria; esqueceria sobre tudo que até consultou sobre elle a authoridade competente? Esqueceria já perguntas e respostas sobre tal assumpto? Se tal é, a memoria alheia pode ser mais fiel e a po-

sição do duque não é das melhores perante factos provados, pois que o duque se não levou ávante semelhante projecto, foi porque se lhe ponderaram os inconvenientes de tal passo, *da do por tal modo.*

Assim, o duque de Saldanha vem combater no parlamento o mesmo acto *legal* que elle tentara *illegalmente*. Assim o coração do duque todo se internece contra uma disposição legislativa de que elle quizera fazer um acto individual e voluntario! O duque de Saldanha, que, na força da sua indignação contra a imprensa, que o combatia, quizera acabar com ella por um golpe de estado, á Polignac, desfazia-se em ternuras a favor d'essa mesma imprensa que escandalosamente combatia os que elle fizera seus adversarios!

Não fallamos já na alta incoherencia, na malevolencia evidente, no contrasenso moral de tal procedimento. seria isto de homem d'estado ou, sequer ao menos, de politico sisudo? Não via o marechal que lavrava o seu processo, accrescentado com as circumstancias aggravantes que o acompanhavam? Que unicamente derribar contrarios, ha pouco seus auxiliares, e deslumbrar alliados, ha pouco seus inimigos? Pobre estadista o que não calcula senão os effeitos immediatos, comprometendo em lances de comedia politica, assim o seu passado como o seu futuro.

O duque reconhecia e desejava obstar aos perigosos, aos dissolventes excessos da imprensa? Era justo. O meio seria propor uma lei, como depois se fez. Essa coragem foi a que elle não teve, preferindo-lhe uma surpresa, que irritaria todos os partidos. E por que outro homem, outro governo, teve aquella coragem e ousou affrontar os debates e converter em lei o que elle, duque, pertendera levar de assalto, suppondo mesmo que o seu decreto sahiria tão moderado, como a lei actual; porque a sua propria idéa ia ser legalmente realisada, eil-o, por um pequeno egoismo, renegando o seu pensamento (pensamento já manifestado) apostando de si mesmo, affectando uma sensibilidade que singularmente brigava com as suas coleras anteriores, e fazendo-se censor implacavel da sua mesma prole!

Um só facto, tirado d'aquella discussão, resumirá, em poucas palavras, a consciencia com que n'ella entrou o duque de Saldanha; o duque rejeitou, na camara hereditaria, o projecto que viera da camara electiva «desde o *alpha* até ao *oméga*.» São palavras textuaes. Concluiu promettendo um voto de approvação ao da camara hereditaria, que, na maxima parte, copiava as disposições que elle, duque, *totalmente* procrevera! A' vista de tal exemplo, que póde significar a compunção elastica do homem que, sahindo d'uma administração, faz consistir toda a sua politica n'aquella mimica parlamentar, n'aquella oratoria dobradiça e multiforme, beaterio de gesto, melifluído de frase, que pode servir, quando muito, aos aduladores das facções?

O mesmo systema de duplicidade e vacillação que o duque pratica sendo opposição, tinha-o praticado, como já dissemos, sendo governo. Foi isto o que destruiu as esperanças que se haviam concebido, e lhe alienou as sympathias, que o tinham rodeado, no começo da sua administração. Os descontentamentos augmentavam no parlamento e fóra d'elle; as difficuldades cresciam. Saldanha agonizando na administração, valia-se ainda do conde de Thomar, sollicitava-o, importunava-o, para fazer frente aos obstaculos. Nas recomposições ministeriaes, effectuadas durante a sua presidencia, o conde de Thomar, o homem desdenhado hoje, era sempre efficazmente consultado, como o duque não poderá haver de todo esquecido. (1) Mas o mal estava verdadeiramente na incapacidade administrativa. Demais a mais, as antipathias recresciam na duas camaras. O proprio duque de Saldanha o reconheceu, e com perfeita consciencia da sua situação, sahiu a final dos negocios, no meio do desconsolo que deixa uma grande espectativa enganada.

A administração do duque de Saldanha morreu do mal de que adocera no berço—da falta d'um pensamento determinado e coherente, vigoroso e nacional, pensado com madu-

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar.

reza e seguido com energia. A enfermidade estava na origem: a morte era inevitavel. O duque de Saldanha, á força de pensar em si, e nas suas emulações isolou-se do partido parlamentar, deixou crescer, procurou mesmo, o mal que devia leval-o, e rematou d'este modo uma vida de dois annos, esteril para si, e infecunda para o paiz, que n'este periodo, não deu um só passo. Quizeramos poder indicar n'aquella era governativa alguma idéa regeneradora: infelizmente não vemos senão pequenos manejos e enredos subalternos: cousa que indique um desejo largo e firme de reorganisar o paiz, nem sombras. As causas immediatas que determinaram a queda do ministerio Saldanha ninguem as ignorava. O descontentamento que lavrara nos povos e no parlamento introduziu-se no seio do proprio gabinete: a dissolução era inevitavel. A administração Saldanha succumbia a final no meio d'um alvoroço, igual áquelle com que fôra saudada. Funesto resultado d'uma politica imprudente, vacillante e egoista.

Uma das rasões que mais evidentemente provam a má fé com que tem arguido o conde de Thomar de haver este derribado a administração Saldanha, por mais de uma cilada, é que o duque sahiu do ministerio com perfeita sciencia e consciencia das rasões constitucionaes que determinavam a sua queda, como opportunamente provaremos, declarando, (*declarando elle*), demais a mais, que o fazia de muito sua vontade.

As palavras seguintes não podem ser ambiguas, nem de duvidosa interpretação: (1) «eu deixo o ministerio *com enthusiasmo*. Venha v. ex.^a occupar o meu logar e conte comigo, mesmo para commandar a primeira divisão militar, se o julgarem indispensavel.»

Não pode haver nada mais claro. Saldanha *sabe* que sahe do ministerio; *confessa* que sahe *com enthusiasmo*; e rematta *offerecendo e promettendo* seu apoio, e prestando-se até a *acceitar um cargo* da nova administração. Que mais solemne refutação se pôde exigir contra os accusadores do conde?

(1) Correspondencia do duque de Saldanha com o conde de Thomar, em 12 de outubro de 1848.

E' uma palavra e uma promessa como o duque perfeitamente conhece que não pode negar.

Essa palavra e essa promessa como as tem elle cumprido? Ahi estão os factos que respondam; e elles respondem bem alto. Este duque, que empenhara a sua honra para desmentir as suas proprias ordens, quando, determinando no paiz a repulsão do conde, lhe protestava, negando este facto, que ninguem procurava insinuar desconfiança sequer contra elle, conde; este duque cumpre a promessa e a palavra com a mesma sinceridade com que abonou aquelle protesto.

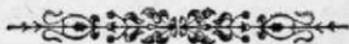
Ahi estão os documentos e as acções. Julguem !

Nota

Este opusculo que sahio anonymo é geralmente attribuido a José da Silva Mendes Leal Junior. A obra conforme o prospecto devia constar de dez capitulos, mas não se imprimiram mais de quatro que foram os que agora reproduzimos.



REFLEXÕES
A' CERCA DAS DEMISSÕES DADAS
AO
MARECHAL DO EXERCITO
DUQUE DE SALDANHA
PELO
MINISTERIO CABRAL-FERRERI
POR
UM OFFICIAL QUE ESTEVE AO SERVIÇO
DA JUNTA DO PORTO
E FEZ PARTE
DO EXERCITO LIBERTADOR



LISBOA
NA OFFICINA DE MANUEL DE JESUS COELHO
Rua do Poço dos Negros n.º 54
—
1850

REPUBLICA

A CERCA DAS DEMISSÕES DADAS

AO

MARCHEL DO EXERCITO

DUQUE DE SALDANHA

PELO

MINISTERIO CABRAL-FERRERI

FOR

EM OFFICIAL QUE ESTEVE AO SERVICO

DA JUNTA DO COMANDO

ibRiA

DO EXERCITO LIBERTADOR

LISBOA

NA OFFICINA DE MARCEL DE JACQUES COELHO

Das do Poco dos Negros n. 27

1850

PROLOGO

O procedimento havido para com o marechal¹ do exercito, duque de Saldanha, pelo ministerio Cabral-Ferreri, encarado por todos os lados, é tão cheio de ingratitude, de vileza, e mesmo de pouco tacto politico, que não podemos resistir ao desejo de a tal respeito fazer algumas reflexões.

Adversarios ainda ha pouco do marechal Saldanha, fizemos parte das forças que obedeciam á junta do Porto, por cujo motivo no que dissermos a favor d'este, quando o tivermos de fazer, não poderemos ser taxados de suspeitos—sere-mos francos; a verdade será o idolo a quem sacrificaremos nossas affeições e nossos odios, por que se este amargo sentimento quizer em nós preponderar havemos de impôr-lhe silencio: ainda que o nosso soffrimento tem sido grande, será esse mais um estímulo para não adultermos os factos, fazendo só recahir a vergonha e o opprobio por acções praticadas e do dominio publico, n'aquelles de quem não podemos deixar de stygmatisar o procedimento na questão que tem tornado popular o homem que ainda ha pouco o não era, compensação bem valiosa dos prejuizos que causaram com a sua atroz perseguição ao marechal, o qual (estamos persuadidos) se deve dar por bem indemnizado.

A revolução do Minho tão espontanea e tão geralmente representada desde as margens do Lima até ás do Guadiana, é um acontecimento que nos deve levar a serias reflexões. Influiria na sua origem o espirito do partido? estamos certos que não; por que vimos tomar parte n'ella, realistas, cartistas, progressistas, e mesmo individuos estranhos até então a partidos politicos.—Abaixo os Cabraes—era o grito unisono que por toda a parte se ouvia, por que estes homens pelas suas medidas violentas, pessimo systema de governo, e má applicação dos dinheiros publicos, tinham alienado de si todos os homens honestos do paiz. A nação tinha esgotado todos os meios legaes para se livrar de um ministerio que tinha a corrupção por principio, tolerando o roubo e a demoralisação; base da sua conservação no poder; porém todos os seus esforços foram inuteis; chamada ao campo das eleições, era espingardeada junto da urna, e os verdadeiros eleitores eram substituidos por individuos a quem a lei prohibia votar, creandose eleitores ambulantes que davam maiorias ao governo aonde elle nunca as teria. Se as camaras municipaes representavam contra a politica seguida pelo ministerio, eram dissolvidas e mandava-as processar. (1) A final as leis de saude e contribuição, approvadas na camara dos deputados, que a

(1) N'aquella epocha ventilou-se se as camaras municipaes podiam sem crime fazer representações ao governo sobre objectos estranhos á sua missão; a imprensa assalariada pelos Cabraes achava n'isto crime, hoje os mesmos Cabraes ordenam ás camaras municipaes que façam representações a favor da lei de liberdade de imprensa, approvada na camara dos deputados... politica de tarraxa.

maioria da nação considerava illegal pela fraude e violencia que tinha presidido á sua origem, deram logar á insurreição das povoações da provincia do Minho e em seguida ao resto do reino.

Os meios de força que o governo tinha á sua disposição para obstar a esta revolução eram immensos; contava com todo o exercito, por quanto quando teve logar a revolta de Torres Novas em 1844, o duque da Terceira, então ministro da guerra, collocou na 3.^a secção perto de duzentos officiaes, tão sómente por se tornarem suspeitos á politica cabralina, que o duque (com vergonha o dizemos) partilhava a ponto de se tornar encarniçado perseguidor de grande numero de militares, que tanto trabalharam a favor do reinado da rainha, e do engrandecimento do mesmo duque; de maneira que os corpos não contavam um só official que hostilisasse a politica do governo, e bem o provaram, por que nem um só fez causa commum com o povo: com tão formidavel apoio julgava-se o ministerio forte e seguro, e dede o momento que lhe constou a sublevação popular tratou d'empregar todos os exforços para q' aniquilar. As camaras, que então estavam abertas, deram ao governo todos os meios e poderes que este lhes pediu, approvaram uma lei de sangue que mandava crear commissões militares, e ordenava fossem fusilados todos os que se encontrassem com as armas na mão: estas medidas serviram para mais irritar, e fazer desenvolver a revolta com mais força e mais energia. O ministerio, ainda ha pouco tão forte e prepotente, teve que ceder; e os fautores de todas as desgraças e calamidades do paiz—os Cabraes—fugiram cobardemente a esconder a sua raiva e a sua vergonha a bordo brigue francez—le Cigne.

Para acalmar a revolução e contemporisar com ella, foi nomeado novo ministerio em que tomou parte o duque de Saldanha, que estava então de marcha para Portugal, regressando da embaixada de Vienna d'Austria, aonde ha alguns annos se conservava, porém por exigencias da situação foi demittido antes de chegar ao reino, e substituido na pasta dos negocios da guerra pelo visconde de Sá da Bandeira.

Pouco depois da chegada do marechal trataram os agentes de Costa Cabral de o angariar, para pôr-se á frente da reacção militar que então projectavam; e para o que contavam com grande parte do exercito: ignoramos positivamente os motivos que levaram o marechal Saldanha a tomar a iniciativa de uma empresa que causou tantos males á nação, que lhe creou tantos inimigos, e que por fim lhe foi recompensada com a mais revoltante ingratição; porém o que a razão nos leva a acreditar é que a sua longa ausencia do paiz o tinha tornado pouco conhecedor das torpezas praticadas pelos cabraes e do odio com que eram olhados pela nação; motivos que o fizeram andar de leve em negocio tão melindroso, do qual a responsabilidade do duque de Saldanha é immensa. Foi elle que bastante concorreu para tornar a elevar ao poder aonde ainda hoje se conservam homens que deviam ter immediatamente sido chamados aos tribunaes pelo ministerio de maio, para alli serem processados como auctores de tantos e inauditos males, que fizeram soffrer o paiz durante a sua gerencia dos negocios publicos, se este ministerio tivesse mais acção e quizesse cumprir com um dever reclamado pela opinião publica.

A reacção teve lugar amanhecendo para o dia 7 de outubro de 1846, e todas as operações militares foram ordenadas e dirigidas pelo marechal, que não teve a vencer grandes difficuldades, por que o ministerio d'então e o general das armas lhe appanaram o caminho, não encontrando resistencia na guarnição da capital, excepto no 1.º regimento de artilheria, do qual o seu digno commandante o coronel Passos se houve com a maior liberdade e coragem, e no regimento de granadeiros da rainha aonde ainda se ehegaram a disparar alguns tiros, de que resultou a morte de um official.

A' reacção de 6 de outubro seguiu-se a resistencia da cidade do Porto, que deu lugar á prisão do duque da Terceira que para alli foi enviado como logar-tenente da rainha nas provincias do norte pelo governo da dita reacção, á formação da junta e á sublevação geral das provincias do Minho, das duas Beiras, Algarve, e parte do Alemtejo e Traz-os-Montes,

depois á guerra civil, combates, empréstimos ruinosos, e a final o protocolle. Não descreveremos os males que por semelhante quadra pesaram no paiz, todos nós o presenciámos, assim podêsse isto servir de lição para o futuro, a quem compete, para affastar dos negocios publicos homens que sendo exaltados em todos os partidos, e segunde todas as opiniões inspiram confiança a nenhum d'elles, e finalmente que de repente e quasi por encanto apparecerem ricos sem poderem justificar o motivo da sua opulencia, fazendo, com seu luxo desmedido um insulto á moral e aos bons costumes.

Tanto durante a ultima guerra civil, como na final conclusão d'ella pela intervenção da esquadra ingleza e exercito hespanhol, foi sem duvida o marechal Saldanha o individuo que mais serviços prestou para o triumpho da causa, que defendia, perdendo por isso muita da popularidade de que gozava no paiz, por que muita gente antevia que o ministerio cabralista seria a legitima consequencia do triumpho da reacção de 6 de outubro; e como tal ministerio se tinha tornado tão odioso á nação, eis os motivos, porque todos dobravam d'exforços para affastar tão imminente mal; e por essa mesma razão muitos amigos intimos do duque de Saldanha, e cartistas honrados, eram seus adversarios, por que prognosticavam um futuro que queriam fazer affastar para evitar novos males a este desgraçado paiz.

E' ao marechal Saldanha, que arrastou tantas difficuldades, que creou tantos inimigos e que tanto se expoz para abrir com anniquilamento do governo da junta do Porto a entrada da patria aos cabraes, que os mesmos cabraes pagaram da maneira a mais revoltante e traçoeira: indispozeram-no com a soberana fechando-lhes as portas do paço, onde nunca elles nunca deviam ter entrado; demittiram-o de todos os seus empregos e commissões, e foi reprehendido em uma ordem do exercito!... porém congrassou-se com a nação tornando a ganhar todas as suas sympathias: os olhos de todos estão fitos n'elle por que severas foram as provas por que acabou de passar, que lhe terão sem duvida aberto os olhos; tendo tido tempo para conhecer os homens e as cousas.

É' pois do homem tão injustamente tratado, e tão atrozmente perseguido, que se nos efferece o dizer o que se segue.

Não pertendemos commemorar e fazer a apologia dos longos e valiosos serviços do marechal do exercito duque de Saldanha; por que é objecto estranho do fim a que nos propomos, porem não podemos deixar de dizer—que foi um valente official na guerra Peninsular, e um habil general nas desastrosas guerras civis, que infelizmente tem assolado o nosso paiz: estamos certos que ao nobre marechal hão de ser posados e dolorosos os triumphos que tem alcançado, derramando sangue portuguez; e quem ha ahi que se não contriste de vêr uma nação pequena como a nossa, que devia fazer uma só familia e viver unida para melhor desenvolver o seu commercio e agricultura, e mesmo tornar-se respeitada dos estranhos, victima continua da guerra civil, d'esse flagello que lança em campos oppostos os melhores amigos, que semêa a divisão na mesma familia, e que arma o braço do filho contra o pai?... quadro horroroso das nossas dissensões politicas, mas desgraçadamente verdadeiro.

Quando um homem como o duque de Saldanha tem feito tantos serviços ao seu paiz, pugnando pela sua independencia na guerra peninsular, pela sua grandeza no ultramar e pela sua liberdade no actual reinado, merece bem o ser considerado por todos os ministerios, independente da sua côr politica: (1) é assim que na Inglaterra e nas mais nações, onde se présa a moralidade, se costuma praticar; por que nos paizes aonde não prepondera o espirito de partido sabe-se ser justo, e jámais o merecimento e o valor ficam sem recompensa, nem os serviços esquecidos—em Portugal não é entendido semelhante systema de governo, por que por mais de uma

(1) O ministerio da revolução de Setembro a quem era bem hostile o marechal Saldanha, tanto que tomou parte na revolução denominada—a dos Marechaes—contra a forma de governo que em 9 de setembro de 1836 se tinha proclamado, não o exonerou dos empregos e commissões que exercia n'aquella epocha.

vez se tem visto viver na miseria e morrer no abandono homens dos mais eminentes serviços, e que mais cooperaram para o engrandecimento da patria—aqui os serviços d'hontem esquecem-se para engrandecer o valido desde hoje; senão veja-se o que o actual ministerio praticou a respeito do maechal Saldanha, além dos militares que mais esforços fizeram para consolidar o governo da rainha e firmar-lhe a corôa; finalmente, que ainda ha pouco lhe prestou um iminente serviço, e foram as pessoas que com esse serviço mais lucraram que para com elle se houveram da maneira a mais injusta.

O duque de Saldanha, em paga dos valiosos serviços que prestou ao paiz e á soberana, foi demittido de mordomo-mor, de 1.º ajudante de campo do rei, de vice-presidente do supremo conselho de justiça militar, e reprehendido asperamente em uma ordem do exercito! Pesar tiveram em lhe não ser permittido tambem arrancar-lhe o bastão de marechal, que recebeu do imperador, em recompensa dos serviços que prestou a favor do throno de sua filha, pois que só assim a raiva de seus inimigos seria satisfeita, e os seus serviços melhor galardoados.

Qual é pois o crime que deu logar a um procedimento tão violento, a um castigo tão exemplar, e a tanto rigor? Tramaría o duque de Saldanha alguma conspiração contra o throno da rainha? Aliar-se-hia com os realistas? Faria causa commum com os republicanos? Não; nada d'isso foi—o marechal, que tambem é par do reino, votou na camara contra a politica seguida por Costa Cabral, por que entendeu em sua consciencia que tal politica era ruinosa ao paiz, por que era senhor do seu voto, e por que a carta constitucional lhe garantia o livre uso d'elle. (1) Eis ahi pois todos os crimes do marechal Saldanha.

(1) Na questão em que contra toda a politica e mesmo conveniencia do chefe de estado, Costa Cabral apresentou em discussão a honra da rainha de Portugal em um dos jornaes inglezes, o *Morning-Post*. O duque de Saldanha, por dignidade propria, respeito para com a soberana, e sincero zele

A ingratição é um feio vicio, e ainda avançaremos mais, é um horrendo crime, e por isso mais digno de censura se torna o procedimento de Costa Cabral para com o duque de Saldanha. Quem mais que o actual presidente do conselho de ministros devia ser grato ao marechal? Se hoje existe no paiz o conserva os braços nas suas ricas equipagens, de que tão fofo se pavoneia, a quem senão ao duque de Saldanha deve tal dita? Mas elle só assim sabe ser grato, e é d'este modo que hade pagar a todos os que se tem sacrificado por sua causa.

O ente vil e depravado jámais se lembra do beneficio que recebe: em quanto precisa torna-se lisongeiro e humilde, porém depois envergonha-se de confessar-se agradecido, e é o primeiro a procurar a ruina e a desgraça d'aquelle mesmo que ha pouco tinha sido seu valedor. Contrista-se nos o coração de narrar tal degradação na especie humana, mas isto é infelizmente uma verdade e mais de um exemplo temos presenciado.

Agora perguntaremos se o luxo de rigor com que os ministros Cabral-Ferreri se houveram para com o marechal Saldanha tornou o seu ministerio mais forte, se lhe adquiriu mais sympathias, e se lhe deu esperanças de por mais tempo se conservar no poder?—não, não e mil vezes não—a mais pequena analyse a respeito do que se tem passado depois da perseguição do duque de Saldanha fará ver se e nosso raciocinio é ou não verdadeiro.

das garantias da imperante, interpollou Costa Cabral na camara dos pares, e altamente pugnou para que este respondesse e dêsse uma satisfação do insulto que tão pouco cavalheiramente tinha dirigido não só a uma senhora, porém á sua soberana.

A maioria da camara dispensou Costa Cabral de responder a esta interpellação, em que tanto abundavam idéas do decoro e dignidade da rainha—é este um acontecimento, sem segundo, de que a historia algum dia fará menção, e então será comentado sem a parcialidade de que é natural a todos os partidos.

Este acontecimento tambem foi um motivo que acarretou a perseguição do duque de Saldanha.

Não tornou o ministério mais forte por que passados dias a comissão de guerra da camara dos deputados composta na sua maioria de commandantes de corpos, deu um voto de censura ao governo, e este não teve força para a respeito dos individuos que a compunham, e se tinham tornado hostis ao ministerio, praticar o mesmo que era costume depois do azia-go dia 26 de novembro de 1839, em que pela primeira vez foi nomeado ministro Costa Cabral, que vinha a ser—qualquer par ou deputado, que nas camaras votava contra e ministerio, era immediatamente demittido da comissão que exercia. O já fallecido general Luna, os coroneis Silverio e Mousinho, foram victimas d'este arbitrio, mas a força do governo ficou tão abalada com o procedimento que teve para com o duque de Saldanha, que já se não sentia com a firmeza precisa para tornar geral o castigo que tinha infligido ao marechal; desligando os membros da comissão de guerra dos commandos e comissões que exerciam, sendo de mais certo que ainda ministerio algum soffreu um tal desaire. Não lhe adquiriu mais sympathias, antes ao contrario, por que muitos dos pares do reino, que votavam sempre com o governo, depois do que viram praticar a respeito do duque de Saldanha passaram para a opposição: no exercito tambem o ministerio alienou de si muitos individuos; e o chamado partido cabralista soffreu com esta medida uma grande diminuição em suas fileiras.

Do que deixamos dito póde deprehender-se que o governo não deve ter o desvanecimento de que o rigor com que tratou o marechal Saldanha lhe facilitasse mais tempo de duração no poder. O duque engrossou as fileiras da opposição, esta falange tornou-se mais forte com este novo bem vindo, victima da prepotencia cabralina, e cada dia sua força será augmentada, já com os amigos do duque de Saldanha, já com aquelles que hão de ir sendo sacrificados quando deixarem de ser instrumentos da politica dos Cabraes, por que a violencia é tambem um dos recursos da força de Costa Cabral.

Ha sempre tendencia no coração humano para sympathisarmos com o perseguido, e muito mais se o é injustamen-

te; eis a rasão por que são hoje mais que nunca aborrecidos os perseguidores do marechal Saldanha, ao mesmo tempo que a respeito d'este cresce a amisade e a sympathia. O duque de Saldanha sabe quanta popularidade teve no paiz em 1826; o seu nome era pronunciado com enthusiasmo pela nação, e bem poucas terras do reino deixaram de enviar-lhe felicitações: mais tarde (em 1833) quando no Porto a causa da rainha se julgava arriscada, e na capital se soube que o marechal tinha desembarcado na cidade eterna e tomado a direcção do exercito, por que para esse fim alguem fallou claro ao imperador, fazendo-lhe vêr o precario e o falso da sua situação, e que a empreza a que se tinha sacrificado estava prestes a perder-se por um capricho e por se darem ouvidos a intrigantes émulos do marechal; a força moral cresceu, toda a gente concebeu lisongeiras esperanças, que em breve foram justificadas pelos bons resultados das operações que sob a direcção do marechal se effectuaram.

Em 1834 vendo o marechal Saldanha a marcha errada do ministerio d'então, os desperdicios que presidiam a todos os seus actos e o abysmo em que ia precipitar a nação com os seus empréstimos ruinosos, collocou-se á frente da opposição, deu-lhe força e tornou-se temido dos homens que n'aquelle tempo diziam—Emigrar sim, mendigar não—e que se tornaram em um momento ricos (ainda que menos que Costa Cabral) á custa do paiz, adquirindo por tal serviço cada vez mais popularidade.

Em 1835 o marechal deixou de fazer parte da opposição; perdeu-se, por que esta opposição era justa; a não ser ella, se a nação conta hoje uma divida immensa muito maior a contraria, por que no parlamento bem alto gritava e empregava todos os meios para fazer parar o ministerio em tão errado caminho, como era o dos empréstimos e a falta d'economia. Desde então a popularidade do marechal Saldanha diminuiu consideravelmente, e elle bem o viu quando forçado por instancias superiores a tomar parte na revolução de 1837, chamada geralmente—dos Marechaes—conheceu que o paiz já não tinha por elle a mesma afeição que n'outro tempo, e

por isso mesmo os seus esforços foram infructuosos, sendo obrigado a desistir da tentativa em que bem a seu pesar se achou envolvido, e desgostoso foi para fóra do reino onde foi empregado em diferentes embaixadas até que em 1846 regressou á patria, dias depois da fugida dos Cabraes em consequencia da revolução do Minho.

Circumstancias que n'outro logar deixamos exaradas o fizeram tomar parte na reacção de 6 d'outubro, que com lealdade e valer soube defender.

Depois d'ultima a guerra civil foi nomeado ministro do reino e presidente do conselho de ministros, e foi durante o seu ministerio que novamente fez ao paiz um iminente serviço, unico que elle tem experimentado ha muitos annos—fallo da revolução de Fevereiro de 1848—acontecida em França, que deu em resultado a republica. Tal acontecimento exaltou os animos em toda a Europa, e fez derramar bastante sangue; nem n'uma só nação houve onde se não sentissem commoções, e a paz não fosse perturbada—Portugal foi a excepção—devido sem duvida á politica suave e conciliadora do duque de Saldanha, que soube em epocha tão melindrosa não irritar os partidos, conseguindo que se não perturbasse o sossego publico, não sendo preciso para isso derramar uma gota de sangue, como em tão grande escala aconteceu no reino vizinho: é verdade que houveram algumas prisões e homisios, mais devidos á infame espionagem que empregou o governador civil, marquez de Fronteira, que forjava, para se tornar precisa, conspirações que depois ia denunciar, do que a realidade de taes conspirações. (1) Se em tal situação Costa Ca-

(1) N'essa epocha foi arranjada pelos espiões uma conspiração, que tinha por fim o assassinar D. Carlos Mascarenhas, commandante da guarda municipal, e então dar principio a um movimento popular; um pobre segeiro foi envolvido na dita conspiração pelos proprios espiões, que o levaram a uma taverna a S. Pedro d'Alcantara, e depois de beberem deram-lhe, para que guardasse por um pouco, um sacco que continha algumas armas curtas, em quanto elles sahiam; o se-

bral fosse ministro dotado, como é, de um genio vingativo e de inveterados odios, que todos lhe conhecem, e almejando do coração o poder vingar-se pelo resultado da revolução de Maio, seria o primeiro em lançar a lava ao partido progressista, que n'essa epocha seria levantada, nova lucta se travaria, derramar-se-iam torrentes de sangue, e os resultados fossem elles quaes fossem, seria mais uma calamidade para o paiz, porém uma politica benefica e conciliadora não agradava a homens violentos e ambiciosos. O duque de Saldanha foi victima das intrigas dos Cabraes, e da sua demasiada boa fé: a imprensa cabralista tratava-o sem piedade, assacando-lhe aleives que a nunca desmentida honradez do marechal tornava inacreditaveis, tendo só em vista desgostal-o da vida publica, para em logar, como um desafio á nação, ser collocado Costa Cabral que ainda ha pouco por um protocollo de tres grandes nações tinha sido excluido de tornar a fazer parte do governo: emfim, o duque de Saldanha sahiu do ministerio sem ao menos poder amnistiar os individuos que estavam presos e homisiados, em consequencia dos processos que se tinham instaurado por motivo das denuncias dos espiões de que já fallámos (1)

geiro cahiu no laço que lhe armaram, uma patrulha competentemente prevenida pelos espiões entra na taverna, espanca e prende o infeliz segeiro, o qual mais tarde é processado: no jury é conhecido de todo o embuste, o segeiro solto, e o espião Candido que era o author da conspiração e servia de testemunha d'accusação foi alli reconhecido como tal, convencido e preso. Isto é um facto publico que escusa comentarios.

(1) E' hoje um facto geralmente sabido e tambem acreditado, que o duque de Saldanha por mais de uma vez quiz indultar os individuos que se achavam presos e homisiados, em consequencia das conspirações forjadas e denunciadas pelos espiões, o que tudo se provou claramente nos processos a que responderam alguns dos implicados nas mesmas denuncias, os quaes foram plenamente justificados e por isso postos em liberdade: porém encontrou embaraços que não pôde vencer, sendo infructuosas todas as suas diligencias—já então

porém a vaidade e ambição de Costa Cabral foiprehendida, sendo logo elevado a presidente de ministros e ministro do reino, contra todas as conveniencias politicas, o que só serviu para de novo arreigar e tornar eternos os odios politicos, que hão de sempre obstar ao desenvolvimento da riqueza do paiz e á sua felicidade.

Feito Costa Cabral ministro, deu logo a demonstrar que era o mesmo homem de 1845; os acontecimentos passados não lhe serviram de lição, sempre violencias, sempre concussões, sempre governo de patronato. A questão de um calche que Costa Cabral recebeu de presente do celebre jogador Frescata, que remunerou com uma commenda, que com tanta distincção lhe orna o peito, sendo apresentada como uma interpegação ou conversa na camara dos pares, deu logar ao duque de Saldanha, para fazer algumas reflexões, que muito feriram Costa Cabral, pronunciando-se logo o marechal contra a politica seguida pelo governo; d'aqui tambem é que veio a origem da sua demissão de mordomo-mór, e era seguida das outras commissões que elle exercia.

Depois que a furia cabralina fez uma nova victima na pessoa do marechal, readquiriu este outra vez toda a sua popularidade: a nação vê n'elle um salvador, e a sua ida ao ministerio é esperada não só como provavel, porém como precisa para remediar os males do paiz—um governo justo e economico é tudo quanto se ambiciona, justiça igual para todos, tolerancia para com os partidos, guerra só aos ladrões—a todos, senhor duque—quem por tão pouco hade deixar descontente este povo tão bom, tão docil e tão facil de governar, quando vê á sua frente homem que o não rouba?

havia o pensamento de collocar Costa Cabral no poder, e para elle era reservado este acto de humanidade, para vêr se tornavam menos antipathico o seu governo e lhe faziam ganhar algum favor na opinião publica—não o conseguiram por que jámais extinguirão o odio contra um homem que tantos males tem feito ao paiz, tantas desgraças lhe tem acarretado, e que tanto sangue tem feito correr, causas estas que se tornam irreconciliaveis para com elle.

Estamos certos que as esperanças da nação não serão d'esta vez illudidas: a honrosa pobreza em que vive o marechal, assaz attestam a sua probidade na gerencia dos negocios publicos; o paiz tem homens honestos e probos, que gostosos coadjuvarão o duque de Saldanha em sanar os males da patria: é mister, é d'absoluta necessidade extinguir os odios politicos que ha tanto tempo nos enfraquecem e nos deshonram.

Desviar-nos-emos um momento de continuar a narrar as torpezas de Costa Cabral; vamos apresentar a nossos leitores um novo discipulo da sua escola, que tambem promette muito—é do sr. Ferreri de quem vamos ter a honra de fallar.

Foi tão extremamente reprehensivel, andou tão mal e mostrou tão crassa ignorancia o actual ministro da guerra Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, na questão das demissões do marechal do exercito duque de Saldanha, e na correspondencia com elle havida, não guardando nenhuma consideração com os serviços por elle prestados, nem as conveniencias mesmo exigidas pela sua elevada posição, que nos vemos obrigados a ser inexoraveis para com o sr. ministro da guerra; e então em primeiro lugar fazer-lhe-mos algumas perguntas.

O sr. Ferreri, que sabe tanto, que já por mais de uma vez tem organizado o exercito, que ainda ha pouco organisou o Collegio Militar com tão raro talento e conhecimentos especiaes; que só este facto immortalizou o nome do sr. ministro, e dizem ter em sua alta mente tanto projecto para engrandecimento e felicidade do exercito; não saberá tambem que é uso e pratica seguida, que quando qualquer official requer um conselho de guerra para justificar a sua conducta, quando entende ser-lhe tal justificação precisa, ou mesmo por circumstancias que para com elle hajam, que obriguem por sua honra a tal procedimento; o defferir-se a tal pertençaõ mandando-o responder? Que rasão teria o sr. Ferreri para não conceder que o duque de Saldanha respondesse a conselho, quando este entendia que a sua honra estava manchada com os termos de que se serviam no decreto que o demittiu

de mordomo-mór? Qual seria também o motivo porque o marechal Saldanha foi com tanto desabrimiento reprehendido em uma ordem do exercito? Seria por que em officio que ao sr. ministro dirigiu em resposta a outro em que formalmente se lhe negava licença para responder a conselho de guerra, dizia—que bem poucos officiaes do exercito tinham deixado de estar debaixo das suas ordens, e que por mais de uma vez os levou aos perigos e á victoria; porém que no numero d'estes jámais encontrou o sr. Ferreri?—pois se é por tal motivo que o sr. ministro se ressentido, só a si deve tornar a culpa, pois que se o sr. Ferreri não tivesse tanto amor á vida, tinha tido mais de uma occasião para agora não experimentar, que o duque de Saldanha pozesse em duvida a valentia do sr. ministro da guerra, e os seus brios militares; porém o sr. Ferreri quiz antes conservar-se para gosar os prazeres do thalamo e as doçuras da paternidade.—

Reconhecerá o sr. ministro, que é prohibido pela ordem do dia 25 de dezembro de 1812, do marechal Beresford, que os officiaes sejam reprehendidos em ordens geraes e papeis publicos, quando não seja grave a falta militar? Estava porém reservado ao sr. Ferreri o poder reprehender um marechal; quando em vista das disposições d'aquella ordem ainda em vigor, o não podia fazer a um simples official; mas o sr. ministro entendeu em sua alta sabedoria, que os marechaes do exercito eram excluidos d'esta benefica disposição: na verdade, o marechal do exercito duque de Saldanha reprehendido pela ministro da guerra Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, é o maior epigramma ao censo commum.

O sr. Ferreri gosou até certa epocha da presumpção de pessoa honesta e do homem dos que honram os partidos que abraçam; todavia depois da sua entrada para o ministerio com Costa Cabral, desconceituou-se na opinião publica; por que o sr. ministro da guerra deve saber que a sociedade e a parceria com o homem accusado todos os dias de ladrão e prevaricador, publicando-se lhe debaixo de diferentes titulos as suas ladroerias; umas vezes—Estradas ou o roubo dos Cabraes—; outras—Concussões de Costa Cabral et. etc., e que

para se justificar está á espera que a burra de Balaam torne a fallar; deshonra a ponto de ficar tambem infamado e perdido na opinião das pessoas de bem.

O procedimento que o sr. Ferreri teve para com o marechal Saldanha fez vêr que o sr. ministro da guerra é dotado de uma alma assás pequena, espiritos vingativos, e muito propenso para a maldade. E' quasi sempre o costume que depois de principiari se o caminhar por uma senda tortuosa que nos conduz ao charco e ao atoleiro e n'elle nos enchafurdamos, desdenharmos, já precavir-nos do lodo e da imundicie: eis o que aconteceu ao sr. Ferreri; começou a desconceituar-se e não quiz parar sem ao menos ser util a um membro da sua familia, eliminando a clausula com que tinha sido despachado para o Ultramar seu irmão Carlos Brandão de Castro Ferreri, causando assim o prejuizo de officiaes muito mais antigos, com outras habilitações e de mais elevados serviços; por que aquelles a que allude o decreto que o promove são uma embofia, e era mais decente não haver fallado em tal, por que todos que conhecem o sr. Carlos Ferreri sabem, que é muito boa pessoa, que veste com o mais apurado gosto, que nas assembleias é sempre o primeiro ás mesas do wist e do voltarete, emfim, que é um perfeito e corpulento janota; porém a respeito de valentia segue a regra de seu mano mais velho o sr. ministro da guerra — quer viver para gosar.

O sr. Ferreri na primeira e ultima cousa em que tem mostrado habilidade é em ter por tanto tempo sabido occultar o quanto era dotado de praversidade e hypocrisia, mostrando ter lido e perfeitamente entendido o Tartufo de Moliere, e o Judeu Errante, de Eugenio Sue, a ponto de que perfeitamente soube imitar o jesuita Rodin.

Não terminaremos estas nossas reflexões, em que até á evidencia demonstrámos a inqualificavel injustiça e grosseria praticada para com duque de Saldanha, fazendo vêr seus perseguidores e inimigos, não tão máos e vingativos como elles são, por que para isso seria indispensavel escrever muito, porém dizendo d'elles só o que é mister para provarmos o que deixamos dito, e que tem relação com o objecto de que tra,

tamos, sem bradar com uma voz que quizeramos bem se ouvisse, e que por todos fosse bem entendida : é ao exercito a quem nos dirigimos, a essa parte de cidadãos a quem está incumbida a defesa da patria e a salva-guarda da sua liberdade, e que algumas vezes illudido e fascinado tambem tem cavado o precipicio que a elle mesmo o tem submergido ; é ao exercito, de que tambem fazemos parte, para quem levantamos nossa debil voz.

Cobri-vos de lucto, bravos do exercito, com negro crepe enlutaí vossas bandeiras, mandai destemperar as caixas de guerra, e as harmonias funebres seja a vossa musica de todos os dias ; sim, o vosso pesar é justo, o vosso general, aquelle que ha pouco vos levou á victoria e aquelle a quem vós amaveis foi reprehendido em uma ordem do exercito pelo ministro da guerra, pelo general que vós ainda não vistes no campo de batalha, pelo homem que mandou prender e embarcar para a ilha de S. Miguel um official superior depois de prometter dar-lhe no campo uma satisfação de cavalheiro (1) e pelo homem que se serviu da sua posição para elevar um seu irmão, preterindo com tal injustiça muidos dos que a tal mercê tinham melhor direito. Este general que ainda não ousou desembainhar a sua espada, e que tem ganho os postos a que se acha elevado debaixo do reposteiro de um gabinete, e sentado em fofa poltrona, ousou manchar o nobre duque de Saldanha, marechal do exercito, reprehendendo-o por insubordinado !!

(1) Em 1843, sendo ministro da guerra o duque da Terceira, e chefe da 1.^a direcção Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, na occasião em que o duque da Terceira acompanhou a rainha na sua digressão ao Alemtéjo, ficou o chefe da 1.^a direcção fazendo as suas vezes, o qual tendo uma contestação com o major d'artilheria Francisco de Paula Lobo d'Avila, a quem o sr. Ferreri queria fazer embarcar para a ilha de S. Miguel, o resultado foi desafiarem-se ; depois de tratados este negocio, na vespera de se baterem, e o major Avila preso e forçado a embarcar por ordem do que fazia de ministro da guerra !.....

Somos miliares : ainda ha pouco tinhamos a nossa espada desembainhada contra o marechal Saldanha, e eramos seu inimigo politico, porém sentimos córar-nos a face e tremer d'indignação, ao vêr a affronta que fizeram soffrer a este distincto militar ; por que conhecemos o seu merecimento e serviços, e por que já por mais de uma vez nos conduziu aos perigos e á victoria. Se porém aquelles que foram seus adversarios no campo de batalha tanto se indignaram pela maneira a mais impropria e a menos digna, com que trataram o duque de Saldanha, aquelles que tão gratos lhe deviam ser ; vós que ainda não ha muito militastes debaixo das suas ordens e que vos ornastes com os louros colhidos pela sua mão. havia-de-vos fazer soffrer crueis tormentos o não poderdes vingar a affronta que fizeram ao vosso chefe ; mas tal é a espinhosa vida militar ; soffre-se muitas vezes sem uma queixa poder sahir de nossos labios — o assim ordena a disciplina — é o crédo velho da vida militar.

Costa Cabral que faz mover os ministros com quem serve, como pequenas maquinas, esse homem que deve tanto ao exercito, acaba de fazer-lhe soffrer um pesar bem amargo, menoscabando o general em quem elle tinha tanta confiança, e a quem dedica o maior affecto, mas Costa Cabral aborrece e persegue o marechal Saldanha, por que persegue e aborrece a todos os homens honestos do paiz.

Os ministros Cabral e Ferreri viram a maneira por que foram encaradas pelo exercito as demissões e reprehensão que deram ao duque de Saldanha—o que os fez tremer, por que os perversos são sempre medrosos e cobardes, mas jámais o arrependimento os fez arredar do caminho do mal, e então trataram, pelo meio da intriga e da sisania, arma em que são fortes, de vos desunir, tornando-vos suspeito o marechal Saldanha. Tem feito de proposito espalhar que apenas elle fór ministro serão collocados nas fileiras os officiaes que estiveram ao serviço da junta do Porto, em substituição de muitos de vós que sereis collocados na terceira secção; que o pensamento do duque de Saldanha é fazer causa communi com os progressistas, opprimindo e desprezando todos os artistas etc.

etc. E' uma infamia o que espalham e o que dizem que só tem por fim fazer-vos vacillar e desunir do homem que tanto mostrou e mostra não ser a ingratião a base do seu character.

O marechal Saldanha tem, quando fôr poder, muitos meios de melhorar a sorte dos officiaes que serviram a junta do Porto, sem desconsiderar aquelles que ainda ha pouco serviram com elle e nos quaes achou a maior coadjuvação; e mesmo esses homens que de proposito fazem espalhar idéas que ainda não passaram pela cabeça do duque de Saldanha, des-honram-vos em vos suppôr capazes de que por um sentimento de ambição e egoismo vós fosseis aviltar-vos em fazer causa commum com os inimigos e perseguidores do marechal.

Nós fazemos verdadeira justiça ao exercito, por que estamos convencidos que cento e tantos officiaes dos que serviram a junta, os unicos hoje capazes de entrar nas fileiras, servisse de pretexto para que os amigos do duque de Saldanha tomassem as partes de seus perseguidores, medida que ainda que fosse adoptada só poderia causar-lhe um prejuizo temporario, mas que traria em resultado o congrassamento do exercito e a sua união, base de todo a força.

Os officiaes que hoje se acham em 3.^a secção por motivos politicos, ainda que não pedem, esperam que da ida ao poder de um ministerio justo lhes resultem algumas vantagens, por que longo tem sido o seu soffrimento, e o throno da rainha tambem á maior parte d'elles deve a sua consolidação; mas muito lhe repugnaria de servirem em uma questão tão transcendente como é a presistencia ou a sahida dos Cabraes do poder, de pretexto para predispoem das sympathias do exercito, tão somente pelo estimulo de ambição, a favor de uns homeus que só merecem a exacração e o desprezo.

O exercito tem por mais de uma vez servido de instrumento de elevação a homens que depois se tem tornado seus encarniçados inimigos. Costa Cabral que desgraçadamente firmado nas bayonetas e na força que lhe davam os clubs militares organizados em 1841, tanto se engrandeceu, tem feito ou cooperado para que se fizesse alguma cousa vantajosa para o exercito? Diga-me, tem elle uma lei justa de promoções?

Não. Lei de remunerações militares? Também a não ha. O individuo que perder alguma perna ou braço em campanha ou ficar cego não receberá uma recompensa e um augmento nos seus vencimentos para o pôr ao abrigo das precisões da vida, e para o indemnizar de se vêr privado da força, e mutilado: essa mesquinha e miseravel lei de monte-pio, que existia, foi derogada, e o official tem hoje a certeza que se morrer sem deixar fortuna, sua esposa e filhos ficarão na miseria e no abandono, esmolando o pão da caridade publica. No que porém o governo de Costa Cabral tem sido prodigo com o exercito, é em lançar-lhe em seus soldos decimas sobre decimas e quintos de decima, e em lhe não pagar regularmente, sendo hoje consideravel o seu atraso.

Antes porém de ultimar estas nossas reflexões, que já vão mais extensas do que tencionavamos, diremos ao exercito, que se algum dos seus membros ainda frequenta os clubs militares, lhes pedimos que d'elles se affastem: d'alli e só d'alli é que tem sahido os males que hoje pesam sobre nós, e mesmo por que n'elles pôdem encontrar algum irmão Lycurgo que os denuncie, e que peorará para o futuro a sua posição.

A carta constitucional, que é hoje a lei fundamental do estado, diz: «que o exercito é essencialmente obediente» porém entende-se uma obediencia passiva. O exercito é instrumento d'ordem e não fautor de politica; todas as vezes que o exercito tem sahido d'este caminho novas calamidades nos tem sobrevindo; e preciso parar na carroira das revoluções; ha meios legaes para o paiz se livrar dos homens que o roubam a deshonra; porém o que se carece é que o exercito não tolha e não embarasse taes meios como desgraçadamente por mais de uma vez tem succedido. Quando a nação conhecer que tem no exercito só uma força para defender a sua nacionalidade e para fazer respeitar a lei, e não um instrumento da politica dos Cabraes, então ella correrá ao campo legal quando a lei a elle o chamar, e alli fará vêr a sua força e a vontade em vêr-se livre dos Cabraes, d'esses homens que hoje só tem partidarios nas pessoas que á sua sombra se tem enriquecido e comettem toda a casta d'excessos, merecendo o

exercito, pelo cumprimento do seu dever, as sympathias e a amizade dos seus concidadãos.

bibliA

DESESPERAÇÃO

DE

COSTA CABRAL

POR

J. M-M.

ESTUDANTE DE COIMBRA

Porque duram as memórias menos
nas tradições, que nos escriptos.

J. F. D'ANDRADA.

bibRIA



COIMBRA

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

—
1846

LIBRERIA

J. M. M.

ESTADOS UNIDOS

Los libros de las memorias de los
nuestros padres, que nos enseñan
a ser hombres.

libRERIA

COLOMBIA

LA IMPRESA DE LA LIBRERIA

1810

Era um bello dia d'abril do anno do Senhor de 1846. Batiam 5 horas da tarde, e os ultimos raios do sol doiravam ainda as elevadas cupulas do paço de Belem.

O passaro do mar andava pairando manso e manso por de sobre as aguas verde-escuras do soberbo Téjo.

Gritava lá na praia a brava celeuma gritos d'alegria ao avisinhar-se a noite benigna, que lhes vinha dar allivio aos membros fatigados.

Era tudo alegria no exterior da capital de Portugal.

Mas d'entro, lá no interior, tudo se agitava; — não se viam senão homons a cavallo e a pé, correndo a todo a brida e dirigindo-se ao paço.

Eram emissarios fieis do ministro do reino, que lhe levavam participações ácerca dos acontecimentos recentes da provincia do Minho.

Um homem, todo cuberto d'andrajos, de figura triste e hedionda, introduziu-se no paço, pedindo que o deixassem entrar no gabinete de s. ex.^a

Deu o nome, e uma voz—*que entre*—fez palpitar d'alegria o coração do miseravel.

Deu meia duzia de passos, ia a subir alguns degráos, quando se lhe apresenta um homem de farda bordada d'oiro e com seus crachás ao peito.

Era o maior personagem portuguez, em cujas mãos estava a sorte do paiz, que todo entregue ao *bom* serviço da patria não podia esperar no seu gabinete doirado as novas felizes da tranquillidade publica;—vinha recebê-las á escada!...

Pegou nos officios, escutou o que lhe disse ao ouvido o rôto, e entrou novamente no seu aposento.

Leu, tornou a ler, e poz de parte, debaixo d'um gran-

de sinete d'ouro, a participação confidencial, que lhe mandava um satellite dedicado de Braga.

— São 15\$ homens, disse elle com voz de trovão, 15\$ homens completamente armados por todo o Minho, desmoroando a obra gigante, que eu começava de cimentar na legalidade e na justiça para felicitar o meu povo!! E puderam os meus soldados realisar a triste idéa de retirarem á aproximação d'aquellas hordas selvaticas, que violaram a lei?!... Mas eu porei cõbro a tanta audacia... a insurreição começada por mulheres ha de abortar, e fazer succumbir muitas idéas ambiciosas dos meus inimigos...—prestes o mano José saberá expulsar aquellas féras dos covis, que ora occupam...

E assentou-se.

Parecia meditar profundamente: depois foi a uma porta perto da sala, e chamou por certo nome conhecido.

Entrou um padre muito reverendo, antigo empregado no paço real, homem de muito saber e *alta politica*.

Sua ex.^a, apenas elle entrou, pegou na confidencial e amostrou-lh'a.

O *digno ecclesiastico* pôz-se a ler, e depois com pachorrenta voz disse:

— Então que temos lá com isso? não se afflija v. ex.^a; o mar ha de serenar.

— Mas parece incrível, padre Marcos, parece incrível que Portugal se não repute feliz com a minha administração. O systema representativo é completamente realisado e garantido;—a urna é livre;—as contribuições são razoaveis;—não sei, não sei que mais querem de mim os portuguezes, padre Marcos!

— Deixe-os lá v. ex.^a, respondeu o bom padre, deixe-os lá, que as nossas bayonetas farão o seu dever.

— Confio n'ellas, meu bom amigo, replicou o ministro; mas arreceio, que a conflagração se torne geral, e que o Augusto solio, que tanto custou ao immortal Pedro, desaba-lhe agora sob as foices rudes d'aquelles mesmos, que elle generosamente libertou!

— E se o for, tornou sua reverendissima, então o que

tem isso? v. ex.^a não está já muito bem? Não tem a sua fortuna toda livre das garras d'esse povo indomito? Dentro de um minuto está v. ex.^a a bordo d'uma embarcação estrangeira, e adeus Portugal! Em todo o caso, uma vez que v. ex.^a não póde levar esta gente por meios brandos, astucia e ferro!—

N'aquelle instante novos emissarios e amigos intimos do ministro entraram no gabinete, interrompendo aquelle interessante dialogo. O padre retirou-se, e s. ex.^a esteve até alta noite em conferencia com Mr. Dietz, *honrado* estrangeiro, que, insinuando-se no paço a titulo d'educar os netos de D. Pedro, ousou dictar leis á nossa terra.

II

Assim eram tractados os negocios de Portugal;—assim se discutiam os interesses d'uma nação heroica, tão digna dos melhores fados. Um padre, um despota e um estrangeiro, triumphato infame e sanguinario, foram por alguns annos o *solido* pedestal, em que assentou um throno excelso, que occuparam tantos homens grandes. D'est'arte a innocente e adorada Rainha de Portugal, illudida por aquelles pessimos conselheiros, amaldiçoaria, quem sabe? o povo portuguez, cuja emancipação comprára seu augusto pae por tão subido preço, pelo sangue dos homens mais dedicados ás idéas liberaes!

Astucia e ferro! que palavras na bôcca d'um ministro do altar!—que triste idéa germinando no coração de portuguezes, tão indignos d'este nome!

Mas a liberdade não podia permanecer muito tempo algemada com as algemas da tyrannia!

O grito de revolta, que surgia no Minho, em breve se repercutiu em todos os angulos do paiz. Em todas as provincias do sul e meio-dia do reino retumbou a voz do norte—*abaixo os tyrannos! abaixo os Cabraes! Viva a Rainha e a liberdade!*

Cada cidadão portuguez era um Kosciusko polaco—levando o grito de guerra ao meio das choupanas do caçador do monte,

Todo o povo se fundiu n'um só homem, tinha um só pensamento, um só desejo—a liberdade.

E era isto o que temia s. ex.^a; elle bom o sentia dentro em si: mas queria consummar a obra gigante, que começara,—cuidava que sem fazer derramar o sangue dos seus concidadãos, depois de exhaurir-lhes a bolsa, não grangearia um nome eterno; — queria pois levar o facha d'Erostrato ao edificio social.

Tinha razão: S. ex.^a queria ser concludente, porque professava uma logica de ferro.

Mas voltaremos ao habinete de Costa Cabral no dia 19 de maio; — vamos ter com elle rodeado pela sua camariha toda, protestando morrer com as espadas na mão em pro do seu soberano; — vamos vel-o macilento, com os olhos encovados, despedindo-se dos seus fiéis, e dando-lhes o adeus saudoso, que tanto lhe custava a desprender dos labios.

Era tocante aquella scena. D'um lado estavam os sustentáculos da corôa com os ferros em punho, querendo impedir que s. ex.^a se dimittisse, e jurando pelo juramento dos clubs militares derramar a ultima gôtta de sangue em defeza das instituições; — d'outro viam-se os aulicos importunos e hediondos, enxugando as lagrimas, e lamentando o idolo cahido do altar, em que noite e dia sacrificavam uma parte da sua vida; — acolá estavam assentados os miseraveis agiotas de rostos indifferentes e maneiras estupidas, vendo em cada agitação, que se fazia em Portugal, mais uns tantos contos do reis a correr-lhes para o bolso.

Mas a sorte dos vis e dos infames estava traçada por mão firme e resoluta, pela mão do povo soberano.

Breve foi o conclave politico, e s. ex.^a, depois de uma curta polemica entre os grandes, resolveu alfim pedir á Soberana a demissão do cargo elevado, a que o arrojara o destino.

Recebeu-a no dia seguinte.

Quando Mr Dietz lh'a ia entregar (tem muita presença d'espírito este senhor Dietz), achou-o enterrado no seu gabinete particular, só, triste e meditabundo.

Mr. Dietz, que não gosta de vêr ninguém d'alma pequena, entregou-lhe a dimissão, e abalou sem ouvil-o.

Foi então que se ostentou a sua expansão desesperada.

Pegou na pasta, que tanto idolatrára, arrojou-a para longe de si, e com voz infernal exclamou:

— Miseravel Portugal!—expulsaste-me do teu gremio, mas ao menos a minha vingança foi completa; — a quantos passos os teus filhos deram contra mim, acharam um poço de sangue derramado por minha ordem, e esse sangue é de seus pais, de seus irmãos, de seus parentes;—expulsaste-me, porém eu tambem te votei á miseria e á desgraça; — as minhas cohortes fieis talaram, saquearam e incendiaram a mais rica, a mais formosa, a mais louçã das tuas provincias; — eu destrui Almeida;—mandei assolar os campos de Prado, Ponte do Lima, e outras terras;—Porto de Móz nadou em sangue;—as bôccas de fogo ainda ficam assestadas ás ruas da capital;— os meus *valentes* ainda estão em armas para te hostilizar, e Costa Cabral vai muito descansado desfructar em terra estranha o pão, que te soube extorquir!! Eu pude fazer rojar aos pés do meu *throno* de ferro homens de todos os partidos; eu pude fazer-lhes crer que só devia de haver uma bandeira em Portugal, a bandeira cabralina! e elles crearam-me, e elles ajudaram-me a subir! Adeus, pois, terra embrutecida; adeus, que bem vingado e satisfeito abandono as tuas fronteiras!!

E Portugal tambem te responde:

— Vai-te, pois, lobo cervical! Vai-te, que nem sequer um só dos teus parentes cá fique n'esta nossa terra livre, para nos não recordar os ferros, que acabamos de quebrar. Vai-te, féra damnada! que nem ao menos fique na praia portugueza a tua pégada infame! que a maré venha desfazel-a, para cá não ficar coisa tua;—adeus, que as rochas e os cachopos sejam o só asylo, que possas encontrar na vastidão dos mares; —praza ao céus, que o punhal do marinheiro tenha compaixão de ti, já que não houve na terra portugueza um arcabuz amigo, que te arrancasse a vida;—que o nauta duro te crave

o coração e o erga aos ares, para servir de pharol aos tyranos, que ousarem ainda seguir-te os passos!

Imitador de Nero! tocando na tua cithara ministerial, adormecido ao som dos clamores publicos, tu foste surdo aos gemidos da viuva, aos lamentos do orpham, aos queixumes do irmão.

Mas o irmão, o orpham, a viuva, todos, como um só homem, te vêm agora escarrar na face proscripta a palavra —maldicção!

Porém folga ainda, que o teu nome execrando não tem de ficar sepultado no esquecimento! Não! é mister que elle dure, que se perpetue, que se transmitta de pais a filhos, para mais se eternizar a revolução portugueza de 1846, que vai dar brado na Europa inteira.

Que estes oito versiculos, tão simples, mas tão expressivos, formem o teu hymno dedicado:

Já lá vai por mar em fóra

O feroz *costa cabral*;

Foi ministro e foi tyranno

D'este fertil Portugal.

Em má hora o vento leve

Com a vaga enfurecida

D'este solo tão gentil

O verdugo e homicida!

FIM



O ACCORDO DA NAÇÃO

Et par droit de conquête et par droit de naissance.

VOLTAIRE—*Henriade*.

Portuguezes! vós ereis ainda hontem os escravos maniatados dos Cabraes; mas Deus marcou um dia no seu livro fatal, em que vós amanhecestes todos livres! tão livres como os Anjos, e soberanos como os Deuses! Vós fostes livres, porque quizestes sel-o. A liberdade em fim de uma nação depende só do querer d'essa nação: da vontade, que diz—quero ser livre, e da força, que executa essa vontade: d'essa força, que vence as forças todas, e que rompe quantos diques se lhe oppoñham; porque a nação inteira tem mais força, do que uma porção d'ella mui pequena, a que chamam exercito e esbirros, espiões, carcereiros e algozes! Para um homem, póde elle muito bem ter a vontade de ser livre, e faltar-lhe no entretanto a força para o ser: mas para uma nação independente e generosa, quando tem boa vontade, a força sobra-lhe. Porque Deus deu a força ao maior numero para resistir á dura tyrannia de um só homem, ou de um punhado de homens, que tentassem opprimil-o e esmagal o!

Portuguezes vós sois livres e soberanos! vós sois livres, mas deveil-o ao vosso braço: e se os homens nuscem livres, como disse o Tribuno das nações, o grão Rosseau; vós podieis accrescentar hoje com Voltaire—somos livres, sim, de juro e herdade, mas tambem temos o direito de conquista. Nós conquistámos, sim, a liberdade, porque tomámos logo as armas; e offerecemos o peito aos pelouros, e ás balas matadoras, e pelejámos mil batalhas mui renhidas,

Portuguezes, vós sois livres e soberanos! vós sois livres, e d'esta vez ao mènes eu não vejo, que alguém Rei, todo enfrornado em fidalguias do Ceu, e nos prestigios do direito divino, se dignasse outorgar-vos por mercê em Cartas de alforria aquillo que só Deus outorga aos homens, e que elle só podia outorgar-lhes; porque só quem fez o homem á sua imagem, só quem o creou, o póde fazer livre! Todo o homem é eleito do Senhor: todo o homem é livre e manda, e obedece livremente por graça do seu Deus, que o fez homem.

Portuguezes, vós sois livres e soberanos! vós sois livres, e o ser livre custa pouco, porque basta ser homem para isso; e a humanidade inteira póde sel-o. Mas o officio de soberano é mais pesado; é um arremêdo do poder de Deus, é uma sombra do querer do Omnipotente. Porém não desesperemos, Portuguezes, porque elle excede as nossas forças. Se Deus como Legislador supremo poz leis ao mundo inteiro, e por conseguinte aos homens, tambem deu a estes razão e intelligencia para conhecerem as leis, que regem a humanidade, e vontade para as applicar conforme a sua natureza, que é em que consiste a verdadeira soberania. Mas Deus tambem ensina pelo orgão da razão, que os povos, para serem mais felizes, devem confiar livremente o seu direito, e o exercicio da soberania aos mais sabios e capazes d'entre elles, e a quem elles elegerem de seu motu proprio. Portuguezes! quem é bom, é bom soberano, nomeai os bons, se quereis que elles legissem bem e sabiamente!

Portuguezes! parabens, que já sois livres; e se hontem ainda ereis escravos, não tendes que córar d'essa desgraça: a nações mais poderosas (mais briosas não direi) isso acontece. Mais louvores mereceis pelo contrario; pois soubestes quebrar os vossos ferros, e atirar com os grilhões despedaçados, que vos roxeavam os pulsos, á cara d'esses impios oppressores, que vos tyrannizaram tantos annos. Portuguezes! parabens, que já sois livres. Meus irmãos, eu vos saúdo e congratúlo; e se alguém me perguntasse, qual eu queria, se o antigo esplendor da nossa patria, e as suas conquistas e dominios, ou a liberdade, que hoje nos sorri, eu diria francamente:—mais val

a liberdade com as luzes, que a acompanham, e com honra, do que possuir de mais uma ametade d'um mundo mal ganhado com incendios, assassinios e exterminios!

Mas o verdadeiro amigo da sua patria e dos seus concidadãos não se contenta com dizer aos povos—alegrai-vos e exultai, que já sois livres; mas trabalha tambem por explicar-lhes as razões, por que chegaram a ser livres, e por lhes mostrar por que chegaram a ser livres, e por lhes mostrar o fim, para que o são: que n'isto se distingue o homem dos brutos, porque a liberdade cega é um instincto, é uma paixão, que póde ser funesta, e não um direito regulado pelos sabios dictames da razão, e que sempre felicita a humanidade.

Ora pois, ó Portugal! se sois livres, e se hontem eris escravos, qual é a causa de tão subita mudança? Quem obrou metamorphose tão completa? Vamos por partes, concidadãos pressados; permitti-me e historiar de novo os factos, não já para avivar vossas memorias, ou recordar-vos cousas tão recentes, que passaram por vós ha poucos dias, e que vós tendes e tereis presentes, em quanto vos restar um só respeito de vida; mas só para vos lembrar donde dimanam esses nobres impulsos, que levam a humanidade a levantar-se contra os seus oppressores, e as consequencias, que devom tirar-se de principios tão fecundos, e que n'elles se contêm tão rigorosamente, como a parte no seu todo.

Se julgassemos do fim pelos principios; se esta regra fosse infallível sempre; quem daria, não digo já um mez, mas alguns poucos dias só de vida a uma revolução, que teve uns começos tão fracos e humildes; e que segundo todas as probabilidades humanas deveria passar como uma sombra diante d'aquelles sóes de Algozes, sem manchar o seu brilho envernizado? Pois bem, altos juizos são de Deus, que os humildes derribem os poderosos mais soberbos lá do cume da fortuna e da privança! Quem diria ha mez e meio, que cinco ou seis mulheres desvalidas e cobertas de farrapos seriam as motoras principaes da revolução mais justa e mais brilhante, que se tem feito na Europa ha muitos seculos! Sabeis vós, q' significa este facto em relação á humanidade inteira? Quer dizer,

ô povo heroico e benemerito, que todo o homem pelo facto de ser homem; que mulheres, moços, velhos ou meninos, todos têm o direito imprescriptivel de resistirem a uma ordem injusta, ou a uma lei cruel e oppressora: porque os homens têm todos consciencia, e não podem, nem devem abnegal-a; pois a consciencia humana e em fim a lei das leis cá n'este mundo é o juiz de quantas os homens fazem. Tal é pois o primeiro ensino, não só moral, mas até politico, que podemos tirar d'aquelle facto. Em relação porém á nossa historia, que recordações tão nobres não desperta na memoria d'um patriota honrado o heroica resistencia d'aquellas verdadeiras Amazonas, ou melhor direi, varôas denodadas, que fizeram galantes feitos d'armas, e que mostraram que pulsava ainda nas vêas de algumas Portuguezas aquelle sangue illustre, que animára as Capitôas de Diu tão famosas, e as heroínas de Alju-barrota e Porto.

Eis que logo a este grito da razão, e da nossa natureza ultrajada, responderam muitos homens muito valentes, e os échos do trovão do patriotismo resoaram em fim por todo o Minho, e muitas freguezias levantaram-se, e Concelhos e Districtos se abalaram, e o demonio infernal do meio dia correo em breve ao Norte, e expediu legiões devastadoras, e mandou romper a guerra com o povo; as batalhas travaram-se a miudo, e os campos juncaram-se de mortos, e o povo redobrava sempre os seus ataques tão vivos e porfiados, e levava sempre a palma da victoria aos soldados do Proconsul, e a tropa encarniçava-se com isto; e o Minho nadava todo em sangue, e por fim vio-se todo empenhado n'uma lucta cruel e obstinada contra ametade do exercito! Mas qual é a lição, que nos daria esta triste experiencia? No meu entender, d'aqui podem tirar-se duas grandes consequencias: a primeira é que o povo não deve jámais desacorçoar-se na sua resistencia contra os déspotas, porque em fim, quem perfia mata caça. A segunda é a fabula sabida de que a união faz sempre a força, porque uma só provincia bem unida resistiu á flor da nossa força armada. Logo ó nobres Portuguezes; devemos perseverar com pertinacia, e porfiar nas nossas pretensões

agora e de futuro, e unir-nos n'um só homem, porque quem se une, é forte.

E depois que o Minho deu tão bello exemplo, e que tomou a dianteira ás mais provincias na estrada da honra e do dever, os seus chefes tão heroicos e tão dignos começaram a propagar os seus principios, e a combinar com os homens mais conspicuos das provincias visinhas, e a revolução lavrou em breve com rapidez do raio em Traz-os-Montes e na Beira e parte da Extremadura, e vai-se ateando como um incendio vivo nas provincias do sul, e a nação responde toda inteira e por uma só voz aos rebates e aos convites dos seus irmãos do Minho. Que devemos concluir d'este phenomeno? Em primeiro logar é evidente, que se nós quizermos, que uma revolução vá sempre ávante, os seus chefes devem logo entender-se e combinar-se com os homens mais illustres e influentes das provincias e do reino inteiro, para que sigam todos um só plano, e para que se generalize o movimento a uma grande parte da nação. Em segundo logar, que para ajuizarmos se uma revolução é justa ou não, devemos attender com cuidado, se ella é espontanea e geral, porque este é o criterio mais seguro das revoluções mais santas e mais justas.

Mas depois de termos anatomizado com o escalpêlo da analyse este nosso levantamento glorioso, e de termos separado as partes todas, de que elle se compunha, e espremido dos principios sublimes aquellas consequencias naturaes, que em cada um d'elles se continham; resta agora consideral-o em geral, e assignar com cuidado os characteres, que tambem o distinguem como tal. A meu vêr os principaes d'aquelles characteres são tres, que vem a ser a participação arma e espontanea de todo o nobre povo portuguez; o seu porte exemplar e milagroso em conjuncturas tão difficeis; e por fim a obstinação tenaz e cega de toda a tropa em pêso, e o seu encarniçamento brutal e sanguinario em perseguir e assassinar o povo.

Em quanto á participação de um povo inteiro, o participação armada e espontanea n'um rompimento contra o Ministerio, e o systema oppressor, de que elle era o representan-

te encarnado, este facto é unico na historia; e eu não sei que as Republicas antigas, e nem mesmo as nações modernas, dessem nunca um exemplo mais formal d'uma tão cavalheirosa resistencia, e da unanimidade mais completa em se revoltarem contra os seus tyrannos. E' um milagre politico, e um sonho, que até nos custa a crer a nós, que o vimos com os nossos proprios olhos, e que o presenciámos ainda hontem. Com effeito bem podemos gloriar-nos de pensar como os casaes incognitos, e os logarejos pobres e obscuros, e as aldeias, e as villas, e as cidades e ametades de provincias, e por fim o reino inteiro e toda a gente se levantavam em pezo, e obedeciam aos seus chefes bem queridos, e marchavam tranquilos ás suas ordens, mas cheios de fervores e enthusiasmo estreme e puro, e promptos a arrostar todos os perigos e a pôr o peito á bala, como dizem, e a affrontar em fim mil mortes, e a voar alegres e contentes a arcar com os soldados dos tyrannos, e desarmal-os como por encanto. Pois bem, a moralidade d'este facto é por certo mui grande e mui sublime. Ella desmente hoje cabalmente o mau conceito, que alguns faziam do povo portuguez lassacando-lhe o baldão de indifferente aos seus mais caros interesses, sobre tudo em materias politicas. E' verdade, que o povo estivera amuado muitos annos; mas o povo fez bem em não bulir, porque até aqui, podemos dizel-o bem afoutos, só algumas facções fracas e armadas se tem posto ainda em campo a defender o partido, que as comprava, e não a nação, que as não queria, e nem as reconhecia como órgãos da sua vontade bem expressa, nem podia approval-as n'este caso. Mas hoje que a causa era do povo; e verdadeiramente nacional, todo o povo tocou logo alarma, alarma, e deu rebate com os seus irmãos do Minho. Tal é pois o argumento mais palpavel, eom que póde responder-se cabalmente aos detractores do povo portuguez. Pelo que respeita em fim ao seu porte, este facto excede a todos os encomios. O povo fallou obras, para desenganar por uma vez não só os seus compatriotas de má fé, que o accusavam de atrazado e verde para ter um governo liberal, mas até aos estrangeiros orgulhosos, que ainda ha dous dias nos taxavam

de gente inculta e barbara: pois bem, hoje os discipulos tãr broncos passaram já os mestres tão polidos, as nações do norte tão soberbas podem vir apprender a Portugal, e tomar aqui lições de patriotismo e da moderação mais mesurada. Ora pois as consequencias necessarias d'este porte do povo portuguez são claras e evidentes. E com effeito, ó bravos Portuguezes, vós mostrastes, que não sois, nem deveis ser indifferentes em materias politicas; porque similhante indifferença equivale a um suicidio politico. Não desampareis pois nunca a santa urna, nem o jury, nem a guarda nacional, e sereis livres. A segunda consequencia é que o povo está já muito maduro para ter as instituições, que o regem, e que póde e deve em fim ficar armado para a sua defesa, e dos seus direitos sagrados, attenta a sua boa disciplina, e as intenções benignas e provadas, que sempre o possuiram.

Finalmente pelo que toca ao exercito, e ao seu encarniçamento porfiado em defender o governo a torto e a direito, este é o outro character mais geral, que se observou na actual revolução. Nós devemos julgar tudo com a mesma imparcialidade, e fazer justiça a todos. Muito bem, a nossa tropa de primeiro deu um exemplo de subordinação e de boa disciplina, obedecendo ao governo e aos seus chefes: eis aqui até onde ella tem desculpa. Mas depois que o levantamento progredio, e que a causa se tornou nacional; quem louvará jámais a esses filhos desnaturaes do povo, e que deviam ser seus defensores, o seu tenaz afêro a uns ministros fallidos de honra o credito, e que os mandavam assassinar o povo? Este facto mostrou bem que o exercito estava corrompido, e que os Cabraes pozeram os chefes todos da sua mão, pois que elles preferiam os interesses d'aquelles renegados aos da nação inteira. Em samma, o nosso exercito é ainda o mesmo, que tem sido sempre desde 1820, e elle segue sempre o mesmo theor de vida: elle é o mesmo, que se tem vendido sempre a quem mais dér, acclamando então com enthusiasmo a primeira constituição, e desertando depois para o Silveira; e escoltando a cavalgada da *poeira*, que foi a Villa Franca; e defendendo a Carta em 1826, e dividindo-se e emigrando em 1828; e ba-

tendo-se no Porto pró e contra: e fazendo a revolução de Setembro; e restaurando a Carta com os Cabraes. Mas que significa pois esta iliada de voltas e revoltas, senão que a tropa está e tem estado sempre o mais desmoralizada que é possível? Ora em quanto ás consequencias que se podem tirar hoje d'esta longa experiencia, são que a tropa não merece a confiança nem das juntas, a quem ella finge adherir com as armas na mão, nem dos povos, a quem ella espingardeou. A tropa é má guarda dos depositos sagrados da liberdade e da constituição dos povos, porque a tropa é venal, e tanto põe em defender a liberdade, como os tyranos mais encarniçados. A segunda consequencia é que o exercito actual não devia ficar em pé para o futuro, mas podfa licenciar-se pouco a pouco, porque continuando elle no serviço, essa medida seria immoral e impolitica: — immoral, porque elle já rompeu com o povo, e o povo com elle, e então seria deixar os dous rivaes em occasião proxima de tornarem a vir ás mãos qualquer hora por dá cá aquella palha; como dizem; impolitica, porque seria deixar a causa do povo nas mãos dos seus maiores inimigos, e de mais este odio de classe entre soldados e paisanos, que se batem, jámais póde soldar-se. Ora pois, ó briosos Portuguezes, tomai bem esta lição da experiencia e gravai lá bem no fundo dos vossos corações a maxima sabida, de que só os mesmos cidadão podem e devem defender-se a si e os seus direitos e as suas liberdades mais preciosas; e que não podem confiar esta defeza a um exercito venal e mercenario. Correi todos em breve, correi logo a formar esses batalhões sagrados da Guarda Nacional, e defendei vós mesmos o thesouro, que conquistaes valorosamente á custa do vosso proprio sangue.

Posto isto, cabe agora perguntar-se, qual é o fim d'este levantamento augusto e tão solemne do povo portuguez, de uma nação inteira, que vóa ás armas corajosamente para defender seus foros, e ganhar de novo os seus direitos usurpados. Eu vou já responder a esta pergunta, segundo as minhas forças permittem. E com effeito, a meu ver toda a revolução tem, ou deve ter dous fins mui distinctos e diversos:

em primeiro logar na ordem dos tempos têm um fim proximo, e outro mais remoto; mas ambos estes fins se subdividem em fim material, e fim moral. Já se vê, que o fim material e proximo da nossa tão feliz insurreição era só repellir força com força, e destruir os obstaculos, que se oppunham á quédá do ministerio torpe, e apoiado pela força armada, e vencer o no campo da batalha, e derrotal-o em fim completamente. Mas um ministerio só, ou os sequazes, que o sustentam, são homens, que tem certas idêas, e que representam um principio, ou um certo systema de politica; e a sua quédá então seria inutil, se ficasse sempre em pé o seu systema. Ora pois o fim proximo e moral de toda e qualquer revolução, e da nossa tambem por consequinte, é estabelecer algum principio novo, e um systema differente do passado. Na verdade, em quanto ao primeiro ponto, o ministerio antigo já caiu; a força da nação inteira já debellou a força dos ministros; o triumpho n'esta parte está completo, porque a sombra do exercito, que resta, é como o leão velho da fabula, que só tem brios sem força.

Mas em quanto ao fim moral, ou dos principios, estará elle obtido? Ainda não. Porque meios ha de elle alcançar-se? Em primeiro logar pela nomeação de um novo ministerio, que proclame os principios novos. Mas d'onde ha de ser tirado o ministerio? Da opposição, nos clama o povo em armas; porque o systema opposto está manchado com seis annos de prevaricações e crimes. O olhar espavorido e espantado dos orfãos innocentes, e as saudades dos irmãos inseparaveis a quem a morte cortou o fio da vida no verdor dos seus annos, e os gemidos das mãos mais carinhosas, e os suspiros das viúvas desoladas, e os lamentos dos velhos desvalidos, e as maldições de uma nação inteira, e o sangue que brada aos ceus vingança, tudo isto pésa ainda sobre a memoria odiosa d'aquelle ministerio execrando, e dos seus principios torpes e despoticos. Em segundo logar pela convocação de novas côrtes eleitas livremente, já se sabe, e munidas de poderes constituintes, que sanccionem esses principios novos, e que revejam a Carta, como o Throno promettera já ao povo. Em terceiro logar em

fim (aqui é que está o ponto) pelo plano salutar de deixar armada sempre uma força popular assás poderosa, e que possa assegurar o cumprimento das promessas do governo, pelo menos até á reunião das Camaras. Ora pois, ó briosos Portuguezes, não largueis das vossas mãos uma só arma, em quanto não tiverdes obtido as vossas pretensões tão rasoaveis.

Mas deverá parar aqui todo este arrojo? Não nos cumpre ainda olhar para o futuro? Sim por certo; é um dever e o mais sagrado, que têm os chefes de uma revolução. Uma revolução, que vive aos dias, e que não cuida a tempo no futuro, só por esse mesmo facto se condemna pela sua propria bôcca: quem desconfia de si, não é bom de todo. Uma tal revolução seria injusta, porque confessaria assim tacitamente, que alguém tinha mais direito, do que ella, a dispôr para o futuro, e confiaria mais na sua força presente, do que no seu bom direito do porvir. Uma tal revolução fôra immoral, porque enganaria acintemente as gerações presentes e vindouras. Uma tal revolução fôra a mais impia, porque atraçoaria as esperanças e o destino de uma nação inteira, que a Providencia poz nas suas mãos! Ora pois, eu já disse mais acima, que toda a revolução justa e legitima deve ter dous fins remotos: um material, que vem a ser a reserva de uma força, que ella opponha a outra força, que pretendesse estorvar-lhe o seu bom andamento, dominada pelos seus adversarios; e outro fim moral, que consiste em prosequir certos principios. Mas que meios se deveriam empregar para obter tão justos resultados nas épocas futuras? Eu passarei agora a expender a minha humilde opinião a este respeito.

Em quanto ao fim material da força, a occasião é bella, aproveitemo-la. Nós vivemos n'um seculo gigante, em que os homens aspiram a cousas grandes, em querem ser Deuses ou Demonios. Elles interrogam a natureza physica, e estudam e combinam as suas forças, e por fim chegam a dominar os elementos. Só com a ajuda d'um pouco de vapor lá voam pela terra como uns magicos; lá cortam as ondas como uns Neptunos; e ameaçam disputar o imperio do ar ás mesmas aves. Elles sondam a natureza moral do homem, e vendo que está

n'ella a sua força, elles tratam de a centuplicar por meio da associação do engenho, que vem a ser para o mundo moral o que é o vapor para o mundo physico. Sim as associações de toda a especie são o espirito d'este nosso seculo, o ellas são a alavanca do Philosopho, com que os homens hão de dar um tombo ao mundo, porque os homens associados podem tudo. Nós vivemos n'um seculo de ligas; uns se ligam para rotearem as terras, outros para desentranharem o ouro do seu centro, outros para cultivarem as sciencias, outros para propagarem a fé no mundo; e até os Reis se ligam no seculo das luzes para opprimirem os povos mais a salvo! Pois bem, se os Reis e o Clero e os Nobres se ligam contra os povos, se estas ligas são tão velhas como os homens, segundo a historia attesta a cada pagina, não terão os povos igual direito de se ligarem em fim contra os seus oppressores? Têm sim, e Portugal podia agora dar este nobre exemplo á nossa Europa; e aquelle, que já lhe abriu outr'ora o caminho de um novo hemispherio, talvez tambem podesse dar-lhe hoje a chave de um novo mundo politico.

E com effeito o reino inteiro levantou-se de repente, e como por encanto á vóz magica dos seus chefes honrados! e elle pende ainda das suas bôccas para escutar submisso as suas ordens. Muito bem, que os dignos chefes o encaminhem para a estrada da honra e do dever; e se podem fazer d'elle o que querem, como ha pouco ainda o mostraram, lembrem-se todos, que seriam réos de lesa patriotismo, se deixassem perder agora a occasião mais bella de um levantamento tão extraordinario sem colher se quer o fructo de tantas fadigas e trabalhos, que ficariam em breve baldadas, quando o povo volvesse aos seus lares: porque o povo, como tem mais em que quide, mais de pressa esquece o abalo e o ardor do seu enthusiasmo. Ora pois, que os dignos chefes se associem, e que prestem o juramento mais solemne diante de Deus omnipotente, e que o façam prestar depois ao seu povo armado (que deveria convocar-se para isso, o que decerto merecia a pena), e que o fim d'este terrivel juramento seja primeiramente declarararmos uma guerra eterna e de morte á raça dos Cabraes,

e fazermos um protesto á face do Céu, que nos protege, e da terra, que pizamos, e que está regada com o sangue ainda quente das victimas, que elles immolaram ao seu furor brutal, juremos, digo, que elles nunca mais tornarão a governar os Portuguezes, nem a manchar a gloria da nação, que soube sacudir o jugo infame, com que elles a opprimiram, em quanto em Portugal houver um homem, que possa com uma arma! Em segundo lugar juremos todos de fazer sempre opposição armada a quantos ministerios ou governos oppressores possam vir para o futuro, quando elles não cederem, como devem, ás representações legaes de todo o reino, ou da maior parte d'elle pelo menos. Em terceiro lugar juremos todos de guardar as nossas armas bem guardadas, para d'ellas nos servirmos quando o caso o pedir. E vós, ó dignos chefes, jurai tambem, que haveis de combinar todos como agora fizestes, e quando as circumstancias o exigirem, para em fim communicardes aos povos quando elles deverão pegar em armas e sair a campo seguindo os vossos passos. Em quarto lugar jurem os chefes, e juremos nós tambem, que havemos alistar-nos todos, e fazer alistar nos batalhões da Guarda Nacional a todas as pessoas, que estiverem em estado de o fazer porque a Guarda Nacional é o povo armado, e com ella, e com as forças populares terão os nossos chefes á sua ordem uma força bastante formidavel para oppôrem ao exercito, ou a outra qualquer força, com que o governo tente opprimir-nos.

Mas agora pelo que respeita aos meios de obter para o futuro o fim moral, e o triumpho dos principios liberaes, deverão tambem jurar os dignos chefes, que hão de aconselhar os povos para darem aos seus filhos uma educação moral, politica, litteraria e religiosa, e promover todos os meios, que estiverem ao seu alcance, para levar a effeito um fim tão santo e tão louvavel. E os povos jurem em fim, que tambem hão de cumprir com o dever de pais a este respeito, e que hão de embeber seus filhos desde a mais tenra infancia nos principios e doutrinas da grande associação portugueza. Além d'isto jurem os chefes, que hão de guiar sempre bem os povos nas batalhas da urna, como homens, que são mais escl-

recidos. Mas jurem os povos pela sua parte, que não deixarão de ouvir os dictames da sua consciencia, quando entenderem que os outros os enganam, ou se enganam a si mesmos.

Taes são pois os meios principaes, que eu ousaria propôr a fim de assegurar para o futuro os felizes resultados da revolução mais justa e mais patriótica do mundo. Todas as Juntas, que actualmente se acham constituídas, ou que se constituirem de futuro, deveriam prestar este juramento, e depois dal-o aos chefes e aos povos, e fazer-se o mesmo em fim por todo o reino. E tanto as Juntas, como os chefes todos das forças populares, ficariam desde logo ajustados para se tornarem a organizar, logo que fosse preciso; e esta associação seria eterna, renovando-se os seus membros por meio da eleição, ou segundo os estatutos, que fizessem. O certo é, que a sua divisa e os seus principios deveriam ser—Honra e gloria ás matronas e heroínas do Minho.—União e força, como a d'esses bravos, que defenderam o Minho.—Combinação de plano e movimentos, como em fim se praticou por todo o reino.—E o maior zelo e pontualidade tanto no gozo dos direitos, como no desempenho dos deveres politicos.—E prompto alistamento nos batalhões da Guarda Nacional.—E opposição armada ao governo no caso que elle empregue força armada para opprimir os povos.—E a boa educação, e a urna livre.—E maldicção eterna aos Cabraes.—Esta associação em fim não terá o nome de liga, porque este nome foi de máo agouro em França em tempo mais remotos; nem de alliança, porque traz á memoria as idéas de oppressão da Santa Alliança; mas deverá chamar-se—o Accordo da Nação—por ser nome mais patriótico, e conforme á nossa lingua materna.

Felicitai-vos pois, ó Portuguezes, já que os vossos dignos chefes se ligaram para quebrar em estilhaços esse jugo de ferro dos soldados, que pesava sobre nós ha tantos annos, e nes fazia escravos d'um bando de guardas pretorianas.

Ha muito que as nações da Europa gemem debaixo do pezo enorme de exercitos em pé, que as devoram, e que lhe comem a sua força, e que ainda por cima as fusilam e as metralham, quando ellas clamam contra as injustiças.

ras dos governos, que as opprimem. Ellas pagam aos seus proprios assassinos! Mas entre nós o mal chegou ao auge, e aquelles mesmos, que deviam reprssentar os Nunos, os Castros, e Albuquerque, os quaes nunca desembainhavam a espada senão em pró da Patria e contra estranhos, ousaram formar clubs infernaes, em que juravam no horror das trevas, e no meio de diabolicas orgias, de beber o sangue aos seus concidadãos!! Pois bem, é vindo o tempo, em que, o Povo Portuguez acordando, como o leão que dorme, e medindo as suas forças de gigante, formou logo uma contra-liga para esmagar os pigmeos de Marte, que tanto o tyrannizaram; e o povo, como é forte, não buscou as trevas da noite, como elles, para machinar atraçoadamente, mas ligou-se pelas praças publicas, e á luz do meio dia, e á face da Europa e do mundo! Oxalá que o mundo inteiro imitasse seu exemplo arrojado, para pôr, em fim, um freio aos mãos governos. Desengane-se o governo pois, que o povo já está muito cansado de andar aos pontapés dos seus janizaros; e por tanto o mesmo povo lhe declara, sem rebuço, pelo órgão dos seus chefes, que o principal do Accordo da Nação é defender-se agora, e de hoje para todo o sempre, da tyrannia da soldadesca armada, e ensinar ao governo, as suas armas são as leis, e não o ferro. E' verdade que os governos são como os velhos, que se julgam sempre tão valentes e guapos como os moços, e não se desenganam até á ultima; por isso elles morrem quasi sempre, porque quando chamam o medico do povo, o mal já não tem cura, já é tarde. Suppenhamos, para pôr um exemplo, que durante as lides de eleições o governo se lembrará de mandar guardas de honra para as urnas; os chefes populares combinados não consentiriam esta violencia, e depois de representarem em termos, e não sendo attendidos, fariam armar tambem as suas forças para opporem resistencia ás do governo. E o mesmo se fará em todos os casos, em todos os casos, em que depois de combinação prévia os chefes populares assentarem todes, ou a maior parte, que as leis, ou a politica do governo são injustas evidentemente. Fique pois certo o governo, que os chefes hão de executar seus planos e

empehnos tão religiosamente, como se defendessem as proprias vidas. Clamem embora, que o Accordo da Nação, e os actos dos chefes populares serão um elemento de desordem e anarchia; o povo respondeu já de sobejo a esta increpação pelo seu socego n'esta crise actual. E de mais, qual será maior elemento de desordem, um exercito sempre prompto a hostilizar o povo ao menor aceno do governo, ou o mesmo povo armado? Que direito assiste ao governo de ter um corpo armado ás suas ordens para assassinar os cidadãos inermes? O exercito é preciso, eu convenho; mas não para se usar d'elle como d'um instrumento vivo de oppressão. O emprego da força é indispensavel; mas recorra-se á Guarda Nacional, que essa é povo, e não ha de assassinar o povo tão de leve. Olhai como o governo grita ao povo, que desarme, que desarme quanto antes: o povo porém responderá só ao governo, que desarme o seu exercito tambem, porque elle lhe matou os seus irmãos. O governo cuidará que cança o povo, não deferindo logo ás suas pretensões, e procrastinando sempre; mas engana-se. O povo cança-se, quando não tem chefes resolutos e activos, que o conduzam ao campo da batalha; mas se o governo sabe que elle os tem, esteja tambem certo, que esses mesmos chefes, que agora o fizeram abalar, se d'aqui a dous, tres, cinco ou seis mezes lhe disserem outra vez—amigos, vamos,—o tornarão a levar ao fim do mundo, se preciso fosse, quanto mais ás portas de Lisboa! Se pretende ganhar tempo, e ameaçal-o com auxilios estrangeiros, a estratagemas é pobre, é absurdo; e demais, o povo então ou alagaria Portugal em sangue, perseguindo de morte os estrangeiros, ou em fim dispersaria, em quanto elles occupassem o territorio, segundo os seus chefes lhe mandassem; mas o Accordo da Nação não morreria, lá estaria, como a Arca da alliança, bem guardado nos nobres corações dos Portuguezes todos, até que melhores tempos se seguissem. Viva pois, ó Portuguezes, o Accordo da Nação, que é a nossa anchora sagrada! Juremos todos de o observar á risca, e de darmos alma e vida para defendermos os nossos direitos contra a oppressão injusta dos governos. Viva o Accordo da Nação, o Portuguezes. Vivam os chefes, que o hão

de pôr em practica. Viva o povo, que os ha de ajudar sem pre com o seu braço de ferro omnipotente. Viva a nossa di- visa, que diz tudo—ou vencer ou morrer como no Minho! —

FIM

bibRIA

OS DOUS DIAS D'OUTUBRO

OU

A HISTORIA DA PREROGATIVA

POR

D. JOÃO D'AZEVEDO

AUCTOR DO QUADRO POLITICO, CONDE JOÃO, E OUTRAS OBRAS

Videtis in quo notu temporum,
quanta in convectione rerum,
et perturbatione versermur.

Cic. de Divinat.

bibRIA



PORTO

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL

—
1848

OS DOIS DIAS D'OUTUBRO

A HISTORIA DA PEREGRINACAO

EM

D. JOAO D'AVEVEDO

Author do Grande Poema, Grande Jogo e outras Ovas

Videtur in quo nota temperantia
quarta in conversione rerum
et perturbatione versantur.

de la-Bizant.

libRIA

— 1848 —

PORTO

Typographia Commercial

1848

PROLOGO

Sentir-se repassar d'actualidade; ver-se identificado com os homens e com as cousas; haver presenciado a maior parte dos successos; ter interesses mais ou menos ligados ao predomínio d'esta ou d'aquella côr politica; e por fim aspirar a escrever com tal indifferentismo que ninguem nos possa taxar de parciaes, é na verdade alimentar o desejo mais irrealizavel, que Deus podéra pôr no coração do homem. Por mais que o auctor trabalhe e se definhe, é para nós fóra de duvida que as naturaes tendencias e affeições hão de por força transluzir no seu modo d'escrever; e que em vista d'isto o unico meio, que ha de o fazer quando se tracta d'historiar factos coevos, é resignar-se a deixar fallar tanto o coração como a cabeça; declarar franca e lealmente a sua opinião, e regrando a frase por ella, dizer ao leitor que decida do resto. N'este suposto, pois, declararmos que a nossa é de que damos mais pelos homens do que pelas doutrinas; e que confiando mais nas boas intenções que nas boas leis, antes forcejaremos por ser governados por homens bons, do que por codigos liberrimos—com tanto que os ministros desejem de coração a liberdade, os codigos, temos para nós, que todos ellos a podem garantir. A haver abusos na organização do paiz, antes queremos que venham debaixo do que de cima:—o melhor seria que não viessem de parte nenhuma, e que esse quasi sempre desencontrado triangulo politico—o povo—o codigo—e o ministerio—se organizasse de forma que o resultado fosse o liberdade moderada, regrada e compassadamente progressiva; mas toda a vez que a necessidade nos forçar a optar por algum dos dous extremos, antes queremos ter d'escrever para a povo a pedir ordem, do que para os ministros a supplicar cle-

mencia. No ministerio de 6 d'outubro vimos, porque assim se nos afigurou, o infalivel precursor do dos Cabraes, e n'este a completa ruina da liberdade nacional: Eis ahi em resumo o nosso credo politico: agora passemos a outro assumpto.

Como foi que nós confeccionamos este escripto? Lendo, e relendo o Livro-Azul, o Diario do Governo, a Curta Exposição, os Periodicos da Junta; em fim, tudo que por uma e outra parte se escreveu ou comentou; e do resultado compondo este volume, que, por não ficar reduzido á condição de mero elenco, afeiçoamos ao molde d'obra historica, dando-lhe um seguimento e connexão, que se não encontra nos Jornaes.

Talvez que nos accussem de termos mandado para as notas muitas cousas que ou não havia absolutamente precisão de serem escriptas, ou havel-a antes o deviam ser no texto que nas notas; porém a isso respondemos nós que não querendo ommittir nada do que podesse concorrer para a apreciação, quer politica, quer filosofica dos acontecimentos; e reconhecendo que tão inconveniente seria deixar de relatar certos factos importantes, como enredar por sua causa a noticia de outros de que não nos podiamos dispensar de dizer alguma cousa no contexto, antes quizemos dar á nossa obra a duplicada natureza de *Chronica* e *Historia*, considerando as notas como *Chronica*, e o texto como *Historia*, do que privale absolutamente d'essa parte illustrativa; de que não convinha despojal-a.

O que observamos a respeito de taes ou taes acontecimentos politicos, e com especialidade no concernente a negociações diplomaticas, não quer dizer que tenhamos a louca presumpção de querer fazer passar a nossa opinião por infalivel; mas simplesmente que fazendo-a conhecida do leitor, o quizemos habilitar para mais facilmente a poder cotejar com a sua. De resto, se ha cousa, em que requeiramos as honras d'infaliveis, é só na descripção puramente historica d'aquillo de que nós mesmos fomos testemunhas oculares; porque n'isso não admittimos que ninguem nos conteste a veracidade—temos a consciencia de o ter relatado com a mais escrupulosa exactidão: o mais pertence ao leitor commental-o conforme

lhe parecer, e a nós insistir ou mudar de opinião, segundo as razões que se nos offercerem.

Dito isto, temos concluido o nosso prologo: as irregularidades e imperfeições são a consequencia necessaria de todo o genero de trabalho, e as paixões as companheiras inseparaveis do coração humano.

bibRIA



the person, or a not insular in opinion, regarding the
 taxes that are levied on them.
 - It is also, among countries and nations, to be
 ridados e impozições são a consequência necessária de todo
 o governo de trabalho, e as paizes as companhias inspara-
 va do coraço humano.

bibRIA



CAPITULO I

Retrospecto politico—Surpresa de 6 d'Outubro—O Duque da Terceira vai ao Porto, e é preso no Castello da Foz—Organisa-se a Junta

Se propondo-nos escrever a historia da ultima revolução de Portugal, nos contestassemos d'entrar de salto na descripção de seus successos sem mais ou menos a enlear com o passado, é claro que abreviando bastante a nossa obra, pelo muito que lhe suprimiriamos do preterito, alguma cousa por esse lado a melhorariamos de conciza; mas tambem por outro a estragariamos na clareza, attenta a desanexação, em que ficavam as causas dos effeitos, e obscuridade, que em consequencia resultaria d'esse modo d'escrever.

Convencidos, pois, da necessidade d'alinhavar um retrospecto, remontemos a alguma epocha mais remota, e tomemos por ponto de partida o anno de 1828. Todos sabem que já durante a emigração d'esse anno, os liberaes começaram a dividir-se em dous partidos, de que um se chamara *progressista*, tomando o Duque de Saldanha por seu chefe, e o outro *conservador* ou *moderado*, servindo-se de D. Pedro como centro. Tanto um como outro armavam mais ou menos ao poder, cada um conforme a situação em que se achava colocado, lisongeando-se o segundo de o escallar immediatamente pelo palacio, entretanto que o primeiro se contentava de o rastrear mais de longe pelas massas. E com quanto ambos se prezassem das honras d'illustrados, o que nós não sabemos decidir é se com igual direito se podiam vangloriar das de verdadei-

ramente nacionaes, porque ainda que a parte mais sensata da nação os apoiasse, a outra, que é sempre a que fórma as grandes maiorias, ainda a esse tempo não tinha entrado no gremio liberal, e só quando alguém lhe acenava com a bandeira *azul-escarlata* é que dava signaes de ver as cores: a não ser isso, a sua somnolencia era profunda, e como de quem hybernava para a politica.

No partido conservador figuravam, por assim dizer, os decanos da ordem, que, mais maduros, mais pensados, e mais expertos do passado, não se deixavam já fascinar pelas ideias de perfectibilidade platonica, nem os seduziam os lindos sonhos da liberdade juvenil; mas que por isso mesmo menos puros, menos crentes, e menos cheios d'amor e de vida patriótica, tambem já pouco podiam offerecer a seus concidadãos uns restos da fugaz energia d'outros tempos, hoje gasta para a gerencia dos negocios. No outro aglomeravam-se as intelligencias viçosas, os corações abertos á esperanza, os talentos juvenis de todas as ordens, a parte maxima dos fogosos, em fim, aquella porção ainda inexperta da familia liberal, que, apoiada no voto das massas, grangeado á custa de muita exa. geração e utopia, ou por ambição se encaminhava por aquella estrada a grandes feitos, da mesma sorte que por ahi se tinham dirigido os *Mirabeaus* e os *Perriers*; ou depositando uma verdadeira fé na religião de seus principios, conscienciosamente aspirava a empolgar as redeas do governo, para de repente costumar a nação á liberdade.

Convencidos porem um e outro de que sem o seu auxilio nada se podia fazer a bem da causa publica, o mesmo era tratar um de justificar o seu programma, que vê-lo logo apodado d'anarchista ou de retrógrado pelo outro. N'isto decorreram quasi dous annos d'acrimoniosa discussão, até que a revolução de 9 de Setembro, que em certo modo veio resolver esse debate, deu logar a que o hoje Conde de Thomar, e então juiz de direito de S. Miguel, tão violento appareceu por essa occasião, pela primeira vez, na scena publica, que não seria muito facil conjecturar como das encontradas exaggerações d'este estadista, se devesse seguir, antes do curto espaço

de dez annos, uma das mais espantosas reacções revolucionarias, de que talvez tenham de dar noticia as nossas chronicas. Sem embargo isto foi o que todo Portugal presenceou, e nom nos parece necessario entrar na analyse dos factos para podermos asseverar com o manifesto da Junta de 8 de dezembro (Vid. Doc. n.º 1) «que durante o dolorosissimo periodo «da administração d'aquelle ministro, a nação vira lentamente minar o systema representativo; quebrar uma por uma as «garantias individuaes; e acabar por destruir inteiramente a «liberdade civil depois de haver anniquilado a liberdade politica.» Sofismou-se a carta nas suas disposições mais claras: creou-se uma especie de systema d'inconfidencias; estabeleu-se a doutrina do exclusivismo; cerceou-se a principio o direito de voto, e depois substituiu-se-lhe o da força; as bayonetas succederam ás listas; o patronato excluio merito; no gabinete abria-se almoeda aos cargos publicos; na praça gritava-se quem mais dava; ria-se do crime e do vicio; o cinismo tornou-se a escola do dia; a probidade e inteireza passavam por bobices peões; aglomeraram-se capitaes em Lisboa, mas exaurio-se até o ultimo maravedi das provincias; e concertando-se por ultimo um systema tributario d'excellente concepção financeira; mas que na pratica se prestava ás mais espantosas exactões fiscaes, o povo que por um lado via escapar-se-lhe a segurança e os bens, e por outro não podia encarar sem enojo que assim se escarnecesse de tanto direito sagrado, resolvendo ultimamente appellar para a força, decidiu concluir pelas armas, o que até alli lhe tinham vedado alcançar pela urna. As eleições de 1845, e em seguida as duas leis de Saude Publica, Contribuição de Repartição foram os tres grandes motores electricos, que excitaram a massa geral da nação, e primeiro que tudo a do Minho, a soltar um grito de exasperação tão agudo, como até então se não tinha escutado outro entre nós. Bradou-se de toda a parte, *morrão os Cabraes!* queimaram-se as chamadas *papeletas da ladroeira*; (1) e substituindo-se as

(1) Esta era a denominação, que o povo do Minho dava aos bilhetes, ou conhecimentos de decima, que segundo a lei

authoridades cúmplices, ou pelos menos suspeitas do cumplicidade nos erros do ministerio, por outras que merecessem a confiança publica, o povo persuadia-se ter feito bastante para a sua voz ser escutada em Lisboa. Não diremos agora se o echo tardou a chegar, uem que causas concorreram para não ser ouvido mais cedo; mas é certo que entre os primeiros gri-

de Contribuição de Repartição, deviam ser distribuidos aos proprietarios, para os encherem com as declarações, e confrontações de suas respectivas propriedades. Logo que o povo em massa chegava a qualquer aldeia ou pequena villa d'aquella provincia, o seu primeiro cuidado era chamar o regedor ou administrador do concelho, obrigar-o a apresentar aquelles papéis, e fazendo d'elles uma grande fogueira, cercal-a como em noite de S. João, ao som dos gritos de *morram os Cabraes! morra o ministerio! viva Sua Magestade a Rainha!* A isto seguia se regularmente a exoneração, e substituição da authority respectiva; tocava-se a rebate o sino da freguezia; disparavam-se alguns tiros ao ar; e se por infelicidade a tropa que estava perto, ou que era avisada do caminho que seguiam as turbas, vinha apanhal-os n'aquelle innocente divertimento, os que desgraçadamente acontecia serem collidos, eram logo cozidos ás bayonetadas, ou por maior brevidade atravessados de meia duzia de ballas; entretanto que os outros desapareciam como relampagos para voltar a reunir se no dia seguinte. Sítios houve aonde o povo ousou com effeito fazer caras á tropa; mas os casos d'esta natureza são tão escassos, que não podem constituir o característico da revolução do Minho, Amarante, Pico, Braga, e Barca foi aonde a resistencia se mostrou mais tenaz; mas assim mesmo sempre desorganizada, e por via de regra na proporção d'um soldado contra oito ou nove do povo. O que originou a queda do ministerio não foi tanto a força das ballas, como verdadeiramente a da opinião: o exercito foi constitucional sem o saber, e cedeu em presença d'uma manifestação a que ninguem podia oppor obstaculo desde que tres milhões de bocas gritavam *morra!* como havia de um cominho d'ellas responder *viva?!...*

tos d'alarme, dados na provincia do Minho, e a reunião do conselho d'estado, que obrigou Costa Cabral e seu irmão José Bernardo a embarcar-se a bordo do brigue *Cisce*, medeou quasi o espaço de setenta dias durante os quaes o sangue portuguez correu a rojos. A final porem escutou-se, e á lastimosa administração dos Cabraes, o Paço fez succeder outra de muita nacionalidade, que o Duque de Palmella foi encarregado de organizar. Este homem era o apontado pela situação para salvar a causa do paiz; e ainda que a muitos respeitos não correspondesse inteiramente á anxiedade geral, a nossa opinião é que mais se deve isso attribuir ao intempestivo de algumas exigencias, que se lhe fizeram, do que mesmo ao pouco acerto de suas medidas, no modo de encaminhar as cousas do governo. A revolução tinha apenas feito tres pedidos, e tudo que foi exceder este mandato, foi mentir em seu nome ao chefe do estado. Nós andamos em meio das massas; vimos-as muitas vezes proceder aos seus *autos de fé politica*: escutamos o seu grito de guerra, e não nos lembra que da boca de nenhum popular sahisse nunca a voz de *viva o Decreto de 10 Fevereiro!* nem *morrão os das eleições indirectas!*—*Nada de Cabraes no governo! nada de lei Saude de Publical nada de Contribuição de Repartição!* tal era o grito unisono do Minho, e tal o echo que por toda a parte se repercutio, em quanto que outras intelligencias mais subidas, mas por isso mesmo menos valiosas no calculo das combinações numericas, não trataram de fazer convergir em beneficio de tal ou tal bandeira politica, o que a principio não tinha sido senão uma manifestação d'execração indistincta contra as avanias dos dous Cabraes. N'isto ao menos fallou verdade a proclamação do Ministerio de 6 de Outubro, e esse é talvez o unico ponto, em que a necessidade de fascinar a opinião publica, o não forçou a alterar a evidencia dos factos. Mas com dizermos que o que alli se affirma é exacto, não queremos dizer que os que depois se arrogaram o direito de fallar á corôa em nome do povo, o não fizessem exactamente como nós o teriamos feito no seu lugar, ou talvez em termos ainda menos precizos: o que dizemos é que a multiplicidade das exigencias trouxe em resulta,

do a difficuldade das concessões, e que se o que depois se disse á nação, para justificar a surpresa de 6 de Outubro, não fosse um arraseado tão tosco, que até aos menos atilados parecia farça, talvez debalde seria clamar pelas massas que acudissem á derogação do decreto de 10 de fevereiro, que o mais natural era ouvil-as responder que os Cabraes estavam fóra, e que a sua unica faisca d'incendio revolucionario era essa.

Deixando porem d'insistir n'este ponto, que mais deve servir para assumpto de discussões politicas do que para atar o fio da nossa historia, vejamos o que se seguiu á organização ministerial de que Palmella acceitára o encargo.

Postas as cousas em via de governo, a imprensa progressista começou de multiplicar as exigencias, e o ministerio de ceder gradualmente a quanto se exigia d'elle: porque nem aquella podia deixar d'aproveitar a situação para a tornar sua, nem este tinha forças de resistir á influencia d'una revolução, que supposto não tivesse ainda o seu pensamento politico assaz definido, demonstrava contudo querer caminhar no sentido inverso de quanto se tinha praticado até alli.

Nós visto isto e não nos admirou; mas aos que estavam mais acima não lhes aconteceu o mesmo, e encarando a questão por outro lado, o resultado foi começarem de se apossar de terrores politicos, vendo em cada artigo de Jornal, ou programma de commissão eleitoral, em que se representava a necessidade de reformar a Carta, ou de alterar a lei eleitoral, uma pedra do edificio social alluida, ou um pranchão do throno prestes a desabar. (1)

(1) Entre as varias medidas adoptadas pela administração Palmella para consolidar a liberdade do paiz, uma d'ellas foi a reforma da lei eleitoral, que na verdade carecia das mais radicaes alterações. Infelizmente porem a commissão encarregada d'este trabalho, não consignou n'elle uma de suas mais importantes previsões, e em consequencia a sua obra ficou encolhida. Em vez de declarar que cada circulo elegeria um deputado, como hoje está demonstrado ser o mais conveniente a boa representação nacional, conservou a antiga divisão eleito-

Se viam bem ou se mal não é isso o de que nos occuparemos, agora, não só porque não fica ao nosso proposito, mas mesmo porque nos obrigaría a erguer muito o pescoço para podermos encarar fito a fito a questão; e por tanto sô diremos, que desterrados os dous Cabraes, e reduzidos seus sequazes á condição d'acephalos politicos, sendo o Duque de Saldanha instantemente solicitado para aceitar a vara da directoria, ao cabo de leves contestações sobre restituir ou não restituir em globo todos os empregados exonerados pelo ministerio Palmella; governar dictatorialmente ou com côrtes, e eleger novas camaras, ou convocar as dissolvidas; ficando afinal decidida a questão pela afirmativa de que o Duque se peria á testa do desmantellado partido cartista com a simples condição de que os Cabraes seriam excluidos do poder, como victimas indispensaveis á sagração dos novos apóstolos, seguiu-se a isto tractar de preparar elementos para revolução, e dispor as cousas para a surpresa de 6 d'Outubro; esperando se que á sombra do nome do Duque, e de meia duzia de palavras, bem ou mal combinadas n'uma proclamação do palacio, se conseguiria fazer resurgir um novo partido moderado das dispersas cinzas do velho. Esta idéa afagava com effeito a ambição; mas ia muito d'encontro á verdade: um cadaver, a

ral de 1838, de sorte que o que por um lado quiz atalhar com o abatimento do censo, e systema directo d'eleição, to-lheu-o por outro com o defeito das *fornadas*. Fallando nós n'isto a um dos membros d'aquella commissão, disse-nos que tambem esta era a sua opinião, mas qua alguns de seus collegas tinham divergido, e que segundo elles o entendiam, uma camara eleita d'essa sorte viria a ser *composta de deputados de campanario*. Esta coarctada é miseravel, e quem quer que foi que a apresentou não fez senão revelar desgraçadamente a sua impopularidade.—Quem não tem um campanario que o eleja, nem um amigo que lhe ceda o seu, nem o nome que lhe dê direito a pedil-o á nação, é um homem muito pobre de notabilidade para que mereça alterar-se por sua causa uma lei eleitoral.

que a gangrena estragava as visceras, não se lhe diz como Christo dissera a Lazaro, *pega do teu leito e caminha!* — é preciso preparar as cousas de longe, para que a politica não exija um milagre.

Sem embargo o pensamento adoptou-se, e o Duque accoitou a responsabilidade da tentativa. Se o fez logo desde o principio com a idéa de representar o papel de Monk, ou se só foi levado a isso por um inesperado concurso de circumstancias que o collocou n'essa necessidade, é o que o escriptor politico talvez mui facilmente poderia decidir; mas que o historiador não deve dar por provado.

O que se sabe é que toda a vez que se lhe offereceu occasião de exaltar Costa Cabral, ninguem a aproveitou mais gostoso do que elle, nem houve membro do ministerio que tanto estendesse a mão ao leproso, como aquelle que mais tinha protestado esconder-lha. Dizer-se inimigo politico d'um individuo, ou pelo menos estigmatizador de seus actos, e nomeal-o ao mesmo tempo nosso encarregado de negocios, n'uma das mais importantes côrtes da Europa, é na verdade praticar uma anomalia politica, de que muito difficilmente o Duque se pode salvar. (1)

Seja porem como for, o que é certo é que desde que Saldanha se promptificou a servir de chefe, não houve meio, que o partido vencido não adoptasse, para de novo se apossahorear do poder. Aos timidos fazia-se persuadir que a corôa corria risco se as cousas continuassem como iam; no palacio intrigava-se contra a administração Palmella: citavam-se os programmas eleitoraes de Coimbra e Lisboa, como provas das mais subversivas intenções revolucionarias; agitavam-se os animos com a idéa d'um horroroso futuro politico; aba-

(1) Por honra do ministerio de 6 de outubro, somos obrigados a declarar que a nomeação do conde de Thomar para encarregado de negocios em Hespanha, é obra exclusiva do duque de Saldanha: os outros ministros não tiveram conhecimento do facto senão depois de lavrado o decreto, e quando já não havia a oppor-lhe difficuldades,

nava-se a alavanca da agiotagem com a promessa de melhores garantias; e em summa concluia-se dando tudo por tão bem disposto, que segundo o dizer dos que mais de dentro andavam no manejo, não havia senão mudar o scenario em Lisboa, e enviar participação telegraphica para as provincias, para que todo o reino corresse a victoriar os novos ministros.

Em vista d'isto, e achando-se prevenida d'antemão a tropa da capital, o duque de Palmella foi chamado ao paço na noite de 6 de outubro; disse-se-lhe que estava resolvido mudar a administração, o que importava por tanto proceder d'essa conformidade: — o duque contestou que não havia senão a lavrar os decretos, e que alli o encontraria Sua Magestade sempre disposto a executar as suas reaes ordens; porem como a isto alguém respondesse que já se achavam lavrados, parece que ressentindo-se um pouco da anticipação, significára então o desejo d'escrever á duqueza para a assegurar de que não estivesse em cuidados por elle; mas conta-se que isso mesmo lhe fôra prohibido, dizendo-se-lhe que por outra parte se faria o aviso. A este tempo entrava o conde de Bomfim, que bem como elle tinha recebido ordem de comparecer, e como visse que se fallava em demissão de ministerio, parece que querendo retirar immediatamente para Lisboa, o camarista de semana lh'o estorvara, dizendo que não havia licença de sahir, em quanto Sua Magestade não resolvesse o contraio. O resto passou-se como todos sabem: aos antigos commandantes deu-se ordem d'irem tomar conta de seus respectivos corpos; tomaram-se as providencias necessarias para obstar á sublevação nas provincias; suspenderam-se as garantias individuaes e de liberdade d'imprensa; dissolveu-se o parlamento: enviaram-se commissarios para diversas partes do reino; e o ministerio acabou por se dirigir á nação, em fórma de proclamação, em vez de o fazer, como é costume em semelhantes casos, por um simples programma de marcha governativa.

Lord Howard foi a quem tocou communicar este acontecimento para Londres, e tal é a clareza com que o faz na sua nota diplomatica de 8 de outubro, tanta a providencia

politica, que transluz em cada phrase d'aquelle escripto, que não podemos resistir ao dezejo d'aqui o copiar textualmente. «Esta mudança, diz elle, surpreheendeu quasi toda a gente. «Sabia-se que o Duque de Palmella trabalhava para tranferir o governo para as mãos do Marquez de Saldanha; (1) «mas tambem era certo que este ultimo não se sentindo com «forças para isso, vio que fariam d'elle um simples instrumen- «to para conseguir os fins do partido cabralista, por quem se- «ria depois sacrificado apenas lhe conviesse... E' muito de «lamentar que esta mudança fosse feita de modo que a sen- «sação geral que produz seja d'uma revolução militar. Na mi- «nha opinião este passo tinha sido desnecessario, por que o «paiz teria de boa vontade recebido o marquez de Saldanha «como ministro até as côrtes escolherem um governo. Para «uma revolução as medidas foram cautelosamente combinadas, «e até agora tem tido muito bom exito. Espera-se que o no- «me do marechal, junto á proclamação da Rainha, conserva- «rão o socego no paiz em geral, e realmente as medidas que «se tomaram de suspender as garantias individuaes, e a liber- «dade d'imprensa, excepto o Diario do Governo, contribuirão «muito por agora para evitar a agitação nas provincias; mas «entretanto considerando a pequena força militar de que o «governo pode dispor, e a facilidade com que os soldados po-

(1) Isto não é exacto. De tudo quanto se tem escripto a este respeito, a unica cousa que damos por certa é que o Duque teve noticia da surpresa de 6 de outubro 48 horas antes d'ella acontecer: o mais são embustes diplomaticos, com que se tem pertendido enredar a questão, mas que para se conhecer quanto são falsos, não é preciso senão saber que poucos momentos antes de Palmella ser informado das intenções do Paço, Saldanha escrevia a uma alta personagem, dizendo-lhe que *se aiada não feito a communicação ao Duque a não fizesse porque isso seria talvez o mais seguro*; mas a pessoa a quem isto se escrevia respondeu que o aviso já vinha tar- do, porem que não houvesse receio, porque o Duque tinha pro- mettido guardar segredo até da propria Duqueza.

«dem ser aliciados pelo outro partido, é com grande incerteza que contemplo o futuro. Os elementos d'uma revolução d'um character perigoso para a Rainha já foram certamente creados, apesar de que os exércos do partido vencido não podem por agora ter bom resultado em Lisboa, mas não deixarão de trabalhar com bom exito para causar serios disturbios nas provincias. Confio que o marquez de Saldanha está animado do melhor espirito, e que se a desconfiança dos seus actos não contribuir para o privar d'obrar, francamente como ministro, conseguirá neutralisar grande parte da opposição; mas receio que a idéa d'elle se achar identificado com uma revolução cabralista se arreigue tão geralmente, em consequencia da face tão usual, que tomaram os acontecimentos ligados com a mudança de governo, que intentem levantar de repente contra elle o estandarte da rebellião sem lhe dar tempo para observação. Inclusa remetto a lista das principaes pessoas, acaloradas partidista dos Cabraes, que foram reintegradas pelo ministerio Saldanha. Infelizmente tenho sido chamado para formar um governo, e não encontrando alguem alheio ao partido cabralista que a elle se quizesse unir foi (pelo menos agora no principio) cahir-lhe nas mãos.» &c. &c. Este modo d'escrever é claro, preciso, repassado da indole dos acontecimentos, e maior de toda a excepção de partido: aqui não ha parcialidade, dolo, nem preponderancia de interesses; é um homem desapaixonado que falla, e que atira com a sua consciencia ao paquete. Tornemos ao que ficava de parte.

No dia immediato appareceu a seguinte organização ministerial—Duque de Saldanha encarregado da pasta da *Guer-ra*, e interinamente *Estrangeiros*; Visconde d'Oliveira nomeado para a do *Reino*, e tambem interinamente *Fazenda*; D. Manoel de Portugal e Castro, *Marinha*; e José Jacintho Valente Farinho, *Negocios Ecclesiasticos e de Justiça*. A isto seguiu-se passar o Duque da Terceira revista ás tropas no Terreiro do Paço, e no dia 8 embarcar para o Porto a bordo do vapor Mindello, em qualidade de lugar tenente de Sua Magestade nas provincias do norte, levando na sua companhia

algumas das principaes personagens, que o governo mandave substituir nos cargos administrativos e militares, os empregados da admiaistração Palmella; taes como Conde de Santa Maria para commandante da 3.^a divisão militar; Visconde de Valongo para o mesmo commando na 4.^a; Antonio Pereira dos Reis, em qualidade de secretario do Duque; Conde de Terena para governador civil do Porto; Francisco Manoel da Costa para o mesmo cargo em Vianna; coronel Barros não saber os em que commissão militar; e varios outros que mais ou menos conhecidos por seus precedentes politicos, todos gozavam a nota d'excessivamente affectas ao partido cabral.

Este passo foi inquestionavelmente um dos mais errados que deu o governo, e no nosso entender um dos que tambem mais concorreu para que o Minho se levantasse em massa. Sem termos a intenção d'offender ninguem, nem mesmo querendo substituir a tarefa de liberdade á d'historiadores, não podemos deixar de declarar que os nomes de Terceira, Barros, Terenas e outros foram os maiores excitantes que teve a revolução; e que se em vez de se mandarem para o Minho os mesmos individuos que ha pouco d'alli tinham sido escorraçados á voz de, *fóra Cabral!* se tivesse mandado outros, que ainda não fossem conhecidos n'aquella provincia, o ministerio teria obrado muito melhor. O povo conhece, e aborrece os Cabraes mais pelos seus empregados, e galopins d'eleições, do que mesmo pelas suas pessoas e côr politica: para elle o indicio de que elles estão senhores do poder, não é tanto o programma da administração, nem os mais ou menos concertados artigos dos jornaes politicos, nem este ou aquelle precedente de ministerio; como o nome de governador civil e administrador de concelho, o do escrivão e juiz de direito, o do thesoureiro e recebedor, e até o do proprio regedor e cabo de policia, que lá no seu bairro ou logarejo d'aldeia, costuma exercer as tropelias do ostilo. Foi por isso que logo que alguns d'estes nomes se annunciaram ninguem precisou de saber o que era—todos gritaram a uma voz, *estão connosco!*

Ao desembarque do Duque no Porto, que teve lugar por volta das quatro para as cinco horas da tarde do dia 9,

sucedeu logo um murmurio vago de como tinha havido revolução em Lisboa, e os Cabraes estavam senhores do poder. O povo corria espavorido pelas ruas, perguntando-se uns aos outros o que tinha sido, e como é que o Duque apparecia cercado de tanta gente enxotada; mas ninguem sabia dar novas do caso, e muito menos circumstanciar promenores. O que todos viam é que o poder tinha mudado de mãos, e que sendo evidentemente cabraes as que tinham apossado d'ello, importava correr ás armas para repellir a força com a força, e arcar hombro por hombro com os da nova lucta. A uma voz, que não sabemos dizer bem d'onde veio, mas que instantaneamente foi repetida por muitas duzias d'ellas, o povo agglomerou-se nas ruas; uns pediam que lhes dessem armas; outros corriam a tocar o sino a rebate; d'aqui se via um grupo que discutia o successo; d'acolá outro que já vinha armado; este appellidava por Passos; aquelle pelos Ferreiras Pintos; e todos andavam dominados d'uma unica idéa que era resistir a contra-revolução de Lisboa, porque ninguem duvidava que fosse cabral. N'este conflicto de cousas, José Passos que a principio ficára sorprezo, mas que em breve se revestira da sua conhecida energia, partindo de carroira a casa de Montenegro, major commandante da Municipal; de lá ao quartel d'este mesmo corpo; e d'alli ao regimento d'infanteria 6, dispostos os dous regimentos a fazerem causa commum com o povo, passou a reunir alguns da gente miuda, com que se foi direito a Villar, aonde o Duque se achava hospedado, em casa do velho conde de Terena (José) para de lá o conduzir outra vez ao Vapor, e fazer que reembareado voltasse a Lisboa.

Em quanto que isto se passava nas ruas, Terceira nada fazia em Villar que contrastasse os esforços dos sublevados; cheio da idéa de que o seu nome bastava para incutir respeito, cu talvez de que a um simples acêno do seu penacho a tropa accorreria a esmagar o motim, o seu unico cuidado foi hybernar a carthagineza, tratando refazer-se dos desconfortos do mar. Alem d'isso a cidade estava sem auctoridades, porque as que elle tinha trazido consigo não eram proprias para serenar o tumulto, e as outras já se não julgavam obrigadas a

sê-lo, de sorte que entregue a revolução a si mesma, e livre cada qual de fazer o que quiz, o incendio lavrou tão depressa, que quando o duque foi avisado de como em muitas partes se tocava a rebate, e o povo começava a alvorotar-se, ordenando elle ao Visconde d'Alcobaça que a titulo de guarda d'honra lhe mandasse collocar á porta uma força de cincoenta homens, a ordem já não pode ir a tempo de produzir effeito opportuno. (1) A's sete da noute com pequena differença

(1) A este respeito contaremos uma scena comica, que se passou entre o Visconde e o duque, e que por nos parecer d'um descriptivo soberano não pode deixar d'interessar o leitor. Sabendo o Visconde que se achava exonerado pelo governo de Lisboa do commando da 3.^a divisão militar, tinha ido visitar o Duque em trajes de particular, e havia pouco que este acabara de lhe estranhar nos termos mais desabridos aquella especie de demonstração descortez, quando alguém o veio avisar de que era preciso tomar medidas, porque o povo começava a alarmar-se; — *mande-me ahí collocar uma força*, disse então o Duque ao Visconde, mudando immediatamente de tom, e considerando-o já como um general de provincia, apesar d'ataviado á paizana.

— *Sou um commandante militar exonerado*, contestou aquelle encolhendo os hombros.

— *Não obsta*, acudiu o Duque, *auctoriso-o eu para que me mande buscar a força*.

— *Mas falta quem leve a ordem*, tornou o Visconde.

— *Ahí está um cabo da Municipal*.

— *E' corpo do Municipio; não posso dar ordens incompetentes...*

— *Mas lá se ouvem já os gritos do povo!!...* exclamou alguém, que tinha corrido a abrir as janellas.

— *Paciencia!* respondeu musulmanamente o Visconde.

— *Officie!*... redarguiu o Duque.

— *Como?... Aonde?... como quer v. ex.^a que eu officie se nem estou na secretaria, nem tenho aqui quem leve o officio?...*

appareceram com effeito uns trezentos do povo á porta do Conde, sendo José Passos e o doutor Rezende os primeiros que entraram na salla, e supposto não seja geralmente conhecido o que se passou entre elles e o Duque, o que é certo que é começando em baixo a parecer excessiva a demora, e espalhando-se o rumor de que Terceira recusava dar-se á prisão a titulo de não haver patente igual á sua que o prendesse, Antonio Navarro, que não lhe soffreu a paciencia esperar mais tempo, subindo acima escoltado apenas de seu irmão Jacintho, e mais uns sete ou oito, que ficaram na ante-salla, sem mais cerimonia endireitou com Terceira, e laconicamente lhe intimou que se dêsse á prisão, e não quizesse com uma resistencia inutil comprometter a segurança da sua pessoa. *Mas á ordem de quem devo eu dar-me por preso?* perguntou o Duque: *á do povo,* respondeu Navarro: *meia duzia de rotos que ahí estão em baixo,* replicou o Lugar-Tenente; *o bastante para repetir as scenas d'Alcantara,* acudiu o commissionado da revolução. A esta ultima coarctada, uma larga pincelada de cal embranqueceu os rostos de todos os circumstantes, e não houve ahí mais discutir senão tratar cada qual d'estudar o modo porque melhor se sahiria do aperto. Dos que estavam na salla, que seriam por volta de quarenta a cincoenta individuos entre militares e paisanos, uns cuidaram logo de procurar por onde evadir-se; a outros tomou-os a indecisão; e alguns houve que perguntaram com bastante coragem se a ordem se estendia a elles, e lhes competia acompanhar o Duque: a isto respon-

— *Vá v. ex.^a mesmo; parta immediatamente a trazer-nos tropa! . . .* O Visconde estudava ainda por onde illudir disciplinarmente esta ultima determinação do Duque, quando os gritos de *morra! . . . morra! . . .* á porta da rua, e a entrada immediata de José Passos na salla o vieram tirar do trabalho de dar tratos ao cerebro; eram pouco mais ou menos sete da noute e o colloquio acabava entre o Visconde e o Duque por uma interrupção laconica da mais singular novidade; *dê se v. ex.^a por preso, porque o povo deseja conduzil-o a bordo!*

deu Navarro que não, porque o povo só pedia a captura dos que tinham vindo de Lisboa, e em consequencia os outros em quem se não dava este caso cada qual se retirou por onde quiz, sem encontrar o menor obstaculo. O Duque desceu então escada abaixo; parou um momento ao chegar ao limiar da porta; estendeu uma vista d'olhos soberana sobre a multidão altanada; deu o braço direito a José Passos; e sendo acompanhado pelos Viscondes de Campanhã e Vallongo, Conde da Ponte de Santa Maria, tenente coronel Adrião Acacio, um seu ajudante d'ordens, e não sabemos uns quantos mais, igualmente desembarcados do Mindello, que a pequena distancia de casa se evadiram do meio do povo; seguiu caminho do Trem do Ouro, aonde o Vapor estava fundeado, e era intenção de José Passos fazel-o reembarcar para Lisboa. Ao chegarem porem alli, os botes demoraram-se em atracar, e como tanto o Duque como José Passos vissem que a demora começava a tornar-se perigosa, em consequencia da exaltação que se ia desenvolvendo nos animos, ambos elles resolveram continuar para a Foz, abandonando o projecto do embarque. A noite estava de chuva; um céu de chumbo pezava sobre as garimpas do Porto; ouvia se gritar *mata!... mata!...* sentia-se o rodar longiquo d'algumas seges que escapavam a galope; de toda a parte as torres davam o signal de rebate; e o caminhar tristonho do luctuoso sequito, umas vezes proseguindo em silencio ao lume incerto das vascas dos archotes, outras rompendo desconcertado em estrepitosa voseria de *morras!* á semelhança d'inexperada trovoadas que estala, e de repente faz baquear por terra o zimbório, bem podéra trazer á idéa do homem menos romantico a lembrança do que deveriam ser as pavorosas scenas da França de 1792, se não fôra, observar, que por um milagre do character nacional, as nossas não passavam d'uma simples manifestação de colera ruidosa, apenas aqui ou alli interrompida por algum mais praticamente manifestado desejo de violencia. Sem embargo aquella mesma foi tormentosa, e é lastima que do seio d'uma multidão tão heroica pudesse surgir a idéa d'um crime; o homem nunca tem o direito d'abusar da força para tirar a vida ao seu semelhante, ma-

ximè quando n'elle se não dá outro crime senão o de não ter a fortuna de pensar como nós. Que quer dizer, *matem porque não é nossa!*... ou *estripem porque andou contra nós!*... senão que o homem que se explica d'esta maneira nutre o desejo de matar ou estripar todas as vezes que se lhe proporciona occasião de o fazer sem perigo de incorrer na vindicta da lei? O panegyrista de Torquemada teria direito de vos taxar de inconsequentes se lhe lançasseis em rosto as polés e os cavaletes da Inquisição, porque a vossa intolerancia não val mais do que a sua: enviar um homem á fogueira porque duvida acreditar na união hyposthatica, ou querer que seja apaleado nas ruas porque não entende a lei eleitoral como nós, tudo é a mesma barbaridade de pensamento, que não difere senão no modo de applicar ao martyrologio. Os que em tempos de D. João 3.º pediam em altas vozes pelas ruas de Lisboa as cabeças de tres mil judeos, só pelo crime de não terem visto um milagre do Espirito Santo no reflexo do sol a dar por nma das janellas da Igreja de S. Domingos, não eram de certo mais deshumanos, nem tinham o entendimento mais lerdo do que os que hoje pedem echatombas politicas por motivos ainda menos poderosos. O fanatismo é sempre o mesmo de qualquer modo que se manifeste, e chamar-lhe politico ou religioso, é questão apenas de nome.

Insistimos de proposito sobre este assumpto, e mais de proposito o fizemoa tomando por thema um facto praticado pelos sequazes da Junta do Porto, para que quando lá ao diante tivermos d'estigmatizar outros perpetrados pelos sectarios do governo de Lisboa, não haja quem nos taxe de parciaes, dizendo que o espirito de partido nos cega a ponto de nos não deixar ver os desvios de nossos correligionarios politicos. Isto posto, é claro que tivemos em vista estabelecer precedente, e uma vez declarando o nosso d'aqui por diante formos severos sempre que o descomedimento revolucionario o exigir.

Chegados ao Trem do Ouro, e acordes, como dissemos, José Passos e o Duque em não retardar a marcha; a comitiva continuou seguindo pelo caminho do castello da Foz, aonde o governador do mesmo castello já se achava disp

esperal-os, em consequencia d'aviso que levára o doutor Rezende. Ahi porem a situação foi mais critica, porque tendo alguns, dos que mais inclinados se mostravam á violencia, tomado a dianteira do sequito para obstruirem a passagem do pontilhão, foi necessario que outros, dos que escoltavam os prezos, com maior cuidado se dessem tambem a resguardal-os; o que com effeito fizeram com tanto zelo, que umas vezes admoestando o povo com boas palavras, outras empregando a força para o desviar, e ora fazendo roda com os braços, ora encobrendo-os com os proprios corpos, assim os foram passando um e um para dentro da fortaleza, sem haver a lamentar senão alguns pequenos excessos em corporação do que era para recear da exaltação dos espiritos. (1)

No dia seguinte o socego começou a restabelecer-se, e José Passos fez annunciar por uma proclamação affixada nas esquinas das ruas que *os estrangeiros que habitavam o palacio tinham obrigado Sua Magestade a mudar d'administração, e que por isso era necessario correr ás armas para a libertar da coacção, em que se achava.*

O Duque de Saldanha adulterou depois este facto, querendo provar, apezar das participações tanto officiaes como particulares, que do Porto devia ter recebido, que a indole da revolução não fosse puramente politica, e assim o affirmou positivamente a Sir Southern, dizendo-lhe que no Porto se instalára uma Regencia Suprema, com o fim d'acclamar Pedro V e que e mesmo fizera o Marquez de Loulé em Coimbra,

(1) Dos muitos e muito distinctos cavalheiros, que se empenharam n'esta honrosa tarefa, os unicos nomes que nos lembram são os seguintes—José Passos; Custodie Teixeira; Almeida Penha; Doutor Rezende; os dous Navarros; irmãos Sousas Reis; João de Lima, e José de Lima; Martinho de Mello; Manuel Browne, e José Joaquim Gonçalves Basto.

Sentimos que os outros nos passassem da memoria, e que não nos seja possivel consignal-os mais especificadamente n'um facto de tamanho lustre, porque ninguem era tão digno coma elles de ver o seu nome estampado no nosso livro.

do que tudo tinha documentos em seu poder. Sir Southern a principio duvidou acreditar; mas a final sempre veio a cahir em que fosse verdade, e n'esse sentido officiou tanto para Londres como para o Almirante Parker, pedindo-lhe que mandasse reforçar a esquadra do Tejo, e se possivel fosse recolher áquelle porto o resto da que conservava em Cadix, porque assim o julgava preciso á segurança do throno da Rainha Fidelissima. Em quanto porém Saldanha assim se empenhava em Lisboa em predispôr os animos para que logo desde principio se fossem costumando á idéa de ser necessaria a intervenção estrangeira, José Passos estudava por outro lado no Porto o modo d'illudir essa necessidade, suppendo a Rainha coacta em logar de invectivar contra a Corôa, e creando em vez de Regencia uma Junta, com o fim de a libertar da supposta coacção revolucionaria. Os membros d'este corpo governativo foram—o *Conde das Antas*, a quem Passos destinou a presidencia—*Avila*, que elle encarregou da direcção dos negocios da Guerra—*Seabra* dos do Reino—*Almeida e Brito* dos da Justiça—e para si reservou o mesmo Passos a vice-presidencia, com a direcção dos da Fazenda e Estrangeiros. Alem d'estes tambem o Desembargador *Dias d'Oliveira*, e *Conde de Rezende* foram convidados a tomar assento na Junta; porém o primeiro recusou-se sob diversos pretextos, e o segundo ainda que tambem fez o mesmo, nem por isso deixou de prestar valiosos serviços á revolução, todas as vezes que se lhe proporcionou occasião de o fazer como militar.

Organizada a Junta, *Antas*, que dous dias depois chegara de Braga, fazendo reunir no Porto os regimentos espanhados pelas provincias do Minho, Beira, e Traz-os-Montes, (1) dividiu-o todo em Brigadas, e dando as mais providencias, que a situação reclamava, dispôz-se a marchar para Lisboa, conforme o pediam os interesses da revolução.

Aqui temos pois esboçado o primeiro periodo d'esta im-

(1) De Traz-os-Montes só veio o regimento d'infanteria 2, estacionado em Villa Real, e da Boira uma pequena parte de 9, destacada em Coimbra: o resto seguiu a causa do governo de Lisboa com o conde do Casal á sua frente.

portante quadra, e visto que nos não resta mais nada a dizer de quanto nos propozemos dar conta n'este capitulo, permitta o leitor que o fechemos com uma reflexão politica, que se nem em tudo fôr inteiramente applicavel ao caso presente, alguma cousa o poderá ser a outros muitos dos em que se podem achar envolvidos os Chefes de Estado. Não é prudente, ou diremos mais, não nos parece constitucionalmente licito, senão em casos muito especiaes, que se aventure uma mudança de administração sem consultar o voto do parlamento: ainda que se queira dizer que quando a Corôa nomeia ou demitte os seus ministros, o faz no livre exercicio d'uma prerogativa, que ninguem por conseguinte lhe pôde coarctar, o mais certo é que nunca o Chefe de Estado despreza esse unico baromethro politico, por onde afferir as sympathias ou antipathias dos mesmos ministros, sem se arriscar a contrariar diametralmente a opinião publica, e em consequencia transtornar a harmonia dos poderes, pelo indesculpavel desejo de querer converter em regalia da parte o que a lei estabelecera a beneficio do todo. O povo tambem tem o direito de petição, e depois do de petição o de revolta, para significar á Corôa o desejo por esta ou por aquella mudança d'administração, e contudo ninguem dirá que faz o que deve, se antes de procurar expressar-se pela urna, appellar logo para esse recurso, que só lhe pôde ser concedido quando tiver esgotado todos os outros. E' preciso que assim como em todos os poderes ha uma hyerarchia ou escala, que regula as sugeições respectivas, assim a haja tambem no exercicio dos direitos, porque do contrario o uso confunde-se com o abuso, e aquelle que começa por onde devia acabar, quasi sempre provoca a que se revoltem contra o seu modo de exercer attribuições.

O systema representativo é, como o descrevê o abbade Siayes, um grande circulo, composto de outros muitos circulos pequenos, a que o Chefe de Estado serve de centro, e todas as vozes que este alarga de mais, os outros são obrigados a deslocar-se; a circumferencia costuma estalar por algum lado; e raro é que d'este desencontrado combate de forças não venha a resultar o completo desconcerto da maquina.

CAPITULO II

Juizo ácerca dos membros da Junta—O grito da resistencia repete-se ao sul do reino—Casal desce de Traz-os-Montes, e os cartistas do Porto promettêm-lhe uma revolução na cidade; a revolução falha, e Casal é obrigado a contra-marchar—Sá da Bandeira segue-o com differença de 24 horas; dá-se a acção de Val-Passos, e os regimentos 3 e 15 dezer-tam—Mac-Donald apparece pela primeira vez em campo—Sá da Bandeira recolhe ao Porto.

Para bem ajuizar dos actos de qualquer corpo collectivo nada ha que tanto concorra como principiar por estudar a fundo o character de cada um de seus membros, por que o conhecimento que d'ahi resulta, habilitando-nos a decidir de certos promenores, que sem isso ignorariamos, e collocando-nos em circumstancias de melhor prescrutar os mysterios da vida íntima do mesmo corpo, dá-nos a medida de como devemos avaliar a externa. E comtudo muitos dirão que nada d'isto aproveita, porque para o modo de sentenciar da geração presente o mesmo importa ter que imputar a uma corporação que a um individuo; porém como por apoucada e mesquinha que seja qualquer obra, ninguem tem a certeza de que não chegue a ser julgada por melhores arbitrios, sempre a historia faz o seu dever, quando ao lado dos factos que relata, offerece os meios de distribuir imparcialmente a responsabilidade. Isto posto, principiemos por dizer alguma cousa a respeito dos membros da Junta, e seja o primeiro o Conde das Antas.

— O Conde das Antas nasceu e vive para a guerra: a natureza creou-o para general, e a fortuna não desmentio o predestinio da sorte. Favorecido sempre pela estima de seus

companheiros de armas, o imperador não o honrou menos com a sua. Ama o poder e gloria porque sabe que lhe pertencem; mas não é homem a quem a ambição fascine a ponto de lhe vendar os olhos, nem que deixe de consultar o horoscopo do dia seguinte todas as vezes que tem d'emprehender algum feito distincto — se a sua estrella passou entre nuvens, o que tinha a fazer suspendeu-o. Com summo ingenho e talento de organizar exercitos, ninguem melhor do que elle sabe attrahir a affeição do soldado, nem conciliar o respeito do chefe. Para soccorrer o inimigo vencido, que lhe pede treguas, jamais deixou de se curvar até o chão para lhe estender o braço; porém se um ferro contrario se cruza com o seu, o golpe, que então descarrega é tremendo! Dotado da mais invejavel precisão d'estilo, a sua dicção, ainda que nem sempre correcta, jamais deixou de ser vehemente: falla pouco mais ou menos como escreve; é por via de regra affavel no tracto, ainda que em muitas occasiões se possa taxar d'insoffrido; e considerado como membro de qualquer corpo collectivo, o seu voto é sempre de muito pezo; supposto que mais costumado a vencer do que a discutir, algums vezes se esqueça de medir a differença que vai do gabinete ao reducto, decidindo tão summariamente as questões como ordenaria um assalto, sem muito se dar ao trabalho de reflectir que se ha homens que Deus destinou para a obediencia passiva, a outros a natureza creára para o uso da intelligencia e vontade. Isto não obstante, Antas discrimina perfeitamente as oppportunidades; amalda-se ao que as circumstancias exigem d'elle; não cede senão oppportunamente aos fogachos do temperamento; e por o dizer em poucas palavras, no homem em quem até hoje ninguem tinha visto senão uma especie de Ney ou Murat, vimos nós depois dos acontecimentos d'outubro, um dos mais consumados politicos, que talvez tenha conhecido este reino.

A Junta considerou-o sempre como seu chefe, da mesma sorte que o escolhera para seu presidente; e ainda que a sua espada algumas vezes pezasse demais na balança, tal era o acerto de sua opinião, tanta a valia de seus serviços, e por todos tão geralmente reconhecida a sua decisão e energia, que

a ninguem deixava direito de protestar contra uma tão justificada ascendencia.

José Passos. Verdadeiro gigante da idade presente, José Passos é uma especie d'Hercules Farnesio, a quem o estuario deixou algumas proporções acanhadas. Grande como revolucionario, grande como politico, grande como financeiro, grande como estadista; porque é que esse homem, que quasi topeta com as nuvens, se encolhe ás vezes a ponto que parece que descae la do alto, para vir depenicar a ervinha, que nasce á raiz dos cabeços!... Acaso a aguia dos Alpes precisa o alimento do verme para mais nobre expander as azas no espaço!... Que quer dizer esse sestro de desdenhar de tudo, e de todos, da acção grande como da pequena, do amigo como do inimigo, senão que a natureza que o creara colosso, nem sempre quiz que nos afagasse a sua sombra!... Costumado a olhar para tudo *a vista de passaro*, o seu modo de considerar os homens é como de mathematico que percorre as cifras, para ver qual melhor lhe ajusta no calculo: apenas acertada a somma, a loisa põe-se de parte; os algarismos apagam-se; atira-se com a esponja fóra; e o que unicamente ha ahí a saber e se no dia seguinte se carecerá dos mesmos, porque de contrario os que hoje produziram mil, amanhã não tem o valor de dez.

Com uma generosidade proverbial; humano a não ser possivel ser mais; e prompto até esquecer-se de quem o apunhalava pelas costas, jamais descarregou golpe duro, nem consta que folgasse d'estender o contrario a seus pés; mas muitas vezes se apraz em dar picadelas d'agulha, e ver como o sangue corre ás pinguinhas, á maneira de brucha encolhida, que se diverte em ir defecando a pouco e pouco o menino. Sem embargo foi n'elle que a Junta encontrou sempre o seu mais firme esteio; a ninguem cedeu a palma d'actividade; descobriu o segredo de converter as pedras em ouro; viram-no em toda a criso impassivel, e a coragem, com que soube sustentar a dignidade nacional, depois que tres poderosas nações se conspiraram a abatel-a, e quando a sorte por consequente já lhe não podia offerer senão algum desengano

tunesto da inconstancia das affeições populares, são para elle titulos de tão esclarecida gloria, que ninguem, sejam quaesquer que forem as suas convicções politicas, lhe pôde negar sem a mais flagrante injustiça, as honras do meretissimo cidadão portuguez.

— Avila. Encarregado da direcção dos negocios da guerra, a maneira activa, intelligente, e sisuda, com que Avila se conduziu no desempenho d'aquelle cargo, prova que a sua capacidade é summamente superior aos outros de que até hoje tem sido encarregado na sociedade politica, e que se um dia a sorte o elevar a mais altos destinos, a nação não terá de arrepende-se d'haver feito conhecer o seu merito. Cheio d'affabilidade e boas maneiras; summamente amigo de fazer justiça; prompto a galardoar todo o bom serviço; mas prompto ainda a escutar um conselho; corajoso como aquelles que o são; e infatigavel no expediente das obrigações a seu cargo, Avila reúne um tão distincto complexo d'excellentes qualidades que ninguem deixa de lucrar em o tratar de perto, e poucos são os que o fazem sem ficar seus affeicoados. Alem d'isso o seu modo de tratar com os inferiores é aberto e rasgado, ao mesmo tempo que um tanto izento ou soberano com os seus chefes, e isto que para muitos será talvez prova de condição orgulhosa, para nós constitue um de seus principaes merecimentos. Se a tanto predicado de completo varão reunisse um pouco mais de suspiciosa perspicacidade, para se não deixar fascinar pelas apparencias do merito, nem consentir que certas intelligencias rasteiras se atrevessem a alimentar o desejo de dominar a sua, de certo que nada lhe faltaria para o collocarmos ao lado de nossas principaes notabilidades politicas, e talvez ainda um dia ao nivel de nossos melhores generacs. A situação, porém, em que se achou collocado durante o governo da Junta, e principalmente depois que Antas recolheu ao Porto, não lhe dando occasião de desenvolver toda a sua energia, o mais que pôde fazer foi mostrar pelo modo porque excedeu as ordens, que lhe vinham de cima, que assim como n'isso se soube conduzir com intelligencia e acerto, o mesmo lhe aconteceria se em vez de sugar a sua vontade

à alheia, as circumstancias lhe tivessem permittido impôr aos outros a propria.

— Seabra. Dotado d'uma fisionomia expressiva, e summamente rasgado nos modos, Seabra merece a estima de todos pela summa decisão e firmeza de suas relações d'amizade. Franco e leal no seu proceder, sabe comtudo manejar perfeitamente a sciencia politica; não inveja talentos, nem erudição a ninguem; sustenta com dignidade o seu posto; deseja sempre recompensar o merito; odeia a intelerancia politica; anima-o e espirito da liberdade, supposto que reconheça que até n'isto pôde haver demasia; e por dizer em resumo o muito que podera-mos escrever em seu elogio, nenhum dezar achariamos n'este distincto membro da magistratura portugueza, se não fosse uma certa percipitação de vontade, que ás vezes o levá a anticipar as épochas, fazendo que do que amanhã colhêra bons fructos, não colha hoje senão espinhos. A sorte tem-lhe sido sempre contraria; e já que muitos o julgam pelo mau exito de suas lidas, não sejamos nós tão injustos com elle que não queiramos reconhecer com o celebre poeta Byron, que a primeira e mais essencial condição para formar um bom estadista é principiar por lhe dar em estreia a fortuna.

No concernente porém ao modo porque se conduzio a respeito dos negocios da Junta, não haveria mnito por onde o louvar de decisivo e energico se se tomasse como indicio de tibiez, ou frouxidão de caracter, a facilidade com que se deixava usurpar: Avila despojou-o d'uma parte de sua jurisdicção; Antas usurpou-lhe outra parte, e se os mais mais não fizeram o mesmo, não foi de certo porque Seabra se preparasse para a resistencia, mas simplesmente porque a nenhum d'elles acudio semelhante idéa ao espirito. Sem embargo bem pôde ser que o que á primeira vista parece desleixo, não fosse n'elle senão sensatez, e que vende elle que o exito da revolução não dependia tanto dos nomes como das cousas, se resolvesse a tranzigir com os caprichos de seus collegas, ainda mesmo a preço d'alguma pequena quebra na dignidade propria. Se assim foi, a sua obrigação em tal caso é mais um de seus muitos predicados louvaveis; e nem nós nos inclinaria-

mos a acreditar que quem tanta actividade e esforço mostrou em outras cousas, podesse n'esta peccar por indolencia ou incuria. Tirado d'ahi tudo que lhe deixaram ou pôde fazer a bem da causa da Junta, fel-o sempre com intelligencia e acerto; lidou em que a marcha administrativa corresse a contento dos povos; nunca por seu voto se nomeou authoridade que não merecesse a confiança publica, chegando mesmo algumas vezes, por bem da harmonia politica, a sacrificar o seu nome a certas escolhas d'empregados, que não honravam muito o systema; e o que por tanto podemos concluir de tudo isto é que sendo Seabra um homem, em que se acham reunidas as mais distinctas qualidades de magistrado e d'estadista, o que importa é que em identidade de circumstancias não deixe de reclamar a ascendencia, que tão reconhecidamente lhe pertence.

— Almeida e Brito. De todos os membros da Junta, Almeida e Brito era o que menos tinha em manifestar o seu merito pela quasi nullidade dos negocios da repartição a seu cargo; porem a sua capacidade era tão geralmente reconhecida que ninguem tinha a menor duvida de que só por falta d'objecto, em que a empregar, deixava de patentear o muito para que podiam servir seus talentos. Dotado d'extrema bondade, e docilidade de character; animado de espirito conciliador; eximio no talento forense, e eminentemente versado em todo o genero de litteratura, o que unicamente lhe falta para o podermos considerar ao nivel de qualquer situação trabalhosa é saber-se revestir de certa valentia moral, que as circumstancias difficeis reclamam; porque nem sempre o vimos tão superior aos revezes como o exige a condição dos que acceitam grandes responsabilidades: a natureza, porém, que a cada individue creára para sua cousa, e a ninguem fez adaptado para todas, parece que a elle o não creára para revolucionario, nem quiz que o homem que é Cicero no tôle, fosse ao mesmo tempo Bruto nas praças. Sem embargo a Junta escutou-o sempre com gosto, todas as vezes que a bonança politica lhe permittio emmittir a sua opinião; ninguem d'elle se pôde dizer aggravado; a sua ambição limitava-se a que tudo marchasse

em ordem; e para que alguma cousa haja por onde o possu-
mos collocar ainda acima de seus collegas, bastara dizer que
se algum houve que desinteressadamente se sacrificasse ao
paiz, foi de certo aquelle, que accitando todos os precalsos
da revolução, não esperava d'ella senão que tranquillamente
o deixasse voltar ao escriptorio.

— Justino Ferreira. Animado dos mesmos desejos de
seus collegas; prompto a acudir aonde a situação o chamava;
e trabalhador quanto as circumstancias lhe permittiam sê-lo,
Justino Ferreira não se mostrou inferior ao cargo que lhe te-
cou em sorte, a não ser que algumas vezes o vimos tão anu-
veado pelos vapores do poder, que se nos figurou não descri-
minava perfeitamente a muita differença que vae do ministro
e secretario d'estado de Santo Ildeffonso ou S. James ao eph-
mero funcionario publico de qualquer repartição revolução-
ria. Isto não obstante a actividade e zelo, com que provou
querer entregar-se ao desempenho de suas attribuições; o mui-
to que directa ou indirectamente concorria para que todos os
seus se empenhassem na causa da Junta; e mais que tudo a
coragem, com que até final soube sustentar o seu posto, mes-
mo a risco de ver compromettida uma parte da sua fortuna,
são titulos que o habilitam á estima e consideração de seus
concidadãos, e que a nação nunca poderá considerar sem lhes
tributar a consideração que merecem.

Aqui temos pois o leitor inteirado do individualismo da
Junta, e dito isto, voltemos a consideral-a corpo colectivo.
Tinhamos concluido o capitulo anteedente dizendo que o Con-
de das Antas se preparava a marchar para Lisboa, e agora
seguia-se para continuar na historia d'esses acontecimentos;
mas antes d'isso precisamos lançar uma vista d'olhos sobre
Vianna, assim como em todas as outras terras do Minho, ti-
nha-se o grito da revolução, logo que se soube do pronuncia-
mento do Porto; e como acontecesse que o regimento d'infan-
teria 3, que fazia a sua guarnição, sendo um dos corpos que
o Conde das Antas mandou recolher á cidade, deixasse a villa
quasi desguarnecida de força, os cartistas naturacs da terra,

que julgavam a occasião opportuna para se contra-revolucionarem, conseguindo do tenente Pinotes, official destacado do mesmo corpo, que á frente d'uns cento e vinte galuchos, os capitaneasse n'aquella empresa, com estes e com os mais que poderam juntar d'empregados exonerados pela administração Palmella, alevantaram voz pelo governo de Lisboa nos principios do mez de novembro; fazendo fugir as authoridades da Junta, e acabando por se assenhorear sem grande difficuldade da villa. Ou fosse, porem, que os revolucionados contassem com a annuencia do regimento 15 d'infanteria, que por alli devia passar, de marcha de Valença para o Porto, ou que de Lisboa lhes tivessem promettido mandar soccorro, que a brevidade do caso não permittiu enviar; o certo é que vendo-se ahandonados de todos, e tendo os sectarios da Junta partido a dar parte pelas aldeias de como es cabralistas se achavam senhores de Vianna, o povo acudiu com tal affluencia a cercal-os, que não lhes sendo possivel senão recolher ao castello para resistir ao impulso dos aggressores, e acontecendo que o tenente Pinotes, uma noite em que andava rondando as muralhas, fosse atravessado com uma balla em cheio pela testa, no momento de se debruçar sobre o parapeito para melhor descobrir a esplanada; os outros que se viram sem chefes, e alem d'isso se sentiam faltos de viveres, reconhecendo não lhes ser possivel defender-se mais tempo, tractaram d'erguer bandeira de paz, fazendo constar por um dos officiaes da guarnição de como Pinotes era morto, e elles desalentados da resistencia desejavam entrar em artigos de capitulação. A isto o povo exaltou-se, começando de gritar que tal não havia de ser, porque Pinotes não tinha morrido, e que aquillo era uma falsidade que se lhes dizia; que o queriam elles ver com seus olhos, e que não só elle era o digno d'aquella sorte, senãa mais uns dous ou tres dos que ainda se achavam lá dentro. (1) Debalde era as authoridades e os che-

(1) Para explicar esta animadversão do povo contra Pinotes seria preciso revolver as cinzas d'uma sepultura infeliz, que por isso o leitor nos permittirá conservar encerrada. Os

fes populares clamarem que se restabelecesse a ordem, e que entrasse cada um em si, porque a Junta a tudo providenciaria como devesse; e que se não quizessem escutar a razão o resultado seria a completa anarchia, porque o povo a nada attendia, nem se deixava dobrar senão dos que lhe fallavam ao molde de suas paixões: exaltado de mais em mais conforme via, que em si iam passando os instantes, a sua voz era que se abrissem as portas, e que não demorassem mais a entrada, senão que iriam buscar com que escalar a muralha; e que se queriam salvar a vida d'alguns, o unico meio era não arriscar a de todos. N'isto o governador do castello, que se achava dentro e que não pertencia á revolta, mas que por casualidade tinha ficado com os revoltosos, vendo que não havia remedio senão franquear as portas, tomou dos paisanos, como mais compromettidos que a tropa, e mettendo-os á prisão na prisão chamada *Roqueta*, depois de a fechar bem por fóra, fingindo ter perdido as chaves, voltou a dizer ao povo que entrasse. O povo entrou com effeito, mas depois d'entrar foi peor, porque chegando ao sitio aonde estavam os prezos, e vendo que lhe negavam as chaves, começou d'atirar tiros para dentro, e uns pediam que lh'os entregassem todos, porque em tados era preciso fazer igual justiça, outros diziam que bastava só os dous mais culpados; porém a final a maioria já começava a clamar, apezar das mais instantes sollicitações dos chefes, (1) que se não fosse assim iriam de volta,

outros dous, de que se trata no texto, tambem nos não parece necessario nomeal-os, bastando dizer que um era o auctor dos desgraçados tiros d'Alvaraos, nas sanguinolentas eleições de 1845; e que ao outro se attribuiam taes excessos e violencias eleitoraes, que o povo o considerava como um de seus principaes verdugos.

(1) Muitas são as pessoas a quem cabe a gloria de ter concorrido para serenar o povo, mas especialmente as seguintes—Antonio Teixeira de Queiroz—Antonio Pereira da Silva—Antonio Pereira da Cunha Sotto Mayor—José Mendes Ribeiro,—e mais que todos o muito distincto cavalheiro e mili-

e mettendo os trancões a dentro, fariam carnificina indistincta; de sorte que a crise tornou-se tão afflictiva, que como o perigo crescesse de momento a momento, já estava quasi inteiramente perdida toda a esperança da salvação. Foi então que uma senhora de muito espirito e agudeza (1) teve a feliz lembrança de que achando-se exaustos os recursos humanos, só a influencia da religião poderia tocar os corações dos obsecados; e em consequencia d'isto mandando-se chamar á pressa o maior numero de padres, que foi possivel encontrar no relance, e dizendo-se-lhes qual era o assumpto e importancia de sua missão, partiram estes de cruz alçada, e entoando o hymno *Benedictus Dominus Deus Israel*, á encontrar-se com os da embravecida lucta. O povo vio-os e não se serenou, parém ao chegarem ao lugar da *Roqueta*, um d'elles, que mais proprio se julgou para o caso, ou talvez mais o fosse por sua muita coragem e virtudes, subindo-se a um degrau que ficava fronteiro á prisão, c'um crucifixo erguido na mão esquerda, a outra horizontalmente estendida a implorar o silencio das massas, e o coração todo a arder-lhe no fogo da divina graça, tão sublime e energico prorompeu em palavras d'união e de paz, que á voz de *perdão e clemencia pelo amor do divino Mestre!* tudo cahio instantaneamente em joelhos como ferido de raio, e um côro de quatro mil vozes respondeu á do sacerdote inspirado, *Bemdito e louvado seja!* Era como o echo da consciencia a resumir em sós tres palavras o elogio de tantas virtudes!... O povo persuadia-se entoar o *Benedicto*, e não fazia senão repetir o *Hosanna* do prégador evangelico.

A daectar d'ahi per diante, o rancor converteu-se em generosidade; ninguem mais proferiu uma unica palavra d'ameaça; todos disputavam as honras de deffender os prezos; e passando-os d'alli para as cadêas da villa, ao cabo d'alguns

tar Nicolau Calheiros da Gama Barreto, que n'essa occasião se mostrou digno herdeiro dos exclarecidos brazões de seus antepassados.

(1) A Snr.^a D. Rita Northon Mendes Ribeiro.

dias de detenção, a authoridade mandou logo soltar a uns, e a outros concedeu fiança, e o resto fe-los conduzir para o Porto, aonde a Junta a quasi todos deu o mesmo destino. Torne mos á historia das operações.

Reunidos no Porto os regimentos 2, 3, 6, 7, e 15 d'infanteria, 2 e 7 de caçadores, 3 d'artilheria, a guarda municipal da mesma cidade e uns vinte a trinta cavallos do regimento 6 de cavallaria, o Conde tirou de tudo isto nma divisão de 1:500 a 1:600 homens, com que se marchou pela estrada de Coimbra, deixando a cidade guarnecida pela guarda municipal d'infanteria, regimentos 3 e 15 da mesma arma, e grossa força de batalhões nacionaes, que a Junta organisára á pressa : alli reuniu mais alguns contingentes de diversos corpos, e de lá continuou em direcção a Santarem a fazer junção com as forças do general Conde do Bomfim, o qual logo depois da surpresa de 6 d'outubro se tinha evadido para o Alemtejo, e collocado á frente da revolução n'aquella provincia. Por este mesmo tempo com pequena differença, o general Celestino revolucionava-se em Faro com todas as tropas da guarnição do Algarve ; uma parte da guarnição d'Elvas, debaixo do commando do Conde de Mello, adheria á causa do Porto ; Beja, Evora, Marvão, e outras muitas terras do Alemtejo seguiam o mesmo exemplo ; Cintra a bater ás portas de Lisboa, ameaçava a tranquillidade d'aquella cidade ; na Estremadura as forças populares disputavam palmo a palmo o terreno aos destacamentos da capital ; na Beira o districto de Castello Branco pronunciava-se todo a favor da Junta, e o Minho principiava a organisar batalhões até nas mais pequenas aldêas ; de sorte que o grito da revolução repercutindo-se como por electricidade em todos os angulos do reino, quasi se podia dizer que o governo de Lisboa, reduzido a uma pequena orbita de poucas legoas em volta da capital, pouco mais dominava dos outros districtos se não o terreno que precisamente occupavam as suas tropas.

N'este estado de cousas, o Duque de Saldanha, que a principio meditára occupar Santarem, depois defender-se dentro dos muros da capital, e a final sahir a encontrar-se com

o conde, adoptando por fim este ultimo plano, sahiu com effeito de Lisboa na manhã de 6 de novembro, á frente d'uma divisão de mais de tres mil infantes e trezentos cavallo, divididos em tres columnas, das quaes fez marchar uma em direcção a Mafra e Bellas, a outra pela estrada velha do Porto, e a terceira pela margem do Tejo; gastando nisto um tempo infinito em marchas e contramarchas, e dando lugar a que os populares se apossassem de Santarem, accetando, como depois se disse, o presente que lhes fizera o Duque.

Entretanto que isto se passava no sul, no norte do reino as operações militares não caminhavam com mais promptidão. O Conde do Casal, que na provincia de Traz-os-Montes se tinha pronunciado a favor do governo de Lisboa com o regimento 13 de infantaria, batalhão 3 de caçadores, e regimento 6 e 7 de cavallaria, sendo avisado por alguns cartistas do Porto de que á sua aproximação á cidade se faria dentro uma revolução que lhe franqueasse a entrada da mesma, mui lentamente veio descendo d'aquella provincia ate chegar a duas legoas de distancia, para dar lugar a que se realisasse a projectada revolta; porém vendo, ao cabo de tres dias de demora em Vallongo, que nada do que se lhe tinha promettido se realisava, resolveu contra-marchar pela mesma estrada, debaixo do pretexto de lhe ser necessario debelar uma guerrilha da Junta, que, collocada no seu flanco direito, junto dos montes da Agrella, ameaçava cortar-lhe a comunicação com Traz-os-Montes, e talvez difficultar-lhe o regresso áquella provincia. O verdadeiro motivo, porém, não era este, como já se disse; mas Casal assentou de o adoptar para d'alguma maneira justificar a sua retirada; e em consequencia marchou em direitura ao sitio aonde se achavam os populares, os quaes tanto que souberam como elle se encaminhava para alli, a primeira cousa de que tractaram foi de retirar para o alto da serra, esperançados em que a escabrosidade do terreno os poria a salvo da perseguição do inimigo; porém nem assim conseguiram salvar a povoação dos verdadeiros horrores d'um assalto, porque acontecendo que alguem que ficára em baixo, e que temos ouvido dizer fôra um padre, tivesse a imprudencia

de disparar um tiro d'uma janella, com que derrubou um soldado de caçadores 3, os outros que já iam avançados, mas que á noticia do caso rapidamente voltaram a traz, tão furiosos e indistinctos investiram por todas as casas, que não havendo ahí saber se era moço, nem velho, nem sacerdote, nem leigo, senão ter a desgraça de ser encontrado, tudo que por infelicidade lhes cahio nas mãos instantaneamente foi cosido a bayonetadas. O mesmo tinha acontecido alguns dias antes do povo de Constantim, e aconteceu pouco depois nos de Villarandêlo, Soutelinho da Raya, e outros, aonde os mortos foram tantos como os aprisionados, (1) pelo que a Junta disse com muita razão no seu Manifesto, que a tropa de Traz-os-Montes por toda a parte por onde passou *deixou apoz si um longo rasto de sangue*. Sentimos ter de denunciar estes factos á Europa; mas mais nos magôa ainda que elles nos tragam a dolorosa convicção de quanto a civilisação está atrazada entre nós, e do muito que é preciso fazer para que doutrinado o povo, (2) e o exercito na moral christã ou philosophica, o

(1) Talvez para mais de quarenta!

(2) Quando fallamos do povo é claro que o tomamos como fonte de recrutamento, e não como parte integral da revolução; porque n'esse sentido nada ha que igual a generosidade, com que elle se conduziu nos dous ultimos pronunciamentos: citaremos um facto. Era em abril de 1845, e os populares cercavam a cidade de Braga contra o regimento 8 d'infanteria, que não poupava um só que lhe cahisse nas mãos: sem embargo, um dia em que o fogo estava parado, viu-se entrar pela rua da Conega um carro toldado, com um rapaz de 9 a 10 annos por conductor, (porque nenhum homem de maior idade se atreveria a entrar na cidade, ainda mesmo para o fim para que era!) e dentro um soldado do mesmo regimento 8, estendido sobre um colchão. Foi-se ver o que aquillo significava, e o rapaz que conduzia os bois entregou ao coronel Ferreira o seguinte bilhete:—*po' não haver n'esta terra cirurgião que cure esse soldado d'uma ferida, que recebeu n'uma perna, tomamos a resolução de o mandar para essa ci-*

soldado, a quem a patria paga para defender, se não converta em estripador de seus filhos.

Depois das luctuosas scenas da Agrella, em que de proposito não queremos insistir para se não dizer que procuramos afear o painel, o Conde do Casal continuou marchando pela estrada d'Amarante a Chaves, aonde chegou ao fim de seis dias, sem outro inconveniente mais do que alguns tiros, disparados ao acaso da margem esquerda do Douro, que nenhum resultado tiveram senão provar que tambem d'aquella parte havia inimigo; e Sá da Bandeira que já a esse tempo se achava no Porto, e a Junta tinha encarregado da defeza das Linhas, organisando á pressa uma Divisão de 3:200 homens, composta dos regimentos 3 e 15 d'infanteria, guarda municipal do Porto, um contingente d'artilheria 2, o 1.º batalhão de artistas, e dois de nacionaes da Vista Alegre, e Bayão, com ella se marchou em seguimento do general cartista, levando-lhe aponas o atrazo de 24 horas. No primeiro dia de marcha o Visconde foi dormir a Vallongo; no segundo a Penafiel, e no terceiro a Amarante; aonde mandou ficar meio parque de artilheria, e o outro fez voltar para o Porto em consequencia do mau piso que offereciam os caminhos de Traz-os-Montes; e d'alli, dividindo a sua força em duas columnas, a uma mandou marchar pela estrada da serra, e a outra pela que costéa o Douro, fazendo junção em Val Passos, para evitar que Casal querendo atravessar o rio podesse apparecer de repente entre Coimbra e o Porto. Este, porem, que a principio teve essa idéa, mas que depois mudou d'intenção não sabemos bem o porquê, resolveu indireitar para Chaves, a aproveitar-se da vantagem que lhe offerecia o terreno, em consequencia da

dade, a fim de que v. s.ª o faça entrar no hospital. F. e F. Ferreira deu ao conductor 480 réis e os soldados do 8 ficaram edificados de tanta generosidade; porém a mortandade continuou como d'antes, e passadas 24 horas já não havia lembrança do camarada ferido. Appellamos para todo Braga; para o regimento 8; para o testemunho do proprio coronel Ferroira para que declaro se isto é ou não verdade!

sua superioridade em cavallaria; e o Visconde tendo de seguir tambem para aquella praça, alli se conservou estacionado nas suas immedições por espaço de sete dias, até que a final vendo que os viveres começavam a escacear, e os soldados talvez a desmoralisar-se por o immediato contacto em que se achavam com os de dentro, resolveu levantar o acampamento, e por-se em marcha para Mirandella, onde provavelmente esperava regularisar a Divisão, e talvez fazer algumas substituições d'officiaes, que a disciplina mostrava serem precisas. Se este foi ou não o motivo que a isso o levou não o podemos nós dizer com certeza, porque o Visconde sempre conservou o preciso segredo de seus movimentos; mas o que é certo é que elle pelo menos devia conhecer a necessidade de o fazer assim, e que se de facto o tivesse feito á mais tempo talvez as cousas nãe levassem o rumo, que depois levaram.

O Visconde é um verdadeiro modelo d'honradez e character para quem não ha perigo que o assombre, nem força que o faça desviar da estrada que lhe pareceu justa; os seus conhecimentos militares são vastissimos, a sua erudição em todo o genero de sciencia é immensa; ninguem sabe como elle reunir ao exterior grave e sisudo do militar circumspecto as maneiras dedicadamente insinuantes do cavalheiro aulico, e o seu valor quasi estoico já hoje passa como proverbio; mas talvez que um predicado só que tivesse de menos não deixaria de o tornar mais perfeito: fallamos da sua nimia bondade de coração, do seu modo excessivamente favoravel de ver as cousas: excellente cabo de guerra em lucta contra inimigo estrangeiro, não o supponmos talvez o mais apto para general de guerras civis — Sá da Bandeira julga demasiado favoravelmente dos outros homens, e o systema de os avaliar a todos por si não é o que mais vezes o ha-de conduzir a descobrir a verdade. Para outros pedem-se virtudes de mais, e n'este deseja-se uma de menos! Com um pouco mais de scepticismo politico, o Visconde seria um exemplar completo. Foi talvez a isto que em parte se deve attribuir o não se ter atalhado a deserção de Val-Passos, e a historia não pode decidir o que seria feito do Conde do Casal se os regimentos 3 e 15 se não

tivessem passado—provavelmente soffrer uma derrota perfeita! Mas não anticipemos as datas, e passemos a ver como as duas divisões se encontraram.

Ao cabo de sete ou oito dias d'acampamento nas immedições de Chaves, pondo-se o Visconde em marcha para Mirandella, o Conde do Casal seguiu atraz d'elle no dia seguinte, e conseguindo encontral-o em Val-Passos a 16 de novembro, eu antes dando o acaso que se encontrassem (porque para nós não é liquido se Casal tinha esses desejos (1)) as duas divisões aproximaram-se uma da outra tão cordeaux e inoffensivas que mais parecia quererem-se saudar reciprocamente do que fazer os *aproches* do conflicto. Talvez que se o fogo tivesse começado logo que se avistou o inimigo, tomando-se a precaução d'estender algumas companhias em linha d'atiradores para abrir o exemplo do tiroteio, as outras não tivessem a coragem de as abandonar quando fosse preciso chamal-las a campo; porem como a sorte não quiz que succedesse assim, o resultado foi que chegando os soldados a alcance quasi de voz natural sem desperar um tiro, os regimentos 3 e 15 romperam em vivas ao ministerio Saldanha e á Rainha, e partindo de roldão a abraçar-se com os das fileiras de Casal, apenas a guarda municipal e o batalhão d'artistas se conservaram firmes, sustentando um fogo rijo de quatro horas, que obrigou o inimigo a não avançar um passo das posições primitivas. Quanto aos batalhões da Vista Alegre e Baião, o primeiro não chegou a occupar posições, e o segundo que as tinha tomado n'uma pequena altura fóra da povoação de Val-Passos, vendo-se inesperadamente carregado pela cavallaria inimiga, e ao mesmo tempo acossado pelo fogo do 3, que logo que se passára voltou armas contra elle, não teve remedio

(1) Não é liquido se Casal tinha o desejo de se encontrar com o Visconde, porque se o tivesse o mais natural era que se não demorasse 24 horas para seguir atraz d'elle: a demora d'um dia que Sá da Bandeira teve em Villarandelo foi que deu lugar a encontrarem-se as duas divisões, e a não ser isso é claro que sempre lhe levaria a mesma dianteira.

senão debandar em desordenada fuga, deixando morto no campo o official que lhe servia de major, e uns quinze ou vinte voluntarios e prisioneiro o proprio commandante Reimão Palhares. Ao Visconde succedeu-lhe de não saber a principio o que significava aquelle alarido dos voluntarios, e tomando-o por expansão d'enthusiasmo guerreiro pela aproximação do combate, andar tão envolvido com elles, que mui provavelmente ficaria seu prisioneiro, se não fôra a decisão do seu ajudante d'ordens, o alferes Vasco Guedes, que vendo o perigo que corria o general, rapidamente lhe tomou das redeas do cavallo, e o fez partir a galope para a rectaguarda.

Chegada a noite, o Conde do Casal reirou para Villarandelo, e no dia seguinte para Chaves, não colhendo outra vantagem d'aquella acção, senão a de engrossar as suas tropas com o reforço, que lhe levaram seus proprios adversarios. Talvez que elle diga que a tropa não podia voltar a combate, porque os soldados uns precisavam d'equipamento, e outros estavam sem commandantes, e dos officiaes, tendo sido muitos levados de rojo, nem em todos podia ter confiança; porem como a nós o que nos importa não são os motivos que elle teve para isso, senão as consequencias que d'ahi resultaram, o que dizemos é que se em vez de marchar para Chaves avançasse em direitura para o Porto, bem pode ser que a sua aproximação á cidade tivesse sido d'um effeito funesto para a causa da Junta. O Visconde esse sim era lhe preciso retirar porque não podia calcular que o inimigo deixasse d'aproveitar se das vantagens d'aquelle dia senão por ignorancia de suas proprias forças, mas que logo que rompesse a manhã, provavelmente o carregaria com todas ellas; e em consequencia pondo-se em marcha para o Douro ahi embarcou com o resto da divisão no sitio chamado o *Pinhão*, levando em vistas que se Casal o seguisse por aquella estrada, cada vez mais se distanciaria do Porto, e se marchasse direito para lá, nem assim chegaria primeiro do que elle.

Ao chegar porem ao sitio de Porto-Manso, lugar um pouco abaixo das Caldas d'Aregos, os barcos foram improvisamente carregados por uma grossa descarga de fusilaria, dis-

parada da margem esquerda do rio, e os gritos de *viva D. Miguel I!* soaram ao mesmo tempo por quasi toda aquella linha de pequenos serros — era uma guerrilha de oitocentos a novecentos miguelistas, commandados pelo proprio general Mac-Donald, que pela primeira vez apparecia em campo a atacar as tropas iibericas.

O Visconde mandou atracar; fez saltar em terra uma parte da municipal, e ordenando-lhe de carregar o inimigo, ao cabo de tres horas de fogo a guerrilha tinha completamente desaparecido, deixando nove homens mortos e tres prisioneiros, e entre estes um official, que se dizia major ás ordens de Mac-Donald.

Já algum tempo antes se tinha espalhado o rumor de que este general viajava incognito em Portugal, espreitando a occasião de se pôr á testa de uma revolução miguelista; porem o caso parecia tão improvável que niuguem se queria resolver a acreditar-o. Uma causa a que faltavam todos os recursos como se vê das declarações de seus proprios chefes (Vid. Doc. n.ºs 2 e 3) não era a que mais propria parecia para despertar a ambição d'um individuo estranho ás nossas dissensões politicas, que aliás em 1832 se não tinha mostrado inteiramente destituído de conhecimentos e reputação militar. Sem embargo, quer fosse, quer uão fosse esse o motivo que o cá trouxe (porque nem para todos é isso questão decidida) o certo é que foi necessario que elle apparecesse para os incredulos se desenganarem. Já o delegado da Junta em Penafiel, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos (1) tinha cousa de vinte dias antes, feito annunciar para o Porto, que segundo as melhores informações obtidas, parecia fóra de duvida, achar-se Mac-Donald escondido nas immedições d'aquella cidade, em casa d'uns taes Monteiros Guedes de Abragão, miguelistas conhecidos d'aquelles sitios; porem o mesmo foi elle avisal-o que não dar parte de cousa nenhuma, porque entretanto que nos eram de voto que os mandasse immediatamente pronder, a outros parecia que se devia esperar por mais provas, e em

(1) Depois governador civil de Villa Real.

consequencia o general estrangeiro evadiu-se, e d'alli passou ao concelho de Paiva, donde depois o vimos hostilizar as forças de Sá da Bandeira.

O facto do seu apparecimento foi comtudo uma das alavancas politicas, de que mais se serviu o ministerio Saldanha, para excitar as nações coalligadas a interferirem nos negocios de Portugal; e ainda que olle, nem os que representavam o nosso governo nas côrtes estrangeiras, se podessem persuadir de que o perigo da corôa era tão imminente como o pintavam, sempre d'ahi tiraram o proveito de confundir a causa da Jenta com a de D. Miguel, e á sombra d'uma cohonestar a intervenção contra a outra. Suppor que a revolução miguelista de 1846 podesse ter os resultados que a de Maio de 1845, era o mesmo que confundir a corôa com um ministerio, e consideral-os parceiros nos mesmos odios.

Em maio o povo levantou-se porque o dominava uma unica idéa, e em todos vogava o desejo de se crusarem para um unico fim; porem em novembro de 46 as cousas não podiam correr do mesmo medo, porque o que então produzira uma identificação de vontades, que só se manifesta quando a oppressão ou o bom governo estiveram ao alcance de todos, não se podia dar quando os interesses se combatiam tão flagrantemente, como entre a bandeira liberal e a miguelista. O caso era tão diverso que dos proprios que um anno antes bastante tinham feito a prol da revolução de Maio, e que hoje por seus precedentes politicos mais se deviam julgar identificados com a de Mac-Donald, a muitos viu elle ou rirem-se e encolherem os hombros, como em signal de quem escarnecia de seus intentos, ou quando muito chorar a cegueira dos fascinados; mas na generalidade responder-lhe que tudo aquillo era edificio sem base, que por mais que seus correligionarios fizessem não podia doixar de desabar em ruinas.

Isto não obstante, Saldanha insistiu em se querer deixar illudir: e como o que para todo o Portugal era obvio, para elle não podia ser problema, o que d'ahi devemos concluir é que o fez mais por necessidade diplomatica, do que por força de miopismo politico. Se não foi isto, pelo menos fo

n'esse sentido que se dirigiram as communicações para as côrtes estrangeiras, e n'esta mesma conformidade que o ministro Pacheco respondeu a Sir Bulwer quando este o forçou a dar explicações cathêgoricas sobre a especie de politica doble do seu governo, relativamente aos negocios de Portugal. Concluamos com a historia da divisão de Val-Passos.

Desassombrado dos guerrilhas miguelistas, o Visconde continuou a sua jornada pelo Douro abaixo; e a 19 de novembro desembarcou no Porto, acompanhado d'uns duzentos e cincoenta a trezentos homens da municipal, duzentos pouco mais ou menos d'artistas, o completo do batalhão da Vista Alegre, e alguns poucos soldados d'artilheria 3. O resto foi apparecendo a pouco e pouco, conforme a sorte lhe permittiu evadir-se; e isto era quanto restava d'uma brilhante divisão de tres mil e quinhentos homens, com que o Visconde tinha sahido do Porto. Quanto á do Conde do Casal, que, como vimos, marchára de Val-Passos para Chaves, a sua aproximação ás linhas não teve lugar senão quando mal já se pensava nos acontecimentos de Traz-os-Montes, e o capitulo seguinte dirá a que elle alli veio, e porque motivo foi obrigado a contra-marchar sobre Braga.



III

A Junta cuida em reorganisar as forças—Estado das cousas no Porto—Wilde trata com o Conde das Antas em Santarem — Casal ameaça as linhas — Os miguelistas occupam Braga—Valença cãe em poder dos cartistas—O Conde do Bomfim perde a acção de Torres-Vedras e o das Antas recolhe ao Porto—A causa da resistencia vacila.

De volta da provincia de Traz-os-Montes, o principal cuidado de Sá da Bandeira e da Junta foi reorganisar as forças recolhidas ao Porto, tratando de fazer gente com que engrossar os corpos ainda existentes, e crear outros que suprissem a falta dos desertados, ao que se deu com tanto desvelo, que ao fim de cousa de quinze dias, o regimento chamado de Fuzileiros da Liberdade contava já para mais de quatrocentas praças, o da municipal tinha muito antes tocado o seu completo, e o mesmo foi successivamente acontecendo a todos os outros da guarnição da cidade. Em toda a parte se trabalhava com a maior actividade em concertar armamentos e correame, preparar calçado e fardamento para a tropa, e adestrar as recrutas no manejo e exercicio do campo. José Passos era incansavel em mandar dinheiros para todas as officinas publicas: e no povo notava-se ao mesmo tempo um tal entusiasmo e decisão que parecia que, apesar dos revezes soffridos, a causa da Junta melhorava de dia para dia, porque cada um se ia identificando com a revolução, e na defeza das linhas via compromettida a honra dos proprios lares. Pela sua parte Avila não se descuidava d'activar o expediente dos negocios da repartição a seu cargo, sendo quasi infalivel no gabinete respectivo desde as sete ou oito da manhã até quasi

igual hora da noite; porem como o Conde das Antas mui poucas noticias dava das suas operações militares, um ministro da guerra, que mal podia informar do que faziam os seus generaes, a pouco mais ficava reduzido do que á simples condição de convidados de pedra, que por mais que quizesse erguer a cabeça, por força se havia de ver obrigado a abaixal-a. Nas repartições da Marinha e Justiças o expediente era quasi nullo, porque a indole da revolução não exigia d'ellas grandes serviços, e ainda que na do Reino se notasse muita mais energia, porque Seabra fazia todos os possiveis para que a administração corresse a contento dos povos, o seu raio d'acção governativa era a esse tempo tão limitado, que lhe não deixava ter toda aquella força de vida, que aliás seria d'esperar do seu chefe. No tocante porom ao modo d'existir interior, a Junta nem sempre teve a unidade precisa, e casos houve, em que alem de se notar sensivelmente a falta d'um centro, as Portarias que eram expedidas por uma repartição, não chegavam a obter a assignatura dos chefes das outras; do que resultou decidirem-se elles a trabalhar em separado, e nunca mais se tornarem a reunir em conselho, senão depois que o Conde das Antas regressou do Sul. (1)

Eis aqui pois o estado das cousas no Porto, e agora veremos qual era o do exterior da cidade. Por cartas vindas de Santarem constava que a tropa estava tremida, e que os po-

(1) Se a Junta nem sempre foi verdadeiramente unida com referencia ao modo d'existir interior, menos o foi ainda com referencia ao modo de pensar politico. Seria difficil precisar o programma de cada um de seus membros; mas é certo que se poderiam reduzir a uma escala, em que Justino e Seabra occupassem as extremidades oppostas. Dos outros não sabemos bem em que acordariam quanto a futura organização do paiz; mas é natural que José Passos, querendo nacionalisar o progresso, sacrificasse muito á popularidade; Antas ao incremento da força armada; Avila ao desejo de ser tido em conta de conscienciosamente liberal; e Almeida e Brito a todo e qualquer systema de governo, que offerecesse garantias de progressista e d'honesto.

pulares começavam a debandar, havendo quem só ao Conde do Taipa imputasse ter feito desertar, em menos d'oitto dias, para mais de quatro mil homens d'aquellas forças, dizendo-se que os queria *sustentar a epigrammas*. Além d'isto a chegada de Manoel Passos ao Porto deu occasião a que o povo começasse de fazer conjecturas sobre o motivo da vinda; e ainda que a principio não acertasse, porque uns diziam que vinha para tratar de saúde, outros para aconselhar o irmão, e alguns em character de diplomatico, afinal sempre cahiu em dizer que a verdadeira causa era porque em Santarem o Conde o não considerára como elle merecia, a ponto de nem sequer o convidar para certo conselho, em que se discutiu se se devia ou não retirar para Coimbra, em consequencia d'uma supposta marcha de Schwalback sobre a villa d'Abrantes; e este acontecimento, que aliás não era da maior importancia, nem por isso deixou d'alarmar os espiritos, pela má idéa que dava da pouca harmonia dos chefes. Por outro lado os miguelistas entregues a si, iam-se apossando d'algumas terras ao norte do reino; e a Junta, que já desde a acção de Val-Passos não tirava recursos da provincia de Traz-os-Montes, mais defecada se via agora pela falta dos que elles lho vedavam obter da do Minho. Em vista d'isto é claro que, ainda que o entusiasmo não afrouxasse, as cousas consideradas de perto não offereciam um aspecto tão lisongeiro como á primeira vista parecia, e que só alguma assignalada victoria as poderia fazer mudar de figura; porem a sorte não era esse o futuro que tinha destinado para a Junta.

Em Santarem o Conde das Antas conservava-se estacionario á espreita dos movimentos que faria Saldanha; e em Londres agitava-se a intriga de gabinete, mandando Lord Palmerston o Coronel Wilde a Portugal, em character de comissionado, meio diplomatico, meio palaciano, não tanto para entabolar negociações de conciliação amigavel, como para ver se podia decidir a contenda d'um golpe. A sua tarefa era por isso muito difficil, e ou fosse porque a sua capacidade não estivesse ao nivel das funcções de que o encarregaram, ou porque com effeito ellas fossem taes, que nem so proprio Talley-

rand scria capaz de as desempenhar, o certo é que nada foi acertado, e que a historia não está obrigada a conceder-lhe as honras da apothose. Chegado ao quartel general do Duque de Saldanha, aonde foi primeiro do que ao de Conde das Antas, apesar das duas instrucções rezarem o contrario, (porque n'ellas se lhe ordenava de desembarcar no Porto, e não o podendo fazer alli ir a Vigo, e de lá voltar por terra para aquella cidade) a primeira inconveniencia que commetteu foi decidir cathedriticamente da impopularidade da revolução, chamando-lhe *fructo das intrigas dos chefes*; com o que muito lisongeou as inclinações do Duque, que nada anhelando tanto como poder-se apoiar na opinião d'estrageiros, a primeira cousa de que tambem cuidou foi de dar a isto uma ainda mais inconveniente publicidade, ampliando talvez o que o commissionado dissera; e seguindo-se d'ahi travar-se entre os dois uma pequena polemica, de que resultou conhecer-se que Wilde pedia muito para o lado do ministerio, e que por isso não era elle o proprio para negociar conciliações.

De lá partiu Wilde para Santarem a tratar com o Conde das Antas, com o qual e com Mousinho d'Albuquerque teve uma pouco importante conferencia d'algumas horas, da qual só diremos, por não sobrecarregar demasiado esta obra, que o ponto em que mais insistiu foi em que a Junta mandasse soltar o Duque da Terceira; pondo quasi de parte o instruir se do estado e motivos da questão revolucionaria, de que aliás Lord Palmerston parecia precisar de ser tão informado, que quando o mandara a elle a Portugal, não duvidou ordenar-lhe que instasse com o Conde das Antas para que immediatamente se submettesse ao governo de Lisboa, e depois o acompanhasse a apresentar-se á Rainha, sem outras garantias mais do que ter sido o ministerio inglez quem alcançara isto, e em consequencia ser d'esperar que Sua Magestade provavelmente se resolvesse a perdoar-lhe?

Este feliz idealismo britannico fahou porem completamente na pratica, e o agente de Lord Palmerston viu-se obrigado a voltar para Lisboa sem nada alcançar do que o gabinete inglez esperára.

Assim pois cortadas as negociações diplomaticas, o *statu quo* da revolução continuou como antes d'aquella entrevista; e Casal que todo esse tempo tinha consumido em se preparar para descer da provincia do Traz-os-Montes, sendo-lho promettido por alguém, que commandava uma força de nacionaes, e que tinha a seu cargo certa parte da defeza das linhas, que se elle se aproximasse do Porto lho franquearia uma aberta por onde podesse soltar dentro da cidade um golpe de cavallaria, com que depois se apossasse do resto; segunda vez tentou investir por diversos sitios, e em roda das mesmas linhas andou volteando uns poucos dias á espera de ver verificada a promessa; até que afinal soube que o seu coaligado tinha sido mudado d'alli para outro ponto e que por isso não podia cumprir o que promettera, e em consequencia resolvendo abandonar o projecto do ataque, delineou marchar sobre Braga, aonde já a esse tempo o general Mac-Donald, e o hespanhol Garcia tinham estabelecido o seu quartel general. (1) Chegados ás immedições d'aquella cidade, as vedetas deram signal de que o inimigo se dispunha a resistir, unico aviso que Casal teve de que os miguelistas se conservavam dentro; e então concertando á pressa um plano d'ataque, que na verdade não exigia grande concepção strategica, porque a defeza apenas tinha sido preparada quatro horas antes; ao batalhão 3 de caçadores ordenou investisse pela rua da Cruz da

(1) D'este Garcia soubemos nós um facto importante, que não queremos deixar passar em silencio: disse-nos elle, uma occasião que nos encontramos juntos em Vianna, que o dr. Candido Rodrigues de Figueiredo, intitulado presidente do supremo governo miguelista, era um verdadeiro tigre com fôrma humana, porque muitos eram os factos com que o podia comprovar, e com especialidade o de o ter em certa occasião convidado a elle com toda a chanternidade para ambos assassinarem Mac-Donald. Publicamos isto porque Garcia nos authorisou a publical-o, e porque importa que o publico tenha conhecimento da indole do homem, que os miguelistas escolheram para seu chefe.

Pedra, cuja entrada se achava defendida por uma insignificante trincheira de carros e madeirões encruzados; ao 15 de infantaria acommetteu pelo que se pode chamar centro da linha, tentando abrir caminho pela embocadura da rua dos Plames, que uns vinte e cinco a trinta miguelistas, colocados detraz d'outra ainda mais insignificante trincheira do que a da Cruz da Pedra, tenazmente se obstinavam a deffendor. Tres vezes o regimento 3 atacou com bastante denodo aquelle ponto, e outras tantas foi obrigado a voltar caras á rectaguarda, até que afinal conseguido o 3 de caçadores forçar a entrada da Cruz da Pedra, e obrigando os mignelistas que a deffendiam a retirar em completa desordem, os outros que se viram cortados não tiveram remedio senão abandonar as suas posições, entrando então as tropas de Casal por diversos pontos, e começando dentro da cidade um massacre indistincto, de que só escaparam os que se homisiam nas casas, e os poucos que ainda assim puderam evadir-se pelo lado do Carvalho d'Este — De resto, tudo que foi encontrado, morreu, não achando commiseração senão na misericordia divina! (1)

Quanto a Mac-Donald vendo a sua força completamente batida, e elle na impossibilidade de fazer forte em qualquer outro ponto, vagorosamente retirou pela estrada do Carvalho d'Este, apenas acompanhado do seu estado maior, que ao todo não passaria d'uns sete a oito officiaes; e de lá, reunida alguma gente dispersa, partiu em direitura a Amaranthe, donde logo diremos como se passára á provincia de Traz-

(1) Os habitantes de Braga, dados, como são a todo o genero devoção pia, fizeram collocar ás esquinas das ruas, aonde a mortandade fora maior, uma especie de nichos de pau preto, sobrepostos de cruces da mesma madeira, que religiosamente tem o cuidado d'alumiar todas as noutes, e em cuja baze se lê o seguinte letreiro, *rezae por alma de nossos irmãos que foram mortos n'esta rua.*

Não é facil passar alli sem se commover; e a tropa, que faz a guarnição da terra, tem até hoje respeitadõ aquella demonstração de religiosa saudade.

os-Montes. A sua intenção não era centudo de se defender em Braga, nem elle podia adoptar o expediente d'uma semelhante empresa, aliás falta de todos os recursos, senão violentado pelas circumstancias; porém a necessidade de se justificar para com os mais influentes do seu partido da nota que lhe começavam a irrogar de connivente com os cabralistas, por verem como de proposito parecia evitar bater-se com elles, ao mesmo tempo que aproveitava as mais insignificantes occasiões de vexar as forças da Junta, foi quem obrigou a adoptar um plano, que as consequencias em breve mostraram ser extremamente imprudente. Sem embargo, os que o accusavam de pouco leal no seu proceder, não sabemos se o faziam inteiramente sem fundamento; e ainda que isto para muitos possa parecer absurdo, a nossa opinião é que a sua missão em Portugal não foi tanto d'acclamar D. Miguel, como de desempenhar um papel diplomatico, que Mr. Guisot o encarregára de representar. A não ser isso é muito facil explicar o seu procedimento desde o começo da revolução, e casos houve em que até nos obrigaria a considerá-lo um imbecil! Mas? que significa o segredo quasi inquisitorial, que Mac-Donald guardava de todos os que o cercavam, a respeito das suas communicações do estrangeiro; o cuidado que sempre mostrou de não deixar progredir o movimento revolucionario; as immensas escuzas do serviço que deu a um sem numero d'homens, que se offereciam para pegar em armas; e essa até hoje ainda não decifrada fraze de que *tinha Casal fechado na mão*, senão que o que se propunha não era tanto dirigir uma revolução, como estabelecer um nucleo de miguelismo, que justificando a necessidade da interferencia, não complicasse demasiado a situação do paiz? E nem o facto de elle ter sido morto em Traz-os-Montes pelas tropas do Vinhaes prova nada contra a nossa asserção; porque alem de não ser provavel que agentes tão secundarios como era aquelle general estivessem no segredo da politica franceza, todos sabem que foi Mac-Donald o proprio que se foi entregar, e que tanto não contava elle que o esperasse aquella sorte, que no momento de fazer entrega da espada, disse ao primeiro soldado que se lhe apre-

sentou, *não me matem que sou Mac-Donald*, e pouco antes tinha dito a um seu ajudante d'ordens; *vou dar um passo que hade salvar a causa d'El-Rei*. Alem d'isso o modo de discorrer e argumentar de Mr. Guisot, relativamente á questão portugueza, é inteiramente conforme em corroborar a nossa proposição; e tanto as suas vistas pareciam ser d'encabeçar por algum modo as duas revoluções uma na outra, que quando aquelle ministro, não tendo já um Mac-Donal para que appellar, queria ainda sustentar a legalidade da intervenção, diz Lord Normamby, n'uma de suas Notas diplomaticas a Lord Palmerston, que a apoiava na submissão de Povoas á Junta, como prova de que esta se encaminhava a acclamar D. Miguel, e que por isso era chegado o caso da Quadrupla Aliança. Deixemos porem d'insistir n'esse ponto, que talvez levante grande poeira de contradictores, e tornemos a occupar-nos das operações militares.

Em quanto que isto se passava em Braga, na parte mais ao Norte do Minho, o intitulado brigadeiro Abreu atacava Vianna com uma força de perto de cinco mil populares d'aquellas immediações, fazendo laconicamente intimar os da Junta que dentro do praso de vinte minutos se entregassem á discreção. Esta bravata causou menos surpresa que hilaridade, não dando causa senão a que se lamentasse a cegueira de tanta gente illudida; e em consequencia, gastas umas quarenta e oito horas de negociação em enviar e receber communicações dos dos sitiadores, para os dissuadir de tão desvairado intento, vendo-se que nada se conseguia da obsecção de seus chefes, o governador militar de Vianna resolveu sahir a batel-os com uns quatrocentos voluntarios, e ao cabo de menos d'uma hora de fogo já não havia um só dos populares em roda da villa.

Por este mesmo tempo a Praça de Valença tinha cahido em poder das forças cartistas, e esse facto foi um dos que mais claramente revelou quaes eram as intenções do governo hespanhol relativamente á causa da Junta. Havia cousa de cinco ou seis dias que o governador da mesma Praça, José Maria de Sousa, officiava quasi diariamente para o Porto, pe-

dindo que lhe mandassem gente com que a guarnecer, senão que se não responsabilava por ella, porque os miguelistas estavam para revolucionar o Alto Minho, e em consequencia temia não ter com que se defender d'algum ataque que se lhe fizesse, quando a Junta improvisamente foi avisada de que, apesar do soccorro que logo mandára do batalhão de voluntarios de Braga, o desastre não tinha podido ser atalhado porque já dez ou doze horas antes de chegar o reforço, o governador tinha entregado a Praça a uma força de cento e cincoenta marujos, e soldados do batalhão naval, tirados da guarnição dos navios de guerra portuguezes, surtos em Vigo, que as authoridades hespanholas fizeram escoltar por tropa tambem hespanhola até á fronteira de Portugal. Averiguado o caso, soube-se que José Maria de Sousa, ao mesmo tempo que officiaava para a Junta pedindo soccorro, escrevia a Antonio Pereira dos Reis, Commissario Regio nas provincias do Norte, dizendo-lhe que viesse tomar conta da Praça; e até ha quem affirmasse que se fizera pagar da traição por uma avultada somma. O que é fóra de duvida é que, para em certo modo cohonestar o seu procedimento, mandou previamente reunir um conselho, a que expoz o supposto perigo em que se achavam, pedindo que se decidisse o que convinha fazer; porem os vogaes, uns estavam mancomunados, e a outros fel-os elle recolher a suas casas, sem lhes dar liberdade d'emittir o seu voto, de sorte que o que alli se resolveu não é o que o ha-de justificar da deslealdade, com que se conduziu.

Com isto soffreu a Junta um consideravel revez, porque, por assim dizer, se viu completamente flanqueada por aquelle lado; e ainda que muito mais fatal lhe podera ser se o governo de Lisboa tivesse tropas de que dispozesse para as mandar manobrar d'aquelle ponto sobre o resto da provincia do Minho; nem por isso deixou de influir bastante na força moral da mesma provincia, para que esta se não acanhasse um pouco da attitude, que até alli tinha desenvolvido.

Vejamos agora o que se passava no sul.

D. Fernando Villa Real achava-se a esse tempo em Lisboa, á frente d'uns dous mil e quinhentos e tres mil popula-

res; e Saldanha que o vira tão distante do grosso das outras forças, parocendo-lhe boa a occasião para despégar aquelle nucleo revolucionario, mandou sobre elle uma brigada d'oitocentos homens, commandada pelo coronel Ferreira, ao qual aconteceu d'encontral-o em Ourem, para onde elle se tinha retirado á noticia da sua aproximação, e ahi travaram, a 4 de dezembro, as duas forças um assaz disputado combate, em que a vantagem, senão a victoria, quasi sempre esteve pelo lado da Junta. No dia immediato, sabendo Ferreira que o Conde das Antas destacára de Santarem o Conde do Bomfim, com uma brigada de mil e oitocentos homens para lhe cortar a retirada, a toda a pressa se poz em marcha para Rio-Maior; dando-se a si proprio os parabens de ainda o poder conseguir a salvo, e a Villa Real occasião de voltar a occupar Leiria, aonde depois fez junção com Bomfim; e d'alli se marcharam juntos pela estrada de Lisboa a reunir-se com outra brigada das mesmas forças de Santarem, que o Conde das Antas igualmente mandára ao seu encontro; e com as quaes o com alguns contingentes dos populares de Villa Real, Bomfim formou uma columna de tres mil homens, com que ao depois deu a acção de 22 de dezembro.

Seria temeridade querer indagar os motivos que o Conde das Antas teve para dividir a gente: mas o que é certo é que Saldanha não tinha feito outro tanto, e que se dermos credito ao que D. Fernando escrevia do Cadaval (Vid. D. n.º 4) Bomfim não desejava empenhar acção com a pequena força de que podia dispor, ou pelo menos tinha em vistas que o Conde se reunisse para depois combinarem o que convinha fazer. Surprehendido porem por Saldanha na sua projectada marcha de flanco sobre Lisboa, aonde contava entrar primeiro do que elle; as circumstancias obrigaram-no a aproveitar, se do ponto de Torres-Vedras para ahi fazer caras ao Duque e isso foi o que deu causa a essa desastrosa acção do referido dia 22, em que as tropas da Junta experimentassem uma das mais estrondosas derrotas, de que talvez façam menção os nossos annaes militares.

A divisão do Duque de Saldanha orçando por perto de

5:000 homens, a de Bomfim não passava, como dissemos de uns 3:000 e tantos, sendo d'estes 2:500 de linha e 200 cavallos, e o resto de batalhões nacionaes bem armados, com cuja força guarneceu elle os Fortes de S. Vicente e da Força, que defendem a Villa de Torres-Vedras pelo lado do norte, á quem do rio Cisandro; a ponte que alinha com a estrada do Ramalhal; e o castello que serve de eidadella da villa, para onde mandou igualmente a artilheria da divisão; tomando assim todos os pontos d'ataque, e esperando que o inimigo viesse accommetter. Logo que Saldanha lançou os olhos á linha, vendo que a victoria dependia da tomada do forte de S. Vicente, mandou ao batalhão 8 de caçadores que o atacasse á bayoneta callada, sendo pouco mais ou menos dez horas da manhã do dia 22 de dezembro quando rompeu o fogo nos atiradores: o 8 executou com effeito o que se lhe ordenára, porem não precisamente como tinha sido prescripto, porque em vez de atacar á bayoneta, atacou aos gritos de *viva a patulêa e a de 20!* com o que censeguiu illudir o 6 d'infanteria, que defendia o forte, e em consequencia apoderar-se d'elle sem resistencia.

Depois d'isto fez atacar pela sua columna do centro, a cuja frente marchava o 16 e o 8 d'infanteria, o forte da Força, o ponte da estrada do Ramalhal, aquelle deffendido por infanteria 2, e parte do mesmo batalhão, um contingente do 9, outro do 6, e o quasi completo do 2; e n'isto empenhou a quasi totalidade da sua força, e consumiu a maior parte do tempo da acção. O 16 que primeiro investiu, foi vigorosamente repellido pelas descargas de fusilaria, que partiam do forte; ao 8 aconteceu-lhe o mesmo, deixando uma bandeira e muitos prisioneiros em poder do inimigo; e assim progressivamente aos demais corpos, que se foram revesando no ataque. Na esquerda de Saldanha, e direita da villa, o 5 de caçadores defendia valorosamente as posições que lhe tinham sido confiadas, entre as estradas de Runa e de Mata Cães, cruzando-se a artilheria com vantagem de parte a parte; havia cargas de cavallaria que eram repellidas por outras cargas d'igual esforço, e em consequencia a acção parecia indeciar, ou talvez

propendendo para o lado da Junta, quando ao começar de cahir a tarde ou fosse, como diz Saldanha na sua participação official, porque a tomada do forte de S. Vicente, deixando cortada a guarnição do da Forca, fizesse conhecer a Bomfim que o resto da divisão em breve o seria igualmente, pelo ataque simultaneo que elle então mandára fazer a toda a linha; ou, como diz outra testemunha ocular, porque o dia estando chuvoso não deixasse descobrir bem os movimentos do inimigo, e em consequencia Bomfim quizesse obstar a alguma manobra imprevista; o que é certo é que elle mandou tocar a retirar, e as tropas recolheram no castello, seriam cinco para seis horas da tarde; entrando Saldanha na villa por volta das nove da noute, com a gloria d'aprisionar quanto se achava lá dentro. (1) Mousinho, que commandou esta acção em segundo, tinha dito já depois de recolhidas as tropas ao castello, que ainda mesmo que o inimigo entrasse na villa havia de ser expellido essa mesma noute; porem pouco depois foi atravessado d'uma balla, disparada do Forte de S. Vicente, e a sorte não quiz que o seu prognostico se realizasse. A's dez da manhã do dia seguinte, um sargento aspirante, arvorado em parlamentar, intimava Bomfim de se render á discripção, com a simples garantia de *ficarem salvas as vidas até ulterior resolução de Sua Magestade*; e este rounindo então um conselho, em que se decidiu se annuisse á vontade do Duque, com a simples exigencia de que, attenta a bravura das tropas, se lhes concedesse as honras da guerra de sahirem os soldados com as suas mochilas, e com as espadas os officiaes, Saldanha respondeu que concordava n'isso, uma vez que por conservação d'espadas se não entendesse a de postos; e em consequencia a Divisão entregou toda as armas, ficando declarada prisioneira de guerra.

(1) Ha quem affirme (e pessoas aliás circumspectas) que Bomfim, logo em principios da acção, se recolhêra a uma igreja da villa, sobre cujo telhado mandára arvorar uma bandeira negra, para dar signal de ser alli hospital de sangue, e que de lá, sentado dentro d'um confessionario, dêra as ordens que a situação exigia. Nós não o podemos acreditar.

D'esta sorte acabou a lastimosa defeza de Torres-Vedras, que tantas vidas custou aos defensores d'um e outro partido, e que só assim como foi favoravel á causa de 6 de outubro o tivesse sido á da Junta, o mais natural é que alli tivesse acabado uma lucta, que só depois veio a ceder ao poderio de tres nações colligadas. Dito isto, só nos resta accrescentar que o Conde das Antas, que se achava a menos de cinco leguas do lugar da acção com toda a força do seu commando, e que repetidas vezes foi avisado de que se ouvia fogo na frente, não julgou acertado ir ao encontro do Duque— Porque seria que o que todos julgavam mais conveniente, não foi o que elle entendeu que as circumstancias reclamavam da sua reconhecida bravura?... Eis ahi uma questão, que até hoje ninguem tem podido resolver, e que provavelmente ficará problema para os vindouros. O publico, assim como a historia, ignoram completamente os motivos d'um tal procedimento; e tudo quanto se póde dizer a semelhante respeito é o que diz Mr. de Norvins da demora do general Grouchy em flanquear o exercito prussiano na batalha d'Waterloo: todos sabem quanto este general foi instado por Napoleão para que executasse uma manobra, de que aliás dependia a salvação da França, e comtudo diz Mr. de Norvins, que *os motivos que impediram um tão valoroso capitão d'executar um movimento tão imperiosamente, e por tantas vezes recommendado por Napoleão, é de suppor que fossem da mais transcendente gravidade; mas que até ao presente não tem sido possível descobri-los.* (1).

Depois da acção de Torres-Vedras o Conde recolheu ao Porto, e a guerra mudou de face. Passemos a estudar essa quadra.

(1) Hist, de Nap. par Mr. de Norvins. Tom. 3.^o

O Conde do Casal deixa Braga — Saldanha avança até ao Sardoão—Povoas é nomeado commandante militar das Duas Beiras, e as forças cartistas perseguem-no n'aquella provincia—Mac-Donald passa a traz os-Montes, e é morto em Rabo de Lobo—Os miguelistas entram em negociações com Cesar de Vasconcellos, que consegue trazel-os á sogeição da Junta—O Conde das Antas parte para o Minho, e Casal abandona a defeza do Lima—Saldanha avisinha-se ao Porto, e Antas regressa á cidade—Povoas retira da Beira.

Duas derrotas quasi consecutivas como a de Val Passos e Torres Vedras, seriam bastantes para aniquilar qualquer causa, que não fosse a da Junta, porem a opinião publica estava muito pronunciada para que semelhantes revezes a fizessem afrouxar. Convencidos todos de que se se deixassem succumbir, a oppressão de vencidos seria mais cruel do que a lucta d'obstinados, cada qual tratou de se aperceber para pelega, não servindo os contratempos senão de lhe redobrar a coragem. No Porto havia ainda a esse tempo uns seis a sete mil homens de diversas armas, mais bem ou mais mal organizados, mas todos aptos para a defeza das linhas, e calculando com os que Antas devia trazer do sul, que não podiam descer de mil e quinhentos da melhor tropa, o resultado formava uma somma assáz consideravel para não deixar duvida de que bem disciplinada, e equipada ella, a Junta ainda estava em circumstancias de esperar ensejo de melhor fortuna. Além d'isso as tropas do Conde de Mello e Galamba, do Alentejo não tinham nem levemente soffrido da derrota de Torres Vedras; e como no Algarve José Estevão se dava com o maior

desvello ao cuidado de recrutar gente, e da Ilha de S. Miguel, que pouco antes se revoltára, não seria difficil obter um excellento corpo de caçadores, que fazia a guarnição da mesma ilha, o pensamento que teve o Conde das Antas de recolher ao Porto para reorganisar as forças, foi de certo o mais bem calculado, que se podia adoptar em tal apuro de circumstancias.—Se ha caso em que o systema de Fabio merecesse a apothese, de certo que foi o em que a Junta se viu depois da acção de 22 de dezembro.

Os do partido de Lisboa não encaravam porem a questão pelo mesmo lado, e poucos eram os que depois da assignalada victoria do Duque, não julgassem que a contenda estava acabada, e que só lhes restava marchar sobre o Porto, e ordenar que lhes abrissem as portas para atirar com a espada de Breno á balança. Mas como as cousas não correram assim, o resultado foi começarem de conspirar-se uns contra a inactividade do Duque, e outros lançarem tudo á conta do ministro, segundo suas naturaes afeições, ou modo de calcular politico. Os que ou aspiravam ás pastas, ou consideravam Saldanha como melhor esteio de futuras tramas, gritavam que em Lisboa nada se fazia com tempo, e que os do governo eram um bando d'idiotas e parasytas, que só tratavam d'engordar á custa do suor publico; que quando se chegava a adoptar uma ou outra medida, ha muito reclamada pelas circumstancias, já havia um milhão d'outras muitas a que era preciso acudir; que o visconde d'Oliveira era um inerte, e um caracter mesquinho, que só se sabia aproveitar da sua posição de ministro para satisfazer odios e rancores antigos; (1) que não se dava um unico passo em beneficio do costeiro das des-

(1) Sem entrarmos na analyse da justiça ou injustiça d'estas accusações, que pela maior parte reputamos infundadas; o que dizemos é que o visconde representou um papel muito secundario na administração de 6 de outubro, para que o devam julgar pelos actos d'esse ministerio. Se ha cousa em que elle illudisse a nossa expectactiva foi em não calcular a nulidade, que lhe preparavam,

pezas da guerra, e que entretanto que os soldados estalavam de fome, os ministros adormeciam aos gritos da miseria do arrayal; e emfim que ou o marechal havia de empregar a sua influencia com a corôa para que se mudasse de administração, ou resignar-se a ver emurhecorem-lhe os louros á força d'incuria e d'inercia dos que o deviam ajudar a enrama-los. Os outros pelo contrario (e estes não passavam d'umas duas ou tres duzias d'elles) sustentavam que o ministerio fazia quanto podia, e que se com effeito appareciam difficuldades eram mais filhas da situação que não suas; que o que mais enredava os ministros eram os tropeços da diplomacia iugleza, que tornando incerto o resultado da lucta, levava os agentes financeiros de Londres a não se querer confiar do governo, que era preciso ir conforme com o programma de 6 d'outubro, reformando mais ou menos alguns abusos dos que tinham excitado a revolução de Maio, e que se se não desattendessem taes ou taes pertencções indecentes, a que a conveniencia politica aconselhava de resistir, a nação cada vez mais se indisporia contra o ministerio; que elles tinham sim accedido a responsabilidade da revolução, mas só para estabelecer uma nova ordem de cousas, e não para passar o poder a outras mãos: que se Saldanha não tivesse entregado Santarem aos da Junta, nem andado a divagar pelos campos da Golegã, quando rapidamente devia cahir e esmagar com a sua cavallaria o Conde das Antas, ha muito que a causa estaria vencida; que se houve perda de tempo foi n'essa inexplicavel demora do Duque, e não na adopção das medidas que estavam a cargo do ministerio; e que por tanto se o partido da Junta agora engrossava, o thesouro estava inteiramente exaurido, e as cousas apresentavam um aspecto medonho, a côrte que o imputasse a quem tinha á sua disposição o exercito, e não a elles que só podiam combater o inimigo com Portarias.

E com estas e outras que taes recriminações se iam os de Lisboa deglandiando reciprocamente uns aos outros, entretanto que no Porto tudo se preparava para a mais tenaz resistencia.

A Junta sempre foi activa em trabalhar pelo bem da

causa que se propôz defender; mas desde que o Conde regressou de Santarem notou-se uma differença muito sensivel: as ordens do dia succediam-se umas ás outras com uma rapidez espantosa; havia exercicios quasi diarios a toda a força da guarnição; o serviço tornou-se mais economico; os mesmos membros da Junta regularisavam um pouco mais as suas sessões; e tudo induzia a crêr, sem grande cegueira politica, que uma vez que a revolução não tinha succumbido até alli, tambem não seria muito facil succumbir d'alli por diante. Talvez que se Saldanha em vez de adormecer sobre os louros, como fez Casal depois da acção de Val-Passos, tivesse picado incessantemente a recta-guarda do Conde, com uma boa força de cavallaria, a pento de o obrigar a precipitar a marchar, e de bandar a tropa, a sua aproximação á cidade teria sido de funestas consequencias para a Junta; mas logo que preferiu refrescar o exercito, dando-lhe descansos de cinco e seis dias em cada terra por onde passava, até a final se estacionar no Sardão, donde não avançou senão passados quasi dous mezes, o resultado não podia deixar de ser o que foi; isto é, voltar o Porto em si da surpresa, e apresentar-se cada vez mais soberano.

Desde que o Duque chegou ao Sardão, a sua Divisão quasi se pôde dizer que morreu para as operações militares, e aqui cumpre por tanto suspender um pouco a sua historia, passando a ver o que faziam as outras.

Batidos os miguelistas em Braga, Casal demora-se alli vinte dias; de lá parte a 7 de janeiro para Valença a buscar munições; de Valença desce por Caminha para Vianna, e em Vianna faz um alto de muitas semanas, gastas provavelmente á espera de que se lhe offereça occasião de poder entrar em operações mais activas, até que podendo a Junta dispensar uma divisão de 2:500 homens e 200 cavallos, o Conde das Antas marchou com ella a flanqueal-o pela estrada da Barca, esperando obrigar-o a abandonar Vianna, ou metter-se entre elle e Valença, Casal porem, que teve noticia d'aquelle movimento, subindo pela margem direita do rio até Pente do Lima, collocou ghi uma força de 800 homens a defender a poç.

te d'aquella villa, e com o resto da divisão foi sustentar a da Barca, onde se conservou uns tres dias; até que na noute de 13 para 14 de fevereiro, suppondo-se cortado por uma parte da de tropa, que o Conde tencionava fazer passar o rio em jangadas, rapidamente retirou para Valença. Antas vendo então franca a passagem da ponte, atravessou o rio para a margem direita; e em vez de o perseguir como parecia natural, (provavelmente por não se querer distanciar mais do Porto) desceu por Ponte do Lima para Vianna, e ahi sendo avisado de que Saldanha avançara até Oliveira d'Azemeis, igualmente por seu turno retirou a toda a pressa para aquella cidade, aonde entrou no dia 24 do mesmo mez; deixando o Barão de Almargem em Villa Nova de Famelicão com uma parte da divisão, e assim dando por concluido um movimento militar, que ou já se emprehendeu calculando com o que devia fazer Saldanha, e então foi inutil; ou não se contava com isso, e então foi intentado de leve.

Abandonada Vianna pelas tropas da Junta, Casal voltou a occupal-a com as suas; e Almargem que havia já algum tempo tinha partido de Villa Nova de Famelicão para Braga; achando-se reforçado por outros corpos que a Junta mandára do Porto, e constando-lhe que o general cartista se movia na direcção do Ponte do Lima, o que parecia indicar queria passar a Traz-os-Montes, partiu a obstar-lhe á passagem, collocando-se na povoação de Moimenta, que corta as estradas de Covide e Caldellas, unicas por onde lhe era possível realisar aquella marcha. Casal porem, preferindo atravessar cinco leguas de territorio hespanhol á contingencia de se encontrar com as tropas da Junta, astutamente abandonou os dous caminhos cortados, e entrando em Galliza, a 9 de março, pela freguezia d'Azevedo, proxima ao lugar de Lindoso, de lá se passou, como tencionára, á provincia de Traz-os-Montes, deixando Almargem estupefacto da maneira porque se lhe malograra a sua manobra, e das combinações que então viu ser necessario fazer em guerras civis quando se trata de prevenir um movimento, que póde ser protegido por alguma nação vizinha. Acabado isto, marchou para Vianna a sitiar o castello

d'aquella villa, que Casal deixára guarnecido por uns duzentos e cincoenta homens d'infanteria e artilheria; e como nada houve de notavel em todo o tempo que durou o sitio, senão uma tentativa d'introducção de mantimentos, feita por alguns vasos de guerra do governo de Lisboa, e o remate que os sitiados pozerom á sua defeza, procurando furtivamente evadir-se do castello, só diremos a esse respeito o que mais poderá inspirar interesse ao leitor. Eis ahi como isso se passou. A 28 de abril pela manhã, uma pequena esquadriha, composta d'uma fragata, uma corveta, um brigue, e um vapor, appareceu crusando nas aguas de Vianna, e ás dez para as onze da noute, todos aquelles vasos se fizeram no bordo da terra, aproximando-se o mais que lhes foi possivel do Forte denominado o *Fortim*, que defende a entrada do rio a meio da beoca da barra. D'alli começaram a fazer um fogo bastante rijo sobre as baterias da villa, tentando proteger o desembarque d'alguns botes e lanchas, que á força de remo procuravam introduzir mantimentos aos sitiados; porem como o luar estivesse summamente claro, e facilitasse muito as pontarias da fuzilaria, e por outro lado as baterias se cruzassem em tantos sentidos, que quasi era impossivel investir a barra sem ter a certeza de ser fulminado por algumas d'ellas, o unico que se atreveu a levar a cabo aquella arriscada empreza, foi um escaler lançado de bordo do brigue, porque de resto todos os outros barcos de remo que o acompanharam, o mais que fizeram foi aparentar que queriam seguir o mesmo exemplo, contentando-se de virar no bordo do mar apenas tinham vogado algumas braças na direcção do porto; e em consequencia deixando os sitiados quasi na mesma escacez de generos, em que se achavam até alli. No dia seguinte a esquadriha velejou toda para o sul; e chegada a noute de 9 para 10 de maio, que por felicidade dos do castello appareceu de cerração fechada, vendo-se estes reduzidos á ultima extremidade de mantimentos, sem terem já senão uma ou duas rações que repartir aos soldados, e considerando que lhes não restava senão capitular ou fugir; o major Sobral, que commandava a guarnição, e que por maneira nenhuma queria cahir em poder dos sitiantes,

lembrado talvez da pouca lealdade com que se evadira do Porto, (1) conseguindo resolvel-os a adoptar o ultimo arbitrio, na esperanza de se passarem d'alli para Valença; a guarnição sahio do castello, seriam dez para onze horas da noute, indo uma parte atacar a guarda da Casa-Branca, que a abrigo da escuridão facilmente apanhou de surpresa, e a outra alcançando igualmente evadir-se por cima d'uns altos muros, que se não achavam guarnecidos de sentinellas, de sorte que assim se passaram todos para fóra da linha.

Ao chegarem porem ao meio da esplanada dando logo fé do como lhes faltava o commandante, que segundo parece já d'ante-mão tinha combinado com um sargento de veteranos de obrigar n'uma sua casa das proximidades do castello, e de lá passar-se para bordo do vapor de guerra inglez, Jackall, então surto no porto de Vianna; a confusão e desalento começou a apoderar-se d'elles a ponto de que principiando a debandar pelas cercanias da villa, uns cahiram logo em poder dos sitiantes, e outros os trouxe o povo no dia seguinte, não passando talvez d'uns dez ou doze, commandados por um sargento, os que chegaram a entrar em Valença.

E' fóra de duvida que se Sobral os tivesse acompanhado, a guarnição teria toda alcançado a mesma gloria, porque ao tempo que os sitiantes deram fé da fugida, já elles podiam ter adiantado boa meia legua de marcha; porem o receio (a nosso ver mal entendido) de ser presa do inimigo, parece que foi quem o acovardou de concluir um feito tão glorioso. Pela

(1) Alem de que Sobral tinha promettido debaixo de palavra de honra ao major Avilla de se não retirar de Porto, o que não foi bastante para que quatro ou cinco dias depois se não evadiasse da cidade, levando cemsigo uns trinta ou quarenta soldados d'artilheria; accrescia a isto a circumstancia da promessa ter sido feita a um homem, que elle em outro tempo tinha perseguido, e que por esse mesmo motivo muito generosamente aproveitára aquella occasião para o affiançar, o que era talvez o que mais o acovardava de apparecer diante da Junta.

nossa parte declaramos que nada nos lisongearia tanto como poderemos collocar essa façanha a par das de Martim de Freitas, e outras praticadas pelos historicos defensores do castello de Faria, por que em verdade nada ha que tão ardentemente desejemos como ver engrandecido o nome e fama das armas portuguezas; porem infelizmente o pouco arrojo do renate não nos quiz conceder o direito de estabelecer o parallelo. Vejamos se por outro lado alguem nos indemniza d'essa falta.

Pouco depois da derrota de Torres Vedras, a Junta tinha officiado ao general Povoas, recordando-lhe nos termos mais lisongeiros o muito que elle fizera a bem da causa do seu paiz nas memoraveis eleições de 1845, e pedindo-lhe que se a sua decisão não tinha afrouxado, se resolvesse a aceitar o commando das Duas Beiras, que com a maior confiança a nação agora entregava ao seu reconhecido zelo, e abalisados talentos militares. Povoas annuiu com effeito ao convite; e reunindo á pressa um bom troço de forças populares; eil-o que deixa o seu retiro da Vellas para de novo voltar á carreira militar, de que ha mais de quatorze annos vivia afastado. Em idade tão avançada como a sua; de ter sido victima de tantos desgostos: e no momento em que a causa da Junta mais parecia prometter um presidio em Bissau do que uma cadeira curul em S. Bento aos que se lembrassem d'hastear a sua bandeira, não podemos deixar de confessar que foi uma verdadeira dedicação heroica.

Revestido porem da coragem que o caracteriza, consocio dos recursos de que pode dispor, e levado da convicção de que todo o bom cidadão primeiro se deve á sua patria do que a si mesmo, o respeitavel decano dos generaes portuguezes, que em 1845 ensinára aos habitantes da Beira a estrada da urna não duvidou em 1847 capitaneal-os com menos coragem á da resistencia armada. Alternativamente eleitor e general, missionario da paz ou apostolo da guerra, conforme as necessidades da situação o exigiam, o seu nome foi sempre um verdadeiro talisman de gloria, que arrastava apoz de si os povos inteiros d'aquella provincia.

Ao receber a noticia de que Povoas se tinha pronuncia-

do a favor da Junta, Saldanha mandou em sua perseguição duas fortes columnas, commandadas pelos coroneis Lapa, e Solla, com ordem de o acossarem por todos os modos; e como se ainda isto não fôra bastante, o commandante do batalhão cartista de Villa Nova de Foscoa, Antonio Joaquim Marçal, deixou ao mesmo tempo da Beira Alta a flanqueal-o pelo nascente.

Seria talvez mais enfadonho do que agradável ao leitor a relação minuciosa das marchas, que por essa occasião se viu obrigado a fazer aquelle general para evitar as manobras combinadas das tres columnas inimigas, em virtude das quaes duas vezes atravessou a serra da Estrella no coração do inverno; e por isso só diremos que vendo-se afinal cercado por todas ellas no povo de Valezim, a ponto de mandarem os seus commandantes dizer para Saldanha que *só voando poderia escapar*; Povoas fez uma falla á sua gente, em que principiando por lhes fazer conhecer a difficil situação em que se achavam, acrescentou que muito folgava vel-os tão firmes e inabalaveis no proposito de se afrontarem com o inimigo, porque a causa que defendiam era santa e justa, e por isso merecia que todos os bons portuguezes se sacrificassem por ella; que já em sua defeza tinha elle deixado o seu retiro de ha quatorze annos para coadjuvar o pronunciamiento de Maio, e que agora o deixára de novo, e aceitára o commando das Duas Beiras, não tendo á sua disposição um unico soldado, e sabendo quanto estavam atenuadas as suas forças, mas que estava persuadido que ainda podia prestar algum serviço á nação, e que a não queria abandonar sem lhe sacrificar até ao ultimo dia de vida; que já os tinha advertido de que o inimigo estava proximo, e que segundo as informações que tivesse assim se decidiria a combater ou retirar; que bem sabia elle que o mais ardente desejo de todos era pelo combate, e que dada essa hypothese nenhum o faria senão com a mais decidida coragem, porque em todes sentia borboilar o sangue de portuguezes, mas que tambem podia ser necessario adoptar o expediente da retirada, e que era preciso estar apercebido para tudo; para que se assim acontecesse não lhes servisse de

do gosto a idéa de virar as costas ao inimigo, porque nem sempre se retira com deshonra, e retiradas havia que tinham grangeado gloria a grandes exercitos; que não lhes aconselhava tivessem valor porque nenhuma palavra alentam os francos, nem as exhortações são necessarias aos que tem brios, e só lhes lembrava que em qualquer das hypotheses que se adoptasse de combater ou retirar, a causa que defendiam era a mesma, e por isso com a mesma decisão esperava que o acompanhassem: e enfim que por ella iria elle até o ultimo alento de vida em quanto tivesse um unico soldado que o seguisse, e depois d'isso iria só. A isto os soldados responderam a uma voz: *iremos todos!* e logo toda a linha prorompeu como electrica; *viva o general Povoas! viva a Junta do Porto! viva a causa nacional!* O resto do dia passou-se em estudar posições, e receber avisos de portadores mandados a explorar o campo; e ás dez da noite, dando Povoas ordem de pôr em marcha, a sua força atravessou toda em tão profundo silencio aavez das sentinellas inimigas, que não havendo uma só que a presentisse, apesar dos soldados roçarem quasi peito a peito com ellas, a ponto de até ser necessario fazer callar uns cães que ladravam para não dar aviso do caso, o pronostico dos commandantes ficou tão habilmente malogrado que, por nos servirmos das proprias expressões d'aquelle general na sua participação official do acontecido, *quando o inimigo julgava sua presa já elle se achava tres legoas á sua rectaguarda.* Com estas sós quatro palavras Povoas dá parte d'um feito tão distincto, que bastaria a encher a historia de qualquer grande cabo de guerra; e com quanto muito desejassemos não parecer parciaes, a força de parallelo não nos dispensa de as confrontarmos com as seguintes altisonantes frases de Saldanha, quando elle diz na sua participação official da acção de 22 de dezembro, *que as linhas de Torres Vedras, famosas nos annaes da historia militar de todo o mundo, foram a barreira, que pela primeira vez atalhára o rôo rapido da aguia franceza... que o Deus das batalhas assim quizera coroar seus esforços...* e que não é dado a rebeldes avaliar os brios que animam os peitos leaes. Tudo isto pode ser muito exacto, e talvez mesmo

muito applicavel ás circumstancias em que foi escripto; mas a nossa opinião é que as frases que tanto agradam na bocca do classico *Rachador Escocoz*, heroe comico d'uma das comedias de Francisco Xavier, não são as que mais se casam com a inapreciavel modestia dos verdadeiros bravos, nem as que qualquer bom general deve escolher com preferencia para enramalhetar as descripções de seus feitos d'armas.

De Valezim, Povoas marchou para Lamego, e de Lamego para Porto-Manso, donde officiou á Junta participando achar-se n'aquelle ponto, não só por ser essa a extremidade da Beira, por aquelle lado, e em consequencia não querer elle, como bom e severo militar, deixar o territorio que lhe tinha sido confiado, sem alcançar licença de seus superiores; mas mesmo porque o seu desejo não era tanto de recolher ao Porto, e lá permanecer até que as circumstancias abrissem novo ensejo á campanha, como de que lhe mandassem um corpo de tropas regulares, a cuja sombra podesse organizar as outras, e depois voltar a encontrar-se com Solla, e Lapa: ou então ir promover um levantamento geral nas Duas Beiras, e flanquear Saldanha pela sua direita, mettendo-se entre elle e Lisboa. Este plano era inquestionavelmente bem concebido, não só em attenção aos recursos que se podiam tirar d'aquella provincia, senão porque Saldanha, vendo-se com as communicações cortadas, mui naturalmente teria de retirar para Coimbra ou Leiria; e tanto a Junta o entendeu assim que sobre isso chegou a officiar ao Conde das Antas, então em operações na provincia do Minho, expondo-lhe as muitas conveniencias, que se persuadia se poderiam colher d'ahi; porem ou foy porque a outra idéa da concentraçã das forças parecesse mais acertada, ou, como depois alguem disse, porque o Conde tivera noticia de que do Lisboa se preparava uma expedição para desembarcar nas costas do Minho, entre Porto e Vianna, e em consequencia não conviesse distanciar as forças, o que é certo é que apesar de que Cesar de Vasconcellos chegasse a receber ordem, por um postilhão, de marchar para a Beira a reforçar a gente de Povoas, logo depois d'esse o Conde lhe mandou contra-aviso, pelo ajudante d'ordens Leopoldo

dino, dizendo que não convinha avançar d'Amarante; e em vista d'isto Povoas teve de abandonar o seu projecto, e suggestar-se ao da retirada.

Fomos forçados anticipar algumas datas por não desordenar a cadeia dos successos, e agora é preciso voltar atraz para dar conta das ultimas scenas de Mac-Donald. Derrotado, como dissemos em Braga, Mac-Donald tinha-se passado á provincia de Traz-os-Montes, onde Vinhaes o perseguiu incessantemente, até que a final conseguindo encontral-o em Rabo de Lobo, ahi foi feito prisioneiro por um piquete de cavallaria, que depois de o aprisionar o matou: os pormenores d'este acontecimento são pouco mais ou menos os seguintes. Na noute de 19 para 20 de janeiro, constando ao general miguelista que Vinhaes marchára da Regoa em sua perseguição,, parte de Villa Pouca d'Aguiar, e ahi espera, quasi de proposito que cheguem as tropas de Vinhaes, para segundo parece ser surpreendido por ellas; os seus voluntarios, fugindo-lhe uns logo aos primeiros tiros, e outros debandando pelas serras, segue elle com o resto para Cabanas e Pensaves, caminho de Ribeira de Pena, e de lá mandando essa pouca forças tres légoas para a frente, volta mui mansa e socegradamente á recta-guarda, acompanhado apenas d'uns dous ou tres ajudantes d'ordens, a encontrar-se com as avançadas de Vinhaes; a distancia de menos de tiro de pistola, um seu official d'estado maior dá fé de que se acham cara a cara com o inimigo; avisa-o de que as vedetas estão prestes a tocar-lhe com a mão; porem Mac-Donald em vez de retirar fica firme; faz pé a terra sobre um rochedo, e dizendo que vai dar um passo que deve salvar a causa d'El-Rei, espera que os cavallarias se aproximem para lhes entregar a sua espada, até que desenganado de que o querem acutilar, grita então que o *não matem porque é Mac-Donald*, mas infelizmente já muito tarde para obstar aos primeiros golpes, ou talvez muito cedo para abreviar os ultimos. O mais já fica observado n'outro lugar; quer Mac-Donald fosse um verdadeiro chefe miguelista, quer um agente traçozeiro da politica franceza, a sua morte langou um desconforto geral nos do seu partido; e se houve crime perpetrado por

tropas cartistas de que a Junta tirasse proveito, de certo que foi o que as levou a despojar-se d'este cabecilha estrangeiro: M.^{me} d'Stahl disse, fallando do processo do Duque d'Eng-hien, que a sua morte tinha sido alguma cousa mais do que um *crime*, porque chegára a ser um *erro*, e nós não duvidamos dizer o mesmo a respeito da do general irlandez. D'ahi por diaute a situação reciproca das duas revoluções mudou completamente de figura, e quasi se póde dizer que o que até então se não tinha podido conseguir por meios suasorios, se conseguiu depois por força de circumstancias. Foi em seguida a isto que o coronel do antigo exercito realista, Bernardino Coelho, resolvendo-se a fazer junção com a Junta, alcançou que os outros chefes fizessem quasi todos o mesmo; a bandeira constitucional arvorou-se em toda a parte onde d'antes se estendia o dominio miguelista, engrossaram-se as fileiras liberaes com muitos soldados vindos da extincta revolução; e com quanto muito se deve á reconhecida capacidade de Cesar de Vasconcellos, encarregado de promover esta congrassação, pela maneira tão cavalheira como diplomatica, com que se conduziu a semelhante respeito, o que não podemos dispensar-nos de confessar é que os animos estavam tão dispostos para ella, e tantos eram os erros commettidos pelos commandantes das forças cartistas no modo de debolarem a revolução miguelista, que quasi seria um milagre se os d'aquelle partido se não decidissem a procurar o abrigo da Junta.

Sobre isto a diplomacia assoalhou, tanto antes como depois, muito boato paradoxo, tal como dizer que a Junta renunciára a sustentar a causa da Rainha para aclamar D. Miguel; que Passos (Manoel) tinha partido para Londres para o acompanhar a Portugal, que se elle morresse sem successão a Corôa recahiria nos Cadavaes; e outras vezes, que já não era elle o que devia reinar, mas sim o herdeiro primogenito da Corôa com um governo, em que tomariam parte os principaes influentes do partido miguelista, os quaes se offerciam a apromptar cinco mil homens equipados e armados para o serviço da Junta; porem em tudo isto não havia a menor sombra de verdade, nem foi necessario decorrer muito tempo pa-

ta se convencer de completa estrategia diplomatica. (1) A Junta não pactou, não tratou, não combinou cousa alguma com o partido miguelista senão de o restituir a seus perdidos fóros de cidadão portuguez, de que por uma inconcebivel anomalia politica, ha tanto tempo andava esbulhado: tudo o mais são puros sofismas de diplomacia, que não val sujeitar ao escapello da analyse. Antes da sujeição de Bernardino Coelho á Junta, que teve lugar a 2 de fevereiro, indo este official a Guimarães, por intervenção, como dissemos, de Cesar de Vasconcellos, intimar o chamado presidente do governo miguelista, Candido Rodrigues de Figueiredo, para que ou pozesse toda a força á sua disposição e se retirasse, e deixasse a direcção dos negocios, alguma cousa tinha havido de transaccional entre o partido do Porto e os miguelistas; mas isso mesmo não chegou a ter sancção final, nem ainda mesmo que a tivesse era tratado que fizesse offensa aos principios da Junta: o seu unico fim era levar os dous partidos a concertarem-se n'uma coalisão armada contra o inimigo commum, sem quebra nem renuncia de seus respectivos programmas, o que por tanto provava era que a sorte da guerra, tendo sido contraria ás armas da Junta, a obrigava a capitular momentaneamente com seus adversarios; porem não que quizesse transigir com elles. E ainda assim a resolução de Bernardino nem a isto mesmo se referiu directa ou indirectamente, pois que quaesquer que fossem as intenções d'outros muitos que o acompanharam, a sua foi unicamente dictada pelo mais generoso cavalheirismo. Se houve alguém que trouxesse o pensamento re-

(1) A mair parte d'estas asserções são o fructo exclusivo da abundante imaginação do Consul inglez no Porto, Edwin Johnston, que não contente de adulterar os factos, até em muitas occasiões adulterava a mais obvia significação das palavras. Fallando, por exemplo, n'um seu officio para Sir Southern, da resistencia de Mac-Donald em Braga, chama-lhe *uma offensiva*; e querendo dizer que este general não estava em circumstancia de se offender de Casal diz que *não estava em circumstancias de o poder atacar*.

servado d'aproveitar a situação presente para a convencer em instrumento d'outra futura, a Junta n'isso não foi culpada, nem tão pouco seria justo que por uma ou outra excepção traiçoeira quizessemos avaliar o procedimento de todo o partido que se lhe submetteu: o seu desejo era reunir a desherdada familia portugueza em volta do throno legitimo de Sua Magestade Fidelissima, á sombra d'um governo justo e liberal, que a todos concedesse os mesmos direitos, e tudo que não fosse isto não só não era conforme com as suas intenções e possibilidades politicas, attentas as reconhecidas tendencias do seculo, senão que até o temos por diametralmente opposto ás verdadeiras conveniencias do partido miguelista. O homem ou se decide por interesses ou por convicções, e qualquer que fosse o motivo porque os miguelistas se decidiram a abraçar aquelle expediente, o resultado não podia ser senão um: a suppormos que tivesse sido esse o motivo que os levára a tomar as armas, senão a muita força de suas convicções, pedimos então que nos digam qual é hoje o individuo, que uma vez colocado em posição de poder ajusar desinteressadamente das cousas, não se convença de que melhor é discutir do que obedecer, e ter o direito de se queixar do que a obrigação de soffrer em silencio? A Junta tinha-os equiparado em tudo aos veteranos da liberdade, e, desde que qualquer se acolhia aos muros do Porto, não se tratava mais de saber a bandeira e que tinha pertencido, senão a que queria seguir d'ahi por diante—Para que era então preferir o perjurio á lealdade, e as contingencias d'uma revolução por começar ás vantagens de outra já quasi proxima a entoar a victoria?... Acaso uma traição que preparava o futuro, seria melhor do que a boa fé, que assegurava o presente?... O Doutor Candido Rodrigues de Figueiredo, juiz seguramente insuspeito n'esta materia, não duvidou de taxar de traidores a D. Miguel todos os que se reuniram á Junta (Vid. Doc. n.º 5) e a Junta havia de taxar de desleaes á sua causa os que o partido contrario stygmatisava por semelhante motivo!... Um contra-senso d'esta ordem não se sustenta senão por espirito de rabolice diplomatica ou pelo desejo de fascinar momentaneamente os incautos!

mas nunca chega a estabelecer crença politica, nem a historia pode consentir que passe em julgado.

Lamentamos que a intervenção estrangeira se arrogasse tão intempestivamente o direito de nos condemnar a uma dissensão perpetua, annullando os effeitos da começada fusão; mas por outro lado lisongeiá-nos a idéa de que a base do grande edificio lá ficou lançada, e que dias virão, em que os poucos que ainda hoje advogam a causa da idolatria dynastica, se convençam de que não ha salvação possível senão no verdadeiro e primitivo templo da orthodoxia constitucional. O povo começa a fazer-se liberal á força de ser doutrinado nos principios da resistencia pelos mesmos que mais interesse pareciam ter em conservar retrogradados; á decrepita geração dos governos theocraticos já se vai succedendo outra de muito menos fanatica submissão politica; em toda a parte se notam os effeitos d'uma civilização nascente; os orgãos do partido legitimista já traziram com as idéas do seculo em quanto á necessidade de adoptar as formulas representativas; e o que por tanto unicamente resta a fazer é que o governo, seja elle qualquer que fôr, não despreze os meios d'auxiliar este proficuo desenvolvimento d'intellectualidade, por que o mais a acção do tempo e da experiencia o trará por força consigo,

Estado do Porto depois da junção dos miguelistas — Vista d'olhos sobre as transacções diplomaticas—Operações militares no Alentejo—Embarque do Visconde de Sá para o Algarve; sua junção com o Conde de Mello—Intervista do coronel Fitch—Acção do 1.º de Maio—Mudança ministerial de 27 d'abril—Wilde e Marquez d'Hespanha no Porto; suas conferencias com a Junta; character d'estes dous individuos—Inconvenientes da demora das operações—A Junta ignora o que o se passa nas Côrtes estrangeiras; prejuizos que d'ahi resultam.

A época da sugeição dos miguelistas ao partido da Junta abriu um novo periodo na historia da revolução. Por um lado a facilidade que depois houve de tirar recursos de todos os pontos não sujeitos ao dominio de Lisboa, e por outro o poderoso contingente de força numerica que d'ahi proveio ás armas da Junta, tal superioridade lhe deu sobre seus adversarios politicos, que nem os proprios mais entusiastas do partido opposto se atreviam a contemplar o futuro da revolução sem estremecer de susto pelo desenlace.

Era cousa muito para ver como de todas as provincias do norte acudiam numerosas levas de voluntarios a offerecer-se para o serviço da Junta, e com que facilidade saham os corpos promptos e equipados das mãos do Conde das Antas, que nem que parodiasse o *fiat lux* poderia ser mais rapido no modo d'organisar um exercito. Mediante os seus exforços, o regimento d'infanteria 6, prisioneiro em Torres-Vedras, appareceu prompto e fardado, e a manobrar em força de 400 homens em menos tempo do que se podia gastar para ensi-

nar uma escolla; ao 2 aconteceu o mesmo, e assim á proporção a todos os outros que se tinham perdido n'aquella acção, de sorte que não havendo senão alguma falta d'officiaes, e sendo o Conde igualmente expedido em providenciar a isso mesmo, umas vezes promovendo os mais antigos aos postos immediatos, e outras aproveitando-se do prestimo dos apresentados, o que unicamente se esperava era que elle, dando a sua tarefa por finda, quizesse entrar em operações. A isto porém é que elle sempre pareceu oppôr sua resistencia, quer fosse por não contar bastante com a firmeza da tropa, que, apesar de já bem disciplinada, não o era tanto que pudesse competir com a do Duque, quer por entender que não convinha comprometter em terceira acção contra um tão habil general como Saldanha, a já por duas vezes assás comprometida causa da Junta. E d'aqui resultou continuar a ser o Porto um mero centro d'organisação até que os alliados decidiram acabar a questão por um Protocollo, e o mais é que por infelicidade da sina revolucionaria exactamente no momento em que o Conde se dispunha a ultimar a também por uma expedição militar. Logo diremos como as cousas vieram a esse ultimatum; mas antes d'isso, e para que a intervenção nos não apanhe de surpresa, permitta o leitor que lhe vamos dando algumas idéas d'esse acontecimento.

Especie de centro diplomatico das quatro nações coalligadas, Madrid era o theatro onde se preparava o grande drama da interferencia, e a Côrte que por conseguinte nos convém estudar em primeiro lugar.

Occorrencias peculiares á politica d'aquelle paiz, tinham alli feito ultimamente substituir á administração Isturiz a do Cabral, que, como já fica dito, tinha sido nomeado nosso encarregado de negocios junto ao governo de S. M. C. por unica e exclusiva intervenção de Saldanha, vendo que cada dia que se demorava a interferencia se complicava a sorte da revolução de Lisboa, tanto instava com aquelle ministro, para que, desattendendo as observações de Sir Bulwer, agente de S. M. B. na mesma Côrte, se decidisse a interferir independente da cooperação ingleza, que quasi em outra cousa se não

occupava senão em inventar tramas, com que justificar o seu petitorio.

A Pacheco dizia elle que se a Inglaterra hesitava em dar o seu consentimento é porque animavam intenções sinistras relativamente ao Conde de Montemolim, e que por isso mereciam ser desattendidas as suas duvidas, como pondo em grave risco a segurança e tranquillidade d' Hespanha; que segundo as noticias recobidas de Portugal, nenhuma duvida havia de que a revolução do Porto se tivesse convertido em dynastica, porque muitas circumstancias o comprovavam, e principalmente a de Passos (Manoel) ter partido para Londres a buscar o ex-Infante; que assim como os interesses dos dous Principes se antecipasse a preparar a subida do outro; que o prevalescer-se a Junta do nome da Rainha para em todos os seus actos se inculcar como arvorando a bandeira da fidelidade, não era senão um meio d'illudir as estipulações diplomaticas, porque, logo que a revolução triumphasse, o pendão miguelista appareceria em toda a sua clareza; e emfim que o governo de Portugal já por muitas vezes tinha sollicitado o auxilio do hespanhol, sendo este o primeiro a quem se dirigira, e que não era justo que uma nação tão intimamente ligada em interesses com a sua vizinha a deixasse assim perecer victima das maquinações dos anarchistas. Virando-se depois para Bulwer accrescentava—que não era possível retardar mais a intervenção estrangeira; que os gabinetes de França e Hespanha estavam conformes em ser chegado o momento do *casus fœderis*, attento o character de miguelismo, que tinha tomado a revolução do Porto; que se as cousas não tivessem um desfecho prompto, o governo hespanhol se decidiria a interferir independente de qualquer outra nação alliada; e que se a Inglaterra não queria imital-o n'isso, tambem não tinha o direito d'obstar a que as mais nações o fizessem. Bulwer respondia a isto que o caso não era tão liquido como parecia, porque as suas informações não eram inteiramente conformes com as do Conde de Thomar; que não era esta a primeira vez que em Portugal os partidos disputavam o poder por meo das armas, e que só agora o governo portuguez

se lembrára de recorrer ao auxilio estrangeiro; que a intervenção, fosse ella como quer que fosse, não podia deixar de offender a dignidade da Corôa, e comprometter a independencia nacional; e que se a Inglaterra não tinha o direito de obstar a que as mais potencias interviessem, ninguem pelo menos lhe podia contestar o de se oppôr ao desequilibrio da balança politica da Europa: e com isto ia elle protelando a decisão do governo hespanhol á espera de que o seu se habilitasse a tomar a que mais diplomaticamente lhe conviesse.

Em Londres, Lord Palmerston, que por um lado estava informado não só de como o governo de Portugal se mostrava mais inclinado a preferir o auxilio hespanhol, senão tambem de que fôra aquelle o que primeiro sollicitára, cousa que muito magoou a sua susceptibilidade britannica; e por outro, reconhecendo a possibilidade d'algun dia lhe ser preciso lançar uma vista d'olhos politica sobre o Conde de Montemolim, não queria estabelecer o precedente das intervenções abstractas, como meras consequencias do Tratado da Quadrupla Alliança, para não tolher qualquer futura complicação da Peninsula. Todo o seu esforço era levar o governo hespanhol á necessidade de se combinar com o inglez para ambos interferirem d'accordo em Portugal, afim de que não só aquelle o não fizesse isolado, assumindo uma interpestiva influencia nos negocios do reino visinho; mas mesmo para que dada a hypothese das conveniencias Montemolinistas, nunca o de França se pudesse julgar habilitado a interferir d'igual maneira nos da nação limitrofe, sem que a diplomacia tivesse de discutir de novo a complicada these do *casus fæderis*. (1)

(1) Quando chamamos *complicada* á these do *casus fæderis* não é meramente por empregar um epitheto de encher oração: o *casus fæderis*, entendido como o entendem as nações colligadas, é com effeito negocio, que bem desenvolvido elle, dá assumpto, para bons sete ou oito mezes de discussão; — eis abi os quatro pontos mais difficeis de resolver—1.º *Se o tratado de 22 de abril de 1833 existe ou não em vigor?* O gabinete inglez duvida; o hespanhol affirma; e o francez nem

Quanto porém a Mr. Guisot, o sett papel era menos ostensivo por isso que a sua polilica tambem exteriormente menos em contracto com a das tres potencias. Contente de servir de mentor ao gabinete de Santo Ildefonso, e talvez mesmo de o instruir telegraphicamente da resposta que conviria dar a esta ou áquella Nota diplomatica de Lord Palmerston, o mais a que alguma vez se estendia era decidir, lá de tempos a tempos, mas sempre em tom cathedratico, da indole e character da revolução, chamando-lhe laconicamente miguelista, sem muito se dar ao trabalho d'adduzir razões que o provassem. Dito isto callava-se, esperando o effeito que a declaração devia produzir em Londres; e Lord Palmerston que não precisava mais para comprehender qual era o seu pensamento d'auctorizar e apoiar a intervenção hespanhola, via-se então collocado na cecessidade de instar com os seus agentes

affirma nem nega, contentando-se de reservar os argumentos *in petto* para quando a discussão se tornar necessaria. 2.º *Se dado que exista em vigor, impõem ao mesmo governo inglez a obrigação de não deixar vir D. Miguel a Portugal?* Lord Palmerston sustenta que não. 3.º *Se um simples levantamento de guerrilhas miguelistas é bastante para estabelecer o direito da intervenção, ou se é necessario que D. Miguel appareça em pessoa?* Os gabinetes francez, e hespanhol não só são de voto que não é preciso isso, se o inglez, porem, ainda não formou o seu juizo a semelhante respeito, acontecendo-lhe umas vezes affirmar e outras negar, conforme a diversidade das epochas, mas quando affirma sabe-o fazer como quem estudou a doutrina do *stricti juris*. 4.º e ultimo. *Se o conde de Montemolim se deve considerar comprehendido no mesmo tractado, visto não se fazer alli menção da sua pessoa, senão simplesmente da de D. Carlos, ou se é este um caso a que se possa applicar o espirito da lei?* Esta hypothese ainda não passou de simples enunciado sem desenvolvimento. Ora em vista de tudo isto o que o leitor conclue facilmente é que bem sustentado o pró e o contra, a questão não é cousa para se resolver em nenhuma meia duzia de dias.

diplomaticos de Madrid e Lisboa para que ou ultimassem quanto antes as suas negociações com o governo hespanhol, ou levassem o portuguez á resolução de as concluir elle mesmo por uma expontanea transigencia com os sublevados.

Isto posto, é claro que se a junta não tivesse abandonado completamente a questão diplomatica, a ponto d'ignorar o mais insignificante que se passava nas côrtes estrangeiras, a não ser pelo pouco que a tal respeito diziam os respectivos jornaes, de certo se teria convencido de que o que mais lhe convinha era abreviar as operações militares, porque de contrario o resultado não podia deixar de ser o que todos viram; isto é, combinarem-se com mais ou menos difficuldade as nações alliadas, e a final virem ao accordo d'acabar a revolução pela interferencia.

Deixemos pois aqui o processo diplomatico, e tornemos ao que se ia passando no reino.

No Porto conservava-se tudo na expectativa do que faria o conde das Antas logo que tivesse a tropa organizada; e de resto não havia em que entreter a curiosidade publica senão os movimentos do conde de Mello e Schwalback no Alentejo: resumamos o mais essencial d'essas scenas. Reconcentradas em Evora as tropas do conde de Mello depois da derrota de Torres-Vedras, Schwalback e Moscoso vão-no atacar áquella cidade; a junta, ahi installada, reveste-o de plenos poderes para resistir ao sitio; assestam-se baterias de parte a parte; ha um dia inteiro de fogo; e afinal os sitiantes desistem da empreza, convencidos da impossibilidade de a levarem a cabo, e põem-se em marcha para Extremoz. Passados tempos a scena muda de face, e os aggreddidos convertendo-se em aggressores. Mello sáe a campo em demanda do inimigo; assalta Extremoz a 27 de fevereiro, e dão-se quasi as mesmas circumstancias que no ataque d'Evora, só com a differença de que morrendo o coronel Marteli logo no principio do assalto, os soldados começam a desalentar, afrouxam de vigor no acometter da praça, e o conde não podendo recolher a Evora em consequencia d'outras tropas cartistas que lhe difficultam a retirada, vê-se obrigado a tomar a estrada de Marvão,

d'onde só são passados vinte e tantos dias para se ir reunir com Sá da Bandeira a Setubal. Este desastre, cuja nova primeira chegou á junta pelos jornaes da côrte do que pelas suas proprias participações officiaes, (1) causou não pequena sensação no Porto pelo mau estado, em que o conde de Mello pintava achar-se a sua divisão, e difficuldades, que dizia ter de regressar a Evora; e a elle é talvez que se deva o ter vigorado a idéa d'uma expedição para o Algarve, que sem isso não sabemos se teria ido a effeito; porque ainda que fosse cousa que ha muito andava no animo de todos, o dia da sua execução não parecia tão decidido que o mais leve estorvo o não retardasse.

Uma vez, porém, adoptado este plano, a junta entregou ao commando do Visconde de Sá uma força de 1:100 homens, composta do regimento de Fusileiros da Liberdade, e dous batalhões de voluntarios, com que elle se embarcou a bordo dos vapores Porto e Mindello, levantando ferro do Porto a 28 de março, e a 29 aportou em Lagos; não podendo desembarcar em Setubal, nem soltar um golpe de gente em Peniche, como parece levava na idéa, talvez por o mar andar excessivamente picado, e a costa não permittir tocar em terra, ou porque outras combinações estrategicas o fizessem mudar de parecer.

Seja como fôr, o que é fora de duvida é que tendo elle de fazer uma longa marcha de vinte e tantas legoas para chegar a Setubal, quando depois veio a reunir-se com o conde de Mello n'aquella villa, já encontrou entre a sua divisão e a Capital uma grossa força de mais de dous mil homens, commandada pelo conde de Vinhaes, que se não foi a que o impedio de manobrar activamente sobre Lisboa, pelo menos muito concorreu para destruir o effeito moral, que a sua apre-

(1) A junta soube primeiro do acontecimento d'Extremoz pelos jornaes de Lisboa do que pelas suas participações officiaes, em consequencia d'uma correspondencia interceptada no Alemtejo, que o Governo logo mandou publicar nas suas folhas,

ximação devia produzir n'aquella cidade. E quando dizemos que não foi ella a que o estorvara de acommetter Lisboa, não queremos dizer que Vinhaes não tivesse gente bastante para pelo menos lhe difficultar o intento; mas sim que, alem d'essa, outras causas houve mais efficazes, que o obrigaram a conservar-se inactivo. Era por este tempo que a questão diplomatica começava a aclarar-se; porque não tendo até alli o nosso Encarregado da Legação em Londres acabado d'explicar-se com Lord Palmerston, pedindo a intervenção nos termos claros e precisos, que elle julgava deviam ser a formula de similhante genero de pedidos, nem querendo por outro lado o mesmo ministro inglez deixar chegar as cousas em Portugal a tal apuro que o governo hespanhol, cortando por todas as contemplações, se decidisse d'áncite para pela manhã a invadir o territorio portuguez, (o que, como dissemos, o collocava n'uma posição difficil) Sir Bulwer, seu Encarregado da Legação em Madrid, acabava agora de ultimar com Pacheco uns ajustes d'interferencia combinada, e esta occorrença, ha tanto tempo desejada, promettia trazer os dous gabinetes a um desenlace conciliador. Mas para que isto se realisasse era preciso que o Visconde não emprehendesse movimento, que podesse comprometter a segurança da Capital; porque de contrario Pacheco ameaçava que não estaria pelo pactuado, e então Bulwer tomou o arbitrio de dirigir um officio ao mesmo Visconde, remettido por mão do coronel Fitch, em que lhe dizia que os governos inglez e hespanhol se tinham concertado nos termos d'uma honrosa e rasoavel transacção entre os dous partidos, a qual seria proposta ao governo de Sua Magestade Fidelissima e Junta do Porto, para amigavelmente se acabar a guerra civil de Portugal, e que em consequencia esperava que o Visconde suspendesse todas as operações militares até receber um officio do Encarregado da Legação Britannica em Lisboa, que devia seguir de perto aquelle seu aviso. (1) Eis ahi porque a sua divisão estava estacionaria.

(1) As instruções particulares, dadas ao coronel Fitch,

Sá da Bandeira concordou n'isto, e d'ahi veio que vendo alguns dos mais exaltados da divisão, ignorante do que se passára com Fitch, que apesar do manifesto prejuizo que lhes resultava de se conservarem inactivos, attentos os muitos reforços que diariamente acudiam a Vinhaes, e privações que por outro lado já começavam a soffrer os da Junta, o Visconde nada fazia por sahir d'um semelhante estado, tanto começassem de clamar contra a apparente inactividade do seu general, que tal agitação chegaram a produzir nos espiritos, que quasi se póde affirmar que ainda mesmo que Vinhaes não tivesse dado lugar a julgar se roto o supposto (2) armisticio, ajustado com Fitch, pelo levantamento d'um reducto defronte de Setubal, com que ameaçava bater o castello e a villa, sempre o Visconde, com mais ou menos repugnancia, se teria visto obrigado a emprehender algum movimento contra elle. Esta circumstancia, porem, habilitou-o a que sem quebra do compromisso podesse atacar o inimigo; e isso foi o que deu causa á acção do 1.º de Maio, de que agora daremos noticia.

Resolvido que se destruísse a obra de Vinhaes, Sá da Bandeira dividiu a sua força em duas columnas, a uma das quaes ordenou que marchasse pela estrada d'Azeitão, para chamar a attenção do inimigo para aquelle lado, e á outra que seguisse pela da direita, a coberto do castello de S. Philippe, para conseguir o verdadeiro fim da demolição do reducto: tal como elle o ordenára, assim as tropas corajosamente executaram, chegando quasi a surprehender Vinhaes dentro do acampamento, porem mal que este voltou em si da surpresa, mandando reforçar as posições que a sua gente a principio abandonára em precipitada fuga, consegue apoderar-se do novo do forte; os que iam retirando voltam caras á recta-

ordenavam-lhe d'empregar em primeiro lugar os meios suasorios, mas em ultimo caso recorrer ás ameaças se a reluctancia do Visconde o obrigasse a isso.

(2) Chamamos-lhe *supposto* porque Fitch nada tinha combinado com Vinhaes, e por conseguinte a promessa da suspensão das hostilidades não era reciproca.

guarda; empenha-se um fogo activo, que começando ás 6 da manhã só acabou por volta das dez; e com quanto nada tivesse occorrido até alli, que podesse decidir do resultado da acção, acontecendo a final a guarda municipal de Lisboa correr ao 5 de caçadores e fusileiros da liberdade, aos gritos de *viva a patuléal e a Junta do Porto!* estes que se suppõe abraçados por gente amiga, tem a imprudencia de suspender o fogo; dão lugar a que a cavallaria se aproveite d'esta aberta para os carregar; não podem formar quadrado; e tudo recolhe precipitadamente a Setubal. Eis aqui em resumo o mais importante do memoravel choque do 1.º de Maio, que segundo as participações officiaes d'esse dia, não custou talvez menos de quinhentos mortos e feridos aos generaes das duas divisões. (1)

A acção ia quasi a findar quando Wilde e o Marquez de Hespanha, que se achavam a bordo do vapor de guerra inglez, Poliphemus, surto na bahia de Setubal, e no dia antecedente tinham escripto ao Visconde de Sá pedindo-lhe que não rompesse as hostilidades, de novo o fizeram agora, instando-o para que as sustasse, na certeza de que não o fazendo elle assim, seria muito provavel que vencido ficasse fóra de qualquer convenção, e vencedor encontrasse as forças navaes de Sua Magestade Britannica entre a sua divisão e Lisboa. O Visconde respondeu que tendo conseguido o seu fim de destruir o reducto, não duvidava annuir ao que se lhe propunha até receber instrucções da Junta; mas como estas nem foram, nem podiam ser enviadas, porque a diplomacia se apropriou d'ahi por diante a exclusiva decisão da contenda; o mais, que

(1) Por parte do Visconde de Sá, só o contingente do batalhão Academico, que apesar de lhe não competir por se achar encarregado da guarnição dos vapores, generosamente se tinha offerecido para entrar em combate, teve de perda quatro estudantes mortos e sete feridos; o que confrontado com o numero de praças de que se compunha, que não passava d'uns trinta e seis, é uma prova irrefragavel da coragem com que se conduziram,

depois se passou no sul, não influiu directa nem indirectamente no desenlace da revolução. Feito isto, Wilde, e Marquez d'Hespanha partiram de Setubal para o Porto a negociar, ou antes intimar a Junta que aceitasse as propostas das nações alliadas; o que teve lugar em tres entrevistas, de que logo daremos conta, passando agora a contar como para se realizar a interferencia foi necessario cahir o ministerio de 6 de outubro.

Entre as difficuldades, que obstavam á congraçassão dos ministerios inglez e hespanhol, para juntos acabarem a luota de Portugal, uma d'ellas era que votando o gabinete de Madrid porque se interferisse immediatamente e sem condições, o outro, ou por mais respeitador das conveniencias parlamentares, e talvez mesmo da moral politica da Europa, ou por entender que da interferencia indiscriminada lhe podiam resultar consequencias diplomaticamente oppostas a seus interesses, não queria se prestasse auxilio ao governo de Lisboa sem este conceder uma amnistia ampla, e illimitada, tal como a que depois figurou no 1.º art.º do Protocollo. A isto porem oppunha-se todo o ministerio de 6 de outubro, (1) com o Duque de Saldanha á sua frente, dizendo que a deportação temporaria para fóra do reino d'uns dez ou doze dos mais influentes da revolução era indispensavel ao desagravo da Coroa, e que mesmo quando por esse lado se podesse dispensar, não o dispensava o restabelecimento da tranquillidade publica, que sem isso se tornava impossivel. Seymour, e Palmerston replicaram que não era assim, porque a tranquillidade de Portugal não podia depender do exilio d'um tão pequeno numero de pessoas; e que a Coroa mais se desagravava em perdoar generosamente do que em fazer excepções, que revelassem mesquinhez, e capricho; que quando muitos peccavam não se

(1) Seymour diz n'um de seus officios para Lord Palmerston que o ministerio não fora unanime na opinião de se recusar á amnistia, porque houve um membro que dissentio; porem infelizmente para esse individuo e para nós, o que não houve foi quem nos quizesse declarar o seu nome,

podia dizer que peccava ninguém, porque a impossibilidade de castigar a todos importava a necessidade de não excluir nenhum; e em fim que se Saldanha não queria annuir, a sua falta, aliás extremamente sensível em outras occasiões, não o era muito presente, porque uma vez que os alliados se decidissem a interferir era claro que não haveria mais necessidade de seus serviços. O ministerio dizia a isto que tudo aquillo podia ser muito exacto; mas que elle melhor do que ninguém sabia o que convinha aos interesses do reino: e que o desejo da Coroa não só não era humilde e mesquinho, como se pretendia inculcar, senão muito nobre e magnanimo, e talvez ainda mais generoso do que as nações alliadas queriam que o fosse, porque a sua vontade era que ninguém soffresse, e que a todos se estendesse o manto da benignidade regia; mas que em todo o caso precisava sacrificar alguns chefes ao restabelecimento da ordem publica, e que os exilados seriam tratados com tanta liberalidade, que mais se podessem dizer irmãos do que victimas d'uma revolução politica; e em fim, que aos que não tivessem meios se lhes mandariam fornecer em qualquer capital da Europa para onde quizessem ir, o que era a maior prova de não ser para castigo que se faziam taes excepções. (1) E com estas e outras semelhantes discussões se iam passando semanas, e mezes sem se alcançar nenhum resultado, até que vendo o ministerio o rumo que levavam as cousas, e como apesar de seu muito intrigar não lhe era possivel trazer Inglaterra a melhor accordo, resolveu por ultimo dar a sua demissão, entendendo que mais honroso lhe era resignar as pastas do que prestar-se a um genero de interferencia, que no seu modo de pensar quasi tanto o condemnava a elle como aos da revolução. O Conde de Tojal foi então encarregado de organizar uma nova administração, que elle apresentou á Rainha a 27 de abril, e cujos membros foram os seguintes — *Tavares Proença*, que se encarregou da

(1) Esta opinião foi a do Conselho d'Estado de 25 de abril, quo apesar de não ser explicito se era tambem a do ministerio, parece provavel que se se accitasse não o obrigaria a dar a sua demissão.

pasta do Reino; *Bayard*, a quem foi confiada a dos Estrangeiros; *Duarte Leitão* a das Justiças; *Barão da Ponte da Barca* a da Guerra; e para si reservou *Tojal* a da Fazenda com interinidade na da Marinha.

A esta é, pois, que se devem todas as medidas correlacionadas com o Protocollo, e sobre ella que recáe todo o peso da intervenção estrangeira. No nosso entender o ministerio de 6 de outubro foi mais nacional do que o de 27 de abril, porque ao menos pedia as honras da ecathomba politica com todo o seu apparatus de deportações e exilios, entretanto que o outro se resignou a deixar açoutar Portugal com baração e pregão pela Europa. Se ao menos tivessem expatriado metade da nação portugueza, e julgado ainda um terço da outra metade pela lei penal dos Philippes, o que ficasse não seria bastante para protestar contra a derrota dos justicantes, porque o mundo civilisado havia de contar o numero das victimas, e o algarismo abafaria o sofisma. Mas atarem a revolução de pés e mãos, como quem azurraga um escravo; não a deixarem sequer ostentar o seu infortunio; roubarem-lhe até a gloria da resignação nos tormentos; e depois d'isso assoalharem que não houve victimas, e que tudo se fez por bem geral da nação; havemos de concordar que foi um supplicio muito mais cruel que o do potro, porque juntou a punhalada ao escarneo: a sorte do Indio que morre no campo é muito melhor que a do prisioneiro, que reservam para tisanar na fogueira.—Se julgarmos dos desejos da revolução pelo espirito de nobreza, que sempre a caracterizou, estamos certos que antes queria hir toda povoar a região dos tropicos, do que ver-se cospida e esbofeteada, como a esbofetearam, e cospiraram as tres nações colligadas.

Tornemos aos dous commissionados.

Chegados ao Porto Wilde e Marquez d'Hespanha a Junta nomeou uma commissão composta de Manoel de Castro Pereira, e Joaquim Antonio d'Aguiar, para os escutar, e com ella tiveram tres entrevistas de que logo diremos o necessario; agora, porém, descrevamos o character d'estos dous individuos.

Ao dizer dos que o tratavam mais de perto, o Coronel Wilde é um homem de taes ou quaes conhecimentos politicos, não muito agudo d'ingenho; mas bastante repassado das ideas da liberdade britannica para acceder com facilidade á rasão, todas as vezes que se argumenta com exemplos do que se passa em Inglaterra, ou maximas deduzidas do direito constitucional inglez.

Sem ter a classica maviosidade dos diplomaticos, adoça sofrivelmente o discurso; escuta tanto como deseja ser escutado; e não é inteiramente lerdo em voltar a este ou áquelle ponto, que deixára atraz, quando as conveniencias o chamam a insistir n'esse assumpto. O *Espectro*, periodico que se publicava furtivamente em Lisboa durante a revolução, classificou-o de moralmente *defficiente*, porém nós não estamos de todo por essa opinião: o character de creado da Corôa ingleza, com que mais appareceu em Portugal, do que no commissionado diplomatico da Grã Bretanha, foi talvez quem o colocou logo desde principio na impossibilidade de ser util á causa, que se propunha advogar. Alheio aos verdadeiros interesses da Inglaterra, e ora querendo nivelar-se com as ideas de Palmerston, ora descendo até rojar pelos mais baixos degraus de palacio de Windsor, quasi que era impossivel que o desempenho da sua commissão diplomatica se não ressentisse d'esse encontrado influxo de propensões heterogeneas. Foi por isso que visto atravez do sombrio prisma do Marquez de Fronteira, o Coronel Wilde se lhe representava um declarado inimigo do ministerio de 6 de outubro, entretanto que aos olhos da Junta se figurava com muita mais rasão um humilde reverbero de Sir Hudson Low, encarregado da consumação de um grande sacrificio politico.—N'este estado de lucta constante comsigo mesmo, quando Wilde queria servir o palacio occultava a Lord Palmerston o que se passava em Lisboa, e quando queria servir a Inglaterra desagradava a tudo que não era inglez;—servir assim era-lhe absolutamente impossivel, e por isso havemos de concordar que serviu muito mal.

O Marquez á Hespanha é o bem conhecido Barão de Ramfort, que já em tempos de Miguel dera um tal ou qual

contigente para a historia politica do Portugal. Pouco versado na sciencia diplomatica; incapaz de disfarçar o pensamento com a palavra; garrulo como uma mulher de soalheiro; insoffrido a menor objecção doctrinal; e completamente estranho ás mais triviaes idéas do seculo, todo o seu codigo politico se resume no *per me reges regnant*, ou na theoria do *sic volo, sic jubeo, et sic pro ratione voluntas*. Mandaram-no a Portugal como commissionado do gabinete de Santo Ildefonso, e o seu papel não foi senão de companheiro honorario do coronel Wilde—A julgarmos d'elle pelo modo porque se conduziu no Porto, a sua intelligencia fica muito abaixo da ostensão do seu cargo; se alguma vez disse cousa que fosse sua, ou o fez, como dissemos, armado do *sic volo*, ou teve o desgosto de ser interrompido pelo seu collega, que não poucas vezes se viu embaraçado para atalhar ás muitas inconveniencias do madrileno;—era uma especie de tiroteio diplomatico, em que a proverbial loquacidade hespanhola recochetava contra a madurez britannica.

Vejamos agora o que se passou nas tres entrevistas.

Na primeira que teve logar a 9 de Maio, os commissionados, inglez, e hespanhol, apresentaram em nome de suas respectivas nações a proposta constante dos quatro artigos seguintes:

1.º Amnistia geral e completa de todos os delictos politicos, commettidos desde os principios do mez de outubro, e permissão de voltarem ao reino as pessoas que se tivessem visto obrigadas a expatriar-se por motivos politicos.

2.º Revogação immediata de todos os decretos promulgados desde os principios de outubro, que estivessem em contradicção com as leis estabelecidas, e com a Constituição do Reino.

3.º Convocação de Córtes, logo que terminassem as eleições, a que se deveria proceder immediatamente.

4.º Immediata nomeação d'um ministerio, que não pertencendo ao partido dos Cabraes, tambem não fosse de membros da Junta.

A commissão, diz Wilde n'um seu officio para Lord Pal-

merston, (Vid. Doc. n.º 6) que os accetára na generalidade fazendo-lhes apenas algumas modificações, taes como exigir que se declarasse que as eleições seriam directas, e que o ministerio de que fallava o artigo 4.º não se poderia entender ser o de 27 de abril. A isto respondeu Wilde que não tinha poderes para conceder a primeira, nem julgava necessaria a segunda, attento o reconhecido character moderado dos ministros, que todos elles cumpririam leal e fielmente os seus deveres até á reunião das Côrtes, depois da qual se nomearia novo ministerio em harmonia com a maioria da Camara; e em consequencia d'isto como nem a commissão desistisse da sua exigencia, nem os commissionados estrangeiros modificassem as propostas, a primeira entrevista acabou aqui sem se alcançar resultado plausivel.

Na segunda, a commissão offereceu mais dez artigos addicionaes, como explicativos dos da proposta, sendo os mais importantes a conservação do exercito da Junta para guarnecer as capitães do Porto e Lisboa, e a garantia dos emprestimos feitos pela revolução. Sobre isto discutiu-se largamente de parte a parte, e afinal a conferencia acabou sem igualmente se resolver cousa alguma, como tinha acontecido da primeira vez.

Na terceira nada se tratou senão declararem Aguiar, e Castro que a Junta insistia nas suas idéas, e Wilde, e Marquez d'Hespanha dizerem que davam a sua missão por cumprida.

Em todas ellas, porem, ao ponto em que os commissão-nados mais insistiram foi em que se lhes concedesse um armisticio, empregado para isso varios argumentos, taes como dizer que nunca se vira deixar de suspender hostilidades quando se tratava de convenção; que o governo inglez de certo levaria muito a mal uma recusa tão fora da sua expectativa; que o interesse dos partidos belligerantes mais estava em grangear a afeição das potencias medeadoras do que em conseguir qualquer pequena vantagem por meio das armas; e em fim que, sendo uma das difficuldades que se oppunha á concessão de armisticio a necessidade que a Junta dizia ter de

continuar em operações para desembaraçar a navegação Douro, Saldanha se promptificava a retirar para a linha Mondego, e com isso ficava satisfeito aquelle desejo.

A commissão respondeu a isto que não era possível, que com as proprias razões dos commissionados provava a inconveniencia do seu pedido; por quanto dizendo elles que as propostas da Junta eram taes que nunca a Rainha as poderia aceitar, e sendo certo por conseguinte que em breve havia de voltar á peleja, não era cousa muito razoavel que rerem elles que aquelle dos dous partidos, que só tinha a perder e nada a ganhar no armisticio, quizesse concordar e suspender as hostilidades, sabando que o resultado não poderia ser o convenio; que quanto á retirada de Saldanha para a linha do Mondego, tambem isso não era admissivel, pela razão de que ficando dezoito legoas ao sul do Porto, e por conseguinte tres dias de marcha afastado das forças da Junta quando rotas as hostilidades, lhe viésse á idéa carregada sobre Sá da Bandeira, as tropas do Porto não poderiam operar a tempo de lhe impedir aquella manobra. E, em fim, que menes concludente era o dizer-se que em toda a parte que se tratava de convenio sempre a consequencia era a suspensão das hostilidades: porque se se houvessem d'ir buscar exemplos na historia, muitos se poderiam adduzir em contra da dos mais abalisados generaes da Europa, e com especialidade da de Napoleão, que nunca suspendera as hostilidades para entabular negociações com o inimigo.

Com isto se foram os commissionados despedidos do Porto sem nada obterem do fim que alli os tinha trazido; e a Junta voltou aos seus ordinarios trabalhos d'organisação, socegada, e vagarosamente como se nada tivera concluido que elles disseram senão que a Inglaterra e Hespanha se ofreciam a servir de medianeiras na questão portugueza. Admittamos que esta fosse a sua idéa; mas ao menos não de conceder-nos que não era a que deviam ter os que profundas e um pouco mais o negócio, nem mesmo o que se devia inferir do theor das cartas de Lopes Ayllon, e Sir Seymour, para o Conde das Antas, de que Wilde e Marquez de Hespanha

nham sido portadores, na ultima das quaes se diz *que é para lastimar ver-se elle Sir Seymour obrigado a empregar a linguaagem da ameaça para com uma pessoa de tão alta honra e caracter como o Conde das Antas; e muito menos o que se o lhe do que o mesmo coronel Wilde escreveu para Londres n'um dos seus officios para Lord Palmerston, dizendo-lhe que tendo evitado quanto lhe foi possivel usar da mesma linguaagem da ameaça para com a Junta, não se poupára comtudo a fazer-lhe constar, por todos os meios ao seu alcance, que tambem estava authorisado a empregar a, se as circumstancias lh'o fizessem parecer necessario.*

Bem pode ser que apesar d'isso nada fizesse, e que com effeito a Junta peccasse por boa fé; mas o que não podemos deixar de reconhecer é que pelo menos não eram essas as instrucções do coronel, e que não ha razão para accreditar que Wilde sem grandes motivos se atrevesse a desviar-se do que lhe tinha sido recommendado por Lord Palmerston. Sem embargo a Junta continuou, como atraz fica dito, preparando-se larga, e compassadamente para uma campanha de muitos mezes, como se tivesse todo o anno de 1847 diante de si, entretanto que o que mais se precisava n'aquella occasião era intentar alguma acção decisiva, que cortasse rapido pelas negociações diplomaticas. Sir Seymour escrevia por esse tempo para Lord Palmerston que *o estado das cousas em Lisboa era tal que tudo alli dependia do resultado de uma acção em Setubal*, e a junta ignorava o que aliás era obvio ao Encarregado d'uma legação estrangeira ! Um simples vapor, que se tivesse mandado do Porto para Setubal, poucos dias antes da esquadra ingleza receber ordem de fechar a barra, (facto que só se verificou a 27 de maio) e que a seu berdo conduzisse não era preciso mais de quatrocentas a quinhentas praças de linha, talvez que tivesse habilitado Sá da Bandeira a manobrar vantajosamente sobre Lisboa, e então seria cousa muito para ver como Sir Seymour se sahia d'aquelle apuro; sem instrucções terminantes para empregar a força naval britannica, e não sabendo per outro lado como se decidia a questão da interferencia, é muito de presumir que qualquer que fosse

a resolução que tomasse, sempre seria de grande complicação para os interesses do gabinete inglez; — se Sir Seymour se resolvesse a aquiescer, (o que nos não parece nada provavel, attento o modo porque depois procedeu em 20 de maio) (1) a Hespanha interferia de certo, independente da cooperação ingleza, e ahi tinhamos o que Lord Palmerston tanto queria evitar; e se se decidisse a hostilisar Sá da Bandeira, como a esse tempo não se achava ainda assignado o Protocolo, nem por conseguinte seria necessario assigna-lo visto que a questão se decidia por um *golpe d'estado*, o governo inglez não tinha remedio senão concordar com o de França, e d'Hespanha em que interferira por effeito do Tratado da Quadrupla Alliança; e ahi se dava então a outra ponta do dilemma, de que o mesmo Lord Palmerston ainda mais queria fugir. Em todo o caso para os que tinham de ser victimas da prepotencia estrangeira, tudo que fosse complicar a situação de seus oppressores, obrigando-os a degladiar-se uns aos outros, era ganhar vantagens sobre elles:—quando Deus quiz que a garra do leão esmagasse o reptil, não disse ao reptil que não enturvasse a agoa do charco, em que que o rei das feras fosse beber. Porque motivo, pois, não havia a Junta de fazer outro tanto?... se o fizesse, todos diriam que fazia bem. Uma vez que os alliados se tinham decidido a avexar, ao menos que avexassem, como costumam fazer os tyrannos, pondo o pé bem em cima do pescoço da victima, e saboreando todas as suas contorsões da agonia; mas que não dissessem que o faziam por philantropia, nem que era o *horror do sangue* que os levava a isso. (2) Ella, porem, não o entendeu assim, ou

(1) O aprisionamento da esquadra não foi, como todos sabem, o resultado do Protocolo de 21 de maio, mas sim das instrucções particulares de Sir Seymour, dadas a 20 do mesmo mez; porém ha uma circumstancia que torna muito differentes os dous casos, e vem a ser o achar-se já a esse tempo assignado o Protocolo, que aliás se não assignaria se se tivesse andado com mais brevidade.

(2) Depois que Lord Palmerston se combinou com o ga'

então estudou pouco o que mais lhe cumpria saber, e em qualquer dos casos é lastima que não andasse mais avisada. Já uma vez censuramos ter-se completamente abandonado a questão diplomatica, mas não nos é possível deixar de o fazer sempre que isso vem a proposito. Desde que a revolução se converteu em guerra civil, é claro que o seu exito não dependia tanto da sorte das armas, como das sympathias que despertasse nos governos da Europa. Ainda a 25 de abril Lord Palmerston escrevia para Sir Bulwer que muitos escriptores de *Direito Publico eram d'opinião que achando-se a guerra civil ateada em qualquer nação, as outras podiam livremente tomar partido por um ou por outro lado, conforme suas sympathias ou particulares interesses lh'o suggerissem*, e a Junta parecia estar completamente ignorante de semelhantes doutrinas! Que razão havia para que quando Sir Seymour escrevia para Londres, dizendo o triumpho da revolução importava necessariamente a immediata fallencia da divida estrangeira, (Vid. Doc. n.º 7) não apparecesse n'aquella Côrte um commissionado da mesma revolução, que com o manifesto de 8 de dezembro n'uma mão e todos os programmas do partido nacional na outra, dissesse alto e bom som a Lord Palmerston— *a Junta não quer fazer bancarrota!... a Junta não quer que o deficit desapareça pela fraudel... A Junta o que deseja é a organização das finanças; mas não que se substitua a violencia á economia?...* Pode ser que se tivesse dito tudo isto, e ainda outras muitas cousas que se podiam dizer, a esquadra do capitão Thomaz Maitland não tivesse carregado tanto em cheio sobre os vapores do Conde das Antas.

binete hespanhol para interferir nos nossos negócios, uma das razões que elle dava para ser necessaria a intervenção, era o horror que lhe causava o sangue que se estava derramando em Portugal. Sempre que lemos isto faz-nos lembrar o celebre *horror do vacuo* dos Aristotelicos, que tanto disparate fez pro-
rir aos d'aquella s. ita.

Preparos de segunda expedição—Os Vapores voltam do Sul, e pouco depois fazem levantar o bloqueio do Porto—Estado geral d'insurreição no reino—Aprisionamento da esquadra pelos inglezes—Invasão do exercito hespauhol—O Duque de Saldanha chega a vistas do Porto—Ida e volta do Marquez de Loulé a Lisboa—Celebra-se a Convenção de Gramido—Critica diplomatica—Conclusão.

Tão auxiliada pelos esforços das authoridade, e heroismo dos defensores do Porto, como pela reconhecida e incomparavel energia do Conde das Antas, a Junta chegou finalmente a reorganisar um novo e excellenté pé d'exercito de quatro a cinco mil homens, capaz de se medir com as melhores, e mais aguerridas tropas do general Saldanha; mas como havia muito tempo que a revolução se conservava inactiva, os exaltados da situação tanto tinham clamado contra aquella, para elles, inexplicavel demora de movimentos que quando o Conde chegou a fazer conhecido o seu plano d'embarque para a Extremadura, já era crença muito vulgar que uma certa consideração de respeito pelos talentos militares do Duque o impediam de sahir a campo: se o Conde, diziam elles, não se atreve a bater Saldanha, ao menos que não estorve os outros que o façam, ahi ha-de haver quem queira commandar a força, dêem-lhe esses quatro mil homens de linha que ahi temos, e os voluntarios que façam a guarnição da cidade, estamos aqui de braços cruzados, e a final não-de-se-nos acabar os recursos, que é exactamente o que Saldanha deseja. E com estes e outros que taes argumentos, que por ventura não tinham mais fundamento senão o de

imaginação exaltada de quem os produzia, iam elles entretenendo a ociosidade publica, om quanto o Conde se preparava para dar ás cousas um desfecho rapido.

A Junta nunca declarou, nem a historia está habilitada a fazel-o, porque motivo se preferiu o plano da expedição por mar ao outro proposto por Povoa de flanquear Saldanha pela Beira-Alta; mas se attendermos a que as communicações de Wildo, e Marquez d'Hespanha, as insinuações dos consules, e os officios dirigidos ao Conde das Antas por Lopes Ayllon, e Sir Seymour, todos esses eram conformes em dar por emminente a intervenção armada, não poderemos deixar de concordar que todo o movimento, que combinasse a facilidade d'execução com a impossibilidade de ser immediatamente estorvado pela força naval ingleza, seria preferivel ao de collocar a melhoria das suas tropas na contingencia de nem sequer se poderem servir das armas. Os chefes, porem, não foram d'este parecer, e o resultado provou que não tinham sido do mais acertado. (1)

A 20 de maio chegaram de Setubal os vapores, que tinham ido levar as tropas de Sá da Bandoira; a 23 Salter dá caça aos vasos de guerra do governo, que faziam o bloqueio do Porto; obriga-os a recolher a Vigo depois d'uma pequena escaramuça naval, em que não houve mortos nem feridos de parte a parte, mas bastante gloria para a esquadra da Junta, e muito pouca para quem tão rapidamente lhe deu a pôpa; e dispoem-se tudo para o embarque do Conde. Passos faz os ultimos exforços por apromptar cousa de quarenta contos, que lhe foram pedidos para os gastos da expedição; a 26 as tropas marcham para a Foz; o Conde passa-lhes revista a 28; a 30 partem para bordo; e a 31, pelas 6 horas da manhã, é a expedição aprisionada pelas forças navaes inglezas do commando do capitão Thomaz Maitland, auxiliado por um vapor

(1) A Junta nem toda foi conforme em approvar a expedição por mar: Seabra foi um dos que votou contra ella, e a isso é que geralmente se attribue o ter ultimamente deixado de comparecer ás sessões,

e fragata hespanhola, levando a seu bordo dous mil e tantos homens de linha, e perto de cento e vinte cavallos.

O acontecimento não foi muito para surprehender; mas as circumstancias que o precederam são dignas de ser conhecidas do publico: digamos alguma cousa a esse respeito.

A Junta tinha sido avisada um sem-numero de vezes, por muitas pessoas, e por todos os modos, de que a esquadra ia ser aprisionada, e não queria resolver-se a acreditar que semelhante cousa fosse possivel: faltando-lhe o sacramento da declaração official, não se lembrava que sem ella o ministerio Wellington mandára fazer fogo sobre os nossos vasos, que conduziam os emigrados de França para as ilhas, e o de Lord Castlereag convertera em captivo de Santa Helena o voluntario hospede do Belorophonte. Julgar-se-hia acaso a Junta com mais direito á consideração ingleza do que esse homem phenomenico, que por tanto tempo tinha dictado leis á Europa?!... Não seria bastante para destruir a illusão o procedimento que tinha havido com Salter, que tendo pouco antes sabido fóra da barra a ensaiar algumas manobras maritimas, immediatamente fóra mandado recolher ao porto por uma intimação assás clara do capitão Thomaz Maitland?!... Na Relação sabia-se perfeitamente o destino que ia ter a expedição, por uma immensidade de participações feitas ao Duque da Terceira; e não só o sabia elle, que mais facilmente podia estar ao alcance de semelhantes negocios pela situação, em que se achava collocado, mas até os proprios presos da ultima classe politica, a quem elle o tinha communicado por uma especie de telegrapho de lenços, collocados de diverso modo nas grades da sua prisão, e a Junta ignorava o que tão roto e descosido andava por tantas bocas!... Alem d'isto o Consul inglez, Edwin Johnston, tinha dito á Junta, em officio de 22 de maio, que *o governo de Sua Magestade Britannica desejava de véras que se não emprendesse expedição alguma maritima em quanto o Conde das Antas não tivesse conhecimento das communicções que por seu intermedio lhe ia fazer o Encarregado da Legação ingleza em Lisboa; o capitão Robb escrevia a'outro daetade de bordo do Gladiador a 23 do mes.*

mo mez, que elle tinha ordem de prevenir a Junta de que no caso de se intentar algum movimento por mar seria provavel fosse estorvado pelas forças navaes de Sua Magestade Britannica; os officios de Lopes Ayllon, e Sir Seymour, para o Conde das Antas eram talvez ainda mais explicitos do que tudo isso, porque não deixavam duvida nenhuma de que a força substituiria o conselho; e comtudo a Junta insistia que não era possivel, e que por mais que os alliados ameaçassem nunca se resolveriam a commetter um semelhante acto de pirataria.

E a Junta em certo modo tinha razão; porque a Inglaterra de certo que nunca teria procedido d'aquella maneira se tivesse de combater uma nação de 25, ou 30 milhões d'habitantes, como por exemplo a de França, ou da Russia, para quem ha outro Direito Publico que as rege, e outro modo de encarar as suas contestações internacionaes; porem o papel, que ella representava n'aquelle caso, era o da humilde ovelha da fabula a discutir direito e justiça com o lobo. Quem não estalaria de riso ouvindo dizer á ovelha que o procedimento do lobo era iniquo porque lhe não tinha declarado que a ia matar!... Pois o mesmo acontecia com a Junta, e ha-de acontecer com todos que quizerem appellar da força para a legalidade. Por mais que os fracos clamem contra a oppressão, a força foi, é, e ha-de ser sempre o direito regulador do universo: por *força gravitativa* se move tudo para um centro; por *força* se regem os astros; por *força* dominam os conquistadores; e por *força* o raio vara o rochedo, faz desabar o tronco esmaga a ervinha, e a ervinha vai atrancar o caminho á formiga, que tratava de abastecer o seu pequeno celeiro: a formiga queixa-se então da ervinha, e ervinha do tronco, o tronco da rocha, a rocha do raio, e toda essa serie de prepotencias e abusos, é indispensavel para conservar a harmonia das cousas creadas. Tornemos ao positivo.

Ancorada a expedição em frente da barra do Porto, o capitão Thomaz Maitland fez saber verbalmente ao Conde das Antas que tinha ordem de lhe embargar a sahida, declarando-lhe que mandára fazer fogo sobre os seus transportes

se immediatamente não forem fundear debaixo da artilheria da *America*: (1) o Conde responde que exige declaração por escripto, e Maitland envia-lhe então um officio, que se reduz a fazel-o sabedor das instrucções terminantes, de que está revestido, para se apossar dos vasos de guerra da Junta. Depois d'isto ordena-lhe que faça desarmar a tropa; arreia-se o pavilhão portuguez; o Conde protesta contra uma tão flagrante violação do direito das gentes; e no dia 2 de manhã faz-se tudo de vella para o sul, sendo Antas, e a sua brigada, conduzidos prisioneiros de guerra dos inglezes para a Torre de S. Julião da Barra, aonde esperam o desfecho da questão diplomatica, e depois são restituídos á liberdade, por effeito do do Protocollo de 21 de Maio. Eis aqui em resumo a historia da expedição;—moralizemos agora o successo.

Seria nobre, grande, generoso, e digno do elevado character da nação britannica, o modo porque se conduzio com a junta? A junta appellou do ministerio inglez para o seu parlamento, do parlamento para a nação, e da nação para Deosmas a historia que não tem a appellar senão para a posteridade, não pôde deixar de sentir-se opprimida quando a obrigam a esperar pelo veridicto d'um tribunal tão remoto. Reduzidos, porém, a esse extremo, fazemos justiça ao sentimento do *justo* e do *honesto*, que Deus poz ao coração de todos os homens, e estamos convencidos de que, antes de morta metade da geração presente, já não haverá ninguem que deixe de stygmatisar um tão violento acto d'abuso de força como o que praticaram os gabinetes inglez e hespanhol. Porque não foram os agentes dos alliados mais explicitos em suas declarações! Porque recearam elles que os quatro ou cinco chavecos da Junta dessem bordagem á esquadra de duas poderosas nações colligadas!... Não é uma acção indigna dos que podiam dispôr de duzentas mil espingardas emboscaram-se atraz d'um *talvez* ou d'um *será de suppôr*, para cahir de improviso sobre meia duzia de cidadãos corajosos que o mais que lhes pediam era que fossem testemunhas inoffensivas de

(1) *Fragata Almirante da esquadra ingleza,*

seus esforços pela liberdade! E' assim que a Inglaterra desejaria ser tratada pelas outras nações se todas se conspirassem a roubar-lhe o dominio do mar? Com que direito clamaria ella, estabelecido este modo de julgar o direito, contra o systema continental de Napoleão, com que elle queria dominar a França pelas ideas liberaes, o continente pela França, e a Inglaterra pelo continente? Uma vez estabelecida a doutrina do predomínio da força, a applicação deve ser a mesma para todos.

E ainda não é tanto isso o que offende a dignidade das nações alliadas, como o torem-se ellas abatido até á condição traíçoira dos fracos, occultando muito do pensado os Consules inglez, e hespanhol, os officios, em que seus respectivos encarregados de negocios declaravam explicitamente as intenções de seus gabinetes de se apresentarem em decidida hostilidade com a Junta se esta não annuisse ao armisticio em quanto a esquadra não foi aprisionada: o duellista que não diz ao seu adversario, *deffende-te!* em toda a parte é considerado um verdadeiro assassino, que não encontra commiseração em código nenhum da Europa: porque motivo, pois, querem as nações ser isemptas do stygma que fazem recahir sobre o individuo!—uma nação não pecca menos por se poder servir de um milhão d'espadas, do que um homem por só poder manejar a sua. Mas continuemos com a historia do aprisionamento.

Antas deu então parte á Junta de como se achava prisioneiro; (1) e como esta devesse entender em presença dos

(1) E' cousa tão singular o parallelo, que offerece este aprisionamento do Conde das Antas defronte da barra do Porto, com o de Napoleão nas aguas de Rochefort, que não podemos resistir ao desejo de confrontar os dous casos: veja o leitor se temos razão. Assim como Napoleão depois da entrada dos alliados em Paris ficara prisioneiro d'uma esquadra ingleza, por abominavel perfidia de Castlereag, assim Antas por surpresa de Lord Palmerston cáe em poder d'outra esquadra da mesma nação, depois da assignatura do Protocollo;—o que constitue o primeiro na necessidade de protestar, a bordo do Belotes, é quasi o mesmo que obriga o segundo a lavrar igual

officios de Maitland, e Notas diplomaticas do Lopez Ayllon, e Sir Seymour, datadas do 20 de maio, mas só entregues depois da tomada da esquadra, que a causa d'aquelle acontecimento tinha sido a recusa da suspensão das hostilidades, respondeu em officio, dirigido ao dito capitão Thomaz Maitland, que attendendo á superioridade de forças com que era atacada, e novo inimigo que ultimamente se lhe apresentava, se via na necessidade de concordar no armistício, protestando comtudo solemnemente contra a violencia que se lhe fazia; mas que uma vez que ella tinha annuido ás exigencias dos alliados, e visto quo as instrucções de Sir Thomaz Maitland não eram relativas aos vasos de guerra em caso d'insistencia da sua parte, o

protesto a bordo do vapor Mindello;--um e outro se vêem collocados quasi na mesma situação politica, e por isso a ambos occorre exprimir-se quasi pelas mesmas frases; *je proteste solennellement ici á la face du ciel et des hommes*, diz Napoleão no protesto do Belorophonte; *o abaixo assignado protesta solennemente á face de Deus e de todos os povos da terra &c.* diz o Conde das Antas no seu protesto do vapor Mindello. Ainda mais: as mesmas expressões cavilosas, que empregava o commandante da America, para illudir o general da Junta, d'essas mesmas se servia o do Belorophonte para induzir Napoleão a que fosse para seu bordo; um diz que *não sabe o que succederá, mas que está persuadido que se for será muito bem recebido pelo governo inglez*, e o outro que *tambem não pode afiançar o que tem de acontecer, mas que é sua opinião que se sahir ao mar será provavelmente embargado pelas forças navaes inglezas*. Em fim, para nada faltar a este singular concurso de coincidencias, até os dous commandantes da America e Belorophonte se achavam ambos revestidos do duplicado character d'officiaes de marinha e agentes diplomaticos; ambos elles eram capitães de fragata; ambos crusavam como observadores; e ambos se chamavam Maitland! Quando reflectimos n'isto quasi chegamos a persuadir-nos que o Conde das Antas não podia deixar de lisongear-se com um infortunio, que o vinculava a tantas recordações gigantescas.

desde aquelle momento deixava de ter logar, pedia ella que se lhe restituissem as tropas d'embarque, e os navios os mandassem recolher ao Douro. Nem Maitland, nem os Consules deram, porem, a menor attenção a esta exigencia, e em consequencia a Junta lavrou então em protesto, longo, e d'fusamente arrasado, em que diz que Portugal sempre fora considerado como nação livre e independentemente, e não feudo, provincia, ou colonia de qualquer outra nação, e que por isso está no direito incontroverso de se constituir a si proprio; que a sua intenção não era mudar a dynastia, nem as leis da successão da corôa, como tinham feito as nações alliadas em diversas epochas, mas simplesmente dar realidade e vida ao systema representativo, minado por uma facção iniqua; que só depois d'esgotados todos os recursos da imprensa, tribuna, e petição á corôa, é que a nação se resolvera a recorrer ás armas em abril e maio de 1845, para sacudir o jugo d'uma administração tyrannica, que por outro modo não era possivel despojar do poder; e que os decretos de 10 de fevereiro de 1842, e 27 de maio de 1846 lhe tinham garantido a promessa real de que a Carta Constitucional seria reformada, como unico meio de conseguir esse *desideratum*, mas que o ministerio de 6 de outubro faltára a todas estas promessas da maneira mais escandalosa e fraudulenta; que por isso a nação julgára necessario segunda vez appellar para a força, a fim de manter a liberdade e as leis.

Diz mais, que a humanidade e generosidade, com que a Junta se tinha conduzido em todas as épocas, apesar dos criminosos excessos do governo de Lisboa, parecia dever gran-gear-lhe as sympathias das nações civilisadas, e não indispol-as contra uma causa tão santa e tão justa como ora a sua; que em que quanto a sorte lhe fôra adversa, a ninguem pesava o inutil derramamento de sangue, e que só depois que o seu triumpho era certo é que se desenvolveu essa mal entendida filantropia: que a mediação, com quanto dita em sentido conciliador, o que parecia, pelo modo porque era feita, é que não tendia senão a srrebatar á Junta um triumpho infallivel, e que ella pelo facto de a aceitar para conciliar a Corôa com o po-

vo, não entendéra ter reconhecido as potencias alliadas por arbitras de suas contendas; porque Portugal tinha bastante intelligencia e capacidade para se dirigir a si proprio sem carecer de tutolla estrangeira; que se a Junta addicionára as propostas dos alliados não fôra senão para obstar a novas tentativas como continuar a guerra civil que aos mesmos alliados tinha pedido quizessem sollicitar de Sua Magestade, a graça de receber Commissionados da Junta, que tratassem d'ultimar a questão, o que aliás lhe fôra terminantemente recusado. A isto accrescenta, que as intimações de guerra lhe foram feitas muitas horas depois do aprisionamento da esquadra, e que da esquadra, e que da confrontação das datas dos officios de Lopez Ayllon, e Sir Seymour, com a da sua apresentação á Junta, se via que muito por dolo e malicia de quem os apresentou se tinha retardado a entrega; (1) que o que vocalmente ou por escripto se lhe tinha dito até alli, para a desviar do projecto da expedição, não a podia induzir a acreditar que o resultado d'uma recusa da sua parte fosse uma declaração de guerra das nações alliadas; e enfim, que por todas estas razões, e para que a sorte futura de Portugal nunca podesse ser imputada ao procedimento da mesma Junta, julgava ella do seu dever protestar, como de facto protestava por aquelle documento, á face de Deus e do mundo contra uma tão flagrante como inaudita violação do direito das gentes. (2)

(1) A data d'estes dous officios é de 20 de maio, e a da apresentação de 31 do mesmo mez por duas horas da tarde; isto é, onze dias depois d'escriptos, e oito horas depois do aprisionamento da esquadra.

(2) Este protesto, que é uma das obras mais bem acabadas que sahiram das secretarias da Junta, attribue-se geralmente, assim como outras muitas correspondencias diplomaticas, ao inimitavel talento do distincto cavalheiro, e muito conhecido escriptor publico, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, a quem a Junta primeiro encarregára d'uma commissão importanté em Penafiel, depois nomeou governador civil de Villa Real, e por ultimo quasi aggregou aos seus tra-

Ao mesmo tempo que o Conde das Antas era feito prisioneiro dos inglezes, uma Divisão hespanhola de dez mil homens, ás ordens do general Concha, invadia o territorio portuguez pelas duas fronteiras do Minho e Traz-os-Montes, sendo uma columna commandada pelo proprio general em chefe, e a outra por Mendes Vigo, o qual, logo ao entrar em Portugal, assignalou os seus passos, junto a Valença, por um acto da mais brutal invasão: sem prévia declaração de guerra, achando-se suspensas as hostilidades, e com forças triplicadas das do official portuguez, (o major Damazio) que n'aquelle ponto commandava as da Junta, o general hespanhol não duvidou apparecer-lhe de repente na frente, cahir de chofre sobre elle, e para cumulo d'insidia simular primeiro uma retirada sobre Orense, como se fôra preciso á horda de selvagens d'America, que querem estrangular o viajante europeu, embrenharem-se nas dobras do mato, para depois lhe atirarem bem a seu salvo!

Qualquer que seja o partido de quem lêr estas linhas, estamos certos que não poderá deixar de folgar com a noticia de que 600 voluntarios portuguezes fizeram frente, por mais de tres horas de fogo, a mil e setecentos hespanhoes de suas melhores e mais escolhidas tropas; e que houve um official das nossas fileiras, (o mesmo major Damazio) que com a espada mettida na bainha, e as mãos talvez debaixo dos braços, chegou a distancia de menos de dez passos do inimigo para lhe exprobar a deslealdade do quebrantamento do armisticio; e vendo que a resposta era mandarem-no fusilar á queima-roupa, mui mansa e vagarosamente voltou a occupar o seu posto, sem dar outra demonstração de que sentia o zunir de centenares de ballas, senão virar-se um pouco de lado, para que se não dissesse que um portuguez tinha morrido pelas costas!

De Valença e Traz-os-Montes a Divisão hespanhola avança até ás linhas do Porto; a Junta nutre idéas d'obter melhores condições apparentando querer levar as cousas ao extre-

balhos de gabinete para a auxiliar nos afanosos paroxismos do mez de junho.

mo; citam-se exemplos de iguaes resistencias desesperadas; procura-se, sofismar a verdade da situação, argumentando com a razão e a justiça contra o imperio da força; discute-se em mais de vinte e tantas Notas diplomaticas o direito de conservar armado o exercito da revolução, porem os Consules a nada attendem, e antes ao contrario pedindo os seus passaportes para sahir do Porto, tudo que a Junta pôde obter é que lhe concedam licença de deixar embarcar o Marquez de Loulé para Lisboa, a bordo do vapor, inglez, *Terrible*, a fim de sollicitar uma audiencia de Sua Magestade ou do ministerio, para substituir a medeação nacional á estrangeira; mas até n'isto os seus exforços são baldados, porque o seu commissionado nem sequer lhe consentem communicar com terra, e em consequencia voltando ao Porto passados oito ou dez dias sem nada ter obtido, a Junta começa a pensar seriamente em abreviar a capitulação.

Foi então que o Duque de Saldanha, que á tres mezes se conservava extatico em Oliveira d'Azemís, sem ousar aproximar-se do Porto, julgou a proposito fazer uma pequena tentativa sobre a Fortaleza da Serra, de que resultaram alguns mortos e feridos de parte a parte, com bem pouca gloria de quem a ordenou, por tão inutilmente ter derramado o sangue portuguez, como quebrantado o arnisticio; e talvez alguma vantagem do lado da Junta por se mostrar que apesar de desalentado e desfeito, ainda o seu exercite estava em circumstancias de defender corajosamente a cidade. Se até alli havia intenções de resistir á occupação do Porto pelas tropas do Duque, muito mais as houve d'ahi por diante, porque ninguem deixou de considerar como um percursor de terriveis desastres o facto de se ter promovido a desordem, quando todos se preparavam para a paz.

Na volta do marquez ao Porto, sabendo-se o que se passára com elle em Lisboa, e como nem da parte da diplomacia havia nada a esperar, attendendo a que o ministerio inglez acabava de obter maioria no parlamento, a proposito da questão ventilada sobre a intervenção de Portugal; nem por outro lado era admissivel nutrir ideas de resistencia contra um po-

derio tal como o de tres nações colligadas, a Junta voltou-se então do lado do exercito hespanhol, como unico recurso que lhe restava para salvar o Porto da tão receada invasão de Saldanha. Felizmente para ella o general Concha manifestou logo as melhores disposições de vir a um accordo; e com este, e com o coronel Wilde concertaram Cesar de Vasconcellos e Marquez de Loulé, a 16 de junho, o convenio, a que depois se chamou *Convenção de Gramido*, em que debaixo d'um frazeado bem concebido, parecendo estipular-se muita cousa de vulto, nada de facto se estipulou importante, senão que a Junta entregava a segurança do Porto á generosidade e protecção das nações alliadas, e que Saldanha não occuparia a cidade senão quando as mesmas nações o quizessem.

O Duque foi excluido d'assignar o Convenio, e com isso a Junta é de suppôr que quizesse conseguir dous fins; o primeiro mostrar que não cedia á força das suas armas, e o segundo para que se não dissesse que um general portuguez a tinha vindo entregar nas mãos de seus inimigos. (1)

(1) Saldanha queria comtudo sujeitar-se a este risoo; e é digno de saber-se que a primeira pessoa que o Marquez de Loulé encontrou para tratar com elle (não verdadeiramente em Gramido, mas n'uma povoação quasi legoa e meia distante, aonde a principio o levavam enganado) foi o proprio Duque de Saldanha em companhia do Consul inglez, Edwin Johnston, e alguns officiaes d'Estado Maior. A esta vista o Marquez declarou que não estava authorisado a tratar com o Duque, e que exigio que elle se retirasse: alguém que estava presente observou então que ninguem mais que Saldanha desejava ultimar a contenda por meios brandos; porem o Marquez replicou que bem podia ser que assim fosse, e que muito folgava elle de lhe suppôr taes desejos, mas que não podia exceder os poderes, que lhe tinham sido conferidos pela Junta, e que em consequencia insistia em que se retirasse. A isto o Duque balbuciou ainda o que quer fosse, limitando-se por fim a pedir que o deixassem assistir como simples expectador, para não dar a seus officiaes o vergonhoso expectaculo da retirada; po-

Concluidos e assignados os artigos da Convenção, a Junta, que já a esse tempo se não compunha senão de tres membros, (1) Passos, Avila, e Justino Ferreira, julgou chegado o momento de dar por concluida a sua trabalhosa missão, expedindo ordem de soltura ao Duque da Terceira e mais presos politicos, que se achavam na Relação; mandando lavrar acta d'encerramento; e passando a authoridade para as mãos do desembargador João Maria d'Abreu Castello Branco, que interinamente foi nomeado governador civil do districto administrativo do Porto. A isto seguiu-se a entrada das tropas hespanholas na cidade; a entrega das armas que tinham pertencido ao exercito da Junta; a dispersão de todos os comprometidos por aquella causa, e em consequencia a victoria apparente das forças militares de Saldanha; mas na realidade a derrota moral da bandeira politica, arvorada pelo ministerio de 6 de outubro.

Analysemos agora a intervenção. Porque motivo se decidiu Lord Palmerston a interferir? que foi o que fez demorar a interferencia? que motivos obram em cada uma das nações colligadas? de que argumentos se serviu o governo de Lisboa para provar que era chegado o caso de recorrer ao auxilio estrangeiro? que papel representou em tudo isto o gabinete francez? quem foi que mais concorreu para que a guerra civil portugueza acabasse por um Portocolo?

rem como nem isso mesmo podesse alcançar da serena e grave inflexibilidade diplomatica do Marquez de Loulé, tomou o expediente de dizer que aproveitaria o tempo em expedir o correio, e sahio porta fóra sem mais altercar, supposto que um tanto rubro de côr.

(1) A Junta já a esse tempo se não compunha senão de tres membros, porque dos outros tres que faltavam, um estava prisioneiro, que era o presidente; Seabra tinha-se julgado desobrigado de continuar a prestar seus serviços desde que vio como se despresára a sua opinião de não embarcar a expedição para o Sul; e de Sebastião d'Almeida e Brito igualmente não houve mais noticias depois que soube do aprisionamento da esquadra.

Eis ahí umas poucas de questões, que nós vamos tocar de relance.

Comecemos pelos manejos do ministerio de 6 de outubro: a primeira cousa de que este tratou, logo que vio o aspecto que tomava a revolução, foi dar-lhe um caracter de miguelismo, com que fizesse suppôr a existencia do *casus fœderis*: para isto dizia Saldanha em Lisboa ao encarregado da legação ingleza que no Porto e Coimbra se tinham creado regencias, aclamando o governo de Pedro V;—que a Rainha tinha sido declarada como tendo perdido o direito á Corôa de Portugal; que elle tinha em seu poder documentos que comprovavam isto mesmo; e que supposto contasse debellar a revolta com os seus proprios recursos, não podia deixar d'olhar com muita seriedade para o grande perigo, em que se achava collocado o throno de Sua Magestade. (1) Em Madrid o Conde de Thomar participava oficialmente ao Duque de Sotto-Mayor (2) que os miguelistas se tinham colligado com a Junta para acclamar o Usurpador; a Bulwer, encarregado da legação britannica, dizia-lhe em conferencia particular que elle sabia com toda a certeza, pela via a mais segura, que Manoel Passos tinha partido para Londres a buscar D. Miguel; e ao agente da legação franceza é de suppôr que fallasse pouco mais ou menos no mesmo sentido: em Paris o novo encarregado de negocios assegurava o mesmo ao ministerio Guisot; D. Manoel de Portugal officiaava quasi por iguaes palavras para Londres ao Barão de Moncorvo; e em fim este ultimo esforçava-se por persuadir Lord Palmerston de que, ainda que no Porto se não invocasse o nome de Miguel, não se devia por isso entender que deixasse de existir a indicada hypothese do *casus fœderis*, porque de contrario se isso fosse bastante para inutilisar os effeitos de Tratado da Quadrupla Alliança, era claro que nunca os revolucionarios o invocariam

(1) Officio de Sir Southern a Lord Palmerston de 14 de outubro de 1846.

(2) Nota do Conde de Thomar ao Duque de Sotto Mayor, de 5 de janeiro de 1847.

senão quando a revolução já não pudesse ser atalhada. Eis aqui como Portugal estabelecia a questão: vejamos agora como as tres nações a entendiam. O gabinete hespanhol deu-se logo por convencido, porque n'isso iam os seus interesses politico-peninsulares de estabelecer a sua influencia em Portugal, e harmonisar o programma governativo dos dous gabinetes; mas como por um lado nem o governo portuguez lhe tivesse pedido a principio que intervisse com mão armada, senão que empregasse meios indirectos de lhe dar força moral, taes como mandar tropas para a nossa fronteira, fornecer armas e munições ás forças cartistas, e auxiliá-lo nas suas mais importantes emprezas; nem por outro se quizesse decidir a interferir sem ir de tal ou qual maneira de intelligencia com o gabinete inglez, para não dar lugar a alguma contestação diplomatica, que envolvesse em guerra os dous reinos, isto demorou a sua resolução até á queda do ministerio Isturiz, e subsequente administração de Pacheco, que foi quem cortou as difficuldades.

O ministerio inglez hesitou muito tempo em considerar a revolução como caso de interferencia; mas é preciso não confundir esta recusa, puramente filha de considerações diplomaticas, com o pensamento nobre e generoso de não abusar da força para dictar a lei.

A principio entendendo, como lhe dizia Sir Bulwer, (Vid. Doc. n.º 8) que os negocios de Portugal estavam muito complicados para que qualquer nação se devesse decidir inconsideradamente por uma ou outra parcialidade politica sem ver a côr que tomaria o novo ministerio, resolveu esperar que o horisonte se aclarasse, e nutrio a gigantesca idea de que um simples annuncio da sua vontade, transmittido pela boca d'um commissionado britannico, seria bastante para fazer entrar as cousas na ordem. Mas como este plano falhasse completamente na pratica, passou então a argumentar com os tres gabinetes, francez, portuguez, e hespanhol, sobre a verdadeira intelligencia dos tratados, que ligavam Inglaterra a Portugal, e especialmente ácerca do de 22 de abril, suppondo umas vezes inadmissivel a intervenção, outras dizendo que era possi-

vel dar se caso em que ella se devesse verificar; mas não como consequencia do mesmo Tratado, senão em visto de outro que era preciso lavrar; e afinal, desde que Bulwer lhe participou em officio de 5 de fevereiro que o governo hespanhol estava prompto a combinar-se com o inglez ácerca dos meios de acabar a lucta de Portugal, Lord Palmerston, que, ainda em data de 11 do mesmo mez, tinha escripto ao coronel Wilde, dizendo-lhe que o Tratado da Quadrupla Alliança, por isso que era ajustado entre quatro potencias, não podia uma só arrogar-se o direito de decidir da existoncia do *casus fœderis* sem audiencia das outras, e que tendo aquelle Tratado tido por objecto singular e especialmente compellir D. Carlos e D. Miguel a evacuaem o territorio portuguez, o simples levantamento d'un corpo de miguelistas armados não podia considerar-se como motivo bastante *para dar lugar a uma interferencia, que, fosse ella como quer que fosse, tão destruidora seria da independencia de Portugal como contraria aos principios, que regulam a politica d'Inglaterra*, já em officio de 16 dizia ao seu encarregado da legação em Madrid, *que o governo de Sua Magestade Britannica soubera com a maior satisfação da resolução tomada pelo de Sua Magestade Catholica, e que se D. Carlos ou D. Miguel viessem a Portugal, ou uma força armada qualquer se unisse para auxiliar as suas pretensões, e a Rainha se visse obrigada a demandar auxilio estrangeiro, o governo inglez com muito gosto entraria em arranjos com o hespanhol ácerca do melhor modo de o conceder.*

Até alli Palmerston approvava que Southern e Wilde tivessem officiado a Saldanha expondo-lhe os graves inconvenientes, que se podiam seguir d'elle ter sollicitado o auxilio do governo hespanhol, dizendo que não descubria differença entre a ultima revolta de Portugal, e outras muitas que ha 14 annos assolavam este reino; louvava em Sir Bulwer o ter representado sobre o mesmo assumpto, e no mesmo sentido ao ministro Isturiz, não já por causa d'uma intervenção directa nos nossos negocios, mas pelo simples factó de se terem mandado tropas para as nossas fronteiras; dizia-lhe que muito

bem tinha elle respondido ao Conde de Thomar, fazendo-lhe conhecer o direito que assistia á Inglaterra de obstar a que se desiquillibrasse a balança politica da Europa; e depois que o mesmo Bulwer lhe participou em officio de 3 de abril que arranjàra tudo com o ministerio Pacheco, e que a tropa hespanhola não entraria sem ir de combinação com o governo inglez, as cousas mudaram inteiramente de face; os insurgentes passaram a ser anarchistas; a questão de politica que era, converteu-se em dynastica; os leaes manifestos dos chefes do movimento, de que fallava Southern, n'um de seus officios para Lord Palmerston, dizendo-lhe que todos elles eram desfigurados pelos partidarios do ministerio, passaram a ser tidos em conta de traiçoeras manifestações revolucionarias; e o throno que antes d'isso soffria uma quebra e afronta com a interferencia d'uma só nação, já não podia salvar-se, nem lhe era indecoroso acceitar o soccorro de duas.

Quanto ao governo francez, o papel, que elle representou em todo este negocio, foi o d'um habil arlequim italiano, que, collocado detrás da scena, faz agilmente mover os marionetes. E' uma cousa que na verdade causa estranheza, quando se trata de estudar o enredo dos tres gabinetes, ver como uma simples palavra solta a proposito, um juizo formado apparentemente com indifferença por Mr. Guisot a respeito da verdadeira intelligencia do Tratado de 23 d'abril, ou uma visita diplomatica de Mr. de Varennes ao Paço das Necessidades, para offerecer a Sua Magestade, não em nome do gabinete francez (o que seria uma horrorosa infracção dos Tratados) mas simplesmente no de Luiz Phillippe, todo o auxilio de que a Coroa de Portugal necessitasse, fazia completamente mudar os mais bem concebidos planos de Lord Palmerston!

Do tudo quanto apparece escripte no Livro-Azul com referencia ao procedimento do ministerio francez a respeito dos negocios de Portugal (e que seguramente era o mais que Lord Palmerston sabia d'elle, porque de contrario não é de suppor que deixasse de o aproveitar para se justificar perante as Camaras de Inglaterra) o que unicamente se colhe é que por meados de fevereiro o Conde de Santo Aulaire apresen-

tára ao mesmo Lord Palmerston um officio do seu ministro, em que este dizia que o governo portuguez esperava D. Miguel em Portugal, e que por isso pedia o auxilio das nações alliadas em conformidade com o Tratado de 22 de abril (1) que pelo mesmo tempo, com pequena differença, Guisot offi-ciára ao Conde de Bresson para Madrid, dizendo-lhe que o governo francez considerava em vigor o Tratado da Quadru-pla Alliança, communicando pouco depois o mesmo Conde de Santo Aulaire a Lord Palmerston, que, attenta a face que ultimamente tinham tomado os negocios de Portugal, o gabi-nete das Tuilherias julgava chegado o caso da intervenção; e omfim que o telegrapho de Paris a Madrid unia as duas ca-pitales por uma communicação de poucas horas, o que na con-sideração de Sir Bulwer era assumpto da maior importancia, visto acharem-se as tropas hespanholas a mui pequena distan-cia da raia de Portugal. (2) Eis aqui, como dissemos, o que apenas se vê ter praticado aquelle gabinete a respeito da nos-sa questão internacional, e isto foi bastante não só para obriga-r o governo inglez a comprometter-se n'uma inconsiderada interferencia, de que Bulwer lhe aconselhára que se desviasse: mas até para que em manifesta contravenção com as suas instrucções, os vasos de guerra de Sua Magestade Britannica praticassem actos de hostilidade aberta contra os da Junta, sem auxilio nem concorrência do pavilhão francez.

Assim, porem, discutindo, e umas com outras altercan-do as nações alliadas sobre se se devia ou não prestar o au-xilio pedido, e no caso de se prestar se cumpria que fosse em conformidade dos Tratados existentes, ou por virtude d'outro que de novo se estipulasse, se foram decorrendo quasi seis mezes de revolução, até que a mudança do gabinete hespa-nhol veio pôr termo áquelle longo debate.

Instado pelo encarregado da legação ingleza para que

(1) Officio de Lord Palmerston a Lord Normamby de 13 de fevereiro de 1846.

(2) Officio de Sir Bulwer a Lord Palmerston de 10 de maio de 1846.

se explicasse cathegoricamente acerca das intenções do seu governo relativamente aos negocios de Portugal, o ministro Pacheco respondeu, em Nota Diplomatica de 5 de abril, que o que unicamente lhe interessava era o perigo, em que via a corôa da Rainha D. Maria, de commum com a paz e tranquillidade d' Hespanha, que tinha obrigação de conservar; e que muito desejava que nada se fizesse sem ser de intelligencia com o governo inglez, porem que não respondia porque n'um momento de crise, e em caso de se demorar muito a solução de Inglaterra, se não resolvesse a proceder d'outra maneira: e Bulwer que pareceu descobrir n'isto o proposito de interferir isoladamente, e mesmo a despeito da boa ou má vontade do gabinete inglez, tratou de ultimar as negociações, ha tanto tempo pendentes, de que nenhum dos dous governos interferiria sem ser de combinação um com o outro, e por virtude d'um novo Tratado ou Protocolo, que se lavraria em Londres, o que teve a felicidade de conseguir a 23 de abril, e n'essa mesma data communicou a Lord Palmerston.

D'aqui resultaram duas consequencias, das quaes a mais immediata foi mandarem os dous Diplomaticos, Pacheco, o Bulwer, o Marquez d' Hespanha, e coronel Pitch ao quartel general do Visconde de Sá para que suspendesse as hostilidades, a fim d'obstar á entrada das tropas hespanholas em Portugal, até que Lord Palmerston tivesse conhecimento do acordado; e o segundo lavar-se o Protocolo de 21 de maio de 1847, que não veio a produzir effeito sensivel senão o da amnistia, e convocação de Côrtes; porque pelo que pertence á tomada da esquadra por Maitland, já em outra parte fica dito, que não procedeu do estipulado no mesmo Protocolo, senão das anticipadas determinações de Lopes Ayllon e Sir Seymour; e quanto ao disposto no artigo 4.º a respeito da exclusão dos Cabraes do governo, é muito de presumir que á data em que este escripto sahir á luz, já o partido cabralista se tenha assenhoreado do poder.

Em resumo: a Hespanha quiz sempre interferir por todas as formas; a Inglaterra não desejava comprometter-se na interferencia sem primeiro preparar o futuro; e a França apro-

veitando-se da fraqueza de Portugal, da condescendencia de Hespanha, e da complicação de interesses da Inglaterra, fez d'estas tres nações o seu jugueto diplomatico, com uma astucia verdadeiramente digna de melhor causa. De todas ellas, porem, a mais culpada é a França, porque sobre ella pésa a responsabilidade moral; a mais arrebatada a Hespanha, e a mais vergonhosamente subserviente a Inglaterra, porque não ha nada que a justifique de ter sacrificado uma causa, que declarára justa, ao receio de contrariar a vontade politica das suas rivaes: Portugal não fez senão acceitar a condição dos que se ligam em sociedades com os mais poderosos.

Quaesquer que sejam as vantagens, que hoje possam resultar ao partido nacional da falsa posição em que se collocou o gabinete de S. James, é lastima que a mais indesculpavel das ambiciosas precipitações governativas tenha levado a grande maioria dos portuguezes á dolorosa necessidade de estenderem olhos supplices para o imperioso veridicto d'um tribuna estrangeiro; e que a nação que ha menos de sessenta annos era justamente considerada como uma das mais poderosas da Europa, se veja agora reduzida á desgraçada condição da Polonia, ou da humillissima Republica de S. Martinho, sem politica propria que lhe respeitem, sem voz que faça escutar de seus alliados, e até sem foros, nem regalias, das que conquistára á custa dos mais gloriosos esforços!

Luiz XVIII dizia em 1814, depois do memoravel reinado dos cem dias, que a sua principal gloria consistia em não ter consentido que um só Principe da sua familia tivesse apparecido nas fileiras dos alliados; (1) e ao mesmo tempo que do alto do throno partiam estas vozes, do seio da Camara dos Representantes de França se fazia circular a seguinte declaração pela Europa. «O exercito das potencias alliadas vai occupar a nossa Capital... A Camara declara que descança no respeito das mesmas potencias pela independencia nacio-

(1) *Je n'ais pas permis q'un seul Prince de ma famille parût aux rangs des strangers!*... Proclamação de Luiz XVIII á entrada dos alliados em Paris.

nal, tão expressamente garantida em seus manifestos;... que o governo da França, qualquer que seja o seu chefe, deve reunir o voto da nação, legalmente annuciado;... que todo aquelle, que não tiver outros titulos senão acclamações, e a vontade d'um partido; que fôr imposto *pela força*; ou que não adoptar as côres da nacionalidade, não assegurará a liberdade dos cidadãos, nem terá senão uma *existencia esphemera*... Em fim, que se as bases d'esta declaração poderem ser illudidas ou violadas, os representantos do povo protestam desde já á face do mundo inteiro contra a violencia e usurpação.»

Possa, pois, a França de 1847 compenetrar se das verdades, que annunciou em 1814! Possa ella repassar-se da idéa de que não ha justiça, que não seja applicavel ao grande assim como ao pequeno, ao fraco assim ao poderoso; e de que o que para si julgára um direito em circumstancias quasi identicas com as nossas, não póde hoje ser considerado uma exigencia injusta para Portugal; e a nação esquecera talvez o opprobrio de 31 de maio; e o throno da Rainha descençará sobre o pedestal que lhe hão de preparar os corações dos portuguezes; e a paz e tranquillidade da Europa não terão de ser perturbadas por essa assás visivel conflagração de interesses diplomaticos, que tanto ameaçam enlutar o seu horisonte politico!



DOCUMENTOS

N.º 1

A Junta provisoria do supremo governo do reino, julga do seu dever dirigir ás nações civilisadas da Europa, uma breve e franca exposição dos motivos, que impelliram a nação portugueza a correr ás armas em defeza da sua liberdade, e dos seus direitos ultrajados: bem como das leaes intenções da Junta provisoria do supremo governo do reino, em cujas mãos este povo heroico depositou toda a authoridade durante o captiveiro da senhora D. Maria II. A Europa tem presenciado todos os exforços, que a nação tem feito para fundar e consolidar a sua liberdade constitucional desde 1820. Porem depois dos feitos do mais extremado heroismo, quando parecia que a nação avida e sequiosa de paz e repouso devia e podia descançar e gosar dos beneficios do systema constitucional, que tanto sangue, e tantos sacrificios lhe custára, uma facção perversa, abusando da fraqueza de nossas instituições politicas, foi lentamente minando o systema representativo, quebrando uma por uma as garantias constitucionaes, e acabou por destruir inteiramente a nossa liberdade civil, depois de ter aniquillado a liberdade politica. A nação combateu passo a passo este systema de sofisma, de fraude e corrupção, na imprensa e na tribuna, e com tanta vantagem o combatia nas eleições de 1845 que o governo de Lisboa foi obrigado a depôr a mascara constitucional, a cercar as assembleas eleitoraes de soldados, a apontar em toda a parte as bayonetas contra o peito dos eleitores desarmados, e dar-lhes descargas cerradas de fusilaria. O sangue dos cidadãos correu em muifas as-

sembleas, e desde então o povo conheceu que só lhe restava um unico e extremo recurso — a insurreição. Tal foi a causa da revolução do Minho, que a Europa civilisada admirou, e applaudio, e que foi rematada pela mais espantosa generosidade e moderação, de que um povo tão duramente tratado podia dar exemplo. A facção porém que vio a nação toda em armas contra seus excessos e extorsões; e perdoar-lhe generosamente no dia da victoria, em vez de se reconciliar com o paiz, procurou de novo esmagal-o pela traição; e para esse fim ousou cercar o Paço de Sua Magestade, e depois de conservar a Rainha na mais dura coacção, obrigou a demittir uma administração honesta, e nomear outra, a cuja frente se collocára um general tristemente celebre pela sua versatilidade politica, e pela violencia, com que tem sustentado em diversas epochas as mais oppostas e repugnantes opiniões. Este general formou o seu ministerio, e o seu serviço com homens conhecidos como os mais doces instrumentos da ominosa administração de Costa Cabral.

E para mostrar á nação e ao mundo o pouco ou nenhum caso que fazia de Sua Magestade, começou por constranger a mesma Augusta Senhora a retratar sua real palavra, dada no memoravel decreto de 10 de fevereiro de 1842, referendado pelo Marechal Duque da Terceira, promossa augusta rectificada por outro decreto de 27 de maio de 1846, referendado pelo Duque de Palmella, e á sombra da qual a nação depôs as armas em junho do mesmo anno, rematando assim a revolução do Minho, portentoso feito de heroismo e valor. A nova administração sem nenhum pretexto, nem motivo justificado, e só pela consciencia de que a nação, sempre leal e sempre heroica, não podia deixar de resistir a um ministerio contra-revolucionario, que assim procurava desacatar a Corôa, e lançar grilhões ao paiz, suspendeu todas as garantias constitucionaes, e até a imprensa, medidas insolitas, e que foram acompanhadas de horriveis commentarios, feitos em proclamações furibundas, como nunca as escrevera nenhum tyrannos por mais avido e sequioso que estivesse do sangue de seus subditos. Não parou aqui o delirio da administração do Marquez

de Saldanha. Estes homens, depois de renovar a lei dos fusilamentos, com que a administração Cabral tinha em vão ameaçado a coragem do paiz, chegaram até á insolencia de despojar a Corôa do direito de agraciar. Este ultimo facto, tão estranho na historia das monarchias constitucionaes, de per si só desvaneceu toda a sombra de duvida de que Sua Magestade estava coacta pelo general, que tão ingrato se mostrava para com a Rainha, e para com a nação portugueza; por que não era possivel que uma Rainha de Portugal faltass á sua palavra de Rei: não era possivel que a filha de D. Pedro IV se declarasse absoluta; não era possivel que a neta de D. João VI se convertesse de repente n'uma princeza feroz e sanguinaria, e que com um synismo (que deshonraria os Heberts) no meio da Europa civilisada, pedisse implacavel a cabeça dos melhores cidadãos, o sangue de todo o seu povo, e que por prazer atecasse o incendio da guerra civil no meio d'uma nação innocente, que só pedia paz e justiça.

A nação portugueza é a mais respeitadora de seus monarchas, e a mais respeitadora ás leis. Não pôde porem soffrer ultrages á sua honra, nem ver ameaçar a liberdade, que tão cara lhe custou. Só depois de tornados impossiveis os meios legaes é que ella correu ás armas para as empunhar com o valor que herdou de seus avós, e de que u'esta mesma geração tem dado tão brilhantes documentos. Com o auxilio de Deus espera a Junta que a victoria coroará as armas dos defensores da liberdade, e que esta só poderá ser-lhes roubada quando tiver expirado o ultimo de seus defensores—o derradeiro portuguez digno d'este nome.

Coube á cidade do Porto a honra deprehender esta guerra santa, e ao brado energico d'esta cidade, fundadora da liberdade portugueza, a nação toda o porfia correu ás armas com uma decisão, e valor admiraveis. Os inimigos da patria apenas occupam poucas legoas fóra da capital, e o terreno que pisam uns poucos de soldados n'uma das extremidades do reino. Na capital a propria tyrannia vacilla; — para censervar-se precisa empregar os ultimos recursos d'un governo agonisante. As prisões estão cheias de cidadãos illus-

tres, e a nobresa constitucional com o seu respeitável decaño, foi forçada a procurar um azilo nos paizes estrangeiros.

Nas provincias do norte a força rebelde que ainda obedece ao governo absoluto, tem deixado apoz de si um longo rasto de sangue. Os prisioneiros de guerra e os velhos, mulheres, e creanças tem sido cruelmente assassinados por estes guerreiros bandidos, que chamarão sobre suas cabeças as maldições d'um povo inteiro, A Junta não accreditou nunca que taes iniquidades e crimes podiam ser perpetrados com o consentimento de Sua Magestade, a Rainha, embora os traidores a quizessem mostrar cúmplice em seus delirios. Se Sua Magestade a Rainha não usou ainda convenientemente da sua prerogativa para salvar a nação—é porque os tyrannos a conservam em duro captiveiro.

Nem d'outro modo a Rainha consentiria que seu augusto esposo descesse da sua elevada posição á de simples empregado d'um ministerio protervo, ou desembainhasse a sua espada nas guerras civis, e contra a maior parte de seus subditos: nem que ao herdeiro da Corôa se conferisse o posto de coronel d'outro corpo, que não fosse o valente e leal batalhão 5 de caçadores, que milita hoje debaixo das ordens do Conde das Antas, como militou debaixo das ordens de mesmo Conde e de Sua Magestade o Imperador pelejando sempre pela liberdade.

Não podendo a facção triumphar a energia d'esta nação intrepida e valorosa procurou semear a divisão entre os seus filhos, angariando guerrilheiros que acclamassem um principe da casa de Bragança, que hoje vive emigrado na Italia! Porém felizmente os caracteres mais distinctos que serviram debaixo das ordens d'esse Principe até á Convenção d'Evora-Monte conhecem bem que essa diversão mais tem por fim avivar os odios antigos, e tornar a dividir os portuguezes, que a tyrannia que todos soffreram durante estes ultimos quatro annos tinha unido em defeza da patria e da liberdade. Acharam-se chefes estrangeiros para essa odiosa empreza;—Portuguez — nenhum! Os facciosos abandonados dos seus naturaes, esperavam que esse levantamento parcial da provincia

do Minho, complicando a situação e tirando-nos alguns recursos, servisse de pretexto para intervenção armada d'alguma nação estrangeira que por ventura com o fundamento de combater, D. Miguel desejasse combater os subditos fieis de Sua Magestado a Rainha, os soldados de D. Pedro, os defensores da liberdade. Mas a Europa conhece bem a trama grosseira e não consentirá que estrangeiros armados venham roubar a um paiz innocente uma liberdade que elle tão legitimamente adquirio á força de heroismo, e á custa de tanto e tão generoso sangue. Mas a junta declara solemnemente que com o auxilio de Deus, e com o valor de todos os cidadãos honestos, ella se julga assás forte para libertar a Rainha da coacção, em que está, e para restaurar o systema representativo, unindo toda a familia portugueza á sombra da lei, e em volta da dynastia constitucional. Se porem a independencia natural for ameaçada (o que a Junta não espera) a nação combaterá por ella com o mesmo ardor, com que o fizeram nossos avós nos tempos difficeis mas gloriosos de D. João I, D. João IV e D. João VI. A Junta prosegue na sua marcha, e espera levar a cabo a nobre empreza que lhe foi commettida. Ella confia que, resgatada a Rainha e a capital, se restabelecerá um governo constitucional, justo, humano, e nacional, que respeite a liberdade e as leis, e a honra do paiz, e que cicatrize as feridas que ao corpo social tem aberto a facção implacavel inimiga da nossa liberdade. A Junta deseja que esta franca declaração seja acolhida com benevolencia da Europa civilizada, que tanto se tem condoido dos longos infortunios do povo portuguez, e tanto tem applaudido os esforços que elle tem feito para consolidar a causa da monarchia constitucional, em que tão sinceramente se acha empenhada. Palacio da Junta do Governo Supremo do Reino no Porto, em 8 de dezembro de 1846. — José da Silva Passos, vice-presidente. Antonio Luiz de Seabra. Francisco de Paula d'Avila. Justino Ferreira Pinto Basto. Sebastião d'Almeida e Brito.

III.º e ex.º sr.—Accuso recebido o officio de v. ex.º datado de 1 do corrente, e ao seu contheudo cumpro-me responder. De v. ex.º annuo ás propostas que o Mello ahi foi fazer-lho ácerca da ligação á Junta do Porto, e depois que v. ex.º mandou um sr. Jacome ao quartel general do ex.º general Bernardino, e d'ahi ao Porto, aonde recebeu polvora etc., etc., de que v. ex.º foi entregue, foram mandados contra mim um batalhão de Fafe e outro de Guimarães com ordem de me baterem, e no caso de precisarem mais força pedirem-na ao Almargem. Sabedor d'isto o general Bernardino, querendo evitar que eu fosse batido, mandou aqui um sugeito (o maior dos meus amigos, homem a quem devo a vida, e cujos afazeres politicos são tão conhecidos que dosnecessario é expendel-os, basta só dizer que desde que El-Rei deixou Portugal tem sido sempre perseguido) propoz-me que seria bom fazer causa commun com elle e com Povoas, e com v. ex.º para batermos os Cabraes, e para o que a Junta do Porto dava armas, polvora etc., etc., e que elle me mandava um major para organisar e instruir a minha força. *Vendo eu que era o unico que em tal sentido me achava em campo, sem meios de qualidade nenhuma, com os soldados rotos, descalços, sem um cartuxo, e sem 10 reis, entendi que a proposta era assás vantajosa, e respondi que sim.* Deu-se parte d'esta minha resolução para se mandarem sustar as hostilidades contra mim, e depois de já ter havido fogo por duas vezes: n'este meio tempo torna v. ex.º a reclamar os direitos d'El-Rei, e em consequencia d'isto não só duvidam confiar-me os meios que deixei dito, mas recommendam que submetta a minha força ao commando d'um dos generaes realistas coaligados, ou a mande para suas casas, e que eu poderei estar aonde quizer mas sem gente armada, pena de ser batido (para o que já está e 12 de infantaria em Guimarães) se assim não cumprir. A' vista d'isto resolvi recolher-me atraz da cortina, como fazem os mais senhores, *porque sem armas, sem dinheiro, sem munições de guerra nem de boca, e a fazer pêso aos desgraça-*

dos povos d'estes sitios, que faz a 16 d'este mez um anno que principiaram a soffrer, e pelo que já os vejo enfadados, é impossivel conservar-me, e a gente armada vai para sua casa quem quizer ir, e para o Porto quem tambem quizer. Ex.^{mo} sr., é o que tenho a responder ao officio de v. ex.^a Bouro 4 de março de 1847. Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. José Marcelino dos Santos Villas Boas.—*O Padre Cazemiro José Vieira.*

N.º 3

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Com a maior satisfação tive o gosto de receber o officio de v. ex.^a de 7 do corrente, e por seu contheudo vejo que v. ex.^a me anima com a satisfatoria noticia de em breves dias apparecer a luz a nossa bandeira realista, *que tão desanimada está por falta de recursos, que se prometteram; pois nunca vi principiar se uma restauração sem armas, sem munições, e sem dinheiro, e faltando ao mesmo tempo parte dos realistas, que se venderam para o Porto, e outros mettendo-se em suas casas, e não mandando ao menos as tropas que tinham debaixo do seu commando para que se me unissem, visto ser um dos unicos d'esta provincia, que fiquei fiel em campo.*

Lembro a v. ex.^a que seria bom officiar-se ao brigadeiro Gaspar Leite, que se acha nos suburbios dos Arcos, freguezia de Rio Frio, para que este assuma o commando da provincia do Minho, pois é homem de prestigio n'esta provincia, e mui rico, que póde sustentar a guerra uns poucos de mezes, e eu sei por pessoas fidedignas que elle não tem sahido a campo, por não terem feito caso d'elle, e ser um dos maiores realistas d'esta provincia. Deus guarde a v. ex.^a muitos annos. Quartel general em Penso 18 de abril de 1847. Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Candido Rodrigues de Figueiredo e Lima.—*O brigadeiro commandante das forças do Alto Minho.—José Marcelino dos Santos Villas Boas,*

N.º 4

Cadaval 22 de dezembro.

O general conserva-se em Tagarro, e espera informações para continuar seus movimentos: é sua intenção, se Saldanha retirar sobre Sobral, effectuar junção; e se elle avançar sobre nós, retirar para Rio Maior, e tomar alli posições, na esperança de que a segunda columna seguirá de perto a Saldanha.

O general deseja muito receber por este portador, ou por qualquer outro que possam mandar, frequentes e circumstanciadas informações dos movimentos da segunda columna.

Cadaval 22 de dezembro ás 11 horas da noute,

Thio

Estamos todos bem aqui, e peço que se fôr possível, mande esta informação a casa. As nossas forças estão hoje em Tagarro, Alcoentre, e Cercal, e nós viemos aqui para obter informações.

Vosso sobrinho

Fernando.

N.º 5

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. N'esta data recebi o officio que v. ex.^a me derigio em data de 30 de março, e respondendo ao seu conteúdo devo dizer-lhe que n'este momento acabo de receber officios de Londres que contêm as mais satisfatorias noticias, e que a seguinte semana espero fazer-lhe sciente do seu conteúdo porque vou residir para perto de v. ex.^a Sua Magestade ahi nos manda o que principalmente necessitamos, e para então será v. ex.^a soccorrido com todos os mais chefes honrados, que não desertaram das bandeiras da Realeza, e ainda se conservam fieis ao governo. Por esta razão faça v. ex.^a o extremo de se ir conservando com as forças mais estes dias, pois brevemente se levantará a nossa bandeira, e v. ex.^a terá o logar á roda d'ella que lhe pertence,

Já vê pelo conteúdo d'este officio o segredo que é necessario guardar para que os *traidores* não empreguem os ultimos ardis e velhacadas para nos separar, e brevemente eu o informarei e lhe darei as ordens importantes. Deus guarde a v. ex.^a 7 de abril de 1847.—Ill.^{mo} o ex.^{mo} sr. José Marcelino dos Santos Villas Boas. *O Doutor Candido Rodrigues Alves de Figueiredo—Presidente do governo.*

N.º 6

O Coronel Wilde ao Visconde de Palmerston.

«Gladiator» Surto no Porto, 12 de maio de 1842.

My lord. O Marquez de Hespanha e eu tivemos tres conferencias com os commissarios authorisados pela Junta para receber as condições offerecidas pela Rainha de Portugal, por meio da medeação dos seus alliados, e para discutir conosco o sentido em que eram propostas.

Na primeira d'estas reuniões disseram-nos os commissarios, que a Junta aceitava as condições *in toto*, exceptuando a expressão «Haverá perpetuo esquecimento de quaesquer factos politicos, ou relativos a opiniões politicas, que tiveram origem nos acontecimentos da noite de 6 de outubro de 1846» que deveria ser substituida pelas palavras «Amnistia para todas as offensas politicas» principios de outubro se deveria marcar a data de 6 de outubro. Que as eleições a que allude o artigo 3.º deveriam ser directas, e não indirectas conforme a Carta Constitucional; e que as côrtes deveriam ter plenos poderes para reformar a Carta.

A respeito do artigo 4.º; deveria entender-se que a promettida mudança de Ministerio, que não seria composta nem de pessoas do partido cabralista, nem de algum dos membros da junta do Porto, estava ainda por ser nomeado; visto que o ministerio nomeado por Sua Magestade, ao acceitar a medeação ingleza, era considerado como não pertencendo ao partido Cabralista.

Respondemos que não estavamos authorisados a tractar com elles sobre modificações a nenhum dos artigos, mas sim para os apresentar como um acto espontaneo e benevolo da sua Soberana, que lhes eram offerecidos por intervenção dos seus alliados, submettendo-se elles á sua authoridade; mas conhecendo o ardente desejo de Sua Magestade para restaurar a paz, julgamos provavel poderem-se tomar em consideração as alterações propostas aos artigos 1.º e 2.º

Que a respeito da alteração ao 3.º artigo, a julgavamos inteiramente inadmissivel; e quanto ao 4.º, que os ministros actuaes eram todos homens de opiniões moderadas, e que todos cumpririam lealmente as condições até que as côrtes se reunissem, porque então se formaria seguramente um ministerio em harmonia com as opiniões da maioria da camara, fosse qual fosse o partido a que pertencesse, e que se era facto asseverarem que a nação quasi inteira estava por elles, teriam occasião de conseguirem seus fins constitucionaes, em lugar de recorrerem a uma alteração arbitraria na Carta Constitucional por meio d'um decreto.

Replicaram que communicariam as nossas observações á Junta, e d'esta resposta deprehendemos que não tinham poderes da junta para tractar connosco em nome d'ella, aceitando ou regeitando as nossas propostas, mas que eram simplesmente canaes de comunicação connosco, e por tanto marcamos o dia seguinte, 10 do corrente, para outra reunião.

Na nossa segunda conferencia participaram-nos que a Junta insistia em todas as alterações aos artigos que já tinham mencionado; e produziram mais dez artigos, de que junto remetto copia, que elles diziam ser submettidos pela Junta á nossa consideração, como necessarios á explicação e entendimento das condições offerecidas pela Rainha.

Lendo-os, achamos que todos elles eram relativos a pontos que seria infinitamente melhor e mais constitucional deixar á decisão das côrtes, ou que eram offensivos á dignidade da Corôa, se lhe fossem impostos pela fórma em que vinham: em consequencia do que, lhes participamos que os consideravamos inadmissiveis, tentando por todos os argumentos ao nos-

so alcance induzil-o sa persuadirem a Junta de os retirar por uma vez. Expressamos a nossa profunda magoa ao ver que as condições de que eramos portadores, não encontravam um identico espirito conciliador por parte da Junta, e fizemos tudo quanto estava em nosso poder para mostrar o resultado calamitoso que seguiria essa insistencia sobre semelhantes artigos.

Pareceram fazer justiça aos nossos argumentos, mas disseram que o procedimento da Rainha tinha inspirado tanta desconfiança á nação, que a mesma Junta não tinha poder para obrigar os seus partidarios a largarem as armas, sem que fossem concedidas sufficientes garantias ás condições que elles propunham. Dissemos-lhes que sendo as condições offerecidas por intervenção des alliados, era esse facto bastante garantia para que fossem cumpridas na boa fé. Responderam que assim poderia ser para com os chefes do seu partido, mas que não o seria para com os seus partidarios; e adquirimos a indubitavel certeza, que a Junta estava coacta por dous ou tres dos chefes mais violentos do seu partido, e pelo povo armado debaixo da sua influencia.

No dia 11 tivemos nova conferencia com a deputação que nos participou ter havido um debate, longo e animado, na Junta, sobre o objecto dos artigos addicionaes, que recusavamos admittir, tendo o debate findado em insistir a Junta n'elles. Em consequencia d'isto dissemos que davamos por cumprida a nossa missão.

Ao sahir d'esta conferencia escrevi ao Conde das Antas propondo um armisticio até se acharem terminadas as negociações, e recebi em resposta uma carta aonde rocusava acceder á proposta.

Remetto inclusas a v. ex.^a copias da minha carta ao Conde das Antas, e da sua replica. Tenho, etc. (Assignado)
W. Wylde.

Sir Hamilton Seymour ao Visconde Palmerston

(EXTRACTO)

Lisboa, 3 de abril de 1847.

Os homens podem vêr claro nos seus interesses pessoais; particularmente n'aquelles a que se liga objecto de dinheiro, e sou obrigado a dizer que não ha uma sé das pessoas empregadas no commercio ou envolvidas em negocio de *fianças*, com quem eu tenha fallado depois da minha chegada aqui, que me occulte as suas convicções de que o bom exito da causa revolucionaria seria o precursor immediato de um acto, pelo qual ficaria riscada a divida estrangeira do paiz (que sob a uns nove milhões e meio esterlinos.)

N.º 8

... O caso é que o estado dos negocios em Portugal está muito complicado para qualquer nação se empenhar n'uma interferencia pouco considerada; o muito mais segundo as possibilidades, que as ultimas noticias deixam ver, de que a côrte portugueza venha a entrar com os insurgentes n'uma convenção, que pôde acabar com a formação d'um ministerio composto de pessoas d'aquelle partido.—*Bulwer a Palmers-ton.*—Madrid 22 de outubro de 1846.



APONTAMENTOS PARA A BIOGRAPHIA

DO CIDADÃO

JOSÉ DA SILVA PASSOS

POR

O SEU AMIGO PARTICULAR E POLITICO

ALG. SIDNEY E. R. C.

bibRIA



PORTO

NA TYPOGRAPHIA DE S. J. PEREIRA

PRAÇA DE SANTA THEREZA N.º 23

—
1848

ATENTAMENTE PARA A BIBLIOTECA

DO CANTÃO

JOSÉ DA SILVA PASSOS

FOR

O SENHOR PAPELEIRO E FORTINO

ALC. SIDNEY E. R. C.

bidRIA

PORTO

ZA TYPOGRAPHIA DE S. A. PEREIRA

PRACA DO SAZAL TORRENA N. 23

1818

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAPHIA

DO CIDADÃO

JOSÉ DA SILVA PASSOS

CAPITULO I

O opusculo = *Os dois dias d'outubro, ou a historia da prerogativa, por D. João d'Azevedo* = contém tantas inexactidões ácerca da resistencia n'esta heroica cidade, começada no dia 9 de outubro de 1846, e da guerra civil terminada pela convenção de Gramido de 29 de junho de 1847, que para restabelocer a verdade dos factos, e supprir as muitas lacunas, que n'aquelle folheto ha, faz se mister, que algum escriptor patriota se appresse a escrever a historia circunstaneada e verdadeira d'aquella tão notavel revolução.

Não vamos tão longe como muitos portuenses de todas as côres politicas, os quaes consideram o escripto do sr. D. João como romance. Alguma cousa se poderá d'elle aproveitar para a historia, ainda que não seja senão a maneira como elle viu e observou as cousas publicas.

Apesar de ter estudado a fundo o character de cada um dos membros que formaram a junta provisoria do governo supremo do reino em nome da nação e da rainha, foi o habil escriptor tão infeliz, que, depois da inexactissima relação dos acontecimentos do dia e noite de 9 de outubro de 1846, nada tem, pela parcialidade, dissemelhança, e exaggeração, desagradado tanto, como ^ojuízo contido no capitulo 2.º a respeito

de cada um dos seis cavalheiros que serviram a causa da liberdade do paiz n'aquella melindrosa crise.

Resolvemos-nos por isso a colligir esclarecimentos biographicos dos membros da junta do Porto, para habilitar os que emprehenderem escrever a historia d'ella, a poder com conhecimento de causa distribuir a responsabilidade dos acontecimentos e dos actos governativos. Começamos a publicar os relativos ao sr. José da Silva Passos, não só porque foi elle o primeiro auctor do feito de 9 de outubro de 1846, mas porque é aquelle a quem o sr. D. João mostra melhor vontade.

Seria grande hypocrisia em nós, se não declarassemos que temos relações de amizade e fraternidade politica com o sr. José Passos, e que pertencemos áquella secção do partido progressista, que reconhece por seu chefe o sr. Passos Manoel, nosso Grão-Mestre politico. Nosso intento é todavia narrar com severa imparcialidade, e verdade, os acontecimentos que observamos,—e ao publico apresentarmos um juizo recto do proceder e serviços dos homens que em outubro de 1846 foram encarregados da nobre missão de fazer triumphar a causa da liberdade portugueza, e promover a felicidade d'este povo tão virtuoso.

Não somos litterato, nem escriptor publico. E' a primeira vez que atiramos á imprensa com o que escrevemos. Se contra a nossa expectação houverem alguns, que julguem que os acontecimentos não são em nosso escripto relatados com escrupulo, exactidão, e verdade; e se os retratos não forem parecidos, não virá d'ahi grande mal; porque terão esses só mais outro romance para encadernar com o discurso da camara dos pares, proferido pelo sr. Duque da Terceira, e com a historia dos dois dias do sr. D. João d'Azevedo.

A nossa amizade para com o sr. Passos José, apesar de mui antiga, não é tão extremosa como a do sr. D. João d'Azevedo. Este abalisado escriptor politico mostra tão grande interesse pelo sr. José Passos, que para attenuar a responsabilidade legal e moral, que lhe cabe como primario motor da revolução de 9 de outubro de 1846, inventa, que o sr. Passos José ficára *surprezo*, mas que em breve se revestia da sua

conhecida energia, e que a *uma voz* que não sabemos dizer bem d'onde veio, o povo agglomerou-se nas ruas! quando é sabido por adversarios, indifferentes, e amigos da revolução, que o sr. Passos José foi, depois de s. ex.^{ma} os srs. Visconde de Beire, governador civil do Porto, e Visconde d'Alcobaça, commandante provisorio da terceira divisão militar, o primeiro que soube dos acontecimentos que produziram a emboscada de 6 de outubro de 1846, e da commissão de que o Duque da Terceira vinha encarregado na sua chegada ás aguas do Douro; e que terminada no gabinete do governo civil do Porto a leitura d'um officio do Marechal Saldanha ao ex.^{mo} Visconde d'Alcobaça, remettido por Terceira de bordo do vapor, e a informação do que a respeito da emboscada sabiam as duas primeiras authoridades — o sr. José Passos se declarou, in continenti e sem a minima hesitação, em revolução, e começou com incrível rapidez a pôr em execução a sua lembrança, e a adoptar todas as providencias para o bom resultado da empreza. Tão apressado andou o sr. Jose Passos para evitar que o Duque e seus camaradas chegassem aos corpos primeiro que elle, que nem tempo teve para ficar *surprezo*; e muito menos para ouvir essa voz de que só por via do folheto do sr. D. João tivemos noticia.

Finge s. ex.^a, que antes do pronunciamento do sr. Passos José, e da reunião dos tres corpos no quartel de Santo Ovidio haviam grupos pela cidade a gritar uns pelo sr. Passos, e outros pelos srs. Pinto Bastos!! Andamos pelas principais ruas da cidade, fomos para o serviço do paiz desde a Praça Nova até ao quartel do 6.º fallar com um benemerito capitão, e não encontramos nenhum d'esses grupos, que não appareceram, nem podiam apparecer senão ás Trindades.

A tropa não obecendo ao Duque da Terceira, recolhendo-se aos quartéis de Santo Ovidio, e deixando o campo livre ao sr. Passos e ao povo para fazer o que conviesse para segurança da liberdade, provou que a tropa portugueza é tão civilisada como a franceza; e que os cabralistas nunca terão força para a deshonnar, fazendo-a assassinar a seus paes, irmãos, e amigos.

O povo não esperava os acontecimentos de Lisboa, não conhecia todos os tramas dos inimigos da revolução de Maio, as confidencias, os despachos telegraphicos etc. Teve ao mesmo tempo a noticia dos acontecimentos da capital, e a da resolução de resistir, adoptada pelo sr. José Passos, que mandou tocar os sinos a rebato, avisar muitos patriotas, chamar para Santo Ovidio os administradores dos bairros (appareceram só dous), e alguns outros empregados, e pôr em pratica outras providencias, que apesar de sabidas de muitos, talvez se publiquem só quando sahir á luz a historia circumstanciada d'aquelle extremado feito de patriotismo portuense.

A' hora em que desembarcou o Duque da Terceira no Porto, achavam-se os heroicos cidadãos portuenses occupados nos seus mesteres, porque é sabido que n'esta cidade ha poucos ociosos, e que não ha povo nenhum tão virtuoso e laborioso como o portuense.

O que é para admirar é como em tão curto praso de tempo se reuniu tão grande numero de cidadãos respeitaveis, como á noite appareceram em Villar.

Fazemos inteira justiça ao sr. Passos José, que d'um conselho de guerra, diria com a franquesa, lealdade, e lisura que tanto o distinguem, o que elle fez n'aquelle dia e noite para sempre memoraveis, e não imitaria os criminosos vulgares, negando—que a iniciativa da revolução de 9 de outubro de 1846 lhe pertencia.—Conhecemos perfeitamente o sr. Passos José—não costuma declinar a responsabilidade dos seus actos, nem faz um segredo o que não possa dizer em publico.

A moda agora em a Europa é serem *anonymas* as revoluções. Essa moda agora é já antiga entre nós; porque a revolução de setembro de 1836, e a de maio de 1846 *passam por anonymas*. As iniciativas d'ellas partiram de todo o povo. Mas se o mui nacional movimento de 9 de outubro de 1846 carece para ter lugar entre as mais nobres e distinctas revoluções que se sacrifique a verdade historica ás conveniencias politicas, escreva-se então o romance de maneira que não possa ser desmentido por uma grande cidade que presenciou os acontecimentos.

O governo provisório, em consequencia da revolução do 9 de outubro de 1846, formado n'esta heroica cidade, foi acclamado, reconhecido, e obedecido pela quasi totalidade da nação. Quereis maior prova da sua popularidade? Houve por ventura já revolução mais santa e justa? . . .

O sr. D. João d'Azevedo não lembra que da bôca de nenhum popular sahisse em maio de 1846 a voz de=*viva o decreto de 10 de fevereiro de 1842!* nem=*morrã as eleições indirectas!*=Comtudo essa resistencia forte, compacta, e unisona foi principalmente devida à exocução d'aquelle decreto: porque não houve ainda n'este paiz providencia legislativa, ou constitucional mais popular, e por que a nação mostrasse tantos desejos de que se cumprisse.

Cabe muito louvor á benemerita Junta de Santarem e ao seu dignissimo presidente o sr. Manoel da Silva Passos, por haver exigido a observancia d'aquelle decreto, que se tivesse sido fielmente cumprido, haver-se-hiam evitado es diferentes abalos por que desde a sua publicação o paiz passou.

A Junta de Jantarem bem mereceu da nação por haver comprehendido cabalmente as necessidades e desejos do povo, e conseguido a promessa e segurança de que seriam satisfeitos.

Não deve causar estranheza que houvesse quem não gostasse da reforma da Carta pelo decreto de 10 de fevereiro de 1842, e das eleições directas, e se contentasse com a reconsideração ou suspensão das leis da contribuição de repartição, o de saude, e com uma simples mudança de pessoas. Esta politica é mui propria para especuladores d'empregos, para quem os homens são tudo, e os principios nada.

Espanta a facilidade com que o distincto escriptor ousa asseverar, que o sr. Conde das Antas fôra repetidas vezes avisado, de que se ouvia fogo na frente no dia da acção de Torres Vedras, e não julgára acertado ir ao encontro do Duque de Saldanha, e que a Junta tinha sido avisada um sem numero de vezes, por muitas pessaas, e por todos os modos, que a esquadra ia ser aprisionada!! Quando a verdade é, que se o sr. Gonde das Antas ouvisse o fogo, teria voado ao campo do combate, porque em valor militar não houve no exercito de

D. Pedro, general, official, soldado, ou voluntario que excedesse o intrepido e habilissimo Xavier:—e que a expedição sahio porque não haviam desconfianças rasoaveis de que seria tomada. Os documentos publicados nos jornaes e livro azul, mostram que a Junta não podia ter conhecimento *prévio* d'esse acontecimento, que deshonorará para sempre o governo britannico. Depois que elle se verificou, consta-nos que appareceram alguns impostores mui conhecidos—que para se darem importancia, começaram a dizer, que pelas suas relações diplomaticas *imaginarias*, tinham antes sabido o que succedeu.

Não nos causou surpresa o não ter o sr. D. João d'Azvedo alguma expressão para stigmatizar a calumnia inventada por C. C. de que o sr. Manoel Passos partira para Roma, a fim de acompanhar D. Miguel, porque estavamos preparados para tudo depois que fallando do sr. Passos Manoel elle escreveu a pag. 52... a final sempre cahiu em dizer que a verdadeira causa era porque em Santarem o Conde das Antas o não considerára como elle merecia!...

Afigura-se-nos que a supposta falta d'um commissionado em Inglaterra, que dissesse ao João Bull, ou a lord Palmerston, que a Junta do Porto não queria fazer banca-rotta, que pôde ser relevada no tribunal do sr. D. João! Custa a acreditar que se fizesse semelhante censura. Pois quem ha ali que ignore, que a junta nomeou seu encarregado de negocios na côrte de Londres o ex.^m sr. Antonio Cabral de Sá Nogueira, e que este distincto diplomatico prestou os mais valiosos serviços á causa nacional—que teve uma conferencia com lord Palmerston—que empregou os meios convenientes para esclarecer o publico britannico ácerca da questão portugueza—e que fez muito mais do que lembra o sr. D. João?

Como se havia de responder ao documento n.º 231 de Seymour para Palmerston, se d'elle não podia haver conhecimento senão depois de publicado o livro azul inglez? E qual deveria ser a resposta, ácerca da banca-rotta, que deveria dar a um governo amigo de verdade e prosperidade do paiz?

O manifesto da junta, e todos os documentos importantes foram pela repartição dos negocios estrangeiros dirigidos

aos consules das diversas nações, residentes no Porto, e appareceram impressos em alguns dos principaes jornaes da Europa. Não houve abandono, nem descuido em informar as nações interventoras da questão portugueza de 1846 e 1847. — As discussões dos parlamentos de Inglaterra e França são prova incontestavel do que acabamos de escrever. Não seremos mais explicitos n'este ponto, nem revelaremos alguns meios, que para se conseguir esse louvavel fim, foram com muita habilidade empregados pelo distincto patriota que dirigia a repartição dos negocios estrangeiros; porque não queremos n'estes apontamentos dizer nada que não possamos provar com milhares de testemunhas, e muitos documentos. A discussão ha-de produzir o ser o publico informado de tudo.

Durante o governo da junta, muitos dos que hoje censuram o não se ter prestado mais attenção á diplomacia, dizem por essas ruas, praças, e pasmatorios—que a verdadeira diplomacia consiste na artilheria, cavallaria, e infantaria; e o dinheiro que hão de gastar com ministros plenipotenciarios e encarregados de negocios, empreguem-o na compra de cavallos, armas, e petrechos de guerra.

Hiam-nos desviando do nosso objecto, que não é analysar a obra do sr. D. João, mas escrever apontamentos para a biographia do nosso antigo e illustre amigo o sr. José Passos, que segundo a opinião quiçá singular do auther da historia da prerogativa, tem o *sestro* de desdenhar de todos e de tudo, e apraz-se muitas vezes em vêr correr o sangue ás pinguinhas!!! Que tal está a poesia do nosso *Timão*?

Nos apontamentos biographicos de cada um dos membros da junta não é possivel deixar de apparecer rectificadas algumas das inexactidões do folheto do sr. D. João, mas fallo-hemos sempre com a deferencia que se deve a tão habil escriptor.

Não vamos fazer o panegyrico do sr. José Passos, mas sim dizer aquella pequena parte dos serviços por elle prestados á causa do progresso, que as circumstancias permitem publicar. Tempo virá em que se poderá relatar o muito que reservamos para outra publicação.

CAPITULO II

O sr. José da Silva Passos é natural de S. Martinho de Guifões, concelho de Bouças, districto do Porto, filho de Manoel da Silva Passos, e de Antonia Maria da Silva Passos, honrados lavradores (que nós muito bem conhecemos), casado com a ex.^{ma} sr.^a Anna Margarida Soares da Silva Passos, proprietario, bacharel formado em Leis, bacharel em Canones, algumas vezes eleitor da provincia, deputado ás côrtes, sub-secretario d'Estado dos negocios da fazenda, sub inspector do thesouro publico na época em que seu irmão mais novo o ex.^{mo} sr. Manoel da Silva Passos foi ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda etc., socio honorario da Academia de Bellas-Artes de Lisboa — vogal, e vice-presidente da Junta provisoria do governo supremo do reino, eleita no Porto em 10 de outubro de 1846, — e encarregado das repartições dos negocios estrangeiros, e da fazenda, por decreto de 15 de outubro de 1846, até 30 de junho de 1847.

O sr. José Passos, com seu irmão o sr. Passos Manoel, foram os proprietarios e redactores do jornal liberal—*O Amigo do Povo*—que em Coimbra se publicava em 1823. Perseguido durante o regimen absoluto d'aquelle tempo, tornou a sê-lo em 1828 pelos partidistas do sr. D. Miguel. Retirado o exercito constitucional para Hespanha, emigrou o sr. Passos José com elle, e d'alli passou para Inglaterra e França.

Os srs. Passos Manoel, Barão da Ribeira de Sabrosa, Loonel, Saldanha, Passos José, Liberato, e outros, fundaram na emigração a opposição constitucional (a esquerda). Os dois Passos trabalharam o todo o tempo da emigração para destruir o governo tyrannico existente em Portugal. Ambos escreveram diversos folhetos politicos, e alguns artigos nos jornaes estrangeiros.

No memoravel cêrco do Porto serviu o sr. José Passos de tenente, e capitão do batalhão nacional provisorio de Santo Ovidio.

Foi eleito presidente da primeira camara municipal da cidade do Porto, que se nomeou depois do seu glorioso cêrco.

N'esta qualidade resistiu nobre e corajosamente em 1834 á lei das indemnisações de 31 de agosto de 1833. As sympathias do partido realista para com os srs. Passos são principalmente devidas a este acto de justiça e politica da camara do Porto; e aos eloquentissimos discursos do sr. Passos Manoel na questão das indemnisações nas côrtes de 1835 — e á segurança e liberdade de que os realistas começaram a gosar depois de 10 de setembro de 1836.

No anno de 1834 foi o sr. José Passos eleito deputado pela provincia do Douro. Tomou assento na extrema esquerda, e foi um dos seis deputados que votou contra a regencia do sr. D. Pedro. Tornou a ser eleito deputado nas côrtes de 1836 e 1838. Como membro da commissão da lei eleitoral teve alguma parte nos trabalhos, e redacção da constituição de 20 de março de 1838.

Foi nomeado tenente coronel commandante do segundo batalhão da guarda nacional portuense.

Convidado algumas vezes para ser ministro, depois da demissão de seu irmão o sr. Passos Manoel, por alguns cavalleiros encarregados de organizar a administração, e até por ordem da propria Rainha depois do dia 13 de março de 1838, nunca aceitou o ministerio.

No parlamento pertenceu a muitas commissões, porque era conhecido como um deputado mui laborioso, e de grande rectidão. E' o principal author do codigo administrativo de 31 de dezembro de 1836.

Na administração de novembro de 1836 mostrou o sr. José Passos grande talento pratico: e elle só, desempenhava com dignidade e acerto o serviço que até alli era feito por seis ou oito conselheiros do thesouro.

Em 1837 foi pelo ministerio pedido ás côrtes para ser empregado juntamente com o nobre Visconde de Sá da Bandeira nas provincias do norte de Portugal contra os marechaes Saldanha, e Terceira, que se haviam revoltado contra a gloriosa revolução de setembro de 1836.

O sr. Visconde de Sá da Bandeira, na qualidade de lugar tenente da Rainha, encarregou o sr. José Passos da par-

te financeira nas provincias do norte; e nomeou para secretario d'este o sr. Manoel Joaquim Pereira da Silva, lente da Academia Polytechnica. O sr. Passos José fez n'essa época importantes serviços á causa nacional, introduzindo a possivel economia nas despezas da guerra, e zelando muito os interesses da fazenda publica.

Não recebeu o sr. Passos José vencimento algum como sub-secretario d'Estado dos negocios da fazenda, e sub-inspector do thesouro publico, nem da commissão que em 1837 desempenhou nas provincias do norte.

Teve grande parte na redacção da lei das eleições directas de 9 de abril de 1838.

Nas eleições de 1842 foi barbaramente espancado, e arrastado por alguma das ruas do Porto pelos sicarios cabralinos, a quem (se diz) um dos srs. (J. B.) encommendára o assassinato do sr. Passos José, por ser o chefe mais decidido da opposição nas provincias do Norte. (Galeria dos Contemporaneos pag. 21).

Governando os srs. Cabraes, foi durante a suspensão das garantias duas vezes preso sem o menor motivo, porque o sr. José Passos não só se não tinha envolvido em conspirações, mas reprovava as revoltas armadas, em quanto os meios constitucionaes, e legaes eram efficazes. Assignou o famoso requerimento redigido pelo sr. dr. Francisco Jeronymo da Silva, que em 19 de maio de 1846 os presos politicos no castello de S. João da Foz dirigiram ao Governador civil Conde de Terena José.

Depois da revolução de maio de 1846 tornou a ser presidente da commissão, e camara municipaes do Porto, aonde fez uma administração honrada, desinteressada, e illustrada. Prestou então muitos serviços administrativos e politicos á cidade do Porto, concorrendo poderosamente para a pacificação e conciliação dos partidos.

Como membro do Conselho Filial de Beneficencia, ajudou muito o ex.^m sr. Viconde de Beire, Governador civil deste districto, na definitiva organização do Asylo Portuense de Mendicidade, decretado pelo sr. Passos Manuel em 14 d'ou-

tubro de 1836. Foi nomeado vogal e presidente da primeira commissão administrativa do Asylo. Esforçou-se muito em junho de 1846 para que se organisasse a guarda nacional Portuense.

O sr. José da Silva Passos não é orador, mas homem pratico, laborioso, de prestimo no parlamento, e na administração — d'um character suavissimo, franco, mui propenso a elogiar amigos e inimigos — a louvar as acções dos outros, e a reputar em mui as suas—inimigo obstinado de perseguições politicas de qualquer especie—e como seu irmão o sr. Passos Manoel, o modelo do desinteresse, da probidade, e da dedicação—e grande partidista da economia.

Tem sido e é lugar tenente do Grão Mestre da Maçonaria do Norte, e decidido sectario da politica de seu irmão o Passos Manoel—(Vide Architectura mystica pag. 265).

CAPITULO III

A firmeza de principios, a coragem moral, a aptidão para os negocios, a admiravel probidade, desinteresse, e grande actividade do sr. Passos José, eram sobejamente conhecidas no reino, mas todas estas qualidades receberam um novo realce pelos seus importantes trabalhos na ultima guerra civil.

O sr. José Passos, author da resistencia ao golpe d'estado de 6 de outubro de 1846, começada n'esta cidade, é na opinião geral dos homens independentes considerado como aquelle que, por sua capacidade, firmeza, o tino governativo, mais trabalhou para o triumpho da revolução, que seria infallivel se não fosse a intervenção armada de tres poderosas nações.

Havendo o sr. José Passos estado, na manhã do dia 9 de outubro de 1846, no governo civil d'este districto, e assistido á adopção de diversas providencias que as authoridades competentes julgaram conveniente tomar, e á resolução de se imprimir o post-scriptum á ultima hora que no *Nacional* n.º 114 appareceu, veio para os Paços do Conselho rubricar como

presidente da camara, os cadernos que haviam de servir nas eleições de deputados no dia 11.

Pela volta das quatro horas da tarde, pouco mais ou menos, dirigiu-se novamente ao governo civil para saber se havia algum despacho telegraphico relativo á mudança ministerial, ou á contra-revolução da capital, que tinha annunciado o sr. administrador de Villa Franca de Xira.

A cidade não podia estar mais tranquilla; ninguem se podia lembrar que dentro de poucos minutos ia começar a maior revolução que n'este paiz tem havido.

No momento em que o sr. José Passos entrava no gabinete de s. ex.^a o sr. governador civil, estava o ex.^{mo} Visconde d'Alcobaça lendo um officio do Marechal Saldanha, que parece de bordo do vapor lhe tinha dirigido o Duque da Terceira.

Informado o sr. José Passos por s. ex.^{as} os srs. Visconde de Beire, e Visconde d'Alcobaça, da chegada ás aguas do Douro, do Duque da Terceira, na qualidade de lugar tenente de S. M. a Rainha, e do que elles sabiam a respeito dos acontecimentos da capital; e conjecturando que estes dois respeitáveis cavalheiros, apesar das suas excellentes ideias, sincero amor da liberdade, e abalitado patriotismo não estariam, por deferencia para com S. M. a Rainha, dispostos a resistir convenientemente, considerou-se immediatamente, sem a menor hesitação, e sem ouvir o voto de ninguem, em revolução, e assim começou com a maior presteza a dar todas as providencias para resgatar a sua patria, que tinha cahido novamente sob o dominio da facção cabralina.

Dirigindo-se logo ao quartel general da terceira divisão militar, e não encontrando alli os officiaes que procurava, achou á porta do mesmo o benemerito governador civil, com quem trocou algumas palavras.

A' esquina do theatro de S. João, na praça da Batalha, encontrou o bravo, nobre, e patriótico Montenegro, commandante em segundo da guarda municipal portuense; depois de fallarem dirigiram-se ambos para o quartel do Carmo, a fim de se pronunciar o distincto corpo da guarda municipal, antes que o Duque alli fosse, ou mandasse algum seu emissario.

Os srs. Passos José, e Montenegro, no seu caminho para o quartel do Carmo, entraram n'uma casa na rua nova de Santo Antonio, mas não se demoraram. A' sahida d'essa casa disse o sr. Passos algumas palavras ao sr. Fevereiro Junior.

Durante o transito pelas ruas de Santo Antonio, Praça Nova, Clerigos, Correio, Praça dos Voluntarios até ao quartel do Carmo—foi o sr. José Passos declarando a quem encontrava, que se resistia á contra-revolução de Lisboa, que se havia de impedir que o Duque exercesse as funcções de lugar tenente, e pedindo a todos que se fossem armar, e communicassem aos outros patriotas esta briosa resolução.

Pronunciada a guarda municipal, pelo que são dignos d'encomios os commandantes, officiaes, e soldados, mandou o sr. José Passos tocar os sinos a rebato, avisar os commandantes dos batalhões da guarda nacional para que fizessem reunir os seus corpos, e bom assim os administradores dos bairros, e outros empregados, para o encontrarem no quartel de Santo Ovidio.

Na sahida do quartel da municipal fallou o sr. Passos, junto á porta da igreja do Carmo, com o benemerito tenente coronel Cromicho Couceiro. Achavam-se alli os srs. Abreu Couceiro, Fevereiro, Nicolau, e mais quatro patriotas.

Dirigiu se ao Bomjardim, e tendo ali montado a cavallo, veio reunir-se, na rua dos Ferradores, á guarda municipal, que na conformidade da resolução préviamente adoptada, marchava para o quartel de Santo Ovidio, aonde se achava o regimento de artilheria n.º 3, do commando do distincto militar o sr. Antonio Rogerio Cromicho Couceiro.

Depois de ter alli fallado com dois administradores do bairro, alguns empregados, distinctos militares, e outros patriotas etc., marchou com o capitão N., dez soldados da municipal de cavallaria, e um patriota paizano, pela rua nova do Almada, calçada dos Clerigos, praça dos Voluntarios da Rainha, Carregal, Torre da Marca em direcção ao quartel do 6.º regimento, com o fim de promover a revolução na povoação, e assegurar-se por si da fidelidade do benemerito corpo de infantaria n.º 6.

No meio do campo de Santo Ovidio reuniu-se-lhe o dr. Francisco Antonio de Rezende, que acompanhou o sr. José Passos na primeira vez que foi ao Duque, e depois continuou a trabalhar no que foi necessario para o triumpho da causa nacional. O sr. Rezende é tambem um dos diversos cidadãos que foi, por recommendação dos srs. José Passos, e Visconde de Beire, procurar barco para conduzir a bordo do vapor os illustres generaes, vindos de Lisboa.

O sr. José Passos, no transitio para Villar, mandou prender defronte do palacio do Barão de Nevogilde, um official da comitiva do Duque, que ia encarregado de levar despachos de s. ex.^a

Depois de haver fallado com o distincto commandante de infantaria n.º 6, que informou o sr. Passos do que havia passado com um filho do ex.^{mo} Conde de Terena José, continuou a sna marcha para Villar.

Chegado ao palacio do Conde de Terena Sebastião, e feitos os devidos cumprimentos, teve o sr. José Passos occasião de declarar que a guarnição estava na resolução de não cooperar para no Porto se imitar que se tinha feito na capital, e que contava que a cidade tambem não obedeceria ás ordens de que s. ex.^a era portador.—O Duque, como militar valente que é, dizia com toda a urbanidade e cortezania, que havia de cumprir a sua missão e as determinações do governo de S. M. a Rainha; ao que o sr. José Passos respondeu com a sua notoria amabilidade—que d'esta vez não seriam cumpridas.—Depois de andarem conversando na sala os srs. Duque, e Passos José, aproximou-se o general Visconde de Campanhã, o qual perguntou seccamente ao sr. Passos—V... reconhece o ministerio ultimamente nomeado por S. M. a Rainha?—Para mim, respondeu o sr. José Passos, só é legitimo o que fôr filho da insurreição.—Entendo bem, disse o sr. Campanhã.

Entrou o nobre Visconde d'Alcobaça, e o sr. José Passos sahio com o sr. dr. Rezende para, depois de dadas as providencias para que d'alli se não evadissem os generaes vindos da capital, fazer marchar para Santo Ovidio o regimento de

infanteria n.º 6; porque não convinha que continuasse a permanecer na proximidade do quartel do Duque.

Para guarda do Duque e seus companheiros deixou o sr. José Passos o sr. capitão N., oite soldados de cavallaria, seis ou sete paizanos, sendo um d'elles — o sr. O. C. que teve de ir immediatamente ao quartel de Santo Ovidio, encarregando-os de não deixar escapar os cavalheiros que se achavam na casa do sr. Conde de Terena, Sebastião, tanto pela porta como pelo quintaes, promettendo-lhes que para alli marchariam os patriotas que estivessem reunidos na cidade, assim como todos es que encontrasse no seu caminho para Santo Ovidio, para onde acompanhou o regimento n.º 6.

A estas providencias dadas pelo sr. Passos devem o não terem sido presos o sr. Antonio Pereira dos Reis, e outros.

Entrando o sr. José Passos com o regimento 6.º no quartel de Santo Ovidio, ahi na presença dos srs. Barão de Fornos d'Algodres, Rogerio Gromicho Couceiro, Montenegro, Damazio, Almeida e Brito, Rozende, O. C., e outros officiaes — escreveu o sr. José Passos ao commandante da terceira divisão militar, Conde das Antas, uma carta que mandou expedir por um postilhão.

Os srs. José Passos, Barão de Fornos, Antonio Rogerio Gromicho Couceiro, João Pinto de Sousa Montenegro, são todos constitucionaes, emigrados, e soldados de D. Pedro.

O sr. Barão de Fornos d'Algodres é um fidalgo, antigo liberal, e official distincto e disciplinario. — O sr. Gromicho Couceiro é um dos mais distinctos officiaes d'artilheria, patriota muito illustrado; e fez tambem bons serviços, juntamente com o sr José Passos, nos dias 12 e 13 de junho de 1846, e desempenhou com muita dignidade o lugar de lente Academia Polytechnica Portuense. — O sr. Montenegro é um cavalheiro, valentissimo official, e distinguiu-se na revolução de maio de 1846, e na acção de Valpassos.

Do quartel de Santo Ovidio passou o sr. Passos para o palacio do sr. Visconde de Beire, e d'alli para a praça de D. Pedro, a fim de apressar a marcha, para Villar, dos populares que se tivessem reunido.

A tropa de linha conservou-se firme e na mais completa obediencia aos seus commandantes, no quartel de Santo Ovidio.

Em consequencia do toque de sino—da noticia da chegada do Duque—e da resistencia começada pelo sr. Passos, e da louvavel posição que tinha tomado a tropa, um numero consideravel de cidadãos respeitaveis se tinha no principio da noite começado a reunir em alguns pontos da cidade.

A patulécia depois de armada começou a marchar para Villar, e a operar. O sr. Passos, José Pinto Basto, e recommendou a alguns patriotas que fossem aos outros pontos de reuniões populares avisar os cidadãos para marchar para o quartel do Duque.

Vimol-o depois no pateo da igreja do Carmo conversando com o sr. Almeida e Brito, Alvo Brandão, alguns officiaes, e outro cavalheiro, em quanto pela frente iam marchando as forças populares. Mandou d'alli alguém vigiar a cadeia e a ponte, e pediu que lhe mandassem um destacamento de soldados de infantaria municipal para Villar—e dirigiu-se pela segunda vez para casa onde se achava o Duque.

Encontrou na casa do Conde de Terena Sebastião os srs. Visconde de Beire, e d'Alcobaça, com quem esteve falando, e talvez combinando o que n'aquelle momento convinha fazer a respeito dos illustres generaes.

Poucos minutos antes da segunda visita do sr. Passos José a casa do sr. Conde de Terena Sebastião, tinha o patriota o sr. sr. Antonio Navarro entrado na sala e declarado ao Duque, que o povo exigia que elle fosse preso para os pagos do concelho.

O sr. Passos entreteve-se a conversar com o Duque, Visconde de Fonte Nova, Conde de Terena José, Conde de Santa Maria, em quanto todos os vindos de Lisboa, e alguns que se dispunham acompanhal-os, se preparavam para marchar para o lugar do embarque. Um fidalgo mancebo aproximou-se do sr. Passos José, e disse-lhe que appellando para os sentimentos nobres e cavalheiros d'este benemerito cidadão, e para a sua proverbial generosidade, lhe recommendou que ti-

vesse o maior cuidado na conservação do Duque —ão que o sr. Passos respondeu—que a recommendação era desnecessaria; porque a salvação da vida do Duque era o seu principal dever, e que podia assegurar a s. ex.^a que o seu corpo serviria de trincheira ao Duque, e que só por um acaso inesperadissimo poderia o Marechal ser ferido ou maltratado, sem que primeiro o fosse elle José Passos.—Declaração do cavalheiro, que o sr. José Passos cumpriu primorosamente, não se separando do lado do duque senão momentaneamente, duas vezes, porque o bem do marechal assim o exigia. Facto este presenciado por amigos e adversarios, e que não póde ser contestado.

O duque, antes do triste papel que lhe distribuiram para tirar a s. ex.^a o que tinham de glorioso os seus padocimentos, dizia com muito chiste—O José Passos é uma formidavel trincheira.—O risco foi mui grande n'aquella noite, mas era difficil que eu fosse ferido ou morto antes que o fosse o José Passos.—Estão ainda bom presentes na memoria d'alguem que, na lingoeta, disse o duque para o sr. José Passos—V... fez agora o diabo;... tive bastante receio...

A opinião mais geral era que convinha re enviar para Lisboa os generaos. Os srs. Passos José, visconde de Beiro, e visconde d'Alcobaça, tinham os mais sinceros desejos de que elles reembarcassom, e lhes não succedesse incommodo algum. As ordens mais terminantes foram dadas para se apromptar um barco que os conduzisse ao vapor.

O não apparecimento do barco, e a muita demora que houve na lingoeta a ver se dos vapores, ou de algum navio, vinha escaler, suscitou a alguns populares a lembrança de serem conduzidos ao castello de S. João da Foz do Douro os illustres generaos. Então o proprio duque vendo que a exaltação dos bons cidadãos ia subindo de ponto, conveio em que nada se podia fazer mais acertado do que seguir o brado popular. Patriotas distinctos, e chefes de fabricas continuaram a fazer esforços para que o duque re-embarcasse, e não fosse para o castello. Baldados esforços! porque não appareceu barco ou escaler. Se alguem tivesse declarado aos srs. Passos José, visconde de Beiro, e visconde d'Alcobaça, que apromptava

o barco, ou que o havia na proximidade, teriam estes cavalleiros feito todas as diligencias para que elles embarcassem, embara perdessem a vida; porque n'essa noite não só esses tres illustres cidadãos, mas muitos outros patriotas portuenses deram a prova mais cabal, de que sabiam affrontar a morte, quando tratam de cumprir os seus deveres.

Durante todo o transito, o sr. José Passos desenvolveu a sua costumada coragem, mostrou-se digno irmão do corajoso e intrepido Passos Manoel; e patenteou o mais decidido interesse pelo duque. O sr. Passos José já tinha visto em época não mui remota, armas levantadas, bayonetas apontadas contra o peito, e não deixou por isso de cumprir o seu dever na praia de Gaya, e praça de D. Pedro.

Os presos foram conduzidos sem o maior incemmodo até o castelle da Foz. Louvor aos patriotas portuenses que mostraram que, em generosidade e tolerancia, não são inferiores aos parisienses. No nosso paiz ha muito que a pena do morte por delictos politicos se reputa extincta. Costumamos marchar sempre na vanguarda do exercito da liberdade e civilisação.

A indisposição contra o duque provinha principalmente de haver sido ministro com os Cabraes.

Os patriotas deixaram evadir os srs. D. Manoel Alva, Antonio de Lacerda, Barros, e outros.

No dia seguinte (10) o governador civil interino Corte Real, propunha á camara municipal, reunida em vereação extraordinaria, a nomeação d'uma junta provisoria do governo supremo do reino, como se fizera em 24 de agosto de 1820.

Foram eleitos para a junta:—presidente, Conde das Antas—vice-presidente, José da Silva Passos—vogaes, Antonio Dias d'Oliveira—Sebastião d'Almeida e Brito—Justino Ferreira Pinto Basto—Conde de Rezende—Barão de Lordello—Antonio Luiz de Seabra, vogal encarregado das repartições civis—Francisco de Paula Lobo d'Avila, vogal encarregado das repartições de guerra e marinha.

Os sr. Dias d'Oliveira, Barão de Lordello, e Conde de Rezende, não acceitaram a nomeação, apesar de sympathisarem com a causa popular.

O sr. Conde de Rezende, como official do exercito, prestou mui valiosos serviços.

A junta teria sido melhor organizada, se os srs. Visconde de Beire, e Visconde d'Alcobaça, não tivessem depois da noite de 9 de outubro de 1846 voltado á vida privada.

Se o sr. José Passos teve alguma parte na escolha dos individuos que formaram a junta, faz-lhe muita honra o ter escolhido para membros d'ella alguns cavalheiros que antes estavam em divergencia com elle na questão eleitoral.

O sr. José Passos, como encarregado dos negocios da fazenda, e em cumprimento das ordens da junta, procurou muitos recursos para a sustentação da causa nacional—abolio alguns tributos, como foi o do pescado — reduziu as sizas a cinco por cento—permittiu durante a guerra civil o livre fabrico do sabão, e a admissão do estrangeiro com modicos direitos—alliviou os jornaes, e impressos dos portes do correio — promoveu com grande actividade a cobrança dos rendimentos publicos—introduziu a mais severa fiscalisação, economia, e regularidade nas repartições a seu cargo—mostrou severidade contra os prevaricadores, e maus funcionarios—empregou muitos esforços para adiantar a contabilidade das repartições publicas, e para evitar roubos e desperdicios que tão vulgares costumam ser em épocas de commoções n'outras nações.—Fundou a casa da moeda em Monchique.—A conta de receita e despeza effectuada no cofre central do Porto, achava-se lançada no livro respectivo, indicado nas instrucções de 8 de fevereiro de 1843, que existe em poder das authoridades da situação desde 30 de junho de 1847. E' de presumir que o governo actual a mande imprimir e distribuir pelas camaras legislativas; visto que a junta se acha dissolvida, e os seus membros não tem character algum governativo.

Os governadores civis, os thesoureiros pagadores, os delegados do thesouro, os empregados das secretarias, directores d'alfandegas, administradores e recebedores de concelho, e todos os mais empregados fiscaes desempenharam as suas funcções com zelo, actividade, e intelligencia. Os commissarios do governo, junto aos bancos, companhias, emprezas, e contra

ctos, tambem cumpriram os seus deveres com moderação, fidelidade, e dignidade.

Com mil quarenta e dois contos trezentos e sessenta mil trezentos e cincoenta e dois reis, sustentou, por espaço de nove mezes, um exercito maior do que actualmente temos—forneceu dinheiro para a compra d'armas, petrechos de guerra, seiscentos cavallos e arreios—para fardar milhares de soldados, e voluntarios—para sustentar a marinha, fazer duas expedições, fortificar a cidade muito melhor do que o estava no tempo do famoso cêrco — e para muitas outras despezas extraordinarias conducentes ao triumpho da revolução. A responsabilidade moral da junta e dos que geriram os dinheiros publicos ou particulares, consiste principalmente em provar que o não applicaram para seu particular proveito, mas sim para o bem da causa de que o povo os encarregou.

Mas o que sobremaneira honra a junta, é as poucas medidas violentas de que, no meio de tão extraordinarias circumstancias, laucou mão, quando parece tinha um perfeito conhecimento de quem eram os conspiradores que ajudavam o governo de Lisboa, e dos seus planos! Os empréstimos forçados de dinheiro foram insignificantes. Os de generos, pipas, vinhos, palhas, madeiras etc, foram insignificantissimos—porque havia uma grande porção de donativos voluntarios. — Os mappas que por ordem da junta se estavam formando nos governos civis para juntar aos relatorios dos encarregados das diversas repartições continham preciosissimos dados estatisticos para se avaliar não só a economia e regularidade das authoridades da junta — mas os sacrificios do povo para a conservação da sua liberdade. — As intenções da junta eram que se pagassem todas as despezas feitas para o triumpho da causa popular, logo que a capital adherisse á vontade nacional.

Um governo justo e amigo da prosperidade nacional, não pôde deixar de mandar liquidar essas quantias que se ficaram devendo, e pagá-las do maneira mais suave tanto para o Estado, como para os mutuantes forçados. As despezas das guerras civis quando os partidos belligerantes se equilibram, devem ser pagas pelo thesouro publico. A junta mere-

es a gratidão dos mutuantes pelos esforços que fez para obter para estes, das potencias interventoras, ou do governo de Lisboa, o prompto pagamento. Vejam-se as instrucções dadas aos plenipotenciarios ou agentes da junta encarregados das negociações.

A administração financeira da junta foi das mais economicas e regulares que n'este paiz tem havido.

Como vice-presidente, mandou o sr. Passos José expedir muitos officios e ordens para se activar o recrutamento— para se promoverem donativos de milhos, palhas, salitres, polvora, armas, petrechos de guerra, e cavallos; e para se enviar o mais que se necessitava para que nos depositos houvesse sufficiente porção de tudo o que fosse indispensavel para se prolongar a resistencia nacional. Não se pôde escrever, como o deve ser, a historia da revolução, e da administração da junta, sem se lêr e examinar os copiadorez das diversas repartições, e do commando em chefe, e muitos outros documentos importantes que nos foram confiados.

O sr. Passos José, como encarregado dos negocios estrangeiros, procurou manter as relações d'amizade com as nações alliadas, e sustentar a todo o custo a honra, dignidade, e independencia nacional — e não dar pretextos para que os gabinetes estrangeiros se intromettessom em nossos negocios.

No desempenho d'esta repartição, especialmente depois do aprisionamento da esquadra, foi o sr. Passos José, poderosamente coadjavado pelos seus illustres collegas, e pelos distinctissimos patriotas os srs. Mannel da Silva Passos, Joaquim Antonio d'Aguiar, Marquez de Loulé, Manuel de Castro Pereira, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Alvaro das Povoas, José da Costa Sousa Pinto Basto, Augusto Ferreira Pinto Basto, José Pedro de Barros Lima, Dr. Rezende, Damazio, Canha Vasconcellos, Bernardino Coelho Seares de Moura, General Guedes, Barão do Almargem, Alheira, Rebocho, José de Vasconcellos, Antonio Cesar, Abreu Castello Branco, Fevereiro, Parada, e alguns outros que a junta julgou conveniente chamar aos seus conselhos e conferencia, ou encarregar d'algunha commissão, ou da redacção de

alguns papeis; porque os desejos de todos os membros da junta nunca foram outros senão desempenhar com acerto, e á satisfação de todos, a missão de que fôra incumbida, e fazer a felicidade da nação.

As respostas ás notas dos agentes dos governos estrangeiros eram examinadas, discutidas, e approvadas pela junta, e por os cavalheiros que ella julgava necessario ouvir.

E' publico que o manifesto de 8 de dezembro de 1846, e o protesto de 1 de junho de 1847, foram redigidos pelo sr. Manuel da Silva Passos, mas discutidos, emendados, e approvados pela junta, por o seu author, e mais cavalheiros que assistiram ás respectivas sessões.

O sr. Passos José, votou contra a concessão do armistício — pela sahida da expedição, commandada pelo General em chefe conde das Antas; e pela não acceitação dos quatro artigos do protocolo na sessão de 5 de junho de 1847. Erro ou acerto, todos os homens de bem lhe fazem a justiça de que votou assim, porque a sua convicção era que nisso servia a revolução e o seu paiz.

Averiguamos que pelas repartições a cargo do sr. Passos José, não se expediram portarias sobre objectos da competencia da junta, sem serem ordenadas por ella, e assignadas pela totalidade ou maioria dos membros que faziam vencimento para se ellas passarem. As portarias de expediente, e as que versavam sobre objectos pouco importantes, eram assignadas só pelo encarregado da repartição competente. O mesmo se poderá affirmar a respeito das outras repartições.

Todas as vezes que o Casal, Saldanha, e hespanhoes se aproximavam das linhas, vimos os srs. Passos Manoel, e Passos José, apparecerem entre os primeiros nas trincheiras e lugares do fogo, como tambem o faziam os outros membros da junta, e o pove portuense, para quem num dia de fogo, ou aproximação do inimigo, era um dia de festa. — Tambem os encontramos a rondar muitas vezes a cidade.

Entre os actos da junta, dignos dos mais subidos louvores, merece mencionar-se a submissão dos realistas á bandeira nacional arvorada no Porto no famoso dia 9 de outubro

de 1846. Para se elle conseguir prestaram valiosos serviços os srs. Povoas, Cesar de Vasconcellos, Bernardino, Marquez de Loulé, Guedes, Passos Manoel, Sá da Bandeira, Alvo Brandão, Abreu Castello Branco, Antonio Augusto, Visconde d'Azenha, Sebastião de Carapêços, Manoel Vaz Pinto Guedes Bacellar, dr. João Alves de Moura, Lemos de Condeixa, Faria Pinto, Chichorro, Garrido, Rebocho, Pato, Teixeira, Coelho de Mello e Mesquita, Pinto da Cunha, e tantos outros cavalheiros patriotas, e officiaes, cujos nomes muito sentimos aqui não publicar.

Não houve nada de transaccional da parte da junta com os realistas além da portaria assignada pelo sr. Scabra, impressa nos jornaes da época, e no opusculo do sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos—Succinta narração das circumstancias que precederam e seguiram a união dos realistas insurgentes com a junta do Porto.—

Abstemos-nos de fallar das operações militares, e dos valiosos serviços dos generaes, officiaes, soldados, voluntarios, e guardas nacionaes—porque esse objecto terá o seu lugar nos apontamentos biographicos do benemerito general em chefe do exercito nacional, e mui desinteressado patriota o sr. Conde das Antas, cuja dedicação, lealdade, e serviços á causa popular, não podem esquecer aos bons patriotas.

A junta merece muitos elogios pelas acertadas medidas que adoptou para se fazer o desarmamento do exercito nacional. Diz-se que ella insistira em que o exercito passasse todo armado para a obdiencia das authoridades da Rainha. O desarmamento depois da convenção de Gramido, é um dos actos que honra o partido progressista, o exercito, e o povo do Porto.

Mereceriamos grande censura se não mencionassemos aqui, que os brilhantes e eloquentissimos discursos do sr. Passos Manoel, e os mui bem pensados do ex.^{mo} sr. Alvaro Xavier da Ponceca Coutinho e Povoas, e do sr. Horta etc., proferidos nos conselhos militares que tiveram lugar na Casa Pia, muito contribuíram para esta brilhantissima pagina da historia do partido nacional.

A junta fez os maiores esforços, para que os alliados,

ou o governo de Lisboa provesses ás despezas indispensaveis para se recolherem a suas casas os heroicos defensores da mais nobre causa, mas nada póde alcançar. A sua sollicitude foi ainda mais longe—nomeou uma commissão de pessoas respeitabilissimas para subministrar alguma quantia para as despezas da jornada dos mesmos patriotas; mas pela entrada das tropas hespanholas, e posse das authoridades do governo de Lisboa, não se levaram ao cabo as beneficas intenções da junta.

A junta em quanto tivesse dinheiro, polvora, e viveres, devia prolongar a resistencia, e nunca deixar reserva de dinheiro para o desfecho. Ella cedeu; porque em identicas circumstancias o faria qualquer guarnição n'uma praça de guerra.

Mas de que valia ter procurado soccorros para a viagem dos patriotas, se os nobres defensores da liberdade ainda tinham de passar pelo que soffreram na Raza, e outros pontos!!!!....

O sr. José Passos tem, como todos os humanos, alguns defeitos, que são compensados por muitas virtudes, por o mais desinteressado, puro, e illustrado patriotismo—por uma sícera adhesão ás instituições democraticas—por uma generosidade, tolerancia, e humanidade, superiores a todo o elogio.

O empenho que não mostrados cabralistas para se desfazerem do sr. Passos José, deshonra sobremaneira esse partido, que nunca encontrou no sr. Passos senão tolerancia, generosidade, e justiça.

Escrevemos a verdade—nenhum outro motivo nos levou a publicar estes apontamentos biographicos senão o desejo de fazermos a justiça devida a um cidadão de incontestavel merecimento, e de relevantissimos serviços á causa do progresso. Pagamos assim o nosso fraco tributo á mais antiga, mais sincera e mais desinteressada amizade.

Se publicarmos os apontamentos relativos aos outros membros da junta, teremos occasião de fallar tambem de muitos outros benemeritos que se distinguiram durante a ultima guerra civil; e quando triumphar a causa do partido nacional, nem por isso iremos incommodar as notabilidades progressistas

a quem tambem tributamos a maior consideração e ostima
Contentamos-nos com a nossa sorte—em ser o que somos—

A. Sidney.

bibRIA



180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

496

497

498

499

500

501

502

503

504

505

506

507

508

509

510

511

512

513

514

515

516

517

518

519

520

521

522

523

524

525

526

527

528

529

530

531

532

533

534

535

536

537

538

539

540

541

542

543

544

545

546

547

548

549

550

551

552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

565

566

567

568

569

570

571

572

573

574

575

576

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727

728

729

730

731

732

733

734

735

736

737

738

739

740

741

742

743

744

745

746

747

748

749

750

751

752

753

754

755

756

757

758

759

760

761

762

763

764

765

766

767

768

769

770

771

772

773

774

775

776

777

778

779

780

781

782

783

784

785

786

787

788

789

790

791

792

793

794

795

796

797

798

799

800

801

802

803

804

805

806

807

808

809

810

811

812

813

814

815

816

817

818

819

820

821

822

823

824

825

826

827

828

829

830

831

832

833

834

835

836

837

838

839

840

841

842

843

844

845

846

847

848

849

850

851

852

853

854

855

856

857

858

859

860

861

862

863

864

865

866

867

868

869

870

871

872

873

874

875

876

877

878

879

880

881

882

883

884

885

886

887

888

889

890

891

892

893

894

895

896

897

898

899

900

901

902

903

904

905

906

907

908

909

910

911

912

913

914

915

916

917

918

919

920

921

922

923

924

925

926

927

928

929

930

931

932

933

934

935

936

937

938

939

940

941

942

943

944

945

946

947

948

949

950

951

952

953

954

955

956

957

958

959

960

961

962

963

964

965

966

967

968

969

970

971

972

973

974

975

976

977

978

979

980

981

982

983

984

985

986

987

988

989

990

991

992

993

994

995

996

997

998

999

1000

1001

1002

1003

1004

1005

1006

1007

1008

1009

1010

1011

1012

1013

1014

1015

1016

1017

1018

1019

1020

1021

1022

1023

1024

1025

1026

1027

1028

1029

1030

1031

1032

1033

1034

1035

1036

1037

1038

1039

1040

1041

1042

1043

1044

1045

1046

1047

1048

1049

1050

1051

1052

1053

1054

1055

1056

1057

1058

1059

1060

1061

1062

1063

1064

1065

1066

1067

1068

1069

1070

1071

1072

1073

1074

1075

1076

1077

1078

1079

1080

1081

1082

1083

1084

1085

1086

1087

1088

1089

1090

1091

1092

1093

1094

1095

1096

1097

1098

1099

1100

1101

1102

1103

1104

1105

1106

1107

1108

1109

1110

1111

1112

1113

1114

1115

1116

1117

1118

1119

1120

1121

1122

1123

1124

1125

1126

1127

1128

1129

1130

1131

1132

1133

1134

1135

1136

1137

1138

1139

1140

1141

1142

1143

1144

1145

1146

1147

1148

1149

1150

1151

1152

1153

1154

1155

1156

1157

1158

1159

1160

1161

1162

1163

1164

1165

1166

1167

1168

1169

1170

1171

1172

1173

1174

1175

1176

1177

1178

1179

1180

1181

1182

1183

1184

1185

1186

1187

1188

1189

1190

1191

1192

1193

1194

1195

1196

1197

1198

1199

1200

1201

1202

1203

1204

1205

1206

1207

1208

1209

1210

1211

1212

1213

1214

1215

1216

1217

1218

1219

1220

1221

1222

1223

1224

1225

1226

1227

1228

1229

1230

1231

1232

1233

1234

1235

1236

1237

1238

1239

1240

1241

1242

1243

1244

1245

1246

1247

1248

1249

1250

1251

1252

1253

1254

1255

1256

1257

1258

1259

1260

1261

1262

1263

1264

1265

1266

1267

1268

1269

1270

1271

1272

1273

1274

1275

1276

1277

1278

1279

1280

1281

1282

1283

1284

1285

1286

1287

1288

1289

1290

1291

1292

1293

1294

1295

1296

1297

1298

1299

1300

1301

1302

1303

1304

1305

1306

1307

1308

1309

1310

1311

1312

1313

1314

1315

1316

1317

1318

1319

1320

1321

1322

1323

1324

1325

1326

1327

1328

1329

1330

1331

1332

1333

1334

1335

1336

1337

1338

1339

1340

1341

1342

1343

1344

1345

1346

1347

1348

1349

1350

1351

1352

1353

1354

1355

1356

1357

1358

1359

1360

1361

1362

1363

1364

1365

1366

1367

1368

1369

1370

1371

1372

1373

1374

1375

1376

1377

1378

1379

1380

1381

1382

1383

1384

1385

1386

1387

1388

1389

1390

1391

1392

1393

1394

1395

1396

1397

1398

1399

1400

1401

1402

1403

1404

1405

1406

1407

1408

1409

1410

1411

1412

1413

1414

1415

1416

1417

1418

1419

1420

1421

1422

1423

1424

1425

1426

1427

1428

1429

1430

1431

1432

1433

1434

1435

1436

1437

1438

1439

1440

1441

1442

1443

1444

1445

1446

1447

1448

1449

1450

1451

1452

1453

1454

1455

1456

1457

1458

1459

1460

1461

1462

1463

1464

1465

1466

1467

1468

1469

1470

1471

1472

1473

1474

1475

1476

1477

1478

1479

1480

1481

1482

1483

1484

1485

1486

1487

1488

1489

1490

1491

1492

1493

1494

1495

1496

1497

1498

1499

1500

1501

1502

1503

1504

1505

1506

1507

1508

1509

1510

1511

1512

1513

1514

1515

1516

1517

1518

1519

1520

1521

1522

1523

1524

1525

1526

1527

1528

1529

1530

1531

1532

1533

1534

1535

1536

1537

1538

1539

1540

1541

1542

1543

1544

1545

1546

1547

1548

1549

1550

1551

1552

1553

1554

1555

1556

1557

1558

1559

1560

1561

1562

1563

1564

1565

1566

1567

1568

1569

1570

1571

1572

1573

1574

1575

1576

1577

1578

1579

1580

1581

1582

1583

1584

1585

1586

1587

1588

1589

1590

1591

1592

1593

1594

1595

1596

1597

1598

1599

1600

1601

1602

1603

1604

1605

1606

1607

1608

1609

1610

1611

1612

1613

1614

1615

1616

1617

1618

1619

1620

1621

1622

1623

1624

1625

1626

1627

1628

1629

1630

1631

1632

1633

1634

1635

1636

1637

1638

1639

1640

1641

1642

1643</

SUCCINTA NARRAÇÃO

DAS

CIRCUMSTANCIAS

QUE PRECEDERAM E SEGUIRAM A UNIÃO DOS
REALISTAS INSURGENTES COM A
JUNTA DO PORTO

POR

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

bibRIA



LISBOA

TYP. DA REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

Rua do Almada n.º 5 A (á Cruz de Páu)

1848

SUCCINTA NARRAÇÃO

DA

CIRCUNSTÂNCIAS

QUE PRECEDERAM E SEGUIRAM A UNÃO DOS
REALISTAS BRASILEIROS COM A
MEXICA DO PORTO

1834

A. A. TEIXEIRA DE ASSONCELLOS

bibRIA

— 1834 —

DISPOZ

QUE SE REVOQUE O DECRETO DE 1834
E SE REVOQUE O DECRETO DE 1834

1834

Estas linhas estavam escriptas ha muito tempo: resolvi publical-as agora, por que os debates do parlamento fizeram reviver contra a Junta do Porto a accusação de conveniencia com o pensamento dynastico dos realistas. Eu devia á Junta o testemunho dos factos que presenciei, e pago essa divida com a publicação d'este papel.

Procurei relatar sem paixão; não sei se o consegui.

Quando em outubro de 1846 se organisou no Porto a Junta provisoria, realistas e constitucionaes se armaram em defeza da causa que ella sustentava, como já em maio d'esse mesmo anno o tinham feito em todo o reino: se em algumas partes não aconteceu assim, foi só aonde já se preparava o movimento realisado mais tarde pelo general Mac-Donnel, ou nas terras aonde os realistas se tinham conservado estranhos ás lides politicas dos ultimos annos.

Mal pôde merecer attenção a pequena guerrilha de oitocentos homens, que em favor do sr. D. Miguel appareceu nas immedições de Penafiel: a Junta que em maio se organisára n'aquella cidade reunindo-se de novo proclamou a sua adhesão á Junta do Porto sob os principios da carta, e da rainha, e n'essa Junta figuravam alguns cavalheiros realistas dos mais notaveis d'aquelle districto. A guerrilha mal succedida em um encontro com um destacamento de infantaria 3, que recolhia ao Porto, dissolveu-se, vindo apresentar aos delegados da Junta os que faziam parte d'ella, restando apenas o chefe, e mais dous.

Depois do desastre de Valpassos talvez parecesse aos que preparavam o movimento realista, que os liberaes do Porto desalentados tremeriam diante de uma revolução em favor do sr. D. Miguel, que os corpos populares lhes fugiriam e que a Junta do Porto se veria forçada a acclamar aquelle principe.

Começaram o movimento nas margens do Douro justamente na retaguarda do sr. visconde de Sá da Bandeira, e nos pontos pelos quaes elle devia fazer a sua retirada. O sr. Luiz de Figueiredo, que fôra official do exercito realista, e a quem a Junta confiára o governo militar da Regoa, insurreccionou-se alli, ou não pôde conter a insurreição; em Paiva fez o mesmo o general Mac-Donnel.

O primeiro acto d'esta insurreição foi hostilisar as forças do sr. visconde de Sá, que retiravam de Valpassos. Fizeram vir a terra os barcos, e por tal maneira trataram quem alli vinha, que houve official que voltou para o Porto só com roupa branca, e sem sapatos, e se em Paiva lhes não aconteceu assim foi porque, vindo já os barcos mais reunidos, o sr. visconde de Sá fez desembarcar força, e repellio-os. Eu retirava n'esse tempo de Villa Real aonde era governador civil, e perto de Amarante tive de fazer uma volta de algumas leguas para que não cahissem nas mãos do general Mac-Donald bastantes cargas de polvora que me acompanhavam.

D'ahi Mac Donnel foi occupar Braga; tolheu á Junta do Porto todos os recursos que ella podia tirar dos dous districtos de Braga e Vianna, e de parte do do Porto, deu pretexto á entrega da praça de Valença, atacou Vianna, e fazendo levantar forças ao Sul do Porto em Oliveira d'Azemeis procurou cortar as communicações da Junta com o exercito do sr. conde das Antas, sendo necessario que o sr. M. J. Mendes Leite empenhasse em Oliveira um pequeno combate com os insurgentes realistas no qual se perderam algumas vidas, e que mais tarde se tomassem medidas de precaução para que em Coimbra, e suas immedições não apparecessem occorrenças iguaes.

Em toda a parte em quanto os realistas arvoraram a bandeira do sr. D. Miguel estiveram em guerra com a Junta do Porto, empregando todavia a Junta todos os meios suosorios para evitar que continuasse uma dissensão que só podia ser proveitosa aos seus inimigos já pelos pretextos que dava á politica estrangeira, porem em todas essas deligencias era condição indispensavel a dissolução d'aquelle movimento, e de tudo quanto pudesse tender a acclamar o sr. D. Miguel, dando-se aos chefes realistas todas as garantias de segurança individual, e de propriedade.

Encarregado pela Junta de escrever a um amigo do general Mac-Donnel n'esse sentido, eu devo declarar que ella não estava disposta a nenhuma transação que offendesse a dynastia da sr.^a D. Maria II, ou as instituições liberaes. As mi-

nhas diligencias, e de outras pessoas para fazer acabar aquelle movimento foram ainda então infructuosas.

Depois do desastre de Torres Vedras appareceram no Porto os senhores João de Lemos Seixas Castello Branco, e Antonio Marcellino de Victoria authorisados por muitos realistas para tratar com a Junta.

A Junta sem procurar saber até que ponto era larga aquella authorisação recebeu-os, e ouviu-os. Perante ella pediram aquelles senhores que se acclamasse o sr. D. Miguel, e offereceram n'esse caso a cooperação de todos os realistas.

A Junta recusou-se a esta proposta: disse-lhes que ella proclamára desde o começo em nome da nação, e da rainha, que n'este sentido fora obedecida por todo o reino excepto por Lisboa, Elvas e Chaves, e poucas terras mais, e que ella faltaria ao mandato approved por aquelle consentimento, e coadjuvação dos povos, se arvorasse outra bandeira, além de que todos os homens de que se compunha a Junta, o seu exercito, os seus principaes amigos, e auxiliares eram liberaes, e liberaes da dynastia da sr.^a D. Maria II, mas que faria em favor dos realistas como portuguezes tudo quanto podesse caber dentro dos limites que a honra, e o dever assignalavam a qualquer transacção n'esse sentido.

Por esta occasião escreveu-se um papel contendo os principios que deviam servir de base a uma convenção possivel. E' o seguinte segundo se lê no Diario do Governo n.^o 29 de 3 de fevereiro de 1847.

«A conveniencia, e necessidade de debellar a facção de Lisboa é commum ao partido liberal, e realista.

Mas a maxima parte da nação tem reconhecido a Junta Provisoria do Governo do Porto, e está na sua obediencia, assim como não ha outro algum partido em campo que possa com as suas forças e recursos.

A Junta admite a coallisação de todos os partidos contra o inimigo commum, mas não póde abandonar nem atraiguar a sua missão, que é centralisar todos os interesses no grande fim de salvar a liberdade do paiz.

Se o partido realista quizer ajudal-a n'este presuppuesto,

com a maior satisfação e reconhecimento aceitará a Junta a sua cooperação e apoio.

De futuro ficará livre ao partido realista proceder como entender conveniente. Se quizer continuar n'esta alliança de nacionalidade gosará sem differença de todas as garantias de que goza o partido liberal, e entrará nos postos e empregos para que se ache habilitado, e a antiga officialidade realista gosará das vantagens a que suas antigas patentes lhes derem direito.

Se entender porém que lhe não convém continuar nos principios de fusão poderá considerar-se desligado da coallição desde o momento em que a facção de Lisboa fôr debellada—bem entendido que os factos anteriores não servirão de base a procedimento algum de parte a parte.—Porto 6 de janeiro de 1847.—Antonio Luiz de Seabra.

Os srs. Antonio Joaquim Guedes d'Oliveira e Silva, e João de Lemos Seixas Costello Branco foram a Margaride aonde estavam os srs. Candido, e Mac-Donnel, e voltaram com a resposta que tambem se lê n'aquelle numero do *Diario do Governo*, e é como segue:

«A Junta Realista viu com muita satisfação, e pesou devidamente a manifestação dos desejos de alliança que por parte da Junta do Porto lhe foi apresentada, por isso que a Junta Realista considera que a dita alliança tem por base o grande principio da nacionalidade; e por fim commum a destruição da facção de Lisboa.

A Junta Realista tendo mais que tudo a peito a união da familia portugueza qualquer que seja a bandeira politica, a que as suas fracções se achem ligadas, não podia deixar de prestar-se a um passo que tanto facilita essa união, mas préza com preferencia o encetal-a com aquella das fracções politicas por quem sempre os realistas nutriram sympathias as mais pronunciadas.

A necessidade da proposta alliança é tão recanhecida pela Junta do Porto como pela Junta Realista, e com quanto esta muito desejasse que a alliança chegasse ao ponto da ver-

dadeira fusão, respeita tanto as crenças alheias quanto conserva as suas em toda a pureza dos seus principios capitais.

A Junta Realista reconhecendo que não é em presença do lastimoso estado do paiz, nem, perante a urgencia de debellar um bando faccioso, *que convém discutir questões dynasticas* porque a salvação da patria é a primeira de todas as questões, reservam todavia para o futuro demonstrar que não é uma paixão, mas um principio o que dirige e tem dirigido todos os bons realistas.

Assim pois, e debaixo de tão patrioticos desejos a Junta Realista procurou saber a opinião dos cavalheiros distinctos e das influencias natas das diversas localidades, e tendo a fortuna de os encontrar unanimes na approvação d'esta alliança linsongea-se de que a sua resolução represente hoje a maioria da nação portugueza.

Os artigos que a Junta Realista julga necessarios, e indispensaveis para a projectada alliança são os seguintes:

Artigo 1.º As forças realistas operaram contra o inimigo commum (o governo de Lisboa) debaixo da sua bandeira privada, e por ordem das suas auctoridades, e chefes.

Art. 2.º A Junta do Porto obriga-se a defender aquella cidade até á ultima, e pelo menos tres mezes.

Art. 3.º A mesma Junta do Porto porá á disposição do general realista 500\$000 cartuchos no ponto ou pontos que indicar.

Art. 4.º A dita Junta do Porto fornecerá os armamentos e correames de que possa dispôr, e com a maior brevidade pössivel, e o mesmo se entenderá a respeito do equipamentos de cavallaria.

Art. 5.º O general em chefe realista ficará livre para operar como lhe parecer conveniente.

Art. 6.º O general em chefe realista promette debaixo da sua palavra de honra não hostilisar qualquer força pertencente á Junta do Porto com tanto que não empeça seus movimentos.

Art. 7.º A Junta do Porto obriga-se reciprocamente ao

mesmo que se acha no artigo antecedente para o que darão as ordens mais terminantes a todas as suas forças.

Art. 8.º Relativo á defeza do Douro o general em chefe manifestará suas idéas amplamente em uma carta que dirigirá ao general Guedes.

Art. 9.º Em virtude do espirito generoso que preside a esta alliança o general em chefe realista, e o governo do Porto se prestaram muitos soccorros de todo o genero.

Art. 10.º O governo provisorio do Porto não ultimarâ transacção alguma com o governo de Lisboa sem que a Junta Realista seja previamente ouvida.

Art. 11.º Será livre a ambas as Juntas alliadas toda a compra de armamentos, equipamentos, fardamentos, utensilios, viveres, e munições de guerra em qualquer parte do paiz, ou esteja occupada pelas forças da Junta Realista, ou pelas forças da Junta do Porto.

Art. 12.º Todos os artigos supra-referidos serão religiosamente observados, e no caso da menor infracção ficará esta alliança rota, e nulla. Guimarães 12 de janeiro de 1847, dr. *Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima.*

Esta resposta equivalia a uma recusa, e é facil vêr que não podia ser bem acolhida pela Junta provisoria. Romperam-se as negociações, e o general Mac Donnel moveu-se sobre Villa Real com alguma força ficando o resto desde Guimarães até Penafiel. O sr. Victoria ausentou-se do Porto, e appareceu pouco depois ao serviço da rainha sob as ordens do sr. duque de Saldanha.

Por este tempo pouco mais ou menos a Junta nomeou tenente general ao sr. Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas *pela sua adhesão á causa da liberdade, e á dynastia reinante*: n'esto sentido fez s. ex.ª uma proclamação, e prestou á Junta os valiosos serviços que todos sabem, e isto quando a bandeira do sr. D. Miguel se achava ainda hasteada por Mac-Donnel.

Morto Mac-Donnel o sr. Bernardino Coelho Soares de Moura, em quem vinha a recahir o commando das forças realistas, depois de algumas conferencias com o sr. Cesar de Vas-

concellos annuiu a unir-se á Junta do Porto debaixo da bandeira liberal, mandou tirar as fitas vermelhas ás forças do seu mando, prohibiu o toque dos hymnos realistas, e entrou em Guimarães onde estava a Junta realista, ou antes o sr. Candido que a representava.

Chegado alli fez intimar o sr. Candido para que saísse da villa, e pôde com a sua presença de espirito evitar as desordens, e attentados que a divergencia de vontades ácerca da união parece esteve a ponto de produzir. Parte das forças que estavam em Guimarães não quizeram unir-se á Junta do Porto, e ou se dispersaram, e recolheram a suas csas, ou foram para Vieira aonde poucos homens se conservavam ainda pelo sr. D. Miguel. Coube depois aos voluntarios de Guimarães e Fafe combater e fazer acabar aquelles restos da insurreição. O sr. João de Lemos, que parece não era partidario da união, veio para o Porto d'onde partiu para Inglaterra.

A Junta admittiu então na 4.^a secção do exercito, e nas patentes que elles tinham em maio de 1834 aquelles officiaes realistas, que se apresentassem ao seu serviço dentro de certo, e determinado tempo; e quasi no fim da lucta desejando dar-lhes um testemunho de como sabia avaliar a fidelidade, e denodo com que se conduziram passou-os á effectividade, e pediu para elles na Convenção de Gramido o que entendeu lhes era devido.

A estas concessões parece se recusára o sr. duque de Saldanha dizendo ao coronel Wylde que *que isso seria premiar a rebeldia*; e tambem se oppoz o general Concha por que devendo tal concessão augmentar a despeza publica, não seria legal fazel-a se não em côrtes.

Taes foram os successos que tiveram lugar antes, e depois da adhesão dos realistas insurgentes á Junta do Porto. A Junta empregando todos os exferços para fazer entrar no gremio da familia liberal tantos portuguezes cuidou de certo fortalecer o throno, e as instituições: a sua fidelidade dynastica consignada em todos os documentos da Junta foi o unico embaraço que retardou a união, e quando ella se fez, não faltou

nenhuma circumstancia para que fosse bem claro, e patente o porque, e para que se fizera.

Se a união prejudicasse os direitos da Rainha não havia razão para que alguns realistas a regeitassem: as proprias autoridades do governo de Lisboa deram o movimento realista por findo com a resolução do sr. Bernardino, e com os acontecimentos de Guimarães: é explicito a esse respeito um officio do sr. José Cabral Teixeira de Moraes então governador civil de Villa Real referindo aquelles successos (Diario do Governo n.º 46 de 23 de fevereiro de 1847).

No tempo que decorreu desde a união até ao acabamento da guerra a Junta recebeu dos chefes, e officiaes realistas as mais decididas provas de fidelidade, de denodo, e de patriotismo não havendo nenhuma occorrença desagradavel entre soldados ainda ha pouco inimigos, nem o menor receio da lealdade dos chefes. A virtuosa abnegação d'estes chegou a ponto de regeitar commandos importantes para que se lhe não attribuisse o pensamento de adquirir influencia em proveito das suas antigas portenções.



INDICE

DAS

Publicações reimpressas n'este tomo

<i>Biographia de José da Silva Carvalho.....</i>	<i>pag. 5</i>
<i>Synchronismos do Reinado de Maria II.....</i>	<i>pag. 23</i>
<i>Agostinho José Freire.....</i>	<i>pag. 81</i>
<i>Discurso de Manuel Passos na sessão da camara dos deputados de 18 de outubro de 1844.....</i>	<i>pag. 97</i>
<i>Quadro politico historico e biographico do parla- mento em 1842.....</i>	<i>pag. 179</i>
<i>Necrologia politica—Artigos de José Estevão...</i>	<i>pag. 267</i>
<i>O juramento dos deputados realistas, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.....</i>	<i>pag. 297</i>
<i>O conde de Thomar e o duque de Saldanha.....</i>	<i>pag. 315</i>
<i>Reflexões ácerca das demissões dadas ao marechal do exercito duque de Saldanha.....</i>	<i>pag. 479</i>
<i>Desesperação de Costa Cabral.....</i>	<i>pag. 503</i>
<i>O accordo da nação.....</i>	<i>pag. 511</i>
<i>Os dois dias d'outubro ou a historia da prerogativa</i>	<i>pag. 527</i>
<i>Apontamentos para a biographia do cidadão José da Silva Passes.....</i>	<i>pag. 655</i>
<i>Succinta narração das circumstancias que prece- deram e seguiram a união dos realistas insur- gentes com a Junta do Porto, por A. A. Tei- xeira de Vasconcellos.....</i>	<i>pag. 683</i>